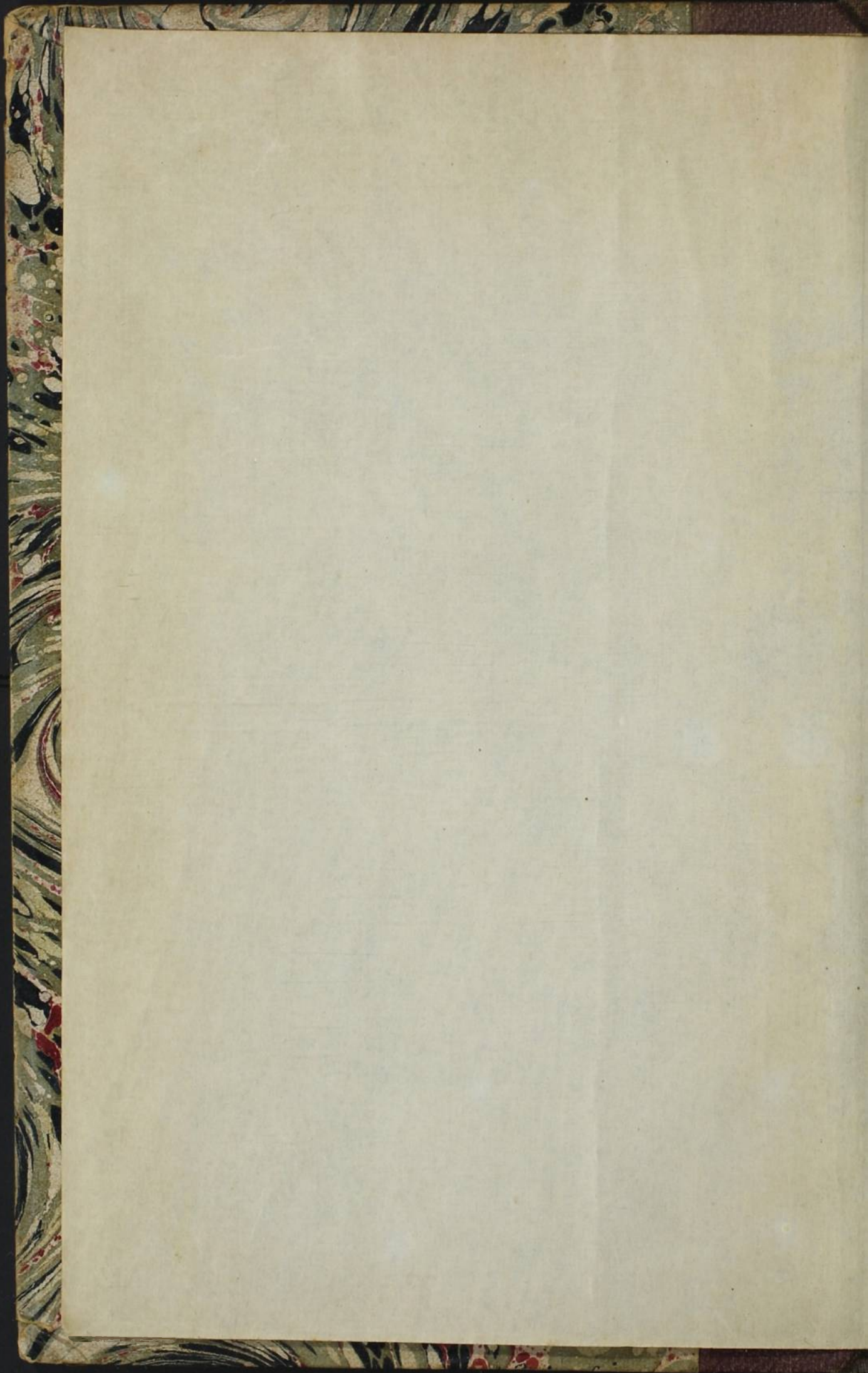


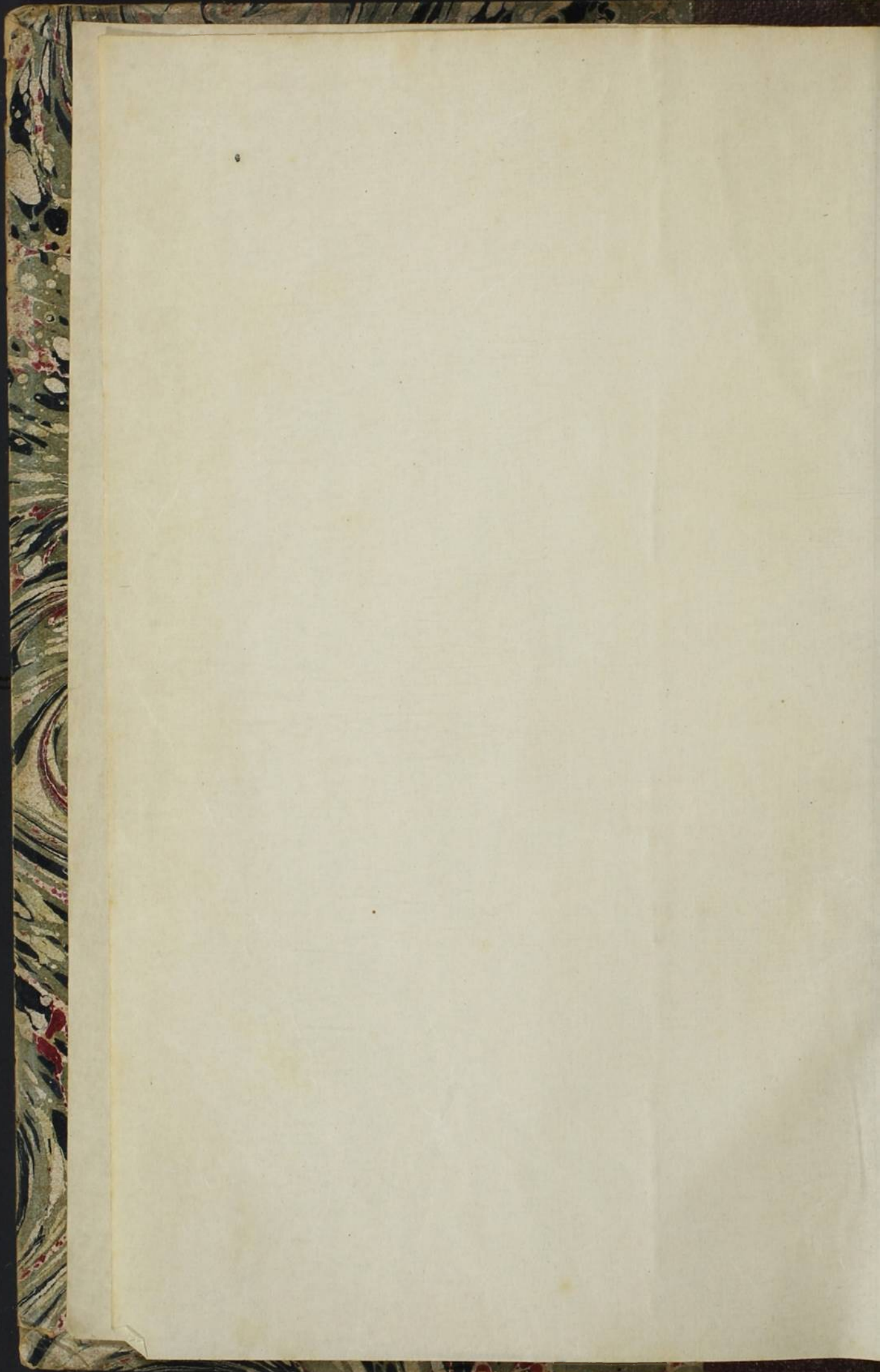


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





DISTRACÇÕES.

Por cima da porta do refeitório estava escripto em graúdas letras pretas esta oração, a que chamavam *Padre nosso branco*, e que tinha por virtude levar as almas direito ao paraíso:

«Pequeno padre nosso branco, que Deus fez, que Deus disse, que Deus pôz no paraíso. De noite, indo deitar-me, encontrei tres anjos deitados na minha cama, um aos pés, dous á cabeceira, no meio estava a Virgem Santissima, a qual me disse que me deitasse e não tivesse receio. Deus é meu pae, a Virgem é minha mãe, os tres apostolos são meus irmãos, as tres virgens minhas irmãs. A camisa, que Deus vestiu quando nasceu, cobre o meu corpo; a cruz de Santa Margarida está em cima do meu peito; Nossa Senhora sahiu para os campos, chorando Deus, e encontrou San'João.—Senr. San'João, donde vem?—Venho de *Ave salus*,—Não viu se Deus lá está?—Está no madeiro da Cruz, com os pés pendurados, as mãos pregadas, e uma grinalda de espinhos brancos na cabeça.—Quem o rezar tres vezes de noite, tres vezes de manhan, alcançará a final o paraíso.»

Em 1827, esta oração característica havia desaparecido da parede sob uma triplice camada de gesso. Agora acaba por certo de apagar-se na memória de algumas moças de então, hoje velhas.

Um grande crucifixo pregado na parede completava a decoração do refeitório, cuja única porta, supomos já tê-lo dito, dava para o jardim. Duas mesas estreitas, ao longo das quaes se estendiam dous bancos de páu, descreviam linhas paralelas de uma a outra extremidade do refeitório. As paredes eram brancas, as mesas pretas; são estas duas côres do luto o unico ornato dos conventos. A comida era austerissima, e a das proprias meninas mais que sobria. Um unico prato, carne e legumes misturados, ou peixe salgado, tal era o luxo. Este mesquinho ordinario, reservado unicamente ás educandas, era aliás uma excepção. As meninas comiam e guardavam silencio sob a vigilancia da madre de semana, a qual de espaço a espaço, se alguma mosca se atrevia a voar ou a zumbir contra a regra, abria e fechava com estrepito um livro de madeira. Este silencio era temperado pela vida dos santos, lida em voz alta em um pulpitozinho com estante, que ficava ao pé do crucifixo. A leitora de semana era uma educanda já crescida. De distancia em distancia, em cima da mesa, havia terrinas de louça vidrada, onde as proprias educandas lavavam os seus copos e talheres, e as vezes deitavam alguns sobejos, carne dura ou pedaços de peixe ardido; por isso soffriam castigos. Estas terrinas chamavam-se *covas d'agua*.

A menina que interrompia o silencio fazia uma *cruz com a lingua*. Onde? no chão. Era o pó, esse fim de todas as alegrias, que devia castigar as pobres folhinhas de rosa culpadas de tagarelice.

Havia no convento um livro de que nunca se imprimira senão *um unico exemplar*, que é prohibido ler. É a regra de San'Bento. Arcano que nenhum olhar profano deve penetrar. *Nemo regulas, seu constitutiones nostras, externis communicabit.*

As educandas conseguiram um dia apoderar-se deste livro, e puzeram-se a lê-lo avidamente, leitura a cada passo interrompida pelo temor de serem sorprendidas e que as fazia fechar precipitadamente o

volume. O prazer com que contavam, affrontando tamanho perigo, sahia-lhes muitissimo mediocre. Algumas paginas inintelligiveis a respeito dos peccados dos adolescentes, eis o que viram de *mais interessante*.

Ellas brincavam em uma rua do jardim, orlada de algumas enfezadas arvores fructiferas. A despeito da extrema vigilancia e da severidade dos castigos, quando o vento havia sacudido as arvores, conseguiam às vezes apanhar furtivamente alguma maçan verde ou damasco tocado, ou pêra com bichos. Aqui offereço aos leitores uma carta que tenho deante dos olhos, carta escripta ha vinte e cinco annos por uma ex-educanda, hoje duqueza de...., uma das senhoras mais elegantes de Pariz. Cito textualmente: «Cada qual esconde a sua pêra ou a sua maçan como pôde. Quando sobe para largar o véu em cima da cama até à hora da cêa, mette-a debaixo do travesseiro, e come-a de noite quando se deita, e, se isto não é possível, vae comê-la nas secretas.» Nisto consistia uma das mais vivas delicias.

Uma vez, foi ainda por occasião de uma visita do arcebispo ao convento, uma das educandas, a menina Bouchard, que tinha algum parentesco com os Montmorency, apostou que lhe pediria um dia de licença, enormidade n'uma communitade tam austera. A aposta foi aceita, mas nenhuma das que a haviam aceitado acreditava nella. No momento convencido, quando o arcebispo passava pela frente das educandas, a menina Bouchard, com indescriptivel terror das suas camaradas, sahio das fileiras, e disse:—Excellentissimo, um dia de licença.—A menina Bouchard era fresca e espigadinha, com o mais lindo rostinho rosado do mundo. O senr. de Quelen sorria-se, e disse:—*Como, minha querida menineta, um dia de licença. Diga antes tres. Concedo tres dias.*—A priora nada tinha que oppôr, o arcebispo havia fallado. Escandalo para o convento, mas alegria para o collegio. Julgue-se do effeito. Todavia este claustro severo não se achava tam bem murado que a vida das paixões do exterior, que o drama, e mesmo o romance, alli não penetrassem. Para prova-lo limitarnos-hemos a consignar aqui e a indicar brevemente um facto real e incontestavel, que aliás por si mes-

mo nenhuma relação tem com a historia que contamos nem a ella se prende por fio algum. Mencionamo-lo para completar no espirito do leitor a physionomia do convento.

Nessa época, pois, havia no convento uma pessoa mysteriosa, que não era religiosa, e a quem tratavam com o maior respeito, chamando-lhe a snra. *Albertina*. O que unicamente se sabia a seu respeito era que tinha endoudecido, e que no seculo passava por morta. Nesta historia, ao que se dizia, havia arranjos de fortuna necessarios para um casamento magnifico.

Essa senhora, apenas de trinta annos de idade, com cabellos côr de azeviche, e de não commum belleza, olhava vagarosamente com grandes olhos pretos. Aquelles olhos veriam? Ninguem o poderia affirmar. Antes parecia deslizar do que andar; nunca fallava, não se sabia ao certo se ella respirava. As suas ventas eram deprimidas e lividas como as de um corpo de que se desprendeu a alma. Tocar-lhe na mão era tocar em neve. Ella tinha uma estranha graça de espectro. Onde quer que entrava, parecia gelar tudo. Uma religiosa, encontrando-a um dia no corredor, disse para outra:—Ella passa por morta.—E talvez o esteja, tornou a outra.

Corriam mil versões a respeito da senhora *Albertina*. Era a eterna curiosidade das educandas. Havia na capella uma tribuna a que chamavam *o oculo*. Era nesta tribuna, que não tinha senão uma abertura circular, um *oculo*, que a senra. *Albertina* assistia aos officios. Ahi ficava habitualmente só, porque daquella tribuna, situada no primeiro andar, podia ver-se o prégador ou o celebrante; o que era vedado ás religiosas. Um dia, achava-se no pulpito um joven padre de illustre extração, o duque de Rohan, par de França, official dos mosqueteiros vermelhos em 1815, quando era principe de Léon, e fallecido, depois de 1830, na cathogoria de cardeal e arcebispo de Besançon. Era a primeira vez que Rohan prégava no convento do Petit-Picpus. A senra. *Albertina* assistia de ordinario aos sermões e aos officios, com perfeita calma e completa immobildade. Naquelle dia, apenas avistou o prégador, levantou-se um pouco, e dis-

se em voz alta, no silencio da capella:—*Ah! é Augusto!*—Toda a communidade estupefacta voltou a cabeça, o prégador levantou os olhos, mas a senra. Albertina recahir na sua immobillidade. Um sopro do mundo exterior, um clarão de vida, passára um momento por sobre aquella physionomia morta e gelada; depois esvaecêra-se tudo, e a louca volvéra a ser cadaver.

Aquellas palavras, porém, foram assumptos para mil commentarios entre todas as pessoas que podiam fallar no convento. Quantas cousas neste: *Ah! é Augusto!* quantas revelações! O senr. de Rohan chamava-se comeffeito Augusto. Era evidente que a senra. Albertina frequentára a mais illustre sociedade, porquanto conhecia Rohan, que nella occupára uma elevada posição, attento o modo demasiadamente familiar por que fallava de tal magnate, e devia ter tido com elle alguma relação, talvez de parentesco, mas por certo bem intima, visto saber o seu nome de baptismo.

Duas duquezas mui severas, as de Choiseul e de Sérent, visitavam a miudo a communidade, onde tinham ingresso, sem duvida em virtude do privilegio *Magnates mulieres*, e eram o terror do collegio. Quando as duas fidalgas passavam, todas as pobres meninas tremiam e abaixavam os olhos.

Rohan, porém, sem que o soubesse, era o objecto da attenção das educandas. Naquella época acabava elle de ser nomeado, enquanto não lhe chegava o episcopado, vigario da vara do arcebisado de Pariz. Costumava ir mui a miudo cantar nos officios da capella das religiosas do Petit-Picpus. Nenhuma das jovens recolhidas podia vê-lo por causa da cortina de sarja, mais tinha uma voz doce e um tanto fraca, que já a final conheciam e podiam distinguir das outras. Elle fôra mosqueteiro; e demais, dizia-se que era muito gamenho, sempre com os seus cabellos castanhos mui bem penteados a cingir-lhe a cabeça em madeixas, que trazia um magnifico cinto de chamalote, e que a sua sotaina preta tinha o córte mais elegante do mundo. Todas aquellas imaginações de dezeseis annos o haviam tomado para objecto dos seus devaneios.

Nenhuma bulha do exterior penetrava no convento. Entretanto houve um anno em que alli se ouviu o som de uma flauta. Foi um acontecimento de que as educandas de então ainda hoje se lembram.

Era uma flauta que alguém tocava na vizinhança. Tocava sempre a mesma musica: a musica de um romance, hoje esquecido: *Ma Zétulbé, viens régner sur mon âme*, e ouvia-a duas ou tres vezes ao dia. As educandas passavam horas esquecidas a escutar, as madres vogaes andavam agitadissimas, os cerebros trabalhavam, os castigos choviam. Isto durou muitos mezes. As pensionistas estavam todas mais ou menos apaixonadas pelo musico desconhecido. Cada qual se suppunha uma Zétulbé. O som da flauta vinha do lado da rua Droit-Mur; ellas houveram dado tudo, tudo compromettido, tudo tentado, para ver, um só instante que fosse, o *moço* que tocava tam deliciosamente aquella flauta, e que, sem pensar em tal, fazia ao mesmo tempo vibrar todas aquellas almas. Algumas houve que se esgueiraram por uma porta de serventia e subiram ao terceiro andar do lado da rua Droit-Mur, afim de tentar espiar pelas frestas das grades. Impossivel. Outra chegou a metter o braço por entre os varões de ferro e acenou com o seu lenço branco. Duas outras foram ainda mais afoutas. Acharam meio de subir a um telhado, e, com risco de queda, lograram finalmente ver o *moço*. Era um velho fidalgo emigrado, cego e reduzido á miseria, que tocava flauta na sua agua furtada para distrahir-se.

VI

O CONVENTINHO.

Havia no recinto do Petit-Picpus tres edificios perfeitamente distinctos: o convento grande, habitado pelas religiosas, o collegio, habitado pelas educandas, e, finalmente, o que se chamava conventinho. Era este um corpo principal de edificio com um jardim, onde assistiam em commum uma infinidade de velhas religiosas de diversas ordens, restos das clausuras dissolvidas pela revolução; uma reunião de todas as côres, pretas, cinzentas e brancas, de todas as comunidades e de todas as variedades possiveis; era propriamente o que se poderia chamar, se tal expressão nos fosse licita, um convento-arlequim.

Desde o tempo do imperio fôra concedido a essas pobres mulheres dispersas e sem abrigo asylarem-se sob as azas das beneditinas-bernardas. O governo pagava-lhes uma modica pensão; as religiosas do Petit-Picpus tinham-se dado pressa em acolhê-las. Reinava entre ellas estranha confusão. Cada qual observava a sua regra. Às vezes, como grande recreio, concedia-se ás educandas licença para irem visita-las;

tal o motivo porque essas tenras memórias guardáram entre outras, a lembrança da madre Santa Bazilia, da madre Santa Escolastica e da madre Jacob.

Uma destas refugiadas achava-se quasi que em sua casa. Era uma religiosa de Santa Aura, a unica que havia sobrevivido á dissolução da sua ordem. O antigo convento das religiosas de Santa Aura occupava, desde o principio do XVI seculo, justamente a mesma casa do Petit-Picpus, que depois passou a pertencer ás beneditinas de Martinho Verga. Essa santa mulher, a quem a pobreza não permittia trazer o magnifico habito da sua ordem, que era branco com escapulario escarlate, vestira-o piamente a um manequimzinho que mostrava com complacencia, e que por sua morte legou á casa. Em 1824 só restava desta ordem uma religiosa; hoje resta apenas uma boneca.

Além destas dignas madres, algumas velhas do seculo haviam impetrado da priora, como a snra. Albertina, licença para residir no conventinho. Deste numero eram a senra. Beaufort d'Hautpoul e a marquiza Dufresne. Havia outra que nunca foi notavel no convento senão pela formidavel bulha que fazia quando se assoava. As educandas chamavam-n'a a senra. Estrepitosa.

No correr do anno de 1820 ou 1821, a Genlis, que redigia então uma revistazinha periodica intitulada *O Intrepido*, pediu para ser admittida no conventinho. O duque de Orleans recommendava-a. Rumor na colmeia; as madres vogaes andavam tremulas; a Genlis tinha escripto romances, mas declarou que era a primeira a detesta-los, e demais havia chegado á sua phase de asperrima devoção. Com a graça de Deus, e tambem do principe, foi recebida. Ao cabo de seis ou oito mezes retirou-se, allegando que o jardim não dava sombra. As religiosas exultaram. Posto que já mui velha, ella tocava harpa, e mui bem.

Ao retirar-se, deixou signal da sua estada na cella que occupára. A Genlis era supersticiosa e latinista. Estas duas palavras dão della satisfactorio perfil. Viam-se ainda, ha alguns annos, pregado no interior de um armariozinho da sua cella onde ella guardava joias e dinheiro, estes cinco versos latinos escriptos por seu proprio punho, com tinta encarnada, em pa-

pel amarello, e que, na sua opinião tinham a virtude de afugentar os ladrões:

Impartibus meritis pendent tria corpora ramis:
 Dismas et Gesmas, media est divina potestas;
 Alta petit Dismas, infelix, infima, Gesmas,
 Nos et res nostras conservet summa potestas.
 Hos versos dicas, ne tu furto tua perdas.

Estes versos em latim, do VI seculo, suscitam a seguinte questão: se os dous ladrões do Calvario se chamavam, como se crê communmente, Dismas e Gestas, ou se Dismas e Gesmas. Esta orthographia houvera podido contrariar as pretensões que tinha o visconde de Gestas, no seculo passado, de descender do máu ladrão. Demais, a virtude util, ligada a estes versos, é artigo de fé na ordem das hospitaleiras.

A egreja da casa, construida de modo que separava, como verdadeiro muro, o convento grande do collegio, era, bem entendido, commun ao collegio, ao convento grande e ao pequeno. O povo tinha mesmo ingresso por uma especie de entrada de lazareto praticada do lado da rua. Mas tudo se achava por tal forma disposto que nenhuma das habitantes do claustro podia ver um rosto do seculo. Imagine-se uma egreja cujo côro fosse agarrado por uma mão gigantesca, e dobrado de maneira que formasse, não já, como nas egrejas ordinarias, um prolongamento por detrás do altar, senão uma especie de sala ou de caverna escura á direita do celebrante; emagine-se essa sala fechada com a cortina de sete pés de altura de que já fallamos, grupe-se á sombra dessa cortina, em bancos de pau, as religiosas do côro á esquerda, as educandas á direita, as conversas e as noviças no fundo, e formar-se-ha uma tal ou qual idéa das religiosas do Petit-Picpus assistindo aos officios divinos. Esta caverna, a que chamavam côro, communica com o claustro por um corredor. A luz que entrava na egreja vinha do lado do jardim. Quando as religiosas assistiam aos officios em que a sua regra prescrevia o silencio, o povo só lhes adivinhava a presença pela bulha que faziam levantando-se ou sentando-se nos bancos.

VII

ALGUNS PERFIS DESTA SOMBRA.

Durante os seis annos que medeam entre 1819 e 1825 a priora do Petit-Picpus era uma descendente dos Blemeur, que na religião se chamava a madre Innocente. Uma das suas parentas, Margarida de Blemeur, fôra a autora da *Vida dos santos da ordem de San' Bento*. A madre Innocente tinha sido reeleita. Era uma mulher de cerca de sessenta annos, baixa, gorda, que cantava *com voz de canna rachada*, diz a carta que já citámos; quanto ao mais, excellente, e unica que em todo o convento andava sempre alegre, sendo por isso mesmo adorada. A madre Innocente, não desmentindo da sua ascendente Margarida, campava como a Dacier da ordem. Era letrada, erudita, sabia, competente, curiosamente historiadora, recheiada de latim, atulhada de grego, cheia de hebraico, e mais benedictino do que benedictina.

A sob-priora era uma velha religiosa hespanhola, quasi cega, a madre Cineres.

As mais notaveis entre as vogaes eram a madre Santa Honorina, thesoureira; a madre Santa Gertru-

des, primeira mestra de noviças; a madre Santa Angela, segunda mestra; a madre Annunção, sacristã; a madre Santo Agostinho, enfermeira, a unica de todo o convento que era má; depois destas, a madre Santa Mechtilde (da familia dos Gauvain), muito moça, e com uma voz admiravel; a madre dos Anjos (da familia Drouet), que estivera no convento das Filhas de Deus e no convento do Thesouro entre Gisors e Magny; a madre San'José (da familia Cogolludo); a madre Santa Adelaide (da familia d'Auverney); a madre Misericordia (da familia dos Cifuentes, que não pôde resistir ás austeridades); a madre Compaixão (da familia dos la Miltière, admittida com 60 annos de idade, apesar da regra, riquissima); a madre Providencia (da familia dos Laudinière); a madre Apresentação (da familia dos Siguenza), que foi priora em 1847; finalmente a madre Santa Celinha (irman do esculptor Ceracchi), que endoudeceu, e a madre Santa Chantal (da familia dos Suzon), que tambem endoudeceu. Havia ainda entre as mais lindas uma encantadora moça de 23 annos, que era da ilha Bourbon e descendente do cavalleiro Roze, a qual deixára este nome do seculo pelo de madre Assumpção.

A madre Santa Mechtilde, encarregada do canto e do côro, gostava de empregar nelle as educandas. Tirava ordinariamente d'entre ellas uma escala completa, isto é, sete, de dez até dezaseis annos inclusivamente, vozes e estaturas combinadas, que fazia cantar de pé, postadas em uma fila que começava da mais pequenina e terminava na mais alta. Isto offerecia aos olhos uma como avena campestre de meninas, uma especie de flauta de Pan, viva, feita de anjos.

Das irmans conversas, as que as educandas mais amavam eram soror Santa Euphrasia, soror Santa Margarida, soror Santa Martha, que já caducava, e soror San'Miguel, cujo grande nariz as fazia rir.

Todas estas mulheres eram cheias de bondade para com as meninas. As religiosas só eram severas para si mesmas. Não se acendia fogo senão no collegio, e a comida deste, comparada com a do convento, era delicada. Ajuntem-se a isto mil cuidados. Quando, porem, uma creança passava por uma religiosa e lhe fallava, a religiosa nunca respondia.

Esta regra do silencio dera em resultado, em todo o convento, privarem-se as creaturas humanas da falla, dando-a aos objectos inanimados. Ora era o sino da egreja que falla, ora o guiso do jardineiro. Um tympano mui sonoro, collocado ao lado da rodeira, e que se ouvia em toda a casa, indicava por sons variados, que eram uma especie de telegrapho acustico, todas as accões da vida material que tinham de effectuar-se; e chamava ao locutorio, quando assim era preciso, tal ou tal habitante do claustro. Cada pessoa e cada cousa tinha o seu toque particular. A priora um e um; a sub-piora um e dous. Seis cinco annunciava a entrada para as aulas; de maneira que nunca diziam ir para a classe, mais sim ir para seis-cinco. Quatro-quatro era o toque da Gentis. Ouviam-n'o muito a miúdo. *E' o diabo a quatro*, diziam os que não eram caridosos. Dezanove pancadas annunciavam um grande acontecimento. Era a abertura da *porta do claustro*, pavorosa mole de ferro enricada de ferrolhos, que não gyrava sobre os seus gonzos senão deante do arcebispo.

Excepto elle e o jardineiro, ja o dissemos, nenhum homem entrava no convento. As educandas viam dous outros: um o esmoler, o abbade Banés, velho e feio, que lhes era dado contemplar do coro por entre as grades; outro, o mestre de desenho, Ansiaux, que a carta de que o leitor ja leu algumas linhas chama *Anciol*, e qualifica de *horrendo velho circunda*.

V-se que todos os homens eram escolhidos.

Tal era esta curiosa casa.

Depois de ter-lhe esboçado a figura moral, não será inútil indicar-lhe a configuração material. O leitor já tem della alguma idéa.

O convento de Petit-Picpus-Saint-Antoine occupava quasi inteiramente o vasto trapezio que resultava das intersecções da rua Polonceau, da rua Droit-Mur, da pequena rua Picpus, e da travessa tapada que vem designada nas antigas plantas com o nome de rua Aumarais. Estas quatro ruas cercavam o trapezio como um fosso. O convento compunha-se de diversos edificios e de um jardim. O edificio principal, considerado no seu todo, era uma juxta-posição de construcções hybridas, que, vistas de grande altura, semelhavam com bastante exacção a uma forca estendida no chão. O braço grande da forca occupava todo o pedaço da rua Droit-Mur, comprehendido entre a pequena rua Picpus e a rua Polonceau; o braço pequeno era uma alta, severa e escura fachada, coberta de grades, que dava para a pequena rua Picpus; o portão n. 62 ficava-lhe

na extremidade. Quasi no meio desta fachada, o pó e a cinza cobriam uma velha porta baixa e arqueada, onde as aranhas teciam as suas téas e que só se abria por uma ou duas horas aos domingos e nas raras occasiões em que o cadaver de alguma religiosa sahia do convento. Era a entrada publica da egreja. O angulo da forza era uma sala quadrada que servia de copa e a que as religiosas chamavam *a despensa*. No braço grande estavam as cellas das madres e das irmans e o noviciado. No braço menor a cozinha, o refeitório, cercado pelo claustro, e a egreja. Entre a porta n. 62 e o canto da rua tapada Aumarais estava o collegio que não se avistava do exterior. O resto do trapezio formava o jardim que ficava muito abaixo do nivel da rua Polonceau, do que resultava serem os muros muito mais altos do lado de dentro do que de fóra. O jardim, um tanto arqueado, tinha no meio, em cima de um teso, um bello pinheiro ponteagudo e conico, do qual partiam como da ponta do centro de um escudo, quatro ruas principaes, e, dispostas duas a duas nos entroncamentos das grandes, oito pequenas, de modo que, se o recinto fosse circular, o plano geometrico das ruas se houvera assemelhado a uma cruz posta em cima de uma roda. As ruas, indo todas terminar nos muros muito irregulares do jardim, eram de extensões deseguaes. Eram orladas de groselheiras. No fundo uma rua de alamos grandes ia das ruinas do velho convento, que ficava no canto da rua Droit-Mur, á casa do conventinho que demorava no canto da travessa Aumarais. Adeante do conventinho havia o que se intitulava o jardim pequeno. Ajunte-se a este todo um pateo, uma infinidade de angulos variados que formavam os corpos dos edificios interiores, muros de prisão, por unica perspectiva e por unica vizinhança a longa fila negra de telhados que orlava o lado opposto da rua Polonceau, e poderá ter-se uma imagem completa do que era, ha quarenta e cinco annos, a casa das Bernardas do Petit-Picpus. Esta santa casa fôra edificada justamente no sitio de um jogo de pella famoso do XIV ao XVI seculo, a que chamavam o *alcouce dos onze mil diabos*.

Demais, todas essas ruas eram das mais antigas de Pariz. Estes nomes Droit-Mur e Aumarais são bem

velhos; as ruas que os teem são muito mais velhas ainda. A travessa Aumarais chamou-se travessa-Maugout; a rua Droit-Mur chamou-se rua das Roseiras, porque Deus abria as flores antes que o homem lavrasse as pedras.

IX

UM SÉCULO SOB UM HABITO.

Ja que tratamos de pormenores relativos ao que era outr'ora o convento do Petit-Piepus, e que nos animamos a devassar o discreto asylo, permitta-nos ainda o leitor uma pequena digressão, estranha ao assumpto deste livro, mas característica e util, porque mostra que o proprio claustro tem suas figuras originaes.

Havia no conventinho uma centenaria que pertencêra á abbadia de Fontevrault. Antes da revolução vivêra no seculo. Fallava muito em Miromosnil, chanceller no reinado de Luiz XVI, e de uma presidenta Duplat, que conhecêra muito. Dizia maravilhas da abbadia de Fontevrault, e que havia até ruas no mosteiro.

Fallava com uma pronuncia picarda que divertia ás educandas. Todos os annos renovava solememente os seus votos, e no momento de prestar juramento dizia ao padre:—O senr. San'Francisco o prestou ao senr. San'Juliano, o senr. San'Juliano o prestou ao senr. Santo Euzebio, o senr. Santo Euzebio o prestou ao senr. San'Procopio, etc., etc.; assim eu vo-lo presto,

meu padre. — E as educandas riam-se, não á sob-capá, mas por baixo dos véus, doces risadinhas suffocadas, que faziam as madres vogaes franzirem os sobrolhos.

Uma vez, a centenaria contava historias. Dizia que *na sua mocidade as Bernardas não cediam a palma aos mosqueteiros*. Era um século que fallava, mas era o século XVIII. Contava o costume champañez e burgui-nhão dos quatro vinhos antes da revolução. Quando um grande personagem, um marechal de França, um príncipe, um duque e par, atravessava alguma cidade da Borgonha ou da Champanha, a municipalidade vinha recitar-lhe um discurso e apresentava-lhe quatro vasos de prata cheios de outros tantos vinhos diferentes. No primeiro vaso lia-se a inscripção: *Vinho de macaco*; no segundo: *Vinho de leão*; no terceiro: *Vinho de carneiro*; no quarto: *Vinho de porco*. Estes quatros letreiros exprimiam os quatro degrãos que desce o bebado: a primeira embriaguez, a que alegre; a segunda, a que irrita; a terceira, a que entorpece; a ultima, finalmente, a que embrutece.

Tinha ella n'um armario, debaixo de chave, um objecto mysterioso a que dava o maior apreço. A regra de Fontevrault não lh'o vedava. Não queria mostrar esse objecto a ninguém. Encerrava-se, o que tambem permittia a sua regra, e escondia-se cada vez que queria contempla-lo. Se ouvia passos no corredor, fechava o armario tam precipitadamente quanto lh'o permittiam as suas tremulas mãos. Apenas lhe fallavam naquillo, calava-se, ella que gostava tanto de conversar. As mais curiosas desanimavam com o seu silencio, e as mais tenazes com a sua obstinação. Era tambem isto um assumpto de commentarios para todas as ociosas ou aborrecidas do convento. O que poderia ser essa cousa tam preciosa e tam secreta que era o thesouro da macrobia? Sem duvida algum livro santo? Alguma reliquia provada?

Perdiam-se todas em conjecturas. Morta a pobre velha, correram ao armario, mais depressa talvez do que convinha, e abriram-n'o. Encontrou-se o objecto debaixo de triplice toalha como uma patena benzida. Era um prato de Faenza, que representava amores a fugirem perseguidos por aprendizes de boticario ar-

mados de enormes seringas. A perseguição abunda em tregeitos e posturas comicas. Um dos encantadores amorinhos está já filado. Debate-se, agita as azinhas, mas o bôbo ri com riso satânico. Moralidade: o amor vencido pela colica. Este prato, aliás curiosissimo, e que teve talvez a honra de dar uma idéa a Molière, existia ainda em setembro de 1845; estava á venda em casa de um adelo do *boulevard Beaumarchais*.

Não queria esta boa velha receber visitas de fóra, *por ser triste de mais o locutorio*, dizia !

X

ORIGEM DA ADORAÇÃO PERPETUA.

Comtudo este locutorio quasi sepulchral, de que tentamos dar idéa, é um facto inteiramente local, que se não reproduz com a mesma severidade em outros conventos. No da rua do Templo particularmente, que na verdade era de outra ordem, em lugar destas portas pretas havia reposteiros escuros, e o mesmo locutorio era uma sala, cujas janellas estavam guarnecidas de cassa branca, admittindo as paredes toda a especie de quadros, o retrato de uma benedictina com o rosto descoberto, ramalhetes pintados, e até uma cabeça de turco.

Era no jardim deste convento da rua do Templo que se via esse castanheiro da India, que passava pelo mais bello e o maior da França, e que entre o bom povo do seculo XVIII tinha a fama de ser o pae de todos os castanheiros do reino.

Já dissemos que este convento do Templo era occupado por Benedictinas da Adoração Perpetua, Benedictinas inteiramente differentes das sujeitas á Cister. Esta ordem da Adoração Perpetua não é muito antiga,

nem remonta além de 200 annos. Em 1649 foi o Santissimo Sacramento duas vezes profanado com intervallo de dias, em duas egrejas de Pariz, San'Sulpicio e João da Greve, sacrilegio horrivel e raro, que alvoroçou toda a cidade. O prior grão-vigario de Saint-Germain-des-Prés mandou sair uma procissão solemne de todo o seu clero, em que officiou o nuncio do Papa. Mas esta expiação não bastou ás duas dignas mulheres, a marqueza de Boues e a condessa de Chateauxvieux. Este ultrage feito ao Augustissimo Sacramento do altar, posto que passageiro, não sahia daquellas duas santas almas, parecendo-lhes não poder ser reparado senão por uma *adoração perpetua* em algum mosteiro de mulheres. Ambas, uma em 1652 e outra em 1653, fizeram doação de sommas consideraveis á madre Catharina de Bar, chamada do Santissimo Sacramento, religiosa benedictina, para fundar, neste pio intento, um mosteiro da ordem de San'Bento: a primeira licença para esta fundação foi concedida á madre Catharina de Bar, por Metz, abbade de San'Germano, com a condição de que se não receberia ninguém que não trouxesse 300 libras de pensão, que fazem 6,000 libras de principal. Depois do abbade de San'Germano, outorgou o rei cartas patentes, sendo tudo isto homologado em 1654 pelo tribunal das contas e pelo parlamento.

Tal é a origem da consagração legal do estabelecimento das Benedictinas da Adoração Perpetua do Santissimo Sacramento em Pariz. O seu primeiro convento foi edificado de novo na rua Cassette, á custa das fidalgas de Boues e Chateauxvieux.

Esta ordem, como se vê, não se confundia com as Benedictinas chamadas de Cister. Obedecia ao abbade de Saint-Germain-des-Prés, assim como as damas do Sacrado Coração estão sujeitas ao geral dos jesuitas, e as irmãs de caridade ao dos lazaristas.

Era tambem absolutamente differente da das Bernardas do Petit-Picpus, cujo interior acabamos de devassar. Em 1657 tinha o papa Alexandre VII autorizado, por breve especial, as Bernardas do Petit-Picpus a praticar a Adoração Perpetua como as Benedictinas do Santissimo Sacramento. Mas nem por isso deixaram estas duas ordens de continuar a ser distinctas,

FIM DO PETIT-PICPUS.

Desde o principio da restauração definhava o convento do Petit-Picpus; o que faz parte da morte geral da ordem, que depois do seculo XVIII desapareceu como todas as ordens religiosas. Como a oração, é também a contemplação uma necessidade da humanidade; mas, assim como tudo o mais em que a revolução tocou, ir-se-ha transformando, e de hostil ao progresso social se lhe tornará favoravel.

A casa do Petit-Picpus despovoava-se rapidamente. Em 1840 tinha desaparecido o conventinho, e o collegio já não existia. Já não havia nem velhas, nem educandas; aquellas tinham morrido, estas haviam-se ido. *Volaverunt.*

A regra da Adoração Perpetua é de uma rigidez que espanta; as vocações recuam, a ordem não acha recrutas. Em 1845, ainda uma vez por outra entrava alguma irman conversa; mas a respeito de religiosas de côro nada. Ha 40 annos, eram quasi 100 as religiosas; ha 15 annos, não passavam de 28. Quantas serão ellas hoje? Em 1854 era joven a priora,

signal de que o círculo da escolha se restringe. Não contava ainda 40 annos. Á medida que diminue o numero, augmenta o cansaço; o serviço de cada uma torna-se mais penoso; e podia-se desde então ver approximar-se o momento em que ellas não serão mais do que uma duzia de espaldas doloridas e curvadas para supportar a dura regra de San'Bento. O fardo é implacavel, e fica sempre o mesmo para poucas como para muitas. Pesava, agora esmaga. A consequencia é irem ellas morrendo. No tempo em que o autor deste livro habitava ainda Pariz, morreram duas. Uma tinha 25 annos, a outra 23. Esta ultima pôde dizer como Julia Alpinnla: *Hic jaceo. Vixi annus viginti et tres.* E' por causa desta decadencia que o convento renunciou á educação de meninas.

Não podemos passar por deante daquella casa extraordinaria, desconhecida, obscura, sem entrar e sem fazer entrar os espiritos que nos acompanham ouvindo-me contar, talvez para utilidade de alguns, a melancolica historia de João Valjean. Penetramos nesta communidade toda cheia dessas velhas praticas que tam novas parecem hoje. E' o jardim fechado: *Hortus conclusus.* Fallamos deste singular lugar com minudencia, mas tambem com respeito, pelo menos até onde este se concilia com aquelle. Não comprehendemos tudo, mas nada insultamos. Ficamos em egual distancia do hosanna de José Maistre, que leva a sagração do carrasco, e dos motejos de Voltaire, que chega a zombar do crucifixo.

Illogismo de Voltaire, vá dito de passagem; pois que elle houvera defendido Jesus como defendia Cadas, e para esses mesmos que negam as encarnações sobre-humanas, que é o que representa o crucifixo? O sabio assassinado.

No seculo XIX passam as idéas religiosas por uma crise. Desaprendem-se algumas cousas, e faz-se bem, comtanto que ao mesmo tempo se aprendam outras. Não ha vacuo no coração humano. Fazem-se algumas demolições, e é mesmo bom que ellas se façam, com a condição de serem seguidas de reconstrucções.

Entretanto estudemos o que já não existe. E' pre-

ciso conhecê-lo, ainda que não seja senão para evitá-lo. As falsificações do passado tomam nomes emprestados e gostam de chamar-se o futuro. Esse espectro, o passado, falsifica frequentemente o seu passaporte. Tratemos de descobrir a armadilha. Desconfiemos. O passado tem uma cara, a superstição é uma máscara—a hypocrisia. Retratemos-lhe a cara e arranquemos-lhe a máscara.

Quanto aos conventos, offerecem uma questão complexa. Questão de civilisação que os condena; questão de liberdade que os protege.

LIVRO SETIMO.

PARENTHESES.

I

CONVENTO. IDÉA ABSTRACTA.

Este livro é um drama cujo primeiro personagem é o infinito.

O homem é o segundo.

Sendo assim, como em caminho encontrámos um convento, forçoso nos foi entrar nelle. Porque? É por que o convento, que pertence tanto ao oriente como ao occidente, tanto á antiguidade como aos tempos modernos, ao paganismo, ao budhismo, ao mahometismo, como ao christianismo, é um dosapparelhos de optica que o homem emprega para sondar o infinito.

Não é este o lugar de dar largo desenvolvimento a certas idéas; entretanto, guardando absolutamente as nossas reservas, as nossas restricções, e mesmo a nossa indignação, releva dizer-lo, todas as vezes que deparamos no homem o infinito, bem ou mal comprehendido, sentimo-nos penetrados de respeito. Ha na synagoga, na mesquita, no pagode, no wigwam, um lado hediondo que execramos e um lado sublime que adoramos. A reverberação de Deus sobre o vulto humano,—que contemplação para o espirito, e que insolúvel meditação!

II

O CONVENTO, FACTO HISTORICO.

Considerado á luz da historia, da razão e da verdade, o monachismo é condemnado.

Quando os mosteiros abundam em uma nação, são como obices á circulação, estabelecimentos que estorvam, centros de preguiça exactamente onde importa que haja centros de trabalho. As comunidades monasticas são para a grande communitade social o que é o agarico para o carvalho, a verruga para o corpo humano. Prosperam e medram depauperando o paiz. O regimen monacal, bom na estrêa das civilisações, util para produzir a redução da brutalidade pelo espirital, é pernicioso á virilidade dos povos. Além disto, quando se relaxa, e entra no seu periodo de depravação, como continúa a dar o exemplo, vem a ser nocivo por todas as razões que o tornavam salutar no seu periodo de pureza.

O tempo das clausuras é já passado. Os claustros, uteis á primeira educação da civilisação moderna, foram incommodos ao seu desenvolvimento, e são prejudiciaes ao seu progresso. Considerados como

instituição e modo de formação para o homem, os mosteiros, bons no X seculo, discutíveis no XV, são detestáveis no XIX. A lepra monacal roeu quasi até os ossos duas admiráveis nações, a Italia e a Hespanha, aquella a luz, esta o esplendor da Europa por espaço de muitos seculos, e, na epoca em que nos achamos, esses dous illustres povos não começam a curar-se senão por haverem recorrido á san e vigorosa hygiene de 1789.

O convento, o antigo convento de freiras particularmente, tal qual apparece ainda no introito deste seculo na Italia, na Austria, na Hespanha, é uma das mais sombrias congreções da idade média. O claustro, o claustro de que fallamos, é o ponto de intersecção dos terrores. O claustro catholico propriamente dito é todo cheio do torvo esplendor da morte.

O convento hespanhol sobretudo é funebre. Alli erguem-se na escuridão, sob abobadas cheias de humidas exalações, sob cupulas vagas de tão sombrias que se mostram, enormes altares babelicos, tam altos como cathedraes; alli, no meio das trevas, pendem de correntes immensos crucifixos brancos; alli ostentam-se, nus sobre o ebano, grandes Christos de marfim; mas ensanguentados, mas a sangrar, hediondos e magnificos, com os cotovellos a mostrar os ossos, os rotulos a mostrar os tegumentos, as chagas a mostrar as carnes, coroados de espinhos de prata, pregados com cravos de ouro, com gottas de sangue feitas de rubis na fronte, e lagrimas de diamantes nos olhos. Os diamantes e os rubis parecem molhados, e fazem chorar em baixo, na penumbra, creaturas veladas que teem o corpo dorido do cilicio e das disciplinas de pontas de ferro, os seios esmagados por tecidos de vime, os joelhos esfolados pela oração, mulheres que se supõem esposas, espectros que se julgam seraphins. Essas mulheres pensarão? não. Terão vontade propria? não. Amarão? não. Viverão? não. Os nervos transformaram-se-lhes em ossos, os ossos se lhes metamorfosearam em pedras. O véu que as cobre é um pedaço da noite. O seu respirar por baixo do véu tem o que quer que seja tragico semelhante á respiração da morte. A abbadessa, uma larva, as sanctifica e terrifica. O immaculado alli está

temeroso. Taes são os velhos mosteiros de Hespanha. Furnas de devoção terrível, antros de virgens, lugares pavorosos.

A Hespanha catholica era mais romana do que a propria Roma. O convento hespanhol era por excellencia o convento catholico. Sentia-se alli o Oriente. O arcebispo, kishar-aga do céu, aferrolhava e vigiava esse serralho de almas reservado para Deus. A noviça era a odalisca, o padre era o eunucho. As ferventes eram escolhidas em sonho e possuíam Christo. De noite, o formoso mancebo nú descia da cruz e tornava-se o extasi da cella. Altas paredes preservavam de toda a distracção viva a sultana mystica que tinha o crueificado por sultão. Um olhar para o exterior era uma infidelidade. O carcere servia de sacco de couro. O que se lançava ao mar no Oriente, lançava-se nas entranhas da terra no Occidente. Tanto aqui como alli havia mulheres a torcer os braços com desespero; as ondas para aquellas, a cova para estas; aqui as enterradas, lá as afogadas. Parallelismo monstruoso.

Hoje os defensores do passado, não podendo negar estas cousas, tomáram o expediente de se rirem. Puzeram em voga um modo commodo e estranho de supprimir as revelações da historia, de invalidar os commentarios da philosophia, e de escurecer todos os factos importunos, e todas as questões sinistras. *Declamações sedicas*, dizem os habéis. Declamações, repetem os imbecis. João Jacques, declamador; Diderot, declamador; Voltaire sobre Calas, Labarre e Sirven, declamadores. Não sei quem foi que ultimamente descobriu que Tacito era um declamador, que Nero era uma victima, e que decididamente deveria lastimar-se « *este pobre Holophernes.* »

Os factos comtudo são difficeis de confutar e obstinam-se. O autor deste livro viu, com os seus proprios olhos, a oito leguas de Bruxellas (vestigio da edade média ao alcance de quem o quizer ver), na abbadia de Villeres, a abertura da masmorra no meio do sitio que foi o páteo do claustro, e na margem do Dyle quatro carceres de pedra, que ficavam parte enterrados no chão, parte abaixo do nivel da agua. Eram os *in pace*. Cada um destes carceres tem um resto de porta

de ferro, uma latrina e um oculo com grades que do lado de fóra fica dous pés acima do rio e do lado de dentro seis pés acima do chão. Quatro pés de agua correm exteriormente ao longo da parede. O chão está sempre molhado. O habitante do carcere tinha por cama essa terra alagada. Em um dos carceres ha um pedaço de corrente preso á parede; em outro vê-se uma especie de caixa quadrada feita de lages de granito, tam curta que nella se não pode deitar uma pessoa, tam baixa que não lhe permite levantar-se. Mettiam alli dentro uma creatura e cobriam-n'a com uma tampa de pedra. Isto existe. Pode ser visto. Pode ser tocado. Essas covas, esses carceres, esses gonzos de ferro, essas correntes, essa alta claraboia por junto da qual corre o rio, essa caixa de pedra fechada com tampa de granito como um tumulo, com a differença que o que dentro della se mettia era um vivo, esse chão que é lama, esse braco de latrinas, essas paredes que reçumam, como são declamadoras !

LIMITES DO RESPEITO QUE PODE VOTAR-SE AO PASSADO.

O monachismo, tal qual existia em Hespanha, e tal qual existe no Thibet, é para a civilisação uma especie de tísica. Tolhe a vida. Despovôa naturalmente. Clausura, castração. Foi uma praga na Europa. Acrescentem-se-lhe as violencias tantas vezes commettidas contra a consciencia, as vocações forçadas, o feudalismo apoiando-se no claustro, os morgados a lançarem no monachismo a superabundancia das familias, as atrocidades de que acabamos de fallar, as masmorras, as bocas tapadas, os cerebros fechados, tantas miseras intelligencias encerradas no carcere dos votos eternos, a profissão, enterro das almas cheias de vida. Ajuntem-se os supplicios individuaes ás degradações nacionaes, e, quem quer que seja, sentir-se-ha transido de horror á vista do habito e do véu, esses dous sudarios de invenção humana.

Todavia, em certos pontos e em certos lugares, a despeito da philosophia, a despeito do progresso, o espirito claustral persiste em pleno seculo XIX, e uma estranha recrudescentia ascetica espanta neste mo-

mento o mundo civilisado. A obstinação das instituições sedicás em perpetuar-se assemelha-se a do perfume rancido que quizesse á fina força ser por nós empregado, á pretensão do peixe moido que quizesse ser comido, á perseguição de um vestido de creança que quizesse servir a um homem, e á ternura de um cadaver que sahisse do tumulto para vir abraçar vivos.

Ingratos ! diz o vestido. Eu vos protegi no máu tempo. Porque me desprezaes? Eu venho do alto mar, diz o peixe. Eu fui rosa, diz o perfume. Eu vos amei, diz o cadaver. Eu vos civilisei, diz o convento.

Para tudo isto ha uma unica resposta: Ontr'ora.

Sonhar a prolongação indefinida das cousas defuntas e o governo dos homens por embalsamamento, restaurar os dogmas abalados, redourar os andores, rebocar os claustros, tornar a benzer os relicarios, reconfortar as superstições, refomentar os fanatismos, resuscitar hysopes e sabres, reconstituir o monachismo e o militarismo, crer na salvação da sociedade pela multiplicação dos parasitas, impôr o passado ao presente, tudo isto parece estranho. Entretanto ha theoricos para quejandas theorias. Estes theoricos, aliás pessoas illustradas, recorrem a um expediente bem simples; dão ao passado um certo verniz a que chamam ordem social, direito divino, moral, familia, respeito dos antepassados, autoridade antiga, tradição santa, legitimidade, religião; e vão gritando pelo mundo: Vêde! aceitae isto, boa gente. Esta logica era sabida dos antigos. Os arúspices a cultivavam. Untavam de giz um novillo preto, e diziam: E' branco. *Bos cretulus*.

Quanto a nós, respeitamos em um ou outro ponto e poupamos no seu todo o passado, comtanto que elle se reconheça morto. Se quizer ser vivo, ataca-lo-hemos, e buscaremos mata-lo.

Superstições, beatices, carolices, preconceitos, são larvas, que, apezar da sua qualidade de larvas apegam-se tenazmente á vida; teem dentes e unhas no torvo ambiente em que se movem; e cumpre travar com ellas corpo a corpo, fazer-lhes guerra e fazer-lh'a sem treguas, porque é uma das fatalidades da humanidade ser condemnada a combater eternamente fantasmas.

Não é facil arcar com uma sombra e lança-la no chão, vencida.

Um convento em França, á viva luz do XIX seculo, é um collegio de môchos exposto aos esplendores do sol. Um claustro, em flagrante delicto de ascetissimo no coração da cidade de 1789, de 1830 e de 1848, Roma a expandir-se em Pariz, é um anachronismo. Em uma quadra ordinaria, para aniquilar e fazer esvaecer-se um anachronismo, basta faz-lo soletrar a data do anno. Mas nós não estamos em uma quadra ordinaria.

Combatamos.

Combatamos, porém distingamos. A qualidade peculiar da verdade é não ser nunca excessiva. Que necessidade tem ella de exagerar? Se ha cousas que devam ser destruidas, ha tambem outras que cumpre esclarecer e estudar. O exame benevolo e grave, que força irresistivel! Não levemos as chammas onde só basta luz.

E pois, dado o XIX seculo, em these geral, e seja entre que povo fôr, tanto na Europa como na Asia, tanto na Turquia como na India, somos contrario ás clausuras asceticas. Quem diz convento diz pantano. A sua putrecibilidade é evidente, a sua estagnação é jusalubre, a sua fermentação causa febre aos povos e debilita-os: a sua multiplicação torna-se praga do Egypto. Não podemos pensar sem horror nessas regiões onde os fakires, os bonzos, os santões, os catheres, os marabutos, os talapões e os dervizes lupullulam como enxames de vermes.

Isto posto, subsiste a questão religiosa. Esta questão tem certas faces mysteriosas, quasi formidaveis; permita-se-nos que as encaremos fixamente.

IV

O CONVENTO Á LUZ DOS PRINCIPIOS.

Alguns homens se reúnem e habitam em commun. Em virtude de que direito? em virtude do direito de associação.

Encerram-se na sua morada. Em virtude de que direito? em virtude do direito que tem todo o homem de abrir ou de fechar a sua porta.

Não sahem. Em virtude de que direito! em virtude do direito de livre locomoção, que implica o de cada um ficar em sua casa.

E, em sua casa, o que fazem elles?

Fallam baixo; trazem os olhos fitos no chão; trabalham. Renunciam ao mundo, ás cidades, ás sensua- lidades, aos prazeres, ás vaidades, á soberba, aos in- teresses. Vestem-se de grosseira lan, ou de linho crú. Nenhum delles tem cousa alguma que seja sua pro- pria. Alli entrando, o que era rico torna-se pobre. Tudo quanto possue dá-o aos outros. O que era isso que chamamos nobre, fidalgo e senhor, é igual ao que era simples camponio. A cella é identica para todos. Todos soffrem a mesma tonsura, vestem o mesmo bu-

rel, comem o mesmo pão negro, dormem sobre a mesma palha, morrem em cima da mesma cinza. O mesmo sacco ás costas, a mesma corda a cingir-lhes os rins. Se o voto é de andarem descalços, todos andam descalços. Se alli ha um principe, esse principe é uma sombra como os outros. Acabaram-se os titulos. Os proprios appellidos de familia desapareceram. Elles só teem nomes proprios. Todos se curvam á egualdade dos nomes de baptismo. Dissolvêram a familia carnal, e continuaram em sua communitade a familia espiritual. Já não teem outros parentes senão todos os homens. Soccorrem os pobres, servem aos doentes. Eleggem aquelles a quem obedecem. Tratam-se uns aos outros por irmãos.

Mas aqui me atalham e alguem exclama:—Mas isso é o convento ideal!

Basta que seja o convento possivel, para considerar-me obrigado a consigna-lo aqui.

Tal o motivo por que, no livro precedente, fallei de um convento em tom respeitoso. Posta de parte a idade média e a Asia, reservada a questão historica e politica, á luz philosophica pura, abstraindo das exigencias da polemica militante, dado o caso que o mosteiro seja absolutamente voluntario e só encerre consentimentos, considerarei sempre a communitade claustral com certa gravidade attenta, e a alguns respeitos cheia de deferencia. Onde está a communitade—está a communa; onde está a communa—está o direito. O mosteiro é o producto da formula; egualdade, fraternidade. Oh! quam grande é a liberdade! e que transfiguração esplendida! a liberdade basta para transformar o mosteiro em republica.

Continuemos.

Esses homens, ou essas mulheres, que estão encerrados entre essas quatro paredes, vestem-se de burel, são eguaes, chamam-se irmãos; muito bem; porem fazem mais alguma cousa?

Fazem.

O que é?

Olham para o vacuo, ajoelham-se e poem as mãos, O que significa isso?

V

A ORAÇÃO.

Oram.

A quem?

A Deus.

Orar a Deus, o que vem a ser?

Haverá um infinito fóra de nós mesmos? Esse infinito será um, emmanente, permanente; necessariamente substancial porque é infinito, e, se a materia lhe faltasse, seria limitado; necessariamente intelligente porque é infinito, e se lhe faltasse a intelligencia, seria em tal caso finito? Esse infinito despertará em nós a idéa de essencia, ao passo que não podemos attribuir a nós mesmos senão a idéa de existencia? Por outros termos, não terá ella o absoluto de que somos o relativo?

Assim como ha um infinito fóra de nós, não haverá um infinito dentro de nós mesmos? Estes dous infinitos (que plural espantoso!) não se sobreporão um ao outro? O segundo infinito não será, por assim dizer, subjacente ao primeiro? não será o seu espelho, o seu reflexo, o seu écho, abysmo concentrico a outro

abysmo ? Esse segundo infinito tambem será intelligente ? Pensa ? ama ? quer ? Se os dous infinitos são intelligentes, cada um delles tem um principio volitivo, e ha um *eu* no infinito debaixo assim como o ha no infinito de cima. O *eu* debaixo é a alma, o *eu* de cima é Deus.

Pôr, pelo pensamento, o infinito debaixo em contacto com o de cima, eis o que se chama orar.

Nada tiremos ao espirito humano; supprimir é máu. Cumpre reformar e transformar. Ha faculdades no homem que tendem para o desconhecido; o pensamento, a meditação. O desconhecido é um oceano. O que vem a ser a consciencia ? E' a bussola do desconhecido. Pensamento, meditação, oração, são grandes recordações mysteriosas. Respeitemo-las. Para onde vão como raios magestosos da alma ? para a escuridão, isto é, para a luz.

A grandeza da democracia está em não negar nem renegar nada da humanidade. Junto do direito do homem, ao lado pelo menos, ha o direito da alma.

Conculcar o fanatismo e venerar o infinito, tal é a lei. Não nos limitemos a prostrar-nos sob a arvore da criação, e a contemplar-lhe as immensas ramagens cheias de astros. Todos temos um dever: aperfeiçoar a alma humana, defender o mysterio contra o milagre, adorar o incomprehensivel e regeitar o absurdo, não admittir, como inexplicavel, senão o necessario, sanear a crença, remover as superstições que deturpam a religião; deschrysalidar Deus.

VI

BONDADE ABSOLUTA DA ORAÇÃO.

Quanto ao modo de orar, todos são bons, com tanto que sejam sinceros. Ponde o vosso livro ás avessas, e mergulhae-vos no infinito.

Ha, bem o sabemos, uma philosophia que nega o infinito. Ha tambem uma philosophia, pathologicamente classificada, que nega o sol; esta philosophia chama-se cegueira.

Erigir um sentido, que nos falta, em fonte de verdade é uma bella afouteza de cego.

O mais curioso são os ares de altivez, de superioridade e de commiserção que toma, para com a philosophia que reconhece Deus, essa philosophia tateante. Como que se ouve uma toupeira exclamar:—Que pena me causam elles com o seu sol !

Ha, bem o sabemos, illustres e possantes atheus. Estes, realmente, não podendo por sua propria força desconhecer a verdade, não sabem ao certo se são atheus; com elles tudo se limita a uma questão de definição, e, em todo o caso, se não creem em Deus, como são espiritos superiores, provam a sua existencia.

Saudamos nelles os philosophos, qualificando ao mesmo tempo inexoravelmente a sua philosophia.

Continuemos.

O que tambem admira é a facilidade com que muitos se ateam ás palavras. Uma escola metaphysica do norte, um tanto impregnada de nevoeiro, suppôz fazer uma revolução no entendimento humano substituindo á palavra—força—a palavra—vontade.

Dizer: a planta quer; em vez de: a planta cresce; seria fecundo, comeffeito, se se accrescentasse: o universo quer. Porque? Porque disto resultaria o seguinte: a planta quer, logo tem um eu; o universo quer, logo tem um Deus.

Quanto a nós, que aliás, ao contrario dessa escola, nada regeitamos *à priori*, uma vontade na planta, reconhecida por ella, nos parece mais difficil de admitir do que uma vontade no universo, por ella negada.

Negar a vontade do infinito, isto é, Deus, importa necessariamente a negação do proprio infinito. Já o demonstrámos.

A negação do infinito conduz irremissivelmente ao nihilismo. Tudo se torna *uma concepção do espirito*.

Com o nihilismo é impossivel toda a discussão. Porque o nihilista logico duvida que o seu interlocutor exista, e não tem cabal certeza da sua propria existencia.

Segundo o seu systema, é possivel que não se considere a si mesmo senão como uma *concepção do seu proprio espirito*.

Mas não observa, que tudo quanto negou admitte-o em globo sómente com pronunciar a palavra—espirito.

Em summa, nenhuma senda póde abrir ao pensamento uma philosophia que dá como termo de tudo o menosyllabo *não*.

Para *não*, só ha uma resposta: *sim*.

O nihilismo nenhum alcance tem.

Não ha nada. Zero não existe. Tudo é alguma coisa. Nada é nada.

O homem vive muito mais de afirmação do que de pão.

Ver é mostrar, nem mesmo é sufficiente. A philosophia deve ser uma energia; todos os seus esforços de-

vem tender a esse fim—aperfeiçoar o homem—Socrates deve encarnar-se em Adão e produzir Marco Aurelio; por outras palavras, deve fazer sahir do homem da felicidade o homem da sabedoria: transformar o Eden em lycêo. A sciencia deve ser um cordial. Gosar, que triste fim e que ambição mesquinha ! Os brutos gozam. Pensar, eis o triumpho verdadeiro da alma. Offerecer o pensamento á sede dos homens, dar a todos elles como elixir a noção de Deus, fazer que a consciencia nelles fraternise com a sciencia, torna-los justos por esta confrontação mysteriosa, tal é a função da philosophia real. A moral é um desabrochamento de verdades. Contemplar conduz a obrar. O absoluto deve ser pratico. Importa que o ideal seja respiravel, potavel e succulento para o espirito humano. E' o ideal que tem o direito de dizer: *Tomae, isto é a minha carne, isto é o meu sangue.* A sabedoria é uma communhão sagrada. E' debaixo desta condição que ella cessa de ser um esteril amor da sciencia para tornar-se o modo unico e soberano da união humana, e de philosophia sobe á categoria de religião.

A philosophia não deve ser uma janella aberta sobre o mysterio para considera-lo a gosto, sem outro resultado que o de ser commoda á curiosidade.

Quanto a nós, guardando a explicação do nosso modo de pensar para outra occasião, limitamo-nos a dizer que não comprehendemos nem o homem como ponto de partida, nem o progresso como fim, sem estas duas forças, que são os dous motores: crear e amar.

O progresso é o fim, o ideal é o typo.

O que é o ideal ? E' Deus.

Ideal, absoluto, perfeição, infinito; expressões identicas,

VII

PRECAUÇÕES QUE SE DEVEM GUARDAR NA CENSURA.

A história e a philosophia teem eternos deveres que são ao mesmo tempo bem simples; combater Caiphaz bispo, Dracão juiz, Trimalcião legislador, Tiberio imperador; isto é claro, directo e limpido, e não offerece obscuridade alguma. Mas o direito de viver á parte, mesmo com os seus inconvenientes e os seus abusos, exige que o reconheçam e respeitem. O cenobitismo é um problema humano.

Quando se falla dos conventos, esses recessos do erro, mas da innocencia, do desvario, mas da boa vontade, da ignorancia, mas da dedicação, do supplicio, mas do martyrio, cumpre dizer sim e não.

Um convento é uma contradicção. Por scôpo, é o supremo egoismo a dar em resultado a suprema abnegação.

Abdicar para reinar, parece ser a divisa do monachismo.

No claustro soffre-se para gozar. Saca-se uma letra sobre a morte. Desconta-se em escuridão terrestre a luz celeste. No claustro, o inferno é aceito como hypotheca sobre o paraíso.

A profissão de um homem ou de uma mulher é um suicídio pago com a eternidade.

Não sabemos que em um tal assumpto seja bem cabido o motejo. Tudo nelle é serio, tanto o bem como o mal.

O homem não deve encaral-o com sorriso de mófa. Comprehendemos a colera. desconhecemos a malicia.

VIII

FÉ, LEI.

Áinda algumas palavras.

Censuramos a egreja, quando saturada de intriga; desprezamos o espirital violento no temporal; mas honramos por toda a parte o homem pensativo.

Saudamos a quem se ajoelha.

Uma fé,—é uma necessidade para o homem. Ai daquelle que em nada crê!

Ninguem está ocioso por achar-se absorto. Ha o labor visivel e o labor invisivel.

Contemplar—é trabalhar; pensar—é obrar. Os braços cruzados trabalham, as mãos postas fazem alguma cousa. Olhar fito no céu é uma obra.

Para nós os cenobitas não eram ociosos, nem vadios os solitarios.

Scismar no desconhecido é uma cousa séria.

Sem nada infirmar do que acabamos de dizer, cremos que convem aos vivos uma perpetua lembrança do tumulo. Nesse ponto o padre e o philosopho se acham de accordo. *Todos temos de morrer.* O abbade da Cartuxa responde a Horacio.

Ajuntar á vida uma certa presença do sepulchro, é a lei do sabio: e tal é a lei do asceta. Sob este ponto de vista o asceta e o sabio se harmonisam.

Ha um progresso material; nós o queremos. Ha tambem a grandeza moral; nós a prezamos.

Os neophitos perguntam:

—Para que essas figuras immoveis do lado do mysterio? para que servem? o que fazem?

—Ah! perante a obscuridade que nos circunda e nos aguarda, não sabendo o que a dispersão immensa fará de nós, respondamos: Não ha talvez obra mais sublime do que a que fazem essas almas. E acrescentamos: Não ha talvez trabalho mais util.

Cumpre que haja quem ore sempre por aquelles que nunca oram.

Quanto a nós, toda a questão está na quantidade de pensamento que se ajunta á oração.

Leibnitz orando é um grande espectaculo: Voltaire adorando é bello. *Deo crevit Voltaire.*

Somos pela religião contra as religiões.

Somos do numero desses que veem miseria nas rezas e sublimidade na oração.

Demais, nesta quadra que atravessamos, quadra que felizmente não deixará ao XIX seculo a sua feição, neste momento em que tantos homens trazem a fronte inclinada e a alma tam rasteira; entre tantos vivos que teem por moral gozar, occupados das cousas breves e disformes da materia, quem quer que se isola nos parece veneravel. O mosteiro é uma renuncia. O sacrificio que não attinge o fim a que se propõe nem por isso deixa de ser sacrificio. Ha uma certa grandeza em tomar por dever um erro severo.

Considerado em si mesmo e idealmente, e para completarmos o exame imparcial da verdade por todas as suas faces, o mosteiro, o convento de freiras sobretudo, porque na nossa sociedade é a mulher que mais soffre, e nesse exílio do claustro ha um como protesto, o convento de freiras tem incontestavelmente uma certa magestade.

Essa existencia claustral tam austera e tam triste-nha, da qual acabamos de indicar alguns traços, não é a vida, porque não é a liberdade, não é o tumulto, porque não é a amplidão; é o lugar estranho de onde

se avista, como do viso de uma alta montanha, de um lado o abysmo onde estamos, do outro o abysmo onde estaremos; é uma fronteira estreita e ennevoada a separar dous mundos, allumiada e escurecida por ambos ao mesmo tempo, onde a luz amortecida da vida ajunta-se á luz vaga da morte; é a penumbra do tumulto.

Quanto a nós, que não cremos o que essas mulheres creem, mas que vivemos como ellas pela fé, nunca pudemos considerar sem uma especie de terror religioso e enternecido, sem uma especie de compaixão cheia de inveja essas creaturas sacrificadas, tremulas e confiadas, essas almas humildes e augustas que se atrevem a viver mesmo á beira do mysterio, esperando entre o mundo que está fechado e o céu que não está aberto, voltadas para a luz que ninguem vê, tendo sómente a dita de pensar que sabe onde ella está, aspirando ao abysmo e ao infinito, fitos os olhos na escuridão immovel, ajoelhadas, espavoridas, estupefactas, tremulas, meio erguidas em certas horas pelos profundos desejos da eternidade.

LIVRO OITAVO.

DESEMPENHO DE JOÃO VALJEAN E CORTAVENTO.

I

EM QUE SE TRATA DO MODO DE ENTRAR NO CONVENTO.

Foi nesta casa que João Valjean, como dissera Cortavento, *cahira do céu*.

Elle saltára o muro do jardim que formava o angulo da rua Polonceau. O hymno que ouvira no meio da noite era o das religiosas a cantar matinas; a sala que lobrigara na escuridão era a capella; o fantasma que vira estendido no chão era uma freira que *fazia a reparação*; o guiso cujo tinido tam estranhamente o sorprendêra era o de jardineiro preso ao joelho do pae Cortavento.

Achando-se Cosetta deitada, João Valjean e Cortavento, como o leitor já viu, tinham ceado um copo de vinho e um pedaço de queijo junto de um fogo bem vivo; depois, como a unica cama que havia na barraca se achasse occupada pela menina, tinham-se cada um estendido em cima de um feixe de palha. Antes de fechar os olhos, João Valjean dissera:

—E' forçoso que eu não saia mais daqui.

Cortavento levára toda a noite a volver e a revolver estas palavras no espirito.

A fallar a verdade, ambos passaram a noite em claro.

João Valjean, vendo-se descoberto e com Javert na cola, comprehendia que tanto elle como Cosetta ficariam perdidos se voltassem para Pariz. Já que o novo furacão que acabava de desencadear-se sobre elle o havia lançado áquelle claustro, João Valjean não tinha senão um pensamento, deixar-se ficar alli. Ora, para um desgraçado na sua posição, o convento era a uma o lugar mais perigoso e o mais seguro; mais perigoso, porque não entrando alli homem algum, se o descobrissem, achar-se-hia incursão em flagrante delicto, e João Valjean não teria mais do que dar um passo do convento para a prisão; mais seguro, porque se conseguisse ser admittido e ficar alli morando, quem o viria procurar á semelhante lugar? Habitar um lugar impossível—era a salvação.

Por seu turno, Cortavento dava tractos ao espirito. Começava por confessar a si mesmo que não entendia nada de tudo aquillo. Como se achava alli o senr. Magdalena, apezar dos muros que cercavam o convento? Muros como aquelles não se saltam como uma parede qualquer. Como trouxera comsigo uma creança? Ninguém sóbe um muro a prumo com uma creança nos braços. Quem seria essa menina? Donde vinham ambos? Depois que Cortavento entrára para o convento nunca mais ouvira fallar de M. sobre o M., e nada sabia a respeito do que se passára. O pae Magdalena tinha esse ar que não anima os perguntadores; e demais, Cortavento dizia comsigo mesmo:—A um santo não se fazem perguntas—. O senr. Magdalena conservára para elle todo o seu prestigio. Todavia, por algumas palavras escapadas a João Valjean, julgára o jardineiro poder concluir que o senr. Magdalena ou havia quebrado pelas difficuldades dos tempos, e era perseguido pelos seus credores; ou senão, achava-se compromettido em algum negocio politico e escondia-se; isto não desagradou a Cortavento, que, como muitos dos nossos camponios do Norte, tinha suas velhas inclinações bonapartistas. Escondendo-se, o senr. Magdalena tomára o convento por asylo, e era natural que alli quizesse ficar. O inexplicavel, porem, a que Cortavento voltava a cada ins-

tante, e com que quebrava a cabeça, era que o senr. Magdalena alli se achasse, e não só, mas com aquella menina. Cortavento os via, tocava-os, fallava-lhes, e não o cria. O incomprehensivel acabava de entrar na cabana de Cortavento. Tacteava elle de conjectura em conjectura, e o que unicamente via mais claro era o seguinte:—O senr. Magdalena salvou-me a vida.—Esta certeza unica bastava, e decidiu-o. Disse consigo mesmo:—E' chegada a minha vez.—Accrescentou na sua consciencia:—O senr. Magdalena não deliberou tanto quando se tratava de levantar a carroça que me esmagava. Decidiu que salvaria o senr. Magdalena.

Todavia fez a si mesmo certas perguntas, ás quaes respondeu:—Depois do beneficio que lhe devo, se elle fosse um ladrão, salva-lo-hia? seguramente. Se fosse um assassino, salva-lo-hia? seguramente. Já que é um sancto, salva-lo-hei? seguramente.

Mas deixa-lo ficar no convento, que problema! ante essa tentativa quasi chimerica, Cortavento não recuou; esse pobre camponio picardo, sem outra escada alem da sua dedicação, a sua boa vontade e um pouco da velha subtiliza campesina auxiliando desta vez uma intenção generosa, emprehendeu escalar as impossibilidades do claustro e as asperas escarpas da regra de San'Bento. O pae Cortavento era um velho que toda a sua vida fôra egoista, e que, no fim dos seus dias, manco, fraco, já sem interesse algum no mundo, achou agradavel ser grato, e vendo uma virtuosa acção para fazer, agarrou-a como um homem que, no momento de morrer, encontrasse ao alcance da mão um copo de precioso vinho que nunca provára e o bebesse com sofreguidão. Podemos accrescentar que o ar que elle respirava, havia já alguns annos, naquelle convento, destruido-lhe a personalidade, e acabára por tornar-lhe necessaria uma boa acção qualquer.

Tomou pois a sua resolução: sacrificar-se pelo senr. Magdalena.

Acabamos de chama-lo *pobre camponio picardo*. A qualificação é justa, mas incompleta. No ponto desta historia em que nos achamos, não é inutil um pouco da physiologia do pae Cortavento. Era camponez, mas tinha sido tabelliao, o que lhe accrescentava a

chicana á finura e a penetração á propria simplicidade. Tendo, por causas diversas, naufragado nos seus negocios, de tabellião descêra a carroceiro e mariola. Mas, sem embargo das pragas e das chicotadas, necessarias aos cavallos, ao que parece, ficára-lhe um tanto ou quanto de tabellião. Tinha algum espirito natural; não dizia barbarismos; conversava bem, coisa rara na aldêa; e os outros camponezes diziam d'elle: *Falla quasi como um senhor de chapêu*. Cortavento era comeffeito dessa especie que o vocabulario insolente e leviano do seculo passado qualificava como *semiburguez, semivillão*; e que as metaphoras, cahindoo palacio na cabana, punham como seguinte rotulo no compartimento da plebe; *um tanto rustico, um tanto cidadão; pimenta e sal*. Cortavento, ainda que mui provado e gasto pela sorte, especie de pobre alma de todo surrada, era, não obstante, homem do primeiro impulso, e mui espontaneo; qualidade preciosa que impede quem quer seja de vir a ser máu. Os seus defeitos e os seus vicios, porquanto elle os tivera, eram superficiaes: em summa, a sua physionomia era dessas que não desagradam ao observador. O seu senil semblante não mostrava no alto da fronte nenhuma dessas rugas antipaticas que significam maldade ou estupidez.

Ao romper do dia, tendo passado toda a noite a ruminar, o pae Cortavento abriu os olhos, e viu o senr. Magdalena, que, sentado no seu feixe de palha, contemplava Cosetta adormecida. Cortavento sentou-se por sua vez e disse:

—Agora que vme. aqui está, como ha de ser para explicar a sua entrada?

Estas palavras resumiam a situação e arrancáram João Valjean da sua meditação.

Os dous velhos puzeram-se a deliberar.

—Primeiro que tudo, disse Cortavento, nem vm. nem a menina me porão os pés fóra deste quarto. Um só passo que dessem no jardim, ficaríamos com o caldo entornado.

—É verdade.

—Senr. Magdalena, proseguiu Cortavento, vm. chegou em muito boa..., quero dizer em muito má occasião; uma das religiosas está doente. Por conse-

guinte ficaremos um tanto em paz na nossa toca. Parece que ella está a expirar. As outras rezam orações de quarenta horas. Todo o convento anda azafamado. Isso as occupa. A que está a decidir é uma santa. A fallar a verdade, todos aqui somos santos; a unica differença entre mim e ellas é que ellas dizem: a nossa cella, e eu; o meu cochicholo. Não tarda a começar a oração dos agonisantes, depois seguir-se-ha a a de defuntos. Por hoje estaremos tranquillos aqui; mas eu não respondo por amanha.

—Porém, observou João Valjean, esta barraca está no recanto do muro, fica incuberta por uma especie de ruina, ha arvores na frente, ninguem a vê do convento. E digo-lhe mesmo que as religiosas nunca se dirigem para este lado.

—E então? tornou João Valjean.

O ponto de interrogação que accentuava este—e então—significava—parece-me que posso aqui ficar escondido—. Foi a esse ponto de interrogação que Cortavento respondeu.

—Mas ha as meninas.

—Que meninas? perguntou João Valjean.

Cortavento ia abrir a bocca para explicar as palavras que acabava de pronunciar, quando o sino deu uma badalada.

—A religiosa morreu, disse elle. Ahi começam os signaes.

E fez um gesto convidando João Valjean a escutar.

O sino deu outra badalada.

—É o dobre por defuntos, senr. Magdalena. O sino continuará assim de minuto em minuto por espaço de 24 horas, até que o corpo saia da egreja. Vê vm.? ellas brincam. Na hora do recreio, se acontece rolar para este lado alguma pella com que jogam, ei-las todas, sem se importarem com a prohibição, a correr para aqui, revistando e esquadrinhando os mais pequeninos recantos. São uns diabinhos esses cherubins.

—Que cherubins? perguntou João Valjean.

—As meninas. O senhor seria logo descoberto, acredite. Entrariam a gritar:—Olhem! um homem!—mas hoje não ha perigo. Não haverá recreio. Todo

o dia se passará em orações. Vm. está ouvindo o sino. Como ha pouco lhe dizia, dará uma badalada de minuto em minuto. É o dobre de defuntos.

—Agora entendo, pae Cortavento. Ha pensionistas no convento.

E João Valjean accrescentou mentalmente:

—Que bella occasião se me offerece para pôr Co-setta em um collegio !

Cortavento exclamou:

—Essa é boa ! se ha meninas ! Um enxame que entraria a gritar em roda de vm. ! e deitaria a fugir ! Aqui, ser homem é o mesmo que estar empestado. Não vê como me obrigam a andar com um guiso na perna, como se fosse um animal bravo ?

João Valjean meditava cada vez mais profundamente. Este convento nos salvaria, murmurava elle. Depois, levantou a voz:

—Sim, é bem difficil ficar aqui.

—Não, tornou Cortavento, o mais difficil é sahir.

João Valjean sentiu o sangue refluir-lhe para o coração.

—Sahir !

—Sim, senr. Magdalena, para que vm. torne a entrar, deve sahir.

E, depois de ter deixado esvaecer-se o som de outro dobre do sino, Cortavento proseguiu:

—O senhor não pôde ser encontrado aqui assim sem mais nem mais. De onde vem ? para mim não padece duvida que cahiu do céu, porque eu o conheço; mas para as religiosas, é necessario que entre pela porta.

De repente ouviu-se um toque sobremodo complicado de outro sino.

—Ah ! disse Cortavento, é o signal das madres vo-gaes. Vão reunir-se em capitulo. Sempre que morre alguma, reúne-se o capitulo. Morreu ao romper do dia. É ordinariamente ao romper do dia que a gente morre. Mas, diga-me, vm. não poderia sahir por onde entrou ? Olhe, não leve a mal a pergunta:—Por onde foi mesmo que vm. entrou ?

João Valjean empallideceu; só a idéa de tornar a descer aquella rua formidavel o fazia estremecer. Saia alguém de uma floresta inçada de tigres, e, uma vez

fôra della, imagine-se que um amigo lhe aconselha que volte a correr todos os perigos que logrou evitar. João Valjean suppunha ver a policia a formigar ainda no bairro, agentes em observação, sentinellas por toda a parte, horriveis mãos estendidas para a sua golla, Javert, sem duvida, postado no canto do largo.

—É impossivel! disse. Pae Cortavento, suponha que eu cahi do céu.

—Mas eu o creio, eu o creio, tornou Cortavento. Não é preciso que vm. m'ó diga. Deus o tomou na mão para vê-lo de perto, e depois largou-o. Houve, porém, um engano; elle, sem duvida, queria que vm. cahisse em um convento de frades, e entretanto veio parar aqui. Bom, lá ouço outro toque. Este agora é para dizer ao porteiro que vá prevenir a municipalidade, afim de mandar avisar o medico para que venha ver que morreu uma religiosa no convento. Tudo isto são ceremonias da morte. As boas senhoras não gostam lá muito destas visitas. Um medico é uma qualidade de gente que não acredita em nada. Levanta o véu. As vezes até levanta mesmo outra cousa. Como d'esta vez mandaram avisar tam depressa o medico? O que haverá de novo? A sua menina dorme a bom dormir. Como se chama?

—Cosetta.

—É sua filha? quero dizer: vm. é sem duvida avô della?

—Sim.

—Pois quanto á menina, para sahir daqui, a cousa é facil. Eu tenho a minha porta de serventia que dá para o páteo. Bato. O porteiro abre; levo o meu cesto ás costas, com a pequena dentro, e saio. É o pae Cortavento que sai com o seu cesto, nada mais simples. O senhor dirá á menina que esteja quietinha. Terei o cuidado de tapar bem o cesto. Guarda-la-hei o tempo que fôr preciso na rua do Chemin-Vert, em casa de uma boa velha mercadora de frutas, minha conhecida, que é surda e tem no seu cochicholo uma caminha. Gritarei ao ouvido da velha que a menina é minha sobrinha, e que fique com ella até amanha. Depois voltará com vm. Porque eu hei de arranjar-lhes entrada, seja lá como fôr. Mas como é mesmo que o senhor ha de sahir?

João Valjean meneou a cabeça.

—O essencial, pae Cortavento, é que ninguem me veja. Descubra um meio de me fazer sahir daqui dentro de um cesto bem tapado, como Cosetta.

Cortavento coçava a ponta da orelha com o dedo médio da mão esquerda, signal de grave perplexidade.

Um terceiro toque veio distrahi-lo.

—Bem, disse elle, o medico dos mortos retira-se. Olhou para o corpo, e disse: Está morta, não ha duvida. Depois que o medico visa o passaporte para o paraíso, a empresa dos enterros manda um caixão. Se a defunta é uma madre, as madres a amortalham e mettem-n'a dentro do caixão; se é uma irman, são às irmans a quem toca este trabalho. Depois vou eu pregar a tampa. Isto faz parte do meu emprego. Os jardineiros aqui são umtanto coveiros. Depositam-n'a em uma salla junto da egreja, que dá para a rua, e onde nenhum outro homem póde entrar senão o medico dos mortos. Não tenho em conta de homens os gatos pingados e a mim. É nessa salla que devo pregar o caixão. Os gatos pingados veem busca-lo, e toca, cocheiro ! é assim que se vae para o céu. Trazem um caixão vazio, e levam-n'o com alguma cousa dentro. Eis-ahi está o que é um enterro. *De profundis*.

Um raio horizontal de sol deslisava-se sobre o rosto de Cosetta adormecida, que, com os labios vagamente entreabertos, parecia um anjo haurindo de luz. João Valjean puzera-se outra vez a contempla-la. Já não attendia a Cortavento.

Não ser escutado não é motivo para que um homem se cale. O bom do jardineiro continuava tranquillamente a sua séca:

—A sepultura é no cemiterio de Vaugirard. Dizem que vae ser supprimido o tal cemiterio de Vaugirard. É um cemiterio antigo que está fóra dos regulamentos; não tem uniforme, e por isso vão dar-lhe baixa. Pois é pena, porque é bem commodo. Tenho lá um amigo, o pae Mestienne, que é o coveiro. As religiosas daqui gozam de um privilegio, o de serem levadas para esse cemiterio á noitinha. Ha uma ordem da prefeitura expressamente para ellas. Mas quantos acontecimentos de hontem para cá ! a madre Crucificação morreu, e o pae Magdalena....

—Está enterrado, disse João Valjean sorrindo-se tristemente.

Cortavento fez logo este commentario sobre as palavras do seu interlocutor:

—Apague ! se vm. aqui se achasse de ficada, seria verdadeiramente um enterro.

Ouviu-se um quarto toque. Cortavento tirou apressadamente do prego a joelheira e afivelou-a á perna.

—Agora a cousa é comigo. A madre priora chama-me. Bem; ahi temos o dente da fivela a espetar-me. Senr. Magdalena, não se mexa, eu já volto. Temos novidade. Se vm. quizer comer, ahi ha pão, queijo e vinho.

E sahiu da barraca dizendo:—Aqui estou ! aqui estou !

João Valjean viu-o atravessar o jardim tam depressa quanto lh'o permittia a perna aleijada, lançando um olhar para o lado do seu meloal.

Menos de dez minutos depois, o pae Cortavento, cujo guiso punha em debandada as religiosas mal o ouviam tinir, batia devagarinho a uma porta, e uma voz branda respondia: *Para sempre. Para sempre, isto é: Entre.*

A porta era a do locutorio reservado ao jardineiro para as necessidades do serviço. Este locutorio era contiguo á salla do capitulo. A priora, sentada na unica cadeira que alli havia, esperava Cortavento.

II

CORTAVENTO ANTE A DIFFICULDADE.

Certos caracteres e os individuos que exercem certas profissões, particularmente os padres e os religiosos, teem a notavel qualidade de mostrar um ar agitado e grave nas occasiões criticas. Quando Cortavento entrou, esta dupla fórma de preocupação se achava impressa na physionomia, ordinariamente alegre, da priora, que era a boa e erudita madre Innocente, chamada Blemeur no seculo.

O jardineiro fez um cumprimento timido, e ficou no limiar da cella. A priora, que corria as contas do seu rosario, levantou os olhos, e disse:

—Ah ! é você, pae Vento?

Esta abreviação fôra adoptada no convento.

O jardineiro renovou o cumprimento.

—Pae Vento, mandei-o chamar.

—Aqui estou, revm.^a madre.

—Tenho que fallar-lhe.

—E eu tambem, pela minha parte, tornou Cortavento com uma afouteza que inteiramente o aterrava, tenho uma cousa que dizer á revm.^a madre.

A priora olhou para elle.

—Ah! tem alguma cousa que communicar-me?

—Queria fazer um pedido.

—Pois bem, falle.

O velho Cortavento, ex-tabellião, pertencia á categoria dos camponios que teem imperturbabilidade. Uma ignorancia habil é uma força; ninguém desconfia della, e é por ella embaçarado. Havia pouco mais de dous annos que Cortavento servia ás religiosas, e já se achava bastante adiantado no convento. Sempre solitario e cuidando do seu jardim, era-lhe uma distracção a curiosidade. Afastado como se achava de todas essas mulheres cobertas de véu que via moverem-se daqui para alli, antolhavam-se-lhe ellas apenas como um enxame de sombras. Á força de attenção e de penetração, conseguira revestir de carne todos estes fantasmas, e cada uma dessas mortas vivia para elle. Era como um surdo cuja vista se apura, e como um cego cujo ouvido se aguça. Applicara-se a decifrar a significação dos diversos toques, e conseguira-o, de modo que aquelle claustro enigmático e taciturno nada tinha occulto para elle; a sphynge dizia-lhe ao ouvido todos seus segredos. Cortavento, inteirado de tudo, fingia ignorar tudo. Nisto consistia a sua arte. Todo o convento o suppunha estúpido. Grande merito na religião. As madres vogaes gostavam de Cortavento. Era um curioso mudo. Inspirava confiança. Além disso, era muito exacto, e nunca sabia senão quando o exigiam as necessidades demonstradas do pomar e da horta. Este discreto proceder era-lhe levado em conta. Todavia não deixára elle de sondar dous homens: no convento, o porteiro, por cujo intermedio soubera das particularidades do locutorio; e, no cemiterio, o coveiro, que lhe revelára as singularidades da sepultura; por este modo tinha ao seu dispôr, relativamente ás religiosas, duas luzes, uma que allumiava a vida, outra que allumiava a morte. Mas não abusava. A congregação apreciava-o. Velho, côxo, curto de intelligencia, sem duvida um tanto surdo, quantas qualidades! Seria difficil achar outro jardineiro com predicados tam recommendaveis.

O velhote, com a seguridade de um homem que tem

consciencia do apreço que lhe dão, desenrolou, na presença da revd.^a priora, uma perlanga camponia nimiammente diffusa e profundissima. Fallou largamente da sua idade, das suas enfermidades, do peso dos annos que já se lhe ia aggravando, das exigencias crescentes do trabalho, do tamanho do jardim, das noites passadas em claro, como na vespera, por exemplo, que tivera de ir cobrir com esteiras o mealoal por causa da lua, e concluiu finalmente com o seguinte: que tinha um irmão (a priora fez um movimento), um irmão que não era moço (segundo movimento da priora, mas não já de susto), que, se lh'o permitissem, o irmão poderia vir morar com elle e ajuda-lo, pois era bom jardineiro, e a communiidade ficaria satisfeita com o seu serviço, incomparavelmente melhor que o d'elle proprio; que, se seu irmão não fosse admittido, como elle, que era o mais velho, se achava quasi sem forças e não podia só com o trabalho, ver-se-hia obrigado, muito a seu pezar a despedir-se; e accrescentou que seu irmão tinha uma filhinha que traria consigo, a qual poderia ser educada no convento, e tornar-se um dia, com o favor de Deus, uma boa religiosa.

Quando elle acabou de fallar, a priora cessou de correr as contas do rosario, e disse-lhe:

—Você póde arranjar, daqui até á noite, uma barra de ferro?

—Para que?

—Para servir de alavanca.

—Posso, revd.^a madre, respondeu Cortavento.

—A priora, sem accrescentar palavra, levantou-se, e entrou na peça vizinha, que era a sala do capitulo, e onde as madres vogaes se achavam provavelmente reunidas. Cortavento ficou só.

III

A MADRE INNOCENTE.

Passou-se perto de um quarto de hora. A priora voltou e tornou a sentar-se na cadeira.

Os dous interlocutores pareciam preocupados. Stenographamos o mais exactamente possivel o dialogo que teve lugar.

—Pae Cortavento ?

—Rvda. madre ?

—Você conhece a capella ?

—Tenho lá uma gaiolinha donde assisto á missa e aos officios.

—E nunca entrou no côro para algum serviço ?

—Duas ou tres vezes.

—Trata-se de levantar uma pedra.

—Pesada ?

—A lage que fica ao lado do altar.

—A pedra que cobre o carneiro ?

—Sim.

—Aqui está um caso em que seria bom que houvesse dous homens.

—Madre Ascenção, que é forte como um homem, ajudará.

—Uma mulher nunca vale um homem.

—Não temos senão uma mulher para o ajudar. Cada um faz o que lhe permitem os seus recursos. Lá porque D. Mabilon dá quatrocentas e dezasete epistolas de San'Bernardo, e Merlono Horacio sómente trezentas e sessenta e sete, não serei eu que despreze Merlono Horacio.

—Nem eu tam pouco.

—O merecimento está em cada qual trabalhar segundo as suas forças. Um convento não é um estaleiro.

—E uma mulher não é um homem. Quanto á força, allem com meu irmão!

—E demais, você estará com uma alavanca.

—É a unica especie de chave que serve para estas qualidades de portas.

—Na pedra ha uma argola.

—Nella enfiarei a alavanca.

—E a lage gyrará sobre os seus gonzos.

—Muito bem, revd.^a madre. Abrirei o carneiro.

—E as quatro madres cantoras o ajudarão.

—E depois de aberto o carneiro ?

—Deverá ser de novo fechado.

—Está acabado tudo ?

—Não.

—Então dê-me as suas ordens, revm.^a madre.

—Vento, nós confiamos em você.

—Eu aqui estou para fazer o que me ordenam.

—E tambem para calar-se.

—É verdade, revd.^a madre.

—Depois de aberto o carneiro...

—Tornarei a fecha-lo.

—Mas antes...

—O que, revd.^a madre ?

—Deverá deitar-lhe dentro alguma cousa.

Houve um momento de silencio. A priora, depois de ter estendido o labio inferior como quem hesita, proseguiu:

—Pae Vento?

—Revd.^a madre.

—Você já sabe que morreu uma madre esta ma-phan?

—Não sei, não.

—Como ! pois não ouviu o sino?

—No fundo do jardim não se ouve nada.

—Devéras ?

—Nem eu mesmo sei como ouço o meu toque.

—Morreu ao romper do dia.

—E depois, esta manhã o vento não soprava para o meu lado.

—Foi a madre Crucificação. Uma santa.

A priora calou-se, remexeu um momento com os lábios como se rezasse mentalmente, e continuou:

—Ha tres annos, só por ver a madre Crucificação orar, uma pensionista, a senr.^a de Béthume, se fez orthodoxa.

—Ah ! sim, agora ouço o signal, revd.^a madre.

—As madres leváram-n'a para a sala das defuntas, que dá para a igreja.

—Bem sei.

—Não pôde, nem deve entrar nessa sala outro homem senão você. Tenha muito cuidado. Havia de ser bonito entrar um homem na sala das mortas !

—Essa é boa!

—Hein?

—Essa é boa.

—O que diz você?

—Digo—essa é boa.

—Essa é boa, o que?

—Reverenda madre, eu não digo—essa é boa, o que digo simplesmente—essa é boa ?

—Não o entendo. Porque é que você diz—essa é boa ?

—Para dizer como vm., revd.^a madre.

—Mas eu não disse—essa é boa.

—Vm. não disse, mas eu disse para dizer como vm.

Neste momento deram nove horas.

—Às nove horas da manhã e a toda a hora, louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento do altar, disse a priora.

—Amen, accrescentou Cortavento.

A hora soou a proposito. Pôz termo a *essa é boa*. E' provavel que, se não a tivessem ouvido, a priora e Cortavento nunca houvessem sahido daquelle labyrintho.

Cortavento enxugou a testa.

A priora tornou a fazer um murmuriozinho interior, provavelmente sagrado, depois levantou a voz.

—Em vida, a madre Crucificação fazia conversões; depois de morta ha de fazer milagres.

—E os fará! tornou Cortavento como um echo, e pondo o maior cuidado em não incorrer n'outra descahida.

—Pae Vento, a communidade foi abençoada na madre Crucificação. Na verdade, não é dado a todos morrer como o cardeal de Bérulle, celebrando o santo sacrificio da missa, e exhalar a alma para Deus pronunciando estas palavras: *Hanc igitur oblationem*. Mas, sem alcançar tamanha dita, a madre Crucificação teve uma morte preciosissima. Conservou todos os seus sentidos até ao ultimo instante. Fallava-nos, depois fallava aos anjos. Se você tivesse um bocadinho mais de fé, e se lhe fosse permittido achar-se na sua cella, talvez o puzesse bom da perna só com tocála. Sorria. Todas nós sentiamos que ella resuscitava em Deus. Houve o que quer que fosse do paraíso na sua morte.

Cortavento pensou que a superiora terminava uma oração.

—Amen, disse elle.

—Pae Vento, nós devemos fazer o que querem os mortos.

A priora correu algumas contas do rosario. Cortavento guardava silencio. Ella proseguiu:

—Consultei sobre este caso diversos ecclesiasticos que trabalham na vinha do Senhor, e se occupam no exercicio da vida clerical com admiravel proveito.

—Revd.^a madre, daqui ouve-se muito melhor o signal do que no fundo do jardim.

—Além disso, não se trata simplesmente de uma defunta, mas de uma santa.

—Como vm., revd.^a madre.

—Havia vinte annos que ella dormia no seu caixão, por permissão expressa do nosso santo padre Pio VII.

—O que corou o imp... Bonaparte.

Para um homem habil como Cortavento, a recordação não podia ser mais desastrada. Felizmente a priora, absorta no seu pensamento, não a ouviu. Ella continuou:

—Pae Vento ?

—Revd.^a madre ?

—San'Liodoro, arcebispo da Capadocia, quiz que se escrevesse na sua sepultura esta unica palavra: *Acarus*, que significava verme; e assim se fez. Não é verdade ?

—E' verdade, Revd.^a madre.

—O beato Mezzocane, abbade d'Aquilla, quiz ser enterrado debaixo da forca; e assim se fez.

—Tambem é verdade.

—San'Terencio, bispo de Porto na foz do Tibre sobre o mar, pediu que gravassem na sua lousa o signal que punham na sepultura dos parricidas, afim de que os viandante lhe cuspissem em cima. Assim se fez. Todos devemos obedecer aos mortos.

—Amen.

—O corpo de Bernardo Guidonis, que nascêra em França perto de Roche-Abeille, foi, como elle ordenára e máu grado o rei de Castella, levado para a egreja dos Dominicos de Limoges, apezar de Bernardo Guidonis ser bispo de Tuy em Hespanha. Haverá quem conteste isto ?

—De certo que não, revd.^a madre.

—O facto é attestado por Plantavit de la Fosse.

Algumas contas do rosario corrêram ainda silenciosamente. A priora proseguiu:

—Pae Vento, a madre Crucificação será mettida dentro do caixão que lhe serviu de leito por espaço de vinte annos.

—Bem.

—É uma continuação de somno.

—Então é a tampa desse caixão que devo pregar?

—Sim.

—E deixaremos de parte o que mandar a empresa ?

—Justamente.

—Estou ás ordens da reverendissima communi-
dade.

—As quatro madre cantoras ajudarão.

—A pregar o caixão ? Para isso não preciso que me ajudem.

—Não. A deposita-lo,

—Onde ?

—No carneiro.

—Em que carneiro?

—Debaixo do altar.

Cortavento estremeceu como um caniço sacudido por um tufão.

—No carneiro, debaixo do altar?

—Sim.

—Porém...

—Você estará com uma barra de ferro.

—Já sei, porém...

—Levantará a lage enfiando a barra na argola.

—Porém...

—Devemos obedecer aos mortos. Ser sepultada no carneiro debaixo do altar da capella, não ser lançada em terra profana, jazer morta onde orou viva; tal foi o voto supremo da madre Crucificação. Ella no-lo pediu, isto é, ordenou.

—Mas é prohibido.

—Prohibido pelos homens, ordenado por Deus.

—E se chegam a sab -lo?

—Nós confiamos em você.

—Oh! eu sou mudo como as pedras destes muros.

—O capitulo reuniu-se. As madres vogaes, que acabo de consultar ainda uma vez e se acham deliberando, decidiram que a madre Crucificação seria, conforme o seu voto, sepultada debaixo do nosso altar, dentro do seu caixão. Veja só, pae Vento, a possibilidade de se darem milagres aqui! que gloria em Deus para a communidade!

—Porém, revd.^a madre se o agente da junta de hygiene...

—San'Bento II, em materia de sepultura, resistiu a Constantino Pogonato.

—Comtudo o commissario de policia...

—Chonodemario, um dos sete reis allemães que entraram nas Gallias no tempo do imperador Constantio, reconheceu expressamente o direito que teem os religiosos de ser enterrados em religião, isto é, debaixo do altar.

—Mas o inspector da prefeitura...

—O mundo nada é perante a Cruz. Martinho, undecimo geral dos Cartuxos, deu esta divisa á sua ordem: *Stat crux dum volvitur orbis*.

—Amen, disse Cortavento, imperturbavel nesta ma-

neira de tirar-se de embaraço todas as vezes que ouvia latim.

A quem levou muito tempo calado, todo e qualquer auditorio serve. No dia em que o rhetorico Gymnas-toras foi solto, tendo no buxo um grande numero de dilemmas e syllogismos abafados, parou defronte da primeira arvore que encontrou, arengou-a, e fez os maiores esforços para convencê-la. A priora, habitualmente sujeita á mordaca do silencio, e achando-se com o seu reservatorio demasiadamente cheio, levantou-se e exclamou, abrindo os diques á loquacidade:

—Á minha direita tenho Bento e á minha esquerda Bernardo. O que é Bernardo? o primeiro abbade de Clairvaux. Fontaines, na Borganha, é um paiz abençoado por tê-lo visto nascer. Seu pae chamava-se Tecelino e sua mae Aletha. Começou por Clairvaux para chegar a Citeaux; foi ordenado abbade pelo bispo de Châlons-sur-Saône, Guilherme de Champeaux; teve setecentos noviços e fundou cento e sessenta mosteiros; refutou Abelardo no concilio de Sens em 1140, e Pedro de Bruys e Henry, seu discipulo, e outra especie de desviados a que chamavam os Apostolicos; confundiu Arnaldo de Bresce, fulminou o monge Raul, o matador de judêus, dominou o concilio de Reims, fez condemnar Gilberto de la Porée, bispo de Poitiers, e Don de l'Etoile; reconciliou pincipes desavindos, esclareceu o rei Luiz-o-Moço, aconselhou o papa Eugenio III, deu regra ao templo, prégou a cruzada, fez duzentos e cincoenta milagres na sua vida, e até trinta e nove em um só dia. O que é Bento? é o patriarcha do Monte-Cassino, o segundo fundador da Santidade claustral, o Basilio do occidente. A sua ordem tem dado quarenta papas, duzentos cardeaes, cincoenta patriarchas, mil e seiscentos arcebispos, quatro mil e seiscentos bispos, quatro imperadores, doze imperatrizes, quarenta e seis reis, quarenta e uma rainhas, tres mil e seiscentos santos canonisados, e subsiste ha mil e quatrocentos annos. De um lado San'Bernardo; do outro o agente da junta de hygiene! De um lado San'Bento; do outro o inspector da policia municipal! O Estado, a policia, a empreza dos enterros, os regulamentos, a administração, por ventura conhecemos nós essas cousas?

Qualquer adventicio se indignaria vendo o modo por que somos tratadas. Nem ao menos temos o direito de dar o nosso pó a Jesus-Christo ! Essa tal hygiene é uma invenção revolucionaria. Deus subordinado ao commissario de policia; tal é o seculo. Cale-se, Vento.

Cortavento, debaixo daquella catadupa, estava como atordoadado. A-priora continou:

—O direito do mosteiro á sepultura não offerece duvida para ninguem. Só podem nega-lo os fanaticos e os errados. Vivemos em tempos de terrivel confusão. Todos ignoram o que deveriam saber, e sabem o que deveriam ignorar. São crassos e impios. Tal ha nesta época que não distingue o grandiosissimo San'Bernardo e Bernardo chamado dos Pobres Catholicos, um bom ecclesiastico que vivia no XII seculo. Outros blasfemam a ponto de comparar o cadafalso de Luiz XVI com a cruz de Jesus-Christo. Luiz XVI era apenas um rei. Compenetremo-nos, pois, do temor de Deus ! Já não ha justo nem injusto. Sabem o nome de Voltaire, e não sabem o de Cesar de Bus. Entretanto Cesar de Bus é um bemaventurado; e Voltaire um desgraçado. O fallecido arcebispo, o cardeal de Périgord, nem sequer sabia que Carlos de Gondrem succedeu á Bérulle, e Francisco Bourgoïn a Gondren, e João Francisco Senaul a Bourgoïn, e o pae de Santa Martha a João Francisco Senault. Se ha quem não ignore o nome do padre Cotton, não é porque fosse um dos tres que trabalharam para a fundação do Oratorio, mas sim porque serviu de motivo ás pragas do rei huguenote Henrique IV. O que torna San'Francisco de Salles sympathico á gente do seculo é o vicio que elle tivera de gatunar ao jogo. E depois atacam a religião. Porque? Porque teem havido máus padres, porque Sagittario, bispo de Cap, era irmão de Salone, bispo d'Ebrun, e ambos seguiram Mommol. O que tem? por ventura impedirá isto que Martinho de Tours seja um santo e haja dado metade de sua capa a um pobre? Os santos são perseguidos. Todos fecham os olhos ás verdades. Habituarão-se ás trévas. As alimarias mais ferozes são as cegas. Ninguem pensa no inferno seriamente. Oh ! povo perverso ! Em nome do rei significa hoje em nome da revolução. Já não sabem o que devem, nem a vivos,

nem a mortos. E' prohibido santamente. O sepulcro é um negocio civil. Isto horrorisa. San'Leão II escreveu expressamente duas cartas, uma a Pedro Notario, outra ao rei dos Visigodos, para combater e rejeitar, nas questões relativas aos mortos, a autoridade do exarcha e a supremacia do imperador. Gualterio, bispo de Châlons, porfiava nesta materia com Othão, duque de Borgonha. A antiga magistratura estava com elles. Ont'ora tinhamos voz no capitulo mesmo nas cousas do seculo. O abbade de Cister, geral da ordem, era conselheiro nato do parlamento de Borgonha. Nós fazemos dos nossos mortos o que queremos. O corpo do proprio San'Bento não se achará por ventura em França, na abbadia de Fleury, chamada de San'Bento sobre o Loire, se bem que elle houvesse morrido na Italia, no Monte Cassino, em um sabbado, 21º dia do mez de março do anno de 543? Tudo isto é incontestavel. Eu aborreço os psallantes, odeio os priores, execro os hereticos, mas detestaria dobradamente quem quer que me sustentasse o contrario. Lêam, vejam o que dizem Arnulfo Wion, Gabriel Brucelin, Trithemo, Maurolico e D. Lucas d'Achery.

A priora tomou folego, depois voltou-se para Cortavento:

—Pae Vento, tem entendido?

—Perfeitamente, revd.^a madre.

—Podemos contar com você?

—Eu obedecerei.

—Muito bem.

—Sou inteiramente dedicado ao convento.

—Está dito. Você pregará o caixão. As irmans o levarão para a capella. Cantar-se-ha o officio de defuntos. Depois a comunidade se recolherá ao claustro. Das onze horas para a meia noite chega você com a barra de ferro. Tudo se passará no maior segredo. Na capella não haverá mais ninguem senão quatro madres cantoras, a madre Ascensão e você.

—E a irman que estiver no poste?

—Não se voltará.

—Mas ouvirá.

—Não ha de ouvir. Demais, o que o claustro sabe não chega nunca ao conhecimento do mundo.

Houve ainda uma pausa. A priora proseguiu:

—Você tirará o guiso. É inútil que a irman do poste dê fé da sua presença.

—Revd.^a madre?

—O que é, pae Vento?

—O medico dos mortos já fez a sua visita?

—Deve vir hoje ás quatro horas. Já se deu o signal que chama o medico dos mortos. Mas então você não ouve nenhum toque?

—Só attendo ao meu.

—Faz bem, pae Vento.

—Revd.^a madre, a barra deverá ter pelo menos seis pés de comprimento.

—Onde a achará você?

—Onde sobram grades não pôde haver falta de barras de ferro. Tenho um montão de ferros velhos no fundo do jardim.

—Tres quartos de hora pouco mais ou menos antes da meia noite.

—Revd.^a madre?

—O que é?

—Quando v. revm.^a tiver outras tarefas como esta, falle com meu mano. É forte como as armas!

—Você deverá apressar-se.

—Hum! eu não sou lá muito expedito. Estou invalido; por isso desejaria ter um ajudante. Manquejo.

—Manquejar não é defeito, e quiça seja uma benção. O imperador Henrique II, que combateu o anti-papa Gregorio e restaurou Bento VIII, tem dous sobrenomes: santo e côxo.

—É bem bom ter dous sobretudos, murmurou Cortavento, que na realidade era um tanto surdo.

—Pae Vento, pensando bem, acho melhor adeantar uma hora. Não é de mais. As onze horas esteja com a barra de ferro junto do altar-mór. O officio começará á meia noite. Desejo que tudo esteja acabado um bom quarto de hora antes.

—Farei quanto em mim couber para provar o meu zelo pela communiidade. Está dito. Pregarei o caixão. As onze horas em ponto achar-me-hei na capella. As madres cantoras lá estarão e bem assim a madre Ascensão. Dous homens dariam mais depressa conta do recado. Emfim não importa! estarei com a minha alavanca. Abriremos o carneiro, deitaremos dentro o

caixão, e abaixaremos a lage. Feito isto, não ficará signal nenhum. O governo não desconfiará de nada. Revd.^a madre, assim fica tudo arranjado?

—Não.

—Então o que temos mais?

—Resta o caixão vazio.

—Houve uma pausa. A priora meditava. Cortavento ficára pensativo.

—Pae Vento, o que se fará do caixão?

—Será levado para o cemiterio.

—Vazio?

Outro silencio. Cortavento fez com a mão esquerda essa especie de gesto como quem respondeu a uma pergunta.

—Revd.^a madre, sou eu que devo pregar o caixão na sala da egreja, e ninguem lá pôde entrar senão eu; cobrirei o caixão com o competente panno.

—Sim, mas os carregadores, ao leva-lo para o carro e ao deita-lo na cova, hão de infallivelmente sentir que não ha nada dentro.

—Ah! di...! exclamou Cortavento.

A priora começou um signal da cruz e olhou fixamente para o jardineiro. *Abô* ficou-lhe na garganta.

Deu-se pressa em improvisar um expediente para fazer esquecer a praga.

—Revd.^a madre, eu deitarei terra dentro do caixão. Assim ficará pesado como se encerrasse um corpo.

—Tem razão. A terra é a mesma cousa que o homem. Então você arranjará o caixão vazio?

—Fica por minha conta.

O semblante da priora, até então inquieto e sombrio, serenou-se. Fez ao jardineiro o signal do superior que despede o inferior. Cortavento dirigiu-se para a porta. No memento em que ia sahir, a priora levantou brandamente a voz:

—Pae Vento, estou contente com você; amanha, depois do enterro, venha apresentar-me seu mano, e diga-lhe que traga a menina.

IV

JOÃO VALJEAN PARECE TER LIDO AGOSTINHO CASTILLEJO.

Pernadas de coxo são como olhares de zarolho; não chegam depressa ao ponto para onde se dirigem. Além disto, Cortavento estava perplexo. Levou mais de um quarto de hora para voltar á barraca do jardim. Cosetta estava acordada. João Valjean sentára-a junto do fogo. No momento em que Cortavento entrou, João Valjean mostrava-lhe o cesto do jardineiro pendurado na parede e dizia-lhe:

—Ouve bem, minha Cosettinha. E' preciso sahir-mos desta casa, mas voltaremos e aqui estaremos muito a nosso gosto. O velho, dono desta barraca, ha de levar-te ás costas dentro daquelle cesto. Tu me esperarás em casa de uma velha. Eu irei buscar-te. Mas olha lá, se não queres voltar para o poder da Thénardier, obedece e não digas nada.

Cosetta fez um signal de cabeça com ar grave.

A' bulha que fez Cortavento abrindo a porta, João Valjean voltou-se.

—Então?

—Temos tudo e nada arranjado, disse Cortavento.

Concedêram-me licença para deixal-o entrar; mas antes de vme. entrar é preciso sahir. Aqui é que torce a porca o rabo. Quanto á menina é facil.

—Então você leva-a!

—E ella se calará?

—Eu lh'o afianço.

—Mas o senhor, pae Magdalena?

E, após instantes de silencio em que havia anxiedade, Cortavento exclamou:

—Homem, saia por onde entrou!

João Valjean, como da primeira vez, limitou-se a responder:

—E' impossivel.

Cortavento, fallando mais comsigo mesmo do que com João Valjean, resmoneou:

—Ha outra cousa que me atormenta. Eu disse que deitaria terra dentro; mas agora me lembro que terra em vez de um corpo, não póde servir, não illudirá; entrará a correr, a mexer-se para um e para outro lado, e os homens darão pela cousa. Vê o senhor, pae Magdalena? O governo descobrirá tudo.

João Valjean encarou-o fixamente, e suppôz que elle delirava.

Cortavento proseguiu:

—Como di...abo ha de ser para o senhor sahir? E' forçoso que tudo esteja arranjado amanha! Amanhan é que eu devo trazê-lo. A priora espera-o.

Então explicou a João Valjean que a licença obtida era em recompensa de um serviço que elle Cortavento fazia á commuidade. Que entrava nas suas attribuições intervir nos enterros, pregando os caixões e ajudando o coveiro no cemiterio. Que a religiosa fallecida pela manhan pedira para ser depositada no carneiro debaixo do altar da capella, dentro do caixão que lhe servia de leito. Que isto era prohibido pelos regulamentos da policia, mas que a defunta era uma dessas a quem nada se recusa. Que a priora e as madres vogaes haviam deliberado que se cumprisse o voto da finada. Que bem pouco se lhe dava que em tudo isto fosse o governo o logrado. Que elle Cortavento pregaria o caixão na cella, levantaria a pedra na capella e depositaria o cadaver no carneiro. E que, para recompensa-lo, a priora admittia na casa seu irmão como jar-

dineiro e sua sobrinha como pensionista. Que seu irmão era o senr. Magdalena e sua sobrinha Cosetta. Que a priori lhe dissera que trouxesse seu irmão no dia seguinte á noitinha, depois do enterro fingido no cemiterio. Mas que elle não poderia trazer de fóra o senr. Magdalena se o senr. Magdalena não estivesse fóra. Que nisto consistia o principal embaraço. E havia outro que tambem lhe dava agua pela barba,—o caixão vasio.

—O que vem a ser esse caixão vazio? perguntou João Valjean.

Cortavento respondeu:

—O caixão da empreza.

—Que caixão? que empreza?

—Olhe, uma religiosa morre, o medico da municipalidade vem, e diz: «Morreu uma religiosa.» O governo manda um caixão. No dia seguinte manda um carro e gatos pingados para levarem o caixão e conduzi-lo ao cemiterio. Os gatos pingados virão, pegarão no caixão, e o acharão vazio.

—Pois deite dentro alguma cousa.

—Um defunto? Não tenho nenhum.

—Bem sei.

—Então o que?

—Um vivo.

—Que vivo?

—A mim, disse João Valjean.

Cortavento que se tinha sentado, levantou-se como se lhe houvesse arreventado uma bomba debaixo da cadeira.

—O senhor!

—Porque não?

João Valjean sorriu-se com um desses seus raros sorrisos, que eram como um clarão em um céu de inverno.

—Lembre-se, Cortavento, que quando você disse: «A madre Crucificação morreu», eu accrescentei: «E o pae Magdalena está enterrado.» Realizar-se-ha assim o meu dito.

—Deveras! o senhor está brincando, não falla seriamente.

—Mui seriamente. Não é forçoso sahir daqui?

—De certo.

—Eu lhe disse que tambem arranjasse para mim um cesto com tampa.

—E então?

—Pois bem, o cesto será de pinho, e a tampa um panno preto.

—Está enganado. O panno com que se cobre o caixão das religiosas é branco.

—Não faz mal; seja branco o panno.

—Tambem é a côr que mais lhe convem, pae Magdalena, porque vme. não é um homem como os outros.

Ver semelhantes lembranças, que nada mais são do que as selvaticas e temerarias invenções das galés, sahirem das cousas placidas que o rodeavam e ajuntarem-se ao que elle chamava o *ramrãozinho do convento*, causava a Cortavento um pasmo comparavel ao de um viandante que visse um goelano a pescar no rego da rua de San'Diniz.

João Valjean continuou:

—Cumpre que eu saia daqui sem ser visto. Aqui está um meio. Mas primeiro explique-me tudo. Como é que se arranja isso? onde está o caixão?

—O vazio?

—Sim.

—Está na sala que chamam das defuntas. Descansa em cima de dous cavalletes, coberto com o panno.

—Qual é o comprimento do caixão?

—Seis pés.

—E o que vem a ser a sala das defuntas?

—E' uma camara do pavimento terreo com uma janella gradeada que dá para o jardim e se fecha do lado de fóra com um postigo, e duas portas, uma que vae ter ao convento, outra que vae ter á igreja.

—Que igreja?

—A igreja da rua, a igreja de todos.

—Você tem as chaves dessas duas portas?

—Tenho apenas uma, a da porta que communica com o convento; o porteiro é quem guarda a da que communica com a igreja.

—Quando é que o porteiro abrirá essa porta?

—Unicamente para deixar entrar os homens que virão buscar o caixão. Assim que o caixão sahir tornará a fecha-la.

—Quem é que prega o caixão?

—Eu.

—Quem o cobre com o panno?

—Tambem eu.

—E você estará sozinho?

—Nenhum outro homem, excepto o medico da policia, pode entrar na sala das finadas. Isto mesmo lá está escripto na parede.

—Esta noite, quando todos estiverem dormindo no convento, poderá você esconder-me nessa sala?

—Não. Mas posso escondê-lo em um quartinho escuro que dá para a sala das mortas, onde guardo a minha ferramenta, e cuja chave nunca sahe da minha mão.

—A que horas virá o carro amanha buscar o caixão?

—A's 3 da tarde. O enterro será no cemiterio de Vaugirard, um pouco antes do anoitecer. Já vê que daqui até lá vae um bom pedaço de tempo.

—Pois bem, ficarei escondido no tal quartinho toda a noite e toda a manhan. Mas, é verdade! e a comida? Eu hei de sentir fome.

—Levar-lhe-hei de comer.

—Você poderia ir fechar-me dentro do caixão ás duas horas.

Cortavento recuou e fez estalar os ossos dos dedos.

—E' impossivel!

—Ora! pegar em um martello e pregar uma taboa?

O que parecia assombroso a Cortavento era, repetimo-lo, simplicissimo para João Valjean. João Valjean tinha passado por transes muito mais difficeis. Todo aquelle que esteve preso sabe a arte de encolher-se segundo o diametro da evasão. O preso é sujeito á fuga como o doente á crise que o salva e o perde. Uma evasão é uma cura. O que não aceitará um doente para ficar bom? Deixar-se fechar e transportar dentro de uma caixa como um fardo, viver por largo espaço alli mettido, achar ar onde nenhum ha, economisar a respiração horas inteiras, saber estar abafado sem morrer; taes eram os sombrios talentos de João Valjean.

Demais, esse expediente de forçado, um caixão dentro do qual ha um vivo, é tambem um expediente de

imperador. Se devemos crêr no monge Agostinho Castillejo, tal foi o meio que Carlos V, querendo ver a Plombes pela ultima vez depois da sua abdicção, empregou para a fazer entrar e sahir do convento de San Justo.

Cortavento, um tanto mais calmo, exclamou:

—Mas como ha de ser para o senhor respirar?

—Respirarei.

—Dentro do caixão ! Pois eu cá só de pensal-o sinto-me suffocado.

—Você ha de ter uma verruma; faça alguns buraquinhos aqui e acolà na altura da bocca, e até quando pregar a tampa pôde mesmo deixar de a unir bem ao caixão.

—Vá lá ! porém se lhe acontecer tossir ou dar um espirro ?

—Quem foge não tosse nem espirra.

E João Valjean accrescentou:

—Pae Cortavento, cumpre escolher: ou ser apalhado aqui, ou accitar a sahida pelo meio de que fallamos.

Não haverá quem não haja notado o gosto que teem os gatos de parar e pôr-se a traquinar entre os dous batentes de uma porta entreaberta. Quem não terá dito para um gato: « Entra de uma vez ! » Ha homens que, em uma conjunctura entre-aberta deante de si, teem do mesmo modo uma tendencia a ficar indecisos entre duas resoluções, com risco de se deixarem esmagar pelo destino, fechando repentinamente a porta. Os demasiadamente prudentes, por mais gatos que sejam e mesmo por serem gatos, correm ás vezes mais perigo do que os audazes. Cortavento tinha este character hesitante. Comtudo, o sangue frio de João Valjean começava a communicar-se-lhe a seu pesar. Resmungou:

—A fallar a verdade, não vejo outro meio.

João Valjean continuou:

—A unica cousa que me inquieta é o que se passará no cemiterio.

—Pois é justamente o que não me dá o menor cuidado ! exclamou Cortavento. Se vim. tem certeza de sahir-se bem do caixão, eu cá tenho certeza de tira-lo limpamente da cova. O coveiro é um borracho meu

amigo. O pae Mestienne. Um velho amante da pinga. O coveiro mette os defuntos dentro da sepultura, e eu metto-o dentro da minha algibeira. Vou-lhe dizer como as cousas se passarão. O enterro chegará ao cemiterio á tardinha, tres quartos de hora antes de se fecharem as grades. O carro irá até junto da sepultura. Segui-lo-hei, é a minha obrigação. Levarei no bolso um martello, um formão e uma torquez. Parando o carro, os *gatos pingados* atarão uma corda em roda do caixão e o descerão á sepultura. O padre engrolará as suas rezas, fará o signal da cruz, deitará agua benta, e se mandará mudar. Ficarei só com o pae Mestienne. Já lhe disse que elle é meu amigo. De duas uma: ou o coveiro estará bebado, ou não. Se não estiver, digo-lhe: « Anda beber uma pinga emquanto o *Bom Marmelo* ainda está aberto. » Levo-o comigo, emborracho-o (pae Mestienne não é difficil de emborrachar; anda sempre com um principio de carraspana), deixo-o estendido debaixo da mesa, tiro-lhe o seu attestado para tornar a entrar no cemiterio, e volto sem elle. Vm. então só terá de haver-se commigo. Se estiver bebado, digo-lhe: « Vae-te embora. Eu farei o teu trabalho. » Elle safar-se-ha, e eu tirarei vm. do buraco.

João Valjean estendeu-lhe a mão, e Cortavento apertou-a vivamente com toda a sua cordialidade campestina.

—Está dito, pae Cortavento. Tudo sahirá bem.

—Comtanto que não haja algum transtorno, pensou Cortavento. Se isto se tornasse terrivel !

V

A QUALIDADE DE BEBADO NÃO IMPLICA A DE IMMORTAL.

No dia seguinte, pouco antes do pôr do sol, os raros viandantes do *boulevard* do Malne tiravam o chapéu ao ver passar um antigo carro de enterro, ornado de caveiras, de ossos e de lagrimas. Nesse carro via-se um caixão coberto com um panno branco, tendo no meio uma comprida cruz preta que semelhava um gigantesco cadaver com os braços pendentes. Uma carruagem enlutada, dentro da qual se via um padre de sobrepeliz e um sacristão de solidéo encarnado, seguia atrás. A' esquerda e á direita do carro iam quatro homens de libré côr de cinza com gollas e canhões pretos. Atrás caminhava um velho vestido como um obreiro e que coxeava. O prestito dirigia-se para o cemiterio de Vaugirard.

Via-se sahir da algibeira do velho o cabo de um martello, a lamina de um formão e as duas pernas de uma torquez.

O cemiterio de Vaugirard era uma excepção entre os cemiterios de Pariz. Tinha suas usanças particulares,

assim como tinha o seu portão e a sua porta trazeira, que os velhos do bairro, zelosos cultores das antigas qualificações, chamavam porta nobre e porta plebéa. As bernardas-benedictinas do Petit-Picpus tinham obtido, como já dissemos, permissão de alli serem enterradas em um canto á parte, e de noite, por ter o terreno pertencido outr'ora á sua comunidade. Os coveiros, tendo deste modo serviço no cemiterio, de tarde no verão, e de noite no inverno, achavam-se sujeitos a uma disciplina particular. As portas dos cemiterios de Pariz fechavam-se naquella época ao pôr do sol; e, sendo isto uma medida de ordem municipal, o cemiterio de Vaugirard a ella se submettia como os demais. A porta nobre e a porta plebéa eram duas grades contiguas, tendo ao lado um torreão edificado pelo architecto Perronnet onde residia o porteiro do cemiterio. Estas grades gyravam inexoravelmente sobre os seus gonzos assim que o sol desaparecia por detrás do zimbório dos Inválidos. Se algum coveiro nesse momento se achava ainda dentro do cemiterio, só tinha um recurso para sahir, o attestado do coveiro, passado pela empreza dos enterros. No postigo da janella do porteiro havia uma especie de caixa de correio. O coveiro deitava dentro della o seu attestado, o porteiro ouvia-o cahir, puxava o cordão, e a porta plebéa abria-se. Se o coveiro não trazia comsigo o attestado, dizia o seu nome; o porteiro, ás vezes já deitado, levantava-se, ia reconhece-lo, e abria a porta com a chave; o coveiro sahia, mas pagava quinze francos de multa.

Este cemiterio, com suas originalidades contrarias ao regulamanto, perturbava a symetria administrativa. Extinguiram-n'o depois de 1830. O cemiterio do Monte Parnaso, chamado do Nascente, succedeu-lhe, e herdou essa famosa taverna contigua ao cemiterio de Vaugirard, a qual tinha na frente um marmello pintado em uma taboa, achando-se de um lado as mesas dos freguezes, ao passo que o outro lado olhava para os tumulos; na taboleta lia-se o letreiro: *Ao Bom Marmello*.

O cemiterio de Vaugirard era o que poderia chamar-se um cemiterio já gasto. Cahia em desuso. O musgo invadia-o, as flores abandonavam-n'o. Os burguezes gostavam bem pouco de ser esterrados em Vaugirard;

tudo alli cheirava a pobreza. O Père Lachaise, isso sim! ser enterrado no Père Lachaise era o mesmo que ter mobilia de acaju. Tudo alli era elegante. O cemiterio de Vaugirard tinha um recinto veneravel, plantado como um antigo jardim francez. Ruas em linha recta, buxos, azevinhas, velhos tumulos debaixo de velhos teixos, a relva mui crescida. Á noite revestia-se de um aspecto tragico. Havia alli vultos mui lugubres.

O sol ainda não se havia recolhido quando o carro do panno branco e com cruz preta entrou na avenida do cemiterio de Vaugirard. O homem coxo que o seguia não era outro senão Cortavento.

O enterro da madre Crucificação no carneiro por baixo do altar, a saída de Cosetta, a introdução de João Valjean na sala das mortas, tudo se executára sem embaraço, sem que nada houvesse transpirado.

Digamo-lo de passagem, a inhumação da madre Crucificação por baixo do altar do convento é para nós uma cousa perfeitamente venial. É uma dessas faltas que parecem um dever. As religiosas a tinham praticado, não só sem inquietação, mas com applauso da sua consciencia. No claustro, o que se chama *governo* nada mais é do que uma ingerencia da autoridade, ingerencia sempre contestavel. Primeiro que tudo, a regra; quanto ao codigo, isso fica para depois. Homens, fazei quantas leis vos apprenver, mas guardae-as para vós. A portagem de Cesar nunca é senão o resto da portagem de Deus. Um principe nada é junto de um principio.

Cortavento ia coxeando atrás do carro, contentissimo. As suas duas tramas gemeas, uma com as religiosas, outra com o seur. Magdalena, uma pró, outra contra o convento, haviam sortido o mais cabal effeito. A calma de João Valjean era dessas tranquillidades cheias de vigor que se comunicam. Cortavento já não duvidava do resultado. O que restava que fazer era nada. No espaço de dous annos havia elle emborrachado dez vezes o coveiro, o bom pae Mestienne, velhote bochechudo. Fazia delle o que queria. Era o seu joguete. Dobrava-o á sua vontade e á sua fantazia. Mestienne era como uma machina que Cortavento fazia mover como bem lhe aprazia. A seguridade de Cortavento era, pois, completa.

No momento em que o prestito entrou na avenida que ia ter ao cemiterio, Cortavento, contente, olhou para o carro e esfregou as calosas mãos, dizendo por entre dentes:

—Que boa lembrança !

De repente o carro parou; tinha chegado á grade. Era preciso mostrar a guia. O homem da empresa dos enterros fallou com o porteiro. Durante este colloquio, que produziu uma parada de uns dous minutos, um individuo, um desconhecido, veio postar-se atrás do carro ao lado de Cortavento. Era uma especie de obreiro, que trajava uma jaqueta com grandes bolsos e trazia um alvião debaixo do braço.

Cortavento olhou para o desconhecido.

—Quem é você ? perguntou.

O homem respondeu:

—Sou o coveiro.

Se alguém sobrevivesse a uma bala de artilharia dando-lhe em cheio no peito mostraria de certo a cara com que ficou Cortavento.

—O coveiro !

—Sim.

—Você !

—Eu mesmo.

—O coveiro é o pae Mestienne.

—Era.

—Como ! era ?

—Sim, porque morreu.

Cortavento contára com tudo, menos com a possibilidade da morte de um coveiro. Entretanto nada ha mais certo; os proprios coveiros morrem. A' força de abrirem sepulturas para os outros, lá chega o dia em que abrem a sua propria.

Cortavento ficou boquiaberto. Mal pôde murmurar gaguejando:

—Mas não é possível !

—E' como lhe digo.

—Porém, tornou elle em voz debil, o coveiro é o pae Mestienne.

—Depois de Napoleão, Luiz XVIII. Depois de Mestienne, Gribier. Camponcz, chamo-me Gribier.

Cortavento, pallido como uma mortalha, olhou para o tal Gribier.

Era um homem comprido, magro, livido, perfeitamente funebre. Tinha o ar de um medico incompleto, transformado em coveiro.

Cortavento soltou uma gargalhada.

—Ah! sempre acontece cada coisa neste mundo! o pae Mestienne morreu. O paizinho Mestienne morreu; porém viva o paizinho Lenoir! Sabe quem é o paizinho Lenoir? E' a bilhasinha do vermelho de seis soldos. E' a bilha do Surène, com a fortuna! do verdadeiro Surène de Paris! Ah! o velho Mestienne morreu! Sinto muito, era um patusco. Mas você tambem é patusco; não é assim, camarada? Daqui ha bocadinho iremos tomar uma pinga.

O homem respondeu:

—Eu fui estudante. Cheguei até á quarta classe. Nunca bebo.

O carro puzera-se de novo em movimento e rodava pela rua principal do cemiterio.

Cortavento demorára o passo. Coxeava muito mais de anxiedade do que pelo defeito da perna.

O coveiro caminhava adeante delle.

Cortavento tornou a examinar esse Grabrier inopinado.

Era um desses homens que, moços, parecem velhos e têm extraordinaria força, apesar da sua magreza.

—Camarada! gritou Cortavento.

O homem voltou-se.

—Eu sou o coveiro do convento.

—Meu collega, tornou o outro.

Cortavento, pouco lettrado mas espertissimo, comprehendeu que havia-se com um interlocutor da peor especie, com um pernostico.

Resmoneou.

—Então o pae Mestienne morreu?

O homem respondeu:

—Completamente. Deus consultou o seu canhenho de letras a vencer. Era chegada a vez do pae Mestienne. O pae Mestienne morreu.

Cortavento repetiu machinalmente:

—Deus.

—Sim, Deus, repetiu o homem com autoridade. Para os philosophos, o Padre Eterno, para os jacobinos, o Ente Supremo.

—Então não travaremos conhecimento ? balbuciou Cortavento.

—Já está travado. Você é camponez, eu sou pariziense.

—Mas a gente só se fica conhecendo bem depois de beber uma pinga em companhia. Quem esvasia o copo esvasia o coração. Venha beber comigo. Isto é cousa que não se recusa.

—Primeiro que tudo, o trabalho.

Cortavento disse com os seus botões: «Estou perdido.»

O carro achava-se a pouca distancia do recanto reservado ás religiosas.

O coveiro continuou:

—Camponez, eu tenho sete filhos a quem devo sustentar. Como é preciso que elles tenham que comer, faço por não beber.

E accrescentou com a satisfação de um homem grave que achou um dito sentencioso:

—A sua fome é inimiga da minha sêde.

O carro dobrou o angulo de um bosque de cypresses, sahiu da rua principal, entrou em outra, e avançou por entre uma mata de arbustos. Indicava isto a proximidade immediata da sepultura. Cortavento encurtava o passo, mas não podia demorar o movimento do carro. Felizmente a terra, solta e molhada pelas chuvas do inverno, pegava-se ás rodas e retardava a marcha.

Chegou-se para o coveiro.

—Olhe, disse-lhe, ha aqui perto um vinhozinho d'Argenteuil que é muito superior.

—Camponez, tornou o homem, eu não estava destinado a ser coveiro. Meu pae era porteiro do Pritaneo. Destinava-me á litteratura. Mas soffreu grandes revezes. Teve perdas consideraveis na *Bolsa*. Foi-me forçoso renunciar á profissão de autor. Todavia ainda sou escriptor publico.

—Mas então não é coveiro ? tornou Cortavento agarrando-se de novo a este ramo, bem fragil.

—Uma cousa não impede a outra. Accumulo.

Cortavento não comprehendeu esta ultima palavra.

—Vamos beber, disse.

Aqui é necessaria uma observação. Cortavento, ape-

sar da angustia que o atribulava, convidava para beber, mas não se explicava sobre um ponto: quem pagará? De ordinario Cortavento offerencia, e o pae Mestienne pagava. Um convite para beber resultava evidentemente da situação nova creada pelo novo coveiro, e esse convite, cumpria fazê-lo; mas o velho jardineiro, não sem intenção, nada dizia a respeito do proverbial *quart d'heure de Rabelais*. Quanto a elle Cortavento, por mais profundamente abalado que se achasse, no que menos pensava era em pagar.

O coveiro proseguiu com um sorriso cheio de superioridade:

—É preciso ter pão para comer. Aceitei a vaga do pae Mestienne. Quem chega quasi a completar os seus estudos torna-se philosopho. Ao trabalho da mão ajuntei o do braço. Tenho a minha tenda de escriptor no mercado da rua de Sèvres. Você sabe? O mercado dos Guardachuvas. Todas as cozinheiras da Croix-Rouge me procuram. Atamanco-lhes as suas declarações aos soldados amanteticos. Pela manhã escrevo cartinhas amorosas, de tarde cavo sepulturas. Tal é a minha vida, camponez.

O carro avançava. Cortavento, no auge da inquietação, volvia os olhos em torno de si. Grossas gottas de suor lhe cahiam da testa.

—Contudo, continuou o coveiro, não é possível servir a duas amas. Devo optar pela penna ou pela enxada. A enxada estraga-me as mãos.

O carro parou.

O sacristão apeou-se da carruagem e após elle o padre.

Uma das rodas dianteiras do carro tocava em um monte de terra, por detrás do qual se via uma cova aberta de fresco.

—Ora ahí está no que deu a boa lembrança! murmurou Cortavento consternado.

VI

ENTRE QUATRO TABOAS.

Quem estava dentro do caixão ? O leitor já o sabe—João Valjean.

João Valjean tomára as suas medidas para viver alli dentro, e respirava pouco mais ou menos.

É uma cousa estranha a segurança que a tranquillidade da consciencia communica a tudo o mais. Toda a combinação permeditada por João Valjean sortia effeito, e do modo mais completo, desde a vespera. Contava, como Cortavento, com o pae Mestienne. Não duvidava do resultado. Nunca se houvera visto uma situação mais critica a par da mais completa calma.

Das quatro taboas do caixão transuda uma especie de paz terrivel. Dissereis que havia um tanto do repouso dos mortos da tranquillidade de João Valjean.

De dentro desse caixão pudera seguir e seguia todas as phases do formidavel drama que representava com a morte.

Pouco depois que Cortavento pregára a tampa do caixão, João Valjean sentira-se levantar, depois rodar. Tendo cessado os sollavancos, inferiu que o carro dei-

xára as calçadas e rodava em terra unida, isto é, que sahira das ruas e entrára nos *boulevards*. Por uma bulha surda que ouviu, adivinhára que atravessava a ponte de Austerlitz. Quando o prestito parou pela primeira vez comprehendêra que entrava no cemiterio; na segunda parada dissera comsigo mesmo: « Eis a cova. »

De repente sentiu que pegavam no caixão, ouviu um roçar rouco de encontro ás taboas; concluiu que era a corda que lhe atavam para descê-lo ao fundo da sepultura.

Depois teve uma especie de atordoamento.

Provavelmente os *gatos pingados* e o coveiro tinham deixado o caixão inclinar-se, fazendo-o descer com o lado da cabeça para baixo. Tornou de todo a si quando se achou em posição horizontal e immovel. Aca-bava de chegar ao fundo.

Sentiu certo frio.

Ergueu-se por cima delle uma voz glacial e solemne. Ouviu soar umas após outras, tam baixo que apenas podia percebê-las, palavras latinas que não entendia:

—*Qui dormiunt in terræ pulvere, evigilabunt, alii in vitam æternam, et alii in opprobrium, ut videant semper.*

Uma voz infantil disse:

—*De profundis.*

A voz grave recommçou:

—*Requiem æternam dona ei, Domine.*

A voz infantil respondeu:

—*Et lux perpetua luceat ei.*

Ouviu na taboa que o cobria um como brando bater de algumas gotas de chuva. Era provavelmente agua benta.

Pensou: « Isto vae acabar. Tenhamos mais um instante de paciencia. O padre não tarda a retirar-se. Cortavento levará Mestienne para a taverna. Deixar-me-hão aqui. Depois Cortavento voltará só e eu sahirei. É uma boa hora que terei de esperar. »

A voz grave tornou:

—*Requiescat in pace.*

E a voz infantil disse:

—*Amen.*

João Valjean, applicando o ouvido, suppoz perceber um como rumor de passos que se afastavam.

—Ei-los que se retiram, disse consigo mesmo. Estou só.

De repente ouviu por cima da cabeça uma bulha semelhante ao estrondo do trovão.

Era uma pázada de terra que cahia em cima do caixão.

Cahiu segunda.

Um dos buracos por onde elle respirava ficou tapado.

Depois cahiu terceira pázada de terra.

Cahiu outra.

Ha cousas mais fortes que o homem mais forte. João Valjean perdeu os sentidos.

VII

INCONVENIENTES DE NÃO TER COMSIGO O ATTESTADO.

Eis o que se passava junto da cova em cujo fundo jazia João Valjean dentro do caixão.

Quando o carro se afastou, quando o padre e o sacristão tornaram a entrar para a carruagem e se retiraram, Cortavento, que não tirava os olhos de cima do coveiro, via o abaixar-se e tomar a pá, que estava á direita fincada no monte de terra.

Então Cortavento tomou uma resolução suprema. Postou-se entre a sepultura e o coveiro, cruzou os braços, e disse:

—Son eu que pago!

O coveiro encarou-o admirado, e respondeu:

—O que, camponez?

Cortavento repetiu:

—Son eu que pago!

—O que?

—O vinho.

—Que vinho?

—O Argenteuil.

—Que Argenteuil?

—O que se vende no *Bom Marmello*.

—Vá para o diabo ! disse o coveiro.

E lançou uma pázada de terra em cima do caixão.

Um som ouco sahiu de dentro da sepultura. Cortavento sentiu vacillarem-lhe as pernas e pareceu-lhe que ia cahir tambem no fundo da cova. Bradou com uma voz que começava a tornar-se suffocada qual a de um agonizante:

—Camarada, ande, antes que se feche o *Bom Marmello*.

O coveiro encheu de novo a pá. Cortavento continuou:

—Eu pago.

E travou o braço do coveiro.

—Ouça, camarada. Eu sou o coveiro do convento, e aqui estou para ajuda-lo. Este trabalho póde fazer-se de noite. Vamos primeiro tomar uma pinga.

E assim fallando e agarrando-se a esta insistencia desesperada, fazia mentalmente a lugubre reflexão:— E dado o caso que elle beba, perderá o juizo ?

—Provinciano, disse o coveiro, já que fez tanto empenho, aceite. Iremos beber. Depois do trabalho, antes não.

E fez um movimento para lançar outra porção de terra, Cortavento o deteve.

—É um Argenteuil de seis soldos !

—Apague ! disse o coveiro, você parece sineiro. Din don, din don; não sabe dizer outra cousa. Ora vá bugiar.

E lançou a segunda pazada de terra.

Cortavento tinha chegado ao ponto em que já não sabemos o que dizemos.

—Venha, vamos tomar a pinga, bradou: já lhe disse que sou eu que pago !

—Depois que tivermos deitado a menina, tornou o coveiro.

E lançou outra pazada.

Depois metten a pá na terra e accrescentou:

—Olhe, a noite ha de ser muito fria, e a defunta queixar-se-hia de nós se a deixassemos assim descoberta.

Neste momento o coveiro abaixava-se para encher a pá, e como se abaixasse, escancaravam-se-lhes os bolsos da jaqueta.

O olhar desvairado de Cortavento fitou-se machinalmente em um desses bolsos e cravou-se nelle.

O sol não se tinha ainda escondido no horizonte; havia luz sufficiente para se poder distinguir o que quer que fosse branco dentro desse bolso aberto.

Toda a luz que pôde scintillar nos olhos de um camponio picardo scintilou nos de Cortavento. Acabava de occorrer-lhe uma idéa.

Sem que o coveiro, entretido em encher a pá, o percebesse, metten-lhe por detrás a mão no bolso e tirou o objecto branco que avistára.

O coveiro lançou dentro da sepultura a quarta pazada de terra.

Nomomento em que se voltava para tornar a encher o seu instrumento, Cortavento encarou-o com profunda calma e disse:

—A proposito, novato, você tem o seu attestado ?
O coveiro deteve-se.

—Que attestado ?

—O sol não tarda a recolher-se.

—Pois bem, elle que ponha o seu barrete de dormir e tenha muito boa noite.

—A grade do cemiterio vae fechar-se.

—E o que tenho eu com isso ?

—Você trouxe o seu attestado ?

—Ah ! o attestado ! disse o coveiro.

E metten a mão no bolso.

Revistado um, passou a revistar o outro. Depois explorou os do collete, virando os mesmos de dentro para fóra.

—E esta ! disse, não o trouxe, Esqueci-o de certo em casa.

—Quinze francos de multa, tornou Cortavento.

O coveiro tornou-se verde. O verde é a pallidez das pessoas lividas.

—Ah ! com seiscentos mil milheiros ! exclamou.
Quinze francos de multa !

—Tres moedinhas de cem soldos disse Cortavento.

O coveiro deixou cahir a pá.

Agora cabia a Cortavento serrar de cima.

—Ora vamos, recruta, disse elle, não se desespere. Pelo que vejo, quer matar-se e aproveitar a cova que abriu ? Ora adeus ! quinze francos são quinze francos,

e demais você pôde deixar de paga-los. Eu sou velho, o camarada é novico. Vou dar-lhe um conselho de amigo. Não padece da vida que o sol vae recolher-se, já está perto do zimbório; o cemiterio se fechará daqui a cinco minutos.

—É verdade, disse o coveiro.

—Em cinco minutos você não será capaz de encher esta cova, que é funda como o diabo, e por conseguinte, quando chegar á grade já a encontrará fechada.

—Assim é.

—Nesse caso, quinze francos de multa.

—Quinze francos!

—Mas o camarada tem tempo. Onde é que mora?

—A dous passos da barreira. A um quarto de hora daqui. Na rua de Vaugirard n. 87.

—Bem digo eu, tem tempo, uma vez que saia quanto antes e vá correndo.

É exacto.

—Chegando á casa, toma o seu attestado, e volta n'um pulo. O porteiro deixa-o entrar. Como você apresenta o attestado, não tem que pagar multa. E enterra o seu defunto. Vá; eu aqui fico de guarda para que elle não fuja.

—Camponez, você salva-me a vida.

—Raspe-se, homem, disse Cortavento.

O coveiro, cuja gratidão tocava ao maior auge, sacudi-lhe a mão, e afastou-se correndo.

Assim que desapareceu na matta, Cortavento applicou o ouvido até cessar a bulha dos passos, depois inclinou-se para a cova e disse em voz baixa:

—Pae Magdalena!

Nada de resposta.

Cortavento estremeceu. Deixou-se cahir dentro da cova antes do que desceu, lançou-se á cabeceira do caixão e gritou:

—Está ouvindo, pae Magdalena?

O mesmo silencio dentro do caixão.

Cortavento, quasi que já sem poder respirar de tam tremulo que estava, tirou do bolso o formão e o martello, e fez saltar a tampa do caixão. O rosto de João Valjean appareceu á luz crepuscular, com os olhos fechados, pallido.

Os cabellos de Cortavento arripiaram-se; ergueu-se, e logo cahiu encostado á parede da cova, prestes a estender-se por cima do caixão. Olhou para João Valjean.

João Valjean alli jazia, livido e immovel.

Cortavento murmurou em voz tam baixa como uma respiração:

—Está morto!

E erguendo-se, cruzando os braços tam violentamente que os punhos vieram bater-lhe nos hombros, exclamou:

—Ahi teem como eu o salvei!

Então o pobre velho pôz-se a soluçar, monologando, o que mostra o erro dos que creem que o monologo não é natural. Os abalos profundos fallam muitas vezes em voz alta.

—A culpa é do pae Mestienne. Para que morreu essa besta! que pressa tinha de arrebentar no momento em que a gente menos o esperava! foi elle que matou o senr. Magdalena. Pobre pae Magdalena! ei-lo dentro do caixão. Está todo inteirigado. Acabou-se tudo. Mas tambem é isto cousa que se faça? não foi uma rematada loucura? Ah! meu Deus! morreu! E agora, a menina, o que farei della? o que hei de dizer á mercadora de fructas? Deus do céu! pois é possível que um homem destes tenha tam triste fim! Quando me lembro que elle se metten debaixo da carroça para salvar-me! Pae Magdalena! pae Magdalena! Não ha que ver, ficou suffocado, eu bem o dizia. Antes me tivesse acreditado. E então! não foi uma engradada travessura? Morreu, esse homem honrado, a melhor creatura d'entre todas as creaturas de Deus! E a sua pequena! Ah! decididamente não volto para o convento. Fico aqui. Fazermos uma asneira deste lote! De que nos servia sermos velhos, se haviamos de mostrar menos juizo que duas creanças! Mas como se houve elle para entrar no convento? já daqui começa a historia. Estas cousas não se devem fazer. Pae Magdalena! pae Magdalena! pae Magdalena! Magdalena! Senr. Magdalena! Senr. *maitre*! Qual! já não me ouve. Tire-se agora uma pessoa de semelhante entaladella!

E arrancou os cabellos.

Ouviu-se ao longe por entre as árvores um rangido agudo. Era a grade do cemiterio que se fechava.

Cortavento inclinou-se para João Valjean, deu uma especie de salto e recuou tanto quanto é possível recuar dentro de uma cova. João Valjean tinha os olhos abertos, e encarava-o.

Ver uma morte é horrivel, ver uma resurreição o é quasi tanto. Cortavento ficou como petrificado, pallido, fóra de si, atordoado por todos esses excessos de commoções, não sabendo se se havia com um morto ou com um vivo, olhando para João Valjean que o encarava.

— Ia pegando no somno, disse João Valjean.

E sentou-se dentro do caixão.

Cortavento cahiu de joelhos.

— Virgem Santissima! que medo me metteu o senr.!

Depois levantou-se, e gritou:

— Obrigado, pae Magdalena!

João Valjean tinha apenas desmaiado. O ar livre o fizera tornar a si.

A alegria é refluxo do terror. Cortavento precisava recobrar os sentidos quasi tanto como João Valjean.

— Então o senhor não morreu! Oh! quanto espirito tem o pae Magdalena! Tanto o chamei que tornou a si. Quando o vi com os olhos fechados disse: Bem! ei-lo suffocado. Eu ficaria doudo, verdadeiramente doudo de pedras. Mandar-me-hiam para Bicêtre. O que queria que eu fizesse se vmc. morresse? e a menina! a mercadora de fructas é que ficaria dando ao diabo a cardada. Pespegamos-lhe com a creança às costas e morre o avô! Que historia, meus bons santos do paraíso, que historia! Ah! o senhor está vivo, eis ahí o remate da festa.

— Estou com frio, disse João Valjean.

Estas palavras chamáram de todo Cortavento á realidade, que era urgente. Estes dous homens, bem que houvessem tornado a si, tinham ambos a alma agitada, e dentro em si mesmos sentiam um terror vago inspirado pelo aspecto sinistro do lugar.

— Saíamos depressa daqui, bradou Cortavento.

Metteu a mão no bolso e tirou um frasquinho empalhado de que se havia munido.

— Mas primeiro uma pinga! disse.

O frasco acabou o que o ar livre começára. João Valjean bebeu um trago de aguardente e recobrou de todo os sentidos.

Sahio do caixão, e ajudou Cortavento a pregar-lhe a tampa.

Tres minutos depois achavam-se fóra da cova.

Demais, Cortavento estava tranquillo: não se deu pressa. O cemiterio fechára-se. Não havia receio de surpresa da parte de Gribier. O *recruta* devia estar em casa, procurando o attestado, e sem a menor probabilidade de encontra-lo, visto achar-se elle no bolso de Cortavento. Sem o attestado, não se animaria a voltar ao cemiterio.

Cortavento tomou a pá e João Valjean a enxada, e ambos cobriram de terra o caixão vazio.

Quando a cova ficou cheia, Cortavento disse para João Valjean :

—Vamo-nos. Eu levo a pá; leve vm. a enxada.

Começava a escurecer.

João Valjean teve alguma difficuldade para mexer-se e andar. Entorpecêra-se dentro do caixão e tornára-se um tanto cadaver. Entre aquellas quatro taboas fôra presa da ankylose da morte. Foi preciso, por assim dizer, sacudir o gelo do sepulcro.

—Vm. está tolhido, disse Cortavento. É pena que eu seja cambaio, senão jogaríamos a luta para aquecê-lo.

—Qual ! tornou João Valjean, apenas der quatro passos estarei prompto.

Caminhavam pelas ruas por onde passára o carro. Chegados á grade fechada e ao torreão do porteiro, Cortavento, que trazia na mão o attestado do coveiro, deitou-o dentro da caixa, o porteiro puxou o cordão, a porta abriu-se, elles sahiram.

—Como tudo isto sahe ás mil maravilhas ! disse Cortavento; que boa lembrança teve vme., pae Magdalena !

Passaram a barreira de Vaugirard do modo mais simples do mundo. Nas vizinhanças de um cemiterio, uma pá e uma enxada são dous passaportes.

A rua de Vaugirard estava deserta.

—Pae Magdalena, disse Cortavento que ia andando a olhar para as casas, vme. tem melhor vista do que eu. Mostre-me onde é o n. 87.

—Ei-lo aqui justamente, disse João Valjean.

—Não ha ninguém na rua, tornou Cortavento. Dê cá a enxada, e espere-me dous minutos.

Cortavento entrou no n. 87, subiu ao ultimo andar, guiado pelo instincto que leva sempre o pobre ás aguas furtadas, e bateu á porta de um quarto sumida na escuridão. Uma voz respondeu:

—Entre.

Era a voz de Gribier.

Cortavento empurrou a porta. A morada do coveiro era, como todas essas miserias moradas, um cochicholo sem mobilia e empachado. Uma caixa de fazenda, — bem semelhante a uma tumba, — servia de coramoda, um pote de manteiga suppria a falta de talha, um enxergão a da cama, o chão a da mesa e cadeiras. Em um canto, em cima de uns farrapos que eram um velho pedaço de tapete, achava-se uma mulher magra e um enxame de creanças, como que amontoadas. Esse pobre interior mostrava signaes de completa desordem. Dissereis que alli se dera um terremoto *para um*. As tampas estavam levantadas, os trapos espalhados, o pote quebrado, a mulher tinha chorado, as creanças haviam sido provavelmente castigadas; todos os indícios de uma busca encarniçada e desabrida. Era visível que o coveiro procurára como um doudo o seu attestado, por cuja perda fizera responsavel tudo quanto se achava no cochicholo, desde o pote até a mulher. Estava desesperado.

Cortavento, com a pressa que tinha de chegar ao desenlace da aventura, não deu maior attenção a esta face triste do seu triumpho.

Entrou e disse:

—Aqui lhe trago a enxada e a pá.

Gribier encarou-o estupefacto.

—É você camponez?

—E amanha de manhan o porteiro do cemiterio lhe entregará o seu attestado.

E largou no chão a pá e a enxada.

—O que significa isto? perguntou Gribrier.

—Isto significa que o attestado cahiu-lhe da algebeira, que achei-o no chão depois que você sahio, que enterrei a defunta, que tapei a cova, que fiz o seu trabalho, que o porteiro lhe entregará amanha o attesta-

do, e que você não pagará quinze francos. Eis o que isto significa, recruta.

—Obrigado, camponez! exclamou Gribrier deslumbrado. Para outra vez, serei eu que pagarei a pinga.

VIII

INTERROGATORIO BEM SUCCEDIDO.

Uma hora depois, no meio da escuridão da noite, dous homens e uma menina paravam á porta n. 62 da pequena rua Picpus. O mais velho dos dous homens levantou a aldrava e bateu.

Eram Cortavento, João Valjean e Cosetta.

Os dous velhos tinham ido buscar Cosetta á casa da mercadora de fructas da rua do Chemin-Vert, onde Cortavento a depositára na vespera. Cosetta passára essas vinte e quatro horas sem nada comprehender e a tremer. Tremêra tanto que nem havia chorado. Não comêra nem tam pouco dormira. A digna mercadora de fructas fizera-lhe mil perguntas, sem obter outra resposta mais do que um olhar tristonho sempre o mesmo. Cosetta nada deixára transpirar do que vira e ouvira naquelles dous dias. Adivinhava que atravessavam uma crise. Sentia profundamente que lhe cumpria *ter juizo*. Quem não terá experimentado o poder soberano destas tres palavras pronunciadas em certo tom ao ouvido de um entezinho assustado: *Não digas nada!* O medo é mudo. De resto, ninguem guarda tam bem um segredo como uma creança.

Todavia, quando, após essas vinte e quatro horas, tornou a ver João Valjean, soltou um tal grito de alegria, que quem o houvesse ouvido com attenção teria adivinhado nelle o jubilo de quem sahe de um abysmo.

Cortavento era do convento e sabia-lhe as senhas. Todas as portas se abriram.

Assim ficou resolvido o duplo e temivel problema: sair e entrar.

O porteiro, que tinha sido avisado, abriu a portinha de serventia que dava do pateo para o jardim, e que, ha vinte annos, ainda se via da rua, no muro do fundo do pateo, defronte do portão. O porteiro introduziu-os todos tres por essa porta, e dalli dirigiram-se para o locutorio interior reservado, onde Cortavento, na vespera, recebera as ordens da priora.

Esperava-os esta de rosario na mão. Uma madre vogal, com o véu abaixado, estava junto de'la de pé. Uma vela discreta allumiava, quasi poderíamos dizer fingia allumiar o locutorio.

A priora examinou João Valjean. Os olhos baixos são os que examinam melhor.

Depois perguntou:

—É este que é seu irmão?

—Sim, revd.^a madre, respondeu Cortavento.

—Como se chama você?

Cortavento respondeu:

—Ultimo Cortavento.

Elle tinha tido comeffeito um irmão chamado Ultimo, que já era morto.

—De que terra é você?

Cortavento respondeu.

—De Picquigny, perto de Amiens.

—Quantos annos tem?

Cortavento respondeu:

—Cincoenta.

—Qual é o seu officio?

Cortavento respondeu:

—Jardineiro.

—Você é bom christão?

Cortavento respondeu:

—Na nossa familia nunca houve nenhum máu christão.

—Esta menina é sua?

Cortavento respondeu:

—É, revd.^a madre.

—Sua filha, não?

Cortavento respondeu:

—É neta.

A madre vogal disse em voz baixa para a priora:

—Elle responde bem.

João Valjean não proferira a menor palavra.

A priora olhou para Cosetta com attenção, e disse baixinho á madre vogal.

—Ha de ser feia.

As duas madres foram cochichar em um canto do locutorio, depois a priora voltou-se e disse:

—Pae Vento, trate de ver outra joelheira com guiso. Agora deve haver duas.

Comeffeito, no dia seguinte, ouvia-se o tinido de dous guizos no jardim, e as religiosas não resistiram á tentação de afastar um poucacinho o véu para espiar. No fundo, á sombra das arvores, viam dous trabalhando de enxada ao lado um do outro; Vento e um desconhecido. Acontecimento extraordinario. Houve tal que chegou a ponto de quebrar o silencio dizendo:

—E' o ajudante do jardineiro.

As madres vogaes accrescentavam:

—E' um irmão do Pae Vento.

João Valjean achava-se comeffeito regularmente estabelecido; tinha uma joelheira com o competente guiso; occupava posição official. Chamava-se agora Ultimo Cortavento.

A causa mais ponderosa da admissão fôra a observação da priora a respeito de Cosetta: «Ella ha de ser feia.»

A priora, pronunciando este prognostico, affeioou-se logo a Cosetta, e deu-lhe um lugar no collegio entre as pensionistas que eram educadas por caridade.

Nisto nada ha que não seja mui logico.

Em vão proscrevem-se os espelhos do convento; as mulheres têm uma consciencia para o seu rosto; ora, as moças que desconfiam que são lindas, com difficuldade chegam a ser religiosas; sendo a vocação muito mais facil na razão inversa da formosura, conta-se mais com as feias do que com as formosas. Dahi um vivo gosto pelas feiarronas.

Toda esta aventura engrandeceu o bom velho Cortavento: alcançou elle um triplice triumpho; para com João Valjean que salvou e abrigou, para com o coveiro Gribier que dizia. «Elle livrou-me da multa», para com o convento que, graças ao seu zelo, guardando o cadaver da madre Crucificação debaixo do altar, illudiu Cesar e satisfez a Deus. Houve um caixão com cadaver no Petit-Picpus e um caixão sem cadaver no cemiterio de Vaugirard; a ordem publica foi assim profundamente perturbada, mas de tal não deu fé. Quanto ao convento, grande foi a sua gratidão para com Cortavento. Tornou-se este o melhor dos servidores e o mais precioso dos jardineiros. Na primeira visita do arcebispo, a priora referiu o facto á sua grandeza, um tanto em confissão e tambem um tanto por vangloria. O arcebispo, ao sahir do convento, communicou o caso, com applauso e muito ao ouvido, ao seur. de Laül, confessor do irmão do rei, e depois arcebispo de Reims e cardeal. A admiração por Cortavento foi-se assim propagando, de modo que chegou á Roma. Tivemos occasião de ver um bilhete escripto pelo papa então reinante, Leão XII, a um de seus parentes, monsenhor na nunciatura de Pariz, e chamado como elle Della Genga; neste bilhete liam-se as seguintes linhas: «Parece que ha em um convento de Pariz um excellente jardineiro chamado Vento, que é um santo homem.» Cortavento na sua barraca não teve a mais leve noticia de todo este triumpho; continuou a enxertar, apodar e a cobrir o seu meloal, sem pensar sequer em Sua Grandeza nem em Sua Santidade. Teve tanta consciencia da sua gloria como um boi de Durham ou de Surrey, cujo retrato é publicado no *Illustrated London News* com a inscripção: *Boi que sobteveo premio no concurso dos animaes cornigeros.*

IX

CLAUSURA.

Cosetta no convento continuou a calar-se.

Suppunha-se mui naturalmente filha de João Valjean. Demais, nada sabendo, nada podia dizer, e, em todo o caso, mesmo que soubesse, nada teria dito. Já ponderámos que o infortunio afaz infallivelmente as creanças ao silencio. Cosetta tinha soffrido tanto, que tudo temia, nem sequer se animava a fallar, quasi que não ousava respirar. Uma unica palavra fizera tantas vezes desencadear-se sobre ella uma tormenta! Agora, depois que se achava com João Valjean, apenas começava a tranquillisar-se. Habituou-se depressa ao convento. É certo que tinha saudades de Catharina, mas não se animava a fallar nisso. Comtudo, disse uma vez a João Valjean:

—Meu pae, se eu adivinhasse teria trazido a minha boneca.

Cosetta, entrando para o collegio do convento, teve de trajar como as educandas da casa. João Valjean pôde obter a roupa que ella deixou. Era o mesmo vestido de luto que a fizera vestir quando sahira da bo-

dega de Thénardier. Achava-se ainda em muito bom uso. João Valjean guardou tudo, roupa, sapatos e meias de lan, com muita camphora e todos os perfumes que abundam nos conventos, em um bahuzinho que para tal fim arranjou. Pôz o bahuzinho em cima de uma cadeira junto da sua cama, e andava sempre com a chave na algibeira.

— Meu pae, perguntou um dia Cosetta, o que é que está dentro daquelle bahuzinho que tem tam bom cheiro.

O pae Cortavento, além da gloria de que acabamos de fallar e que elle ignorou, teve a recompensa da sua boa acção; primeiro foi feliz; depois teve muito menos trabalho, visto ser agora ajudado. Emfim, como gostava muito de tabaco, obtinha com a presença do senr. Magdalena a apreciavel vantagem de tomar um numero de pitadas tres vezes maior do que as que tomava outr'ora, e de uma maneira incomparavelmente mais voluptuosa, porquanto era o senr. Magdalena quem pagava.

As religiosas não adoptaram o nome de Ultimo; chamaram João Valjean o *outro Vento*.

Se estas sanctas mulheres tivessem um tanto ou quanto do olhar de Javert, teriam a final notado que, quando era preciso ir buscar fóra alguma cousa reclamada pelo jardim, Cortavento, o mais velho, o côxo, era sempre quem sahia, e nunca o outro; mas, ou fosse porque os olhos sempre fitos em Deus não sabem espiar, ou fosse porque se achassem de preferencia occupadas em espiar-se umas ás outras, o certo é que não deram attenção a isto.

Demais, bem fez João Valjean em não se mexer do seu asylo. Javert levou um bom mez a observar o bairro.

Aquelle convento era para João Valjean como uma ilha rodeada de sorvedouros. Nesses quatro muros encerrava-se agora para elle o mundo. Via o céu tanto quanto lhe bastava para serenar-se, e Cosetta tanto quanto lhe bastava para ser feliz.

Uma vida dulcissima recomeçou para elle.

Morava com o velho Cortavento na barraca do fundo do jardim. Esse cochicholo, feito de tijolos crus, que ainda existia em 1845, compunha-se, como já

dissemos, de tres quartos, sem moveis, apenas com as quatro paredes. O principal fôra cedido, á força, pelo pae Cortavento ao senr. Madalena, porque João Valjean resistira em vão. A parede deste quarto, além dos dous pregos onde se penduravam as joelheiras e o cesto, tinha por ornamento um papel-moeda realista de 1793 grudado por cima do fogão. Esse *assignado* vendeano fôra alli posto pelo preecedente jardineiro, antigo *chouan*, que morrerá no convento, e cujo lugar Cortavento viera occupar.

João Valjean trabalhava todos os dias no jardim, onde era utilissimo. Fôra outrora podador e desempenhava com gosto as funcções de jardineiro. Lembrado estará o leitor que elle sabia uma infinidade de receitas e segredos de lavoura. Aproveitou-os. Quasi todas as arvores do jardim eram silvestres: enxertou-as e fê-las dar excellentes frutas.

Cosetta tinha licença para vir todos os dias passar uma hora com elle. Como as irmans eram tristes e João Valjean era bom, a menina o comparava e adorava-o. Á hora designada corria para a barraca. Quando entrava no pardieiro, enchia-o de paraíso. João Valjean exultava, e sentia-se dobradamente feliz pela felicidade que proporcionava a Cosetta. A alegria que inspiramos tem a encantadora particularidade de em vez de enfraquecer-se como todo o reflexo, volve a nós, pelo contrario, ainda mais radiante. Nas horas do recreio João Valjean via-a de longe brincar e correr, e distinguia o seu riso do riso das outras.

Pois Cosetta já ria.

O rosto da menina achava-se mesmo até certo ponto mudado. A tristeza desaparecêra d'elle. O riso é como o sol; expelle o inverno da fronte humana.

Acabado o recreio, quando Cosetta voltava para o collegio, João Valjean levava a olhar para as janellas da sua classe, e de noite levantava-se para passar tempo esquecido com os olhos fitos nas grades do seu dormitorio.

De resto, Deus tem os seus decretos: o convento contribuiu, bem como Cosetta, para manter e completar em João Valjean a obra do bispo. É certo que um dos lados da virtude confina com a soberba. Ha ali uma ponte construída pelo diabo. João Valjean achava-se

talvez, sem cuidar em tal, mui perto desse lado e dessa ponte, quando a Providencia o lançou no convento do Petit-Picpus: enquanto se comparou unicamente ao bispo, achou-se indigno e foi humilde; mas de certo tempo em diante entrára a comparar-se aos homens, e nascia-lhe a soberba. Quem sabe? talvez houvesse volvido insensivelmente ao odio.

O convento amparou-o neste despenhadeiro.

Era o segundo lugar de captivoiro que elle via. Na sua mocidade, no que fôra o principio da sua vida, e depois, ainda mui recentemente, vira outro, lugar horroroso, lugar terrivel, e cujas severidades sempre considerára como iniquidade da justiça e crime da lei. Agora, depois das galés, via o claustro; e lembrando-se que fizera parte das galés, e que era agora, por assim dizer, espectador do claustro, confrontava-os no seu pensamento com anxiedade.

Às vezes encostava-se ao cabo da sua enxada e descia lentamente as espiraes sem fundo da cogitação.

Recordava-se dos seus antigos companheiros, de quanto eram miseraveis: levantavam-se mal rompia o dia e trabalhavam até á noite; apenas tinham tempo de dormir; dormiam em camas de vento, consentindo-se-lhes apenas colções de duas pollegadas de grossura, em salas que não eram aquecidas senão nos mezes de mais intoleravel frio; trajavam horriveis jaquetões encarnados; concedia-se-lhes, por graça especial, um par de calças de brim erú quando era excessivo o calor e uma camisa de lan quando o inverno era rigoroso; não bebiam vinho nem comiam carne senão quando tinham *trabalho pesado*. Viviam, já sem nomes, designados unicamente por numeros e de alguma sorte transmudados em algarismos, baixos os olhos, sumida a voz, cortados os cabellos, debaixo do bastão, no opprobrio.

Depois o seu espirito volvia-se para os entes que tinha diante dos olhos.

Esses entes também viviam, com os cabellos cortados, baixos os olhos, sumida a voz, não no opprobrio, mas no meio do escarnio do mundo, não com as costas doridas do bastão, mas rasgadas pelas disciplinas. Nelles também, o nome que tinham entre os homens desaparecera; existiam sómente sob appel-

lidos austeros. Nunca comiam carne nem bebiam vinho; ficavam muitas vezes até á noite sem tomar refeição alguma; trajavam, não um jaquetão encarnado, mas um sudario preto de lan encorpada, no verão, leve, no inverno, sem poderem tirar-lhe nem accrescentar-lhe nada; sem ao menos terem, conforme a estação, o recurso da roupa de linho ou da capa de lan; e traziam, durante seis mezes do anno, camisas de sarja que os fazia adoeecer de febre. Habitavam, não em salas aquecidas unicamente nos invernos rigorosos, mas em cellas onde nunca se acendia fogo; dormiam, não em colchões de duas pollegadas de grossura, mas em cima da palha. Emfim, nem sequer lhes era permittido dormir; todas as noites, após um dia de labor, cumpria-lhes arrancar o corpo ao alquebramento do primeiro repouso,—no momento em que começavam a adormecer e em que doce calor principiava a circular-lhes pelos membros entorpecidos,—levantar-se e ir orar em uma capella gelada e escura, com ambos os joelhos em cima das lages.

Em certos dias, cada um destes entes, revezando-se, devia passar doze horas, sem interrupção, ajoelhado nas lages ou prostrado com o rosto no chão e os braços estendidos,

Aquelles eram homens: estes eram mulheres.

O que haviam feito os homens? Tinhaam roubado, estuprado, assolado, ferido, assassinado. Eram salteadores, falsarios, envenenadores, incendiarios, assassinos, parricidas. O que haviam feito as mulheres? Nada.

De um lado a fraude, o dolo, a violencia, a lubricidade, o homicidio, todas as especies do sacrilegio, todas as variedades do attentado; do outro uma unica cousa, a innocencia,

A innocencia perfeita, quasi arroubada em uma mysteriosa assumção, presa ainda á terra pela virtude, mas já pertencendo ao céu pela santidade.

De um lado confidencias de crimes que se fazem em voz baixa. Do outro a confissão de faltas feitas em voz alta. E que crimes! e que faltas!

De um lado miasmas, do outro um ineffavel perfume. De um lado uma peste moral, guardada á vista, cercada de canhões, e devorando lentamente as suas

victimas; do outro um casto abrasamento de todas as almas no mesmo fogo. Alli as trevas: aqui a sombra; mas uma sombra cheia de clarões, e clarões cheios de esplendores.

Lugares de captiveiro; mas no primeiro a redempção possível, um limite legal sempre entrevisto e por fim a fuga. No segundo a perpetuidade; por unica esperança a extremidade longiqua do futuro, essa aurora de liberdade a que os homens chamam morte.

No primeiro todos se achavam presos sómente por grilhões; no outro unicamente pela fé.

O que sahia do primeiro? Uma maldição, rangido de dentes, odio, a perversidade desesperada, um grito de raiva contra a associação humana, um sarcasmo ao céu.

O que sahia do segundo? Benção e amor.

E nesses dous lugares tam semelhantes e tam diversos, essas duas especies de entes tam differentes trabalhavam com um mesmo fim, a expiação.

João Valjean comprehendia a expiação daquelles; a expiação pessoal, a expiação por si mesmo. Mas não comprehendia a destes, a destas creaturas puras e immaculadas, e a si mesmo perguntava tremendo: Expição de que? que expiação?

Uma voz lhe respondia na consciencia: a mais divina das generosidades humanas, a expiação por outrem.

Aqui toda a theoria pessoal fica reservada: somos apenas narrador; é no ponto de vista de João Valjean que nos collocamos e traduzimos as suas impressões.

Elle tinha deante dos olhos o auge sublime da abnegação, o mais alto ponto a que póde attingir a virtude; a innocencia que perdoa aos homens as suas faltas, e se incumbe de expia-las; a servidão soffrida, a tortura aceita, o supplicio reclamado por almas que não peccaram, para poupa-lo a almas que erraram; o amor da humanidade abysmando-se no amor de Deus, mas conservando-se distincto e supplicante; frageis entes amoveis tendo a miseria dos que são punidos e o serviço dos que são recompensados.

E recordava-se que ousára queixar-se.

Muitas vezes, no pino da noite, levantava-se para escutar os canticos cheios de gratidão dessas creaturas innocentes e acabrunhadas de severidades, e sen-

tia coar-se-lhe um frio de neve nas veias pensando que aquelles que eram justamente castigados não levantavam a voz ao céu senão para blasphemar, e que elle proprio, miseravel, erguera o punho cerrado para Deus.

Cousa extraordinaria e que o fazia meditar profundamente como um vago aviso da propria Providencia: a escalada, as portas transpostas, a aventura aceita até a morte, a ascensão difficil e dura, todos esses mesmos esforços que fizera para sair do outro lugar de expiação, haviam-no trazido a este. Seria por ventura um symbolo?

Esta casa tambem era uma prisão, e parecia-se lugubremente com o lugar de onde fugira, e, não obstante, nem por sombras lhe occorrêra nunca a lembrança de evadir-se.

Via grades, ferrolhos, janellas gradeadas, para que? Para guardar anjos.

Esses altos muros que vira cercando fêras, via-os agora cercando ovelhas.

Era um lugar de expiação, e não de castigos; e, não obstante, era ainda mais austero, mais sombrio e implacavel do que o outro. Estas mulheres eram mais duramente acabrunhadas do que os forçados. Um vento frio e aspero, o vento que gelára a sua mocidade, penetrava na jaula de ferro e erriçada de ferrolhos dos abutres; uma briza ainda mais aspera e algente penetrava na gaiola das pombas.

Porque?

Quando nisto pensava, tudo quanto nelle havia humilhava-se ante este mysterio de sublimidade.

Nestas cogitações se desvaneceu a soberba. Sondou mil e mil vezes a propria consciencia; compenetrrou-se da sua miseria e chorou. Tudo quanto lhe entrára na vida havia seis mezes até alli, levava-o a obedecer ás sanctas admoestações do bispo; Cosetta pelo amor, o convento pela humildade.

Às vezes, de tarde, á hora do crepusculo, quando o jardim se achava deserto, ajoelhava-se no meio da rua que corria ao longo da capella, deante da janella por onde espiára na noite da sua chegada, voltado para o lugar onde sabia que a irman que fazia a reparação estava prostrada, orando. E orava assim ajoelhado de frente dessa irman.

Dissereis que não ousava ajoelhar-se deante de Deus.

Tudo quanto o cercava—esse jardim, essas flôres odoríferas, essas creanças soltando ledos gritos, essas mulheres graves e simples, esse claustro silencioso. penetravam-n'ô lentamente, e pouco a pouco sua alma se compunha de silencio como esse claustro, de perfume como essas flôres, de paz como esse jardim, de simplicidade como essas mulheres, de alegria como essas creanças. E elle pensava que Deus lhe abrisse successivamente duas portas nos dous instantes criticos da sua vida, a primeira quando todas as portas se lhe fechavam e a sociedade humana o repellia, a segunda no momento em que a sociedade humana se punha de novo a persegui-lo e as galés o reclamavam; e que sem a primeira teria reincidido no crime, e sem a segunda no supplicio.

Todo o coração se lhe inundava de reconhecimento, e amava cada vez mais.

Passaram-se assim alguns annos; Cosetta crescia.

FIM DO TOMO QUARTO E DA SEGUNDA PARTE.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA SEGUNDA PARTE.

VOLUME III.

LIVRO PRIMEIRO.

I—O que se encontra vindo de Nivelles.....	5
II—Hougomont.....	8
III—O dia 28 de Junho de 1815.....	16
IV—A.....	19
V—O quid obscurum das batalhas.....	22
VI—Quatro horas da tarde.....	26
VII—Napoleão alegre.....	30
VIII—O imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste..	36
IX—Cousa que se não previra.....	39
X—A eminencia de Mont-Saint-Jean.....	43
XI—Mau guia para Napoleão, bom para Bulow.....	49
XII—A guarda.....	51
XIII—Catastrophe.....	53
XIV—O ultimo quadrado.....	56
XV—Cambronne.....	58
XVI—Quot libras in duce.....	61
XVII—Que seria Waterloo?.....	67
XVIII—Recrudescencia do direito divino.....	70
XIX—O campo de batalha de noite.....	73

LIVRO SEGUNDO.

I—O numero 24,601 passa a ser 9,430.....	81
II—Em que se citam dous versos que são talvez do diabo.	85
III—Devia a corrente ter passado por algum trabalho preparatorio para poder ser assim quebrada de uma martellada.....	90

LIVRO TERCEIRO.

I—A falta de agua em Montfermeil.....	99
II—Dous retratos acabados.....	103
III—Os homens querem vinho e os cavallos agua.....	109
IV—Entra em scena uma boneca.....	112
V—A creança sózinha.....	114
VI—Em que parece provar-se a intelligencia de Boulatruelle.....	120
VII—Cosetta caminhando no escuro ao lado do desconhecido.....	126
VIII—Inconvenientes de dar pousada a um pobre que é talvez rico.....	130
IX—Thénardier a manobrar.....	148
X—Quem tudo quer, tudo perde.....	157
XI—O n.º 9430 reaparece e Cosetta ganha-o na loteria.	163

LIVRO QUARTO.

I—Mestre Gorbeau.....	165
II—Ninho para mocho e calhandra.....	172
III—Dous males combinados fazem um bem.....	174

IV—Observações da principal inquilina.....	179
V—Uma moeda de cinco francos faz barulho cahindo no chão.....	182

VOLUME IV.

LIVRO QUINTO.

I—Os ziguezagues da strategia.....	3
II—Como é bom passarem carros pela ponte d'Aus- terlitz	7
III—Veja-se a planta de Pariz de 1727.....	10
IV—O tactear da fuga.....	14
V—O que houvera sido impossivel com a illuminação a gaz.....	17
VI—Principio de um enigma.....	22
VII—Continua o enigma.....	25
VIII—O enigma redobra.....	28
IX—O homem do guizo.....	31
X—Explica-se como Javert achou a mata vazia.....	36

LIVRO SEXTO.

I—Pequena rua Picpus n.º 62.....	46
II—A obediencia de Martinho Verga.....	51
III—Severidade.....	59
IV—Alegria.....	61
V—Distracções.....	65
VI—O conventinho.....	71
VII—A'guns profis desta sombra.....	74
VIII—Post corda ladides.....	77
IX—Um seculo sob um habito.....	80
X—Origem da adoração perpetua.....	83
XI—Fim do Petit-Picpus.....	85

LIVRO SETIMO.

I—O convento, idéa abstracta.....	89
II—O convento, facto historico.....	90
III—Limites do respeito que pode votar-se ao passado.	94
IV—O convento á luz dos principios.....	97
V—A oração.....	99
VI—Bondade absoluta da oração.....	101
VII—Precauções que se devem guardar na censura....	104
VIII—Fé, lei.....	106

LIVRO OITAVO.

I—Em que se trata do modo de entrar no convento..	109
II—Cortavento ante a difficuldade.....	118
III—A madre Innocente.....	121
IV—João Valjean parece ter lido Agostinho Castillejo..	132
V—A qualidade de bebado não implica a de immortal.	139
VI—Entre quatro taboas.....	146
VII—Inconveniente de não ter comsigo o attestado.....	149
VIII—Interrogatorio bem succedido.....	158
IX—Clausura.....	162

OS MISERAVEIS

POR

VICTOR HUGO.

VOLUME V.



SAN'LUIZ.

Typ. do—FRIAS—rua da Palma, 7.

1862.

USDA LIBRARY

2

FOR

VICTOR HUGO

VOLUME 1

— 1870 —

WATERBURY

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION

TERCEIRA PARTE.

MARIO.

LIVRO PRIMEIRO.

PARIZ ESTUDADA NO SEU ATOURO.



I

PARVULOS.

Pariz tem um rapazito e o bosque um passarinho; o passarinho chama-se pardal; o rapazito chama-se *gaiato*.

Reuni estas duas idéas, que conteem, uma toda a fragua, a outra toda a aurora, fazei que estas duas faiscas se choquem, Pariz, infancia; desse choque rebentará um entezinho *Homunclo*, diria Plauto.

Esse entezinho é alegre. Nem sempre tem que comer, e vae ao espectaculo, se lhe dá para isso, todas as noites. Não traz camisa no corpo, nem sapatos nos pés; não tem um tecto que o abrigue; é como as moscas do ar, que nada disto teem. A sua idade é de sete a treze annos, vive em bandos, vaguea pelas ruas, a sua morada é ao ar livre, anda com umas calças velhas do pae que lhe descem abaixo dos calcanhares, com um velho chapéu de outro pae qualquer que lhe desce até ás orelhas, com um unico suspensorio de ourelo amarello, corre, espia, pedincha, perde tempo, fuma cachimbo, pragueja como um condemnado, frequenta as tavernas, conhece ladrões, atua as raparigas perdidas, falla a giria, canta canções obscenas e não tem a menor maldade no coração. E' que ha na sua alma uma perola, a innocencia; e as perolas não se dissolvem na lama. Emquanto o homem é menino, quer Deus que elle seja innocente.

Se se perguntasse á grande cidade: « Que creaturinha é esta? » ella responderia: « E' meu filho. »

II

ALGUNS DOS SEUS SIGNAES PARTICULARES.

O gaiato de Pariz é o anão da gigante.

Não exageremos, esse cherubim da lama das ruas tem as vezes uma camisa, mas, em tal caso, não tem senão uma só; ás vezes tem sapatos, mas então são sapatos sem solas; as vezes tem um tecto, que ama, porque alli encontra sua mãe; mas prefere a rua, porque está aqui em liberdade. Tem jogos seus proprios, travessuras suas proprias, que todas revelam odio aos burguezes; tem metaphoras suas proprias; do que está enterrado, dizem que *come dentes de leão pela raiz*; occupações suas proprias—ir chamar carros, abaixar estribos de vehiculos, estabelecer vãos de um a outro lado da rua quando alagadas pela chuva (ao que elle chama fazer *pontes dos ares*), apregoar os discursos pronunciados pela autoridade a favor do povo francez, esgaravatar os regos das calçadas; tem uma moeda sua propria, que se compõe de todos os pedacinhos de cobre lavrado que podem ser achados nas vias publicas. Esta curiosa moeda, a que dão o nome de *trapos*, tem um curso invariavel e mui bem regulado nessa republicaziinha de creanças.

Emfim tem uma entomologia sua propria, que estuda curiosamente em qualquer recanto; bicho de Deus a lagarta *caveira*, a aranha de pernas compridas, o *diabo*, insecto negro que ameaça, torcendo a cauda armada de dous ferrões. Tem o seu monstro fabuloso com escamas no ventre sem ser um lagarto, com pustulas no dorso sem ser um sapo, que habita dentro de velhos fornos de cal e de escoadouros enxutos, preto, felpudo, visgo-so, rojando, ora lenta, ora apressadamente, que não grita, mas olha, e que é tam terrivel que ninguem nunca o viu; chama a este monstro o *surdo*. Caçar surdos por entre as pedras é um divertimento formidavel. Outro divertimento, levantar de repente uma lage e descobrir bichos de conta. Cada região de Pariz é celebre pelas descobertas interessantes que nella se podem fazer. Ha formiguinhas nas estancias de lenha das Ursulinas, centopeias no Pantheon, rãzinhas embryonarias nos fossos do campo de Marte.

Quanto a ditos agudos, são-lhe tam communs como a Talleyrand. Não é menos cynico do que este, porem tem mais probidade. E' dotado de não sei que jovialidade imprevista; atordôa os logistas com as suas gargalhadas. A sua escala vae galhardamente desde a alta comedia até á farça.

Passa um enterro. Entre os que acompanham o defunto, ha um medico. E esta! exclama um *gviato*, pois os medicos tambem vão entregar a sua obra?

Outro está no meio da multidão. Um homem serio, ornado de oculos e com muitas tetéas na corrente do relógio, volta-se indignado:—Maroto, estás abraçando minha mulher?

—Eu, senhor! os meus braços são muito curtos para abraça-la.

III

É AGRADAVEL.

A' noite, graças a alguns soldos que sempre acha meio de arranjar, o *homunclo* entra em um theatro. Ao transpôr esse magico limiar, transfigura-se; era *gamin*, torna-se um *titi*. Os theatros são especies de navios que teem o porão voltado para cima. E' nesse porão que se apinham os *titis*. O *titi* é para o *gamin* como a mariposa para a larva. Basta que elle alli se ache a resplandecer de satisfação, com todo o seu enthusiasmo e alegria, com o seu bater de palmas que semelha um bater de azas, para que esse porão estreito, fétido, escuro, sordido, insalubre, hediondo, abominavel, se chame o *paraizo*.

Dae a um ente o iutil, tirae-lhe o necessario, e te-reis o gaiato.

Não deixa este de ter sua tal ou qual intuição litteraria. A sua tendencia, dizemo-lo com a conveniente quantidade de pezar, não é para o gosto classico. E' pouco academico por natureza. Assim, para dar um exemplo, a popularidade da Mars temperava-se neste publicozinho de creanças turbulentas com um certo toque de ironia. O gaiato chamava-a a senra. *Muche*.

Este entezinho berra, escarnica, trava pendencias, bate-se, cobre-se de pannos como uma creança de collo e de trapos como um philosopho, pesca nos regos das ruas, caça nas latrinas, extrahê a alegria da immundicia, leva o seu estro por todos os largos, ri-se e morde, assobia e canta, applaude e patêa, tempera a alleluia com *Matantur lurette*, psalmodia todos os rythmos desde o *De-profundis* até á *Chie-en-lit*, acha sem procurar, sabe o que ignora, é spartano até á gatunice, doudo até á sabedoria, lyrico até á torpeza, pôr-se-hia de cocoras no Olympo, reboleca-se no muladar e ergue-se coberto de estrellas. O gaiato de Pariz é Rebelais pequenino.

Só fica contente com as suas calças quando teem algibeira de relógio.

Admira-se pouco, aterra-se ainda menos, compõe cantigas satyricas contra as superstições, desincha as exagerações, zomba dos mysterios, faz esgares aos spectros, despoetisa os engrandecimentos, introduz a caricatura nas hyperboles epicas. Não que elle seja presai-co, pelo contrario; mas á visão solemne substitue a fantasmagoria burlesca. Se Adamastor lhe apparecesse, o gaiato diria:— *Olhem o papão*.

IV

PÓDE SER UTIL.

Pariz começa no hasbaque (*badoud*) e acaba no gaiato, dous entes que se não encontram em nenhuma outra cidade; a aceitação passiva que se satisfaz com olhar, e a iniciativa inexaurível; Prudente e Traquinas. Só Pariz tem isto na sua historia natural. Toda a monarchia está no hasbaque. Toda a anarchia no gaiato.

Este pallido filho dos suburbios de Pariz vive e cresce, principia e *acaba* no soffrimento, testemunha contemplativa em presença das realidades sociaes e das cousas humanas. Suppõe-se descuidoso, e não o é. Olha prompto para rir-se, e tambem prompto para outra cousa. Quem quer que sejaes que vos chamaes Preconceito, Abuso, Ignominia, Oppressão, Iniquidade, Despotismo, Injustiça, Fanatismo, Tyrannia, cuidado com o gaiato boquiaberto !

Este pequeno crescerá.

De que argila é feito? Ahi de qualquer lama. Um punhado de lodo, um sôpro, e ahi está Adão. Basta que um Deus passe. Um Deus sempre ha passado pelo gaiato. A fortuna trabalha este entezinho. Por fortuna entendemos até certo ponto o azar. Este pygmêu amassado de grossa terra commum, ignorante, sem educação, vulgar, pasmado, convivendo com a plebe, será um jonio ou um beocio? *Esperae, currit erota*, o espirito de Pariz, esse demonio que crea os filhos do acaso e os homens do destino, ao contrario do oleiro latino, faz do pote uma amphora.

V

AS DUAS FRONTEIRAS:

O gaiato gosta da cidade, gosta tambem da solidão, porque tem o seu tanto ou quanto de philosopho. *Urbis amator*, como Fusco; *ruris omator*, como Flacco.

Vaguear meditando, é para o sabio o melhor emprego que se pôde fazer do tempo; principalmente nessa especie de campo um tanto bastardo, bastante feio, mas singular e composto de duas naturezas, que cerca certas cidades grandes, particularmente Pariz. Observar os arrabaldes é observar um amphibio. Termo das arvores, principio dos telhados, termo da relva, principio da calçada, termo dos sulcos, principio das lojas, termo dos atoleiros, principio das paixões, termo do murmurio divino, principio do rumor humano; dahi um attractivo extraordinario.

Dahi, nesses sitios pouco encantadores e designados para sempre pelo viandante com o epitheto—triste—os passeios aparentemente sem fim do pensador.

A pessoa que escreve estas linhas muitas e muitas vezes vagou pelas barreiras de Pariz, e desses seus passeios guardou profundas lembranças. A relva ras-

teira, os caminhos pedregosos, a greda, os charcos, o gesso, as agrestes monotonias dos baldios e dos alqueives, os plantios de novidades dos jardineiros, avistados de repente em uma quebrada, a mistura de selvatico e de burguez, os vastos recantos onde os tambores da guarnição estabelecem ruidosas escolas, e fazem um arremedo de batalha, essas thebaidas de dia, sitios propicios ao crime de noite, o moinho desconjunctado que se move ao sopro do vento, as bodegas no canto dos cemiterios, as rodas dos guindastes das pedreiras, o encanto mysterioso dos grandes muros escuros cortando em quadrado immensos terrenos vagos, inundados de sol e cheios de borboletas, tudo isto o attrahia.

Quasi ninguem na terra conhece estes sitios singulares, a Clacière, a Cunette, o hediondo muro de Grenelle crivado de balas, o Mont-Parnasse, a Fossé-aux-Loups, os Aubiers na ribanceira do Marne, Mont-Souris, a Tombe-Issoire, a Pierre-Plat de Châtillon, onde ha uma velha mina consumida que já não serve senão para sustentar cogomelos, e é tapada com uma especie de alcapão de taboas apodrecidas. A campina de Roma é uma idéa, o arrabalde de Pariz é outra; não ver no que nos mostra um horisonte senão campos, casas ou arvores, é limitar-se á superficie; todos os aspectos das cousas são pensamentos de Deus. O sitio em que uma planice se une a uma cidade é sempre revestido de certa melancolia penetrante. A natureza e a humanidade fallam ao mesmo tempo ao contemplador. As originalidades locais aqui apparecem.

Quem quer que errou, como nós, por essas solidões contiguas aos nossos suburbios, que poderiam chamar-se os limbos de Pariz, encherrou aqui e acolá, no sitiomais deserto, no momento mais inopinado, atrás de alguns arbustos rachiticos ou no canto de algum muro lugubre, um rancho de meninos, tumultuosamente grupados, feticidos, enlameados, cobertos de pó, esfarrapados, com os cabellos arripiados, a jogar a *barroca*, coroados de florinhas silvestres. São fugitivosinhos das familias pobres. O *boulevard* exterior é o seu ambiente respiravel; o arrabalde pertence-lhes. Alli levam em perpetua calçaria. Alli cantam o seu repertorio de canções torpes. Alli estão, ou, para melhor dizer, alli existem, longe de todo o olhar, sob o bello sol de maio ou de junho, ajoelha-

dos em roda de um buraco aberto no chão, empurrando bolinhas com o pollegar, disputando-se *liards*, irresponsaveis, soltos, livres, felizes, e assim que avistam alguém, lembram-se que teem uma industria, e que devem ganhar a vida, e ei-los a offerecer uma velha meia de lan cheia de besouros ou um ramo de lilazes. Estes encontros de creanças estranhas são uma das graças mais attractivas, e ao mesmo tempo mais pungentes, dos arredores de Pariz.

A's vezes, nestes ranchos de meninos, ha rapariguinhas, —serão suas irmans?—quasi moças, magras, febricitantes, com as mãos crestadas do sol, cheias de sardas, coroadas de espigas de centeio e de papoulas, alegres, ariscas, descalças. Algumas andam a comer cerejas nas plantações de trigo. A' tardinha ouvem-se as suas risadas. Estes grupos, entrevistos á quente luz do meio-dia ou ao vago clarão do crepusculo, occupam por muito tempo a mente do pensador, e todas essas visões ajuntam-se ao seu cogitar.

Pariz centro, o arrabalde circumferencia; eis para essas creanças toda a terra. Nunca se abalançam a ir além. A atmospherá parisiense é-lhes tam indispensavel como aos peixes a agua; não podem sahir della. Para elles, a duas leguas das barreiras, nada mais ha: Ivry, Gentilly, Arcueil, Belleville, Aubervilliers, Menilmontant, Choisy-le-Roi, Billancourt, Meudon, Issy, Vanvres, Sèvres, Puteaux, Neuilly, Gennevilliers, Colombes, Romainville, Chatou, Asnières, Bougival, Nanterre, Enghien, Noisy-le-Sec, Nogent, Gournay, Drancy, Gronesse; é ahí que acaba o universo.

VI

UM BOCADO DE HISTORIA.

Na época, aliás quasi contemporanea, em que se passa a acção deste livro, ainda não havia, como hoje, um cabo de policia em cada canto de rua (melhoramento que não é tempo de discutir); os meninos vadios abundavam em Pariz. As estatisticas dão um termo medio de duzentos e sessenta meninos sem asylo, então apanhados annualmente pelas rondas de policia nos terrenos abertos, nas casas em construcção e debaixo das pontes. Um desses ninhos, cuja fama se perpetuou, produziu as *andorinhas da ponte d'Arcole*. E' este, na verdade, o mais desastroso dos symptomas sociaes. Todos os crimes do homem teem o seu principio na vagabundagem da creança.

Exceptuemos, comtudo, Pariz. Relativamente, e não obstante o principio que acabamos de estabelecer, a excepção é justa. Ao passo que em qualquer outra cidade grande uma creança vagabunda é um homem perdido; ao passo que, quasi em toda a parte, a creança entregue a si mesma é de alguma sorte votada e condemnada a uma especie de immersão fatal nos vicios

publicos que lhe devora a probidade e a consciencia, o gaiato de Pariz, repitamo-lo, tam gasto e defeituoso na superficie, conserva-se interiormente quasi intacto. Causa magnifica de reconhecer e que se ostenta na esplendida probidade das nossas revoluções populares, uma certa incorruptibilidade resulta da idéa que está no ar de Pariz como o sal na agua do oceano. Respirando-se Pariz, conserva-se a alma.

O que aqui dizemos não minora de certo o aperto de coração que sentimos todas as vezes que encontramos uma dessas creanças, em torno das quaes como que vemos pendentes os laços da familia aniquilada. Na civilização actual, tam incompleta ainda, não é cousa muito anormal estes despedaçamentos de familias escoando-se nas trevas, não sabendo que fim levaram os seus filhos, e deixando cahir as suas entranhas nos caminhos publicos. Dahi os destinos obscuros. Isto se chama, porque este facto triste é expresso por uma locução peculiar, *ser lançado ás calçadas de Pariz*.

Digamo-lo de passagem, estes abandonos de creanças não deixavam de ser acoroçoados pela antiga monarchia. Um pouco de Egypto e de Bohemia nas regiões ínfimas era conveniente ás altas espheras e favoneava os magnates. O odio do ensino dos filhos do povo era um dogma. Para que servem as *luzes incompletas*? Palavras que andavam na bocca de todos. Ora, a creança vagabunda é o corollario da creança ignorante.

Demais, a monarchia carecia ás vezes de creanças, e então limpava as ruas.

No reinado de Luiz XIV, para não remontarmos muito, o rei queria, com razão, crear uma armada. A idéa era boa. Vejamos, porém, o meio. A armada seria impossivel se, ao lado dos navios de vela, ludibrio do vento, e para reboca-los quando fosse preciso, não houvesse o navio que vae para onde quer, já a remos, já a vapor; as galês eram então para a marinha o que são hoje os *steamers*. Importava, pois, ter galês; mas a galé só se movia á força de remos; cumpria, pois, que houvesse remadores. Colbert insinuava aos intendentes de provincia e aos parlamentos que condemnassem a galés a torto e a direito. A magistratura caprichava em fazer-lhe a vontade. Se um homem não se descobria ao passar uma procissão, mandavam-n'o para as galés. En-

contravam um rapaziinho na rua; se tinha quinze annos e se se achava sem domicílio certo, mandavam-n'o para as galés. Grande reinado; grande seculo.

No tempo de Luiz XV, as creanças desappareciam em Pariz; a policia dava-lhes sumiço, não sabemos para que mysterioso emprego. Corriam pela bocca pequena, com o mais profundo horror, monstruosas conjecturas ácerca dos banhos purpurinos do rei. Barbier falla ingenuamente dessas cousas. Acontecia ás vezes que os esbirros, não encontrando outras, agarravam as creanças que tinham paes. Os paes, desesperados, esbordoavam os esbirros. Neste caso o parlamento intervinha e mandava enforcar, a quem? aos esbirros? Não, aos paes.

VII

O GAIATO DE PARIZ TERIA O SEU LUGAR NAS CLASSIFICAÇÕES DA INDIA.

Os gaiatos parisienses formam quasi uma casta. Poderíamos dizer: *para ser gaiato não basta querer.*

Esta palavra *gamin* foi impressa pela primeira vez e passou da linguagem popular á litteraria em 1834. Foi em um opusculo intitulado *Cloudio Gueux* que ella fez a sua apparição. Grande foi o escandalo. A palavra tornou-se usual.

Os elementos que constituem a consideração dos gaiatos entre si são muito variados. Conhecemos e conversámos com um que era mui respeitado e admirado por ter visto cahir um homem do alto de uma das torres da egreja de Nossa Senhora; outro por ter conseguido penetrar no pateo Interior onde estavam depositadas as estatuas do zimbório dos invalidos e ter-lhes *bifado* chumbo; outro por ter visto virar-se uma diligencia; outro, finalmente, porque *conhecia* um soldado que por um triz não vasa um olho a um burguez.

Isto explica a exclamação de um gaiato, epiphonema profundo que o vulgo se ri sem comprehendê-lo.—*Deus do céu! dá-se uma creatura mais caipora do que eu?*

pois acreditam que nunca vi ninguém cair de um quinto andar !

Na verdade é bem engraçado este dito de um camponez:

—Pae fulano, sua mulher morreu da doença; porque não mandou chamar um medico?

—Que havia de fazer, meu senhor? *os pobres morrem por si mesmos.*

Mas se toda a passividade do camponez se revela nestas palavras, toda a anarchia do *livre pensar* do fedelho plebeu se manifesta, por sem duvida, nas que vamos referir. Um condemnado á morte, dentro da carreta, escuta o seu confessor. O gaiato de Pariz exclama indignado :

—*Está cochicando ao ouvido do papa hostias ! Oh ! que capão !*

Uma certa audacia em materia religiosa caracteriza o gaiato. Ser incredulo é importante.

Assistir ás execuções é um dever. Mostram uns aos outros a guilhotina e riem-se. Dão-lhe uma infinidade de alcunhas: *Fim da sópa, rosnadora, a mãe azul, o ultimo bocado*, etc., etc. Para assistir a esse espectáculo sem perder nada, trepam aos muros, agarram-se ás sacadas, escancham-se em arvores, nas grades dos portões, em cima das chaminés. O gaiato nasce trepa-telhados como nasce marinheiro. Um telhado não lhe causa mais medo que um mastro. Não ha festa que leve as lampas as de Grève. Samsão e o abbade Montès são nomes verdadeiramente populares. Dão surriadas ao padecente para anima-lo. A's vezes admiram-n'o. Lacenaire garoto, vendo o horrivel Danton morrer intrepidamente, disse estas palavras em que se revelava o seu futuro: *Tive-lhe inveja*. Entre os gaiatos, Voltaire é desconhecido, mas todos conhecem Papavoine. Os *politicos* e os assassinos são confundidos na mesma lenda. Guardam-se as tradições do trajo que tinham os padecentes ao serem levados ao supplicio. Sabe-se que Tollerem tinha uma carapuça de puxador de folles, Avril um boné de lontra, Louven um chapéu de copa baixa; que o velho Dalaporte era calvo e trazia a cabeça descoberta; que Castaing era rosado e muito bonito; que Bories tinha uma barbica romantica; que João Martin não tirava os suspensorios, que Lecouffé disputava com sua mãe—

Tam bom é o ladrão como quem o accusa!—gritou-lhe um gaiato. Outro, para ver passar Debacker, como fosse pequenino no meio da multidão, avista um lampeão e quer empoleirar-se nelle. Um soldado de policia, alli postado, franze o sobr'olho.—Deixe-me subir, senr. guarda, disse o gaiato. E para abrandar a autoridade, accrescenta: Eu não cahirei.—Bem pouco se me dá que caias, respondeu o soldado.

Entre os gaiatos um accidente memoravel é muito acreditado. Aquelle que logra cortar-se até *ao osso* é objecto da mais alta consideração.

O punho não é um mediocre elemento de respeito. Uma das cousas que o gaiato repete com mór gosto é: *Olhe que sempre tenho uma força!*—Ser canhoto é de feito invejavel. Ser vesgo é cousa estimada.

VIII

CITA-SE UM DITO ENGRAÇADO DO ULTIMO REI.

No verão o gaiato metamorphosêa-se em ran; e de tarde, ao cahir da noite, defronte das pontes d'Iena e d'Austerlitz, de cima dos saveiros de carvão e das barcas das lavadeiras, precipita-se de cabeça para baixo no Sena, com todas as infracções possíveis ás leis do pudor e da policia. Entretanto os belegunis vigiam, do que resulta uma situação eminentemente dramatica, que deu lugar uma vez a um grito fraternal e memoravel; este grito, que foi celebre em principios do anno de 1830, é um signal estrategico de gaiato a gaiato; esconde-se como um verso d'Homero, com uma entonação quasi tam inexprimivel como a melopêa eleusiaca das Pauathenas, e nelle se acha o antigo Evohé. Ei-lo:—
Ohé, Titi, chéél! y a de la grippe, y a de la cogne, prends tes zardes et va-t-en, passe par l'égout!

A's vezes este mosquito (é assim que elle se qualifica a si mesmo) sabe ler; ás vezes sabe escrever, mas o que sempre sabe é *pintar*. Não hesita em aprender, por não sabemos que mysterioso ensino mutuo, tudo quanto possa vir a ser util á cousa publica; de 1815 a

1830 imitava o grito do porú; de 1830 a 1848, garatujava pêras nas paredes. Em uma tarde de verão, Luiz Philippe, recolhendo-se a pé, viu um, muito pequenino, que suava e punha-se nas pontas dos pés para pintar com carvão uma pêra gigantesca em um dos pilares da grade de Neuilly; o rei, com essa pachorra herdada de Henrique IV, ajudou o gaiato, acabou a pêra e deu um luiz ao pequeno dizendo-lhe: *A pêra também está ahí.* O gaiato gosta do motim. Agrada-lhe o estado violento. Aborrece os *curas*. Um dia, na rua da Universidade, um desses bregeirinhos pintava um enorme nariz no portão da casa n. 69.—Porque estás fazendo isso nesta porta? perguntou-lhe um viandante. O gaiato respondeu:—Aqui ha um cura!

E' alli, comeffeito, que mora o nuncio do Papa. Entretanto, por maior que seja o *voltairianismo* do gaiato, se se lhe offerece ensejo de ser sacristão, é possível que aceite o novo emprego, e nesse caso ajuda a missa com toda a decencia. Ha duas cousas que o trazem perpetuamente na situação de Tântalo, porque as deseja sem nunca lograr attingi-las: derribar o governo e remendar as suas calças.

O gaiato em estado perfeito conhece todos os beleguins de Pariz, e sabe sempre, quando encontra algum, ligar o nome á pessoa. Enumera-os com a maior exactidão. Estuda-lhes os costumes, e tem notas especiaes a respeito de cada um. Lê como em um livro em todas as almas da policia. Dirá correntemente e sem hesitar: « Fulano é *traidor*; fulano é *muito máu*; fulano é *grande*; fulano é *ridiculo* (todas estas palavras: traidor, máu, grande, ridiculo, teem na sua bocca uma significação particular); este julga que a Ponte-Nova é sua, e não deixa a *gente* passear na cornicha do lado de fôra dos parapeitos; aquel'outro tem a mania de puxar as orelhas a *uma pessoa*, etc., etc. »

IX

A VELHA ALMA DAS GALLIAS.

Havia o seu tanto ou quanto deste gaiato em Poque-
lin, que passára a sua infancia nas praças do mercado;
havia-o em Beaumarchais. A garotagem parisiense é
um matiz do espirito gaulez. Misturada á intelligencia
culto, dá-lhe força como o alcool ao vinho. A's vezes
é defeito. Homero repete-se, seja assim; tambem pode-
ria dizer-se que Voltaire garotêa. Camillo Desmoulin
nascêra nos subúrbios. Championnet, que tratava tam
rudemente os milagres, sabira das calçadas de Pariz;
em pequeno *inundava os porticos* de San'João, de Beau-
vais e de Santo Estevão do Monte; tendo-se habituado
a atuar as reliquias de Santa Genoveva, não era muito
que dêsse ordens á redoma de San'Januario.

O gaiato de Pariz é respeitoso, ironico e insolente.
Tem dentes feios porque se alimenta mal e padece do
estomago, e bonitos olhos porque tem espirito. Na pre-
sença de Jehovah, subiria, saltando com um só pé, as
escadas do paraizo. E' forte no jogo da cambalhota.
Todos os engrandecimentos lhe são possiveis. Brinca
na lama das ruas e ergue-se pelo motim; a sua petu-

lancia persiste deante da metralha; era um bregeiro, ei-lo heróe; bem como o Thebaninho, sacode a pelle do leão; o tambor Barra era um gaiato de Pariz; brada: *Avante!* como o cavallo da Escriptura, diz: *Vah!* e em um minuto passa de fedelho a gigante.

Nesta creança nascida e creada na lama ha tambem um lado idéal. Meça-se o arco que vae de Molière a Barra.

Em summa, e para resumir tudo em uma palavra, o gaiato é um ente que se diverte porque é desgraçado.

X

ECCE PARISU, ECCE HOMO.

Para resumir tudo ainda, o gaiato de Pariz hoje, como outr'ora o *græculus* de Roma, é o povo menino com a ruga do mundo velho na fronte.

O gaiato é ao mesmo tempo uma graça e uma enfermidade para a nação ; enfermidade que releva curar; como ? pela luz.

A luz sara.

A luz aclara.

Todas as generosas irradiações sociaes sabem da sciencia, das lettras, das artes, do ensino. Fazei homens, fazei homens. Allumiae-os para que elles vos aqueçam. Cedo ou tarde a esplendida questão da instrucção universal se apresentará com toda a autoridade do verbo absoluto: e então os que governarem sob a vigilancia da idéa franceza terão de fazer esta escolha: os filhos de França ou os gaiatos de Pariz; chammas na luz, ou fogos fatuos nas trévas.

O gaiato exprime Pariz, e Pariz exprime o mundo.

Porquanto Pariz é um total. Pariz é a abobada do genero humano. Toda esta prodigiosa cidade é um re-

sumo dos costumes mortos e dos costumes vivos. Quem vê Pariz, suppõe ver o interior de toda a historia com o céu e as constellações nos intervallos. Pariz tem um Capitolio, o palacio da municipalidade; um Parthenon, a egreja de Nossa Senhora; um Monte Aventino, o arrabalde de Santo Antonio; um Asinarium, a Sorbonna; um Pantheon, o Pantheon; uma Via-Sacra, o *boulevard* dos Italianos; uma Torre dos Ventos, a opinião; na falta de Gemonias, tem o ridiculo. O seu *majo* chama-se *fa-raud*, o seu transteverino *faubourien* (habitante dos suburbios), o seu *hammal* « fort de la halle » (valentão da praça do mercado), o seu lazzarone *pégre*, o seu « cockney » *gandin* (frequentador do *boulevard* de Gand). Tudo o que ha em qualquer parte ha tambem em Pariz. A regateira de Dumarsais póde medir-se vantajosamente com a vendedoura de hervas de Euripides; o discoblo Vejano revive no funambulo Ferioso; Therapontigono Miles passearia de braço dado com o grana-deiro Vadeboncœur; Damasippo-o-revendão achar-se-hia satisfeito nas lojas dos mercadores de ferros velhos; Vincennes poria Socrates a bom recado do mesmo modo que a Agora encasuaria Diderot; Grimod de la Reynière descobriu o *roastbeef* preparado com sebo, do mesmo modo que Curtillo inventou o ouriço assado; vemos reaparecer por baixo do balão do Arco da Estrella o trapezio de que falla Plauto; o engolidor de espadas de Pecillio visto por Apuleio continua a engolilas na Ponte Nova; o sobrinho de Raimeau e Curculião-o-parasita fazem um bello par; Ergasilio seria apresentado em casa de Cambacerès por Aigrefeuille; os quatro peralvilhos de Roma, Alcesimarcho, Phedromo, Diabo e Argyrippa descem da Courtille no carro de posta de Labatut; Aulo-Gellio não levaria parado mais tempo deante de Congrio do que Carlos Nodier deante de Polichinello; Marton não é uma onça, mas Pardalisca não era um dragão; Pantolabo-faceto mete á bulha, no caffè inglez, o ocioso Nomentano; Hermogenes é tenor nos Campos Elysios, e, em roda delle, Trasio-o-mendigo, vestido de *Bobèche* faz a collecta; o importuno que te detem nas Tulherias agarrando-te pelo botão da casaca faz com que repitas a apostrophe que soltára Thesprião ha dous mil annos: *Quis properantem me prendit pallio?* O vinho de Suresne paredia o de

Alba; o vermelho copasio de Desaugiers não pede meças á grande taça de Balatrão; o Père Lachaise exhala, com as chuvas nocturnas, as mesmas chammas que exhalavam os Esquilios; e a cova do pobre, comprada por cinco annos, vale tanto como a tumba de aluguel do escravo.

Descobri alguma cousa que Pariz não tenha. A cuba de Throphonio não contém nada que se não ache na tina de Mesmer, Ergaphilas resuscita em Cagliostro; o brahmine Vasaphanta encarna-se no conde de San'Germano; o cemiterio de San'Medardo faz tam bons milagres como a mesquita Oumoumié de Dammasco.

Pariz tem um Esopo que é Mayeux, e uma Canidia que é a Lenormand. Pertuba-se como Delphos com as realidades fulgurantes da visão; faz gyrar as mesas como Dodona fazia gyrar as tripodes. Põe a *grisette* no throno, como Roma punha a cortezan; e, finalmente, se Luiz XV é peor que Claudio, a Dubarry é melhor que Mesalina. Pariz combina em um typo estranho que viveu, e que muitas vezes encontrámos, a nudez grega, a ulcera hebraica e o dicterio gascão. Mistura Diogenes com Job e Palhaço, veste um espectro de numeros velhos do *Constitucional*, e faz Chodruc Duclos.

Bem que Plutarcho diga: *O tyranno nunca envelhece*, Roma, tanto no tempo de Scylla como no de Domiciano, resignava-se e ia roendo pacientemente o seu freio. O Tibre era um Lethes, se devemos crer no elogio um tanto *doutrinario* que lhe fazia Varo Vibisco: *Contra Gracchos Tiberim habemus. Bibere Tiberim, id est seditionem oblivisci*. Pariz bebe um milhão de litros de agua por dia, mas isso não a impede de, quando chega a occasião, de rufar tambores e tocar os sinos a rebate.

Excepto isto, Pariz é, por assim dizer, uma boa rapariga. Aceita regiamente tudo; não é difficil no tocante a Venus; a sua Callipygia é Hottentote; com tanto que se ria, amnistia; a fealdade diverte-a, a desformidade fa-la rir a bandeiras despregadas; o vicio a distrahe; sê divertido, e á sombra desta qualidade poderás commetter todas as tropellias; até mesmo a hypocrisia, o cynismo supremo, não a indigna; é tam amiga da litteratura que não tapa o nariz deante de Basilio, e a oração de Tártufo a escandalisa ainda menos do que assustava a Horaçio o *arroto* de Priapo. Todos os traços da face uni-

versal se acham no perfil de Pariz. O baile Mabile não é a dança polymniana do Janiculo, mas a adela ahí teni os olhos pregados na loureira, do mesmo modo que a alcoba Staphyla espiava a virgem Planesium. A barreira do Combate não é um Colyseu, mas ha ahí ferocidade como se Cezar estivesse presente. A estalajadeira syria tem mais graça do que a mãe Sagnet; mas, se Virgilio frequentava a taverna romana, David d'Angers, Balzac e Charlet sentavam-se ás mesas da bodega pariziense. Pariz reina. Os genios resplandecem, as caudas vermelhas prosperam. Adonai por ella passa no seu carro de doze rodas de trovões e de relampagos; Sileno entra montado no seu jumento. Sileno, lêa-se Ramponneau.

Pariz é synonymo de Cosmos. Pariz é Athenas, Roma, Sybaris, Jerusalem, Pantin. Todas as civilisações nella se acham em resumo, todas as barbarias tambem. Pariz muito contrariada ficaria se não tivesse uma guilhotina.

Um bocado de praça de Grève é bom. O que seria toda esta eterna festa sem tal tempero? Felizmente as nossas leis remediarão com sabedoria o inconveniente, e graças a ellas, aquelle cutelo goteja sobre este tripudiar carnavalesco.

XI

ESCARNECER, REINAR.

Limites para Pariz, nenhuns. Nenhuma cidade teve nunca esta denominação, que ás vezes escarnece dos que subjuga. *Agradar-vos, ó Athenienses!* exclamava Alexandre. Pariz faz mais que a lei, faz a moda; Pariz faz mais que a moda, faz a usança. Pariz póde ser estúpida quando bem lhe parece; ás vezes dá-lhe para essa extravagancia; então o universo é estúpido com ella; por fim Pariz acorda, esfrega os olhos, e diz:—Como sou estúpida!—e solta uma gargalhada nas bochechas do genero humano. Que maravilha não é tal cidade, que cousa estranha não é ver-se tanta grandeza unida a tanto burlesco, toda aquella magestade sem ser perturbada por toda aquella parodia, e a mesma bocca poder fazertroar hoje a trombeta do juizo final e amanha a gaita de palha! Pariz tem uma jovialidade soberana. A sua alegria é raio e a sua força empunha um sceptro. O seu furacão rebenta muitas vezes de uma careta. As suas explosões, as suas jornadas, os seus primores, os seus prodigios, as suas epopéas, vão á extremidade do universo, e os seus despropósitos tambem. O seu riso é uma

cratera de volcão que se derrama por toda a terra. As suas facecias são chispas. Impõe aos povos não só as suas caricaturas, mas também o seu ideal; os mais altos monumentos da civilização humana aceitam as suas ironias e emprestam-lhe às travessuras a sua eternidade. E' soberba; tem um prodigioso 14 de julho que liberta o globo; faz todas as nações prestarem o juramento do jogo da péla; a sua noite de 14 de agosto aniquila em tres horas mil annos de feudalismo; faz da sua logica o musculo da vontade unanime; multiplica-se sob todas as fórmãs do sublime; enche da sua luz Washington, Kosciusko, Bolivar, Botzaris, Riego, Bem, Manin, Lopez, John Brown, Garibaldi; esta onde quer que resplandece o futuro, em Boston em 1779, na ilha de Leon em 1820, em Pesth em 1818, em Palermo em 1860; segreda o pujante mote: *Liberdade*, ao ouvido dos abolicionistas americanos grupados em Harper's Ferry, e ao ouvido dos patriotas de Ancona reunidos na escuridão nos Archi, defronte da estalagem de Gozzi, á beira do mar; crea Canaris, Quiroga, Pisacane; esparge pela terra o que é grande; indo aonde os levava o seu sôpro, foi que Byron morreu em Missolonghi, e Mazet em Barcellona; é tribuna debaixo dos pés de Mirabeau e cratera debaixo dos de Robespierre; os seus livros, o seu theatro, a sua arte, a sua sciencia, a sua litteratura, a sua philosophia, são os manuaes do genero humano; tem Pascal, Regnier, Corneille, Descartes, João Jacques; Voltaire para todos os minutos, Molière para todos os seculos; faz que a bocca universal falle a sua lingua, e a sua lingua torna-se verbo; construe em todos os espiritos a idéa do progresso, os dogmas salvadores que imagina são para as gerações como espadas com que dormem á cabeceira, e é com a alma dos seus pensadores e dos seus poetas que se hão formado desde 1789 os heróes de todos os povos; isto não a impede de garotear; e este genio enorme a que chamam Pariz, ao passo que transfigura o mundo com a sua luz, garatuja com carvão o nariz de Bouginier na parede do templo de Theseu, e escreve *Crédeville Voleur* nas pyramides.

Pariz mostra sempre os dentes; quando não brame, ri-se

Tal é esta Pariz. As fumaças dos seus tectos são as idéas do universo. Acervo de lama e de pedras se qui-

zerem, mas, acima de tudo, ente moral. E' mais que grande, é immensa. Porque? porque ousa.

Ousar: é por esse preço que se obtem o progresso.

Todas as conquistas sublimes são mais ou menos fructos da afouteza. Para que a revolução se consumme não basta que Montesquieu a presinta, que Diderot a pregue, que Beaumarchais a annuncie, que Condorcet a calcule, que Arouet a prepare, que Rousseau a premedite; cumpre que Danton ouse.

O grito: *Audacia!* é um *fiat lux*. Para que o genero humano avance, importa que haja permanentemente nas eminencias nobres exemplos de coragem. As temeridades deslumbram a historia e são uma das grandes luzes do homem. A aurora ousa quando rompe. Tentar, affrontar, persistir, perseverar, ser fiel a si mesmo, arcar com o destino, surprender a catastrophe com o pouco medo que ella nos causa, ora affrontar o poder injusto, ora insultar a victoria desvanecida, porfiar, resistir; eis o exemplo de que carecem os povos, e a luz que os electriza. O mesmo clarão formidavel parte do facho de Prometheu e do cachimbo de Cambronne.

XII

O FUTURO LATENTE NO POVO.

Quanto ao povo parisiense, mesmo homem feito, é sempre gaiato; pintar o filho é pintar a cidade; e é por isso que estudámos esta aguia naquelle pardal.

E' sobretudo nos suburbios, repitamo-lo, que a raça parisiense apparece; ah! o sangue puro; ah! a verdadeira physionomia; ah! o povo que trabalha e soffre, e o soffrimento e o trabalho são dous aspectos do homem. Ah! quantidades profundas de entes desconhecidos em que formigam os typos mais estranhos desde o descarregador da Rapée até ao esfolador de Montfaucon. *Fex urbis*, exclama Cicero; *mob*, accrescenta Burk indignado; turba, multidão, ralé. São palavras que se dizem depressa. Mas seja assim. Que importa? que tenho eu que elles andem descalços? Não sabem ler; tanto peor. Abandoná-los-hemos por isso? deverá a sua propria miseria passar-lhes como uma maldição? não poderá a luz penetrar nessas massas? Tornemos a soltar o grito:—Luz! e insistamos! Luz! luz!—Quem sabe se estas opacidades se não tornarão em transparencias? não serão transfigurações as resoluções? Ide, philosophos,

ensinae, esclarecei, illuminae, pensae livremente, fallae voz em grita, correi com alegria á viva luz do sol, fraternisae com as praças publicas, annunciae as boas novas, espalhae os alphabetos, proclamae os direitos, cantae as Marselhezas, semeae os enthusiasmos, cortae ramos verdes aos carvalhos. Fazei da idéa um turbilhão. Esta multidão pode ser sublimada. Saibamos servir-nos deste vasto incendio dos principios e das virtudes que brilha, chamma e estremece em certas horas. Esses pés descalços, esses braços nus, esses andrajos, essas ignorancias, essas abjecções, essas trevas, podem ser empregadas para a conquista do ideal. Olhae atraves desse povo, e avistareis a verdade. A vil area que calcaes aos pés, lança-a a fornalha, fundi-a, e deixae-a borbulhar, tonar-se-ha crystal esplendido, e é com o seu auxilio que Galileu e Newton descobriram os astros.

XIII

GAVROCHINHO.

Cerca de oito ou nove annos depois dos acontecimentos referidos na segunda parte desta historia, notava-se no *boulevard* do Templo e nas vizinhanças do Château d'Eau um rapazinho de onze para doze annos, que houvera assaz correctamente realizado o ideal do gaiato que mais acima esboçámos, se, com o riso proprio da sua idade nos labios, não tivesse o coração absolutamente tristonho e vazio. Este rapazinho vestia na verdade umas calças de homem, mas não tinham sido de seu pae, e uma camisola de mulher, que não tinha sido de sua mãe. Alguem lhe dera por caridade aquella roupa. Comtudo isso, tinha pae e mãe. Mas o pae não pensava nelle, e a mãe não o amava. Era uma dessas creanças dignas de lastima entre todos que teem pae e mãe e que são orphãos.

Este rapazinho não estava satisfeito senão quando se achava na rua. As pedras das calçadas eram-lhe menos duras do que o coração de sua mãe.

Os paes o tinham lançado á vida com um pontapé. E elle desferira decididamente o seu vôo.

Era um rapazinho turbulento, pallido, expedito, esperto, malicioso, de ar vivo e decentio. Andava daqui para alli, cantava, jogava a *foyousse*, remexia a lama, furtava um pouquinho, mas, como os gatos e os passarinhos, ria-se alegremente quando o chamavam galopini, enfiava-se quando o chamavam *voyou*. Não tinha abrigo, nem pão, nem fogo, nem amor; mas era alegre, porque era livre.

Quando estes miseros entes chegam a ser homens, quasi sempre a mó da ordem social passa por sobre elles e os esmigalha; mas enquanto são creanças escapam por serem pequenos. O menor buraco os salva.

Todavia, tam abandonado como se achava este menino, ás vezes, de dous ou de tres em tres mezes, dizia de repente:—Está dito, vou visitar mamãe!—Então deixava o *boulevard*, o circo, a Porta de San'Martinho, descia aos cães, passava as pontes, entrava nos subúrbios, chegava á Salpêtrière, e entrava onde? Justamente nesse n. 50-52 que o leitor já sabe, no pardi-eiro Gorbeau.

Naquella época, o pardi-eiro 50-52, habitualmente deserto e eternamente decorado com o escripto: *Quartos para alugar*, achava-se, coisa rara, cheio de diversos individuos, que aliás, como sempre se nota em Paris, nenhum laço nem relações tinham entre si. Todos pertenciam a essa classe indigente que começa no ultimo burguez vexado e se prolonga de miseria em miseria pelas camadas inferiores da sociedade até aos dous entes em que vão parar todas as cousas materiaes da civilisação, o varredor de lama e o trapeiro.

A *principal inquilina* do tempo de João Valjean tinha morrido, e fôra substituida por outra em tudo sua egual. Não sei qual foi o philosopho que disse: « Velhas nunca faltam. »

Esta nova velha chamava-se Bourgen e a unica coisa que tinha notavel na sua vida era uma dymnastia de tres papagaios, que haviam successivamente imperado sobre a sua alma.

Os mais miseraveis d'entre os moradores do pardi-eiro eram uma familia de quatro pessoas, pae, mãe e duas filhas já crescidas, que viviam todos quatro no mesmo cochicholo, uma dessas cellas de que já fallámos.

Esta familia á primeira vista nada offerecia de particular senão a sua extrema penuria: o pae, quando alugára o quarto, dissera chamar-se Jondrette. Pouco tempo depois da sua vinda para o pardieiro, que se parecera singularmente, para servirmo-nos da expressão memoravel da principal inquilina, *com a entrada de coisa nenhuma*, Jondrette dissera a esta velha, a qual, bem como a sua antecessora, era ao mesmo tempo porteira e varredoura da escada:—Mãe Bourgon, se alguem por acaso vier procurar um polaco ou um italiano, ou mesmo um hespanhol, sou eu.

Esta familia era a do alegre gaiato. Elle chegava e encontrava a miseria, e, o que é mais triste, nenhum sorriso o acolhia; frio na lareira e frio nos corações. Quando entrava, perguntavam-lhe:—Donde vens?—Respondia:—Da rua.—Quando se retirava, perguntavam-lhe:—Para onde vaes?—Respondia:—Para a rua.—A mãe dizia-lhe:—o que vens cá fazer?

Este rapazinho vivia assim na ausencia de affeição como essas pallidas hervas que crescem nos subterraneos. Não se doia disso nem queria mal a ninguem por esse motivo. Não sabia bem o que vinham a ser pae e mãe.

E' verdade que a mãe amava suas irmans.

Esquecia-nos dizer que no *boulevard* do Templo chamavam a este menino *Gavrochinho*. Porque se chamava elle Gavroche? Provavelmente porque seu pae se chamava Jondrette.

Quebrar todo o fio parece ser o instincto de certas familias miseraveis.

O quarto occupado pelos Jondrette no pardieiro Gorgeau era o ultimo no fundo do corredor. No quarto vizinho morava um moço muito pobre a quem chamavam o senr. Mario.

Digamos quem era este Mario.

LIVRO SEGUNDO.

O VELHO BURGUEZ.

I

NOVENTA ANNOS E TRINTA E DOUS DENTES.

Nas ruas Boucherat, de Normandia e de Saintonge, existem ainda alguns habitantes antigos que se lembram de um bom homem chamado Guillenormand, e que del-
le fallam com prazer. Este homem era velho quando elles eram moços. A sua figura, para os que contem-
plam esse vago formigar de sombras a que chamam pas-
sado, ainda não desapareceu de todo do labyrintho das
ruas vizinhas ao Templo a que, no reinado de Luiz XIV,
se deram os nomes de todas as provincias da França,
exactamente como nos nossos dias se deram ás ruas do
novo bairro de Tivoli os nomes de todas as capitães da
Europa; adiantamento, digamo-lo de passagem, em que
é visivel o progresso.

O senr. Guillenormand, que ainda estava bem cheio
de vida em 1830, era um desses homens que se tornam
objecto de curiosidade unicamente por terem vivido mui-
to e que são estranhos porque outrora se pareceram
com qualquer outro, e actualmente já se não parecem
com ninguém. Era um velho particular, e propriamen-
te o homem de outra era, o verdadeiro burguez com-

pleto e um tanto altivo do XVIII seculo, tam cecio com a sua velha burguezia como outr'ora os marquezes com o seu marquezado. Tinha mais de noventa annos, andava teso, fallava alto, via bem, bebia melhor, comia, dormia e roncava. Tinha todos os seus trinta e dous dentes. Não punha oculos senão para ler. Era muito susceptivel de apaixonar-se, mas dizia que já ia para dez annos que renunciara decidida e completamente as mulheres. Já não podia agradar, continuava elle; não acrescentava—porque estou muito velho, porem sim—porque estou pobrissimo. E dizia: se não estivesse arruinado... hum! hum! Não lhe restava corneffeito senão uma renda de quinze mil libras, pouco mais ou menos. O seu sonho era que lhe tocasse uma herança, com a qual pudesse constituir uma renda de cem mil francos, para ter amantes. Não pertencia, como se vê, a essa variedade cachetica de octogenarios que como Voltaire, levaram toda a vida a morrer; não era uma longevidade de pote rachado; este velho folgasão passara sempre perfeitamente bem. Era superficial, rapido, facil de irar-se. Desfazia-se em ralhos pelo menor motivo, o mais das vezes fingidamente. Quando o contradiziam levantava a bengala; dava nos creados como os amos do grande seculo. Tinha uma creada de mais de cincoenta annos, que nunca fôra casada, em quem dava pancada a valer quando se encolerisava, e que com muito gosto houvera cortado a chicote. Tratava-a como se ella não tivesse mais de oito annos. Esbofetia energeticamente os creados e dizia: Ah! patifão! Uma das suas pragas favoritas era: *Par là pantoufioche de tá pantoufiochade!* Tinha tranquillidades singulares; fazia-se barbear todos os dias por um barbeiro que estivera doudo e que o detestava, por ciumes que lhe dava sua mulher, linda barbeirinha faceira. Guillenormand admirava o seu proprio discernimento em tudo, e declarava-se sagacissimo; eis aqui um dos seus ditos: « Na verdade tenho alguma penetração; sou capaz de dizer quando uma pulga me morde, de que mulher ella me vem. » As palavras que mais a miudo pronunciava eram o *homem sensível* e a *natureza*. Não dava a esta ultima palavra a lata acepção que a nossa epoca lhe deu. Empregava-a, porem, nas suas satyrsainhas feitas ao canto do fogão:—A natureza, dizia elle, para que a civilisa-

ção tenha um bocado de tudo, até lhe dá specimens de barbaria divertida. A Europa tem amostras da Asia e da Africa em pequeno formato. O gato é um chagal de salão, o camelião é um crocodilo de algibeira. As dançarinas da Opera são selvagens rosadas. Não comem os homens, exhaurem-nos. Ou se não, feiticeiras! transformam-nos em ostras, e os engolem. Os caraibas não deixam senão os ossos, ellas não deixam senão as cascas. Taes são os nossos costumes. Não devoramos, roemos; não espedaçamos, arranhamos.

II

TAL. DONO, TAL. CASA.

Morava no Marais, rua das Filhas do Calvario n. 6. A casa era sua propria. Esta casa foi demolida; no seu terreno levantou-se outra, e o numero provavelmente foi mudado nessas revoluções de numeração porque passam as ruas de Pariz. Elle occupava um espaçoso aposento no primeiro andar entre a rua e os jardins, forrado até aos tectos de grandes tapeçarias dos Gobelinos e de Beauvais, que representavam scenas campestres; as pinturas dos tectos e das almofadas das portas viam-se repetidas em ponto pequeno nas poltronas. Um grande biombo de laca de Coromandel, de nove dobras, cercava-lhe a cama. Compridas cortinas diffusas guarneciam as janellas e pendiam formando seios magnificamente dispostos. O jardim situado mesmo por baixo das janellas unia-se a que ficava no canto por uma escada de doze ou quinze degraus, subidos e descidos expeditamente pelo velho. Além de uma bibliotheca contigua ao seu quarto de dormir, tinha um camarim que estimava muito, retiro elegante, forrado com uma magnifica tapeçaria de palha matizada de flores de liz e de

raminhos feita nas galês de Luiz XIV, e encomendada pelo senr. de Vivonne aos seus forçados para dá-la de presente á sua amante. Guillenormand a herdára de uma austerissima tia-avó materna, que morrera centenaria. Tinha tido duas mulheres. As suas maneiras guardavam um meio termo entre as de um cortezão, que nunca fôra, e as de um magistrado, que houvera podido ser. Era alegre e affavel quando o queria. Na sua mocidade fôra desses homens que são sempre enganados por suas mulheres e nunca por suas amantes, por que são a um tempo os mais enfadonhos maridos e os mais excellentes amantes que dar-se podem. Era entendido em pintura. Tinha no quarto de dormir um maravilhoso retrato, de não sei quem, pintado por Jordaens, feito a grandes pinceladas, com milhões de minudencias, de fundo carregado e como que ao acaso. O traje de Guillenormand não era a casaca do tempo de Luiz XV, nem mesmo a do tempo de Luiz XVI; era o dos *incriveis* do directorio. Julgara-se moço até aquella época e observára as modas. A sua casaca era de panno leve, com peitos larguissimos, compridas abas de bacalháu e botões de aço. Usava de calções e sapatos de fivelas. Andava sempre com as mãos nos bolsos. Dizia com autoridade: *A revolução franceza é uma quadrilha de maltrapilhos.*

III

LUCAS ESPIRITO.

Na edade de dezesseis annos, uma noite, na opera, tivera a honra de servir de alvo aos olhares de duas bellezas então maduras e celebres e cantadas por Voltaire, a Camargo e a Sallé. Mettido entre dous fogos, fizera uma retirada heroica para uma rapariguinha dansarina chamada Nahenry, que tinha dezesseis annos como elle, obscura como um gato, e por quem estava apaixonado. Abundava em recordações. Costumava exclamar: —Como era linda, essa Guimar—Guimardini—Guimardnette, a primeira vez que a vi em Longchamps, com os cabellos frizados em *sentimentos sustidos*, com os seus *venha vêr* de turquezas, com o seu vestido *côr de gente recentemente chegada*, e com o seu manguito *de agitação*!—Na sua adolescencia usára uma vestia de *anão-londrino* ⁽¹⁾ de que fallava com prazer e effusão. —Andava vestido como um turco do Levante, dizia elle. A senra. de Boufflers, tendo-o visto por acaso quando elle

(1) Panno fino de Inglaterra, fabricado de lan de Hespanha, e destinado para o Levante.

tinha vinte annos, qualificára-o de *doudo agradavel*. Escandalisavam-n'ó os nomes que via na politica e no poder, por lhe parecerem baixos e burguezes. Lia as jornaes, *as folhas noticiosas, as gazetas*, como os chamava, rindo a bandeiras despregadas. Oh! dizia elle, o que vem a ser esta gente! Corbière! Humann! Casimiro Périer! que nomes de ministros! Eu só quizera ler em um jornal: o senr. Guillenormand, ministro! havia de ser divertido. Mas qual! são tam imbecis que a cousa lhes pareceria a mais natural do mundo! Chamava jovialmente as cousas pelos seus nomes proprios, embora sordidos, e não se continha na presença das mulheres. Dizia palavradas, obscenidades e torpezas com uma tranquillidade e um ar natural que eram elegantes. Procedia com a semceremonia do seu seculo. E' para notar-se que o tempo das periphrases em verso foi igualmente o das incivildades em prosa. Seu padrinho predissera que elle seria um homem de genio, e dera-lhe estes dous prenomes significativos: Lucas Espirito.

IV

ASPIRANTE CENTENARIO.

Ainda menino, obtivera premios no collegio de Moulins onde nascêra, e fôra coroado pelo duque de Nivernais a quem chamava duque de Nevers. Nem a convenção, nem a morte de Luiz XVI, nem Napoleão, nem a volta dos Bourbons, nada pudera apagar nelle a lembrança desta coroação. *O duque de Nevers* era para elle o grande vulto do seculo. Que amavel fidalgo, dizia, e que ar magestoso que elle tinha com a sua grão-cruz azul! Aos olhos de Guillenormand, Catharina II reparára o crime do desmembramento da Polonia comprando por cerca de tres mil rublos o segredo do *elixir de ouro* a Bestuchef. Quando lhe tocavam nisto, exaltava-se:—O elixir de ouro, exclamava, a tintura amarella de Bestuchef, as gottas do general Lamotte, custavam meio luiz por frasquinho de meia onça, e eram o grande remedio para as catastrophes do amor, a panacêa contra Venus. Luiz XV mandava duzentos frascos ao papa. Muito o houvera desesperado e feito perder a tramontana quem lhe dissesse que o elixir de ouro não era outra cousa mais do que o perchlorurero de ferro.

Guillenormand adorava aos bourbons e abominava 1789 ; contava continuamente de que modo escapára á morte no tempo do Terror, e quanta alegria e quanto espirito lhe foram de mister para que não lhe separassem a cabeça do corpo. Se alguém se abalançava a elogiar a república na sua presença, ficava azul e quasi desmaiava de raiva. A's vezes, alludindo á sua idade de noventa annos, dizia: *O que me vale é que não heide vêr duas vezes noventa e tres.* Tambem costumava dar a entender que contava viver cem annos.

V

BISCAINHO E NICOLETTA.

Tinha as suas theorias. Eis uma dellas: « Quando um homem é apaixonado por mulheres, e se acha ligado a uma com quem bem pouco se importa, feia, rabugenta, legitima, cheia de direitos, empoleirada no código, e no ciúme quando lhe convém, só tem um modo de descartar-se della e de viver em paz, — é entregar á sua mulher os cordões da bolsa. Esta abdicação o põe em liberdade. A mulher occupa-se então, apaixonna-se pelo manusear do dinheiro, azinhavra os dedos, emprehende a educação dos caseiros e a formação dos rendeiros, convoca os advogados, preside aos notarios, arenga os tabelliães, visita os becas, trata dos processos, redige escripturas de arrendamento, dicta os contratos, sente-se soberana, vende, compra, ajusta, regatêa, promette, e compromette, trata e distrata, cede, concede e retrocede, arranja, desarranja, ajuncta, e desbarata; faz tolices, dicta pessoal e magistral, e isto a consola. Ao passo que o marido a desdenha, tem a satisfação de arruinar o marido.» Guillenormand puzera em pratica esta theoria, e ella tornara-se a sua histo-

ria. Sua mulher, a segunda, administrára-lhe a fortuna por tal forma que restava a Guillenormand, quando um bello dia enviuvou, apenas o indispensavel para viver, reduzindo quasi tudo a rendas vitalicias, uns quinze mil francos annuaes, tres quartos dos quaes deviam extinguir-se por sua morte. Não hesitára, porque bem pouco o preocupava não deixar herança. De resto, elle tinha visto que os patrimonios corriam riscos, e, por exemplo, passavam a ser *bens nacionaes*; assistira aos *avatares* do 3 % consolidado, e o grande livro não lhe merece a maior confiança. *Tudo isso cheira a rua Quincampoix!* dizia elle. A casa da rua das Filhas do Calvario, como já dissemos, era propria. Tinha dous creados, *um macho e uma femea*. Quando algum creado entrava para a sua casa, Guillenormand rebaptizava-o. Aos homens punha o nome das suas respectivas provincias—Nimense, Contesense, Poatovino, Picardo. O seu ultimo creado era um gorducho lymphatico e asthmatico, incapaz de dar uma carreira de vinte passos, mas, como era natural de Bayonna, Guillenormand chamava-o Biscainho. Quanto ás creadas, todas se chamavam em casa d'elle Nicoletta (até mesmo a Magnon de quem adeante fallaremos). Um dia uma soberda cozinheira, de reputação firmada, ramo de uma preclara stirpe de porteiros, apresentou-se.—Quanto quer você de soldada? perguntou-lhe Guillenormand.—Trinta francos.—Como se chama?—Olympia.—Pois bem, terás cincoenta francos, e chamar-te-has Nicoletta.

VI

O LEITOR LOBRIGA MAGNON E OS SEUS DOUS FILHINHOS.

A dôr em Guillenormand traduzia-se por colera; enfurecia-se por achar-se desesperado. Tinha todos os preconceitos e tomava todas as liberdades. Uma das cousas com que compunha o seu ar exterior, e que o enchia de intima satisfação, era, acabamos de indica-la, o ter-se conservado alegre e bem disposto, e passar energicamente por tal. Chamava a isso ter *regia nomeada*. A regia nomeada punha-o às vezes em singulares apuros. Um dia trouxeram-lhe dentro de um cesto, semelhante a um cabaz de ostras, um rochunchudo menino recém-nascido, gritando desesperadamente e muito bem abafadinho, cuja paternidade lhe era attribuida por uma creada que despedira havia seis mezes. Guillenormand tinha então os seus oitenta e quatro annos completos. Indignação e clamor entre os circumstantes. Pois essa marota não vê que não haveria quem engulisse semelhante peta? Que audacia! que abominavel calumnia! Quanto a Guillenormand, esse de forma alguma se encolerizou. Olhou para a creancinha com o amavel sorriso de um homem lisonjeado da calumnia, e disse fallando

com os seus botões: « E então ? o que tem ? pois uuncã viram ? o que ha nisto de extraordinario ? Na verdade, pasmaes como verdadeiros ignorantes que sois. O senr. duque d'Angoulême, filho bastardo de Sua Magestade o rei Carlos IX, casou-se aos oitenta e cinco annos com uma sirigaita de quinze; o senr. Virginal, marquez d'Alluye, irmão do cardeal de Sourdis, arcebispo de Bordéos, teve aos oitenta e tres annos de uma creada grave da senra. presidenta Jacquin um filho, um verdadeiro filho de amor, que foi cavalleiro de Malta e conselheiro de estado; um dos grandes homens deste seculo, o abbade Tabarand, é filho de um homem de oitenta e sete annos. São cousas mais que muito ordinarias. E o que diz a Biblia então ! Não obstante, declaro que este pequerrucho não é meu filho. Terei cuidado delle. O coitadinho não tem culpa. » O proceder, como se vê, era bonachão. A creatura, a tal Magnon, fez-lhe segunda remessa dahi a um anno. Era tambem um menino. Desta vez, Guillenormand capitulou. Mandou entregar á mãe os dous pequerruchos, obrigando-se a dar-lhes uma pensão de vinte e tres francos por mez, com a condição de a dita mãe cessar de fazer-lhe semelhantes remessas. Accrescentou: « Quero que sejam bem tratados. De vez em quando irei vê-los. » E cumpriu o que disse. Tinha elle um irmão padre, que fôra trinta e tres annos reitor da academia de Poitiers, e morrera aos setenta e nove de idade. *Perdi-o moço*, dizia Guillenormand. Este irmão, que não deixou grande nomeada, era um pacifico avarento que, por ser padre, julgava-se obrigado a dar esmolas aos pobres que encontrava, mas nunca lhes dava senão da moeda mais miuda e soldos desmonetisados, achando assim meio de ir para o inferno pelo caminho do céu. Quanto a Guillenormand, esse dava e gostava de dar esmolas, nobremente. Era benevolo, assomado, caritativo, e se fosse rico teria grande pendor para a prodigalidade. Queria que tudo quanto lhe dissesse respeito fosse feito com grandeza, até mesmo as ladroeiras. Um dia (tratava-se de uma herança) vendo-se roubado por um procurador de modo grosseiro e visivel, soltou esta exclamação sollemn: « Irra ! que maneira tam torpe ! na verdade, envergonho-me destas ladroeiras. Tudo tem degenerado neste seculo, até mesmo os velhacos. Com a bréca ! não é

assim que se deve roubar a um homem como eu. Rou-
bam-me como em um bosque, porém mal. *Silvæ sint
consule dignæ!* » Como já dissemos, fôra casado duas
vezes; da primeira mulher tivera uma filha que se con-
servava solteira, e do segundo matrimonio outra, que
morrêra com cerca de trinta annos de idade; tendo-se
casado por amor, por acaso ou por qualquer outro modo
com um soldado aventureiro que servira nos exercitos
da republica e do imperio, obtivera a cruz da legião de
honra em Austerlitz, e fôra elevado a coronel em Water-
loo. *E' a vergonha da minha familia*, dizia o velho bur-
guez. Tomava muito tabaco, e tinha uma graça particular
em sacudir os seus bofes de renda com as costas da mão.
Cria muito pouco em Deus.

VII

REGRA : NÃO RECEBER VISITAS SENÃO DE TARDE.

Tal era o senr. Lucas Espirito Guillenormand, que conservára todos os seus cabellos, antes grisalhos que brancos, trazendo-os sempre em madeixas á maneira de orelhas de cão. Em summa, e apesar de tudo isto, veneravel.

Tinha duas qualidades do XVIII seculo: a frivolidade e a grandeza.

Em 1814, e nos primeiros annos da restauração, Guillenormand, que era ainda moço, tinha apenas setenta e quatro annos, residira no arrabalde de San'Germano, rua Servandoni, perto de San'Sulpicio. Não se retirára para o Marais senão quando abandonou o mundo, muito depois de ter completado os seus oitenta janeiros.

E abandonando o mundo, aferrava-se ainda mais aos seus habitos. O principal, e em que era invariavel, era ter a porta absolutamente fechada de dia, e não receber quem quer que fosse, por mais momentoso que fosse o negocio, senão de tarde. Jantava ás cinco horas, depois abria-se a porta. Tal era a moda do seu seculo, e não queria infringi-la por consideração nenhuma.—O dia é canalha, dizia elle, e não merece senão que se lhe dê com a porta na cara. A gente de gravata lavada accende o seu espirito quando o zenith acende as suas estrellas. E encerrava-se para todos, até para o mesmo rei que fosse. Velha elegancia do seu tempo.

VIII

DUAS IRMANS QUE EM NADA SE PARECEM.

Quanto ás duas filhas de Guillenormand, acabamos de fallar nellas. Haviam nascido com dez annos de intervallo. Na sua mocidade, tinham-se parecido muito pouco, e tanto pelo character como pelas feições, mal poderiam ver-se duas pessoas menos irmans. A mais nova era uma alma amoravel voltada para tudo quanto é luz, occupada de flores, de versos e de musica, enlevada em espaços cheios de esplendores, entusiasta, etherea, que desde a infancia esposára idealmente uma figura heroica.

A mais velha tinha tambem a sua chimera : entrevia em seus sonhos um fornecedor, algum obeso empresario bem rico, um marido esplendidamente estúpido, um milhão feito homem, ou senão um *prefeito*; as recepções da *prefeitura*, um porteiro de ante-camara com a sua cadêa ao pescoço, os bailes officiaes, os discursos da *mairie*, ser a *senra. prefeta*, tudo isto lhe redomoinhava na imaginação. As duas irmans engolphavam-se assim, cada uma no seu sonho, na epoca em que eram moças. Ambas tinham azas, uma como um anjo, a outra como uma adem.

Nenhuma ambição se realisa plenamente, ao menos neste mundo. Nenhum paraíso torna-se terrestre na época em que vivemos. A mais nova casara-se com o homem de seus sonhos, porém morrerá. A mais velha nunca se casou.

No momento em que a apresentamos nesta historia, era ella uma velha virtude, uma aprecatada incombustivel, um dos narizes mais pontudos e um dos espiritos mais rombos que se teem visto. Particularidade caracteristica: á excepção dos seus mais proximos parentes, ninguem soubera nunca o seu nome proprio. Chamavam-n'a *Mlle. Guillenormand mais velha*.

A respeito de escrúpulos de virtude, M^{lle} Guillenormand mais velha houvera dado quinâns a uma *miss*. Era o pudor sombrio. Tinha uma lembrança horrivel em sua vida, um dia um homem lhe vira a côr das ligas!

Com a idade, crescera-lhe este pudor implacavel. A sua camisinha nunca lhe parecia sufficientemente afogada nem opaca. Multiplicava colchetes e alfinetes para antemurar o que nem por sonhos lembrava a ninguem olhar. E' proprio das recatadas empregarem um numero tanto maior de sentinellas quanto menos ameaçada se acha a praça.

Todavia (explique quem puder estes mysterios de innocencia) deixava-se de boamente abraçar por um joven official de lanceiros que era seu sobrinho, e se chamava Theodulo.

A despeito deste lanceiro favorecido, o rotulo—*Recatada*, com que a assignalamos, lhe convinha absolutamente. M^{lle} Guillenormand era uma especie de alma crepuscular. O bioco é uma especie de simi-virtude e de simi-vicio.

Ella accrescentava ao bioco a beatice, appendice convinivel. Era da confraria da Virgem, trazia um véu branco em certas festas, resmoneava orações especiaes, reverenciava o *sagrado sangue*, venerava o *sagrado coração*, passava horas esquecidas em adoração deante de um altar *rococo*-jesuita n'uma capella fechada ao commum dos fieis, e alli deixava adejar a sua alma por entre nuvenszinhas de marmore e atraves de compridos raios de páu dourado.

Tinha uma amiga de capella, velha virgem como el-

la, chamada M^{lle} Vaubois, absolutamente parva, e junto da qual a Guillenormand tinha o prazer de poder considerar-se uma aguia. A' excepção dos *Agnus Dei* e das *Ave Maria*, não tinha a Vaubois luzes senão sobre as differentes maneiras de fazer doces. Perfeita no seu genero, era ella o arminho da estupidez sem a menor mancha de intelligência.

Envelhecendo, a Guillenormand antes ganhara do que perdera. E' o que se dá com as naturezas passivas. Nunca fora malevola, o que é uma bondade relativa; e alem disso, os annos gastam os angulos, e a brandura viera-lhe com o correr do tempo. Tinha uma tristeza obscura de que ella propria ignorava o segredo. Havia em toda a sua pessoa o assombro de uma vida já finda sem haver começado.

Dirigia a casa de seu pae. Guillenormand vivia com a filha, do mesmo modo que já vimos Bemvindo vivendo com a irman. Estas famílias de um velho e de uma velha não são raras, e teem o aspecto sempre enternecedor de duas fraquezas que se apoiam uma na outra.

Havia alem disso na casa entre aquella velha e aquelle moço uma creança, um rapazinho sempre tremulo e mudo deante de Guillenormand. Guillenormand nunca fallava com este menino senão em tom severo e ás vezes com a bengalla erguida:—*Venha cá, meu senhor! Vadio, maroto, cheque-se! Responda, biltre! Quero ver-lhe essa cara, só mariola!* etc., etc., etc. E idoliatrava-o.

Era seu netto. Tornaremos a ver este menino.

LIVRO TERCEIRO.

—
O AVÔ E O NETTO.

I

UM SALÃO ANTIGO.

Quando Guillenormand morava na rua Servandoni frequentava alguns salões optimos e nobilissimos. Apesar de burguez, Guillenormand era recebido. Como era duplamente espiituoso, primeiro pelo espirito que tinha, depois pelo que lh'o attribuiam, buscavam-n'o mesmo e festejavam-n'o. Não ia a parte onde não pudesse dominar. Ha pessoas que querem a todo o custo ter influencia e que todos lhes deem attenção; onde não podem ser oraculos, fazem-se facetos. Guillenormand não era desta natureza; a sua dominação nos salões realistas que frequentava nada custava ao seu respeito de si mesmo. Era oraculo em toda a parte. Muitas vezes lhe acontecia medir-se com Bonald, e até mesmo com Bengey-Puy-Vallée.

Pelo anno de 1817 passava invariavelmente duas noites por semana n'um salão da sua vizinhança na rua Férou, em casa da baroneza de T., digna e respeitavel senhora, cujo marido fôra, no reinado de Luiz XVI, embaixador de França em Berlim. O barão de T., que durante a sua vida dera para os extasis e visões magneticas, morrêra arruinado na emigração, deixando por

única fortuna, em dez volumes manuscritos, encadernados em marroquim encarnado e de bordas douradas, umas memórias curiosíssimas ácerca de Mesmer e de sua celha. A baroneza não publicára as memórias por dignidade, e vivia de uma modica renda, que escapára, não sabemos como, ao naufragio da sua fortuna. Vivia retirada da côrte, *que se achava de sobejo mesclada*, como ella dizia, em um isolamento nobre, altivo e pobre. Alguns amigos se reuniam duas vezes por semana em torno do seu fogão de viuva, e isto constituia um salão realista puro. Tomavam chá, e soltavam conforme o caso pedia, elegia ou dithyrambo, gemidos ou gritos de horror contra o seculo, contra a carta, contra os bonapartistas, contra a prostituição das grã-cruzes a burguezes, contra o jacobinismo de Luiz XVIII; e discorriam muito á puridade sobre as esperanças que dava o irmão do rei, depois Carlos X.

Acolhiam com transportes de alegria as canções chulas em que Napoleão era chamado *Nicoláu*. Algumas duquezas, senhoras as mais delicadas e formosas que se podem ver, extasiavam-se com coplas como esta contra os *federados*:

Renfoncez dans vos enlottes
Le bout d'chemise qui vous pend.
Qu'on n' dis' pas qu' les patriotes
Ont arboré l'drapeau blanc! (1)

Divertiam-se com jogos de palavras que suppunham terríveis, com trocadilhos innocentes que julgavam venenosos, com quadras, até mesmo com disticos; assim sobre o ministerio Dessoles, gabinete moderado de que faziam parte Decases e Deserre:

Pour raffermir le trône ébranlé sur sa base,
Il faut changer de sol, et de serre et de case. (2)

Ou se não ageitavam á lista da camara dos pares, *camara abominavelmente jacobina*, e combinavam nessa

(1) A traducção d'esta copla é:—Mettei para dentro dos calções a fralda que está de fora para que se não diga que os patriotas arvoraram a bandeira branca.

(2) Estes versos que encerram tres calimbargos se não podem bem verter com o mesmo pico:—Para sustentar o trono abalado em seus alicerces cumpre mudar de terra, de serra e de choupana.

lista ligações de nomes, de modo que formassem phrases, como esta, por exemplo: *Damas Sabran, Gouvion-Saint-Cyr*. E tudo isto alegremente.

Parodiava-se nesta roda a revolução. Havia certas velleidades de atigar as mesmas coleras em sentido inverso. Cantava-se tambem um *ça ira*:

Ah! *ça ira*! *ça ira*! *ça ira*!
Les *buonapartist* à la lanterne! (1)

As canções são como a guilhotina; cortam indifferentemente hoje esta cabeça, amanhaquell'outra. Simples variante.

No processo Fualdès, que é desta época, tomavam partido por Bastide e Jausion, porque Fualdès era *buonapartista*. Chamavam os liberaes *os irmãos e amigos*; era o ultimo grau da injuria.

Como certas torres de egreja, o salão da baroneza de T. tinha dous gallos. Um era Guillenormand, o outro o conde de Lamothe-Valois, de quem diziam ao ouvido uns dos outros com uma especie de consideração: *Não sabe? é o Lamothe do processo do collar*. Os partidos usam destas amnistias singulares.

Accrescentemos o seguinte: na burguezia, as situações respeitadas amesquinham-se por faceis relações; assim como ha perda de calorico perto dos que teem frio, assim tambem ha diminuição de estima ao contacto de pessoas despreziveis. A antiga nobreza estava acima dessa lei como de todas as outras. Marigny, irmão da Pompadour, era recebido em casa do principe de Scubisso. Com ser seu irmão? não, porque o era. Dubarry, *padrinho* da Vaubernier, encontrava o mais perfeito acolhimento em casa do marechal de Richelieu. Essa roda é uma especie de Olympo. Mercurio e o principe de Guemenée alli estão em sua casa. Admitte-se um ladrão, comtanto que seja deus.

O conde de Lamothe, que, em 1815, era um velho de setenta e cinco annos, tinha só notavel o seu ar taciturno e sentencioso, o seu semblante anguloso e glacial, as suas maneiras perfeitamente pelidas, a sua casaca abotoada até á gravata, e as suas compridas pernas

(1) Ah! isto irá, isto irá, isto irá! que os *buonapartistas* sejam pendurados nos lampiões!

cruzadas, mettidas em calças largas, côr de ochre queimada.

A cara era da côr das calças.

O senr. de Lamothe era *tolerado* neste salão, por causa da sua *celebridade*, e, cousa estranha, porém exacta, tambem pelo seu nome de Valois.

Quanto a Guillenormand, a consideração em que o tinham era perfeitamente de bom cunho. Elle era autoridade em tudo. Tinha, apezar de leviano e sem perder nada da sua alegria, certo modo de ser, respeitavel, digno, agradavel e burguezmente altivo, a que se ajuntava a sua idade patriarchal. Ninguem é debalde um seculo. Os annos acabam por formar em torno de qualquer fronte uma calva veneravel.

Além disso, tinha dessas descachidas que são como faiscas do espirito antigo. Assim, quando o rei da Prussia, depois de ter restaurado Luiz XVIII, veio visita-lo debaixo do nome de conde de Ruppín, foi recebido pelo descendente de Luiz XIV pouco mais ou menos como marquez de Brandemburgo, e com a mais delicada incivildade. Guillenormand approvou. « *Todos os reis que não são o rei de França*, disse, *são reis de provincia.* » Um dia ouviu esta pergunta e a respectiva resposta: « A que foi condemnado o redactor do *Correio Francez*?—A' suspensão.—E' pena que não fosse *pelo peçoço*, » observou Guillenormand. Palavras deste genero fundam uma situação.

Em um *Te-Deum* pelo anniversario da volta dos Bourbons, vendo passar Talleyrand, disse: *Ahi vae s. ex. o Mal.*

Guillenormand apresentava-se ordinariamente com sua filha, essa comprida solteirona que tinha então quarenta annos e já parecia contar cincoenta, e com um lindo menino de sete annos, alvo, rosado, fresco, cujos olhos exprimiam contentamento e confiança, e que não apparecia nunca neste salão sem ouvir todas as vozes murmurarem em torno de si: « Como é lindo! que pena! pobre creança! » Este menino era o mesmo de quem ha pouco fallámos. Chamavam-lhe pobre creança, porque tinha por pae um *salteador do Loire*.

Esse salteador do Loire era o genro de Guillenormand de quem já fizemos menção, e a quem o velho burguez chamava a *vergonha da sua familia*.

II

UM DOS ESPECTROS VERMELHOS D'AQUELLE TEMPO.

Quem houvesse passado naquelle tempo pela cidadezinha de Vernon e tivesse passeado nessa bella ponte monumental a que bem depressa succederá, não haja duvida, alguma horriavel ponte pensil de ferro, poderia ver, olhando de cima do parapeito, um homem de cerca de cincoenta annos, com um boné de couro, vestido de calças e jaqueta de panno cinzento, trazendo ao peito uma couza amarellada, que fôra uma fita encarnada, calçado de tamancos, crestado do sol, com o rosto quasi preto e os cabellos quasi brancos, uma grande cicatriz que lhe descia da fronte até á face, curvado, alquebrado, envelhecido prematuramente, o qual passeava quasi todos os dias, com uma enxada e um podão na mão, em um desses compartimentos cercados de muros que ficam perto da ponte, e que orlam como uma cadêa de terraços á margem esquerda do Sena, deliciosos quintalotes cheios de flôres, dos quaes, se fossem um pouco maiores, poderia dizer-se: são jardins, e se fossem menores: são ramalhetes. Todos esses quintaes dão para o rio, tendo na outra extremidade uma casa. O homem

de jaqueta e tamancos de quem acabamos de fallar habitava em 1817 a mais humilde dessas casas, cujo quintal era tambem o mais estreito. Alli vivia só e solitario, silenciosa e pobremente, com uma mulher que não era moça, nem velha, nem bonita, nem feia, nem camponeza, nem burgueza, e que o servia. O quadrado de terra a que chamava o seu jardim era celebre na cidade pela belleza das flores que alli cultivava. As flores eram a sua occupação.

A' força de trabalho e de perseverança, de attenção e de regadores cheios d'agua, conseguira crear depois do Creador, e inventára umas tulipas e umas dahlias que pareciam ter sido esquecidas pela natureza. Era engenhoso; já antes de Soulangé Bodin havia descoberto o modo de transformar os cerradozinhos de urze para a cultura dos raros e preciosos arbustos da America e da China. Assim que amanhecia, no verão, achava-se logo nas ruas do seu jardim, picando, cortando, sachando, regando, andando por entre as suas flores com um ar de tristeza e de brandura, as vezes pensativo e immovel horas inteiras, escutando o canto de um passarinho em alguma arvore, o tagarellar de uma creança em alguma casa vizinha, ou senão com os olhos fitos em alguma hervinha a ver scintillar uma gotta de orvalho que o sol transformava em carbunculo. A sua mesa era nimiamente parca, e elle bebia mais leite do que vinho. Qualquer creança o vencia, a creada reprehendia-o. Era tímido a ponto de parecer esquivo, sabia mui raramente, e não recebia outras visitas que as dos pobres que lhe batião, á porta e a do seu cura, o abbade Mabœuf, um bom velho. Todavia se os habitantes da cidade ou algum estrangeiro, fossem quaes fossem, desejosos de ver as suas tulipas e as suas rosas, vinham á sua cазinha, abriam-lhes a porta sorrindo. Era o salteador do Loire.

Quem ao mesmo tempo houvesse lido as memorias militares, as biographias, o *Monitor* e os boletins do grande exercito, teria notado um nome repetido a cada passo, o nome de Jorge Pontmercy. Ainda muito moço, esse J. Pontmercy era soldado no regimento de Saintonge. Rebentou a revolução. O regimento de Saintonge fez parte do exercito do Rheno, porquanto os antigos regimentos da monarchia conservaram os seus nomes de provincias mesmo depois da queda da monarchia, e só

passaram a formar brigadas em 1794. Pontmercy bateu-se em Spira, Worms, Neustadt, Turkheim, Alzey, Mayença, onde se achou entre os duzentos que cobriam a retaguarda de Houchard. Resistiu, com onze camaradas, dentro dos velhos muros de Audernack, e não foi reunir-se ao grosso do exército senão quando o canhão inimigo abriu brecha desde o cordão do parapeito até ao talude de escarpa. Achou-se ás ordens de Kléber em Marchiennes e no combate de Monte-Palissel, onde um biscoinho lhe quebrou o braço. Depois marchou para a fronteira da Italia, e foi um dos trinta granadeiros que defenderam o desfiladeiro de Tende com Joubert. Joubert foi então nomeado ajudante-general, e Pontmercy segundo-tenente. Pontmercy achava-se ao lado de Berthier no meio da metralha nessa jornada de Lodi que fez dizer a Bonaparte: « *Berthier foi artilheiro, cavalleiro e granadeiro.* » Viu o seu antigo general Joubert cahirem Novi, no momento em que, brandindo a espada, gritava: « *Avante!* » Tendo embarcado com a sua companhia, por conveniencias da campanha, n'uma pinça que ia de Genova já não sabemos para que portoinho da costa, achou-se com sete ou oito velas inglezas pela prôa. O commandante genovez queria deitar ao mar a artilharia, esconder os soldados na coberta e escapar-se á mercê da escuridão como um navio mercante. Pontmercy fez içar a bandeira tricolor, firmou-a com um tiro de peça, e passou arrogantemente por baixo dos canhões das fragatas britannicas. Depois de ter navegado umas vinte leguas, crescendo-lhe a audacia, atacou e capturou com a sua pinça um grande transporte inglez que levava tropa para a Sicilia, tam carregado de homens e de cavallos que o navio ia abarrotado até ás escotilhas. Em 1805 fazia parte da divisão Malher, que tomou Gunzburgo ao archiduque Fernando. Em Wettingen amparou nos braços debaixo de um chuveiro de balas o coronel Maupetit, ferido mortalmente á testa do 9º de dragões. Distinguiu-se em Austerlitz nessa admiravel marcha em escalões feita debaixo do fogo do inimigo. Quando a cavallaria da guarda imperial russa desbaratou um batalhão do 4º de linha, Pontmercy foi do numero dos que retaliaram derrotando completamente essa guarda. O imperador deu-lhe a cruz da Legião de Honra. Pontmercy viu serem successivamente aprisio-

nados Wurmsen em Mantua, Melas em Alexandria, Mack em Ulm. Fez parte do 8º corpo do grande exercito que Mortier commandava e que tomou Hamburgo. Depois passou para o 55º de linha, que era o antigo regimento de Flandres. Em Eylau achava-se no cemiterio onde o heroico capitão Luiz Hugo, tio do autor deste livro, resistiu só com a sua companhia de oitenta e tres homens, por espaço de duas horas, aos ataques do exercito inimigo. Pontmercy foi um dos tres que sahiram vivos daquelle cemiterio. Esteve em Friedland. Depois viu Moscow, depois a Beresina, depois Lutzen, Bautzen, Dresde, Wachau, Leipsick, e os desfiladeiros de Gelenhausen; depois Montmirail, Chateau-Thierry, Craon, as margens do Marne, as do Aisne e a formidavel posição de Laon. Em Arnay-le-Duc, sendo capitão, acutilou dez cossacos, e salvou, não ao seu general, mas um cabo de esquadra. Nessa occasião ficou tam maltratado que só do braço se lhe tiraram vinte e sete esquirolas. Oito dias antes da capitulação de Pariz, acabava de permutar com um camarada seu e de passar para a cavallaria. Elle tinha egual aptidão para manejar como soldado a espada ou a espingarda, para guiar como official um esquadrão ou um batalhão. Desta aptidão, aperfeçoada pela educação militar, foi que nasceram certas armas especiaes, os dragões, por exemplo, que são ao mesmo tempo cavalleiros e infantes. Acompanhou Napoleão á ilha d'Elba. Em Waterloo era chefe de esquadrão na brigada Dubois. Foi elle que tomou a bandeira do batalhão de Luneburgo. Veiu lança-la aos pés do imperador. Estava coberto de sangue. Ao tomar a bandeira, levava uma cutilada no resto. O imperador, contente, exclamou: *Faço-te coronel, faço-te barão, faço-te official da Legião-de-Honra!* » Pontmercy respondeu: « *Senhor, agradeço em nome de minha viuva.* » Dahi a uma hora, cahia na grotta d'Ohain. Quem era este Jorge Pontmercy? O mesmo salteador do Loire.

Já o leitor sabe alguma cousa da sua historia. Depois da batalha de Waterloo, Pontmercy, tirado, como já se viu, de dentro do barranco d'Ohain, conseguira reunir-se ao exercito, e arrastara-se de ambulancia em ambulancia até os acantonamentos do Loire.

A restauração o puzera a meio soldo, depois mandá-

ra-o residir, isto é, puzera-o debaixo da vigilancia em Vernon. O rei Luiz XVIII, considerando irritado e nullo tudo quanto fôra feito nos Cem Dias, não reconhecêra nem a sua qualidade de official da Legião-de-Honra, nem a patente de coronel, nem o titulo de barão. Elle, porém, não perdia a menor occasião de assignar-se *o coronel barão de Pontmercy*. Não tinha senão uma velha casaca azul, e nunca sabia sem pôr ao peito a roseta de official da Legião-de-Honra. O procurador-regio mandou-o prevenir que a justiça o perseguiria por uso *illegal* desta condecoração. Quando o aviso lhe foi dado por um intermediario officioso, Pontmercy respondeu com amargo sorriso: « Não sei se sou eu que já não entendo o francez, ou se é o senhor que já não o falla, porém o que é certo é que eu não o comprehendo. » Depois sahio oito dias a fio com a sua roseta. Não ousaram importuna-lo. Duas ou tres vezes o ministro da guerra e o general commandante das armas do departamento lhe escreveram com o endereço: *Ao senr. commandante Pontmercy*. Recambiou as cartas sem abri-las. Neste entretimentos, Napoleão em Santa Helena tratava do mesmo modo as missivas de sir Hudson Lowe endereçadas *ao general Bonaparte*. Pontmercy acabara, permittam-nos que assim nos expressemos, por ter na bocca a mesma saliva que o seu imperador.

Assim tambem havia em Roma soldados carthaginezes prisioneiros que recusavam saudar Flaminio, e que tinham um tanto de Annibal.

Uma manhã encontrou o procurador do rei em uma rua de Vernon, dirigindo-se a elle disse-lhe: « senr. procurador do rei, ser-me-ha permittido andar com a minha cicatriz? »

Nada tinha, senão o seu mais que modico meio soldo de chefe de esquadrão. Alugára em Vernon a mais pequenina casa que pudera encontrar. Alli vivia só, o leitor acaba de ver como. No tempo do imperio, entre duas guerras, achára tempo de casar-se com a filha mais moça de Guillenormand. O velho burguez, devorando a sua indignação, consentira suspirando, e dizendo: « *As mais illustres familias teem tido destes desgostos.* » Em 1815 a esposa de Pontmercy, mulher aliás de todo o ponto admiravel, distincta e rara, e digna de seu marido, morreu deixando um filho. Este houvera sido a alegria do

coronel na sua solidão; mas o avô reclamou imperiosamente o seu netto, declarando que, se não lh'o entregassem, o desherdaria. O pae cedeu no interesse de seu filho, e como não o podia ter comsigo, entrou a amar as flôres.

De resto, havia renunciado a tudo, não se mexendo nem conspirando. Dividia o seu pensamento com as cousas innocentes que fazia e com as façanhas que praticára. Passava o tempo a aguardar o desabrochar de um cravo ou a recordar-se d'Austerlitz.

Guillenormand nenhuma relação tinha com seu genro. O coronel era para elle *um salteador*, e elle era para o coronel *um basbaque*. Guillenormand nunca fallava no coronel, salvo ás vezes para alludir ironicamente á *sua baronia*. Fôra expressamente ajustado que Pontmercy nunca tentaria ver seu filho nem fallar-lhe, sob pena de lh'o recambiarem expulso e desherdado. Para os Guillenormands, Pontmercy era um empestado. Tinham decidido educar o menino como melhor lhes parecia. O coronel talvez não procedesse bem aceitando taes condições, mas sujeitou-se a ellas, suppondo que fazia bem e que só a si mesmo sacrificava.

A herança de Guillenormand não era avultada, mas a de sua filha mais velha era consideravel. Esta tia, que se conservara solteira, era riquissima pelo lado materno, e o filho de sua irman era o seu herdeiro natural. O menino, que se chamava Mario, sabia que tinha pae e mais nada. Ninguém lhe dizia palavra a este respeito. Entretanto, nas sociedades a que o avô o levava, os cochichos, as palavras equivoas, os signaes de olhos, tinham pouco a pouco aclarado o espirito da creança; acabára por comprehender alguma cousa e como se imbaia naturalmente por uma especie de infiltração e de penetração das idéas e das opiniões que eram, por assim dizer, o seu ambiente respiravel, chegou a final a não pensar em seu pae senão com vergonha e apertando-se-lhe o coração.

Emquanto assim crescia, o coronel de dous ou de tres em tres mezes escapolia-se, vinha furtivamente a Pariz como um banido que deixa o lugar do desterro e ia postar-se em San'Sulpicio á hora em que a tia Guillenormand levava Mario á missa. Alli, tremendo com medo que a tia se voltasse, escondido atrás de um pilar, im-

movel, não ousando respirar, contemplava o filho. Este homem, com tamanho gilvaz na cara, tinha medo daquelle velha.

Dahi provieram as suas relações com o cura de Vernon, o senr. abbade Mabœuf.

Este digno padre era irmão do fabriqueiro de San'Sulpicio, que muitas vezes observara esse homem contemplando seu filho, e a cicatriz que tinha no rosto, e as lagrimas que lhe brilhavam nos olhos. Esse homem, cujo ar era cheio de virilidade, e que chorava como uma creança, despertara a curiosidade do fabriqueiro. Guardou-lhe as feições. Um dia, tendo ido a Vernon para visitar o irmão, encontrou-se na ponte com o coronel Pontmercy, e reconheceu o homem de San'Sulpicio. O fabriqueiro contou o caso ao cura, e ambos debaixo de um pretexto qualquer fizeram uma visita ao coronel. A esta primeira visita seguiram-se outras. O coronel, á principio mui reservado, acabou por abrir-se, e o cura e o fabriqueiro ficaram sabendo toda a historia, e como Pontmercy sacrificava a sua ventura ao futuro do seu filho. Desde então o cura entrou a venerá-lo e ama-lo, e por sua parte o coronel se afeiçoou ao cura. Demais, quando por acaso são ambos sinceros e bons, nada se une e se amalgama mais facilmente do que um velho padre e um velho soldado. Na verdade, tanto um como outro são o mesmo homem. Este sacrificou-se pela patria terrestre, aquelle pela patria celeste; não ha outra differença.

Duas vezes por anno, no dia de Anno-bom e no de San'Jorge, Mario escrevia a seu pae cartas de obrigação que a tia lhe dictava, e que pareciam litteralmente copiadas de qualquer formulario; era o mais que tolerava Guillenormand; e o pae respondia-lhe com a mais entranhavel ternura, mas o avô mettia as cartas na algibeira sem lê-las.

III

REQUIESCANT.

O salão da baroneza de T. era quanto Mario Pontmercy conhecia do mundo. Era a unica abertura por onde podia olhar para a vida. Essa abertura era sombria, e por ella lhe vinha mais frio do que calor, mais escuridão do que luz. O menino, que era todo alegria e esplendor, ao entrar nessa estranha sociedade tornou-se em pouco tempo triste, e, o que é ainda mais contrario a tal idade, grave. Rodeado de todas essas pessoas veneraveis e singulares, olhava ao redor de si com uma admiração mesclada de seriedade. Tudo concorria para lhe augmentar o pasmo. Havia no salão da baroneza de T. algumas velhas fidalgas mui respeitaveis, que se chamavam Nathan, Noé, Levis que pronunciavam Levi, Cambis que pronunciavam Cambyse. Esses velhos semblantes e esses nomes biblicos ajuntavam-se no espirito do menino ás noções do Velho Testamento, que aprendia de cór; e, quando as dignas senhoras se achavam presentes, sentadas em circulo a roda do fogo prestes a extinguir-se, frouxamente allumiadas por um candeeiro com bandeira verde, mostrando os seus severos perfis,

os cabellos grisalhos ou brancos, os compridos vestidos de outra epoca e de que não se distinguiam senão as côres lugubres, pronunciando raramente de espaço a espaço palavras a um tempo magestosas e austeras, Mario considerava-as com olhos pasmos suppondo ver, não mulheres, porem patriarchas e magos, não entes reaes, mas fantasmas.

A estes fantasmas ajuntavam-se diversos padres, que frequentavam assiduamente o velho salão, e alguns fidalgos; o marquez de Sass..., secretario dos dominios da duqueza de Berry: o visconde de Val..., que publicava odes monorhythmas debaixo do pseudonymo de *Carlos Antonio*; o principe de Beauf..., que, ainda moço tinha a cabeça branca e era casado com uma joven e espiritosa senhora, cujos vestidos, de veludo escarlata com alamares de ouro, excessivamente decotados, perturbavam aquellas trevas; o marquez de C... d'E..., unico homem que melhor sabia em toda a França a *polidez proporcionada*; o conde d'Am..., bom velho, cujo queixo revelava benevolencia, e o cavalleiro de Port-de-Guy, indefectivel frequentador da bibliotheca do Louvre, chamada *gabinete do rei*. O senr. de Port-de-Guy, calvo e antes envelhecido do que velho, contava que em 1793, na idade de dezaseis annos, fôra mandado para as galês como *refractario*, e que tivera por companheiro de grilheta um octogenario, o bispo de Mirepoix, tambem *refractario*, porem como padre, ao passo que elle o era como soldado. Cumprira a pena em Toulon. O seu trabalho consistia em ir remover á noite de cima do cadafalso as cabeças e os corpos dos que haviam sido guilhotinados de dia; levavam as costas estes troncos sangrentos, e as suas jaquetas vermelhas de galês tinham na golla uma crosta de sangue, secca de manhan, humida á noite. Estas tragicas narrativas abundavam no salão da baroneza de T., e a força de amaldiçoarem Marat, applaudiam Trestaillon. Alguns deputados inclassificaveis alli jogavam o *whist*, Thibord du Chalard, Lè-marchand de Gomicourt, e o celebre sarcastico da direita, Cornet-Dincourt. O balio de Ferrette, com os seus calções e pernas finas, apparecia as vezes neste salão quando ia para a casa de Talleyrand. Tinha sido companheiro de prazer do conde d'Artois, e, ao inverso de Aristoteles acororado em cima de Campaspes, fizera a

Guimard andar de quatro pés, e desta forma mostrara aos seculos um philosopho vingado por um balio.

Quanto aos padres, era o abbade Halma, o mesmo a quem Larose, seu collaborador no *Raio*, dizia: «*Ora adeus! quem é que não tem cincocenta annos? algum fedelho sem durida?*» O abbade Letourneur, pregador regio; o abbade Frayssinous, que não era conde, nem bispo, nem ministro, nem par, e que trajava uma velha sotaina com falta de botões; e o abbade Keravenant, cura de Saint-Germain-des-Prés; seguia-se o nuncio do papa, então monsignor Macchi, arcebispo de Nisibi, depois cardeal, notavel pelo seu comprido nariz mediatundo, e outro monsignor intitulado *abbade* Palmeri, prelado domestico, um dos sete protonotarios participantes da Santa Sé, conego da insigne basilica liberiana, advogado dos santos, *postulatori di santi*; o que entende com os tramites da canonisação e significa pouco mais ou menos —referendario da secção do paraíso. Emfim dous cardeaes, o senr. de la Luzerne e o senr. de Cl... T... O cardeal de la Luzerne era escriptor, e devia ter dahi a alguns annos a honra de ver os artigos por elle assignados no *Conservador*, ao lado dos de Chateaubriand; o senr. de Cl... T... era então arcebispo de Toul... e vinha a miudo refocilar-se em casa de seu sobrinho o marquez T. que foi ministro da marinha e da guerra. O cardeal de Cl... T... era um alegre velhinho, que arregaçava a sotaina mostrando as meias purpurinas; a sua especialidade consistia em detestar a Encyclopedia e em jogar desesperadamente o bilhar, e quem naquella época passava nas tardes de verão pela rua M..., onde era então o palacio de Cl... T..., parava para ouvir o choque das bolas, e a voz aguda do cardeal a gritar para o seu conclavista, monsenhor Cottret, bispo *in portibus* de Carayste: *Marca, abbade, carambolei*. O cardeal de Cl... T... fôra apresentado em casa da baroneza de T. pelo seu mais intimo amigo, o senr. de Roquelaure, antigo bispo de Senlis e membro da Academia. O senr. de Roquelaure era notavel pela sua avantajada estatura e pela assiduidade com que frequentava a Academia; através da porta envidraçada da sala contigua á bibliotheca, onde a Academia Franceza celebrava então as suas sessões, os curiosos podiam todas as quiugas feiras contemplar o antigo bispo de Sen-

lis, ordinariamente de pé, com os cabellos perfeitamente empoados, de meias roxas, e com as costas voltadas para a porta, sem duvida para que melhor lhe vissem a volta. Todos estes ecclesiasticos, bem que pela maior parte cortezãos e ao mesmo tempo clérigos, ajuntavam-se á gravidade do salão da baroneza de T., cujo aspecto senhorial completavam cinco pares de França, o marquez de Vib..., o marquez de Tal..., o marquez d'Herb..., o visconde Damb... e o duque de Val.... Este duque de Val..., posto que principe de Mon..., isto é, principe soberano estrangeiro, tinha em tanta consideração a França e o patriato que via tudo através deste e daquella. Era elle que costumava dizer: «*Os cardeaes são os pares de França de Roma; os lords são os pares de França de Inglaterra.*» De resto como é forçoso que neste seculo a revolução esteja em toda a parte, este salão feudal era, como já dissemos, dominado por um burguez. Guillenormand alli reinava.

Era a essencia, e quinta essencia, da sociedade parizense *branca*. Alli eram postas em quarentena as nomeadas, até mesmo as realistas. Ha sempre anarchia nestas cousas. Châteaubriand, se alli se apresentasse, causaria tanto escandalo como o *Pere Duchêne*. Todavia alguns *arrepentidos* tinham entrada, por tolerancia, nesta sociedade orthodoxa. O conde Beug... era recebido por correccão.

Os *salões* nobres de hoje já não se parecem com esses salões. O arrabalde de San Germano cheira a herege actualmente. Os realistas de agora são demagogos, seja dito em louvor seu.

Em casa da baroneza de T., como todos pertenciam á primeira plaina, o gosto era delicadissimo e altivo, e secundado da mais perfeita polidez. Os habitos davam lugar a uma infinidade de requintes involuntarios, que eram propriamente o antigo regimen, enterrado, porem vivo. Alguns desses habitos, os de linguagem sobretudo, pareciam singulares. Qualquer observador superficial houvera tomado por provincial o que não era senão vetusto. Chamavam uma mulher a «*Sr.^a generala.*» Tambem não deixava de estar em uso dizer-se a «*Sr.^a coronela.*» A formosa senra. de Leon, em lembrança das duquezas de Longueville e de Chevreuse, preferia este tratamento ao seu titulo de princeza. Tambem a marquez de Crequi gostava que a chamassem «*Sr.^a coronela.*»

Foi esta alta rodinha que inventou nas Tulherias o requinte de dizer sempre fallando em particular com o rei, *o rei*, na terceira pessoa, e nunca *vossa magestade*, por que este tratamento havia sido *maculado pelo usurpador*.

Alli eram julgados os factos e os homens. Escarneciam do seculo, o que os forrava do trabalho de comprehendê-lo. Auxiliavam-se promiscuamente no pasmo. Communicavam-se mutuamente a pouca ou muita luz que possuíam. Mathusalem re-ensinava Epimenides. O surdo dava informações ao cego. Tinham por não devolvido o tempo que decorrêra depois de Coblentz. Assim como Luiz XVIII se achava, por graça de Deus, no vigesimo-quinto anno do seu reinado, assim tambem os emigrados, por direito, se achavam no vigesimo-quinto anno da sua adolescencia.

Tudo era harmonico; a vida não superabundava; a palavra era como uma respiração; o jornal, de accordo com o salão, parecia um papyro. Alguns moços eram admittidos, mas já se achavam um tanto mortos. As librés que se viam na ante-sala eram um tanto surradas. Estas personagens, completamente preteritas, eram servidas por creados do mesmo genero. Todos pareciam entes mortos havia muito tempo, e que teimavam em se não recolher ao sepulcro. *Conservar, conservação, conservador*, era pouco mais ou menos em que se cifrava o dictionario; *dar garantias de si*, era a questão capital. Havia comeffeito aromas nas opiniões destes grupos veneraveis, e as suas idéas cheiravam a myrrha. Era uma sociedade mumia. Os amos estavam embalsamados, os creados empalhados.

Uma respeitavel marquezia emigrada e arruinada, que já não tinha senão uma creada, continuava a dizer: « *Os meus famulos.* »

Qual era a qualidade porque se distinguiam as visitas da baroneza de T.? Eram *ultras*.

Ser *ultra* (embora talvez não haja ainda desaparecido o que estas palavras representam) não tem hoje a mesma significação. Expliquemos.

Ser *ultra* é ir alem dos limites. É atacar o sceptro em nome do throno e a mitra em nome do altar; é levar a trancos e barrancos a cousa que se arrasta; é escoucinhar em vez de puxar o carro; é ralhar com a fogueira por não queimar bem os hereges; é exprobar ao

idolo a sua pouca idolatria; é insultar por excesso de respeito; é achar o papa pouco papista, o rei pouco realista e a escuridão demasiadamente clara; é aborrecer o alabastro, a neve, o cysne e o lyrio por amor da brancura; é ser partidista das cousas a ponto de se lhes tornar adverso; é ser tam decididamente *pró* que a adhesão se muda em opposição.

O espirito *ultra* carecterisa especialmente a primeira phase da restauração.

Nada na historia se assemelha a esse intervallo, que começa em 1814 e termina em 1820 com a ascensão de Villèle, o homem pratico da direita. Esses seis annos foram um momento extraordinario, a um tempo ruidoso e calado, risonho e sombrio, allumiado como pelos esplendores da aurora e cuberto das trevas das grandes catastrophes, que toldavam ainda o horizonte e se iam sumindo lentamente no passado. Houve no meio destas trevas e desta luz um verdadeiro mundosinho, novo e velho, divertido e triste, juvenil e senil, a esfregar os olhos; nada se parece tanto com o accorder como a volta; grupo que olhava para a França com enfado e que a França fitava ironicamente; bons velhos môchos marquezes a encherem as ruas, os já chegados e os que chegavam, os *ex-assombrados* de tudo, honrados e nobres fidalgos, sorrindo por se acharem em França e chorando pelo que viam, contentissimos por tornarem a ver a patria, desesperados por já não encontrarem a sua monarchia; a nobreza das cruzadas desdenhando a do imperio, isto é, a da espada; as raças bistoricas deixando de comprehender a historia; os filhos dos companheiros de Carlos Magno desprezando os companheiros de Napoleão. As espadas, como acabamos de dizer, insultando-se mutuamente; a espada de Fontenoy era risivel e não passava de uma durindana; a espada de Marengo era odiosa e não passava de uma catana. *Outr'ora* desconhecia *hoje*. Já não havia o sentimento do que era grande nem o sentimento do que era ridiculo. Houve tal que chamou a Bonaparte *Scapin*. Toda essa gente já não existe. Nada, repetimo-lo, nada resta hoje della. Quando por acaso exhumamos algum desses vultos e tentamos fazer reviver essa sociedade pelo pensamento, antolha-se-nos ella como um mundo antediluviano. É porque effectivamente foi engolida por um diluvio. Sumiu-se debaixo

de duas revoluções. Que alterosas ondas que são as idéas! Como rapidas cobrem tudo quanto tem por missão destruir e sepultar, e como tam promptamente cavam vertiginosas voragens!

Tal era a physionomia dos salões desses tempos longinquos e candidos, em que Martainville tinha mais espirito do que Voltaire.

Esses salões tinham uma litteratura e uma politica suas proprias. Criam em Tiévée. Agier dictava-lhes leis. Commentavam Colnet, o publicista vendedor de alfarabios no caes Malachias. Napoleão era irrevogavelmente para todos o *lobishomem da Corsega*. Tempos depois, a introdução na historia de um tal *snr. marquez de Buonaparté, lugar-tenente dos exercitos do rei*, foi uma concessão ao espirito do seculo.

Esses salões não se conservaram por muito tempo puros. Em 1818, alguns *doutrinarios* começaram a ter entrada nelles, matiz assustador. Eram realistas que se desculpavam de sê-lo. Nas cousas em que os *ultras* mais arrogantes se mostravam, os *doutrinarios* ficavam um tanto envergonhados. tinham espirito; sabiam calar-se; o seu dogma politico baseava-se soffrivelmente no orgulho, deviam ser bem succedidos. Abusavam, aliás utilmente, da gravata branca e da casaca abotoada. A culpa, ou a infelicidade do partido doutrinario consistiu em crear a mocidade velha. Tomavam ademanes de sabios. O seu sonho era enxertar no principio absoluto e excessivo um poder temperado. Contrapunham, ás vezes com rara intelligencia, um liberalismo conservador ao liberalismo demolidor. Costumavam dizer: « poupe-mos o realismo. » Com elle voltou a tradição, o culto, a religião, o respeito. E fiel, bravo, cavalheiresco, amante dedicado. Vem ajuntar, bem que lhe peze, ás grandezas seculares da monarchia as novas grandezas da nação. Faz mal em não comprehender a revolução, o imperio, a gloria, a liberdade, as novas idéas, as jovens gerações, o seculo. Mas esta culpa em que está para conosco, não a commettemos nós algumas vezes contra elle? A revolução, de que somos herdeiros, deve ter a intelligencia de tudo. Atacar o realismo é o contra-senso do liberalismo. Que falta, e que cegueira! A França revolucionaria nega o devido respeito à França historica, isto é, á sua mãe, isto é, á si mesma. Depois do 5

de setembro trata-se a nobreza da monarchia como depois de 8 de julho tratou-se a nobreza do imperio. Foram injustos para com a aguia, nós o somos para com a flôr de liz. Deverá, pois, haver sempre alguma cousa que prescrever! Desdourar a corôa de Luiz XIV, raspar o escudo de Henrique IV, será cousa muito importante? Censuramos o senr. de Vaublanc que raspava os N N da ponte d'Iena! O que fazia elle? O que nós fazemos. Bouvines é tam nossa como Marengo. As flores de liz são tam nossas como os N N. São o nosso patrimonio. Para que amesquinha-lo? Não devemos renegar a patria nem no passado nem no presente. Porque não aceitaremos toda a historia? Porque não amaremos toda a França? »

E' assim que os *doutrinarios* criticavam e protegiam o realismo, descontente de ser criticado e furioso por ser protegido.

Os *ultras* assignalaram a primeira época do realismo; a congregação caracterizou a segunda. Ao enthusiasmo succedeu a habilidade. Ponhamos ponto a este esboço.

No correr desta narrativa, o autor deste livro encontrou no seu caminho este curioso momento da historia contemporanea; teve de contempla-lo um instante, de passagem, e de rememorar alguns aspectos singulares dessa sociedade, hoje desconhecida. Mas fa-lo rapidamente e sem idéa alguma amarga ou dirrisoria. Recordações, doces e respeitosas, porque se ligam a sua mãe, e o prendem a esse passado. De resto, digamo-lo, esse mundosinho tinha sua grandeza. Pôde provocar-nos um sorriso, mas não desprezo nem odio. Era a França de outr'ora.

Mario Pontnerey estudou como estudam communmente os meninos. Quando sahiu das mãos de sua tia o avô o confiou a um digno professor da mais pura innocencia classica. Essa tenra alma que desabrochava passou de uma beata para um pedante. Mario esteve alguns annos no collegio, depois entrou para a escola de direito. Era realista, fanatico e austero. Gostava alguma cousa de seu avô, cujo cynismo e alegria o incommodavam e era secco para com seu pae.

Quanto ao mais, era um mancebo ardente e frio, nobre, generoso, altivo, religioso, exaltado; digno até á dureza, puro a ponto de ser esquivo.

IV

FIM DO SALTEADOR.

A conclusão dos estudos classicos de Mario coincidiu com a retirada do mundo de Guillenormand. O velho disse adeus ao arrabalde de San'Germano e ao salão da baroneza de T., e foi residir no Marais, na sua casa da rua das Filhas do Calvario. Alli tinha por unicos creados, além do porteiro, a aia Nicoleta, que succedêra a Magnon, e o Biscainho lymphatico e asthmatico, de que já fallámos mais acima.

Em 1827 Mario completára os seus desasete annos. Uma noite, ao recolher-se, encontrou o avô com uma carta na mão.

—Mario, disse-lhe Guillenormand, amanha partirás para Vernon.

—Para que? perguntou Mario.

—Para ver teu pae.

Mario estremeceu. Entre todas as suas supposições, nunca lhe occorrêra a de que um dia tivesse de ver seu pae. Nada poderia ser para elle mais inopinado, mais reprehendedor, e, digamo-lo, mais desagradavel. Era o afastamento forçado á união. Não era um desgosto, não, era uma *massada*.

Mario, além dos seus motivos de antipathia politica,

estava convencido que seu pae, o Acutillador, como o chamava Guillenormand nos seus dias de bom humor, não o amava; era isto evidente, visto tê-lo abandonado e deixado assim em casa alheia. Não se sentindo amado, não amava. Nada mais natural, dizia comsigo mesmo.

Ficou tam estupefacto que nenhuma pergunta fez a Guillenormand. O avô continuou:

—Parece que está doente. Manda chamar-te.

E após uma pausa accrescentou:

—Partirás amanha de manhan. Creio que ha no paeo das Fontes um carro que parte ás seis horas e chega á tardinha. Vae nesse carro. Elle diz que não te demores.

Depois amarrotou a carta e metteu-a no bolso.

Mario teria podido partir naquella mesma noite e achar-se junto do pae na manhan seguinte. Naquella epocha uma diligencia da rua do Bouloy sahia para Rouen de noite e passava por Vernon. Nem Guillenormand nem Mario se lembraram de informar-se.

No dia seguinte á noitinha, Mario chegava a Vernon. As luzes começavam a acender-se. A' primeira pessoa que encontrou perguntou: « *Onde é a casa do senr. Pont-mercy?* » Pois mentalmente pensava como a restauração; para elle, seu pae não era barão nem coronel.

Indicaram-lhe a casa. Tocou a campainha; uma mulher veio abrir-lhe a porta, com um candeeiro na mão.

—O senr. Pont-mercy? disse Mario.

A mulher ficou immovel.

—E' aqui? tornou Mario.

A mulher fez com a cabeça um signal affirmativo.

—Poderei fallar-lhe?

A mulher fez um gesto negativo.

—Porém eu sou seu filho! continuou Mario. Elle me espera.

—Já não espera, disse a mulher.

Então notou que ella chorava.

A mulher apontou para uma porta do pavimento terreo; elle entrou.

Naquella sala, apenas allumiada por uma vela de sebo posta em cima da chaminé, achavam-se tres homens, um de pé. outro de joelhos, e outro que estava em camisa e estendido no chão. Este era o coronel.

Os dous primeiros eram um medico e um padre que orava.

O coronel fôra accommettido, havia tres dias, de uma febre cerebral. Logo no principio da doença tivera um mau presentimento, e escrevera a Guillenormand pedindo que lhe mandasse seu filho. A doença aggravara-se. Na mesma tarde em que Mario chegara a Vernon o coronel tivera um accesso de delirio; levantara-se da cama repellindo a creada, e bradando: « Meu filho não vem! eu vou ter com elle! » Sabira do quarto e cahira estendido na ante-sala. Acabava de expirar.

Chamou-se o medico e o padre. Padre e medico chegaram tarde. O filho tambem chegara tarde.

A' luz crepuscular da vela distinguia-se o rosto do coronel e lagrimas que haviam cahido de seus olhos extinctos. Os olhos já não brilhavam, mas as lagrimas não tinham seccado. Essas lagrimas, arrancára-lhas a demora de seu filho.

Mario contemplou esse homem, que via pela primeira e ultima vez, esse rosto veneravel e varonil, esses olhos abertos que já não viam, esses cabellos brancos, esses membros robustos, em que se viam espalhadas linhas escuras, que eram talhos de espadas, e umas como estrellas vermelhas, que eram cicatrizes de balas. Considerou o enorme gilvaz que imprimia o heroismo naquelle semblante em que Deus imprimira a bondade. Viu que esse homem, que seu pae estava morto, e ficou frio.

A tristeza que sentia foi a mesma que houvera experimentado se visse qualquer outro homem fazendo morto.

O luto, um luto pungente, estava naquelle aposento. A creada pranteava em um canto, o cura rezava, e ouviam-se-lhe os soluços, o medico enxugava os olhos; o proprio cadaver chorava.

O medico, o padre e a mulher olhavam para Mario no meio da sua afflicção sem dizer palavra; era elle que parecia estranho. Mario, sem sentir grande abalo, ficou envergenhado e confuso; tinha o chapéu na mão, deixou-o cahir, para fingir que a dôr lhe tirava a força de segura-lo.

Ao mesmo tempo experimentava como que um remorso e despresava-se por proceder assim. Mas que culpa tinha elle? Não amava seu pae, eis tudo!

O coronel nada deixava. A venda dos seus moveis apenas produziu com que pagar o enterro. A creada achou um papel amarrotado, que entregou a Mario. Continha o seguinte, escripto pelo proprio punho do coronel :

« *Para meu filho.*—O imperador me fez barão no campo da batalha de Waterloo. Já que a restauração me contesta este titulo, que paguei com o meu sangue, meu filho o tome e use delle. É bem de ver que será digno de usa-lo. » No verso o coronel accrescentára. « Nessa mesma batalha de Waterloo, um sargento salvou-me a vida. Este homem chama-se Thénardier. Nestes ultimos tempos creio que tinha uma estalagem nos arredores de Pariz, em Chelles ou em Montfermeil. Se meu filho o descobrir, recommande-lhe que faça a esse Thénardier todo o bem que puder. »

Não por sentimento religioso para com seu pae, mas levado desse vago respeito da morte, que é sempre tam imperioso no coração do homem, Mario guardou aquelle papel.

Nada ficou do coronel. Guillenormand mandou vender a um algibebe a sua espada e a sua farda. Os vizinhos despojaram o jardim e levaram as flores mais raras. As outras plantas, cubertas de parasitas, cercadas de sarças, morrêram.

Mario apenas passara quarenta e oito horas em Vernon. Depois do enterro, voltara para Pariz e continuara a cursar as aulas de direito, pensando tanto no pae como se nunca o tivesse visto. Em dous dias o coronel havia sido enterrado e em tres esquecido.

Mario trazia fumo no chapéu. Nada mais.

V

UTILIDADE DE IR Á MISSA PARA TORNAR-SE REVOLUCIONARIO.

Mario conservára os habitos religiosos da sua infancia. Um domingo que fôra ouvir missa a San' Sulpicio, nessa mesma capella da Virgem Santissima, onde sua tia o levava quando era pequeno, achando-se mais distraido e pensativo que de costume, postára-se atrás de um pilar e ajoelhára-se, sem de tal dar fê, junto de uma poltrona forrada de velludo d' Utrecht, em cujo encosto estava escrito este nome: *O senr. Mabœuf, fabriqueiro*. Mal começava a missa, quando um velho se apresentou e disse:

— Senhor, este lugar é meu.

Mario afastou-se attenciosamente e o velho assentou-se.

Acabada a missa, Mario ficára pensativo, a alguns passos de distancia, o velho chegou-se de novo para elle, e disse:

— Peço-lhe perdão, senhor, de o ter incommodado ha pouco, e incommodado em tal occasião, mas, para que não me fique tendo como importuno, devo explicar-lhe o meu proceder.

— E' inutil, senhor, disse Mario.

— Não, tornou o velho, não quero que o senhor forme mau juizo de mim. Gosto deste lugar, acredite. Parece-me que a missa ouvida daqui é melhor. Porque? Eu lh'o digo. Foi deste lugar que vi vir, por espaço de

dez annos, de dous ou de tres em tres mezes regularmente, um pobre pae, que não tinha outra occasião nem outra maneira de ver seu filho, porque, por conveniencias de familia, era-lhe isso prohibido. Vinha á hora em que sabia que traziam o filho á missa. O menino nem desconfiava que o pae o via. Talvez o pobre innocente nem mesmo soubesse que tinha pae. O bom homem escondia-se atrás de um pilar, para que o não vissem. Olhava para o filho e chorava. Pois o amava tanto! Eu vi tudo isto com os meus proprios olhos. Este lugar tornou-se como que sanctificado para mim, e habituei-me a ouvir missa daqui. Prefiro-o ao assento que me compete na capella-mór, como fabriqueiro. Conheci um pouco esse infeliz homem. Tinha um sogro, uma tia rica, parentes não sei já quaes, que ameaçavam desherdar o menino se o pae alguma vez o visse. Elle sacrificára-se para que seu filho fosse um dia feliz e rico. Essa inimizade provinha de opiniões politicas. Eu aprovo na verdade as opiniões politicas; mas ha pessoas que não sabem moderar-se. Meu Deus! por um homem ter estado em Waterloo não se segue que seja um monstro; não é motivo para separar um pae de seu filho. Era coronel de Bonaparte. Se não me engano, morreu. Morava em Vernon, onde meu irmão é cura, e tinha um nome assim como Pontmarie ou Montpercy. O que é verdade é que tinha um bello gilvaz no rosto.

—Pontmercy, disse Mario empallidecendo.

—E' isso mesmo, Pontmercy. Conheceu-o?

—Era meu pae, senhor, disse Mario.

O velho fabriqueiro poz as mãos, e exclamou:

—Ah! o senr. é seu filho! Sim, é isso mesmo, o menino de então é um homem agora. Pois bem, póde gabar-se de ter tido um pae que o amava estremecidamente!

Mario offereceu o braço ao velho, e acompanhou-o até á casa. No dia seguinte disse a Guillenormand:

—Eu e alguns amigos resolvemos ir á caça. Da-me licença para ausentar-me por tres dias?

—Quatro, se quizeres! respondeu o avô; vae, diverte-te.

E, piscando o olho, disse baixinho para a filha:

—Aqui anda algum amorico!

VI

RESULTADO DA CONVERSA COM O FABRIQUEIRO.

Mais adiante veremos onde foi Mario.

Esteve tres dias ausente, depois voltou para Paris, dirigiu-se logo á bibliotheca da escola de direito e pediu a collecção do *Monitor*.

Leu, leu todas as historias da republica e do imperio, o *Memorial de Santa Helena*, todas as memorias, todos os jornaes, os boletins, as proclamações: devorou tudo. A primeira vez que encontrou o nome de seu pae nos boletins do grande exercito levou uma semana inteira agitadissimo. Procurou os generaes a cujas ordens Jorge Pontmercy havia servido, entre outros o conde H. . . O fabriqueiro Mabœuf, a quem tornara a ir visitar, contou-lhe a vida que o coronel levava em Vernon, retirado, solitario, cuidando somente das suas flores. Mario chegou a conhecer plenamente esse homem, raro, sublime e modesto, essa especie de leão-cordeiro, que fora seu pae.

Entretanto, occupado com este estudo, a que consagra todos os seus instantes e os seus pensamentos, quasi que já não apparecia aos Guillenormands. A' hora da comida achava-se á mesas; depois sumia-se, e em-

balde o procuravam. A tia murmurava. Guillenormand sorria-se. « Ora! deixa-lo! chegou-lhe o tempo das afeições ternas! » A's vezes, o velho accrescentava :

« Com os diabos! eu suppunha que era um simples amorico. Parece-me que é uma paixão.»

Era comeffeito uma paixão. Mario começava a adorar o pae.

Ao mesmo tempo operava-se uma extraordinaria mudança nas suas idéas. As phases dessa mudança foram numerosas e successivas. Como isto é a historia de muitos espiritos do nosso tempo julgamos util seguir essas phases passo a passo e indica-las todas.

A historia cuja leitura acabava de encetar enchia-o de assombro.

Logo a principio sentiu-se deslumbrado.

Até ali, republica, imperio, eram para elle nomes monstruosos. A republica, uma guilhotinha em um crepusculo; o imperio, um sabre no meio da noite. Acabava de fita-los de perto, e, onde não esperava ver senão um chaos de trevas, vira, com uma especie de profunda surpresa misturada de temor e de alegria, scintillar astros, Mirabeau, Virgnaud, Saint-Just, Robespierre, Camillo Desmoulins, Danton, e surgir um sol—Napoleão. Achava-se como que fora de si. Recuava offuscado por tantas luzes. Pouco a pouco, desvanecido o assombro, afez-se a esses esplendores, considerou as acções sem vertigem, examinou os personagens sem terror; a revolução e o imperio puzeram-se luminosamente em perspectiva deante de seus olhos visionarios; viu cada um desses dous grupos de acontecimentos e de homens resumirem-se em dous factos immensos; a republica na soberania do direito civico restituída ás massas, o imperio na soberania da idéa franceza imposta a Europa; viu sahir da revolução o grande vulto do povo, e do imperio o grande vulto da França. Reconheceu na sua consciencia que tudo isto fora bom.

O que o seu espirito omittia nesta primeira apreciação, sobremodo synthetica, julgamos desnecessario indica-lo aqui. Estudamos o estado de um espirito na sua marcha progressiva. Os progressos não se effectuam de um jacto. Posto isto, uma vez por todas tanto a respeito do que já dissemos como do que se segue, continuamos.

Reconheceu então que até alli comprehendera tam pouco o seu paiz como comprehendera seu pae.—Não conhecera este nem aquelle, e estivera voluntariamente com uma especie de venda nos olhos. Agora via distinctamente; e de um lado admirava, do outro adorava.

Estava cheio de pezares e de remorsos, e pensava com desespero que quanto tinha n'alma já o não podia dizer agora se não a um tumulto. Oh! se seu pae existisse, se não o houvesse perdido, se Deus na sua compaixão e na sua bondade houvesse permittido que elle ainda se achasse vivo, como teria corrido, como se teria precipitado, como houvera bradado a seu pae. « Meu pae! aqui estou! sou eu! o meu coração eguala o teu! sou teu filho! » Como teria cuberto de osculos aquella fronte encanecida, mulhado de lagrimas os seus cabellos, contemplado a sua cicatriz, apertado as suas mãos, adorado seus vestidos, beijado seus pés! Oh! porque morrera esse pae tam prematuramente, antes da justiça, antes do amor de seu filho! Mario tinha um continuo soluço no coração, que dizia a todo o momento: —ah!—Ao mesmo tempo tornava-se mais verdadeiramente serio, mais verdadeiramente grave, mais certo da sua fé e do seu pensamento. A cada instante um novo raio da verdade vinha completar-lhe a razão. Dava-se uma especie de crescimento no seu proprio interior. Sentia um como engrandecimento natural, produzido por duas cousas novas para elle, seu pae e sua patria.

Como a quem tem uma chave, tudo so lhe abria; comprehendia o que havia odiado, penetrava o que havia detestado; via agora claramente o sentido providencial, divino e humano, das grandes cousas que aprendera a abominar, e dos grandes homens que aprendera a amaldiçoar. Quando pensava nas suas anteriores opiniões, que eram apenas da vespera e que não obstante já lhe pareciam tam antigas, indignava-se e sorria-se. Da reabilitação de seu pae passara naturalmente á reabilitação de Napoleão.

Esta, porem, cumpre dizê-lo, não se consummára sem afan.

Desde a infancia lhe haviam imbuido os juizos do partido de 1814 a respeito de Bonaparte. Ora, todos os preconceitos da restauração, todos os seus interesses,

todos os seus instinctos, tendiam a desfigurar Napoleão. Abominavam-n'o mais do que a Robespierre. Aproveitava habilmente o cansaço da nação e o odio das mães. Bonaparte tornara-se uma especie de monstro quasi fabuloso, e para pinta-lo á imaginação do povo, que, como acima dissemos, assemelha-se á imaginação das creanças, o partido de 1814 mostrava successivamente os sonhos mais temerosos, desde o que é terrivel conservando toda a grandeza, até o que é terrifico tornando-se burlesco, desde Tiberio até o Papão. Assim, falando de Bonaparte, uns soluçavam, outros riam-se às gargalhadas, mas tanto a estes como áquelles animava o odio. Mario nunca tivera a respeito *desse homem*, como lhe chamavam, outras idéas no espirito. Ellas se haviam combinado com a tenacidade do seu character. Era um pygmen obstinado em odiar Napoleão.

Lendo a historia, estudando-a principalmente nos documentos e nos materiaes, o véu que encobria Napoleão aos olhos de Mario foi se rasgando pouco a pouco. Lobrigou então o que quer que fosse immenso, e desconfiou que até alli se enganára a respeito de Napoleão, como a respeito de tudo o mais: cada dia via melhor; e pôz-se a subir lentamente, passo a passo, a principio com repugnancia, dali a pouco com embriaguez e como que attrahido por uma fascinação irresistivel, primeiro os degraus escuros, depois os degraus vagamente allumiados, e finalmente os degraus luminosos e esplendidos do enthusiasmo.

Uma noite, estava elle só no seu quarto, que ficava nas agnas furtadas. Tinha a vela acesa; lia sentado á mesa junto da janella aberta. Descia do espaço uma infinidade de visões, que se ajuntavam ao seu pensamento. Grande espectaculo é o da noite! Ouvimos rumores surdos sem saber donde veem, vemos rutilar como uma braza Jupiter, que é mil e duzentas vezes maior que a terra; o azul é preto, as estrellas brilham,—é formidavel!

Mario lia os boletins do grande exercito, essas strophes homericas escriptas no campo de batalha; de espaço a espaço via o nome de seu pae, a cada instante o do imperador; todo o grande imperio lhe apparecia; sentia dentro em si mesmo como que um mar, cujas ondas engrossavam e subiam; ás vezes parecia-lhe que seu

pae passava por junto delle como um sopro, e lhe fallava ao ouvido ; ia pouco a pouco ficando alheio de si ; suppunha ouvir rufos de tambores, o troar da artilheria, o clangor das trombetas, o passo cadenciado dos batalhões, o galope surdo e longinquo dos esquadrões ; de instante a instante levantava os olhos para o ceu e contemplava as constellações que luziam nas insondaveis profundezas, depois tornava a fita-los no livro, e via outras cousas collossaes a mexerem-se confusamente. Tinha o coração apertado. Estava enlevado, tremulo, arquejante ; de repente, sem saber mesmo a que força cedia, nem que sentimento o determinava, ergueu-se, estendeu os braços para fóra da janella, fitou a escuridão, o silencio, o infinito tenebroso, a immensidade eterna, e bradou : « Viva o imperador ! »

Desse momento em diante tudo se mudou : *O lobis-homem de Corsega, o usurpador, o tyranno, o monstro que era amante de suas irmans, o histrião que tomava lições com Talma, o envenenador de Jaffa, o tigre, Buonaparté*, tudo se desvaneceu, passando o seu espirito a encher-se de um vago e esplendido clarão, que illuminava em uma altura inaccessivel o pallido fantasma marmoreo de Cesar. O imperador fóra para seu pae o amado capitão que todos admiravam e por quem se sacrificavam ; para Mario foi alguma cousa mais. Foi o constructor predestinado do grupo francez, que succedeu ao romano na dominação do universo. Foi o prodigioso architecto de um aluimento, o continuador de Carlos Magno, de Luiz XI, de Henrique IV, de Richelieu, de Luiz XIV e da *commissão de salvação publica*, tendo sem duvida suas manchas, suas faltas e mesmo seu crime, isto é, sendo homem ; porém augusto nas suas faltas, brilhante nas suas manchas, pujante no seu crime.

Foi o homem predestinado que forçara todas as nações a dizerem : « A grande nação. » Foi mais ainda ; foi a encarnação da propria França, conquistando a Europa pela espada que empunhava e o mundo pela luz que de si lançava. Mario viu em Bonaparte o spectro deslumbrante que se erguerá sempre na fronteira e que guardará o porvir. Despota, mas dictador ; despota—resultado de uma republica e resumo de uma revolução. Napoleão tornou-se para elle o homem-povo, assim como Jesus é o homem-Deus.

E' bem de ver que, como todos os neophytos de uma religião, a sua conversão o enebriava: elle precipitava-se na adhesão e tocava ao excesso. Tal era o seu character; uma vez á beira de um declivio, era-lhe quasi impossivel recuar, deixava-se rolar por elle abaixo. O fanatismo pela espada começava a domina-lo, complicando-se em seu espirito com o enthusiasmo pela idéa. Não reflectia que na sua admiração o genio se achava tam intimamente ligado á força que com esta se confundia; não reflectia que collocava nos dous compartimentos da sua idolatria, de um lado o que é divino, do outro o que é brutal. A outros respeito enganava-se de outro modo. Admittia tudo. Ha uma maneira de encontrar o erro quando se busca a verdade. Tinha uma especie de boa-fé violenta, que acceitava tudo em globo. Na nova senda em que entrára, julgando as faltas do antigo regimen e medindo a gloria de Napoleão, omittiu as circumstancias attenuantes.

Como quer que fosse, um passo prodigioso estava dado. Onde vira outr'ora a quèda da monarchia via agora a exaltação da França. A sua orientação estava mudada. O que fôra poente era nascente. Estava transformado.

Todas estas revoluções se consummavam sem que a familia desse por tal.

Quando, neste mysterioso trabalho, se despojou de tudo quanto tinha em si mesmo de *bourbonista*, *d'ultra*, de aristocrata, de *jacobita* e de realista, quando se achou plenamente revolucionario, profundamente democrata e quasi republicano, foi á casa de um gravador do caes dos Ourives e encommendou cem bilhetes de visita com o nome: *O barão Mario de Pontmercy*.

Isto não era senão uma consequencia mui logica da mudança que nelle se operára, mudança em que tudo gravitava em torno de seu pae.

Como, porém, não conhecia ninguem e não podia semear os seus bilhetes de visita, guardou-os na algibeira.

Por uma consequencia natural á medida que se congregava com seu pae, com a sua memoria e com as cousas por que o coronel combattêra vinte e cinco annos; afastava-se de seu avô. Já o dissemos, de ha muito que o character de Guillenormand se lhe tornara incommodo.

Já havia entre elles todas as dissonancias do moço grave ao velho frivolo. A alegria de *Gironte* incommoda e exaspera a melancolia de Werther. Emquanto as mesmas opiniões politicas e as mesmas idéas lhes haviam sido communs, Mario encontrára-se com Guillenormand como que sobre uma ponte. Cahida a ponte, cavou-se entre elles um abysmo. E demais, acima de tudo, Mario sentia movimentos de revolta inexprimiveis quando se lembrava que fôra Guillenormand que por motivos estupidos o arrancára cruelmente ao coronel, privando assim o pae do filho e o filho do pae.

A' força de afeição ao pae, Mario quasi que já tinha aversão ao avô.

Este sentimento, porém, como já dissemos, Mario não o manifestava. Mostrava-se sim cada vez mais frio, laconico á mesa e arredado da familia. Quando a tia ralhava por isso, respondia com brandura, desculpando-se com os seus estudos, com as aulas, com os exames, com as explicações, &, &. O avô não sahia do seu diagnostico infallivel: « Anda apaixonado! Eu cá sou entendido nestas cousas. »

Mario ausentava-se de tempos em tempos.

—Aonde irá? elle perguntava á tia.

Em uma destas viagens, que nunca eram longas, fôra a Montfermeil para obedecer á ordem que lhe deixara seu pae, e procurara o ex-sargento de Waterloo, o estalajadeiro Thénardier. Thénardier tinha quebrado, a estalagem estava fechada, e ninguem sabia o que era feito d'elle. Nestas pesquisas passara Mario quatro dias fôra de casa.

—O rapaz vae-se tornando decididamente mal comportado, disse o avô.

Tinham notado que elle trazia ao peito, por baixo da camisa, o que quer que fosse atado a uma fita preta que lhe pendia do pescoço.

VII

ALGUMA SAIA.

Fallámos acima em um lanceiro.

Era um sobrinho em terceiro gráu de Guillenormand, pelo lado paterno, o qual passava, fóra da familia e longe de todos os lares domesticos, a vida de guarnição. O tenente Theodulo Guillenormand reunia todas as condições precisas para ser o que se chama um *lindo official*. Tinha *uma cintura de moça*, um modo triumphante do arrastar a espada e bigodinhos retorcidos. Vinha muito poucas vezes a Pariz, tam poucas que Mario nunca o tinha visto. Os dous primos só se conheciam de nome. Theodulo era, cremos tel-o já dito, o favorito da tia Guillenormand, que o preferia, porque não vivia com elle. Quem não vive com outrem facilmente lhe attribue todas as perfeições.

Uma manhã recolhêra-se a Guillenormand ao seu aposento tam agitada quanto lh'o permittia a sua placidez. Mario acabava de pedir ainda a seu avô licença para fazer uma viagem, accrescentando que queria partir naquella mesma tarde. «Pois bem, vae!» respondêra o avô, e accrescentara á parte, franzindo o sobr'olho: «Já me vae dormindo muito fóra de casa.» A tia subira

para o seu aposento profundamente preocupada, e soltara na escada o ponto de exclamação: «E' de mais!» e o ponto de interrogação: «Mas aonde irá elle?» Descortinava alguma aventura amorosa mais ou menos illicita, uma mulher na penumbra, uma entrevista, um mysterio, e muito estimaria poder devassal-o com as suas cangalhas. Saboreando um mysterio, como que se sente um gosto de escandalo; as santas almas não detestam estas cousas. Nos compartimentos secretos da carolice ha uma tal ou qual dóse de curiosidade pelo escandalo.

Era, pois, preza do vago appetite de saber uma historia.

Para se distrahir desta curiosidade, que a agitava um pouco além dos seus habitos, refugiara-se nas suas prendas. e puzera-se a trabalhar em um desses bordados do tempo do imperio e da restauração, em que ha muitos desenhos imitando rodas de carro. Obra enfadonha, propria de uma rabujenta. Havia já algumas horas que se achava pregada na cadeira, quando a porta se abriu. A velha levantou o nariz; o tenente Theodulo estava deante della, e fazia-lhe a continencia militar. Soltou um grito de alegria. Embora velha, embora recatada, embora beata, embora tia, é sempre agradavel a uma mulher ver entrar no seu quarto um lanceiro.

—Tu aqui, Theodulo! exclamou.

—De passagem, minha tia.

—Então não me abraças?

—Prompto!

E abraçou-a. Atia Gillenormand encaminhou-se para a sua secretaria e abriu-a.

—Já sei que passarás toda a semana connosco?

—Não, minha tia, devo seguir esta tarde.

—Qual!

—Infallivelmente.

—Fica, meu Theodulosinho, eu t'o peço.

—O coração diz sim, mas o dever diz não. A historia é simples. Fizeram-nos mudar de guarnição; estávamos em Melun, mandam-nos para Gaillon. Para ir a Gaillon passa-se por Pariz. Disse, pois, com os meus botões: «Vou visitar minha tia.»

—E aqui tens pelo teu trabalho.

Deu-lhe dez luizes.

—Devo dizer pelo meu prazer, minha querida tia.

Theodulo tornou a abraçá-la, e ella teve o gosto de sentir os alamares da farda arranharem-lhe o pescoço.

—Fazes a viagem a cavallo com o teu regimento? perguntou-lhe.

—Não, minha tia. Queria vir vê-la. Obtive uma licença especial. O meu camarada leva-me a cavalgadura; eu vou em diligencia. E a proposito, lembra-me perguntar-lhe uma cousa.

—O que é?

—Meu primo Mario Pontmercy tambem viaja?

—Como sabes disso? tornou a tia, subitamente tocada no amago da curiosidade.

—Quando cheguei fui ao ponto da diligencia para tomar um lugar dentro do carro.

—E então?

—Um viajante já tinha vindo tomar um lugar no tejadilho. Vi o seu nome na lista.

—Que nome era?

—Mario Pontmercy.

—Mal comportado! exclamou a tia. Ah! teu primo não é um rapaz de juizo como tu. Passar a noite em uma diligencia!

—E eu então?

—Tu és forçado pelo dever; mas elle é só por devassidão!

—Apaga! murmurou Theodulo.

Aqui deu-se um acontecimento; a Guillenormand teve uma lembrança. Se fosse um homem teria batido na testa. Apostrophou Teodulo.

—Sabes que teu primo não te conhece?

—Sei. Eu já o vi, mas elle nunca se dignou dar fé de mim.

—Vocês vão viajar juntos, não é assim?

—Eu dentro da diligencia e elle no tejadilho.

—Para onde vae essa diligencia?

—Para Andelys.

—Mario irá até lá?

—Salvo se, como eu, tiver de apear-se no meio da viagem. Cá por mim, hei de ficar em Vernen, donde seguirei no carro de Gaillon. Ignoro qual seja o itinerario de Mario.

—Mario! que nome feio! Como se lembraram de pôr-lhe semelhante nome! Tu, ao menos, chamas-te Theodulo!

—Pois estimaria mais chamar-me Alfredo, tornou o official.

—Olha, Theodulo.

—Estou olhando, minha tia.

—Attende-me.

—Estou attendendo.

—Ouve bem.

—Sou todo ouvidos.

—Mario ausenta-se a miúdo.

—Eh! eh!

—Viaja.

—Ah! ah!

—Dorme fóra de casa.

—Oh! oh!

—Desejamos saber o que ha em tudo isso.

Theodulo respondeu com a calma de um homem irreprehensivel:

—Alguma saia, de certo.

E, com esse sorriso que manifesta a convicção, accrescentou:

—Alguma moçoila.

—E' evidente! exclamou a tia, que supoz ouvir fallar o pae, e sentiu a sua convicção sair da palavra *moçoila*, pronunciada pelo sobrinho quasi do mesmo modo porque o tio a pronunciava.

Continuou:

—Faze-nos um favor. Segue Mario. Ser-te-ha facil, porque elle não te conhece. Já que ha uma moçoila no negocio, trata de vê-la. Tu nos escreverás a historia, que de certo ha de divertir meu pae.

Theodulo não tinha lá decidido gosto para espia deste genero; mas achava-se nimiamente sensibilisado pelo dom dos dez luizes, cuja repetição se lhe figurava possivel. Aceitou a commissão e disse:

—Farei o que me pede, minha tia.

E accrescentou consigo mesmo: « Eis-me agora feito *Mentor*. »

A tia abraçou-o.

—Não serias tu, Theodulo, que farias destas travesuras. Obedeces á disciplina, és escravo do dever, és

um homem escrupuloso e austero, e de certo não abandonarias tua família para ir ver uma doudinha.

O lanceiro fez uma careta de satisfação, qual a faria Cartouche ouvindo louvar a sua probidade.

Mario, na tarde que se seguiu a este dialogo, tomou o seu lugar na diligencia, sem desconfiar que alguém o espiava. Quanto ao espia, a primeira coisa que fez foi pegar no somno. Dormia conscienciosamente. Argos levou toda a noite a roncar.

Ao romper do dia o cocheiro da diligencia gritou : « Vernon ! estamos na muda de Vernon ! quem fica em Vernon ? » E o tenente Theodulo acordou.

— Bem, murmurou ainda meio tonto do somno, é aqui que me apeio.

Depois aclarando-se gradualmente a memoria, lembrou-se de sua tia, dos dez luizes, e da commissão que aceitara de dar conta dos passos e acções de Mario. Riu-se.

— Já não ha de estar no carro, disse consigo mesmo, abotoando a farda. Talvez tenha ficado em Poissy ; talvez houvesse ficado em Triel ; se não se apeou em Meulan, talvez se tenha apeado em Mantes, salvo se se deixou ficar em Rolleboise, ou se não foi até Pacy, por ter tomado, ou á esquerda para Evreux, ou á direita para Laroche-Guyon, como melhor lhe parecesse. E eis desmanhada á egreginha de minha tia. Que diabo hei de agora escrever a boa da velha ?

Neste momento uma perna calçada de preto appareceu na vidraça da diligencia.

— Será Mario ? disse o tenente.

Era Mario.

Uma camponezinha, mettendo-se por entre os cavallos e os postilhões, offerecia flores aos viajantes : « Lindos ramos para mimos ! » gritava ella.

Mario chegou-se para a rapariga e comprou-lhe as mais bonitas flores do seu cabaz.

— Bofé ! disse Theodulo apeando-se, isto aguça-me a curiosidade. A quem diacho irá elle levar aquellas flores ? Só uma esplendida belleza pode merecer tam lindo ramalhate. Quero vê-la.

E, não já por mandato, porém por curiosidade pessoal, como esses cães que caçam por sua propria conta, entrou a seguir Mario.

Mario nenhuma fé dava de Theodulo. Algumas passagens, aliás lindas, desciam da diligencia; não olhou para ellas. Parecia que nada via em torno de si.

—Como está apaixonado! pensou Theodulo.

Mario dirigiu-se para a igreja.

—Muito bem! disse Theodulo. A igreja! é isso mesmo. As entrevistas misturadas com um bocadinho de missa são as melhores. Nada sabe tanto como uma o-lhadella que passa por cima de Deus.

Chegando á igreja, Mario não entrou, e voltou o fundo do côro. Desapareceu no angulo de um dos contra-fortes da abobada.

—A entrevista é fóra, disse Theodulo. Vejamos a moçoila.

E encaminhou-se na ponta dos pés para o angulo que Mario havia dobrado.

Ali chegando, parou estupefacto.

Mario com a fronte encostada nas mãos, estava ajoelhado junto de uma sepultura, sobre a qual desfolhara o seu ramalhete. Na extremidade da cova, a que era um tanto mais levantada por ser o lado da cabeça, havia uma cruz preta de pau, com este nome em lettras brancas:—O CORONEL BARÃO DE PONTMERCY.—Ouviam-se os soluços de Mario.

A amante era um tumulo.

VIII

DURO COM DURO.

Fôra alli que Mario viera a primeira vez que se ausentara de Pariz. Era alli que voltava cada vez que Guille-normand dizia: « *Elle vae-se desmandando.* »

O tenente Theodulo ficou verdadeiramente aturdido ao esbarrar-se assim com um sepulcro; experimentou uma sensação desagradavel e singular, que era incapaz de analysar, e que se compunha do respeito de um tumulto e do respeito de um coronel. Recuou, deixando Mario só no cemiterio, e fez este movimento como que determinado pela disciplina. A morte appareceu-lhe com grandes dragonas de coronel, e elle quasi lhe fez a continencia devida. Não sabendo o que escrevesse á sua tia, temou o expediente de não lhe escrever cousa alguma; e nada houvera provavelmente resultado da descoberta de Theodulo relativamente aos amores de Mario, se, por uma dessas disposições mysteriosas tam frequentes ao acaso, a scena de Vernon não tivesse tido quasi immediatamente uma especie de repercussão em Pariz.

Mario voltou de Vernon no terceiro dia, muito cedo, entrou em casa do avô, e, como se achasse moido por ter passado duas noites dentro da diligencia, sentindo

necessidade de reparaar a sua insomnia com uma hora de banho, subiu apressadamente ao seu quarto, demorou-se apenas o tempo sufficiente para largar a sobrecasaca e a fita preta que trazia ao pescoço, e logo sahiu para ir banhar-se.

Guillenormand, que se levantava cedo, como todos os velhos robustos, ouvira-o entrar, e dera-se pressa em galgar, o mais depressa que lhe permittiam as suas velhas pernas, a escada do sotão onde morava Mario, afim de o abraçar, e de interroga-lo abraçando-o, para ver se descobria donde elle vinha.

Mas o moço gastára menos tempo em descer que o octogenario em subir, e quando Guillenormand entrou no sotão já Mario havia sahido.

A cama não estava desmanchada, e em cima della se achavam bem á vista a sobrecasaca e a fita preta.

— Isto é melhor, disse Guillenormand.

E dahi a um momento fez a sua entrada na sala, onde já se achava a filha, bordando as suas rodas de carro.

A entrada foi triumphante.

Guillenormand trazia em uma das mãos a sobrecasaca e na outra a fita, e bradava:

— Victoria! vamos penetrar o mysterio! aqui está a solução do enigma; agora veremos até que ponto chegam as cavallarias altas do nosso sonso! estamos de posse do romance. Eis o retrato!

Comeffeito, uma caixinha de marroquim preto, bem semelhante a essas em que se guardam retratos, estava presa á fita.

O velho tinha a caixinha na mão e a mirou algum tempo sem abri-la com o ar de volupia, de enlevo e de colera que teria o pobre coitado esfomeado por deante de cujo nariz passasse um admiravel jantar destinado a outrem que não a elle.

— Pois isto é evidentemente um retrato. Eu cá sou muito entendido nestas cousas. E' para trazer ternamente em cima do coração. Pedacos d'asnos! Alguma abominavel centopêa, que sem duvida horrorisa a quem a vê! Os rapazes de agora teem tam máu gosto!

— Vejamos, meu pae, disse a velha.

A caixinha abria-se calcando em uma móla. Não acharam dentro senão um papel cuidadosamente dobrado.

— *Da mesma ao mesmo*, disse Guillenormand soltan-

do uma gargalhada, Já sei o que é — uma cartinha de amor!

— Ah! leíamos! disse a tia.

E poz as cangalhas. Desdobraram o papel e leram o seguinte:

«*Para meu filho.*—O imperador me fez barão no campo da batalha de Waterloo. Já que a restauração me contesta este titulo, que paguei com o meu sangue, meu filho o tome e use delle. E' bem de ver que será digno de usal-o.»

O que o pae e a filha sentiam não ha palavras que o exprimam. Ficaram gelados como ao sopro de uma caveira. Não trocaram palavra. Guillenormand, porém, disse em voz baixa e como que fallando consigo mesmo:

—A lettra é do tal acutilador!

A tia examinou o papel, revistou-o por todos os lados e tornou a pô-lo dentro da caixinha.

Neste momento um embrulho azul quadrilongo cahiu de um dos bolsos da sobrecasaca. A Guillenormand o apanhou e abriu. Eram os bilhetes de visita de Mario. Apresentou um ao pae que leu:— *O barão Mario Pontmercy.*

O velho tocou a campainha. Nicoletta entrou na sala. Guillenormand atirou a sobrecasa e a caixinha ao chão, e disse:

—Leva daqui estes trapos.

Passou-se uma boa hora no mais profundo silencio. O velho e a velha se tinham sentado dando-se as costas, e, cada um do seu lado, pensava provavelmente nas mesmas cousas. Ao cabo desta hora a tia Guillenormand disse:

—Bonito!

Instantes depois Mario appareceu. Antes mesmo de haver transposto o limiar, avistou o avô, que tinha na mão um dos seus bilhetes de visita, e que, ao avista-lo, exclamou com os seus ademanos de superioridade burguezia e mofadora capaz de esmagar:

—Ora! ora! ora! ora! pois tu agora és barão! Dou-te os parabens! O que significa isto?

Mario corou levemente, e respondeu:

—Significa que sou filho de meu pae.

Guillenormand cessou de rir-se, e disse desabridamente:

—Teu pae sou eu.

—Meu pae, tornou Mario com ar severo e baixos os olhos, era um homem humilde e heroico, que serviu gloriosamente a republica e a França, que foi grande na maior historia que os homens nunca jamais teem escripto, que viveu um quarto de seculo nos acampamentos, de dia debaixo da metralha e das balas, de noite na neve, na lama, debaixo da chuva; que tomou duas bandeiras e recebeu vinte e cinco feridas, que morreu esquecido e abandonado, e que, se algum erro teve em toda a sua vida, foi o de amar estremecidamente dous ingratos, o seu paiz e a mim!

Era mais do que Guillenormand podia ouvir. A' palavra *republica*, levantara-se, ou para melhor dizer, erguêra-se teso como uma estaca. Cada palavra que Mario acabava de pronunciar produzira no semblante do velho realista o effeito dos sopros de um folle sobre um tição ardente. De sombrio tornara-se vermelho, de vermelho purpureo e de purpureo chammejante.

—Mario! bradou elle. Abominavel rapaz! não sei o que era teu pae! não quero sabê-lo! nunca o soube nem saberei jamais! mas o que sei é que nunca houve entre toda essa gente senão miseraveis! é que todos elles eram uns maltrapilhos, uns assassinos, uns carapuças vermelhas, uns salteadores! eu digo todos! ouves, Mario! Olha, tu és tam barão como o meu chinello! todos eram malfeitores que serviram Robespierre! bandidos que serviram Bu-o-naparté! traidores que trahiram, trahiram, trahiram! o seu legitimo rei! covardes que fugiram deante dos prussos e dos inglezes em Waterloo! Ahi tem o que eu sei. Se o senhor seu pae se acha no meio dessa corja vil, ignoro-o, tanto peor, sinto muito, sou um seu creado.

Por seu turno era Mario o tição e Guillenormand o folle. Mario tremia desde os pés até á cabeça, estava fóra de si, tinha uma fragua no cerebro. Era como o padre que visse lançar ao vento todas as suas hostias, como o fakir que visse um viandante cuspir no seu idolo. Taes cousas, ditas em sua presença, não deviam ficar impunes. Mas o que fazer? Seu pae acabava de ser lançado ao chão e calcado aos pés na sua presença; mas por quem? por seu avô. Como vingar um sem ultrajar o outro? era-lhe impossivel insultar seu avô, e era-lhe

egualmente impossível deixar de vingar seu pae. De um lado um tumulto sagrado, do outro cabellos brancos. Esteve alguns instantes atordoado e titubeante, com todo este turbilhão na mente, depois levantou os olhos, olhou fixamente para seu avô, e bradou com voz atroadora:

—Morram os Bourbons e o porcalhão de Luiz XVIII!

Luiz XVIII era fallecido havia já quatro annos, mas para elle era o mesmo.

O velho, de escarlate que estava, tornou-se de subito tam branco como os cabellos que lhe cobriam a fronte. Voltou-se para um busto do duque de Berry que estava em cima da chaminé, e saudou-o profundamente com uma especie de magestade singular. Depois foi duas vezes, lenta e silenciosamente, da chaminé até á janella e da janella até á chaminé, atravessando toda a sala e fazendo estalar o pavimento, como uma estatua de pedra a caminhar. Da segunda vez inclinou-se para a filha, que assistia áquella discussão com o assombro de uma velha ovelha, e disse-lhe sorrindo-se com um sorriso quasi calmo:

—Um barão como esse senhor e um burguez como eu não podem viver debaixo do mesmo tecto.

E de repente erguendo-se livido, tremulo, terrivel, com a fronte abrasada de colera, estendeu o braço para Mario, e bradou-lhe:

—Retira-te!

Mario deixou a casa.

No dia seguinte Guillenormand disse a sua filha:

—Mande de seis em seis mezes cem pistolas a esse sanguinario, e nunca mais me falle nelle.

Tendo um immenso resto de furor para desabafar, e não sabendo como dar-lhe sabida, deixou de chamar por tu á filha por mais de seis mezes.

Mario, pelo seu lado, sahira indignado. Uma circumstancia, que cumpre não omittir, lhe agravava a irritação. Ha sempre fatalidadesinhas que complicam os dramas domesticos. Os ressentimentos com ellas crescem, bem que os aggravos se conservem os mesmos. Levando precipitadamente, por ordem do avô, os *trapos* de Mario para o quarto do mancebo, Nicoletta, sem dar portal, deixára cahir, provavelmente na escada do sótão, que era escura, a caixinha de marroquim preto em que estava o papel escripto pelo coronel. Em vão procu-

rou tanto a caixinha como o papel. Mario ficou convencido que o senr. *Guillenormand* (daquelle dia em diante não o tratou de outro modo) lançara ao fogo o *testamento de seu pae*. Sabia de côr as poucas linhas escriptas pelo coronel, e, por conseguinte, o mal não era irremediavel. Mas o papel, a lettra, essa reliquia sagrada, tudo isto era o seu proprio coração. O que haviam feito delle?

Mario retirara-se sem dizer para onde, sem mesmo saber para onde ia, com trinta francos e o seu relógio, e alguma roupa dentro de um sacco de viagem. Entrara em um carro da praça que alugara por hora e dirigira-se para o bairro da universidade.

Qual viria a ser o destino de Mario?

FIN DO LIVRO TERCEIRO.

LIVRO QUARTO.

DE ANTIQUOS DO A. M. B.

I

UM GRUPO QUE POR UM TRIZ SE TORNAVA HISTORICO.

Naquella época, indifferente na apparencia, um certo estremecimento revolucionario corria vagamente. Brisas, que voltavam das profundezas de 1789 e 1792, enchiam o espaço. A mocidade, permitta-se-nos a expressão, entrava na muda. Todos se transformavam quasi que sem dar por tal, pelo proprio movimento do tempo. O ponteiro que avança no gnomon avança tambem nas almas. Cada um dava para deante o passo que tinha de dar. Os realistas tornavam-se liberaes, os liberaes democratas.

Era como uma enchente de maré complicada de mil reflexos; é proprio dos reflexos produzirem misturas, dahi singularissimas combinações de idéas; adoravam ao mesmo tempo Napoleão e a liberdade. O que aqui escrevemos é historico. As opiniões teem as suas phases. O realismo *valtairiano*, variedade singular, teve um competidor não menos estranho, o liberalismo bonapartista.

Outros grupos de espiritos eram mais graves. Estes sondavam o principio; aferravam-se ao direito. Apaixo-

navam-se pelo absoluto, entreviam as realisações infinitas; o absoluto, pela rigidez que lhe é peculiar, arrebatava os espiritos ás regiões ideaes, fazendo-os fluctuar no illimitado. Nada tam proprio para gerar sonhos como o dogma. E nada tam proprio para crear o futuro como os sonhos. Utopia hoje, carne e osso amanha.

As opiniões adeantadas eram bífrentes. Um principio de mysterio ameaçava a *ordem estabelecida*, que era suspeita e dissimulada. Signal de todo o ponto revolucionario. O pensamento reservado do poder esbarra-se na mina com o pensamento reservado do povo. A incubação das insurreições responde á premeditação dos golpes de estado.

Então não havia ainda em França essas vastas organizações subjacentes como o *tugenbund* allemão e o *carbonarismo* italiano; mas aqui e acolá excavações sombrias, ramificando-se. A *Couyoud* esboçava-se em Aix; havia em Pariz, entre outras filiaes deste genero, a sociedade dos amigos do A B C.

O que vinham a ser os amigos do A B C? uma sociedade que tinha por fim, na apparencia a educação da infancia, mas na realidade a libertação dos homens.

Declaravam-se amigos do A B C. O *abaissé* ⁽¹⁾ era o povo. Queriam levanta-lo. Trocadilho de que fôra errar-se alguém. Os trocadilhos são ás vezes graves em politica; assim o *Castratustad castra*, que fez de Narsés um general commandante de exercito; assim *Barbari e Barbarini*; assim *Fueros y Fegas*; assim *Tu es Petrus et super hanc Petrom*, etc., etc.

Os amigos do A B C não eram numerosos, era uma sociedade secreta em estado embryonario; quasi diriamos um corrilho, se de corrilhos pudessem sahir heróes. Reuniam-se em Pariz em dous lugares, perto da Praça do Mercado, em uma taverna chamada *Coryntho*, de que trataremos depois, e perto do Pantheon n'um caffèzinho da praça de San'Miguel chamado *Caffé Musain*, hoje demolido; o primeiro destes lugares de reunião era vizinho dos obreiros, o segundo dos estudantes.

Os conciliabulos habituaes dos amigos do A B C pas-

(1) *Humilhado abatido*, etc., esta palavra pronuncia-se quasi com o som daquellas tres letras do alphabeto reunidas; dahi o trocadilho.

savam-se em uma sala dos fundos do *Caffé Musain*. Esta sala, que ficava muito afastada da da frente, com a qual communicava por um compridissimo corredor, tinha duas janellas e uma sahida com sua escada secreta para a travessa dos Grès. Alli fumavam, bebiam, jogavam, riam-se. Conversavam em voz alta a respeito de tudo, e em voz baixa a respeito de outra cousa. Na parede, indicio sufficiente para despertar o faro de qualquer agente de policia, estava pregada uma carta da França no tempo da republica.

A maior parte dos amigos do A B C eram estudantes que estavam em relações com alguns operarios. Eis aqui o nome dos principaes. Pertencem até certo ponto á historia: Enjolras, Combeferre, João Prouvaire, Feuilly, Courfeyrac, Bahorel, Lesgle ou Laigle, Joly, Grantaire.

Estes moços compunham entre si uma especie de familia, pela grande amizade que mutuamente se votavam. Todos, excepto Lesgle, eram do sul.

O grupo era notavel. Dissipou-se nas profundezas invisiveis do tempo já ido. No ponto deste drama a que somos chegados, talvez não seja inutil lançar um raio de luz sobre estas fronte juvenis antes que o leitor as veja mergulhar nas trevas de uma tragica aventura.

Enjolras, cujo nome citamos em primeiro lugar (depois se verá porque), era filho unico e rico.

Enjolras era um mancebo sympathico, capaz de ser terrivel. Tinha uma belleza angelica. Era Antinoo, porém austero. Ao ver-lhe a reverberação meditabunda do olhar, dissereis que elle já havia atravessado em alguma existencia precedente o apocalypse revolucionario. Guardava-lhe a tradição como uma testemunha. Sabia todos os pormenores da grande obra. Natureza pontifical e guerreira, estranha n'um adolescente. Era offi- ciante e militante; no ponto de vista immediato, soldado da democracia; acima do movimento contemporaneo, sacerdote do ideal. Tinha o olhar penetrante, as palpebras um tanto vermelhas, o labio inferior carnudo e facilmente desdenhoso, a fronte alta. Muita fronte n'um rosto é como muito céu n'um horizonte. Do mesmo modo que certos jovens do principio deste seculo e do fim do passado, que foram illustres tam cedo, tinha uma mocidade excessiva, fresca como a das virgens,

mas com as suas horas de pallor. Já homem, parecia ainda menino. Tinha vinte e dous annos, e não mostrava contar mais de dezesete; era grave, parecia ignorar que houvesse na terra um ente chamado—mulher. Uma unica paixão o dominava—o direito, um unico pensamento—vencer os obstaculos. No monte Aventino, teria sido Graccho; na convenção, Saint-Just. As rosas quasi que lhe não mereciam um volver de olhos, não sabia o que fosse a primavera, não ouvia o canto das aves; o seio nú d'Evadua não lhe teria causado mais abalo do que a Aristogiton; para elle, como para Harmodio, as flores só serviam para esconder a espada. Era severo nas alegrias. Perante tudo quanto não fosse a republica, marmoreo amante da liberdade, abaixava castamente os olhos. Sua palavra era ardentemente inspirada, e tinha a vibração de um hymno. Desdobrava inesperadamente as azas. Ai do amorico que se abalançasse a acercar-se-lhe! Se alguma *grisette* da praça Cambray ou da rua San'João de Beauvais, vendo-lhe os ademanes de rapaz fugido do collegio, o pescoço de pagem, os compridos ciliros louros, os olhos azues, os cabellos dispersos ao vento, as faces rosadas, os labios juvenis, os dentes delicados, cobiçasse toda aquella aurora, e viesse experimentar a sua belleza sobre Enjolras, um olhar espantado e temivel lhe houvera mostrado de repente um abysmo, e ensinado a não confundir o formidavel cherubim de Ezechiel com o cherubim galanteador de Beaumarchais.

Ao lado d'Enjolras, que representava a logica da revolução, Combeferre representava-lhe a philosophia. Entre a logica da revolução e a sua philosophia, ha a differença de que aquella pode conduzir á guerra, ao passo que esta não pode conduzir senão á paz. Combeferre completava e rectificava Enjolras. Era menos alto e mais cheio. Queria que se dessem aos espiritos os principios misturados com idéas geraes; dizia: Revolução, porem civilisação; e em torno da montanha alcançtilada abria o vasto horizonte azul. Dahi, em todas as vistas de Combeferre, um certo lado accessivel e praticavel. A revolução com Combeferre era mais respiravel do que com Enjolras. Enjolras exprimia-lhe o direito divino, e Combeferre o direito natural. Aquelle approximava-se de Robespierre, este confinava com Con-

dorcet. Combeferre vivia mais do que Enjolras da vida commum. Se tivesse sido dado a estes dous moços chegarem até á historia, um houvera sido justo, o outro sabio. Enjolras era mais viril, Combeferre mais humano. *Homo* e *Vir*, nisto consistia effectivamente o seu respectivo matiz. Combeferre era brando como Enjolras era severo, por candidez natural. Prezava a palavra *cidadão*, mas preferia a palavra *homem*. De bom grado houvera dito: *Hombre*, como os hespanhoes. Lia tudo, frequentava os theatros, assistia aos cursos publicos, aprendia com Arago a polarisação da luz, extasiava-se com uma prelecção em que Geoffroy-Saint-Hillaire explicara a dupla funcção das arterias carotidas interna e externa, esta que faz o rosto, aquella que faz o cerebro; andava em dia com tudo, seguia a sciencia passo a passo, confrontava Saint-Simon com Fourier, decifrava hieroglyphos, quebrava as pedras que encontrava e discorria sobre geologia, desenhava de memoria uma borboleta bombix, assignalava erros de francez no dictionario da academia, estudava Puységur e Deleuze; nada affirmava, nem mesmo os milagres; nada negava, nem mesmo os fantasmas; folheava a collecção do *Monitor*, meditava. Declarava que o futuro está na mão do mestre escola e preocupava-se com as questões de educação. Queria que a sociedade trabalhasse incessantemente na elevação do nivel intellectual e moral, na monetisação da sciencia, na circulação das idéas, no alargamento do espirito da mocidade, e temia que a pobreza actual dos methodos, a miseria das idéas litterarias limitadas a dous ou tres seculos chamados classicos, o dogmatismo tyrannico dos pedantes officiaes, os preconceitos escolasticos e as veredas não acabassem por transformar os nossos collegios em ostreiras artificiaes. Era sabio, purista, compendioso, polytechnico, esmiuçador e ao mesmo tempo pensativo até á *chiméra*, diziam seus amigos. Cria em todos os sonhos: os caminhos de ferro, a supressão da dôr nas operações chirurgicas, a fixação da imagem na camara escura, o telegrapho electrico, a direcção dos balões. De resto, pouco o desanimavam as cidadellas construidas por toda a parte contra o genero humano pelas superstições, pelos despotismos e pelos preconceitos. Era desses que pensam que a sciencia acabará por vencer tudo. Enjolras era um chefe, Combeferre

um guia. No combate, seria aquelle o melhor commandante, e na marcha, este. Não que Combeferre fosse incapaz de combater, não se negava a arcar com os obstáculos, nem a ataca-los á viva força e por explosão; mas pôr, pouco a pouco, por meio do ensino dos dogmas e da promulgação das leis positivas, o genero humano de accordo com os seus destinos, parecia-lhe melhor; e, entre duas claridades, preferia a da illuminação á do incendio. Um incendio allumia de certo, mas porque não esperar o romper do dia? Um volcão aclara, mas a aurora aclara melhor. Combeferre preferia talvez a brancura do bello ao chamemjar do sublime. Uma claridade perturbada pela fumaça, um progresso obtido pela violencia, não lhe satisfaziam o espirito meigo e grave. Um despecho do povo, um 1793, na verdade o assustava; entretanto a estagnação ainda mais lhe repugnava, nella sentia a putrefacção e a morte; em todo o caso, preferia a espuma ao miasma, á cloaca a torrente, e o salto do Niagara ao charco de Montfaucon. Em summa, não queria nem parada nem pressa. Ao passo que seus tumultuosos amigos, cavalheirescamente apaixonados do absoluto, adoravam e invocavam as esplendidas aventuras revolucionarias, Combeferre propendia para confiar tudo ao progresso, ao bom progresso; frio talvez, mas puro; methodico, mas irreprehensivel; fleugmatico, mas imperturbavel. Combeferre houvera ajoelhado e posto supplice as mãos para que o futuro chegasse com toda a sua candura, e para que nada perturbasse a immensa evolução virtuosa dos povos. *Releva que o bem seja innocente*, repetia de continuo. E com effeito, se a grandeza está em fitar o deslumbrante ideal e em voar para elle por entre raios, com sangue e fogo nas garras, a belleza do progresso está em não ter marcha; e ha entre Washington que representa este, e Danton em quem se encarna aquella, a differença que separa o anjo de azas de cysne do anjo de azas de aguia.

João Preuvairé era ainda mais brando do que Combeferre. Chamava-se *Jehan*, por um caprichozinho momentaneo que se ajuntava ao poderoso e profundo movimento de onde sahiu o estudo tam necessario da idade media. João Preuvairé era amoroso, cultivava um vaso de flores, tocava flauta, fazia versos, amava ao povo, lastimava a mulher, lamentava a infancia, confundia

na mesma confiança o futuro e Deus, e censurava a revolução por não ter poupado uma fronte regia, a de André Chénier. Tinha a voz de ordinario delicada e em certas occasiões viril. Era litterato até á erudição, e quasi orientalista. A sua bondade sobrelevava a tudo o mais; e, cousa mui simples para quem sabe quanto a bondade confina com a grandeza, em poesia preferia o immenso. Sabia italiano, latim, grego e hebraico, e isto servia-lhe para ler unicamente quatro poetas: Dante, Juvenal, Eschylo e Isaías. Em francez, preferira Corneille a Racine e Agrippa d'Aubigné a Corneille. Gostava de vagar pelos campos de avêa e de boninas, occupava-se tanto com as nuvens como com os acontecimentos. O seu espirito tinha duas atitudes, uma do lado do homem, outra do lado de Deus; estudava ou contemplava. Todo o dia aprofundava as questões sociaes: o salario, o capital, o credito, o casamento, a religião, a liberdade de pensar, a liberdade de amar, a educação, a penalidade, a miseria, a associação, a propriedade, a producção e a partilha, o enigma terrestre que cobre de sombra o formigueiro humano; e de noite contemplava os astros, esses entes enormes. Como Enjolras, era rico e filho unico. Fallava baixo, inclinava a fronte, abaixava os olhos, sorria-se com acanhamento, vestia-se mal, tinha modos desazados, corava pela menor cousa, era mui timido. Quanto ao mais, intrepido.

Feuilly era um official lequeiro, orphão de pae e mãe, que ganhava a custo tres francos por dia, e não tinha senão um unico pensamento, libertar o mundo. Tinha ainda outra preocupação: instruir-se; ao que elle tambem chamava libertar-se. Aprendera comsigo mesmo a ler e a escrever: tudo quanto sabia, devia só a seus esforços escurios! Feuilly era um coração generoso. As suas sympathias desconheciam limites. Era um orphão que adoptara os povos. Faltando-lhe mae, meditara sobre a patria. Não queria que houvesse na terra um unico homem sem patria. Fomentava em segredo, com a adivinhação profunda do homem do povo, o que chamamos hoje *a idéa das nacionalidades*. Aprendera expressamente a historia para indignar-se com conhecimento de causa. Nesse cenaculo de jovens utopistas, occupados sobretudo da França, representava elle o exterior. Tinha por especialidade a Grecia, a Polonia, a

Hungria, a Romania, a Italia. Pronunciava de continuo estes nomes, a proposito e fora de proposito, com a tenacidade do direito. Exasperavam-n'o os attentados commettidos pela Turquia contra a Grecia e a Thessalia, pela Russia contra a Varsovia, pela Austria contra Veneza. Entre todas estas iniquidades que o embraveciam, tinha o primeiro lugar a grande violencia de 1772. Quando á verdade se ajunta a indignação, não ha mais soberana eloquencia; Feuilly era assim eloquente. Nunca se cansava de invectivar a data infame de 1772, de lamentar esse nobre e valente povo supprimido por traição, de amaldiçoar esse crime commettido por tres, essa cilada monstruosa, prototypo e norma de todas essas hediondas suppressões que, depois, soffreram diversas nobres nações, e que, por assim dizer, lhes borraram o acto do nascimento. Todos os attentados sociaes contemporaneos se derivam do desmembramento da Polonia. A divisão da Polonia é um theorema de que todos os attentados politicos actuaes são corollarios. Não ha um despota, não ha um traidor, de um seculo para cá, que não tenha visado, homologado, referendado, rubricado, *ne varietur*, a partilha da Polonia. Quando compulsamos o auto das traições modernas, é esta a que primeiro apparece. O congresso de Vienna consultou esse crime antes de consummar o seu. 1772 toca a trombeta, 1815 é a carniça. Tal era o texto habitual de Feuilly. Este pobre operario fizera-se tutor da justiça, e ella recompensava-o engrandecendo-o. E' que, comeffeito, ha eternidade no direito. Varsovia não pode ser tartara, assim como Veneza não pode ser tudesca. Os reis perdem alli os seus esforços e a sua honra. Cedo ou tarde, a patria submergida volta á superficie e reapparece. A Grecia torna a ser a Grecia, a Italia torna a ser a Italia. O protesto do direito contra o facto persiste para sempre. O roubo de um povo não prescreve. Estas gatunices não perduram. Não se tira a marca de uma nação como a de um lenço.

Courfeyrac era filho de um sujeito a quem chamavam o senr. de Courfeyrac. Uma das idéas falsas da burguezia da restauração a respeito de aristrocacia e de nobreza, era crer na particula. A particula, como se sabe, nenhuma significação tem. Mas os burguezes do tempo da *Minerva* apreciavam tanto esse mesquinho

de, que todos se julgavam obrigados a abdicar-lo. O senr. de Chauvelin passara a chamar-se Chauvelin; o senr. de Caumartin, Caumartin; o senr. de Constant de Rebecque, Benjamim Constant; o senr. de Lafayette, Lafayette. Courfeyrac não quiz ficar atrás, e chamava-se simplesmente Courfeyrac.

Quasi poderíamos, no que diz respeito a Courfeyrac, limitarmo-nos a isto, e dizendo quanto ao mais: Courfeyrac, veja-se Tholomyès.

Courfeyrac tinha comeffeito essa vivacidade juvenil a que poderíamos chamar belleza passageira do espirito. Com o correr do tempo, extingue-se como a graça do gatinho, e toda essa gentileza vem a dar, no bipede, em um burguez, e no quadrupede, em um gatarraz.

As gerações que atravessam as escolas, os turnos successivos da mocidade, transmittem umas ás outras este genero de espirito, passando-o de mão em mão, *quasi cursores*, pouco mais ou menos inalterado; de maneira que, como acabamos de indicar, quem quer que tivesse ouvido Courfeyrac em 1828 supporia ouvir Tholomyès em 1817. Courfeyrac, porém, era um digno moço. Sob as apparentes semelhanças que assignalamos, a differença entre elle e Tholomyès era grande. O homem latente que nelles existia era em um de todo o ponto differente do do outro. Em Tholomyès havia um procurador e em Courfeyrac um paladino.

Enjolras era o chefe, Combeferre o guia, Courfeyrac o centro. Os outros davam mais luz, elle mais calorico: o facto é que elle tinha todas as qualidades de um centro, era redondo e radiante.

Bahorel figurara no tumulto sanguinolento de 1822, por occasião do enterro do joven Lallemand.

Bahorel era uma creatura de character jovial e de pessimo trato, valente, indiscreto, prodigo acertando com a generosidade, tagarella acertando com a eloquencia, desembaraçado acertando com o descaramento; o melhor estur-lho que jámais se viu; usando colletes temerarios, e professando opiniões vermelhas; desordeiro em ponto grande, isto é, gostando immensamente de brigas, mas preferindo-lhes um motim, e immensamente de um motim, mas preferindo-lhes uma revolução; sempre prompto a quebrar uma vidraça, a descalçar uma rua, a derribar um governo, para ver o effeito; estu-

dante do undecimo anno. Cheirava, não estudava, o direito. Tinha por divisa: *advogado nunca*, e por armas uma mesa de cabeceira, em cima da qual lobrigava-se um capello. Todas as vezes que passava pela frente da escola de direito, o que mui raras vezes lhe acontecia, abotoava a sobrecasaca (o *paletot* ainda não tinha sido inventado), e tomava precauções hygienicas. Dizia do frontispicio da escola: que bello velho! e do decano, o senr. Delvincourt: que monumento! Nas prelecções só via assumptos para canções, e nos professores objectos de caricatura. Devorava para nada fazer uma pensão bastante consideravel, uns tres mil francos. Tinha por paes uns camponezes, a quem soubera inspirar o respeito de seu filho.

Dizia delles: « São camponios, e não burguezes; é por isso que teem intelligencia. »

Bahorel, homem caprichoso, frequentava diversos cafés; os outros tinham habitos, elle não. Vagamundearva. Errar é humano. Vagamundear é pariziense. Na realidade, espirito penetrante e pensador muito mais do que o parecia.

Servia de elo entre os amigos do A B C e outros grupos ainda informes, mas que depois deviam manifestar-se.

Neste conclave de frontes jovens havia uma cabeça calva.

O marquez de Avaray, que Luiz XVIII fez duque por te-lo ajudado a entrar em um carro de aluguel no dia em que emigrou, contava que em 1814, quando o rei, ao voltar para França, desembarcava em Calais, um homem lhe entregára um requerimento.

—O que é que requer? disse o rei.

—Senhor, um lugar de agente do correio.

—Como se chama?

—L'Aigle. ⁽¹⁾

O rei franziu o sobr'olho, olhou para a assignatura do requerimento e viu o nome assim escripto:—LESGLE. Esta orthograpia pouco bonapartista commoveu o rei que começou a sorrir-se.—Senhor, continuou o homem do requerimento, um dos meus antepassados foi guarda das reaes matilhas e tinha o appellido de Lesgueules.

(1) A Aguia.

Este appellido, tomei-o para meu nome. Chamo-me Lesgueules, por contracção Lesgle e por corrupção L'Aigle. Ouvindo isto o rei acabou de sorrir-se. Dahi a tempos deu ao sujeito a agencia do correio de Meaux, ou de proposito ou por acaso.

O membro calvo do grupo era filho desse Lesgle, ou Lègle, e assignava-se Lègle (de Meaux). Os camaradas, para abreviarem, chamavam-n'o Bossuet.

Bossuet era um rapaz gracejador e infeliz. A sua especialidade era não conseguir nada. Em compensação, ria-se de tudo. Aos vinte e cinco annos estava calvo. O pae conseguira ter uma casa e um campo; mas o filho, apenas de posse destes bens, apressara-se em perder n'uma desastrada especulação a casa e o campo. Ficára sem cousa nenhuma. Tinha sciencia e espirito, porem abortava em tudo. Tudo lhe falhava, tudo o enganava; quantos castellos erguia cahiam-lhe em cima. Se rachava lenha, cortava um dedo. Se tinha uma amante não levava muito em descobrir que tambem tinha um amigo. A cada instante lhe succedia alguma contrariedade; dahi o seu humor chocarreiroo. Dizia: *Sou tam feliz que quebro as pernas decendo da cama*. Pouco admirado, porque para elle o accidente era cousa prevista, supportava serenamente os contratemplos e ria-se das pirraças do destino como quem sabe brincar. Era pobre, mas tinha um peculio inexaurivel de bom humor. Chegava depressa ao seu ultimo soldo, nunca á sua ultima gargalhada. Quando a adversidade lhe entrava em casa, saudava cordialmente a sua antiga conhecida; batia na barriga das catastrophes; tinha tanta familiaridade com a fatalidade que a tratava pela sua alcunha.—Bom dia, Enguiço, dizia elle.

Estas perseguições da sorte o tinham tornado inventivo. Era secundissimo em recursos. Não tinha dinheiro, mas achava meio de fazer, quando lhe dava para isso, *despezas horrorosas*. Uma noite chegou a devorar *cem francos* em uma cêa com certa fufia, o que lhe inspirou no meio da orgia este dito memoravel: *Filha de cinco luzes, tira-me as botas*.

Bossnet dirigia-se lentamente para a profissão de advogado; estudava o direito, á maneira de Bahorel. Bossuet não tinha domicilio certo; ás vezes mesmo nem certo nem incerto. Hospedava-se ora em casa de um,

era em casa de outro, porem mais ordinariamente em casa de Joly. Joly estudava medicina. Tinha dous annos menos que Bossuet.

Joly era o *doente imaginario* moço. O que ganhava com a medicina era antes ser doente que medico. Aos vinte e tres annos suppunha-se valetudinario e passava a vida deante do espelho a observar a lingua. Affirmava que o homem se magnetisa como uma agulha, e de noite no seu quarto punha a cama com os pés para o norte e a cabeceira para o sul, para que, durante o somno, a grande corrente magnetica do globo lhe não contrariasse a circulação do sangue. Quando havia tempestade tomava o pulso a si mesmo. Quanto ao mais excedia aos outros na alegria. Todas estas incoherencias, moço, maniaco, doente, divertido, harmonisavam-se e davam em resultado um ente excentrico e agradável a quem os seus camaradas, prodigos de consoantes *aladadas*, chamavam Jolilly. Tu podes voar com quatro LL⁽¹⁾ dizia-lhe João Prouvaire.

Joly tinha o habito de encostar o castão da bengala ao nariz, o que é indicio de espirito sagaz.

Todos estes moços, tam diversos, e de quem, em summa, só sériamente se deve fallar, tinham a mesma religião—o Progresso.

Todos eram filbos directos da revolução franceza. Os mais frívolos tornavam-se solemnes quando pronunciavam a data de 1789. Seus paes carnaes haviam sido bernardos realistas, doutrinarios; pouco importava; elles, que eram moços, nada tinham que ver com essa moxinifada que lhes fôra anterior, o sangue puro dos principios lhes corria nas vêas. Adheriam sem matiz intermediario ao direito incorruptivel e ao dever absoluto.

Adeptos e iniciados, esboçavam clandestinamente o ideal.

Entre todos estes corações apaixonados e todos estes espiritos convencidos, havia um sceptico. Como? por justaposição. Este sceptico chamava-se Grantaire, e assignava-se habitualmente com este trocadilho: R⁽²⁾ Grantaire era um homem que punha todo o seu cuidado em não crer em cousa nenhuma. Era aliás um dos estudantes que mais haviam aprendido durante o seu

(1) Esta letra pronuncia-se como *aile*, que significa *aza*.

(2) *Grand R.*—R grande.—Calimburgo do nome Grantaire.

curso em Pariz; sabia que o melhor caffè se achava em casa de Lemblin e o melhor bilhar no caffè Voltaire, que se encontravam bons bolinhos e bonitas moçoilas na Ermida do *boulevard* do Maine, frangos guisados em casa da mãe Saguet, excellentes caldeiradas de peixe na barreira da Cunettê, e, na do Combate um certo vinhosinho branco. Sabia todos os bons lugares, em qualquer parte; além disso era dèstro na *savate*, e no *chusson* profundo botânico, e havia aprendido algumas dansas. Para coroar dignamente tudo isto, insigne bebedor. Era um assombro de fealdade; a mais linda debruadora de botinas daquelle tempo, Irma Boissy, indignada da sua deformidade, pronunciára esta sentença: « *Grantaire é impossible!* » mas a presumpção de Grantaire não se perturbava. Olhava terna e fixamente para todas as mulheres, como que dizendo-lhes: « *Se eu quizesse!* » e buscando fazer crer aos camaradas que era o idolo de todas.

As palavras—direitos do povo, direitos do homem, contracto social, revolução franceza, republica, democracia, humanidade, civilisação, religião, progresso, eram, para Grantaire, quasi sem significação. Ria-se dellas. O scepticismo, que é a carie da intelligencia, não lhe deixara uma idéa inteira no espirito. Vivía com ironia. Tinha por axioma o seguinte: « Só ha uma certeza, o meu copo cheio. » Escarnecia de todas as adhesões em todos os partidos, tanto do irmão como do pae, tanto de Robespierre moço como de Loizerolles.—Muito ganharam em morrer, exclamava elle. Dizia da cruz: ora ali está um patibulo que teve boa fortuna. Vadio, jogador, devasso, muitas vezes bebado, aborrecia os jovens pensadores cantarolando de continuo: *J'aimons les filles et j'dinons le bon vin.*⁽¹⁾ Musica: *Viva Henrique IV.*

Este sceptico, porem, tinha um fanatismo. Este fanatismo não era nem uma idéa, nem um dogma, nem uma arte, nem uma sciencia; era um homem: Enjolras. Grantaire admirava, amava e venerava Enjolras. A quem se uniria esse duvidador anarchico nesta phalange de espiritos absoltos? Ao mais absoluto. De que modo o subjugava Enjolras? pelas idéas? Não. Pelo character. Phenomeno muitas vezes observado. Um sceptico que adhe-

(1) Gostamos das moçoilas e jantamos com bom vinho! No francez está em linguagem rasteira e viloa.

re a um crente, é cousa simples como a lei das côres complementares. O que nos falta attrahe-nos. Ninguém gosta tanto da luz como o cego. A anan adora o tambor-mór. O sapo está sempre a olhar para o céu, pôr que? Para ver o passarinho voar. Grantaire, em quem rojava a duvida, gostava de ver a fê adejar em Enjolras. Carecia de Enjolras. Sem comprehende-lo bem, e sem mesmo buscar comprehende-lo, encantava-o esta natureza casta, san, firme, recta, dura, candida. Admirava, por instincto, o seu contrario. As suas idéas moles, vacillantes, deslocadas, enfermas, desformes, ligavam-se a Enjolras como a uma espinha dorsal. O seu rachitismo moral apoiava-se naquella firmeza. Grantaire, junto de Enjolras, tornava-se alguem. Demais, era composto de dous elementos na apparencia incompativeis. Era ironico e affectuoso. A sua indifferença amava. O seu espirito podia viver sem crença, mas o coração não podia passar sem amizade. Contradição profunda; porque uma afeição é uma convicção. A sua natureza era assim. Ha homens que parecem nascidos para ser o verso, o avesso, o reverso. São Pollux, Patroclo, Niso, Eudamidas, Ephestião, Pechmeja. Não vivem senão encostados a outro; o seu nome é uma continuação, e só se escreve precedido da conjuncção *e*; a sua existencia não lhes é propria; é o outro lado de um destino que não é o seu. Grantaire era um desses homens. Era o avesso de Enjolras.

Quasi poderíamos dizer que as affinidades começam nas lettras do alphabeto. Na serie, O e P são inseparaveis. Qualquer pode, a seu sabor, pronunciar O e P, ou Orestes e Pylades.

Grantaire, verdadeiro satellite d'Enjolras, frequentava aquella roda de moços; alli vivia, só alli estava satisfeito; acompanhava-os a toda a parte. A sua maior alegria era ver, por entre os vapores do vinho, aquelles vultos moverem-se daqui para alli. Toleravam-n'o pelo seu humor folgazão.

Enjolras, crente, desdenhava este sceptico, e, sobrio, não podia supportar-lhe a embriaguez. Tratava-o com uma compaixão altiva; Grantaire era um Pylades repellido. Sempre maltratado por Enjolras, despresado duramente, enxotado e voltando sempre, dizia d'Enjolras.— Que bello marmore!

II

ORAÇÃO FUNEBRE DE BLONDEAU, POR BOSSUET.

Numa tarde, que tinha, como se vae ver, alguma coincidência com os acontecimentos referidos mais acima, Laigle de Meaux estava sensualmente encostado á hombreira da porta do caffè Musain. Tinha o todo de uma cariatide em ferias; a unica cousa que sustentava era o seu proprio cogitar. Olhava para a praça de San'Miguel. Encostar-se é uma maneira de estar deitado em pé que não deixa de ser apreciada pelos pensadores. Laigle de Meaux meditava, sem melancholia, em uma contrariedadesinha que lhe acontecera na ante-vespera, na escola de direito, e que modificava os seus planos pessoaes de futuro, planos aliás bastante indistinctos.

A meditação não impede que um *cabriolet* passe, nem que o meditador veja o *cabriolet*. Laigle de Meaux, cujos olhos vagavam em uma especie de perambulação diffusa, avistou, através desse sonambulismo, um vehiculo de duas rodas que passava pela praça lentamente e como que indeciso. O que significava esse *cabriolet*? por que ia a passo? Laigle olhou para dentro do vehiculo. Ao lado do boleeiro, avistou um moço, e junto do moço um grande sacco de viagem. O sacco mostrava aos viandantes um nome escripto com grandes letras

pretas em um cartão pregado no panno: MARIO PONT-
MERCY.

Este nome fez Laigle mudar de attitude. Endireitou-se e lançou esta apostrophe ao moço do tilbury:

—Senr. Mario Pontmercy!

O cabriolet interpellado parou.

O moço que, tambem pelo seu lado, parecia meditar profundamente, levantou os olhos.

—O que é? disse.

—E' o senr. Mario Pontmercy?

—Sem duvida.

—Procuravam-n'o, tornou Laigle de Meaux.

—Como assim? perguntou Mario; pois era elle, com effeito, que sahia da casa do avô; e tinha deante de si uma figura que via pela primeira vez. Não o conheço.

—Nem eu tambem conheço o senhor, respondeu Laigle.

Mario suppoz que se havia encontrado com um gracejador, e que aquillo era um principio de caçoadas no meio da rua. Naquelle momento não estava disposto para brincadeiras. Franziu o sobr'olho. Laigle de Meaux, imperturbavel, continuou:

—O senhor não faltou ante-hontem á escola!

—E' possivel.

—E' certissimo.

—O senhor é tambem estudante? perguntou Mario.

—Sim, senhor. Ante-hontem entrei por acaso na escola. O senhor bem sabe, ás vezes temos destas lembranças. O professor ia fazer a chamada. Não ignora que elles agora estão muito desfructaveis. A' terceira falta, riscam um pobre diabo da matricula. E lá se vão sessenta francos.

Mario começa a escutar. Laigle continuou:

—Era Blondeau que fazia a chamada. O senhor bem conhece Blondeau, tem um nariz pontudissimo e muito malicioso, e fareja com delicias os ausentes. Começou sonsamente pela letra P. Não lhe dava attenção porque nada tinha com essa letra. A chamada não ia mal. Nem um só riscado, toda a rapasiada se achava presente. Blondeau estava triste. Eu dizia com os meus botões: Blondeau, meu querido, hoje não farás nenhuma execuçõesinha. De repente Blondeau chama Mario

Pontmercy. Ninguém responde. Blondeau, cheio de esperança repete mais alto: *Mario Pontmercy*. E pega na penna. Senhor, eu tenho entranhas. Disse rapidamente comigo mesmo: Ah! está um bom moço que vai ser riscado. Atenção. Este é um verdadeiro patusco. Bem se vê que não é nenhum discípulo assíduo. Não leva amarrado nos bancos, não é um estudante que estuda, um basbaque pedante, recheado de sciencia, lettras, theologia e sapiencia, um desses espiritos alvares estirados com quatro alfinetes; um alfinete por faculdade. É um digno preguiçoso que passeia, que aprecia o campo, que cultiva a *grisette*, que namorica as bellas, que talvez se ache neste momento em casa da minha amante. Salvemo-lo. Morra Blondeau! Neste momento Blondeau molhou no tinteiro a penna negra de proscricções, correu com um olhar feroz todo o auditorio, e repetiu pela terceira vez: *Mario Pontmercy*! Eu respondi: *Presente*! E deste modo evitei que o senhor fosse riscado.

—Senhor!... disse Mario.

—Mas não pude evitar que eu proprio o fosse, acrescentou Laigle de Meaux.

—Não o comprehendo, tornou Mario.

Laigle continuou:

—Nada mais simples. Estava perto da cadeira para responder, e perto da porta para esgueirar-me. O professor contemplava-me com attenção. De repente, Blondeau, que deve ser o nariz malicioso de que falla Boileau, passa á lettra L. L é a minha lettra. Eu sou de Meaux, e chamo-me Lesgle.

—L'Aigle! interrompeu Mario, que bonito nome!

—Pois sim, senhor; Blondeau chega a este bonito nome, e grita: *Laigle*! Eu respondo: *Presente*! Então Blondeau me encara com a brandura de um tigre, sorri-se e diz-me: se o senhor é Pontmercy não é Laigle. Palavras estas que poderão não ser muito lisongeiras para v. m., mas que não foram lugubres senão para mim. E tendo-as dito, riscou-me.

Mario exclamou:

—Senhor, sinto realmente...

—Antes de tudo, interrompeu Laigle, deixe-me embalsamar Blondeau em algumas phrases de elogio sentido. Supponho-o morto. Demais, a sua magreza, a sua pal-

lidez, a sua frieza, a sua rigidez e o seu cheiro quasi que ja são propriamente do cadaver. Portanto digo: *Erudimini qui judicatis terram*. Aqui jaz Blondeau, Blondeau Nariz, Blondeau Nasica, o boi da disciplina, *bos disciplinae*, o molosso do regulamento, o anjo da chamada, que foi recto, quadrado, exacto, rigido, honrado e horrendo. Deus o riscou assim como elle me riscou a mim.

Mario continuou:

—Estou afflicto. . . .

—Moço, disse Laigle de Meaux, sirva-lhe isto de lição. Daqui em diante, seja exacto.

—Creia que lhe peço sinceramente desculpa.

—Não exponha nunca mais o proximo a ser riscado.

—Estou desesperado. . . .

Laigle soltou uma gargalhada.

—E eu contentissimo. Achava-me em risco de ser advogado. Esta borradura salvou-me. Renuncio aos triumphos do fôro. Não defenderei a viuva nem atacarei o orphão. Adeus toga, adeus tempo perdido, na pratica! Perdi o anno. E' um favor que lhe devo, senr. Pontmercy. Tanto assim que estou resolvido a fazer-lhe uma visita de agradecimento. Onde mora?

—Neste cabriolet, tornou Mario.

—Signal de opulencia, tornou Laigle com toda a calma. Aceite os meus parabens. Ahi está um domicilio que lhe ha de custar uns nove mil francos por anno.

Neste momento Courfeyrac sahia do caffè.

Mario sorriu-se tristemente:

—Estou neste domicilio ha duas horas e morro por sahir delle; mas vejo-me realmente embaraçado, não sei para onde vá.

—Pois venha para minha casa, disse Courfeyrac.

—A mim caberia a prioridade, observou Laigle, mas não tenho casa.

—Cala-te, Bossuet, tornou Courfeyrac.

—Bossuet? disse Mario, eu suppunha que o senhor se chamava Laigle.

—De Meaux, respondeu Laigle; por metaphora Bossuet.

Courfeyrac entrou no *cabriolet*, e disse ao bolieiro:

—Para a Porta de Sanct'Iago.

E nessa mesma noite, Mario occupava um quarto ao lado do de Courfeyrac.

III

ADMIRAÇÕES DE MARIO.

Dahi a alguns dias Mario já era amigo de Courfeyrac. A mocidade é a quadra das soldas faceis e das cicatrizações rapidas. Mario junto de Courfeyrac respirava livremente, o que era novo para elle. Courfeyrac não lhe fez perguntas, nem mesmo pensou em fazer-lh'as. Nessa idade os semblantes dizem tudo para logo. A palavra é inutil. Ha mancebo cuja physionomia parece verdadeiramente fallar: olham-se, e para logo se conhecem.

Todavia, uma manhan, Courfeyrac fez-lhe de repente esta pergunta:

—E' verdade, o senhor tem alguma opinião politica?

—Essa é boa! disse Mario, quasi offendido com a pergunta.

—Então qual é?

—Sou democrata bonapartista.

—Matiz cinzento de ratinho tranquillo, disse Courfeyrac.

No dia seguinte, levou Mario ao Caffé Musain. Depois segredou-lhe ao ouvido, sorrindo-se: E' preciso que lhe dê entrada na revolução. E conduziu-o á sala dos ami-

gos do A B C. Apresentou-o aos outrôs camaradas dizendo em meia voz estas simples palavras que Mario não entendeu:—E' um discipulo.

Mario cahira em um vespeiro de espiritos. Todavia, posto que silencioso e grave, tinha tam boas azas como os outros e não se achava menos armado.

Mario, até alli solitario e propenso ao monologo e ao aparte por habito e por gosto, ficou um tanto assustado ao ver todos aquelles moços em torno de si. Estas iniciativas diversas a um tempo o solicitavam, e empurravam-n'o. O vae-vem tumultuoso de todos estes espiritos em liberdade e trabalhando fazia redemoinharem-lhe as idéas. A's vezes no meio da perturbação, afastavam-se tanto d'elle que se lhe tornava difficil recolhê-las. Ouvia fallar de philosophia, de litteratura, de arte, de historia, de religião de um modo estranho. Lobrigava aspectos singularissimos; e como não os punha em perspectiva, não sabia ao certo se o que se lhe antolhava era o chaos. Deixando as opiniões de Guilenormand pelas de seu pae, acreditára que nunca mudaria, desconfiava, agora, com inquietação e sem ousar reconhecê-lo, que as suas convicções não eram tam inabalaveis como suppuzera. O anglo sob o qual considerava tudo começava de novo a deslocar-se. Uma certa oscillação lhe agitava os horizontes do cerebro. Estranha confusão interna, que quasi o penalisava.

Aquelles moços pareciam não conhecer cousa alguma *consagrada*. Mario ouvia, sobre toda e qualquer materia, linguagens singulares, incommodas ao seu espirito ainda timido.

Um cartaz de theatro se apresentava, ornado com um titulo de tragedia do antigo repertorio, chamado classico.—Morra a tragedia querida dos burguezes! exclamava Bahorel. E Mario ouvia Combeferre replicar:

—Pensas mal, Bahorel. A burguezia gosta da tragedia, e neste ponto devemos deixar em paz a burguezia. A tragedia de cabelleira tem a sua razão de ser, e não sou desses que, em nome de Eschylo, lhe contestam o direito de existir. Ha esboços na natureza; ha, na criação, parodias completas; um bico que não é um bico; azas, que não são azas; pés, que não são pés; um grito de dôr que provoca o riso; ahí está o pato. Ora, se a

ave domestica existe ao lado da aguia, não vejo motivo para que a tragedia classica não exista na presença da tragedia antiga.

Ou senão, acontecia que Mario passava pela rua Jean Jacques Rousseau, em companhia de Enjolras e Courfeyrac.

Este travava-lhe do braço.

—Ouça. Estamos na rua Platrière, chamada hoje Jean Jacques Rousseau, por causa de um singular casal, que aqui morou ha 60 annos. Eram Jean Jacques e Theresa. De tempos a tempos, nasciam-lhe filhos. Theresa dava-os á luz, Jean Jacques engeitava-os.

E Enjolras enfadava-se Com Courfeyrac.

—Silencio a respeito de Jean Jacques! admiro este homem. Renegou os seus filhos, é verdade; mas adoptou o povo.

Nenhum daquelles moços pronunciava a palavra—o Imperador. Só João Prouvaire dizia ás vezes—Napoleão, os outros diziam Bonaparte. Enjolras pronunciava *Buonaparte*.

Mario admira-se vagamente. *initium sapientiæ.*

IV

A SALA DO FUNDO DO CAFFÉ MUSAIN.

Uma das conversações destes moços, às quaes Mario assistia e nas quaes ás vezes intervinha, foi um verdadeiro abalo para o seu espirito.

Passava-se isto na sala do fundo do caffè Musain. Quasi todos os amigos do A B C achavam-se nesta noite reunidos. O candeeiro estava solemnemente aceso. Falavam sobre diversos assumptos, sem exaltação mas com rumor. Excepto Enjoiras e Mario, que se calavam, cada um discorria um pouco á toa. As conversas entre camaradas têm ás vezes destes pacificos tumultos. Era tanto um jogo e uma confusão como um colloquio. Lancavam-se mutuamente palavras a que replicavam. Em cada um dos quatro cantos havia um grupo de conversadores.

Nenhuma mulher tinha entrada nesta sala alem de Luizinha, rapariga que lavava a louça do caffè, a atravessava de quando em quando, dirigindo-se do lavadouro para o *laboratorio*.

Grantaire, perfeitamente bebado, atordoava o canto onde se mettêra, discorria e disparatava em grita, brandando:

—Estou com sede, Mortaes, eis o voto que faço: que o tonel de Heidelberg tenha um ataque de apoplexia e que eu seja uma das do e sanguessugas que lhe applicuem. Então beberia bem. Dezejo esquecer a vida. A vida é uma invenção hedionda de não sei quem. Não dura nada e nada vale. Estafamo-nos de viver. A vida é uma decoração em que ha poucas sabidas. A felicidade é um velho caixilho pintado de um só lado. O Ecclesiastes diz que tudo é vaidade; penso como este bom homem que talvez nunca existiu. Zero, não querendo andar nú, vestiu-se de vaidade. O' vaidade ! disfarce de tudo com palavrões ! uma cozinha é um laboratorio, um dansarino é um professor, um saltimbanco é um gymnasta. um jogador de sôco é um pugilista, um boticario é um chimico, um cabellereiro é um artista, um atamancador de obras é um architecto, um atrellador de cães é um caçador, um bicho de conta um pterygiramo. A vaidade tem um avesso e um direito ; o direito é estúpido, é o negro com as suas missangas ; o avesso é tolo, é o philosopho com os seus trapos. Lastimo um e ricme do cutro. O que chamam honras e dignidades, e mesmo honra e dignidade, é geralmente um curopel. Os reis divertem-se com o orgulho humano. Caligula fazia consul a um cavallo ; Carlos II armava cavalleiro um lombo de vacca. Vêde agora com que cara ficareis entre o consul Incitato e o baronete Roastbeef. Quanto ao valor intrinseco das pessoas, não o acho mais respeitavel. Ouvi o panegyrico que o vizinho faz do vizinho. Branco sobre branco é feroz ; se o liz fallasse, que cobras e lagartos não diria da pomba ! uma carola que tagarella a respeito de uma devota é mais venenosa que a vibora e que a *bongare* azul. E' pena que eu seja um ignorante senão havia de citar-vos uma infinidade de cousas ; mas nada sei. O que é verdade é que sempre tive muito espirito ; quando aprendia com Gros, em vez de borrar quadros passava o meu tempo a surripiar maçans ; *rapin* ⁽¹⁾ é o macho de rapina. Isto pelo que me diz respeito ; quanto a vós outros, sois tam bons como eu. Não dou o menor apreço ás vossas perfeições, excellencias e qualidades. Toda a qualidade redundante em um defeito ; o economico é proximo vizi-

(1) Discipulo de pintor

nho do sovina, o generoso confina com o prodigo, o valente com o valentão; quem diz mui devoto diz um tanto hypocrita; ha tantos vicios na virtude como buracos na capa de Diogenes. Quem admiraes, o morto ou o matador, Cesar ou Bruto? Geralmente applaude-se o matador. Viva Bruto! elle matou. Isto é que é virtude. Pois bem, seja-o; porem é ao mesmo tempo loucura. Ha manchas singulares nesses grandes homens Bruto o matador de Cesar era apaixonado de uma estatua de rapazinho. Essa estatua era obra do estatuario grego Strongylion, que esculpira tambem a figura da amazona chamada Bella-Perna, *Eucnemys*, que Nero levava comsigo quando viajava. Este Strongylion deixou unicamente duas estatuas que puzeram de accordo—Bruto e Nero; Bruto apaixonou-se de uma e Nero da outra. Toda a historia nada mais é do que uma longa repisadura. Um seculo é plagiario do outro. A batalha de Marengo copia a batalha de Pydna; o Tolbiac de Clovis e o Austerlitz de Napoleão parecem-se como duas gottas de sangue. Não dou maior importancia á victoria. Nada tam estúpido como vencer; a verdadeira gloria é convencer. Mas vêde lá se buscaes provar alguma cousa! contentaes-vos com o bom resultado, que mediocridade! e com a conquista, que miseria! Ah! por toda a parte só vejo vaidade e covardia. Tudo obedece ao triumpho, até mesmo a grammatica. *Si volei usus*, diz Horacio. Portanto, desprezo o genero humano. Desceremos do todo á parte? Quereis que me ponha a admirar os povos? que povo, peço-vos que m'o digaes, será a Grecia? Os athenienses, esses parizienses de outr'ora, matavam Phocion, que era assim uma especie de Coligny entre elles, e adulavam os tyrannos a ponto de Anacephoro dizer de Pisistrato: « A sua urina atrahie as abelhas.»

O homem mais notavel de toda a Grecia por espaço de cincoenta annos foi o grammatico Philetas, tam baixinho e delgado que se via obrigado a trazer sapatos chumbados para não ser arrebatado pelo vento. Havia na praça principal de Coyntho uma estatua esculpida por Silanion e catalogada por Plinio: representava Episthato. O que fez Episthato? inventou o cambapé. Isto resume a Grecia e a gloria. Passemos a outros. Deverei admirar a Inglaterra? Deverei admirar a França? a França?

porque? por causa de Pariz? acabo de dizer-vos a minha opinião a respeito de Athenas. A Inglaterra? porque? por causa de Londres? detesto Carthago. E demais, Londres, emporio do luxo, é a capital da miseria. Só na parochia de Charing-Cross morrem annualmente de fome cem pessoas. Tal é Albião. Para coroar tudo, digovos que já vi uma ingleza dançar com uma grinalda de rosas e com oculos azues. Por conseguinte vá bugiar a Inglaterra! Se não admiro John Bull, deverei admirar a seu irmão Jonethan? Gosto muito pouco deste irmão senhor de escravos. Tirae-lhe o *time is money* ⁽¹⁾ o que fica da Inglaterra? tirae-lhe o *cotton is King* ⁽²⁾ o que fica da America? A Allemanha é a lympha, a Italia é a bilis. Deveremos extasiar-nos deante da Russia? Voltaire a admirava. É que tambem admirava a China. Convenho que a Russia tem suas bellezas, entre outras um pesado despotismo; mas lastimo os despotas. Todos tem uma saude delicada. Um Aleixo decapitado, um Pedro apunhalado, um Paulo estrangulado, outro Paulo esmagado a pancadas de salto de bota, varios Ivans degollados, grande numero de Nicoláus e Basilios envenenados, tudo isto indica que o palacio dos imperadores da Russia está em condição flagrante de insalubridade. Todos os povos civilizados offerecem á admiração do pensador este pormenor: a guerra; ora a guerra, a guerra civilisada, resume e totalisa todas as formas do latrocinio, desde o roubo dos trabucarios nos desfiladeiros do monte Jaxa até ás rapinas dos Indios Comanches na Barra-Duvidosa. Ora! dir-me-heis, pois a Europa não vale mais que a Asia? Reconheço que a Asia é ridicula, mas não vejo que sejaes os mais proprios para rir do grão-lama, vós, povos do Occidente, que ajuntastes ás vossas modas e elegancias uma infinidade de porcarias complicadas de magestade, desde a camisa suja da rainha Isabel até a cadeira furada do *delphim*. Senhores humanos, mando-vos pentear macacos! E' em Bruxellas que se bebe mais cerveja, em Stockholmo mais aguardente, em Madrid mais chocolate, em Amsterdam mais genebra, em Londres mais vinho, em Constantinopla mais caffè, em Pariz mais absyntho; tudo isto são noções uteis. Pariz leva a palma, na realidade. Em Pariz até

(1) O tempo é dinheiro.

(2) O algodão é rei.

os trapeiros são sybaritas; Diogenes houvera achado tam bom ser trapeiro na praça Manbert como philoso-pho no Pirêo. Ouvi bem o seguinte: as tavernas dos trapeiros chamam-se *bibines*; as mais celebres são a *Cassarola* e o *Mata-douro*. Portanto, oh patuscadas, baiucas, tavernas, *caboulots*, *bouibouis*, *mastroquets*, tertulias, *manezingues*, *bibines* dos trapeiros, caravan-çaras dos califas, tomo-vos por testemunhas, sou um voluptuoso, como em casa de Ricardo a quarenta soldos por pessoa, quero ter tapetes da Persia para nelles rolar Cleopatra nua. Onde está Cleopatra? Ah! és tu, Luizi-nha. Bom dia.

Este diluvio de palavras, soltava-o Grantaire, no auge da embriaguez, no seu canto da sala do fundo do caffè Musain, agarrando a lavadeira de louça que ia pas-sando.

Boussuet, estendendo a mão para elle, buscava im-pôr-lhe silencio, e Grantaire continuava berrando cada vez mais:

—Aigle, de Meaux, abaixa as patas. Nenhum caso faço desse teu gesto de Hippocrates receitando ao re-vendão d'Artaxerxes. Dispensó-te de acalmar-me. De-mais, estou triste. Que quereis que vos diga? O ho-mem é máu, é disforme; a borboleta é perfeita, o ho-mem é fallhado. Deus não se esmerou com este animal. Uma multidão é um museu de fealdades. Qualquer in-dividuo em quem por acaso pomos os olhos é um mise-ravel. *Femme* (mulher) rima com infame. Sim, estou com *spleen*, mistura da melancholia com a nostalgia e a hypocondria, e digo raios, e enfureço-me, e bocejo, e aborreço-me, e mato-me, e embruteço! Vá Deus para o diabo.

—Cala-te, R maiusculo! tornou Bossuet que discutia um ponto de direito com os amigos, e achava-se empe-nhado n'um arrazoado de giria judiciaria que concluia assim:

—... E quanto a mim, bem que seja apenas um legista, e quando muito procurador por gosto, sustento o seguinte: que nos termos do direito costumeiro da Normandia, em dia de San' Miguel, e todos os annos, deviam pagar um *equivalente* em proveito do senhor, salvo outro qualquer direito, todos e cada um em par-ticular, tanto os proprietrios como os herdeiros, e isto

por todas as emphyteuses, arrendamentos, bens allodiaes, contratos dominiarios e dominiaes, hypothecarios e hypothecaes. . . .

—Echos, nymphas queixosas, contarolou Grantaire.

Perto de Grantaire, em cima de uma mesa quasi silenciosa, uma folha de papel, uma penna e um tinteiro entre dous calices, annunciavam que se esboçava um *vaudeville*. Este importante negocio era tratado em voz baixa, e as duas cabeças, que o ruminavam, tocavam-se :

—Comecemos por assentar nos nomes. Achados os nomes, está achado o assumpto.

—Tens razão. Dicta. Eu escrevo.

—O senr. Dorimon ?

—Rendeiro ?

—De certo.

—Celestina, sua filha.

—... ilha. Que mais ?

—O coronel Sainval.

—Sainval é sedição. Eu diria Valsin.

Ao lado destes aspirantes vaudevillistas, outro grupo, que por seu turno aproveitava a bulha para fallar baixo, discutia um duello. Um veterano de trinta annos aconselhava um calouro de dezoito, e explicava-lhe com que adversario ia medir-se :

—Com os diabos! seja prudente. E' uma boa espada. O seu jogo é limpo. Elle ataca sempre, nada de fintas perdidas, punho firme, vivacidade, ligeiresa, apara magistralmente, e os seus reviretes são mathematicos; irra! e de mais a mais é canhoto.

No canto opposto a Grantaire, Joly e Bahorel jogavam dominó e fallavam de amor.

—E's feliz, dizia Joly. Tens uma amante que está sempre a rir-se.

—Pois ella faz mal, respondia Bahorel. Uma amante não deve rir. O seu riso anima-nos a engana-la. Vendo-a alegre, não temos remorso; quando a vemos triste, ouvimos a voz da consciencia.

—Ingrato! E' tam bom uma mulher que ri! E nunca ha brigas entre vocês!

—Depende isto do tratado que fizemos. Ao celebrarmos a nossa santa alliançazinha designámo-nos mutuamente a nossa respectiva fronteira que nunca ultra-

passamos. O que fica do lado do norte pertence a Vand, do lado do sul pertence a Gez. Dahi a paz.

—A paz é a felicidade que digere.

—E tu Jollilly, como vão os teus arrufos com a... bem sabes de quem fallo?

—Persiste nelles com uma paciencia cruel.

—Todavia és um amante de enternecedora magreza.

—Ah!

—Em teu lugar já a teria esquecido.

—E' facil de dizer.

—E de fazer. Não se chama ella Musichetta?

—Chama-se. Ah! meu pobre Bahorel, é uma rapariga soberba, muito erudita, tem pés de fada, mãos de creança, veste-se bem, é alva, gorduchinha, e tem uns olhos de feiticeira. Estou doudo por ella.

—Meu caro, então debes buscar agradar-lhe, ser elegante e mostrar as bellas pernas que tens. Olha, compra em casa de Staub um bom par de calças de couro de lan.

No terceiro canto agitava-se uma discussão poetica. A mythologia pagan andava ás salhas com a mythologia christan. Tratava-se do Olympo, que João Prouvaire, mesmo pela sua qualidade de romantico, defendia. João Prouvaire só era temido no estado de quietação. Uma vez excitado, arrebatava-o o estro, uma especie de alegria se lhe ajuntava ao entusiasmo, e era a um tempo risonho e lyrico.

—Não insultemos os deuses, dizia. Talvez que elles ainda se não tenham retirado do mundo. Jupiter bem longe está de me parecer defunto. Os deuses são abstracções, dizeis vós. Pois bem, mesmo na natureza, tal qual a vemos hoje, depois de se haverem esvaecido esses sonhos, encontram-se todos os velhos mythos pagãos. Tal montanha com profil de cidadella, como a Vignemale, por exemplo, é ainda para mim o toucado de Cybele, e ninguem é capaz de provar-me que Pan não vem de noite soprar no tronco ouco dos salgueiros tapando alternadamente os buracos com os dedos, e sempre cri que Io se achava até certo ponto na cascata de Pissevache.

No ultimo canto fallava-se de politica. Zurzia-se a carta outorgada. Combeferre defendia-a frouxamente, Coufeyrac atacava-a com a maior energia. Havia em cima

da mesa um desastrado exemplar da famosa Carta-Touquet. Courfeyrac deitara-lhe a mão e sacudia-a, ajuntando aos seus argumentos o estremecimento daquela folha de papel.

—Primeiro que tudo, não quero saber de reis: não os quero até mesmo por amor da economia; um rei é um parasita. Nenhum povo tem rei gratis. Ouçam: quanto custam os reis? Quando Francisco I morreu, a divida publica de França era de trinta mil libras de renda; pela morte de Luiz XIV, era de dous milhares e seiscentos milhões, a vinte e oito libras o marco, que equivaliam em 1760, ao que diz Desmarests, a quatro milhares e quinhentos milhões, e que equivaleriam hoje a doze milhares de milhões. Depois, em que peze a Combeferre, uma carta outorgada é um mau expediente de civilisação. Salvar a transição, moderar a passagem, diminuir o abalo, fazer passar insensivelmente a nação da monarchia à democracia pela pratica das ficções constitucionaes, tudo isto são razões detestaveis! Não! não! nunca allumiemos o povo com luz ficticia. Os principios definham e empallidecem no vosso subterraneo constitucional. Nada de abastardeamento, nada de compromissos, nada de outorga do rei ao povo. Em todas estas outorgas ha um artigo 14. Ao lado da mão que dá, ha a garra que torna a tomar. Refuso peremptoriamente a vossa carta. Uma carta é uma mascara; com ella se cobre a mentira. O povo que aceita uma carta abdica. O direito só é direito quando inteiro. Não! nada de carta!

Era no inverno; duas achas de lenha ardiam no fogão. As chammas tentavam e Courfeyrac não pôde resistir. Amarrotou a pobre carta Touquet e lançou-a ao fogo. O papel incendiou-se. Combeferre viu philosophicamente arder a obra prima de Luiz XVIII e contentou-se com dizer:

—A carta metamorphoseada em chammas!

E os sarcasmos, as graças, os dieterios, essa cousa franceza a que chamam *entrain*, e essa outra ingleza a que chamam *humour*, o bom e o máu gosto, as boas e as más rasões, todas as chispas que jorram do dialogo, subindo a um tempo e crusando-se de todos os lados da sala, faziam por cima das cabeças uma especie de jovial bombardeamento.

ALARGAMENTO DO HORIZONTE.

Os choques dos jovens espiritos entre si teem a particularidade admiravel de nunca se lhes poder prever a faísca nem advinhar-lhes o clarão. O que rebentará neste momento? Não se sabe. A gargalhada sahe do enternecimento. No instante em que domina o burlesco, eis ali entra a seriedade. Os impulsos dependem de qualquer palavra pronunciada ao acaso. O estro de cada um é soberano. Uma facecia basta para fazer surgir o inesperado. São colloquios cheios de voltas repentinas, e em que a perspectiva muda de subito. O acaso é o machinista destas conversações.

Um pensamento severo, sahido estranhamente do meio da bulha, dominou de subito o tumulto em que esgrimiam confusamente Grantaire, Bahorel, Protaire, Bossuet, Cambesferre e Courfeyrac.

Como é que uma phrase sobrevem em um dialogo? qual o motivo porque se sublinha para logo por si mesma a attenção dos que a ouvem? Já o dissemos, ninguem o sabe. No meio da algazarra, Bossuet terminou de repente não sei que apostrophe a Combeferre com esta data:

—18 de junho de 1815: Waterloo.

A esta palavra, Mario, que estava encostado a uma mesa diante de um copo d'agua, desencostou o queixo da mão, e pôz-se a olhar fixamente para o auditorio.

—Por Deus! exclamou Courfeyrac, este numero dezoito é estranho, e faz-me especie. E' o numero fatal de Bonaparte. Ponde Luiz adeante e Brumario atrás, e tereis o destino do homem, com a particularidade expressiva de ser o principio aqui seguido de perto pelo fim.

Enjolras, até então mudo, quebrou o silencio, e dirigiu a Courfeyrac estas palavras:

—Deves dizer o crime pela expiação

Esta palavra *crime* excedia a medida do que podia tolerar Mario, já profundamente abalado pela inopinada evocação de Waterloo.

Levantou-se dirigiu-se lentamente para a carta de França pregada na parede, e em cuja parte inferior se via uma ilha em um compartimento separado, pôz o dedo nesse compartimento, e disse.

—A Corsega. Uma ilhota que fez a França grande.

Estas palavras foram como uma rajada de vento glacial. Todos se calaram. Sentiram que alguma cousa ia começar.

Bahorel, tendo respondido a Bossuet, ia tomar uma attitude que lhe era habitual. Não se mexeu para escutar.

Enjolras, cujos olhos azues em ninguem se fitavam e pareciam contemplar o vacuo, respondeu sem olhar para Mario:

—A França não carece de nenhuma Corsega para ser grande. A França é grande, porque é a França. *Quia nominor leo.*

Mario nem pensou em recuar; voltou-se para Enjolras, e a sua voz soou com uma vibração que provinha do estremecimento das entranhas:

—Não permitta Deus que eu amesquinhe a França! mas não é amesquinha-la ajuntar-lhe Napoleão. Ora bem, fallemos claro. Sou novato entre vós, porem confesso-vos que me encheis de pasmo. Para onde vamos? quem somos nós? quem sois vós? quem sou eu? Expliquemo-nos a respeito do imperador. Ouço-vos dizer Buonaparte carregando no *u* como os realistas. Previno-vos que meu avô ainda vae mais longe; elle diz *Buonaparté*. Eu vos suppunha moços. Onde pondeis o vosso enthusiasmo? e o que fazeis delle? quem admiraes então se não admiraes o imperador? E o que exigis mais? Se não quereis este grande homem, que gran-

des homem querereis? Elle tinha tudo. Era completo. No seu cerebro se achava o cubo das faculdades humanas. Fazia codigos como Justiniano, dictava como Cezar, a sua conversa ajuntava a lucidez de Pascal á energia de Tacito, fazia a historia e escrevia-a, os seus boletins são Illiadas, combinava os numeros de Newton com a metaphora de Mahomet, deixava atrás de si no Oriente palavras grandes como as pyramides, em Tilsitt ensinava a magestade aos imperadores, na academia das sciencias contestava Laplace, no conselho de estado media-se com Merlin, dava uma alma á geometria de uns e á chicana dos outros, era legista com os procuradores e sideral com os astrônomos; como Cromwell, apagando uma de duas velas acesas, ia comprar ao templo uma borla de cortinado; via tudo, tudo sabia; o que não o impedia de sorrir-se com um sorriso cheio de bondade para o seu filhinho deitado no berço; e de repente, a Europa assustada applicava o ouvido, exercitos se punham em marcha, os parques de artilharia rodavam, pontes de barcos se estendiam sobre os rios, nuvens de cavallaria galopavam com a impetuosidade do furacão, gritos, clangores de trombetas, tremor de thronos por toda a parte, as fronteiras dos reinos oscillavam no mappa, ouvia-se o rangido de um gladio mais que humano que sahia da bainha, via-se assomar no horizonte o seu grande vulto com uma chamma na mão e os olhos a coruscarem, estendendo no meio dos trovões as suas duas azas, o grande exercito e a velha guarda, e era o archanjo da guerra!

Todos se calavam e Enjotras abaixava a cabeça. O silencio parece-se sempre um tanto com a acquiescencia ou com uma especie de derrota. Mario, quasi sem tomar folego, continuou com maior enthusiasmo:

—Sejamos justos, meus amigos! ser o imperio de um tal imperador, que explendido destino para um povo, quando este povo é a França, e junta o seu genio ao genio deste homem! Apparecer e reinar, marchar e triumphar, ter por descанço todas as capitaes, fazer dos seus granadeiros reis, decretar quedas de dynastias, transfigurar a Europa a marche-marche, sentir, ameaçando, que se põe a mão no punho da espada de Deus, contemplar n'um unico homem, Annibal, Cesar e Carlos Magno, ser o povo de alguem que junta a todas as au-

roras a esplendida noticia de uma batalha ganha, ter por toque de alvorada o canhão dos Invalidos, lançar em abysmos de luz palavras prodigiosas que resplandecerão eternamente, Marengo, Arcola, Austerlitz, Yena, Wagram! fazer a cada instante surgir no zenith dos seculos constellações de victorias, dar o imperio francez por supplemento ao imperio romano, ser a grande nação e produzir o grande exercito, fazer voar por toda a terra as suas legiões como uma montanha envia para todos os lados as suas aguias, para que vençam, dominem, fulminem; ser na Europa uma especie de povo dourado á força de gloria, atroar a historia com uma musica de Titães, conquistar o mundo duas vezes, pela conquista e pelo deslumbramento, isto é sublime; e que poderá haver de maior?

—Ser livre, disse Combeferre.

Mario por sua vez abaixou a cabeça; aquelle dito simples e frio atravessara-lhe a effusão epica como uma lamina de aço, e elle a sentia desvanecer-se dentro em si mesmo. Quando levantou os olhos, Combeferre já alli não estava. Satisfeito provavelmente da sua replica á apothecose, acabava de sahir, e todos, excepto Enjolras, o haviam seguido. A sala estava quasi vazia. Enjolras, que ficara só com Mario, fitava-o gravemente; emtretanto, Mario, tendo posto em tal ou qual ordem as suas idéas, não se dava por vencido; e havia nelle um resto de transporte que ia sem duvida desabafar em syllogismos contra Enjolras, quando de repente se ouviu a voz de alguém que cantava na escada, retirando-se. Era Combeferre, e eis o que elle cantava:

Se Cesar me houvesse dado
Da gloria tod'o esplendor,
E se eu abandonar devesse
De minha mãe o amor,
Ao grande Cesar diria;
A' tua gloria de um dia,
Eu prefiro minha mãe,
O hé!
Eu prefiro minha mãe.

O tom terno e severo com que Combeferre a cantava, dava a esta copla uma grandeza estranha. Mario, pensativo e fitos os olhos no tecto, repetiu quasi machinalmente: minha mãe?...

Nesse momento sentiu no hombro a mão de Enjolras.
—Cidadão, disse Enjolras, minha mãe—é a republica

VI

RES AUGUSTA.

Esta noite deixou em Mario um abalo profundo, e uma triste escuridão na sua alma. Experimentou o que experimenta talvez a terra no momento em que a abrem com o ferro para depôr o grão de trigo; ella não sente senão a ferida; o estremecimento do germen e a alegria do fructo sô vêem depois.

Mario ficou merencorio. Não havia muito que espôsara uma fê; deveria abandoná-la já? A si mesmo respondeu que não. Disse consigo mesmo que não queria duvidar, e começou a duvidar a seu pesar. Achar-se entre duas religiões, sem ter ainda sahido de uma, nem entrado na outra, é insupportavel; os escrupulos só podem agradar ás almas-morcegos. Mario tinha olhos de aguia, e queria a verdadeira luz. A baça claridade da duvida era-lhe incommoda. Por maior que fosse o seu desejo de ficar onde estava e de não se mexer dahi, era invencivelmente constrangido a continuar, a avançar, a examinar, a pensar, a ir mais longe. Onde iria assim parar? Temia, depois de ter dado tantos passos que o haviam approximado de seu pae, ter de dar outros que delle o afastassem. A sua angustia crescia com todas as reflexões que lhe occorriam. Em redor de si só via despenhadeiros. Não estava de accordo nem com seu avô. nem com seus jovens amigos; temerario para aquelle, atrasado para estes; achou-se duplamente isolado, do lado da velhice e do lado da mocidade. Cessou de ir ao caffè Musain.

Na situação em que se achava a sua consciencia, quasi

que já não attendia aos lados serios da sua existencia. As realidades da vida não se deixam esquecer. Ellas vieram inesperadamente desperta-lo.

Uma manhan, o dono da hospedaria entrou no quarto de Mario e disse-lhe :

—O senr. Courfeyrac recommendou-me o senhor.

—E' verdade.

—Mas preciso de dinheiro.

—Diga ao senr. Courfeyrac que eu lhe peço o favor de vir fallar-me, respondeu Mario.

Quando Courfeyrac chegou, o dono da hospedaria deixou-os sós. Mario declarou-lhe o que até alli ainda não se havia lembrado de dizer-lhe, que se achava quasi abandonado no mundo, e que não tinha paenem mãe.

—O que virá a ser de você? perguntou Courfeyrac.

—Não sei, respondeu Mario.

—Que pretende fazer?

—Tambem não sei.

—Tem dinheiro?

—Quinze francos.

—Se quizer posso emprestar-lhe maior somma.

—Não, não.

—Tem roupa?

—Ei-la.

—Tem joias?

—Um relógio.

—De prata?

—De ouro; aqui está.

—Conheço um algibebe que comprará a sobrecasaca e um par de calças.

—Bem.

—Ficará apenas com um par de calças, um collete, um chapéu e uma casaca.

—E as minhas botas.

—Essa é boa! quereria andar descalço? que opulencia!

—E' quanto me bastará.

—Conheço um relojoeiro que ficará com o relógio.

—Muito bem.

—Muito bem, não. O que fará depois?

—O que fôr preciso fazer, uma vez que não haja sacrificio da honra.

—Sabe o inglez?

—Não.

—E o allemão?

—Tambem não.

—Pois é mau.

—Porque?

—Porque ha um livreiro meu amigo que anda a fazer uma especie de encyclopedia para a qual poderia você traduzir artigos allemães ou inglezes. A paga é pouca, mas sempre dá para viver.

—Aprenderei o inglez e o allemão.

—E no emtanto?

—No emtanto irei passando com o que apurar da venda da minha roupa e do meu relógio.

Mandaram chamar o algibebe, e este levou a roupa por vinte francos. Foram á casa do relojoeiro. O relógio foi vendido por quarenta e cinco francos.

—Não está máu, dizia Mario para Courfeyrac quando voltaram para a hospedaria, com quinze francos que já tenho, possuo neste momento oitenta francos.

—E a conta da hospedaria? observou Courfeyrac.

—E' verdade, tinha-me esquecido, disse Mario.

O dono da hospedaria apresentou a sua conta, que foi forçoso pagar logo. Importava em setenta francos.

—Só me ficam dez, disse Mario.

—Com os diabos, tornou Courfeyrac, você comerá cinco francos enquanto aprender o inglez e os outros cinco enquanto aprender o allemão. Ou será uma lingua aprendida com pasmosa presteza, ou uma moeda de cem soldos gasta com assombrosa lentidão.

Entretanto a tia Guillenormand, que na realidade era cheia de benevolencia para os que se achavam em situação penosa, acabára por descobrir a morada de Mario.

—Uma manhan, voltando elle da escola, encontrou uma carta de sua tia e as *sessenta pistolas*, isto é, seiscentos francos em ouro dentro de uma caixinha lacrada.

Mario recambiou os trinta luizes á sua tia com uma carta mui respeitosa em que declarava ter meios de subsistencia e poder d'ora em diante occorrer a todas as suas necessidades. Neste momento só lhe restavam 3 francos.

A tia não participou ao avô esta recusa, receiando ainda mais irrita-lo. Além disso não tinha elle dito: «Não me fallem nunca nesse sanguinario?»

Mario sahio da hospedaria da porta de Sanct'Iago, por não querer contrahir alli dividas.

FIM DO LIVRO QUINTO.

LIVRO QUINTO.

A EXCELLENCIA DA DESGRAÇA.

I.

MARIO INDIGENTE.

A vida tornou-se severa para Mario. Comer a sua roupa e o seu relógio nada era. Elle comeu essa cousa inexprimivel a que chamam *o pão que o diabo amassou*. Causa horrivel, que contem os dias sem pão, as noites sem somno e sem luz, a lareira sem fogo, as semanas sem trabalho, o futuro sem esperança, a casaca rota no cotovello, o chapéu velho, de que riem-se as moças, a porta que se encontra fechada de noite por não estar pago o aluguel, a insolencia do porteiro e do taverneiro, o escarneo dos vizinhos, as humilhações, a dignidade compellida, a afflicção de todas e quaesquer tarefas, os desgostos, a afflicção, o abatimento. Mario aprendeu a devorar tudo isto e a reconhecer que muitas vezes é isto a unica cousa que se tem para devorar. No momento da existencia em que o homem carece de orgulho, porque carece de amor, viu-se escarnecido por andar mal trajado, e sentiu-se ridiculo por ser pobre. Na quadra em que a mocidade nos enche o coração de uma altivez toda imperial, abaixou mais de uma vez os olhos para as suas botas rotas, e conheceu as vergonhas injustas e os pungentes vexames da miseria. Admiravel e

terrível provação, de que os fracos sahem infames e os fortes sublimes. Cadinho em que o destino lança o homem todas as vezes que quer ter um tratante ou um semi-deus.

Pois praticam-se não poucas vezes grandes acções nas pequenas lutas. Ha bravuras porfiosas e ignoradas que se defendem a pé firme na obscuridade contra a invasão fatal das necessidades e das torpezas. Nobres e mysteriosos triumphos, que nenhum olhar vê, que nenhum louvor recompensa, que nenhum hymno saúda. A vida, a desgraça, o isolamento, o abandono, a pobreza, são campos de batalha que teem os seus heróes, heróes obscuros, maiores as vezes que os heróes illustres.

Ha rigidas e varias naturezas que são assim creadas; a miseria, quasi sempre madrasta, é as vezes mãe: as privações cream a fortaleza d'alma e de espirito; a miseria nutre a altivez; a desgraça é um optimo leite para os magnanimos.

Houve um momento na vida de Mario em que elle varria a sua escada, em que comprava um soldo de queijo de Brie em casa da mercadora de fructas, em que esperava que anoitecesse para entrar na padaria e comprar um pão, que levava ás occultas para o seu sótão, como se o houvesse roubado. A's vezes viam-n'o entrar no açougue do canto, passando por entre cozinheiras folgazonas, que o acotovellavam, um moço acanhado, que trazia livros debaixo do braço, com ademanos timidos e furiosos, e que ao entrar tirava o chapéu, mostrando a fronte molhada de suor, fazia um profundo comprimento á carneceira admirada, outro comprimento ao caixeiro, pedia uma costella de carneiro, pagava-a por seis ou sete soldos, embrulhava-a em um pedaço de papel, punha-a debaixo do braço entre outros livros e retirava-se. Era Mario. Com essa costella, que elle proprio assava, passava tres dias.

No primeiro dia comia a carne, no segundo a gordura, no terceiro roia o osso. A tia Guilllenormand fez diversas tentativas para que elle aceitasse as sessenta pistolas. Mario recambiou-as constantemente, dizendo que de nada carecia.

Ainda estava de luto pelo pae quando nelle se operou a revolução que já referimos. Desde então andára sempre vestido de preto. Entretanto estragou-se-lhe a

roupa. Um dia achou-se sem casaca. As calças ainda podiam servir. O que faria elle? Courfeyrac, a quem por sua parte fizera alguns favores, deu-lhe uma casaca usada. Por trinta soldos Mario fê-la concertar por um porteiro, que a virou do avesso, e ficou com uma casaca nova. Mas o panno era verde. Então Mario não sahiu mais senão depois de anoitecer. Assim a sua casaca parecia preta. Querendo andar sempre de luto, vestia-se com a escuridão da noite.

Lutando com todas estas privações, conseguiu ser admittido na ordem dos advogados. Dava-se apparentemente como residindo no aposento de Courfeyrac, que era decente, e onde um certo numero de alfarrabios de direito, amparados e sustentados por volumes de romances truncados, arremedavam a bibliotheca exigida pelo regulamento. Todas as cartas que lhe escreviam eram subscriptadas á casa de Courfeyrac.

Quando Mario entrou para a classe dos advogados, participou-o a seu avô, escrevendo-lhe uma carta fria, porem cheia de submissão e respeito. Guillenormand abriu a carta com as mãos a tremerem-lhe, leu-a, e lançou-a, rasgada em quatro pedaços, dentro da cesta. Dous ou tres dias depois a Guillenormand ouviu o pae, que se achava só no seu aposento, fallar alto. Isto acontecia-lhe sempre que se achava muito agitado. Applicou o ouvido; o velho dizia: « Se tu não fosses um imbecil, havias de vêr que um barão não pôde ser advogado.

II.

MARIO POBRE.

Acontece com a miseria o mesmo que com tudo o mais. Ella chega a tornar-se possível. Acaba por tomar uma forma e por adaptar-se. Vegetamos, isto é, desenvolvemo-nos de um certo modo mesquinho, mas sufficiente para a vida. Eis de que maneira a existencia de Mario se achava regulada.

Elle sahira de uma situação angustiosissima; o desfiladeiro alargava-se-lhe um tanto na frente. A' força de trabalho, de animo, de perseverança e de vontade, chegara a tirar do seu trabalho obra de setecentos francos por anno. Aprendera o allemão e o inglez: graças a Courfeyrac, que o apresentára ao seu amigo livreiro, Mario representava na litteratura-livreira o modesto papel de *partichino*. Fazia prospectos, traduzia jornaes, annotava edições, compilava biographias, etc, producto liquido, uns annos por outros, setecentos francos. Com isto vivia. Como? Soffrivelmente. Vamos dizê-lo.

Mario occupava no pardieiro Courbeau, pela somma de trinta francos annuaes, um cochicholo sem chaminé, qualificado como gabinete, onde não havia, quanto a

moveis, senão o indispensavel. Esses moveis eram seus proprios. Dava tres francos por mez á velha principal arrendataria para varrer o cochicholo e trazer-lhe todas as manhans uma pouca de agua quente, um ovo fresco e um pão de soldo. O pão e o ovo eram o seu almoço. Sahia-lhe este a dous ou quatro soldos, conforme o preço porque se vendiam os ovos no mercado. A's seis horas da tarde descia á rua de Sanct'Iago, para ir jantar no Rousseau, defronte de Basset, mercador de estampas do canto da rua dos Mathurinos. Não tomava sôpa. Comia um prato de cozido, que custava seis soldos, um meio prato de legumes por tres soldos, e sobremesa tambem por tres soldos. Medeante egual somma tinha pão a descrição. Em vez de vinho bebia agua. Quando ia pagar ao balcão, onde se achava magestosamente sentada a senra. Rousseau, nessa época sempre gorda e ainda fresca, dava um soldo ao caixeiro, e a Rousseau dava-lhe um sorriso. Depois retirava-se. Por dezeseis soldos tinha um sorriso e um jantar.

Essa casa de pasto, onde se esvaziavam tam poucas botelhas e tantas garrafas d'agua, era antes calmante que corroborante. Já não existe hoje. O dono tinha um bonito appellido; chamavam-no *Rosseau o aquatico*.

Ahi está, pois, para o almoço quatro soldos, para o jantar dezeseis: a comida custava-lhe vinte soldos por dia, o que fazia trezentos e sessenta e cinco francos por anno. Ajuntem-se os trinta francos do aluguel e os trinta e seis da velha, e mais algumas despezas miudas: com quatrocentos e cincoenta francos Mario comia, pagava o quarto e a creada que o servia. A roupa de panno andava-lhe por cem francos, a roupa branca por cincoenta, a lavagem por outros cincoenta; em tudo isto não gastava mais de seiscentos e cincoenta francos. Ficavam-lhe ainda cincoenta. Era rico. Quando se offerecia occasião, achava-se em estado de poder emprestar dez francos a um amigo; uma vez chegou mesmo a emprestar sessenta francos a Courfeyrac. Quanto á despesa com lenha para aquecer-se, como não tinha chaminé no quarto. Mario a *suprimira*.

Tinha sempre dous factos completo, um já usado *para os dias ordinarios*, e outro novo para as occasiões solemnes. Ambos eram pretos. Só possuia tres camizas, uma no corpo, outra na gaveta da commoda e a

terceira em casa da lavadeira. Renovava-as á medida que ficavam usadas. Estavam sempre rotas, o que o fazia trazer a casaca abotoada até a cima.

Antes de Mario chegar a esta situação prospera passaram-se annos. Annos arduos; uns cheios de difficuldades, outros cheios de revezes: Mario não fraqueára um só dia. Tudo soffrêra relativamente a privações, lançára mão de todos os recursos, menos o de contrahir dividas. Ficava ancho de si quando via que nunca dêvera um soldo a quem quer que fosse. Para elle uma divida era o principio do captiveiro. Tinha para si que o credor é peor que o senhor; por quanto o senhor só possue a pessoa do escravo, ao passo que o credor possue a dignidade do devedor, e pôde esbofetea-la. Ainda que tivesse de ficar sem comer, não contrahia divida alguma. Passára muitos dias em jejum. Reconhecendo que os extremos se tocam, e que, se não ha cautella, o abatimento da fortuna pôde levar á baixeza d'alma, velava zelosamente sobre a sua altivez. Tal formula ou tal passo que, em qualquer outra situação, houvera considerado como deferencia, paraciam-lhe servilismo, e evitava-os com hombridade. Não se adeantava para não ser obrigado a recuar. Trazia na fronte um rubor austero. Era timido até a aspereza.

Em todas as suas provações sentia-se alentado e ás vezes mesmo arrastado por uma força secreta que tinha em si. A alma secunda o corpo, e em certos momentos o ampara. E' o unico passaro que sustenta a sua gaiola.

Ao lado do nome de seu pae outro nome estava gravado no coração de Mario, era o de Thénardier, Mario, com o seu character entusiasta e grave, cercava de uma especie de aureola o homem a quem (acreditava-o elle) devia a vida do pae, esse intrepido sargento, que salvara o coronel por entre nuvens de balas no campo de Waterloo. Não separava nunca a lembrança desse homem da do pae, e os associava em sua veneração. Era uma especie de culto em dous grãos, o altar grande para o coronel, o pequeno para Thénardier. O que ainda mais vivo tornava o seu reconhecimento era o infortunio por que passára Thénardier, e de que resultára o seu desaparecimento. Mario soubera em Montfermeil que o misero estalajadeiro quebrára, e ficara totalmente arruinado. Depois envidara os maiores esforços para descu-

bri-lhe os vestígios, e ver se o encontrava no tenebroso abysmo da miseria em que se havia sumido. Mario percorrêra a aldêa e todos os seus arredores; fôra a Cheles, a Bondy, a Gournay, a Nogent, a Lagni. Por espaço de tres annos porfiara nestas investigações, em que gastara o pouco dinheiro que economisara. Ninguém lhe dera nunca noticias de Thenardier; suppunham que tinha sahido de França. Os credores tambem o haviam procurado com sentimentos menos cordiaes que os de Mario, porém não com menor empenho, e não tinham podido deitar-lhe a mão. Mario accusava-se e quasi se indignava contra si mesmo por terem sido baldadas as suas buscas. Era essa a unica divida que deixára o coronel, e Mario tinha como dever de honra pagá-la. « Sim ! dizia consigo mesmo, quando meu pae jazia moribundo no campo de batalha, Thenardier soube descubri-lo por entre a fumaça e a metralha e carregá-lo ás costas, e entretanto nada lhe devia ; e eu, que devo tanto a Thénardier, não saberei descubri-lo nessas trevas onde elle agonisa e restitui-lo por minha vez á vida ! Oh ! como poderei encontra-lo ? » Comeffeito, para descobrir Thénardier Mario houvera dado um dos seus braços, e para tira-lo da miseria todo o seu sangue. Encontrar Thénardier, fazer-lhe um favor qualquer, e dizer-lhe: « Você não me conhece; porem eu o conheço perfeitamente ! Aqui estou; disponha de mim ; » tal era o mais doce e o mais magnifico sonho de Mario.

III

MARIO CRESCIDO.

Nessa época Mario tinha vinte annos. Havia tres que se separara do avô. Tinha continuado de ambas as partes nos mesmos termos, sem tentarem reconciliar-se e nem ainda encontrar-se: de resto, encontrarem-se para que? para que se desse um conflicto! Qual dos dous sahiria vencedor desse conflicto? Mario era o vaso de bronze, mas o velho Guillenormand era a panella de ferro.

Digamo-lo, porem, Mario comprehendêra mal o coração de seu avô. Suppuzera que Guillenormand não o amava, e que esse velho expedito, rabujento e risonho, que praguejava, gritava, ralhava e levantava a bengala, só lhe tinha quando muito a afeição a um tempo frivola e severa dos *gerentes* de comedia. Mario enganava-se. Ha paes que não amam os filhos; não ha avô que não adore o netto. Guillenormand, como já dissemos, idolatrava com veras a Mario. Idolatrava-o a seu modo, acompanhando a sua idolatria de ralhos e ás vezes mesmo de pancadas; mas, ausentando-se o netto, sentiu um vacuo negro no coração; determinára que nunca lhe fallassem nelle, porem sentia comsigo mesmo que observassem tam escrupulosamente aquella ordem. A principio suppoz que o jacobino, o bonapartista, o terrorista, o setembrista, voltaria. Passaram-se semanas, mezes, annos, com grande desespero de Guillenormand, e o sanguinario não tornou a apparecer! « Poderia eu ter deixado de proceder como procedi? » dizia comsigo mesmo o avô, e accrescentava: « Se tivesse de tornar a expulsa-lo, expulsa-lo-hia pela segunda vez? »

O seu orgulho respondia para logo *sim*, mas a cabeça encanecida, que meneava em silencio, respondia tristemente *não*. Tinha as suas horas de abatimento. Mario lhe fazia falta. Os velhos teem necessidade de affeições como de sol. As affeições aquecem a alma. Por mais robusta que fosse a sua tempera, a ausencia de Mario causára nelle uma certa mudança. Por consideração nenhuma do mundo daria um passo para o *tratantesinho*; porém soffria com isso. Nunca perguntava por elle, mas o tinha sempre no pensamento. Vivia cada vez mais retirado, no Marais. Era ainda, como outr'ora, gracejador e irascivel; comtudo, a sua alegria tinha uma especie de aspereza convulsiva, como se contivesse dôr e colera, e os seus transportes terminavam sempre por uma especie de abatimento cheio de brandura e melancolia. A's vezes dizia: « Oh! se elle voltasse, que boa taponna lhe não assentaria! »

Quanto á tia, como pensava pouco, amava menos, Mario já não era para ella senão uma especie de sombra escura e vaga: e afinal occupava-se muito menos em pensar nelle do que no gato ou no papagaio que provavelmente tinha.

O que augmentava o soffrimento secreto de Guille-normand era a pertinacia com que o comprimia dentro em si mesmo para que o não adivinhassem. A sua afflicção era como essas fornalhas recentemente inventadas, que queimam a sua propria fumaça. A's vezes acontecia que um ou outro officioso indiscreto fallava-lhe de Mario, e lhe perguntava: « Que faz, ou o que é feito do senr. seu netto? » O velho burguez respondia, suspirando, se estava triste, ou dando um piparote no punho de renda, se queria fingir-se alegre: « O senr. barão de Pontmercy anda chicaneando por ahi algures. »

Emquanto o velho ralava-se de pezar, Mario applaudia-se pelo seu proceder. Como a todos os corações generosos, o infortunio desvanecera-lhe o resentimento. Já não pensava em Guille-normand senão com indulgencia, mas persistira em não querer receber mais nada do homem *que fóra tam hostil a seu pae*. Tal era a traducção mitigada da sua primeira indignação. Demais, considerava-se feliz por ter soffrido e por soffrer ainda. Soffria por seu pae.

As tribulações de sua vida o satisfaziam e eram-lhe

agradáveis. Dizia com uma especie de alegria que *ainda era pouco*; que aquillo era uma expiação; que, se assim não fosse, teria sido punido, de outro modo e mais para deante, da sua impia indifferença por seu pae e por um tal pae; que não houvera sido justo que só seu pae tivesse soffrido e elle não; que, na realidade, o que eram os seus trabalhos e as suas privações comparados com a vida heroica do coronel? Que emfim o unico modo de approximar-se do pae e de com elle parecer-se era ser forte contra a indigencia, como elle fôra intrepido contra o inimigo; e que era isto sem duvida o que o coronel quizera dizer com estas palavras: *Será digno de usa-lo*. Palavras que Mario continuava a trazer, não penduradas ao peito, porque a carta do coronel havia desaparecido, mas no coração.

E alem disto, no dia em que seu avô o expellira era elle ainda uma creança, agora já era homem. Sentia-o. A miseria, repitamo-lo, fôra-lhe util. A pobreza na mocidade, quando não dá em mal, tem a magnifica particularidade de fazer convergir toda a vontade para o esforço e toda a alma para a aspiração. A pobreza descobre de um jacto a vida material e a torna hedionda; dahi inexprimiveis enlevos pela vida idéal.

O mancebo rico tem mil distracções esplendidas e grosseiras, as corridas de cavallos, a caça, os cães, o fumo, o jogo, as comezainas, e tudo o mais; occupações das faculdades inferiores da alma, com preterição das mais elevadas e delicadas. O mancebo pobre trabalha para ganhar o pão; come; depois de comer só lhe resta a meditação. Vae aos espectaculos gratuitos que Deus dá; contempla o céu, o espaço, os astros, as flores, as creanças, a humanidade na qual soffre, a criação na qual resplandece. Entretanto a humanidade, que vê a alma, fita tanto a criação que vê Deus. Sonha, e sente-se grande; sonha ainda, e se enternece. Do egoismo do homem que soffre, passa á compaixão do homem que medita. Um admiravel sentimento nelle nasce, o esquecimento de si e a compaixão por todos os seus semelhantes. Pensando nos gozos sem conto que a natureza offerece, dá e prodigalisa ás almas elevadas e recusa ás rasteiras, elle, o millionario da intelligencia, acaba por lastimar os milonarios do dinheiro. O odio vae-se-lhe desvanecendo no coração á medida que a luz penetra-lhe no es-

pirito. Na realidade, é elle desgraçado? Não. A miseria de um mancebo nunca é miseravel. Qualquer moço, por mais pobre que seja, com saude, com força, com o andar rapido, com os olhos a brilharem-lhe, com o sangue a ferver-lhe nas veias, com os cabellos pretos, com o rosto viçoso, com os labios purpurinos, com os dentes brancos como a neve, com o halito puro, causará sempre inveja a um velho imperador. E todas as manhãs volta ao trabalho que lhe dá o pão; e, enquanto as mãos ganham o pão, a espinha dorsal ganha altivez, o cerebro ganha idéas. Tendo o trabalho, volve aos extasis ineffaveis, ás contemplações, ás alegrias; vive com os pés nas afflicções, nos obstaculos, na calçada, nos espinhos, ás vezes na lama, porém com a fronte na luz. E' firme, sereno, brando, tranquillo, attento, serio, satisfeito com pouco, benevolo; e rende graças a Deus por lhe ter dado duas riquezas que faltam a muitos ricos: o trabalho que o constitue em liberdade, e o pensamento que o eleva em dignidade.

Fôra justamente isto que se dera com Mario. Elle havia mesmo, para nada omittirmos, contrahido algum pendor para a contemplação. Desde o dia em que viu que podia ganhar modestamente a vida não quizera mais augmentos, por achar bom ser pobre, e para lhe ficar maior quantidade de tempo desoccupado afim de consagra-lo ao pensamento. E, pois, passava dias inteiros a meditar, mergulhado e submerso como um visionario nas mudas volupias do extasis e do esplendor interno. Formulára assim o problema da vida: dar-se o menos possivel ao trabalho material para consagrar-se o mais possivel ao trabalho impalpavel; por outros termos, dar algumas horas á vida real, e lançar o resto no infinito. Não considerava, crendo que nada lhe faltava, que a contemplação assim comprehendida acaba por ser uma das fórmulas da preguiça, que se contentara com satisfazer ás primeiras necessidades da vida, e que descansava cedo de mais.

Era evidente que, para um caracter energico e generoso como o seu, um tal estado não podia ser senão transitorio; e que ao primeiro embate de encontro ás complicações do destino Mario despertaria.

Entretanto, ainda que fosse advogado, e a despeito do que dizia o velho Guillenormand, não só não advogava,

como nem mesmo chicaneava. A meditação distrahiria-o da advocacia. Estar com advogados, frequentar os tribunaes, fallar em processos,—massada. Para que sujeitar-se a tudo isso? Não via razão alguma para mudar de meio de vida. Os livreiros davam-lhe trabalho, obscuro embora, porem certo, um trabalho em que consumia pouco tempo, e que, como acabamos de dizer, proporcionava-lhe meios de modesta subsistencia.

Um dos livreiros para quem elle trabalhava, o senr. Magimel, creio eu, propuzera-lhe que viesse para sua casa, onde teria um bom aposento, trabalho regular, e uma retribuição de mil e quinhentos francos annuaes. Ter um bom aposento! mil e quinhentos francos! Não havia nada melhor. Mas renunciar á sua liberdade! ser um assalariado! uma especie de litterato caixeiro!

No entender de Mario, se aceitasse tal proposta, a sua posição se tornaria melhor e peor ao mesmo tempo; ganharia em commodidades da vida e perderia em dignidade; seria uma desgraça completa e bella que se mudaria em sujeição feia e ridicula; seria pouco mais ou menos como um cego que recebesse a vista de um olho só. Recusou.

Mario vivia solitario. Pelo gosto que tinha de viver retirado, e tambem por ter soffrido um abalo demasiado forte, deixara decididamente de frequentar a roda presidida por Enjolrás. Tinham ficado bons camaradas; estavam sempre promptos a prestarem-se mutuamente todos os bons officios possiveis; porem nada mais. Mario tinha dous amigos, um moço, Courfeyrac, o outro velho, Mabœuf. Era, porem, mais afeiçãoado ao velho.

A este devera a revolução que sentira operar-se em si mesmo; devia-lhe o ter conhecido e amado ao pae. *Elle me fez a operação da catarata*, dizia Mario.

Na verdade, esse fabriqueiro fôra decisivo.

Não que Mabœuf nessa occasião fosse outra cousa mais do que o agente calmo e impassivel da Providencia. Esclarecera Mario por acaso e sem o saber, como uma vela que alguém tem na mão; elle fôra a vela e não o alguém.

Quanto á revolução politica interior de Mario, Mabœuf era inteiramente incapaz de comprehendê-la, de quere-la e de dirigi-la.

Como encontraremos mais adeante o senr. Mabœuf, algumas palavras a seu respeito não serão inuteis.

IV

○ SENR. MABŒUF.

No dia em que Mabœuf dizia a Mario: « Na verdade, *aprovo as opiniões politicas*, » exprimia o verdadeiro estado do seu espirito. Todas as opiniões politicas lhe eram indifferentes, e approvava-as todas sem distincção, para que ellas o deixassem em paz, assim como os gregos chamavam ás Furias: « as bellas, as boas, as encantadoras », as *Eumenides*, Mabœuf tinha por opinião politica amar apaixonadamente as plantas, e sobretudo os livros. Possuia, como todos, a sua terminação em *ista*, sem a qual ninguem houvera podido viver naquelle tempo, mas não era realista, nem bonapartista, nem cartista, nem orleanista, nem anarchista; era alfarra-bista.

Não comprehendia como os homens achavam gosto em se detestarem por amor de parvoices como a carta, a democracia, a legitimidade, a monarchia, a republica, etc., quando havia neste mundo uma infinidade de musgos, de hervas e de arbustos que podiam contemplar, e montões de volumes in-folio e mesmo em 32 que podiam folhear. Punha muito cuidado em não se tornar

inutil; por ter livros não deixava de os ler, nem os seus estudos de botânico o impediam de ser jardineiro. Quando conheceu Pontmercy, dera-se entre elle e o coronel a sympathia de que, o que este fazia pelas flores, fazia-o Mabœuf pelas frutas. Tinha conseguido produzir pêras de sementeira tam saborosas como as de San'Germano; foi de uma das suas combinações que nasceu, ao que parece, a *mirabella* ⁽¹⁾ de outubro, celebre hoje, e não menos cheirosa que a *mirabella* de verão. Ia á missa mais por benignidade do que por devoção, e tambem porque, gostando de ver os seus semelhantes, mas detestando-lhes o rumor, só os encontrava reunidos e silenciosos na egreja. Reconhecendo que todos devem ser alguma cousa no Estado, escolhera o emprego de fabricanteiro. Quanto ao mais, nunca pudera amar uma mulher tanto como uma batata de tulipa, nem um homem tanto como um *elzevir*. Já tinha muito mais de sessenta annos quando um dia um sujeito lhe perguntou: «O senhor nunca foi casado?—Esqueci-me de procurar mulher» respondeu elle. Quando ás vezes lhe acontecia—e a quem não acontece isto?—dizer: «Oh! se eu fosse rico!» não era olhando maliciosamente para alguma linda moça, mas contemplando um velho livro precioso. Vivia só, com uma creada já idosa. Era um tanto chiragro, e quando dormia, os seus dedos, ankylosados pelo rheumatismo, ficavam tesos debaixo dos lençóes. Compureza e publicára uma *Flora dos arredores de Caunteretz* com estampas coloridas, obra mui estimada, cujas chapas estavam em seu poder e que elle proprio vendia. Duas ou tres vezes por dia vinham bater-lhe á porta, na rua Mézières, para comprar a tal obra. Nesta venda apurava seguramente dous mil francos por anno; tal era pouco mais ou menos toda a sua fortuna. Bem que pobre, tivera o talento de formar, á força de paciencia, de privações e de tempo, uma preciosa collecção de exemplares raros em todo o genero. Nunca sahia sem levar um livro debaixo do braço, e muitas vezes se recolhia com dous. O unico adorno dos quatro aposentos de andar terreo que com um jardimzito compunham o seu domicilio, eram herbarios encaisilhados e gravuras dos antigos mestres. A vista de uma espada

(2) Especie de ameixa amarella.

ou de uma espingarda o gelava. Em toda a sua vida nunca se approximára de uma peça de artilharia, nem mesmo nos Invalidos. Tinha um estomago soffrivel, um irmão cura, cabellos brancos como a neve, absoluta falta de dentes tanto na bocca como no espirito, um tremor por todo o corpo, o fallar picardo, o sorriso infantil, propensão para assustar-se, e um ar de carneiro velho. Quanto ao mais, não tinha amizade nem relações entre os vivos, alem das que cultivava com um velho livreiro da porta de Sanct'Iago chamado Royol. O seu sonho era naturalisar o anil em França.

A creada, por sua parte, era uma variedade da innocencia. A boa da pobre velha era virgem. Sultão, seu gatarrão, que houvera podido miar o *miserere* d'Aellgri na capella Sixtina, tinha-lhe enchido o coração e era sufficiente para a paixão que nelle havia. Nenhum dos seus sonhos tinha ido até o homem. Nunca pudera ir alem do seu gato. Tinha bigodes como elle. Punha toda a sua gloria em trazer sempre toucas bem alvas. Aos domingos, depois da missa, passava horas esquecidas a contar a roupa que tinha no bahú e a estender em cima da cama as fazendas que comprava para vestidos, e que nunca mandava para a costureira. Sabia ler. Mabœuf puzera-lhe a alcunha de *mãe Plutarcho*.

Mabœuf affeição-se a Mario, porque este, moço e benevolo, aquecia-lhe a velhice sem lhe perturbar a timidez. A mocidade benigna é para os velhos como o sol sem vento. Quando Mario se achava saturado de gloria militar, de polvora, de marchas e de contra-marchas, e de todas essas prodigiosas batalhas em que seu pae dera e levára tamanhas cutiladas, ia visitar Mabœuf, e este fallava-lhe do heróe como floricultor.

Pelo anno de 1830, seu irmão cura morreu, e quasi para logo, como ao cahir da noite, todo o horizonte se tornára escuro para Mabœuf. Uma quebra—de notario—privou-o de uns dez mil francos, que era a quanto montava a sua fortuna reunida á de seu irmão. A revolução de julho produziu uma crise no commercio de livros. Em tempos de apuros, a primeira cousa que fica sem compradores é uma *Flora*. A *Flora dos arredores de Conteretz* deixou de ter extracção. Passavam-

se semanas sem se vender um unico exemplar. A's vezes Mabœuf estremecia ao ouvir o toque da campainha. « Senhor, dizia-lhe tristemente a mãe Plutarcho, é o aguadeiro. » Em summa, um dia Mabœuf deixou a rua Mézières, abdicou as funcções de fabricante, renunciou a San'Sulpicio, vendeu parte, não dos seus livros, mas das estampas, — a que não dava tanto apreço, — e foi morar em uma casinha do *boulevard* Mont-Parnasse, onde aliás só passou um trimestre; por dous motivos: primeiro, a casa e o jardim custavam-lhe trezentos francos, e elle estava resolvido a não gastar mais de duzentos com o aluguel da casa; segundo, como ficava vizinho do tiro Fatou, ouvia tiros de pistolas, o que lhe era insupportavel.

Levou comsigo a sua *Flora*, as suas chapas, os herbarios, as pastas e os livros, e foi residir perto da Salpêtrière em uma especie de cabana da aldêa de Austerlitz, onde por cincoenta escudos annuaes tinha tres aposentos e um jardim cercado e com poço. Aproveitou a mudança para vender quasi todos os seus moveis. No dia em que entrou para a sua nova casa esteve muito alegre e pregou com as suas proprias mãos os pregos necessarios para pendurar as gravuras e os herbarios, levou o resto do dia a trabalhar de enxada no jardim, e de noite, vendo a mãe Plutarcho triste e pensativa, bateu-lhe no hombro e disse-lhe sorrindo-se: « Agora, sim, temos o anil! »

Duas unicas visitas, o livreiro da porta de Sanct'Iago e Mario, tinham ingresso junto d'elle na sua cabana de Austerlitz, nome brigão, que na verdade lhe era nimia-mente desagradavel.

De resto, como acabamos de indlca-lo, os cerebros absorvidos em uma sciencia ou em uma mania, ou, o que ás vezes succede, nas duas cousas ao mesmo tempo, só mui lentamente se tornam permeaveis ás cousas da vida. O seu proprio destino lhes é remoto. Destas concentrações resulta uma passividade que, se fosse reflectida, se assemelharia á philosophia. O individuo, em tal estado, declina, desce, exhaure-se, alue-se mesmo, quasi que sem dar por tal. Este estado, na verdade, acaba sempre por um despertar, porem tardio. Entrementes o individuo como que fica neutro no jogo que se joga entre a sua felicidade e a sua desgraça. E' elle

proprio a parada deste jogo, e olha para a partida com indiferença.

Foi assim que Mabœuf, no meio da escuridão, que entrara a rodea-lo, desvanecendo-se-lhe as esperanças umas após outras, se conservava sereno, um tanto pueril, porém profundamente. Os hábitos do seu espirito tinham o vaivem de uma pendula. Quando uma illusão lhe dava corda, trabalhava por muito tempo, mesmo depois della já desvanecida. Um relógio não pára justamente no momento em que se lhe perde a chave.

Mabœuf fruía prazeres innocentes. Estes prazeres eram pouco custosos e inesperados: o menor acaso lh'os proporcionava. Um dia a mãe Plutarcho lia um romance em um canto da sala. Lia em voz alta, achando que assim comprehendia melhor. Ler em voz alta é afirmar a si mesmo o que se está lendo. Ha pessoas que lêem muito alto e que teem ar de dar a si mesmas a sua palavra de honra a respeito daquillo que lêem.

A mãe Plutarcho lia com toda esta energia o romance que tinha na mão. Mabœuf ouvia sem escutar.

No correr da leitura, a mãe Plutarcho chegou a esta phrase. Tratava-se de um official de dragões e de uma bella:

«... A bella *Bouda* (arrufou-se) e o dragão....»

Aqui interrompeu a leitura, para limpar os vidros das cangalhas.

—Bouddha e o Dragão, repetiu Mabœuf em meia voz. Sim, é verdade, havia um dragão que, do fundo da sua caverna, lançava chammass pelas guellas e abrasava o céu. Muitas estrellas já haviam sido incendiadas por este monstro, que além disso, tinha garras de tigre. Bouddha entrou no antro do dragão e logrou convertê-lo. Você está lendo um bom livro, mãe Plutarcho. Não ha lenda mais bella.

E Mabœuf cahiu em uma meditação deliciosa.

V

POBREZA BOA VISINHA DA MISERIA.

Mario gostava deste velho candido que se via lentamente assallado pela indigencia, e que começava a admirar-se disso, mas por ora ainda sem tristeza. Mario encontrava-se com Courfeyrac e Mabœuf, comtudo, raras vezes os procurava, uma ou duas vezes por mez, quando muito.

O prazer de Mario era dar sósinho longos passeios nos *boulevards* exteriores, ou no campo de Marte, ou nas alamedas menos frequentadas do Luxemburgo. Passava às vezes metade de um dia a contemplar o jardim de um mercador de hortaliças, os canteiros de alface, as gallinhas a remexerem no esterco e o cavallo a tocar a roda da nora. Os viandantes olhavam-n'o sorpreso, e alguns achavam-lhe o trajo suspeito e a cara sinistra. Não era mais do que um moço pobre que scismava á tôa.

Foi em um destes passeios que descobriu o pardieiro Gorbeau, e, tentado pelo isolamento e pela modicidade do aluguel, alli fôra morar. Não o conheciam na casa senão pelo nome de senr. Mario.

Alguns dos antigos generaes ou dos velhos camaradas

de seu pae o haviam convidado, quando o conheceram a ir vê-los a miudo. Mario havia aceitado o convite. Eram occasiões de fallar de seu pae. Ia assim de tempos a tempos visitar o conde Pujol e os generaes Bellavoine e Fririon, que residiam nos Invalidos. Tocava-se e dançava-se. Nessas noites Mario vestia a sua casaca nova. Mas não ia a estes sarões nem a estes bailes senão quando gelava a fazer rachar as pedras, porque não podia alugar um carro, e não queria apresentar-se senão com botas reluzentes como espelhos.

Dizia ás vezes, porém sem amargura: «Os homens, com os seus preconceitos, acolhem bem em um salão o sujeito que se lhes apresenta com sapatos bem limpos, embora esteja sujissimo em uma ou outra parte, Para que sejas bem vindo, pedem-te uma cousa immaculada: — a consciencia? não, as botas.»

Todas as paixões, menos as do coração, se desvanecem com o cogitar. Assim se haviam desvanecido as paixões politicas de Mario. A revolução de 1830, satisfazendo-o, e acalmando-o, tinha concorrido para isso. Ficára o mesmo, menos quanto aos furores. Persistia nas suas opiniões. Estas, porem, se haviam moderado. Rigorosamente fallando, já não tinha opinião, tinha sympathias. De que partido era? do partido da humanidade. Na humanidade escolhia a França; na nação escolhia o povo; no povo escolhia a mulher. Era sobretudo nesta que concentrava a sua compaixão. Agora preferia uma idéa a um facto, um poeta a um heróe, e admirava muito mais um livro como Job do que um successo como Marengo. E demais, quando, após um dia de meditação, voltava para casa pelos *boulevards* e por entre os ramos das arvores avistava o espaço insondavel, os milhões de astros a coruscarem, o abysmo, a escuridão, o mysterio, tudo quanto é humano lhe parecia bem pequeno.

Suppunha, e comeffeito talvez houvesse attingido o vero da vida e da philosophia humana, e chegára a ponto de não olhar para nada mais senão para o céu, unica cousa que a verdade pode ver de dentro do seu poço.

Isto, porem, não o impedia de multiplicar planos, combinações, projectos de futuro. Neste estado de meditação, o olhar que houvesse contemplado o interior

de Mario, ter-se-hia admirado da pureza dessa alma. Na verdade, se fosse dado aos nossos olhos de carne verem a consciencia de outrem, julgariamos mais seguramente um homem pelos seus devaneios do que pelo que pensa. No pensamento ha a vontade, não assim no devaneio. Este, que é todo espontaneo, assume e conserva, mesmo no gigantesco e no idéal, o aspecto do nosso espirito. Nada sahe mais directa e cinceramente do intimo da nossa alma como as nossas aspirações irreflectidas e illimitadas aos esplendores do destino. Nestas aspirações, muito mais que nas idéas compostas, examinadas e coordenadas, pode achar-se o verdadeiro character de cada homem. As nossas chimeras são a melhor copia de nós mesmos. Cada um se arrouba ao anhelos do desconhecido e do impossivel conforme a sua constituição.

Por meados do anno de 1831 a velha que servia Mario contou-lhe que os seus vizinhos, a miseravel familia Jondrette, que iam ser postos na rua. Mario, que passava quasi todos os dias fora, quasi ignorava que tinha vizinhos.

—E porque os mandam embora? perguntou.

—Porque não pagam o aluguel, e já teem dous vencidos.

—Que importam em quanto?

—Em vinte francos, respondeu a velha.

Mario tinha trinta francos postos de parte dentro de uma gaveta.

—Tome, disse para a velha, aqui estão vinte e cinco francos. Pague o que essa pobre gente está devendo, de-lhe os cinco francos, e não lhe diga que fui eu que os soccorri.

VI

O PRETENDENTE.

Quiz o acaso que o regimento do tenente Theodulo viesse de guarnição para Pariz, isto proporcionou á tia Guillenormand occasião de ter outra lembrança. Da primeira vez, lembrara-se de fazer Theodulo espiar Mario; agora conspirava para que aquelle succedesse a este.

Tudo bem considerado, e no caso que o velho viesse a sentir a vaga necessidade de um joven semblante em casa, estes raios da aurora são ás vezes agradaveis ás ruínas, e era bom tratar de ver outro Mario. Pois bem, disse ella, é simplesmente uma emenda como as que vejo nos livros, Mario, lêa-se Theodulo.

Um sobrinho é quasi um netto; na falta de uma dvogado, mesmo um lanceiro serve.

Certa manhan que Guillenormand se preparava para ler uma cousa assim como a *Quotidiana*, sua filha entrou, e disse-lhe com a mais doce voz que pôde, por quanto tratava-se do seu favorito :

—Meu pae, Theodulo ha de vir esta manhan apresentar-lhe os seus respeitos.

—Que Theodulo?

—O seu sobrinho.

—Ah! murmurou o velho.

Depois continuou a ler, não pensou mais no sobrinho, que não passava de um Theodulo qualquer, e não tardou a encher-se de furor, o que quasi sempre lhe acontecia quando lia jornaes. A *folha* que estava lendo, aliás realista, como não podia deixar de ser, annunciava para o dia seguinte, sem periphrase alguma, um dos acontecimentosinhos quotidianos de Pariz de então:—Que os estudantes das escolas de medicina e de direito deviam reunir-se na praça do Panthéon ao meio-dia—para deliberarem. —Tratava-se de uma das questões do momento: da artilharia da guarda nacional, e de um conflicto entre o ministro da guerra e a *miticia civil* por motivo dos canhões assestados no pateo do Louvre. Os estudantes deviam *deliberar* a este respeito. Era quanto bastava para fazer Guillenormand perder a tramontana.

Lembrou-se de Mario, que era estudante, e que, provavelmente, iria, com os outros, *deliberar, ao meio-dia, na praça do Panthéon*.

Quando assim pensava com angustia, o tenente Theodulo entrou, vestido à pasaina, lembrança feliz, e discretamente introduzido pela tia Guillenormand. O lanceiro tinha feito este racionio: «O velho druida não tem toda a sua fortuna em rendas vitalicias. Por conseguinte, vale a pena disfarçar-me em casaca de tempos a tempos.»

A tia Guillenormand disse alto para o pae:

—Aqui está Theodulo, seu sobrinho.

E, baixo para o tenente:

—Approva tudo.

E retirou-se.

O tenente, pouco acostumado a encontros tam veneraveis, balbuciou com alguma timidez.

—Bom dia, meu tio; e fez um cumprimento mixto composto do esboço involuntario e machinal da continencia militar terminada por uma saudação burgueza.

—Ah! é você? está bem, sente-se, disse o tio.

Theodulo sentou-se, e Guillenormand levantou-se.

Pôz-se a passear de um lado para outro, com as mãos nos bolsos, fallando em voz alta, e mexendo com os velhos dedos irritados nos dous relógios que trazia nos dous bolsos.

—Cambada de ranhosos! vão reunir-se na praça do Panthéon! Pelas barbas de Jupiter! Uns fedelhos que ainda hontem mamavam! Se se lhes apertasse o nariz, deitavam leite! E vão deliberar amanha ao meio dia! Para onde vamos? Aonde iremos nós parar? E' claro que nos encaminhamos para o abysmo. Foram os *descamisados* que nos lançaram neste despenhadeiro! A artilharia civica! Deliberar sobre a artilharia civica! Irem papaguear n'uma praça publica sobre as surriadas da guarda nacional! E com quem se vão elles achar misturados? Vejam até onde póde levar o jacobinismo. Aposto quanto quizerem, um milhão contra zero, em como lá se acharão sujeitos que já soffreram condemnações e forçados que cumpriram a pena. Republicanos e galês são como unha com carne. Carnot dizia: onde queres que eu vá, traidor? Fouché respondia: onde quizeres, imbecil! Ahi está o que são os republicanos.

—E' verdade, disse Theodulo.

Guillenormand voltou um pouco a cabeça, olhou para Theodulo, e continuou:

—Quando me lembro que esse maroto teve a malvez de fazer-se *carbonario*! Para que deixaste a minha casa? Para ires ser republicano. Passa fóra! pois fica sabendo que o povo não quer, não quer por fórmã nenhuma a tua republica; elle tem bom senso, bem sabe que sempre houve e haverá reis, e que, bem considerado tudo, o povo nada mais é que o povo, e por conseguinte manda bugiar a tua republica; ouves, malandro? Quem viu já um capricho assim tam descocado? Apaixonar-se pelo *Père Duchene*, volver olhos requebrados para a guilhotina, cantar romances e tocar guitarra por baixo das janellas de 99, isto só cuspindo-se em cima de todos estes rapazes, tamanha é a sua estupidez! Mania geral. Não ha um só que lhe escape. Mal respiram o ar que corre nas ruas, tornam-se insensatos. O seculo XIX é um veneno. Qualquer bregeiro deixa crescer uma barba de bode, julga-se logo um tratante consumado, e manda á tabua os parentes velhos. Republicanismo, romantismo. E o que vem a ser o tal romantismo? não me farão o favor de dizer? Todas as loucuras possiveis. Ha um anno ia esta cambada ver representar *Hernani*. Ora vejam *Hernani*! um apontoado de antitheses! horrores que nem ao menos estão escrip-

tos em francez ! E depois canhões no pateo do Louvre. Taes são as desordens dos tempos em que nos achamos.

—Tem razão, meu tio, disse Theodulo.

Guillenormrmd continuou :

—Canhões no pateo do Muséu ! para que ? Canhão, o que me queres tú ? Então vocês vão maltratar o Apollo de Belvédère ? O que teem que ver os cartuxos com a Venus de Medicis ? Oh ! estes rapazes de agora são todos uns biltres ! E que trocatintas não é o seu Benjamin Constant ? Os que não são malvados são basbaques ! Fazem o mais que podem para ser feios, vestem-se mal, teem medo das mulheres, junto das saias mostram um ar de mendigo que provoca o riso das raparigas ; palavra de honra, são uma especie de pobres envergonhados do amor. A sua fealdade corre parelhas com a sua estupidez ; repetem os trocadilhos de Tiercelin e de Potier, vestem casacas-saccos, colletes de palafreheiro, camisas de linho grosso, calças de panno grosso, as botas são de couro grosso, e as fallas parecem-se com o trajo.

E toda esta inepta fedelhada tem opiniões politicas. As opiniões politicas deviam ser severamente prohibidas. Elles fabricam systemas, transformam a sociedade, deitam abaixo a monarchia, dão com todas as leis na lama, viram tudo de pernas para o ar, e poem o meu porteiro no lugar do rei, remexem a Europa em peso, reconstruem o mundo, e as suas maiores conquistas amorosas cifram-se em olhar á socapa para as pernas das lavadeiras que trepam para as carroças ! Ah ! Mario ! Ah ! pedaço de patife ! ir vociferar na praça publica ! discutir, deliberar, tomar medidas ! chamam a isto medidas, justos deuses ! a desordem amesquinha-se e torna-se tola. Já vi o cháos, o que agora vejo é um monturo. Estudantes a deliberarem sobre a guarda nacional, isto não se veria nem mesmo entre os Ogihbewas e os Cadodaches ! Os selvagens que andam nus, com a cabeça enfeitada, com um volante de vaqueta e de maça na mão, são menos brutos que estes bachareis ! uns pingas que não teem um soldo de seu ! que sabios e que censores ! deliberam e raciocinam ! o mundo está para acabar. E' evidente que este miseravel globo terraqueo está a acabar. Faltava o soluço final, a França o solta. Deliberem, meus bigorrilhas ! Estas cousas hão de sem-

pre acontecer emquanto elles fôrem ler as folhas de-baixo das arcadas do Odéon. A tal leitura não lhes custa só um soldo, custa-lhes tambem o seu bom senso, a intelligencia, o coração, a alma, o espirito. Sahem dalli, e mandam á fava a sua familia. Todos os jornaes são fôcos de peste ; todos, até mesmo a *Bandeira branca*! na realidade Martainville era um jacobino. Ah! justo céu! podes-te gabar de ter feito teu avô comer brazas!

—E' evidente, disse Theodulo.

E emquanto Guillenormand tomava folego, o lanceiro accrescentou magistralmente:

—Só devia haver um jornal, o *Monitor*, e um unico livro, o *Annuario militar*.

Guillenormand continuou:

—E' como o tal Sieyès! um regicida acabando em senador! porque é sempre assim que elles acabam. Atiram ás caras uns dos outros o tractamento de tu, de *cidadão*, até que chegue o dia em que se chamem o senr. conde. Senr. conde, sim, mas com o fato salpicado de sangue dos morticínios de setembro. O philosopho Sieyès! Resta-me felizmente a consciencia de que sempre fiz tanto caso das philosophias de todos estes philosophos como dos olhos do palhaço do Tivoli! Vi um dia os senadores passarem pelo cães Malaquias com os seus mantos de veludo violeta recamados de abelhas e chapéus á Henrique IV. Estavam horriveis. Cidadãos, declaro-vos que o vosso progresso é uma loucura, que a vossa humanidade é um sonho, que a vossa revolução é um crime, que a vossa republica é um monstro, que a vossa joven França donzella sahe do lupanar, e vo-lo sustento a todos, quem quer que sejaes, em que fosseis publicistas, economistas, legistas, em que fosseis mais entendidos em liberdade, em egualdade e em fraternidade do que o cutello da guilhotina! Ahi está o que tenho a dizer-vos, meus caros!

—Devêras! exclamou o tenente, não ha nada mais exacto.

Guillenormand interrompeu um gesto que começava, voltou-se, cravou os olhos no rosto de Theodulo, e disse-lhe:

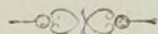
—E's um pedaço d'asno.

OS MISERAVEIS.

POR

VICTOR HUGO.

VOLUME VI.



SAN'LUIZ:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4

1862.

OR MISTERY

CONTO

W. J. J. J.

LIVRO SEXTO.

A CONJUGAÇÃO DE DUAS ESTRELAS.

I

A ALGUMHA: MODO DE FORMAÇÃO DOS NOMES DE FAMÍLIA.

Mario era nesta época um bello mancebo de estatura regular, com espessos cabellos mui pretos, fronte alta e intelligente, ventas abertas e apaixonadas, ar sincero e calmo e em todo o semblante uma expressão altiva, meditabunda e innocente. O seu profil, cujos contornos eram todos arredondados sem deixarem de ser firmes, tinha essa suavidade germanica que penetrou na physionomia franceza pela Alsacia e pela Lorena e essa ausencia completa de angulos que tornava os sicambros tam faceis de reconhecer entre os romanos e que distingue a raça leonina da raça aquilina. Estava na quadra da vida em que o espirito dos homens que pensam se compõe, quasi em proporções eguaes, de profundez e de ingenuidade. Dada uma situação grave, tinha tudo quanto era de mister para ser estúpido; por pouco, porém, que se lhe augmentasse o abalo, podia ser sublime. Seus modos eram reservados, frios, polidos, pouco communicativos. Tendo uma linda bocca e os labios mais vermelhos e os dentes mais alvos do mundo, o seu sorriso cor-

rigia o que toda a physionomia continha de severo. Em certos momentos, dava-se um singular contraste entre aquella fronte casta e aquelle sorriso voluptuoso. Os olhos eram pequenos, o olhar profundo.

No tempo da sua maior miseria, notava que as moças voltavam o rosto quando passava e fugia ou escondia-se, com o desespero n'alma. Pensava que ellas olhavam para a velha roupa que trajava e que seriam com vê-lo tam mal vestido; o que é facto é que era a sua propria graça que attrahia esses olhares e que todas pensavam nelle.

Esta muda desintelligencia entre Mario e as jovens passeantes tornavam-n'o misanthropo. A nenhuma votou affeição, por isso mesmo que fugia de todas. Viveu assim indefinidamente,—estupidamente, dizia Courfeyrac.

Courfeyrac dizia-lhe mais:

—Não aspire a ser veneravel (elles tractavam-se por tu: as jovens amigas chegam facilmente a esta intimidade). Meu caro, ouve um conselho. Não leias tanto os livros e olha um pouco mais para as moças. Estas bregeiras, Mario, não são de todo más! Á força de fugir-lhes e de corar, tornar-te-has um bruto.

Outras vezes Courfeyrac encontrava-se com elle e dizia-lhe:

—Bom dia, senr. abbade.

Quando Courfeyrac assim lhe fallava, Mario levava oito dias a evitar ainda mais cuidadosamente as mulheres, quer velhas, quer moças, e Courfeyrac muito mais que as mulheres.

Havia, porém, em toda a immensa creação duas mulheres de quem Mario se não esquivava e de quem não tinha o menor receio. Na verdade, grande houvera sido a sua admiração se alguém lhe dissesse que ellas eram mulheres. Uma era a velha barbuda que lhe varria o quarto e a respeito da qual Courfeyrac dizia: «Mario, vendo que a sua creada usa de barbas, traz a cara despida de cabello.» A outra era uma especie de menina que via muito a miudo e para quem nunca olhava.

Havia mais de um anno que Mario via em uma alameda deserta do jardim do Luxemburgo, a alameda que corre ao comprido da Pépinière (*viveiro de plan-*

tas), um homem e uma mocinha quasi sempre sentados lado a lado no mesmo banco, na extremidade mais solitaria da alameda, do lado da rua do Oeste. Todas as vezes que o acaso, que interveem nos passeios das pessoas cuja attenção se absorve no seu proprio interior, levava Mario a esta alameda, o que succedia isto quasi todos os dias, e alli encontrava o homem e a menina. O homem mostrava ter os seus 60 annos; parecia triste e serio; toda a sua pessoa apresentava esse aspecto robusto e fatigado dos militares retirados do serviço. Se trouxesse alguma condecoração, Mario teria dito: é um velho official. Tinha ar benevolô, mas impraticavel e nunca os seus olhos se fitavam no rosto de quem quer que fosse. Trajava calças azues, sobrecasaca tambem azul e chapéu de abas largas, que pareciam sempre novos, gravata preta e camisa de *quaker*, isto é, alva como neve, mas de linho encorpado. Uma *grisette* passando um dia por junto delle, disse: «Ora ahi está um viuvo bem asseiado.» Tinha os cabellos inteiramente brancos.

A primeira vez que a mocinha, que o acompanhava, veio sentar-se com elle no banco que pareciam ter adoptado, era uma especie de menina de treze ou quatorze annos, magra, a ponto de quasi ser feia, acanhada, insignificante, e que promettia vir talvez a ter olhos bem lindos. Tinha-os, porém, sempre levantados com certo desembaraço que desagradava. O seu trajo era a um tempo severo e infantil como o das pensionistas de convento; um vestido mal cortado de grosso merinó preto. Pareciam pae e filha.

Mario examinou durante dous dias esse homem maduro que ainda não era um velho e essa menina que ainda não era uma moça; depois não lhes deu mais attenção. Elles por sua parte como que nem sequer o viam. Conversavam entre si com ar tranquillo e indifferente. A menina estava de continuo a papaguear alegremente. O velho fallava pouco, e havia instantes em que fitava nella olhos cheios de ineffavel paternidade.

Mario contrahira machinalmente o habito de passar naquella alameda. Rarissimas vezes deixava de alli encontra-los.

Eis-aqui como a cousa se passava :

Mario prefiria sempre entrar na alameda pela extremidade opposta áquelle banco, percorria-a em toda a extensão, passava por defronte delles, depois voltava até á extremidade por onde havia entrado e recommegava o passeio. Fazia esta evolução cinco ou seis vezes em cada dia, e cinco ou seis vezes por semana encontrava-os assim no mesmo lugar sem que ainda houvessem chegado a trocar sequer um mutuo cumprimento. Aquella personagem e aquella menina, bem que parecessem, e talvez porque pareciam evitar os olhares, haviam de alguma fórma despertado a attenção dos cinco ou seis estudantes que passavam de tempos a tempos ao longo da Pépinière, os estudiosos depois das suas aulas, os outros depois da sua partida de bilhar. Courfeyrae, que era desta ultima categoria, observára-os algum tempo, mas achando a mocinha feia, tratara logo e com o maior cuidado de afastar-se. Fugira como um Partho lançando-lhes um alcunha. Como a menina andava sempre de vestido preto e o velho tinha a cabeça toda branca, chamára á filha *Mlle. Lancire* e ao pae o *senr. Leblanc*, de modo que, como tambem ninguem os conhecia, na falta de nome, fôra adoptada a alcunha. Os estudantes diziam: «Ah! lá está o *senr. Leblanc* no seu banco!» e Mario, como os outros, achára commodo tratar o desconhecido pelo *senr. Leblanc*.

Faremos como elles, e trataremos esse velho por *Leblanc*, para facilidade da nossa narrativa.

Mario viu-os assim quasi todos os dias á mesma hora durante o primeiro anno. Sympathisava com o homem, mas achava a mocinha sobejamente aborrecida.

II

LUX FACTA EST.

No segundo anno, justamente no ponto desta historia a que o leitor é chegado, aconteceu que os passeios no Luxemburgo se interrompêram sem que Mario mesmo soubesse bem pelo que, e levou perto de seis mezes sem pôr os pés na sua alameda. Enfim, um dia alli voltou; era em uma linda manhã de estio; Mario estava alegre como todos nós quando faz bom tempo. Parecia-lhe que tinha no coração todos os descantes dos passarinhos que ouvia, e todos os pedaços do céu azul que via por entre as folhas das arvores.

Dirigiu-se para a *sua alameda*, e, quando nella entrou, avistou ainda no mesmo banco o par conhecido. Todavia, tendo-se approximado, pareceu-lhe que a mocinha já era outra, bem que o homem fosse o mesmo. A moça que agora via era uma grande e bella creatura que tinha todas as fôrmas as mais encantadoras da mulher nesse momento em que se combinam ainda com todas as graças mais ingenuas da menina; momento fugitivo e puro que só pôde ser ex-

primido por estas duas palavras: quinze annos. Tinha admiraveis cabellos castanhos com reflexos dourados, uma fronte que parecia lavrada em marmore, faces que pareciam feitas de uma folha de rosa, um encarnado pallido, uma brancura cheia de vida, uma bocca delicada de onde sahia o riso como uma luz e a palavra como uma musica, uma cabeça que Raphael houvera dado a Maria, posta em um pescoco que João Goujon teria dado a Venus. E, para que nada faltasse a este rosto encantador, o nariz não era bello, era lindo; nem direito nem curvo, nem italiano nem grego; era um nariz pariziense, isto é, tinha esse não sei que espirituoso, fino, irregular e puro, que desespera os pintores e enleva os poetas.

Quando Mario passou por junto della não pôde ver-lhe os olhos que estavam constantemente abaixados. Só lhe viu as compridas pestanas castanhas cheias de sombras e de pudor.

Não impedia isto á linda moça de sorrir-se ouvindo o homem de cabellos brancos que lhe fallava, e nada era tam bello como vê-la sorrir-se assim com os olhos abaixados.

No primeiro momento, Mario suppôz que seria outra filha do mesmo homem, alguma irman sem duvida da primeira. Mas quando, pelo invariavel habito do passeio, tornou a passar por elles e a examinou com attenção, reconheceu que era a mesma. Em seis mezes a menina tornara-se moça; tal era o motivo. Nada tam frequente como este phenomeno. Ha um instante em que as meninas desabrocham em um abrir e fechar de olhos e se tornam rosas de repente. Hontem deixamo-las ainda creanças, hoje encontramos-las perigosas.

Esta não havia sómente crescido, tinha-se tambem idealisado. Assim como em abril bastam a certas arvores tres dias para se cobrirem de flôres, a ella haviam bastado seis mezes para se vestir de belleza.

O seu abril tinha chegado.

Vemos ás vezes pessoas que, pobres e mesquinhas, parecem transformar-se, passam subitamente da penuria á opulencia, fazem uma infinidade de despezas e tornam-se de repente esplendidas, prodigas e generosas. Depende isto de uma renda recebida; na

havia por sua vez notado, e achava provavelmente inexplicavel a sua assiduidade.

Tambem pela primeira vez sentiu que havia uma tal ou qual irreverencia em designar aquelle desconhecido, mesmo no mais secreto do seu pensamento, pela alcunha do senr. Leblanc.

Ficou assim alguns minutos de cabeça baixa e traçando figuras na arêa com uma bengalinha que trazia.

Depois voltou-se arrebatadamente para o lado opposto ao banco do senr. Leblanc e sua filha, e retirou-se para casa.

Neste dia não se lembrou de ir jantar. Às oito horas da noite deu pelo seu esquecimento, e como era muito tarde para ir á rua de Sanct'ago, já agora não ha remedio, disse, e comeu um pedaco de pão.

Não se deitou senão depois de ter escovado e dobrado cuidadosamente a casaca.

PROFUNDÍSSIMOS ABALOS QUE SOFRE A MÃE BOUGON.

No dia seguinte, a senr.^a Bougon (°), era assim que Courfeyrac chamava á velha porteira principal locataria-economa, que na realidade se chamava Burgon, como já deixámos consignado mais acima, mas o extravagante de Courfeyrac nada respeitava,—a senr.^a Bougon, estupefacta, viu que o senr. Mario tornava a sahir com a sua casaca nova.

Elle voltou ao Luxemburgo; porém, do banco onde se sentára na vespera, não foi além da metade da alameda. Dalli, tambem como na vespera, pôz-se a observar de longe, mas vendo distinctamente, o chapéu branco, o vestido preto, mais que tudo a luz azul. Não se mexeu do lugar, e só tornou para casa depois que se fecharam as portas do Luxemburgo. Não viu o senr. Leblanc retirar-se com sua filha. Daqui concluiu que haviam sahido pelo portão do lado da rua do Oeste. Algumas semanas depois, pensando nos acontecimentos

(°) Murmuradora.

vespera venceu-se um prazo. A moça havia recebido o seu semestre.

E, demais, já não era uma pensionista com o chapéu de pellucia, o vestido de merinó, os sapatos grossos e as mãos vermelhas; com a belleza viera-lhe o gosto; era uma moça vestida com uma elegancia simples e rica, e sem affectação. Trajava vestido de damasco preto, mantelete da mesma fazenda, e chapéu de crepe branco. As luvas, da côr do chapéu, deixavam ver-lhe o mimoso da mão que brincava com o cabo de marfim chinês do seu chapellinho de sol, e o borzeguim de seda desenhava-lhe a admiravel pequenez do pé. Quem passava por junto della sentia desprender-se de todo o seu trajo um penetrante perfume de mocidade.

Quanto ao homem, esse era sempre o mesmo.

A segunda vez que Mario passou por deante delles, a moça levantou os olhos, que eram azues celestes e penetrantes, mas no seu olhar ainda não havia senão a candidez da infancia. Olhou para Mario com indiferença, como houvera olhado para o pequerrucho que corria por baixo dos sycomores, ou para o vaso de marmore que projectava a sua sombra sobre o banco, e Mario por sua parte continuou a passar scismando em outra cousa.

Passou quatro ou cinco vezes perto do banco onde estava a moça, mas nem sequer olhou para ella.

Nos dias seguintes, voltou como de costume ao Luxemburgo, como de costume alli encontrou *o pae e a filha*, mas não lhes deu attenção. Não pensou mais naquella moça depois que se tornou formosa do que pensava quando era feia. Passava sempre muito por perto do banco onde ella se sentava, mas era por força de habito.

III

EFFEITO DA PRIMAVERA.

Um dia, o ar estava tepido, o Luxemburgo inundado de sombra e de luz, o céu limpo como se os anjos o houvessem lavado pela manhã, os passarinhos pipitavam na espessura dos castanheiros, Mario abria toda a sua alma á natureza, não pensava em nada, vivia e respirava; passou por junto do banco, a moça levantou os olhos para elle, os seus olhares encontraram-se.

O que haveria desta vez no olhar da moça? Mario não teria podido dizer-lo. Não havia nada e havia tudo. Foi um estranho relampago.

Ella abaixou os olhos, e elle continuou o seu caminho.

O que Mario acabava de ver era, não já o olhar simples e candido de uma creança, mas um abysmo mysterioso que se entreabrira, e para logo tornára a fechar-se.

Ha um dia em que toda a moça olha assim. Ai daquelle em quem se fita esse olhar!

Esse primeiro olhar de uma alma que ainda se não

conhece a si mesma é como o clarão da aurora no céu. É o despertar do que quer que seja esplendido e desconhecido. Nada poderia exprimir a perigosa atracção desta luz inesperada que de subito aclara vagamente adoráveis trevas e se compõe de toda a innocencia do presente e de toda a paixão do futuro. É uma especie de ternura indecisa que se revela ao acaso e que espera. É um laço que a innocencia arma espontaneamente e com que prende corações sem o querer e sem o saber. É uma virgem que olha como uma mulher.

É raro que tal volver d'olhos não provoque um profundo enlevo na pessoa em quem se fita. Todas as purezas e todas as canduras se reúnem nesse raio celeste e fatal que, muito mais que os estudados olhares das loureiras, tem o poder magico de fazer desabrochar de subito no fundo da alma essa flôr sombria, cheia de perfumes e de venenos, a que chamam amor.

Quando Mario, recolhendo-se de noite ao seu cochicholo, lançou os olhos sobre o facto com que se achava, notou pela primeira vez que bem pouco asseado se mostrava, commettendo a grosseria e a estranha estupidez de ir passear ao Luxemburgo com a sua roupa *dos dias ordinarios*, isto é, com um chapéu que tinha as abas quebradas, grossas botas de carroceiro, calças pretas já ruças nos joelhos e uma casaca branca nos cotovellos.

IV

PRINCIPIO DE UMA GRANDE DOENÇA.

No dia seguinte, á hora do costume, Mario tirou do armario a sua casaca nova, as suas calças novas, o seu chapéu novo e as suas botas novas; vestiu-se com esta panoplia completa, calçou luvas, luxo prodigioso, e dirigiu-se para o Luxemburgo.

No caminho encontrou Courfeyrac, e fingiu não o ver. Quando Courfeyrac voltou para casa, disse aos seus amigos:

—Acabo de encontrar o chapéu novo e a casaca nova de Mario, no costado e na cabeça de Mario. Ia sem duvida para algum exame. Tinha ar atoleimado.

Chegado ao Luxemburgo, Mario deu uma volta ao tanque e contemplou os cysnes, depois ficou um bom espaço de tempo a considerar uma estatua que tinha a cabeça toda negra de bolor e á qual faltava um dos quadris. Perto do tanque achava-se um burquez quadragenario e barrigudo que dizia a um menino de cinco annos que tinha pela mão:

—Evita os excessos. Meu filho, conserva-te a distancia igual do despotismo e da anarchia.

Mario ouviu o que dizia o burguez. Depois tornou a dar outra volta ao tanque. Enfim dirigiu-se para a sua *alameda*, lentamente e como que a seu pesar. Dissereis que se via forçado e impellido a alli ir. Nenhuma consciencia tinha disto e supunha proceder como de ordinario.

Ao entrar na alameda, avistou na outra extremidade, sentados *no seu banco*, o senr. Leblanc e a moça. Abotoou a casaca até acima, puxou-lhe as abas por detrás para que não fizesse rugas nas costas, examinou com certa satisfação os lustrosos reflexos das calças e marchou sobre o banco. Nesta marcha havia plano de ataque, e por sem duvida velleidade de conquista. Digo, pois, que Mario marchou sobre o banco, assim como diria: Annibal marchou sobre Roma.

De resto, todos os seus movimentos eram completamente machinaes, nem elle havia por fôrma alguma interrompido as preocupações habituaes do seu espirito e dos seus trabalhos. Pensava neste momento que o *Manual do Bacharelado* era um livro estúpido; e que só tendo sido redigido por biltres consummados poderia analysar como primores do espirito humano tres tragedias de Racine e apenas uma comedia de Molière. Sentia um sibilo agudo nos ouvidos. Approximando-se assim do banco, ia desfazendo as rugas da casaca e os seus olhos fitavam-se na moça. Parecia-lhe que ella enchia toda a extremidade da alameda de uma vaga luz azul.

A' medida que se approximava, tornavam-se os seus passos mais demorados. Chegado a certa distancia do banco, a uma boa distancia do fim da alameda, parou, e retrocedeu sem que elle proprio o soubesse porque. Não havia de fôrma alguma assentado comsigo mesmo que não iria até o fim. A moça mal teve tempo de avistal-o de longe, e de ver como elle ficava bonito com o seu facto novo. Todavia caminhava muito teso, para não parecer desengraçado caso alguém que se achasse atrás o seguisse com os olhos.

Chegou á extremidade opposta, depois voltou e desta vez approximou-se um pouco mais do banco. Avançou mesmo até a distancia de tres intervallos de ar-

vores, mas alli sentiu não sei que impossibilidade de ir mais adeante, e hesitou. Pareceu-lhe que a moça se voltava para vê-lo melhor. Entretanto fez um esforço viril e violento, superou a hesitação e continuou a caminhar. Alguns segundos depois passava por defronte do banco, direito e firme, vermelho até ás pontas das orelhas, sem se animar a lançar um olhar á direita nem á esquerda, com a mão mettida no peito da casaca como um homem de estado. No momento em que passou—por baixo do canhão da praça—sentiu o coração bater com extrema violencia. Ella estava, como na vespera, com o seu vestido de damasco e o seu chapéo de crepe. Ouviu uma voz ineffavel que devia ser a *sua voz*. Conversava tranquillamente. Devia ser mui linda. Elle o sentia, embora não tratasse de vê-la. Estou, pensava comsigo mesmo, que ella não poderia deixar de ter estima e consideração por mim se soubesse que sou eu o verdadeiro autor da dissertação sobre Marcos Obregon de la Ronda, que Francisco de Neufchâteau publicou como de lavra propria no frontispicio da sua edição de *Gil Braz*!

Passou o banco, chegou até á extremidade da alameda, da qual muito pouco distava, depois voltou e tornou a passar por defronte da linda moça. Desta vez estava pallido como uma mortalha. Demais, o que elle sentia nada tinha de agradável. Afastou-se do banco e da moça, e caminhando de costas para ella, desconfiava que a joven o seguia com os olhos e esta desconfiança o fazia tropeçar.

Não tentou mais approximar-se do banco, parou quasi no meio da alameda e alli, cousa que nunca fazia, sentou-se, lançando olhares de esguelha, e dizendo comsigo, nas profundezas mais indistinctas da sua mente, que na realidade seria difficil que uma pessoa, cujo chapéu branco e vestido preto elle admirava, fosse absolutamente insensivel ás suas calças lustrosas e ao seu chapéu novo.

Ao cabo de um quarto de hora levantou-se, como para tornar a começar o seu passeio defronte daquelle banco, que uma aureola circumdava. Entretanto ficava immovel no mesmo lugar. Pela primeira vez, passados quinze mezes, lembrou-se que o velho que alli se sentava todos os dias com sua filha, sem duvida o

deste dia, não lhe foi possível recordar-se onde havia jantado.

No dia seguinte, que era o terceiro, a senr.^a Bougon ficou fulminada. Mario sahio com a sua casaca nova.

— Tres dias seguidos ! exclamou ella.

Tentou segui-lo, porém Mario caminhava apressadamente, e com passadas immensas; era um hippopotamo correndo a atacar uma cerca. Perdeu-o de vista em dous minutos, e voltou para casa esbaforida, quasi completamente soffocada pela asthma furiosa.

— Ora vejam se isto é de um moço de juizo, resmoneou a boa da velha, vestir a sua roupinha bonita todos os dias, e fazer a gente correr assim !

Mario tinha ido para o Luxemburgo.

A moça alli estava com o senr. Leblanc. Mario aproximou-se o mais que pôde, fingindo ler um livro, porém parou ainda a bastante distancia do banco, depois foi sentar-se no seu, e passou quatro horas a ver os pardaes que saltavam na alameda e que se lhe afigurava estarem zombando d'elle.

Passaram-se assim uns quinze dias. Mario ia ao Luxemburgo não já para passear, mas para sentar-se sempre no mesmo lugar, e sem saber porque. Uma vez alli, não se mexia mais. Todas as manhans vestia a sua casaca nova para não se mostrar, e no dia seguinte fazia o mesmo.

Era ella decididamente de maravilhosa belleza. A unica observação com longes de critica que se poderia fazer, era dar-lhe a contradicção entre o olhar, que era triste, e o sorrir, que era jovial, ao rosto o que quer que fosse ligeiramente desvairado, com o que aquelle doce semblante se tornava por vezes momentaneamente estranho sem deixar de ser encantador.

VI

CAHIDO NO LAÇO.

N'um dos primeiros dias da segunda semana, Mario estava, como de costume, sentado no seu banco, tendo na mão um livro aberto, do qual havia duas horas não tinha ainda voltado nem uma pagina sequer. De repente estremeceu. Dava-se um facto na extremidade da alameda. O senr Leblanc e sua filha acabavam de levantar-se; a filha tomára o braço do pae, e dirigiam-se ambos para o meio da alameda, onde estava Mario. Mario fechou o livro, depois tornou a abri-lo, e fez um esforço para ler. Tremia. A aureóla encaminhava-se para elle.—Ah! meu Deus! dizia comsigo mesmo; nem ao menos terei tempo de tomar uma attitude. Entretanto o homem de cabellos brancos e a moça approximavam-se. Parecia-lhe que isto durava um seculo, e ao mesmo tempo que não era mais do que um segundo.—O que virão fazer para este lado? perguntava a si mesmo.—Como! ella vae passar por aqui! Os seus pés vão pisar a arêa desta alameda, a dous passos de mim!—Estava profundamente abalado, desejava ser formosissimo, desejava

va ter a cruz da Legião de Honra. Ouvia approximar-se a bulha branda e cadenciada dos seus passos. Parecia-lhe que o senr. Leblanc lhe lançava olhos repassados de colera. Virá por ventura fallar-me? dizia com os seus botões. Abaixou a cabeça; quando a levantou, já o pae e a filha se achavam bem perto. A moça passou, e ao passar olhou para elle. Encarou-o fixamente, com uma meiguice pensativa que o fez estremecer desde a cabeça até aos pés. Pareceu-lhe que o censurou por ter estado tanto tempo sem se approximar della, e que lhe dizia:—Pois aqui estou eu. Mario ficou deslumbrado com este olhar cheio de luz e de abysmos.

Sentia um fragoa no cerebro. Ella viera deliberadamente ao seu encontro; que alegria! E depois, como olhára para elle! Achou-a mais bella do que nunca a vira. Bella, de uma belleza a uma feminil e angelica, de uma belleza completa que houvera feito cantar Petrarcha e ajoelhar Dante. Tudo em derredor se lhe afigurava revestido do mais puro azul. Ao mesmo tempo estava horriavelmente contrariado, porque tinha as botas empoeiradas.

Suppunha ter notado que ella reparára tambem para as botas.

Seguiu-a com os olhos até vê-la desaparecer. Depois pôz-se a andar pelo jardim como um doudo. E' provavel que de momentos em momentos risse sózinho e fallasse alto. Estava tam abstracto que mais de uma aia de meninos, vendo-o perto de si, o suppôz captivo dos seus encantos.

Sahiu do Luxemburgo, esperando encontrar a moça nas ruas.

Encontrou com Courfeyrac debaixo das escadas do Odeon, e disse-lhe:—Vem jantar comigo.—Foram ambos para o Rousseau, e gastaram seis francos. Mario comeu como um glotão. A sobremesa disse para Courfeyrac:—Leste o jornal? Que bello discurso fez Audry de Puyraveau!

Estava profundamente apaixonado.

Depois de jantar disse para Courfeyrac:—Vamos ao espectaculo; pago-te o bilhete.—Foram á Porta de San'Martinho, onde Frederick representava na *Estalagem dos Adrets*. Mario divertiu-se immensamente.

Ao mesmo tempo redobrou-se-lhe a bisonhice. Ao sahir do theatro, não quiz olhar para a liga de uma costureira que saltava um rego, e quasi se horrorisou ao ouvir Courfeyrac dizer:—*Eu poria de muito bom grado aquella mulher na minha collecção.*

Courfeyrac convidara-o para almoçar no caffè Voltaire no dia seguinte. Mario alli se achou, e comeu ainda mais do que na vespera. Estava absorto e alegrissimo. Como que aproveitava todas as occasiões de rir ás gargalhadas. Abraçou com terna effusão um provinciano insignificante que lhe apresentaram. Formara-se uma roda de estudantes em volta da mesa, e discorrêra-se sobre as parvoices pagas pelo Estado que são cathedra-ticamente pregadas na Sorbonna, depois encaminha-ra-se a conversação para os erros e lacunas dos dictionarios e das prosodias—Quicherat. Mario interrompeu a discussão exclamando:—Na verdade, é bem bom ser condecorado !

—Isto é engraçado ! disse Courfeyrac em voz baixa para João Pouvaire.

—Não, respondeu Pouvaire, isto é serio.

Era serio comeffeito. Mario achava-se nesse instante violento e cheio de encanto em que começam as grandes paixões.

Bastára um simples olhar para pô-lo em tal estado.

Quando a mina está carregada, quando o incendio se acha preparado, nada é mais simples. Um olhar é uma faísca.

Não havia duvida. Mario amava uma mulher. O seu destino tornara-se mais que incerto.

O olhar das mulheres assemelha-se a certas machinas tranquilas na apparencia, formidaveis na essencia. Passámos por junto dellas todos os dias socegada e impunemente, e sem desconfiar de nada. Ha mesmo occasiões em que nos esquecemos absolutamente de semelhante cousa. Vamos adeante, voltamos scismando, fallando, rindo. De repente sentimo-nos presos ! Está acabado. A machina seguiu-nos, o olhar agarrou-nos. Agarrou-nos não importa por onde nem como, por uma parte qualquer do nosso pensamento que estava ociosa, por uma distracção que tivemos. Estamos perdidos. A menor parte de nós mesmos não escapará. Um encadeamento de forças mysteriosas de

nós se apodera. Em vão nos esforçamos para escapar-lhes. Já não ha soccorro humano possível. Vamos cahir de roda em roda, de angustia em angustia, de tortura em tortura, o nosso espirito, a nossa fortuna, o nosso futuro, a nossa alma; e, conforme nos acharmos em poder de uma creatura perversa, ou de um nobre coração, não sahiremos desta horrivel machina senão desfigurados pela vergonha ou transfigurados pela paixão.

VII

AVENTURAS DA LETTRA ENTREGUE A CONJECTURAS.

O ilhamento, o desapego de tudo, a altivez, a independencia, o amor da natureza, a ausencia de actividade quotidiana e material, a vida em si, as lutas secretas da castidade, o extasi benevolo ante toda a creação, haviam preparado Mario para esse captiveiro a que chamam paixão. O culto que rendia ao pae tornara-se pouco a pouco uma religião, e, como toda a religião, retirara-se para o fundo de sua alma. Cumpria que houvesse alguma cousa no primeiro plano. Veiu o amor preencher esta lacuna.

Passou-se um mez inteiro, durante o qual Mario foi todos os dias ao Luxemburgo. Chegada a hora, nada podia detê-lo. Elle está de serviço, dizia Courfeyrac. Mario vivia em enlevos. E' certo que a moça olhava para elle.

Acabára por tornar-se afouto, e approximava-se do banco. Todavia já não passava por deante, obedecendo a um tempo ao instincto de timidez e á prudencia peculiares dos amantes. Julgava util não despertar a *atenção do pae*. Combinava as suas estações

atrás das arvores e dos pedestaes das estatuas com um machiavelismo profundo, de modo que fosse visto o mais possivel pela moça, ficando o menos possivel exposto a ser descoberto pelo velho. A's vezes, durante meias horas inteiras, parava á sombra de um Leonidas ou de um Spartaco qualquer, tendo na mão um livro, por cima do qual seus olhos, meigamente levantados, iam fitar-se na linda moça, e esta por sua parte voltava com um breve sorriso o seu formoso semblante para elle. Conversando com a maior naturalidade e calma com o velho, tinha pregados em Mario os olhos, em que se revelavam mil segredos virginaes e apaixonados. Manha antiga e immemorial, que Eva sabia no primeiro dia do mundo, e que toda mulher sabe desde o primeiro dia da vida! Com a bocca respondia a um, com os olhos ao outro.

Comtudo, é de suppôr que o senr. Leblanc começasse a desconfiar de alguma cousa; quando Mario chegava, levantava-se e punha-se a andar. Havia deixado o lugar do costume e adoptára, na outra extremidade da alameda, o banco vizinho do Gladiador, como para ver se Mario tambem viria para este lado. Mario não comprehendeu a tactica, e commetteu esse erro. O *pae* começou a ser inexacto, e não trouxe mais a *filha* todos os dias. A's vezes vinha só. Então Mario retirava-se. Outro erro.

Mario não dava fé destes symptoms. Da phase da timidez passára,—progresso natural e fatal—, á phase da cegueira. Crescia-lhe o amor. Era este o sonho de todas as suas noites. Além disso tivera uma felicidade inesperada, azeite sobre chammás, augmento de trevas nos olhos. Uma tarde ao cahir da noite, encontrára em cima do banco, que o senr. *Leblanc e sua filha* acabavam de deixar, um lenço, um lenço mui simples e sem bordado algum, mas alvo, fino, e que lhe pareceu exhalar perfumes ineffaveis. Apoderou-se d'elle com transporte. Estava marcado com as lettras U. C.; Mario nada sabia a respeito da formosa moça, nem o seu nome, nem a sua familia, nem a sua casa; aquellas duas lettras eram a primeira cousa della que tinha em seu poder, adoraveis iniciaes, sobre as quaes começou a construir para logo um castello. U. era evidentemente o nome de baptismo—Ur-

sula ! disse consigo mesmo; que delicioso nome ! Beijou o lenço, cheirou-o, pô-lo em cima do coração, cosido com a carne durante o dia, e de noite adormeceu com os lábios pregados nella.

—Sinto aqui toda a sua alma ! exclamava.

O lenço era do velho que o deixára cahir do bolso por descuido.

Nos dias que se seguiram ao achado. Mario não appareceu mais no Laxembourg senão beijando o lenço, e encostando-o ao coração. A formosa moça nada comprehendia, e manifestava-lh'o por signaes imperceptiveis.

—Oh pudor ! dizia Mario.

VIII

OS PROPRIOS INVALIDOS PODEM SER FELIZES.

Já que pronunciamos a palavra *pudor*, e é nosso proposito nada omittir, devemos dizer que, não obstante esta convicção, a sua *Ursula*, no meio dos seus extasis, deu-lhe uma vez um gravissimo motivo de queixa. Era em um desses dias em que ella determinava o senr. Leblanc a levantar-se do banco e a passear na alameda. Soprava uma forte brisa vernal que agitava as copas dos platanos. O pae e a filha de braço dado acabavam de passar por defronte do banco de Mario. Assim que elles passaram, Mario levantára-se e seguira-os com os olhos, como é natural no estado de perturbação em que se achava a sua alma.

De repente, um sopro de vento, mais lascivo que os outros, e provavelmente encarregado das almas tarefas da primavera, sahiu do viveiro; entrou na alameda, envolveu a moça em um encantador estreme-cimento, digno das nymphas de Virgilio e dos faunos de Theocrito, e levantou-lhe quasi até aos joelhos a saia, essa saia mais sagrada que a de Isis. Uma perna de fôrma admiravel appareceu. Mario a viu. Ficou desesperado e furioso.

A moça abaixára rapidamente a saia com um movimento cheio de divino pudor, mas nem por isso ficou elle menos indignado. Estava só na alameda, é verdade, mas poderia ter-se dado o caso de achar-se alli outra pessoa. E se comeffeito se achasse! Via-se jamais cousa semelhante? É horrivel o que ella acaba de fazer! Ah! a pobre menina nada tinha feito; naquelle accidente só havia um culpado, o vento. Mario, porém, em quem estremecia o *Bartolo* que ha em *Cherubim*, estava determinado a agastar-se e tinha ciume da sua propria sombra. E' assim na verdade que germina no coração humano e que domina, mesmo sem direito, o acre e estranho ciume da carne. De resto, mesmo abstrahindo do ciume, a vista desta venusta perna nada tivera de agradável para elle; a meia branca de qualquer mulher que casualmente encontrasse lhe houvera causado mais prazer.

Quando *a sua Ursula*, depois de ter chegado á extremidade da alameda, retrocedeu com o senr. Leblanc, e passou segunda vez por defronte do banco, onde Mario tornára a sentar-se, lançou-lhe elle um olhar irado e feroz. A moça fez esse imperceptivel movimento acompanhado de um arregalar de olhos que significa:—Então! o que temos de novo?

Tal foi *a sua primeira desavença*.

Apenas acabava Mario de fazer-lhe esta explicação com os olhos, quando uma pessoa atravessou a alameda. Era um invalido todo curvado, enrugado, coberto de cans, trajando a farda dos regimentos de Luiz XV, com uma rodella de panno encarnado em que se viam espadas cruzadas no peito, cruz de San'Luiz do soldado, e ornada além disto com uma manga sem braço dentro, com um queixo de prata e uma perna de páu. Mario suppôz notar neste ente um ar demasiadamente satisfeito. Pareceu-lhe mesmo que o velho cynico, ao passar por junto d'elle manquejando, piscara-lhe o olho de uma maneira mui fraternal e contentissimo, como se um acaso qualquer houvesse por ventura concorrido para que elles se achassem de intelligencia e tivessem saboreado em commum algum prazer inesperado. Porque estaria tam contente aquella reliquia de Marte? O que teria passado entre aquella

perna de pán e a outra? Mario attingiu o paroxysmo do ciúme.—Elle achava-se perto, sem duvida! disse consigo mesmo; sem duvida viu!....—E teve vontade de esganar o invalido.

Com o correr do tempo, toda a ponta se embota. O resentimento de Mario contra *Ursula*, por mais justo e legitimo que fosse, passou. Elle acabou por perdoar; mas teve de fazer um grande esforço: levou tres dias arrufado.

Entretanto, no meio de tudo isto, e mesmo por causa de tudo isto, a paixão crescia e tornava-se indomavel.

IX

ECLIPSE.

O leitor acaba de ver como Mario descobrira ou supuzera descobrir que *Ella* se chamava Ursula.

O appetite redobra com o amor. Saber que ella se chamava Ursula já era muito; porém era pouco. Em tres ou quatro semanas Mario devorou esta ventura. Quiz outra. Quiz saber onde ella morava.

Já elle havia commetido uma primeira falta: cahir na cilada do banco do Gladiador. Commettêra segunda: não ficar no Luxemburgo quando o senr. Leblanc vinha passear sozinho. Commetteu terceira. Immensa. Seguiu *Ursula*.

Ella morava na rua do Oeste, no sitio menos frequentado, em uma casa nova de tres andares e de apparencia modesta.

Desde esse momento Mario ajuntou á ventura de vê-la no Luxemburgo a dita de segui-la até á casa.

Augmentava-se-lhe a fome. Já sabia o seu nome, o seu nome de baptismo, o nome encantador, o verdadeiro nome de uma mulher; sabia onde ella morava: quiz saber quem era.

Uma noite, depois de tê-los seguido até á casa e visto ambos transporem o portão e desaparecerem, entrou logo após elles, e disse afoutamente para o porteiro:

—Este senhor que acaba de entrar não mora no primeiro andar?

—Não, respondeu o porteiro. Mora no ultimo andar.

As cousa corriam á medida do seu desejo. Mario sentia-se animado.

—Na frente? perguntou.

—De certo! tornou o porteiro, a casa só deita janellas para a rua.

—E qual é o emprego desse senhor? tornou Mario.

—Não tem emprego, vive das suas rendas. E' um homem bem bom, e faz muitas esmolas aos infelizes, posto que não seja rico.

—Como se chama? continuou Mario.

O porteiro levantou a cabeça, e disse:

—Por ventura vmc. é espião?

Mario retirou-se bastante corrido, mas satisfeitissimo. Avançava.

—Bem, disse consigo mesmo. Já sei que ella se chama Ursula, que é filha de um capitalista, e que mora no terceiro andar daquella casa.

No dia seguinte o senr. Leblanc e sua familia appareceram no Luxemburgo, mas demoraram-se muito pouco; ainda estava bastante claro quando se retiraram. Mario, na forma do costume, seguiu-os até á rua do Oeste. Quando chegaram ao portão, o senr. Leblanc fez a filha entrar adiante, depois parou antes de transpôr o limiar, voltou-se e olhou fixamente para Mario.

No dia seguinte não foram ao Luxemburgo. Mario esperou em vão todo o dia.

A noitinha foi á rua do Oeste, e viu luz nas janellas do terceiro andar. Passeiou por baixo dessas janellas até ver apagar-se a luz.

No dia seguinte ninguem appareceu no Luxemburgo. Mario esperou todo o dia, depois foi rondar por baixo das janellas. Alli ficava até ás dez horas da noite. Quanto ao jantar, passava muitas vezes sem elle. A febre sustenta o enfermo e o amor o amante.

Passaram-se assim oito dias. O senr Leblanc e sua filha já não appareciam no Luxemburgo. Mario fazia tristes conjecturas; não ousava ir espiar o portão de dia. Contentava-se com ir contemplar de noite a claridade avermelhada das vidraças. Via uma ou outra vez passarem sombras por detrás dellas, e o coração lhe battia.

No oitavo dia, quando chegou e olhou para as janellas, não viu luz.—E esta! disse, ainda não acenderam o candieiro. Pois já é noite fechada. Terão sahido?—Esperou até ás 10 horas. Até á meia noite. Até uma hora da madrugada. Nem uma luz appareceu nas janellas do tereeiro andar e ninguem se recolheu para casa. Retirou-se profundamente triste.

No dia seguinte,—pois já não vivia senão de dias seguintes em dias seguintes e, por assim dizer, deixára de haver *hoje* para elle—, no dia seguinte não encontrou ninguem no Luxemburgo, contava com isso; ao anoitecer foi á rua do Oeste. Nem uma luz nas janellas; as gelosias estavam fechadas; o tereeiro andar parecia deserto.

Mario batten no portão, entrou, e disse para o porteiro:

—O senhor do tereeiro andar?

—Mudou se, respondeu o homem.

Mario titubiou e disse com voz sumida:

—Quando?

—Hontem.

—Onde reside agora?

—Não sei.

—Então elle não lhe disse para onde se mudava?

—Não,

E o porteiro levantando os olhos reconheceu Mario.

—E esta! é o mesmo sujeito do outro dia! disse; mas então o senhor é realmente espião?

LIVRO SETIMO.

PATRON-MINEIRO.

I

AS MINAS E OS MINEIROS.

As sociedades humanas teem todas o que se chama nos theatros *o terceiro porão*. O solo social é minado por toda a parte, ora pelo bem, ora pelo mal. Estes trabalhos se sottopõem. Ha minas superiores e minas inferiores. Ha uma eminencia e um fundo neste obscuro sub-solo, que ás vezes se abre debaixo da civilisação, e que a nossa indiferença e o nosso descuido calcam aos pés. A encyclopedia no seculo passado era uma mina quasi a descoberto. As trévas, sombrias, encobridoras do christianismo primitivo, não aguardavam senão uma occasião para arrebentarem debaixo dos Cesares e inundarem de luz o genero humano. Pois nas trévas sagradas ha luz latente. Os volcões são cheios de uma escuridão capaz de se transformar em esplendor. Toda a lava começa por ser negrume. As catacumbas, onde se disse a primeira missa, não eram sómente a cava de Roma, eram o subterraneo do mundo.

Ha por baixo da construcção social, maravilhosa fa-

brica a que se ajunta um pardieiro, excavações de todo o genero. Ha a mina religiosa, a mina philosophica, a mina politica, a mina economica, a mina revolucionaria. Este cava com a idéa, aquelle com o algarismo, aquell'outro com a colera. Chamam-se e respondem-se de uma para outra catacumba. As utopias caminham pelos meatos das entranhas da terra. Alli se ramificam em todos os sentidos. Alli se encontram ás vezes, e fraternisam. João Jacques empresta a sua picareta a Diogenes, que lhe empresta a sua lanterna. Outras vezes ali travam rixas, Calvino agarra Socino pelos cabellos. Mas nada contém nem interrompe a tensão de todas essas energias para o scopo e a immensa actividade simultanea, que vae e vem, sobe e desce, e torna a subir no meio dessa escuridão, e que põe lentamente a parte inferior do lado de cima e o interior no exterior; vastissimo formigar ignoto. A sociedade quasi que não dá por este cavar que lhe deixa sua superficie e transforma as entranhas. A cada andar subterraneo corresponde um trabalho differente e extrações diversas. O que sahe de todas essas excavações profundas? O futuro.

Quanto mais descemos, tanto mais mysteriosos são os trabalhadores. Até certo ponto, que o philosopho social sabe reconhecer, o trabalho é bom; dahi para baixo é ambiguo e mixto; mais no fundo torna-se terrivel. Em certa profundidade as excavações já não são accessiveis ao espirito de civilisação, o ambiente em que o homem pôde respirar desaparece; um principio de monstros é possível.

A escala descendente é estranha e cada um dos seus degraus corresponde a um andar onde a philosophia pôde demorar-se, e onde se encontra alguns desses operarios, ás vezes divinos, ás vezes disformes. Abaixo de João Huss, está Luthero; abaixo de Luthero, Descartes; abaixo de Descartes, Voltaire, abaixo de Voltaire, Condorcet; abaixo de Condorcet, Robespierre; abaixo de Robespierre, Marat; abaixo de Marat, Babœuf. E a escala continúa. Mais em baixo, confusamente no limite que separa o indistincto do invisivel, avistam-se outros homens sombrios, que talvez não existam—são larvas. Os olhos do espirito

distinguem-n'os confusamente. O trabalho embryonario do porvir é uma das visões do philosopho.

Um mundo nos limbos, no estado de feto, que vultu estranho !

Saint' Simon, Owen, Fourier, tambem alli estão, em lapas lateraes.

Na verdade, ainda que uma divina cadêa invisivel ligue entre si, sem que elles o saibam, todos estes gastadores subterraneos, que, quasi sempre, se julgam isolados, e que não o estão, os seus trabalhos são bem diversos e a luz de uns contrasta com o chammejar dos outros. Uns são paridisiacos, outros tragicos. Todavia, por maior que seja o contraste, todos esses trabalhadores, desde o mais eminente até o mais obscuro, desde o mais sabio até o mais louco, teem uma semilhança e é: o desinteresse. Marat é cheio de abnegação como Jesus. Poem de parte a sua propria personalidade, olvidam-se, não pensam em si. O que elles veem é de todo o ponto alheio ao seu proprio individuo. Teem um olhar, e este olhar busca o absoluto. O primeiro tem todo o céu nos olhos; o ultimo, por mais enigmatico que seja, tem ainda assim sob o supercilio o pallido clarão do infinito. Venerae, quaesquer que sejam os seus feitos, todo aquelle que tiver este signal—o olhar estrella.

O olhar lobrego é outro signal.

Neste começa o mal. Deante de quem não tem olhar, medita e tremei. A ordem social tem os seus mineiros negros.

Ha um ponto em que deixamos de encontrar fundo, e em que a luz desaparece.

Por baixo de todas estas minas que acabamos de indicar, por baixo de todas essas galerias, por baixo de todo esse immenso systema venoso subterraneo do progresso e da utopia, no mais intimo da terra, mais em baixo que Marat, mais em baixo que Babœuf, mais em baixo, muito mais em baixo e sem relação alguma com os andares superiores, está a ultima lapa. Lugar formidavel. É o que chamámos *terceiro porão*. É a cova das trevas. É o subterraneo dos cegos. *Inferi*.

Esta estancia communica com os abysmos.

O ULTIMO SUBTERRANEO.

Aqui desaparece o desinteresse. O dominio social esboça-se vagamente; cada um por si. O eu sem olhos, uiva, busca, tactea e roe. O Ugolino social está nesta cova.

Os vultos selvaticos que vaguêam nesta cova, quasi brutos, quasi fantasmas, não se occupam do progresso universal, ignoram a idéa e a palavra, só cuidam da ceva individual. São quasi inconscientes, e dentro em si mesmos teem uma especie de vacuo horrivel. Teem duas mãos, ambas madrastas, a ignorancia e a miseria. Um guia, a necessidade, e, por unicas fórmãs da satisfação, o appetite. São brutalmente vorazes, isto é, ferozes; não como tyrannos, mas como tigres. Do sofrimento passam estas larvas ao crime; filiação fatal, concepção vertiginosa, logica da escuridão. O que roja na terceira camara social não é já a reclamação suffocada do absoluto; é o protesto da materia. O homem alli se torna dragão. Ter fome, ter sêde, é o ponto de partida; ser Satanaz é o scopo. Desta cova sahe Lacenaire.

O leitor viu não ha muito, no livro quarto, um dos compartimentos da mina superior, da grande lapa politica, revolucionaria e philosophica. Alli, acabamos

de dizê-lo, tudo é nobre, puro, digno, honesto. Alli, de certo, podem enganar-se e enganam-se; mas os erros em que cahem são veneraveis pelo heroismo de que se revestem. O complexo dos trabalhos que alli se executam tem um nome: o Progresso.

É chegado o momento de lobrigarmos outras profundezas, as profundezas medonhas.

Ha por baixo da sociedade, insistamos nisto, até ao dia em que a ignorancia fôr dissipada, e haverá, a grande caverna do mal.

Esta caverna fica por baixo de todas, e é inimiga de todas. É o odio sem excepção. Esta caverna não conhece philosophos; o seu punhal nunca aprou penna alguma. O seu negrume nenhuma relação tem com o sublime negrume do tinteiro. Nunca os dedos da noite, que se estendem convulsivamente sob essa abobada asphyxiante, folhearam um livro nem desdobraram um jornal. Babœuf é um especulador para Cartouche, Marat é um aristocrata para Schinderhannes. Esta caverna tem por fim a subversão de tudo.

De tudo. Até mesmo das lapas superiores, que ella execra. Não mina sómente, no seu formigar horrendo, a ordem social estabelecida; mina igualmente a philosophia, a sciencia, o direito, o pensamento humano, a civilização, a revolução, o progresso. Chama-se simplesmente roubo, prostituição e homicidio.

É trevas, e quer ser o cahos. A sua abobada é feita de ignorancia.

Todas as outras, as de cima, só teem um fim, suprimi-la. Tal o scopo a que tendem, por todos os orgãos ao mesmo tempo, tanto pelo melhoramento do real como pela contemplação do absoluto, a philosophia e o progresso. Destruí a caverna ignorancia e te-reis destruido a toupeira Crime.

Condensemose em algumas palavras parte do que acabamos de escrever. O unico perigo social—é a escuridão.

Humanidade é identidade. Todos os homens são o mesmo barro. Nenhuma differença, ao menos neste mundo, na predestinação. A mesma sombra antes, a mesma carne durante a vida, a mesma cinza depois. Mas a ignorancia unida á constituição humana a en-negrece. Esta incuravel negridão penetra no interior do homem e alli se transforma em mal.

BABET, GUEULEMER, CLAQUESOUS E MONTPARNASSE.

Um quatuor de manifestores, Claquesous, Gueulemer, Babet e Montparnasse, governava de 1830 a 1835 o *terceiro porão* de Pariz.

Gueulemer era um Hercules deslocado. Tinha por antro o cano de l'Arche-Marion. Era de seis pés de altura, com peitos de marmore, biceps de bronze, busto de colosso, respiração de caverna, e craneo de ave. Quem o visse toma-lo-hia pelo Hercules Farneze, vestido de calças de riscado grosso e jaqueta de veludo de algodão. Gueulemer, com esta sua constituição sculptural, houvera podido vencer monstros; porém achava mais simples ser elle proprio um monstro. Testa estreita, fontes largas com rugas nos cantos apesar de ter menos de quarenta annos, cabello duro e curto, faces asperas, barba rija como cerdas de javali; eis o homem inteiro. Os seus musculos solicitavam trabalho, a sua estupidez refusa-se a isso. Era uma força preguiçosa. Assassina por desfastio. Suppunham-no oriundo das colonias. É provavel que tambem houvesse dado o seu golpe no marechal Bru-

ne, porquanto era mariola em Avinhão no anno de 1815. Depois desta prova, entrára para a ordem dos salteadores.

A diaphaneidade de Babet contrastava com a carnosidade de Gueulemer. Babet era magro e erudito; transparente, porém impenetravel. Via-se a luz através dos seus ossos, mas nada se lhe divisava nos olhos. Queria passar por chimico. Tinha sido *pitre* na companhia de Bobèche e palhaço na de Bobino. Representára *vaudevilles* em Saint-Mihiel. Era um homem cheio de intenções, pernóstico, que sublinhava os seus sorrisos, e aspava os seus gestos. A sua industria consistia em vender no meio da rua bustos de gesso e retratos do *chefe do Estado*. Tambem arrancava dentes. Havia mostrado phenomenos nas feiras e possuido uma barraca com trombeta e este letreiro.—Babet, artista dentista, membro das academias, faz experiencias physicas sobre metaes e metalloides, extirpa dentes, encarrega-se das arnellas abandonadas por seus confrades. Preço: um dente, um franco e cincoenta centimos; dous dentes, dous francos; tres dentes, dous francos e cincoenta centimos. Aproveitem a occasião.—(Este *aproveitem a occasião* significava: quanto maior fôr o numero de dentes que tiverem para arrancar, melhor.) Tivera mulher e filhos. Não sabia o que era feito de sua mulher nem de seus filhos. Perdêra-os como quem perde um lenço. Alta excepção na roda tenebrosa a que pertencia. Babet lia jornaes. Um dia, quando ainda andava com a familia na sua barraca rodante, lêra no *Mensageiro* que uma mulher havia dado á luz uma creança sufficientemente exotica com focinho de bezerro, e exclamára: *Eis ahí o que se chama uma fortuna! Só minha mulher não terá nunca a habilidade de me dar um filho assim!*

Depois, deixára tudo para *explorar Pariz*. Expressão sua.

O que era Claquesous? Era a noite. Nunca se mostrava senão depois que as trevas cobriam a terra. Ao escurecer sahia de uma toca para onde voltava antes de amanhecer. Onde era essa toca? Ninguem o sabia. Na mais completa escuridão, nunca fallava com os seus cúmplices senão dando-lhes as costas. Chamava-se comeffeito Claquesous? Não. Elle dizia:—Chamo-me

Pas-du-tout (*). Se sobrevinha alguma luz, punha uma máscara. Era ventriloquo. Babet dizia; *Claquesous é um nocturno de duas vozes*. Claquesous era vago, errático, terrível. Não se sabia se tinha nome, porquanto Claquesous era uma alcunha; nem se tinha voz, porquanto fallava mais com o ventre do que com a bocca; nem se tinha cara, porque ninguém lhe vira nunca senão a máscara. Desapparecia como uma sombra; quando se mostrava, era sempre como se surdisse da terra.

Montparnasse era um ente lugubre. Estava no verdor dos annos; menos de quatro lustros, um lindo rosto, labios rubros como cerejas, bellos cabellos pretos, o brilho da primavera nos olhos: tinha todos os vicios e aspirava a todos os crimes. A digestão do mal abria-lhe o appetite para o peor. Era o garoto transformado em *voyou*, e o *voyou* transformado em *escarpe*. Era bonito, effeminado, gracioso, robusto, molle, feroz. Trazia levantada a aba esquerda do chapéu para mostrar a madeixa de cabellos, conforme a moda de 1829. Vivia de roubar violentamente. A sua sobrecasaca era primorosamente cortada, porém surrada. Montparnasse semelhava um figurino de modas miseravel e manchado de homicidios. A causa de todos os crimes deste adolescente era a vontade de andar bem vestido. A primeira *grisette* que lhe dissera: «Tú és bonito» deitara-lhe a mancha tenebrosa no coração, e fizera um Caim deste Abel. Vendo-se lindo, queria ser elegante; ora a primeira elegancia é a ociosidade, a ociosidade de um pobre é o crime. Poucos vagabundos eram tam temidos como Montparnasse. Aos dezoito annos ja tinha diversos cadavres atrás de si. Mais de um viandante jazia na sombra deste miseravel, com os braços estendidos e o rosto dentro de uma poça de sangue. Frisado, com o cabello untado de pommada, cintura delgada, quadris de mulher, busto de official prussiano, gravata artisticamente atada, um *quebra-cabeça* no bolso, uma flôr no peito, seguido pelo murmurio de admiração de todas as raparigas perdidas do *boulevard*, tal era este casquilho do sepulcro.

(*) Nada absolutamente.

IV

COMPOSIÇÃO DA QUADRILHA.

Estes quatro malfeitores formavam uma especie de Proteu, serpeando por entre a policia e esforçando-se por escapar aos olhares indiscretos de Vidocq «debaixo de diversa figura, arvore, chamma, chafariz,» emprestando-se mutuamente os seus nomes e as suas manhas, escondendo-se na sua propria sombra, escaninhos e asylos uns para os outros, desfazendo as suas personalidades como quem tira o nariz postigo em um baile de mascaras, as vezes simplificando-se a ponto de parecerem um só, outras-vezes multiplicando-se a ponto de o proprio Cuco Lacour os tomar por uma multidão.

Estes quatro homens não eram quatro homens; eram uma especie de mysterioso ladrão de quatro cabeças, exercendo em ponto grande a sua industria em Pariz; eram o polypo monstruoso do mal agarrado á crypta da sociedade.

Graças ás suas ramificações e à rede subjacente das suas relações, Babel, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse achavam-se á testa da empresa geral das embuscadas do departamento do Sena. Salteavam o vian-

dante na escuridão como outros o saltêam no pino do dia com os seus golpes de estado. Os ruminadores de idéas deste genero, os homens de imaginação nocturna, a elles se dirigiam para a execução. Davam aos quatro malvados o arcabouço, e elles encarregavam-se de pôl-o em scena. Tinham tramoias suas proprias. Achavam-se sempre habilitados a fornecer um pessoal proporcionado e conveniente para todos os attentados que carecem de adjuutorio, e são bastante lucrativos. Sublocavam cúmplices para todo o crime que procurava braços. Tinham uma companhia de actores tenebrosos á disposição de todas as tragedias de cavernas.

Reuniam-se habitualmente ao cahir da noite, hora em que acordavam, nas planicies vizinhas da Salpêtrière. Alli conferenciavam. Tinham ao seu dispôr as doze horas tenebrosas; deliberavam sobre o modo de emprega-las. *Patron-Minette*, tal era o nome que davam na circulação subterranea á associação destes quatro homens. Na antiga linguagem popular fantástica, *Patron-Minette* significa a manhã, assim como *entre lasco e fusco* significa a noite. Este appellido *Patron-Minette* provinha provavelmente da hora em que terminavam os seus trabalhos, porquanto ao romper do dia somem-se os fantasmas, e separam-se os malfeitos. Estes quatro homens eram conhecidos debaixo daquella rubrica. Quando o presidente do tribunal do jury visitou Lacenaire na sua prisão, interrogou-o a respeito de um crime que elle negava. «Quem fez isto?» perguntou o presidente. Lacenaire deu esta resposta, enigmatica para o magistrado, mas clara para a policia: «Talvez fosse *Patron-Minette*.»

Pelo simples enunciado dos personagens, adivinha-se ás vezes que tal não será a peça; do mesmo modo quasi que se póde apreciar uma quadrilha pela lista dos malfeitos. Aquidamos, pois, estes nomes: não se hão apagado nas memorias especiaes os apellidos dos principaes socios de *Patron-Minette*.

Panchaud, chamado tambem Printanier e Bigraille.

Brujon. (Havia uma dynastia de Brujon; em tempo oportuno diremos algumas palavras a seu respeito.)

Beulatruelle, o trabalhador de estradas que o leitor já conhece.

Laveuve.

Finistère.

Homère Hugu, negro.

Mardisoir.

Dépêche.

Fauntleroy, chamado tambem Boupuetière.

Glorieux, forçado que comprira a pena.

Barrecarrose, chamado tambem o senr. Dupont.

Lesplanade-du-Sud.

Poussagrive.

Carmagnoles.

Kruideniers, chamado tambem Bizarro.

Mangedentelle.

Les-pieds-en-l'air.

Demi-liard, chamado tambem Deux Millions.

Etc, etc.

Omittimos muitos outros e não dos peiores. Estes nomes teem physionomias. Não exprimem sómente entes, mas tambem especies. Cada um destes nomes corresponde a uma variedade desses horrendos polypos das regiões subjacentes da civilisação.

Estes entes, poucos prodigos dos seus rostos, não eram desses que vemos passar pelas ruas. De dia, fatigados das noites nefarias que passavam, iam dormir, ora nos fornos de cal, ora nas pedreiras, abandonadas de Montmartre ou de Montrouge, ás vezes nos canos de esgoto. Encovavam-se.

O que é feito destes homens? ainda existem. Sempre existirão. Horacio delles falla: *Ambubararum collegia, pharmacopola, mendici, mimæ*; e, emquanto a sociedade fôr tal qual é, elles serão o que são. Sob a tenebrosa abobada do seu antro, renascem perpetuamente da resudação social. Voltam, espectros identicos, não já, porém, com os mesmos nomes, não já com as mesmas pelles.

Extirpados os individuos, subsiste a tribu.

Teem sempre as mesmas faculdades. Do mendigo ao vagabundo, a raça conserva-se pura. Elles adivinham as bolsas nas algibeiras, farejam os relógios. O ouro e a prata como que os atrabe. Ha burguezes candidos de quem poderia dizer-se que teem ar de roubareis. Esses homens seguem pacientemente estes burguezes. Quando veem passar um estrangeiro ou

um provinciano, teem estremecimentos de aranhas.

Quando á meia noite, em um *boulevard* deserto, encontramos ou avistamos esses homens, achamo-los horrorosos. Não parecem homens, senão vultos feitos de nevoeiro vivo: dissereis que estão habitualmente unidos ás trevas, que não são distinctos dellas, que não teem outra alma que a escuridão, e que é só por momentos, e para viver em alguns minutos uma vida monstruosa que desagregaram-se na noite.

Qual o meio de afugentar estas larvas? a luz. Torrentes de luz. Nenhum morcego resiste á aurora. Illuminae as camadas inferiores da sociedade.

LIVRO OITAVO.

O MAU POREM.

I

MARIO, PROCURANDO UMA MOÇA DE CHAPÉU, ENCONTRA UM HOMEM DE BONÉ.

Passou-se o verão, depois o outomno; chegou o inverno. Nem o senr. Leblanc, nem a moça haviam voltado ao Luxemburgo. Mario já não tinha senão um pensamento—tornar a ver aquelle meigo e adoravel semblante. Procurava sempre, procurava por toda a parte; nada achava. Já não era Mario o pensador entusiasta, o homem resolutu, ardente e firme, o intrepido provocador do destino, o cerebro que enge-nhava futuro após futuro, o joven espirito cheio de planos, de projectos, de altivez, de idéas e de vontades; era um cão perdido. Cahiú em profunda tristeza. Tudo estava acabado. O trabalho repugnava-lhe, o passeio fatigava-o, aborrecia-o a solidão; a immensa natureza, tam cheia outr'ora de fórmás, de luzes, de vozes, de conselhos, de perspectivas, de horizontes, de lições, antolhava-se-lhe vazia. Parecia-lhe que tudo se havia desvanecido.

Pensava ainda, porque não podia deixar de pensar;

mas os seus pensamentos já não o deleitavam. A tudo quanto lhe propunham baixinho de continuo, respondia mentalmente: De que me serve?

Fazia a si mesmo mil exprobações. Quem me mandou segui-la? Era tam feliz sómente vendo-a! Olhava para mim; pôde haver dita que eguale a esta? Parecia amar-me. Não era isto tudo o que eu podia anhelar? O que queria mais? Nada mais havia a desejar. Procedi como um doudo. A culpa foi minha, etc, etc. Courfeyrac, a quem nada confiava, pois tal era o seu genio, mas que, naturalmente observador, adivinhava um pouco tudo, começára por felicita-lo pela sua paixão, que aliás ouvia com surpresa: depois notando a profunda melancolia de Mario, acabava por dizer-lhe:

—Já vejo que te houveste como um animal. Olha, vem comigo á *Cabana*. (1)

Uma vez, seduzido por um lindo sol de setembro, Mario deixára-se arrastar ao baile de Seeaux por Courfeyrac, Bousset e Grantaire, esperando, que sonho! encontra-la talvez alli. E' bem de ver que não achou a pessoa que procurava.

—Todavia é aqui que se encontram todas as mulheres perdidas, resmoncava Grantaire em aparte.

Mario deixou os amigos no baile, e voltou a pé, sózinho, cansado, febricitante, fitando na escuridão da noite olhos desvairados e tristes, atordoados pela bulha e pela poeira levantada pelos alegres vehiculos cheios de pares folgazões que voltavam da festa e passavam por junto d'elle, desanimado, aspirando para refrescar o cerebro o acre odor das nogueiras da estrada.

Continuou a viver cada vez mais isolado, desnor-teado, abatido, immerso na sua angustia interior, agitando-se na dôr que o consumia como um lobo na rêde, e embrutecido pelo amor, procurando por toda a parte a ausente.

Em outra occasião, tivera um encontro que em demasia o abalára. Topára, nas travessas proximas ao

(1) Chaumière—casa de bailes publicos, mui frequentada por estudantes e grisettes. (N. do Tr.)

boulevard dos Invalidos, com um homem em trajos de obreiro e tendo á cabeça um boné de larga pala debaixo do qual sabiam madeixas de cabellos alvissimos. A belleza daquelles cabellos attrahiu a attenção de Mario, e elle pôz-se a olhar para o homem que caminhava a passos lentos e como que absorto em uma meditação dolorosa. Couse estranha, suppêz reconhecer o senr. Leblanc. Eram os mesmos cabellos, o mesmo perfil, tanto quanto o boné deixava ver, o mesmo andar; estava, porém, mais triste que de costume. Mas porque vestiria aquelle trajo de obreiro? o que queria dizer aquillo? o que significaria semelhante disfarce? Mario ficou admiradissimo. Quando tornou a si, o seu primeiro movimento foi para seguir o homem, pois talvez assim lograsse descobrir os vestigios que buscava. Cumpria, porém, ver aquelle individuo de perto e aclarar o enigma. Mas tarde lhe occorreu esta lembrança, o homem já havia desaparecido. Entrára em alguma travessa lateral, e Mario em vão buscou descobri-lo. Este encontro preoccupou-o alguns dias, depois varreu-se-lhe do pensamento.

—Tudo bem considerado, disse consigo mesmo, talvez não fosse senão uma mera semelhança.

II

ACHADO.

Mario continuava a morar no pardieiro Corbeau. Alli não dava atenção a ninguém.

Nessa época, a fallar a verdade, não havia no pardieiro outros moradores além d'elle e dos Jondrette, cujo aluguel pagára uma vez, sem que aliás houvesse nunca trocado a menor palavra, nem com o pae, nem com a mãe, nem com as filhas. Os outros inquilinos, ou se tinham mudado, ou morrido, ou haviam sido expulsos por não pagarem os alugueis.

N'um dia daquelle inverno, o sol apparecêra um pouco depois do meio-dia, mas era a 2 de fevereiro, o antigo dia da Candelaria, cujo sol traçoeiro, precursor de um frio de seis semanas, inspirou a Matheus Laonsberg estes dous versos que se tornaram justamente classicos:

Qu'il luise ou qu'il luiserne,
L'ours rentre dans sa caverne. (*)

Mario acabava de sahir da sua; começava a anoite-

(*) Quer resplandeca, quer esteja encoberto, o urso recolhe-se á sua caverna.

cer. Era hora de ir jantar; pois não houvera remedio senão volver ao habito de jantar. Ah! quam imperfeitas que são as paixões ideaes!

Acabava de transpôr o limiar da sua porta que a senr.^a Bougon varria naquelle momento pronunciando este memoravel monologo:

—O que é que custa barato agora? tudo está caro. Só os trabalhos da vida é que sempre estão baratos; nunca ha falta de trabalhos nesta vida!

Mario subia a passos lentos o *boulevard* em direcção á barreira afim de tomar a rua de Sant'ago. Caminhava pensativo, com a cabeça inclinada.

De repente, no meio do nevoeiro, alguem lhe deu um encontrão; voltou-se, e viu duas rapariguinhas maltrapilhas, uma alta e magra, a outra um tanto mais baixa, que iam caminhando rapidamente, esbaforidas, assustadas, e com ar de quem foge: correndo em direcção opposta á que elle seguia, não o haviam visto e lhe tinham dado aquelle encontrão. Mario distinguia, á baça luz do crepusculo, os seus vultos lividos, os seus cabellos, as suas horriveis toucas, as suas saias esfarrapadas e os seus pés descalços. Correndo, fallavam uma com a outra. A mais velha dizia em voz mui baixa:

—Os filantes chegaram. Quasi que me deitaram as unhas.

A outra respondia:

—Eu tambem os vi. Tratei logo de pôr-me na pin-dahyba.

Mario comprehendeu por esta giria sinistra, que os soldados ou os agentes de policia tinham tentado prender aquellas duas meninas, e que ellas haviam se esgueirado.

Afastaram-se caminhando ao longo das arvores do *boulevard*, e os seus vultos vagamente esbranquiçados, visiveis alguns instantes, sumiram-se a final.

Mario parára um momento.

Ia continuar o seu caminho quando avistou no chão, junto de si, um embrulhozinho branco. Era uma especie de envoltorio que parecia conter papeis.

—Aquellas infelizes deixaram cahir isto, disse consigo mesmo.

Voltou atrás, chamou, não pôde descobri-las; pen-

sou que ellas já estavam longe, metteu o maço de papeis no bolso, e foi jantar.

No meio do caminho viu em um corredor da rua Mouffetard um caixão de anginho coberto com panno preto, posto em cima de tres cadeiras e allumiado por uma vela de sebo. As duas meninas, com quem pouco antes topára, voltaram-lhe á lembrança.

— Pobres mães ! pensou elle. Ha uma cousa mais triste do que ver um filho morrer: é vê-lo viver mal.

Depois essas sombras que variavam a sua tristeza, sahiram-lhe do pensamento e elle recahiú nas suas preoccupações habituaes. Pôz-se a pensar nos seus seis mezes de amor e de venturas ao ar livre, e nas alamedas inundadas de luz, debaixo das lindas arvores do Luxemburgo.

— Como se tornou tristonha a minha vida ! dizia comsigo mesmo. Ainda continúo a encontrar moças. Outr'ora, porém, eram anjos; hoje são bruxas.

III

QUADRIFRONS.

De noite, quando se despia para deitar-se, sua mão encontrou no bolso da casaca o maço de papeis que achára no *boulevard*. Tinha-o esquecido. Pensou que seria útil abri-lo, pois talvez descobrisse assim o endereço daquellas meninas, se, na realidade, lhes pertencia e em todo o caso os indícios necessários para restitui-lo á pessoa que o perdêra.

Abriu o envolucro.

Não tinha fecho e achavam-se dentro quatro cartas igualmente abertas.

Todas estavam com sobrescripto.

Exhalavam todas quatro um horrível cheiro de fumo.

A primeira carta era dirigida: *Á Sra. marquesa de Grucheray, na praça defrônte da camara dos deputados, n....*

Mario considerou que se a lesse, provavelmente acharia os indícios que buscava, e que estando a missiva aberta, podia lê-la sem incorrer em indiscrição.

Esta era assim concebida.

«Illm.^a e Exm.^a Senr.^a marquezia.—A virtude da clemencia e compaixão é a que une mais estreitamente a sociedade. Digne-se v. ex. dar largas ao seu sentimento christão e volver um olhar de compaixão para este desditoso hespanhol, victima da lealdade e dedicação á causa sagrada da legitimidade, e que deu o seu sangue, consagrou a sua fortuna toda, para defender esta causa, e hoje se acha na maior miseria. Elle não duvida que a digna pessoa de v. ex. lhe concederá um soccorro para conservar uma existencia extremamente penosa para um militar de educação e de honra, cheio de feridas; conta desde já com a humanidade que anima a v. ex., e com o interesse que sempre teve pela sua infeliz nação. A sua supplica não será em vão, e o seu reconhecimento conservará docemente eterna memoria.

«Com o mais profundo respeito tenho a honra de ser de v. ex. sr.^a marquezia.

«D. ALVAREZ capitão hespanhol de cavallaria, realista refugiado em França de passagem para a sua patria e a quem faltam meios de continuar a sua viagem.»

Nenhuma designação de domicilio acompanhava a assignatura. Mario esperou achá-la na segunda carta, em cujo sobrescripto lia-se: *Illma. e Exma. Sra. condessa de Montvernet, rua Cassette n. 9.* Mario leu o que se segue:

«Exm.^a senr.^a—Sou uma pobre mãe de familia, com seis filhos, dos quaes o mais novo tem só oito mezes. Desde o meu ultimo parto que me acho doente, abandonada de meu marido, sem recurso algum no mundo, no meio da mais horrivel indigencia.

«Pondo toda a minha esperanza em v. exc., senr.^a condessa, tenho a honra de ser sua serva muito respeitosa.

«BALIZARD.»

Mario passou á terceira carta, que era, como as precedentes, uma supplica. leu:

«Illm. senr. Pabourgeot, eleitor, negociante de meias por atacado, rua de San'Diniz no canto da dos Ferros.

«Tomo a liberdade de escrever a v. s. para supplicar-lhe que me conceda o favor precioso das suas sym-

pathias e que se interesse por um litterato que acaba de mandar um drama para o theatro Francez. O assumpto é historico, e a acção se passa na Anvergne no tempo do imperio; o estylo, creio eu, é natural, laconico, e não deixará de ser apreciado. Em quatro passagens puz-lhe umas coplas para serem cantadas. O comico, o serio, o imprevisto, ajuntam-se á variedade dos caracteres e a um certo toque de romantismo que domina vagamente em toda a intriga, a qual marcha mysteriosamente, e, de peripecias em peripecias, todas pasmosas, vem a terminar em um desenlace cheio de scenas arrebatadoras.

«O meu fim principal é satisfazer o desejo que anima progressivamente o homem do nosso seculo, isto é, a moda, caprichoso e estranho galhardete que gyra quasi que a cada novo sopro de vento.

«Apezar destas qualidades, receio que a inveja, o egoismo dos autores privilegiados, consiga a minha exclusão do theatro, pois não ignoro os dissabores porque passam os dramaturgos novatos.

«Senr. Pabourgeot, a sua justa reputação de protector esclarecido dos litteratos anima-me a mandar-lhe esta por minha propria filha, que exporá a v. s. a nossa situação indigente, sem pão e sem fogo no meio deste inverno rigoroso. Pedindo licença a v. s. para dedicar-lhe o meu drama e todos quantos daqui por deante escrever, provo-lhe de certo quanto ambiciono a honra de cobrir-me com a sua egide e de ennobrecer os meus escriptos com tam respeitavel nome. Se v. s. se dignar honrar-me com a mais modesta offerta, passarei logo a compor uma poesia para lhe pagar o meu tributo de reconhecimento. Esta poesia, em que me esmerarei o mais possivel, terei o cuidado de lh'a mandar antes de ser ajuntada ao frontispicio do drama e recitada na scena.

« Aos Illms. Senr. e Senr.^a Pabourgeots.

« Os meus mais rendidos cumprimentos.

« GENFLOT, até.

« P. S. Mesmo que sejam quatro soldos. Desculpe mandar minha filha e não ir eu proprio apresentar-me; porém, com o mais profundo pezar o digo, o triste estado em que se acha o meu fato impede-me de sahir.... »

Mario abriu em enfim a quarta carta. Tinha isto no sobrescripto; *Ao Serr. bemfazejo da egreja de Saint-Jacques du Haut-Pas*. O seu conteúdo era o seguinte:

« Homem bemfazejo,

« Se vos dignardes acompanhar minha filha, vereis uma calamidade miseravel e vos mostrarei os meus attestados.

« Ao aspecto destes documentos vossa alma generosa experimentará um sentimento de sensível benevolencia, porque os verdadeiros philosophos experimentam sempre vivas commoções.

« Haveis de confessar, homem compassivo, que só a mais cruel necessidade poderia obrigar-me a soffrer a dôr horrivel, para obter algum soccorro, de pedir attestado á autoridade como se a gente não tivesse o direito de morrer de inanição enquanto não encontra quem o soccorra. Os destinos são bem fataes para uns e muito prodigos ou muito protectores para outros

« Aguardo a vossa presença ou a vossa offerta, se vos dignardes fazê-la, e peço-vos que acolhais os sentimentos respeitosos com que tenho a honra de ser,

« Homem verdadeiramente magnanimo,

« vosso obediente e humildissimo servo,

« P. FABANTOU, artista dramatico. »

Depois de ter lido estas quatro cartas, Mario não se achou mais adeantado que a principio.

Primeiro que tudo, nenhum dos signatarios designava o seu domicilio.

Depois pareciam ser de quatro individuos differentes, D. Alvarez, a Balizard, o poeta Genflot e o artista dramatico Fabantou; mas tinham todas a singularidade de parecerem escriptas por um mesmo punho.

O que se podia concluir disto, senão que eram todas quatro de uma unica pessoa?

Ainda mais, e isto dava maior verosimilhança á conjectura, o papel, grosso e amarellado, era o mesmo em todas quatro, o fedor do tabaco tambem o mesmo, e, apesar do cuidado com que haviam evidentemente buscado variar o estylo, os mesmos erros orthographicos repetiam-se em cada uma dellas com uma tranquillidade, e o proprio litterato Genflot não escrevia mais correctamente do que o capitão hespanhol.

Porfiar em adivinhar aquelle mysteriozinho era trabalho inutil. Se não fosse um achado, dir-se-hia que era um logro. Mario, triste como estava, não se achava de animo a servir de brinco mesmo ao acaso, e de soffrer a peça que a calçada da rua parecia querer pregar-lhe. Aquellas quatro cartas como que o faziam de *cabra-cega*, e riam-se á sua custa.♦

Demais, nada indicava que ellas pertencessem ás duas meninas que Mario encontrára no *boulevard*. Em summa, eram uns papeis sem valor algum.

Mario tornou a mettê-las dentro do envoltorio, atirou-as para um canto e deitou-se.

Pelas sete horas da manhã, quando acabava de almoçar e fazia um esforço para pôr-se a trabalhar, batêram-lhe devagarinho á porta.

Como nada possuia, nunca tirava a chave da porta, salvo, o que era muito raro, quando se occupava de algum trabalho urgente. De ordinario, até mesmo quando sabia, deixava a chave na fechadura.

—O senhor ainda ha de ser roubado, dizia a Bougon.

—O que é que me hão de roubar? replicava Mario.

O facto é que um dia sempre lhe surripiáram um par de botas velhas; foi um grande triumpho para a senr.^a Bougon.

Batêram segunda vez, tam devagarinho como da primeira.

—Entre, disse Mario.

Abriu-se a porta.

O que temes, senr.^a Bougon? continuou Mario sem levantar os olhos dos manuscriptos e dos livros que estava lendo.

Uma voz, que não era a da Bougon, respondeu:

—Desculpe, senhor....

Era um voz surda, tremula, suffocada, desafinada, uma voz de velho enrouquecida pela aguardente.

Mario voltou-se vivamente e avistou uma rapariga.

UMA ROSA NA MISERIA.

Achava-se no limiar uma rapariguinha. A trapeira do cochicolo, situada justamente defronte da porta, allumiava-a com uma luz baça. Era uma creatura pallida, definhada, descarnada; uma saia e uma camisa cobriam-lhe apenas o corpo tremulo e gelado. Por cinto trazia um barbante, outro pedaço de barbante lhe cingia a fronte, prendendo os cabellos; os hombros pontagudos sahiam-lhes da camisa; tinha uma palidez alourada e lymphatica, clavículas cor de terra, mãos vermelhas, bocca entre-aberta e estragada, dentes de menos, olhos embaciados, impudicos e fitos no chão, as fórmãs de uma moça prematuramente definhada e o olhar de uma velha corrompida; cincoenta annos enxertados nos quinze; era um desses entes que são ao mesmo tempo fracos e horriveis, e que fazem tremer, senão chorar, quem os contempla.

Mario levantára-se e admirava, como que espantado, aquella creatura, quasi semelhante a essas figuras fantasticas que vemos em sonho.

O que sobretudo mais pungia, era reconhecer-se

que aquella rapariga não viera ao mundo para ser feia. Na sua infancia devêra mesmo ter sido linda. A graça da idade lutava ainda com a hedionda velhice anticipada da crapula e da pobreza. Um resto de belleza bruxoleava ainda naquella fronte de dezesseis annos, como o pallido sol que desapparece debaixo de horriveis nuvens no alvorecer de um dia de inverno.

Aquelle rosto não era de todo extranho a Mario. Parecia-lhe que já o tinha visto em alguma parte.

—O que quer, menina? perguntou.

A rapariga respondeu com a sua voz de galé bebado:

—Trago uma carta para v. m., senr. Mario.

Tratava Mario pelo seu nome; não havia duvida que era a elle mesmo que procurava; mas quem era aquella rapariga? como lhe sabia o nome?

Sem esperar que o moço a convidasse a aproximar-se, entrou. Entrou resolutamente, olhando, com um desembaraço que apertava o coração, para todo o quarto e para a cama cujas coberturas se achavam desmanchadas. Trazia os pés descalços. Os grandes buracos da saia deixavam ver-lhe as compridas pernas e os joelhos magros. Tremia de frio.

Tinha comeffeito na mão uma carta, que entregou a Mario.

Abrindo-a, notou elle que a obrêa, larga e enorme, ainda estava molhada. A missiva não podia vir de muito longe. Leu:

« Meu estimavel vizinho, mancebo !

« Soube da sua bondade para commigo, que pagou o meu aluguel á seis mezes. Rendo-lhe graças mancebo. Minha filha mais velha lhe dirá que nos achamos sem um pedaço de pão á dous dias, quatro pessoas, e minha esposa doente. Se o meu pensamento me é fiel nesta suposição, julgo dever esperar que o seu generoso coração se umanisará com esta exposição e lhe inspirará o desejo de me ser benevolo prodigalizando-me o mais insignificante beneficio.

« Sou com a consideração distincta devida aos bemfeitores da humanidade,

« JOUDRETTE. »

« P. S. Minha filha esperará as suas ordens, querido senr. Mario. »

Esta carta, no meio da obscura aventura que preoccupava Mario desde a vespera á tarde, era como uma

luz em um subterraneo. Tudo ficou de repente allumiado.

Esta carta fôra escripta pela mesma pessoa que escrevêra as outras. Era ainda a mesma lettra, o mesmo estylo, a mesma orthographia, o mesmo papel, o mesmo cheiro de fumo.

Eram cinco missivas, cinco historias, cinco nomes, cinco assignaturas, e um unico assignatario. O capitão hespanhol D. Alvarez, a infeliz Balizard, o poeta dramatico Genflot, o velho actor Fabantou chamavam-se todos quatro Jondrette, se é que o proprio Jondrette se chamava Jondrette.

Bem que já houvesse muito tempo que morava no pardieiro, Mario, como dissemos, não tivera senão mui raras occasiões de ver, de lobrigar mesmo a sua limitadissima vizinhança. O seu espirito estava algures, e onde está o espirito estão os olhos. Não poucas vezes devêra ter-se encontrado com os Jondrette no corredor e na escada; mas para elle eram apenas umas sombras; dera-lhes sempre tam pouca attenção que na vespera, no *boulevard*, esbarrára-se com as filhas de Jondrette sem conhecê-las (porquanto eram evidentemente ellas), e agora mesmo, contemplando, tomado de desgosto e de compaixão, a que acabava de entrar no seu aposento, a custo e confusamente se recordava de já tê-la visto algures.

Tudo estava finalmente esclarecido. Mario via que o seu vizinho Jondrette tinha por industria, na miseria em que se achava, especular com a caridade das pessoas bemfazejas, informando-se das suas moradas e escrevendo, debaixo de nomes suppostos, a individuos que julgava ricos e caridosos, cartas que suas filhas levavam, correndo todos os riscos e perigos, porque este pae tinha chegado ao ponto de expôr as filhas ás contingencias da sua especulação: jogava uma partida com o destino, e ellas serviam-lhe de parada. Mario desconfiava que provavelmente, a julgar pela sua carreira da vespera, pelo seu cansaço, pelo seu medo e pelas palavras de giria soltadas por ambas, aquellas desgraçadas exerciam tambem não sei que hediondas industrias, e que tudo aquillo havia dado em resultado, no meio da sociedade humana tal qual se acha constituida, dous miseraveis entes que não eram nem

creanças, nem moças, nem mulheres, especie de monstros impuros e innocentes produzidos pela miseria.

Tristes creaturas sem nome, sem idade, sem sexo, às quaes já não é possível nem o bem, nem o mal, e que ao sahir da infancia já nada teem neste mundo, nem a liberdade, nem a virtude, nem a responsabilidade. Almas desabrochadas hontem, murchas hoje, semelhantes a essas flôres cahidas na rua que todas as lamas sujam, esperando a roda que as esmague.

Entretanto, ao passo que Mario fitava nella uns olhos admirados e cheios de communicação, a rapariga andava de um para outro lado da agua furtada com uma audacia de spectro. A sua nudez de fôrma alguma a preocupava. De instante a instante a camisa descosida e rota cahia-lhe até á cintura. Mexia nas cadeiras, bolia nos objectos de toucador que se achavam em cima da commoda, pegava na roupa de Mario, esquadri nhava o que havia nos cantos.

—Ah ! disse, o senhor tem espelho !

E cantarolava, como se estivesse só, trechos de *vaudeville*, estribilhos licenciosos que a sua voz guttural e rouca tornava lugubres. A despeito de toda esta impudencia, notava-se-lhe um ar constrangido, inquieto e humilhado. O descaramento é uma vergonha.

Nada mais triste do que vê-la agitar-se, e, por assim dizer, esvoaçar no quarto com movimentos de passarinho deslumbrado pela luz do dia, ou que tem a aza quebrada. Sentia-se que, com outras condições de educação e de destino, os modos folgazões e livres desta menina talvez houvessem sido cheios de graça e de encanto. Entre os animaes, a creatura nascida para ser pomba nunca se transforma em coruja. Não se vê isto senão entre os homens.

Mario meditava, e deixava-a em plena liberdade.

Chegou-se para a mesa.

—Ah ! disse, aqui estão livros !

Os olhos empanados luziam-lhe com um brilho fugaz. Accrescentou, e o seu tom exprimia a satisfação de gabar-se de alguma cousa, satisfação a que nenhuma creatura humana é insensível.

—Eu tambem sei ler.

Tomou vivamente o livro que estava aberto em cima da mesa, e leu com facilidade:

«... O general Baudonin recebeu ordem de levar de assalto com os cinco batalhões da sua brigada o castello de Hougomont, que demora no meio da planície de Waterloo.»

Interrompeu a leitura, dizendo:

—Ah! Waterloo! Sei o que é. Foi uma batalha que houve ha annos. Meu pae lá se achou. Meu pae serviu nos exercitos. Oh! todos nós lá em casa somos bonapartistas dos quatro costados! Waterloo foi uma briga com os inglezes.

Largou o livro, tomou uma penna, e exclamou:

—E tambem sei escrever!

Molhou a penna na tinta, e voltando-se para Mario:

—Quer ver? disse. Olhe, vou escrever uma linha para lhe mostrar.

Antes que elle tivesse tido tempo de responder, escreveu em uma folha de papel limpo que estava no meio da mesa: *Cuidado com os filantes.*

Depois, largando a penna:

—Não tem erros de orthographia. Póde ver. Eu e minha irman recebemos educação. Nem sempre fomos o que hoje somos. Não tínhamos nascido para...

Aqui calou-se, fitou em Mario os olhos empanados, e soltou uma gargalhada dizendo com um tom que continha todas as angustias abafadas por todos os cynismos:

—Ora adeus!

E pôz-se a cantarofar estas palavras adaptadas a uma musica alegre:

J'ai faim, mon père,

Pas de fricot.

J'ai froid, mamère,

Pas de tricot.

Grelotte,

Lolotte!

Sanglottes:

Jacquot! (*)

Apenas acabou de cantar esta copla, exclamou:

—Costuma ir ao espectáculo, senr. Mario? Pois eu vou quasi sempre. Tenho um irmão mais novo que é amigo dos comicos e que as vezes me dá bilhetes.

(*) Meu pae, tenho fome. Não ha que comer. Mamãe tenho frio. Não ha que vestir. Tremo Carlota! Chora Thiago!

O que é verdade é que não gosto nada dos bancos das galerias. A gente fica apertada, incommodada. Lá apparecem de vez em quando algumas pessoas de gravata lavada; mas também apparecem outras que cheiram mal.

Depois olhou para Mario, o seu rosto revestiu-se de um ar estranho, e disse-lhe:

—Sabe, senr. Mario, que eu o achô um moço bem bonito?

E ao mesmo tempo occorreu a ambos identico pensamento, que fez sorrir uma e córar o outro.

Chegou-se para elle, e pôz-lhe a mão no hombro:

—O senhor nunca olha para mim, mas eu conheço-o ha muito. Encontro-o alli na escada, e ás vezes vejo-o entrar em casa de um certo pae Mabœnf que mora para as bandas d'Austerlitz; eu costumo ir passear para esses lados. Estes seus cabellos assim arripiados lhe assentam muito bem, senr. Mario.

Buscava tornar meiga a voz, e só conseguia abai-xa-la demasiadamente. Parte das palavras se perdia no trajecto do larynge aos labios como em um te-elado a que faltam notas.

Mario recuou devagar.

—Menina, disse com a sua fria gravidade, tenho ahí uns papeis que são seus, supponho eu. Aqui estão, queira recebê-los.

E apresentou-lhe o envolvero que continha as quatro cartas.

Ella bateu palmas, e exclamou:

—E nós a procurarmos por toda a parte!

Depois tomou o envolvero e abriu, e continuado a fallar:

—Deus do céu! eu e a mana demos com a cabeça pelas paredes! E foi o senhor que as achou! no *boulevard*, não é assim? não podia ser senão no *boulevard*! Cahiram quando nós vínhamos correndo. Foi a fedelha da minha mana que fez a asneira. Quando chegámos á casa, demos pela falta. Como não queríamos ser sovadas, o que é inutil, inteiramente inutil, absolutamente inutil, dissemos ao pae que tínhamos entregado as cartas e que a todas haviam respondido: Nicies! Emfim aqui estão as pobres cartas! E como foi que o senhor conheceu que eram minhas?

Ah ! já sei, pela lettra ! Então era vm. a pessoa em quem hontem de noite demos um encontrão quando passavamos ? Pois se estava tam escuro ! Eu disse para a mana: Será algum senhor ? A mana respondeu: Parece que é um senhor !

Entretanto, desdobrára a suplica endereçada ao *senhor bemfazejo da egreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*.

— Bem ! disse, esta é para o velho que vae á missa. Agora é boa occasião de encontra-lo na egreja. Vou levar-lh'a. Talvez nos dê quanto baste para o almoço.

Depois tornou a rir-se, e accressentou:

— Sabe o senhor o que acontecerá, se almoçarmos hoje ? Olhe, acontecerá que assim teremos o nosso almoço e o nosso jantar de ante-hontem, o nosso almoço e o nosso jantar de hontem, tudo de uma vez, esta manhan. E então ! com a fortuna ! senão estão satisfeitos, arrebentem, cães !

Estas palavras fizeram Mario lembrar-se do motivo que trouxera a infeliz ao seu aposento.

Metteu a mão nos bolsos do collete, nada achou.

A rapariga não se calára, e continuava a fallar como se já não tivesse consciencia da presença de Mario.

— Às vezes saio de noite. Não volto para casa. Antes de virmos para aqui, no inverno passado, dormiamos debaixo dos arcos das pontes, conchegavamos-nos bem uns para os outros afin de não gelarmos. A maninha chorava. A agua, que cousa triste ! Quando me lembrava de afogar-me, dizia: Não, a agua é muito fria. Saio sózinha quando quero, às vezes durmo nos fossos. Olhe, de noite, quando vou andando pelos *boulevards*, as arvores parecem-me forcas, as casas tamanhas como as torres da egreja de Nossa Senhora; supponho que os muros brancos são o rio, e digo comigo mesmo: E esta, alli ha agua ! As estrellas são como lanternas de illuminação, parecem fumegar e apagar-se com o vento, sinto-me atordoada, como se tivesse cavallos a soprar me nos ouvidos; bem que seja de noite, ouço toques de realejo e bulhas semelhantes ás das machinas de fiar, o que sei eu ? Até me parece que me atiram pedras, fujo sem saber de que, tudo, tudo anda á roda. Quando a gente está sem comer, acontecem d'estas esquisitices.

E fitou-o com um olhar desvairado.

A força de mexer e remexer nos bolsos, Mario acabára por ajuntar uns cinco francos e dezeseis soldos. Naquelle momento era quanto possuia no mundo.— Sempre tenho para o jantar de hoje, disse consigo mesmo, amanha veremos.— Ficou com os dezeseis soldos, e deu os cinco francos á rapariga.

Esta agarrou na moeda:

—Bello ! disse, temos sol !

E como se o sol lhe houvesse derretido no cerebro uma torrente congelada de giria, continuou:

—Cinco francos ! um luzente ! um monarcha ! aqui nas unhas ! que fortunão ! o senhor é um bom rapazinho. Dou-lhe todo o meu coração. Vivam as tertulias ! dous dias de pandega ! e cozido a faltar ! e assado a não poder mais ! que pagode ! e que bellas pingas !

Levantou a camisa para os hombros, fez um profundo cumprimento a Mario, depois um gesto familiar com a mão e encaminhou-se para a porta, dizendo:

—Passe bem, senhor. E' o mesmo. Vou ter com o meu velho.

Quando passava por junto da commoda avistou um pedaço de pão duro que alli abolorecia na poeira; deitou-lhe vivamente a mão e mordeu-o resmongando:

—Muito bem ! está duro ! escangalha-me os dentes !

Depois sahiu.

O JUDAS DA PROVIDENCIA.

Havia cinco annos que Mario vivia na pobreza, soffrendo privações, soffrendo mesmo a mais extrema penuria, porém reconheceu que nunca soffrêra a verdadeira miseria. A verdadeira miseria era o que elle acabava de ver. Era aquella herba que passára por diante dos seus olhos. É que, com effeito, quem só ha visto a miseria do homem nada tem visto, deve ver a miseria da mulher; quem só ha visto a miseria da mulher nada tem visto, deve ver a miseria da creança.

Quando o homem chega aos limites extremos, chega igualmente aos ultimos recursos. Ai dos entes sem defesa que o rodeam ! O trabalho, o salario, o pão, o fogo, a coragem, a boa vontade, tudo lhe fallece. A luz do dia parece extinguir-se no exterior, a luz moral apaga-se-lhe no interior; no meio destas trevas, o homem encontra a fraqueza da mulher e da creança, e submette-se violentamente ás ignominias.

Então todos os horrores são possíveis. O desespero é cercado de frageis tabiques que dão todos para o vicio ou para o crime.

A saúde, a mocidade, a honra, as santas e austeras delicadezas da carne ainda nova, o coração, a virgindade, o pudor—epiderme da alma—são sinistramente trabalhados por esse tactear que busca recursos, que encontra o opprobrio, e que com elle se conforma. Paes, mães, filhos, irmãos, irmãs, homens, mulheres, raparigas, adherem e aggregam-se quasi como uma formação mineral a essa lóbrega promiscuidade de sexos, de parentescos, de edades, de infamias, de innocencias. Amontoam-se, cosidos uns com os outros, em uma especie de destino-chiqueiro. Encaram-se lastimosamente. Os desgraçados! como estão pallidos! como tremem de frio! Parecem achar-se em um planeta muito mais afastado do sol do que nós.

Aquella rapariga foi para Mario uma especie de enviada das trevas.

Ella revelou-lhe todo um lado hediondo da noite.

Mario quasi exprobrou a si mesmo a distracção de pensador e de amante apaixonado que até alli o havia impedido de dar attenção aos seus vizinhos. Ter-lhes pago o aluguel, fôra um movimento espontaneo, qualquer pessoa houvera feito o mesmo; mas elle, Mario, devêra ter feito mais. Como! uma parede apenas o separava desses entes abandonados, que viviam a tactear nas trevas longe dos seus semelhantes, encontrava-os, era de alguma sorte o ultimo anel do genero a que os miseros tocavam, ouvia-os viver ou antes agonisar ao seu lado, e não se importava com elles! todos os dias, a cada instante, do outro lado da parede, soavam passos, vozes, e não applicava o ouvido! e nessas palavras havia gemidos, e nem sequer os escutava! o seu pensamento enlevava-se em sonhos, em anhelos impossiveis, em amores insensatos, em loucuras, e no entanto creaturas humanas, seus irmãos em Jesus Christo, seus irmãos no povo, agonisavam junto d'elle! agonisavam inutilmente! fazia mesmo parte da sua desgraça e aggravava-a. Pois se elles tivessem outro vizinho, um vizinho menos absorto em chimeras e mais attento, um homem ordinario e caritativo, evidentemente houvera sido notada a sua indigencia, os seus signaes de angustia teriam sido descobertos, e talvez que já de ha muito se achassem soccorridos e salvos! Na verdade, elles pa-

reciam profundamente depravados, corrompidos, envilecidos, odiosos mesmo, mas raros são os que cahem sem ficar maculados: demais, ha um ponto em que os desgraçados e os infames se ajuntam e confundem-se em uma unica palavra, palavra fatal—os miseraveis de quem é a culpa? Por outro lado, quanto mais profunda é a quêda não deverá ser tanto maior a caridade.

Prégando a si mesmo este sermão, pois havia occasiões em que Mario, como todos os corações verdadeiramente rectos, se erigia em censor das suas proprias acções, e reprehendia-se com excessiva severidade; olhava para a parede que o separava dos Jondrette, como se o seu olhar cheio de compaixão pudesse traspassa-la e ir aquecer os desgraçados. A parede era formada de uma delgada camada de cal sustentada por vigas e ripas, e, como ha pouco dissemos, deixava distinguir perfeitamente a bulha das vozes. Só um abstracto como Mario poderia ter estado até então sem o haver notado. Nenhum papel cobria a parede nem do lado dos Jondrettes nem do lado de Mario; o grosseiro reboque ficava á mostra. Sem ter quasi sciencia do que fazia, Mario examinava a separação; ás vezes o espirito absorto examina, observa e prescruta como se o pensamento estivesse despreocupado. De repente levantou-se, acabava de descobrir no alto da parede, perto do tecto, um buraco triangular formado por tres ripas que deixavam uma abertura entre si. A cal que tapava aquella abertura tinha cahido, e trepando-se em cima da commoda poderia espiar-se para o cochicholo dos Jondrettes. A commiseração é e deve ser curiosa. É licito espiar traçoeiramente o infortunio para soccorrê-lo. Vejamos o que vem a ser essa gente, disse consigo mesmo Mario, e a que ponto chega a sua miseria.

Trepou em cima da commoda, encostou um olho ao buraco, e espiou.

VI.

O HOMEM BRAVIO NA TOCA.

As cidades, do mesmo modo que as mattas, teem os seus antros onde se esconde o que ellas conteem de mais depravado e de mais temivel. Todavia, nas cidades, o que assim se esconde é feroz, immundo e pequeno, isto é hediondo; nas mattas, o que se esconde é feroz, bravio e grande, isto é bello. Covis por covis, os das feras são preferiveis aos dos homens. As cavernas são melhores do que as pocilgas.

O que Mario via era uma pocilga.

Mario era pobre, e o seu aposento nenhuma opulencia tinha; mas assim como a sua pobreza era nobre, tambem reinava o maior asseio no recinto por elle occupado. O quarto que os seus olhos devassavam naquelle momento era abjecto, sujo, fetido, infecto, tenebroso, sordido. Por unicos moveis, uma cadeira de palha, uma mesa côxa, alguma louça velha e quebrada, e em dous cantos duas camas indescritiveis; por unica luz, a que entrava por uma janellinha de quatro vidros, cuberta de téas de arranha. Esta abertura dava apenas claridade sufficiente para que

uma cara de homem parecesse vulto de fantasma. As paredes tinham um aspecto leproso, e estavam cubertas de costuras e de cicatrizes como um rosto desfigurado por alguma horrivel doença; transudavam de humidade. Aqui e alli viam-se figuras obscenas desenhadas grosseiramente com carvão.

O quarto que Mario occupava tinha um pavimento de ladrilhos desconjunctados; este não era ladrilhado nem assoalhado; andava-se por cima de velha calçada do pardieiro, que se tornára negra á força de ser pisada. Neste chão desigual, em que a poeira se achava como que incrustada, e que não tinha senão uma virgindade, a da vassoura, grupavam-se caprichosamente constellações de velhos tamancos, de chinelos e de trapos horriveis; este quarto tinha chaminé, motivo porque o alugavam por quarenta francos annuaes. Na chaminé havia uma infinidade de objectos, um esquentador, uma marmita, taboas quebradas, farrapos pendurados em pregos, uma gaiola de passarinho, cinza, e até mesmo um pouco de fogo. Dous tições alli fumegavam tristemente.

Uma cousa duplicava o horror desta pocilga, era ser ella grande. Tinha saliencias, angulos, cavidades escuras, vãos debaixo do telhado, bahias e promontorios. Dahi temerosos recantos insondaveis, onde parecia que deviam achar-se aranhas enormes, formidaveis centopeias e talvez mesmo alguns entes humanos monstruosos.

Uma das camas estava junto da porta, a outra junto da janella. Ambas tocavam por uma das suas extremidades na chaminé, e ficavam em frente de Mario. No canto proximo á abertura por onde elle espiava, estava pregado na parede um quadro de moldura preta, com uma estampa colorida, em cuja parte inferior se lia em letras garrafaes: O SONHO. Representava a estampa uma mulher e um menino, ambos adormecidos, tendo a mulher o menino no regaço e afastando-lhe da cabeça com a mão, no meio do somno, uma corôa que uma aguia envolta em nuvens tinha segura no bico; todo cercado de raios de luz, estava Napoleão, no fundo, encostado a uma columna azul-ferrete com capitel amarello, ornada desta inscripção:

MARENGO
AUSTERLITZ
IENA
WAGRAMM
ELOT

Por baixo deste quadro, uma especie de caixilho de madeira mais comprido do que largo estava no chão e encostado á parede. Parecia um quadro voltado, algum retabulo grosseiro provavelmente, algum espelho tirado de uma parede, e alli esquecido enquanto não tornavam a pendura-lo.

Um homem estava sentado á mesa, em cima da qual Mario via uma penna, papel e tinta; tinha elle cerca de sessenta annos, era baixinho, magro, livido, carrancudo, com ar astuto, cruel e inquieto,—um tratante hediondo.

Se Lavater houvesse considerado este rosto, teria descoberto os traços de um abutre unidos aos de um procurador; a ave de rapina e o homem da chicana afeiando-se e completando-se mutualmente, este tornando aquella ignobil, aquella tornando este horrivel.

Tinha barba comprida e grisalha. Estava com uma camisa de mulher, que lhe deixava descobertos o peito cabelludo e os braços irriçados de pellos brancos. Por baixo da camisa trazia calças enlameadas e botas, por cujos buracos lhe saham os dedos.

Tinha um cachimbo na bocca e fumava. Já não havia pão em casa, porém ainda havia fumo.

Escrevia, provavelmente alguma carta como as que Mario lera.

Em um canto da mesa via-se um velho volume truncado, e o seu formato, que era o antigo in-12 dos gabinetes de leitura, revelava um romance. Na capa ostentava-se este titulo, impresso em letras maiusculas: DEUS, O REI, A HONRA E AS DAMAS, POR DUCRAY-DUMINIL, 1814.

Á medida que ia escrevendo, o homem fallava, e Mario ouvia-lhe as palavras:

—Não haver egualdade, nem mesmo depois que a gente morre! Se não, vejam o Père-Lachaise! Os grandes, os que são ricos, ficam em cima, na alameda de acacias, que é calçada. De modo que podem ir para a sepultura de carro. Os pequenos, os que

não teem nada de seu, os desgraçados, ora ! esses que fiquem em baixo, onde ha lama até aos joelhos, em covas, na humidade. Poem-nos ahi para que apodreçam mais depressa ! Quem quizer vê-los tem de metter os pés pela terra dentro.

Neste ponto parou de escrever, deu um murro na mesa, e accrescentou rangendo os dentes:

—Oh ! eu devoraria o mundo !

Uma mulher corpulenta, que tanto poderia ter quarenta como cem annos, estava abaixada de cocaras junto ao fogão, firmada nos seus pés descalços.

Tambem estava mesquinhamente vestida; trajava unicamente uma camisa e uma saia de lan de ponto de meia, remendada com pedaços de panno velho. Um avental de linho grosso cubria parte da saia. Bem que estivesse assim de cocaras, via-se que esta mulher devia ser de alentada estatura. Era uma especie de gigante ao lado de seu marido. Tinha horriveis cabellos ruivos, que começavam a branquear; coçava-os de espaço a espaço com as enormes mãos reluzentes, armadas de unhas chatas.

Junto della, no chão, e aberto, estava um volume do mesmo formato que o outro e provavelmente do mesmo romance.

Em cima de uma das camas Mario lobrigava uma especie de menina espigadinha, macilenta, quasi nua, sentada com as pernas penduradas, parecendo não ouvir, nem ver, nem viver.

A irman mais nova, sem duvida, da que lhe viera trazer a carta.

Mostrava ter onze ou doze annos. Examinando-a com attenção, reconhecia-se que já tinha seguramente quatorze. Era a rapariguinha que dizia na vespera á noite no *boulevard*: *Tratei logo de pôr-me na pinda-hyba.*

Pertencia a essa especie enfezada que leva muito tempo a desenvolver-se, até que cresce depressa e subitamente. É a indigencia que engendra estas tristes plantas humanas. Estas creaturas não teem infancia nem adolescencia. Aos quinze annos parecem ter doze, aos dezeseis parecem ter vinte. Hoje menina, amanha mulher. Dir-se-hia que adiantam a vida para chegar-lhe mais depressa ao fim.

Naquelle momento este ente tinha o parecer de uma creança.

De resto, naquelle aposento não se revelava a presença de trabalho algum; nem uma ferramenta, nem um bastidor, nem uma roda de fiar. Em um canto, enxergavam-se alguns ferros velhos de aspecto ambiguo. Era essa tristonha preguiça que resulta do desespero e precede á agonia.

Mario considerou algum tempo aquelle interior funebre mais horroroso que o de um tumulto, porque alli se sentia agitar a alma humana e palpitar a vida.

O cochicholo, a caverna, o subterraneo, onde alguns indigentes rojam na parte inferior do edificio social, não é completamente um sepulcro, é o seu vestibulo; mas, do mesmo modo que esses ricos que collocam com ostentação o que possuem mais precioso na entrada de seus palacios, parece que a morte, que alli está perto, põe as suas maiores misérias nesse vestibulo.

O homem calara-se, a mulher não fallava, a menina parecia não respirar. Ouvia-se ranger a penna sobre o papel.

O homem resmungou, sem cessar de escrever:— Canalha! canalha! tudo é canalha!

Esta variante ao epiphonema de Salomão arrancou um suspiro á mulher.

—Amiguinho, socega, disse ella. Não te agonies assim, meu amor. Escreves de balde a essa gente, meu homem.

Na miseria os corpos cozem-se uns com os outros, como quando faz frio, mas os corações áfastam-se. Esta mulher, segundo toda a apparencia, devêra ter amado aquelle homem com a quantidade de amor que nella havia, mas provavelmente, no meio das exprobações quotidianas e reciprocas da horrivel miseria que pesava sobre todo o grupo, esse sentimento se extinguiu. Já não havia nella por seu marido senão cinza de affeição. Comtudo, como quasi sempre acontece, os meigos tratamentos haviam sobrevivido. Dizia-lhe: *meu amor, amiguinho, meu homem*, etc., com a bocca, sem que o coração fallasse.

O homem continuava a escrever.

VII

ESTRATEGIA E TACTICA.

Mario, com o coração confrangido, ia descer da especie de observatorio que improvisára, quando uma bulha attrahiu-lhe a attenção, e o fez ficar no seu lugar.

A porta do quarto acabava de abrir-se repentinamente. A rapariga mais velha appareceu no limiar. Trazia calçados sapatões de homem sujos de lama, que havia saltado até aos tornozellos avermelhados, e embrulhava-se em uma manta esfarrapada que Mario não lhe vira quando viera fallar-lhe, mas que provavelmente deixára ficar do lado de fóra da porta, afim de inspirar mais compaixão, e com a qual tornára a cubriresse assim que sahiu. Entrou, tornou a fechar a porta, parou para tomar folego, porque estava esbaforida, depois gritou com uma expressão de triumpho e alegria:

—Elle ahí vem !

O pae voltou os olhos, a mãe voltou a cabeça, a irman mais nova nem se mexeu.

—Quem ? perguntou o pae.

—O tal senhor !

—O philanthropo ?

—Sim.

—Da egreja de Saint-Jacques ?

—Justamente.

—O velho ?

—Elle mesmo.

—E então déveras vem ?

—Vem atrás de mim.

—Estás certa do que dizes ?

—Certissima.

—Então vem decididamente ?

—E de sege.

—De sege ? É um Rothschild !

O pae levantou-se.

—Como é que tens certeza ? se vem de sege, como é que tu chegas antes d'elle ? ensinaste-lhe bem a casa ao menos ? disseste-lhe que era a ultima porta á direita, no fundo do corredor ? Não vá enganar-se ! Então foi mesmo na egreja que o encontraste ? leu a minha carta ? o que foi que te disse ?

—Tá ! tá ! tá ! disse a filha, não engulas cuspo, meu velho ! Aqui está como foi a cousa: entrei na egreja, elle estava no seu lugar costumado, fiz-lhe uma mesura, e entreguei-lhe a carta, leu-a e disse-me:—Onde mora, minha filha ?—Respondi: Eu acompanharei vm. para lhe ensinar a casa.—Elle disse-me: Não, diga-me onde é que mora; minha filha tem que fazer umas compras, vou tomar um carro e chegarei á sua casa ao mesmo tempo que você.—Disse-lhe então onde moravamos. Quando me ouviu, ficou como que surpreso e pareceu hesitar um instante; depois disse:—Não importa, irei.—Acabada a missa, vi-o sair da egreja, e entrar em uma sege de aluguel. Expliquei-lhe bem que era a ultima porta á direita, no fundo do corredor.

—E quem te diz que elle virá comeffeito ?

—Acabo de ver a sege na altura da rua do Petit-Banquier. Foi por isso que deitei a correr.

—Como sabes que é a mesma sege ?

—Essa é boa ! vi-lhe o numero.

—E qual é ?

—Quatrocentos e quarenta.

—Bem. És uma rapariga de talento.

A menina encarou insolentemente o pae, e, mostrando os sapatos que tinha nos pés :

—Não duvido que tenha talento; mas o que afixo é que não tornarei a calçar estes sapatos, não os quero, primeiro por amor da saúde, depois porque isto é uma porcaria. Não ha nada tam aborrecido como andar com sapatos que deixam entrar agua na sola, e que por todo o caminho vão fazendo *xim, xim, xim*. Antes quero andar descalço.

—Tens razão, respondeu o pae em um tom brando que contrastava com a rispidez da rapariga; mas é que sem elles não te deixariam entrar na egreja, os pobres devem ter sapatos. Ninguem vae descalço á casa de Deus, accrescentou amargamente. Depois, tornando ao objecto que o preocupava:

—Então estaes bem certa que elle abi vem ?

—Não póde tardar, tornou a rapariga.

O homem entesou-se. O rosto como que se lhe illuminou.

—Mulher? bradou, estaes ouvindo? O philantropo abi vem. Apaga o fogo.

A mulher, estupefacta, não se mexeu.

O pae, com a agilidade de um saltimbanco, agarrou em uma bilha desguelada que estava sobre a chaminé e deitou agua em cima dos tições

Depois, voltando-se para a filha mais velha:

—Agora tu, disse, arranca a palha da cadeira !

A filha não o comprehendeu.

Elle agarrou a cadeira e com o tacão da bota deu-lhe uma pancada que lhe arrombou a palha. A perna passou pela abertura assim feita.

Ao passo que tirava a perna daquelle rombo, perguntou á filha:

—Está fazendo frio ?

—Muito frio. Cahe neve.

O pae voltou-se para a filha mais nova, que estava sentada na cama junto da janella, e bradou-lhe com voz de trovão:

—Depressa ! desce da cama, preguiçosa ! nunca fazes nada ! Vamos ! quebra um vidro !

A pequena desceu da cama toda tremula.

—Quebra um vidro ! repetiu elle.

A creança estava como pateta.

—Não ouves? tornou o pae, digo-te que quebrês um vidro!

A menina, com uma especie de obediencia mesclada de terror, ergueu-se nas pontas dos pés e deu um sóco em um vidro. Quebrou-se este e cahiu com grande fracasso.

—Bem, disse o pae.

Seu aspecto era grave e desabrido. Esquadrinhava rapidamente com os olhos todos os recantos do quarto.

Parecia um general que faz os ultimos preparativos no momento em que vae travar-se a batalha.

A mulher que ainda não havia dito palavra, levantou-se e perguntou com voz lenta e surda, e como se as palavras lhe sahissem geladas da bocca:

—Meu amor, o que é que queres fazer?

—Deita-te já na cama, respondeu o marido.

O tom não admittia replica. A virago obedeceu e deixou-se cahir pesadamente em cima de uma das camas.

Entretanto ouyiam-se soluços em um canto.

—O que é que temos? bradou o pae.

A filha mais nova, sem sahir do seu recanto escuro, mostrou o punho ensanguentado. Quando quebrára o vidro, cortára-se; fôra para junto da cama da mae, e alli chorava silenciosamente.

A mulher ergueu-se por sua vez e bradou:

—Olha no que dão as tuas asneiras! cortou-se quando quebrou o vidro!

—Tanto melhor! disse o marido, era isto mesmo o que eu queria.

—Como? tanto melhor!... tornou a mulher.

—Calada! replicou o pae, está supprimida a liberdade da imprensa.

Depois, rasgou a camisa que tinha no corpo, e com o pedaço de panno que della tirou embrulhou apressadamente a mão ensanguentada da menina.

Feito isto olhou para a camisa rasgada com satisfação:

—É a camisa tambem. Tudo fica com um ar convinavel.

Um vento glacial entrava no quarto pela abertura que deixára o vidro quebrado. O nevociro do exte-

rior por alli penetrava e dilatava-se como uma pasta de algodão esbranquiçado vagamente estendido por dedos invisíveis. Pela abertura do vidro quebrado via-se cahir a neve. O frio promettido na vespera pelo sol da Candelaria chegára comeffeito.

O homem volveu em torno de si um olhar como para ver se lhe havia esquecido alguma cousa. Tomou uma pá velha e cobriu de cinza os tições molhados, de modo que ficaram completamente escondidos.

Depois, levantando-se e encostando-se á chaminé.
—Agora, disse, podemos receber o philanthropo.

VIII

UM RAIO DE LUZ NA POCHILGA.

A filha mais velha approximou-se e encostou a mão na do pae:

—Olha como estou fria, disse.

—Ora ! respondeu elle, muito mais frio estou eu.

A mãe bradou arrebatadamente:

—Tu sempre tens tudo melhor que os outros ! até mesmo a maldade.

—Silencio ! disse o marido.

E, olhando-a de certo modo a obrigou a calar-se.

Houve na pocilga um momento de silencio. A filha mais velha tirava com ar discurioso a lama que sujava a barra da manta, a mais nova continuava a soluçar; a mãe tomára-lhe a cabeça nas mãos e cobria-lhe de beijos a fronte, dizendo em voz baixa:

—Meu anjo, eu t'ó peço ! não ha de ser nada, não chores, olha que agonias teu pae.

—Não ! bradou o pae, pelo contrario ! chora ! soluça ! é isto mesmo o que eu quero.

Depois, dirigindo-se á mais velha:

—Então ! o homem não chega hoje ? O bonito ha

de ser se elle não vem, e se quebrei o vidro, rasguei a camisa, escangalhei a cadeira e apaguei o fogo á toa !

—E a pequena que ficou ferida ! murmurou a mãe.

—Sabem que mais ? continuou o pae, sempre lhes digo que faz um frio dos seiseentos neste cochicholo do diabo ! Se esse homem não vem ! Oh ! já sei ! faz-se esperar ! disse lá consigo mesmo. — Elles que esperem ! que remedio terão senão esperar ! — Oh ! quanto os aborreço e como esganaria com gosto, com alegria, com enthusiasmo e satisfação, todos, todos esses ricos ! esses falsos homens bemfazejos, que fazem de beatos, que vão á missa, que deixam os papa-hostias leva-los pelo beijo, que se julgam nossos superiores, e que veem humilhar-nos e trazer-nos roupa ! como elles dizem ! trapos que não valem quatro soldos, e pão ! não é isto o que eu quero, corja vil ! é dinheiro ! Ah ! dinheiro ! pois não ! elles dizem que iriamos beber, e que somos bebados e preguiçosos ! e essa cambada ! o que são então e o que foram no seu tempo ? ladrões ! nenhum teria enriquecido se não houvesse roubado ! Oh ! deveria agarrar-se na sociedade pelas quatro pontas da toalha e atirar com tudo ao ar ! nada ficaria inteiro, é certo, mas ao menos não sobraria migalha para ninguem, e com isto se ganharia ! Mas o que é que anda fazendo esse teu estúpido senhor bemfazejo ? virá sempre ? Querem ver que o animalão errou a casa ! Aposto que o velho é bruto.

Nesse momento bateram devagarinho á porta, o homem correu para ella, e abriu-a fazendo profundos cumprimentos e com sorrisos de adoração:

—Entre, senhor ! tenha a bondade de entrar, meu respeitavel bemfeitor, e vin., minha formosissima senhora.

Um homem de idade madura e uma moça appareceram no limiar do cochicholo.

Mario não sahira do seu lugar. O que sentiu naquelle momento não ha lingua humana que possa exprimi-lo.

Era ELLA.

Quem já amou em sua vida sabe quantos esplendores se irradiam das quatro lettras desta palavra: ELLA.

Era como effeito ella. Mario quasi a custo a enxergava através do vapor luminoso que de subito se lhe espalhára sobre os olhos. Era o meigo ente que se havia sumido, o astro que luzira para elle durante seis mezes, — o olhar, a fronte, a bocca, o formoso semblante que desapparecêra deixando-o, com a sua ausencia, sepultado em trevas. A visão eclipsára-se, reapparecia agora!

Reapparecia naquelle lugar sombrio, naquelle cochicholo, naquella pocilga disforme, no meio daquelle horror!

Mario tremia, como que fóra de si. Ah! era ella! as palpações do coração perturbavam-lhe a vista. Sentia-se prestes a debulhar-se em lagrimas. Como! tornava a vê-la finalmente, depois de a ter procurado tanto tempo! parecia-lhe que havia perdido a alma e que acabava de achá-la.

Era ainda a mesma, estava, porém, um tanto pallida; um chapéu de velludo violeta moldurava-lhe o rosto mimoso, uma grande capa de setim preto escondia-lhe a delicadeza do corpo. Por baixo do vestido lobrigava-se o seu pezinho calçado com borzequim de seda.

Vinha, como de costume, em companhia do senr. Leblanc.

Dera alguns passos pelo quarto e puzera em cima da mesa um embrulho bastante volumoso.

A Jondrette mais velha deixára-se ficar atrás da porta e olhava com torvo olhar para aquelle chapéu de velludo, para aquella manta de seda, e para aquelle formoso rosto radiante de felicidade.

IX

JONDRETTE QUASI CHORA.

A poílga era tam escura que quem entrava de fóra sentia nos olhos a mesma impressão que experimentamos penetrando n'um subterraneo. Os dous recém-chegados entraram, pois, com certa hesitação, distinguindo apenas fórmias vagas de si, ao passo que eram perfeitamente vistos e examinados pelos moradores do quarto, acostumados áquelle crepusculo.

O senr. Leblanc approximou-se com o seu olhar benevolo e triste, e disse para o pae Jondrette;

— Senhor, neste embrulho ha roupa nova, meias e cobertores de lan.

— Oh! meu angelico bemfeitor, quanta bondade para comosco! disse Jondrette inclinando-se até ao chão. Depois, chegando-se surrateiramente para a filha mais velha, enquanto as duas visitas examinavam aquelle tristissimo recinto, disse-lhe ao ouvido, baixinho e apressadamente:

— Heim? vê se me enganei! trapos! dinheiro, nada. Todos elles são assim! A proposito, qual era a assignatura da carta que entregastes a este velho basbaque?

—Fabanton, respondeu a filha.

—O artista dramatico, bem!

Jondrette tirou-se deste modo de uma grave entaladela, porquanto naquelle mesmo momento voltava-se o senr. Leblanc para elle, dizendo-lhe com o ar de quem busca recordar-se do nome da pessoa com quem falla:

—Na verdade, a sua posição é bem digna de lastima, senhor....

—Fabanton, respondeu vivamente Jondrette.

—Senr. Fabanton, sim, é isso mesmo. Agora me lembro.

—Artista dramatico, senhor, e posso assegurar-lhe que alcancei alguns triumphos.

Aqui suppôz Jondrette que era chegado o momento de apoderar-se do *philanthropo*. Bradou com um tom de voz em que a jactancia do pelotiqueiro das feiras se ajuntava á humildade do mendigo que pede esmolas nas estradas:—Sou um discipulo de Talma, senhor! A fortuna sorriu-me outr'ora. Chegou por seu turno o infortunio. Veja, meu bemfeitor, nem pão, nem fogo. Ah! os meus pobres lares não teem fogo! A minha unica cadeira está desempalhada! Um vidro quebrado! com o tempo horrivel que faz! Minha esposa de cama! doente!

—Pobre mulher! disse o senr. Leblanc.

—E a mais nova de minhas filhas com a mão ferida! accrescentou Jondrette.

A pequena, destrahida pela entrada das duas visitas, puzera-se a contemplar a moça, e cessára de chorar.

—Chora! berra! disse-lhe Jondrette baixinho.

E ao mesmo tempo beliscou-lhe a mão doente. Tudo isto com uma habilidade de prestidigitador.

A pequena pôz-se a gritar descompassadamente.

A adoravel moça que Mario no fundo do coração chamava a sua *Ursula* approxinou-se vivamente.

—Coitadiuha da menina! disse.

—Veja, minha querida senhora, proseguiu Jondrette, veja como tem a mão ensanguentada! Foi um desastre que lhe succedeu trabalhando em uma machina para ganhar seis soldos por dia. Talvez seja preciso cortar-lhe o braço!

—Devêras ? disse o velho profundamente commo-vido.

A menina, tomando ao serio estas palavras, redobrou o choro.

—Ah ! é a pura verdade, meu bemfeitor ! respondeu o pae.

Havia alguns instantes que Jondrette considerava o *philanthrope* de um modo singular. Ao passo que fallava, parecia prescrutar com attenção, como se buscasse evocar as suas recordações. De repente, aproveitando um momento em que os recém-chegados interrogavam com solicitude a pequena a respeito da sua mão ferida, passou por junto da mulher que estava na cama com ar abatido e estúpido, e disse-lhe com vivacidade e em voz mui baixa:

—Olha bem para este homem.

Depois, voltando-se para o senr. Leblanc, e continuando a sua lamentação:

—Veja, senhor ! todo o meu fato consiste nesta camisa de minha mulher ! e toda rasgada ! no pino do inverno. Não posso sahir por falta de uma casaca. Se tivesse uma casaca, por ordinaria que fosse, iria visitar a Mars, que me conhece e me estima muito. Ella ainda mora na rua da Tour-des-Dames, não é assim ? Saiba o senhor que nós representamos juntos em alguns theatros de provincia. Partilhei os seus louros, *Celimene* me soccorria, senhor ! *Elmira* daria esmola a *Belisario* ! Mas, qual ! nada. E não temos um soldo que seja em casa ! Minha mulher doente, e nem um soldo ! Minha filha gravemente ferida e nem um soldo ! Minha esposa tem suffocações. É da idade, e de mais a mais ajuntou-se-lhe o systema nervoso. Deveria tratar-se seriamente e minha filha tambem ! Mas o medico ! e o boticario ! como pagar-lhes ? não temos nem um *liard* ! Eu me ajoelharia deante de um *decimo*, senhor ! Eis a que ponto de humilhação desceram as artes ! E sabe vme., minha adoravel senhora e v. s., meu generoso protector, sabem vms. que respiram virtude e bondade, e perfumam essa egreja onde minha filha os encontra todos os dias quando vae rezar ? . . . Pois eu dou uma educação religiosa ás minhas filhas, senhor . . . Não quiz que entrassem para o theatro. Ah bregeirinhas ! ellas que caiam em fazer a menor lou-

cura ! Eu cá não sou de brincadeiras ! Estou sempre a recommendar-lhes honra e mais honra, moral e mais moral, virtude e mais virtude ! Pergunte-lhes só ! Quero que me andem muito direitinhas. Ellas teem pae. Não são como essas desgraçadas que começam por não ter familia e acabam desposando o publico. São a principio as meninas *cousa-nenhuma*, e a final passam a ser as senhoras *para-todas*. Com a fortuna ! não quero isto na familia Fabantou ! Estou decidido a educa-las virtuosamente, para que sejam honestas, para que sejam puras, para que creiam em Deus, com os seissentos ! Pois bem, senhor, meu digno senhor, como ia dizendo, sabe v. s. o que me acontecerá amanha ? Amanha é o dia 4 de fevereiro, dia fatal, a ultima espera que me concedeu o meu senhorio; se não lhe pagar esta noite, amanha minha filha mais velha, eu, minha esposa com a sua febre, a pequena com a sua mão ferida, seremos todos quatro expulsos daqui, postos no olho da rua, no meio do *boulevard*, sem abrigo, expostos á chuva, á neve ! Ah ! tem v. s. ! Devo quatro trimestres, um anno ! isto é, sessenta francos.

Jondrette mentia. Os quatro trimestres não importariam em mais de quarenta francos e elle não podia dever quatro, porquanto ainda não havia seis mezes que Mario pagára dous.

O senr. Leblanc tirou do bolso cinco francos e pôlos em cima da mesa.

Jondrette teve tempo de resmungar ao ouvido da filha mais velha:

—Maroto ! o que quererá elle que eu faça com os seus cinco francos ? Isto não me paga a minha cadeira e o meu vidro ! Ora metta-se uma pessoa a fazer gastos !

Entretanto o senr. Leblanc tirára uma grande sobrecasaca escura que trazia por cima de outra azul, e largára-a no encosto da cadeira.

—Senr, Fabantou, disse, não trago agora senão estes cinco francos; mas vou levar minha filha para a casa e voltarei de tarde. Não é esta noite que o senr. deve pagar? . . .

O rosto de Jondrette expandiu-se com uma expressão estranha. Respondeu com vivacidade:

—Sim, meu respeitavel senhor. Às oito horas devo achar-me em casa do proprietario.

—Aqui estarei ás seis e trar-lhe-hei os sessenta francos.

—Meu bemfeitor! exclamou Jondrette com transporte.

E accrescentou baixinho:

—Olha bem para elle, mulher!

O senr. Leblanc tornára a dar o braço á formosa moça e dirigia-se para a porta:

—Até logo, meus amigos! disse.

—Às seis horas? tornou Jondrette.

—Às seis horas em ponto.

Neste momento a Jondrette mais velha deu casualmente com os olhos no sobretudo que ficára no encosto da cadeira:

—Vm. esquece a sua sobrecasaca, disse ella.

Jondrette lançou sobre a filha um olhar furibundo, acompanhado de um formidavel gesto de hombros.

O senr. Leblanc voltou-se e respondeu sorrindo-se:

—Não a esqueço, deixo-a.

—O' meu protector, disse Jondrette, meu augusto bemfeitor, não posso conter as lagrimas! Permitta que eu o acompanhe até á sege.

—Pois então, tornou o senr. Leblanc, vista esse sobretudo. Está fazendo frio devéras.

Jondrette não esperou que lhe repetissem o convite. Vestiu apressadamente a sobrecasaca escura.

E sahiram todos tres, indo Jondrette adeante das duas visitas.

X

TABELLA DOS CABRIOLETS DA PRAÇA: DOUS FRANÇOS POR HORA.

Mario não perdêra a menor passagem de toda aquella scena, e, não obstante, nada vira na realidade. Seus olhos tinham-se conservado fitos na moça, seu coração a havia, por assim dizer, agarrado e envolvido inteiramente desde o primeiro passo que ella deu no quarto. Durante todo o tempo que a moça alli estivera, vivera elle essa vida de extasis que interrompe as percepções materiaes e precipita toda a alma para um unico ponto. Contemplava, não a moça, mas aquella luz que tinha uma capa de setim e um chapéu de veludo. Se a estrella Sirio houvesse entrado naquelle quarto, não o teria deslumbrado tanto.

Ao passo que a moça abria o embrulho, desdobrava a roupa e os cobertores, interrogava a mãe docente com bondade e com docura, a pequena, que se ferra, espiava elle todos os seus movimentos, buscava ouvir-lhe as palavras. Conhecia-lhe os olhos, a fronte, a formosura, o ar esbelto, o andar, mas não lhe conhecia o som da voz. Uma vez, no Luxemburgo, supuzera ouvir-lhe algumas palavras; mas a lem-

branca que dellas guardára era tam vaga que o não satisfazia. Houvera dado dez annos de sua vida para escuta-la, para poder conservar n'alma um bocado daquella musica. Mas tudo era abafado pelas charlatunicas lamentações de Jondrette. Isto enchia Mario de profunda colera no meio do seu extasis. Devorava-a com os olhos. Não podia capacitar-se que fosse na realidade *ella*, uma creatura divina, a pessoa que se achava no meio daquelles entes immundos, em tam monstruosa poeilga. Parecia-lhe ver um beija flôr mettido entre sapos.

Quando ella sahiu, só teve um pensamento, segni-la, não perdê-la de vista, não retirar-se senão depois de saber onde era a sua casa, assim de ao menos não tornar a perdê-la depois de a ter tam miraculosamente achado! Saltou da commoda a baixo e tomou o chapéu. Quando ia levantar o trinco da porta, occorreu-lhe uma reflexão que o deteve. O corredor era comprido, a escada ingreme; o Jondrette tagarella; o senr. Leblanc não havia sem duvida entrado ainda na sege; se, voltando-se no corredor, ou na escada, ou no limiar da porta, visse Mario naquella casa, evidentemente se inquietaria, e acharia meio de escapar-lhe de novo, deixando-o outra vez immerso em desespero. O que deveria fazer? esperar um pouco? mas em quanto esperasse, a sege poderia ir embora. Mario estava perplexo. Emfim arriscou-se e sahiu do quarto.

Já não havia ninguem no corredor. Correu á escada. Não havia ninguem alli. Desceu a toda pressa e chegou no *boulevard* ainda a tempo de ver a sege dobrar o canto da rua do Petit-Banquier e voltar para Pariz.

Mario seguiu precipitadamente naquella direcção. Chegando ao canto do *boulevard*, tornou a avistar a sege que descia rapidamente a rua Mouffetard; a sege já ia bem longe, não havia meio de alcança-la; correrá trás? impossivel, e, demais, de dentro do vehiculo não deixariam de ver um homem a correr atrás da sege, e o pae o reconheceria. Naquelle momento, acaso inopinado e maravilhoso, Mario avistou um *cabriolet* da praça que passava vazio pelo *boulevard*. Não havia mais que um expediente a tomar, entrar no *cabriolet* e

seguir a sege. Era um meio seguro, efficaz e sem perigo.

Mario fez signal ao boleeiro para parar, e gritou-lhe:

—Tomo-o por hora!

Mario estava sem gravata, achava-se com a sua velha casaca de trabalho a que faltavam botões, tinha a camisa rota em uma das pregas do peito.

O boleeiro fez parar o vehiculo, piscou o olho, e estendeu a mão esquerda para Mario, esfregando devagarinho o dedo pollegar com o indice.

—O que é? disse Mario.

—Pague adeantado, respondeu o boleeiro.

—Quanto é? perguntou elle.

—Quarenta soldos.

—Pagarei na volta.

O boleeiro, por unica resposta, assobiou a cantiga de La Palisse e fustigou o seu cavallo.

Mario olhou com ar desvairado para o *cabriolet*, que se afastava. Por vinte e quatro soldos que lhe faltavam perdia a sua alegria, a sua ventura, o seu amor! tornava a submergir-se nas trevas! vira, e tornava a cegar. Lembrou-se amargamente, e, não ha remedio senão dizê-lo, com profundo pezar dos cinco francos que dera pela manhan áquella miseravel rapariga. Se ainda tivesse os cinco francos, estava salvo, renascia, sahia dos limbos e das trevas, sahia do isolamento, do *spleen*, da viuvez; restava o fio negro do seu destino ao bello fio de ouro, que acabava de ver ondear deante dos seus olhos, e quebrar-se ainda uma vez! Voltou desesperado para o pardieiro.

Não se lembrou que o senr. Leblanc promettêra voltar de tarde, e que assim poderia tomar as suas medidas para segui-lo sem ser visto; mas, na contemplação em que estivera, quasi que o não ouvira.

No momento em que ia subir a escada, avistou do outro lado do *boulevard*, junto do muro deserto da rua da Barreira dos Gobelinos, Jondrette embuçado no sobretudo do *philantropo*, a conversar com um desses homens de cara sinistra chamados geralmente *regabundos das barreiras*, individuos de physionomia equivoca, de monologos suspeitos, com um aspecto que revela a bediondez do seu pensamento, e que dormem or-

diariamente de dia, o que induz a crer que trabalham de noite.

Estes dous homens, conversando immoveis debaixo da neve que cahia em turbilhões, formavam um grupo que qualquer agente de policia houvera infallivelmente notado, mas a que Mario não deu maior attenção.

Todayia, apesar da sua preocupação dolorosa, não deixou de ver que o vagabundo com quem Jondrette conversava parecia-se com um tal Panchaud, chamado tambem por alcunha Printanier e Bigrenaille, que Courfeyrac lhe mostrára uma vez e que era tido no bairro como um perigosissimo passeador nocturno. No livro precedente, já o leitor viu o nome deste homem. Este Panchaud, chamado tambem Printanier e Bigrenaille, figurou depois em diversos processos crimes e veio a ser um tratante celebre. Então era apenas um tratante famoso. Hoje resta apenas d'elle a tradição entre os malfeteiros e os *scarpes*. Pelo fim do ultimo reinado constituia uma escola. E ao cahir da noite, á hora em que os grupos se formam e conversam em voz baixa, era o assumpto das praticas da *cova dos leões*, na prisão da Force. Nessa mesma prisão, justamente no corredor por onde passava o cano das latrinas que serviram á evasão inaudita, no pino do dia, de trinta criminosos em 1848, podia ler-se, por cima da lage que cobre essas latrinas, o seu nome, PANCHAUD, audazmente gravado na parede do corredor em uma das suas tentativas de fuga. Em 1832 já a policia o vigiava, mas elle ainda não havia estreado seriamente.

XI

A MISERIA OFFERECÊ OS SEUS BONS OFFICIOS À PORRÊZA.

Mario subiu a escada do pardieiro a passos lentos; no instante em que ia entrar no quarto, avistou atrás de si a Jondrette mais velha, que o acompanhava. A vista da rapariga causou-lhe profundo desgosto; ella estava com os seus cinco francos, agora era tarde para tornar a pedir-lh'os, já não encontraria o *cabriolet*, a sege deveria ter desaparecido. De resto ella não quereria restitui-los. Quanto a interroga-la a respeito da morada das visitas que acabavam de sahir do seu cochicholo, era inutil, ella evidentemente a ignorava, pois que a carta assignada com o pseudonymo Fabanlou era endereçada ao senr. *bemfazejo da egreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*.

Mario entrou no seu quarto e empurrou a porta.

Esta não se fechou; voltou-se e viu uma mão que a conservava entre-aberta.

—O que é isto? perguntou Mario, quem está ahi?

Era a Jondrette.

—É você? continuou Mario quasi rispivamente, sempre você! O que quer commigo?

A rapariga parecia pensativa, e não olhava para elle. Já não tinha o desembaraço que mostrara de manhã.

Não entrára, e deixára-se ficar na escuridão do corredor, onde Mario a enxergava pela abertura da porta.

—Então, não responde? continuou elle. O que quer commigo?

A rapariga encarou-o com o seu olhar tristonho que parecia encher-se de um vago brilho, e disse:

—Está triste, senr. Mario? O que tem?

—Eu! tornou Mario.

—Sim, o senhor.

—Não tenho nada.

—Oh! se tem!

—Digo-lhe que não.

—E eu digo que sim.

—Deixe-me em paz!

E tornou a empurrar a porta, ella tornou a detê-la.

—Olhe, disse, o senhor faz mal. Bem que não seja rico, mostrou-se compassivo esta manhã. Pois seja-o também agora. Deu-me com que comer, diga-me agora o que tem. O senhor está agoniado, logo se vê. Não quero vê-lo triste. O que hei de fazer para lhe passar a tristeza? Posso servir-lhe para alguma cousa? Disponha de mim. Não lhe peço que me diga os seus segredos, nem ha necessidade de m'os dizer; mas enfim posso ser-lhe util. Se eu ajudo meu pae, que muito é que ajude o senhor? Quando se trata de levar cartas, andar de casa em casa, perguntar de porta em porta, descobrir onde alguém mora, seguir-lhe os passos, contem comigo. Pois bem, diga-me o que tem, irei aonde me mandar; ás vezes indo assim fallar com uma pessoa, descobre-se muita cousa, e tudo se arranja. Ande, disponha de mim.

Occorreu uma lembrança á Mario. Que galho desprezamos nós quando cahimos?!

Chegou-se para a Jondrette.

—Ouve....disse-lhe.

Ella interrompeu-o, com os olhos a scintillarem-lhe de alegria:

—Oh! sim, trate-me por tu! gosto mais que me trate assim.

—Pois bem, continuou elle, trouxe aqui esse velho e sua filha?

—É verdade.

—Sabes onde moram?

—Não.

—Quero que m'o descubras.

O olhar de Jondrette, de tristonho tornára-se risinho, de risinho tornou-se turvo.

—É isto que o senhor quer? perguntou ella.

—Sim!

—O senhor os conhece?

—Não.

—Já sei, tornou com vivacidade, o senhor não a conhece, mas quer conhecê-la.

Aquelle *os* que passára a ser *a* tinha o que quer que fosse amargo e significativo.

—Então, disse Mario, podes ou não?

—O senhor saberá onde mora a linda moça.

Havia tambem nestas palavras *a linda moça* uma ironia que contrariou Mario.

—Ou o pae, ou a filha, não importa! tornou elle. O que quero é saber onde moram!

Ella encarou-o fixamente.

—E o que me dará o senhor?

—Tudo o que quizeres!

—Tudo que eu quizer?

—Sim.

—O senhor saberá o que deseja.

Abaixou a cabeça, depois, com certo arrebatamento, puxou a porta, que tornou a fechar-se.

Mario achou-se só.

Deixou-se cahir em cima de uma cadeira, com a cabeça nas mãos e os cotovellos firmados na cama, abysmado em pensamentos que não podia analysar, e como que tomado de vertigem. Tudo quanto se passára desde pela manhã, a apparição e a desappareição do anjo, o que aquella creatura acabava de dizer-lhe, um lampejo de esperança no meio de um desespero immenso, eis o que lhe enchia confusamente o cerebro.

De subito sentiu-se violentamente arrancado ao seu devaneio.

Ouviu a voz alta e aspera de Jondrette pronunciar

estas palavras cheias do mais estranho interesse para elle:

—Digo-te que tenho toda a certeza e que o reconheci!

De quem fallaria Jondrette? quem seria a pessoa que havia reconhecido? Seria o señr. Leblanc? o pae da sua *Ursula*? como? pois seria possivel que Jondrette o conhecesse? Mario, de um modo tam estranho quam inopinado, teria assim todas as informações, sem as quaes a propria vida se lhe tornava escura? iria emfim saber a quem amava? quem era aquella moça? quem era seu pae! o véu tam espesso que os encobria achar-se-hia prestes a ser rasgado? a obscuridade iria ser aclarada? Oh! céus!

Saltou, que não trepou, para cima da commoda e de novo tomou o seu posto junto da fenda do tabique.

O seu olhar tornava a devassar a pocilga de Jondrette.

XII

EMPREGO DA MOEDA DE CINCO FRANÇOS DO SENR. LEEELANC.

O aspecto da família era ainda o mesmo, com a diferença, porém, que a mãe e as filhas haviam tirado roupa da trouxa, e calçado meias e vestido camisola de lan. Dous cobertores novos aparamentavam as duas camas.

Jondrette acabava por certo de entrar. Ainda estava todo esbaforido da caminhada que dera. As filhas achavam-se sentadas no chão, junto da chaminé, a mais velha pensando a mão da mais nova. A mulher sentada na cama, que ficava perto do fogão, dava mostras de abatida, e tinha parecer admirado. Jondrette dava largas passadas de um para outro lado no quarto. Os olhos scintillavam-lhe de modo estranho.

A mulher, que parecia tímida e transida de espanto na presença de seu marido, arriscou-se a dizer-lhe:

—Como! será possível? estás certo?

—Certissimo! Já lá vão oito annos! mas eu reconheço-o! Ah! reconheço-o, reconheci-o logo! Como! pois isto não te saltou aos olhos!

—Não.

—Entretanto disse-te: «Repara bem! É a mesma altura, a mesma cara; só o que tem é que está com os cabellos mais brancos; ha pessoas que não envelhecem, não sei porque; a voz é a mesma. Agora anda bem vestido, eis a unica differença!» Ah! velho mysterioso do diabo, cahiste-me nas unhas, deixa estar!

Interrompeu-se, e disse para as filhas:

—Olá! ponham-se já no olho da rua! É realmente para admirar que isto não vos houvesse saltado aos olhos!

Ellas levantaram-se para obedecer.

A mãe balbuciou:

—Assim mesmo com a mão doente?

—O ar livre ha de fazer-lhe bem, redarguiu Jondrette: Raspem-se.

Evidentemente aquelle homem era desses a quem não se replica. As duas raparigas sahiram.

No momento em que transpuzeram o limiar o pae travou do braço da mais velha, dizendo-lhe com um tom particular:

—As cinco horas em ponto estejam aqui. Ambas. Hei de precisar de vocês.

Mario redobrou de attenção.

Tendo ficado só com a mulher, Jondrette pôz-se de novo a passeiar no quarto, e deu assim duas ou tres voltas em silencio. Depois levou alguns minutos a metter para dentro do cós das calças a fralda da camisa de mulher com que estava.

De repente voltou-se para a Jondrette, cruzou os braços, e exclamou:

—E queres que te diga uma coisa? A moça...

—E então? tornou a mulher, a moça?...

Mario não podia duvidar, era com effeito *della* que fallavam. Escutava com ardente anxiedade. Toda a sua vida se lhe concentrára nos ouvidos.

Mas Jondrette inclinára-se, e fallára baixo á mulher. Depois ergueu-se e concluiu em voz alta:

—É ella!

—Aquillo? disse a mulher.

—Aquillo mesmo! tornou o marido.

Não ha palavras que possam exprimir o que se continha no *aquillo* da virago. Eram a surpresa, a raiva, o edio, misturados e combinados em um tom mons-

trunoso. Bastáram algumas palavras pronunciadas, o nome sem duvida, que o marido lhe dissera ao ouvido, para que essa obesa mulher apathica despertasse, e de hedionda se tornasse formidavel.

—Não é possível! exclamou; quando penso que minhas filhas andam de pés no chão e não teem um vestido com que saiam!... Como! uma capa de setim, chapéu de velludo, borseguins, e tudo mais! um fato que não custou menos de duzentos francos! de modo que a gente acreditaria que é uma senhora! Não, estás enganado! Demais, a outra era um estupor e esta não é feia! realmente não é feia! não pôde ser ella!

—Digo-te que é. Has de ver.

A esta affirmacão tam absoluta, a Jondrette levantou o carão vermelho e louro, e olhou para o tecto com uma expressão horrenda. Naquelle momento Mario achou-a ainda mais temivel que o proprio marido. Era uma porca com olhos de hyena.

—Como! continuou ella, pois é possível que a moinha bonita que ha pouco olhava para minhas filhas com ar de compaixão seja essa miseravel! Oh! com que gosto lhe arrebentaria a barriga a tamancadas!

Saltou fóra da cama e ficou um momento de pé, desgrenhada, com as ventas entumecidas a bocca entre-aberta, os punhos convulsivamente cerrados e voltados para trás. Depois tornou a cahir em cima da cama. O homem continuava a passeiar sem dar attenção á sua companheira.

Após alguns instantes de silencio, chegou-se para a Jondrette e parou defronte della, com os braços cruzados como ha pouco.

—E queres que te diga uma cousa?

—O que é? perguntou a mulher.

O marido respondeu em tom decidido e baixo:

—Vou ser rico finalmente.

A Jondrette encarou-o com esse olhar que quer dizer: Dar-se-ha pela ventura que quem assim me falla esteja doudo?

O homem continuou:

—Com os diabos! já não é de hontem que sou freguez da parochia—morre-de-fome-se-tens-fogo, morre-de-frio-se-tens-pão!—estou aborrecido da miseria!

pesa-me o fardo das minhas asneiras e das dos outros ! já não brinco, já não acho graça nisto, deixemo-nos de trocadilhos, meu Deus ! ponhamos termos ás brincadeiras, Padre Eterno ! Quero comer á medida da minha fome, beber á medida da minha sede ! empanurrar-me ! dormir ! não fazer nada ! quero divertir-me também com os seiscentos ! antes de bater a bota ! quero ser um pouco millionario !

Deu uma volta pela poeilga e acrescentou:

—Como os outros !

—O que queres dizer com isto ? perguntou a mulher.

Jondrette sacudiu a cabeça, piscou o olho e levantou a voz, como um physico ambulante que vae fazer uma demonstração.

—O que quero dizer ? ouve !

—Cuidado ! resmungou a Jondrette; não falles tam alto ! se são negocios que ninguem deve saber. . . .

—Ora ! quem pôde ouvir-me ? o vizinho ? Vi-o sahír ha pouco. Demais, esse paspalhão dá por ventura attenção a alguma cousa ? Mas, repito-te, não está ahí; vi-o sahír.

Entretanto, por uma especie de instincto, Jondrette abaixou a voz, não tanto, porém, que as suas palavras escapassem a Mario. Uma circumstancia favoravel, e que concorrêra para que elle nada perdesse desta conversa, era que a neve cahida abafava a bulha dos carros no *boulevard*.

Eis aqui o que Mario ouviu:

—Escuta-me bem. O Cresco cahiu no laço ! posso já faltar assim. Está seguro. Tudo se acha prompto. Fallei a certas pessoas. Elle ha de vir esta tarde ás seis horas. Trará os seus sessenta francos, patifão ! Viste tê-lo eu feito engolir a pilula, com os meus sessenta francos, com o proprietario, com o dia 4 de fevereiro ? nem ao menos disse que era só um trimestre ! e o diabo do besta tudo acreditou ! Portanto aqui o teremos ás seis horas ! É quando o vizinho costuma sahír para ir jantar. A mãe Burgon lava a louça na cidade. Não fica ninguem em casa. O vizinho nunca se recolhe antes das onze horas. As pequenas espiarão. Tu nos ajudarás. Havemos de depenar o patinho.

—E se elle não se deixar depennar? perguntou a mulher.

Jondrette fez um gesto sinistro e disse:

—Então forcer-lhe-hemos o pescoço.

E soltou uma risada.

Era a primeira vez que Mario o via rir-se. Aquelle riso, frio e baixo, causava horror.

Jondrette abriu um armariozinho que ficava junto da chaminé, tirou um velho boné que alli estava, e pô-lo na cabeça depois de o ter limpado com a manga.

—Agora, continuou elle, vou sair. Tenho ainda que fallar a uns sujeitos. Gente de mão cheia. Has de ver como tudo correrá ás mil maravilhas. Não me demorarei muito, o lance é magnifico; toma cuidado na casa.

E, com as mãos mettidas nos bolsos das calças, ficou um momento pensativo; depois exclamou:

—Sempre te digo que foi uma felicidade não ter elle reconhecido a minha catholica pessoa! Se me tivesse reconhecido não voltaria. Escapava-nos! Foi a minha barba que me salvou! a minha barba romantica! a minha linda barbiquinha romantica!

E tornou a rir-se.

Chegou á janella. A neve continuava a cahir, descrevendo linhas brancas no céu escuro.

—Que tempo do diabo! disse.

Depois, abotoando a sobrecasaca:

—A fatiota é larga de mais. Não importa, acrescentou, o patife do velho teve realmente uma boa lembrança! Se não me houvesse dado esta sobrecasaca não poderia sair, e ficaríamos tam adeantados como da outra vez! Vejam do que dependem as cousas em certos casos!

E, puxando o boné até aos olhos, sahio.

Apenas teria dado alguns passos no corredor, quando a porta tornou a abrir-se, e o seu perfil carrancudo e intelligente reappareceu na abertura.

—Esquecia-me uma cousa, disse. Deves encher de carvão o fogareiro.

E atirou ao regaço da mulher a moeda de cinco francos que lhe dera o *philanthrope*.

—Encher de carvão o fogareiro? perguntou ella.

—Sim.

- Quantas medidas queres que compre ?
—Duas, bem cheias.
—São trinta soldos. Com o resto comprarei o que
fôr preciso para o jantar.
—Com a fortuna ! tal não faças.
—Porque ?
—Não gastes toda a moeda.
—Mas porque ?
—Porque eu tambem tenho de comprar uma cousa.
—O que é ?
—Eu cá sei.
—Quanto te será necessario ?
—Onde ha por aqui uma loja de ferragens ?
—Na rua Mouffetard.
—Ah ! sim, na esquina, agora me lembro.
—Mas dize em summa quanto precisas para a compra que vás fazer ?
—Tres francos bastaráõ.
—Não sobrarã grande cousa para o jantar.
—Hoje não se trata de comer. Temos cousa melhor em que cuidar.
—Estã bem, meu amor.

A esta resposta da mulher, Jondrette tornou a fechar a porta, e desta vez Mario ouviu a bulha dos seus passos no corredor do pardieiro e depois na escada, que desceu rapidamente.

Naquelle instante dava uma hora na egreja de San Medardo.

XIII

SOLUS CUM SOLO, IN LOCO REMOTO, NON COGITABUNTUR ORARE
PATER NOSTER.

Mario, embora sempre engolfado nas suas cogitações, era, como já dissemos, dotado de um caracter firme e energico. Os habitos de recolhimento solitario, desenvolvendo nelle a sympathia e a compaixão, haviam-lhe talvez diminuido a faculdade de irar-se, mas deixando intacta a de indignar-se; tinha a benevolencia de um brahmine e a severidade de um juiz; compadecia-se de um sapo, mas esmagava uma vibora. Ora, o recinto que o seu olhar acabava de devassar era uma toca de vihoras; tinha deante dos olhos um ninho de monstros.

—Estes miseraveis devem ser esmagados, disse consigo mesmo.

Nenhum dos enigmas que esperára ver aclarados se achava explicado; pelo contrario, todos se haviam tornado muito mais obscuros; tudo quanto sabia a cerca da formosa moça do Luxemburgo e do homem a quem chamava o senr. Leblanc era que Jondrette os conhecia. Por entre as palavras tenebrosas que ouvira, só uma cousa enxergava distinctamente e era que

se preparava uma emboscada, emboscada obscura, porém terrível; que ambos corriam um grande perigo, ella provavelmente, o pae inquestionavelmente; que lhe cumpria salva-los, frustrar as hediondas combinações de Jondrette e desmanchar a têa daquellas aranhas.

Observou a Jondrette. Ella tirára de um canto um fogareiro de lata já bastante usado, e estava a remexer nos ferros velhos que alli se achavam.

Mario desceu da commoda devagarinho e com toda a cautela possível para não fazer a menor bulha.

No meio do medo que lhe inspirava o crime que se preparava, no meio do horror com que pensava nos Jondrettes, sentia uma especie de alegria imaginando que talvez lhe fosse dado prestar um serviço á pessoa que tanto amava.

Mas o que deveria fazer? avisar ás pessoas ameaçadas? onde encontra-las! Não sabia onde ellas moravam. Tinham apparecido um instante depois de longa ausencia, e de novo se haviam sumido nas immensas profundezas de Pariz. Deveria esperar o senr. Leblanc á porta, ás seis horas da tarde, quando elle chegasse, e avisa-lo da emboscada? Mas Jondrette e os seus complices o veriam assim espiando; o lugar era deserto, elles tinham por si a força; indubitavelmente o agarrariam ou o compelliriam a retirar-se, e a pessoa que Mario queria salvar cahiria infallivelmente na cilada. Acabava de dar uma hora; o crime devia consummar-se ás seis. Mario tinha, pois, cinco horas para dar os passos que lhe parecessem necessários.

Só havia um expediente que adoptar.

Vestiu a casaca menos usada, atou um lenço ao pescoço, tomou o chapéu e sahiu, sem fazer mais bulha do que houvera feito andando descalço por cima da relva.

Demais, a Jondrette continuava a remexer nos ferros.

Assim que sahiu de casa encaminhou-se para a rua do Petit-Banquier.

Já elle se achava no meio desta rua, junto de um muro muito baixo, que em certos lugares pôde ser facilmente transposto e que fecha um terreno vazio,

caminhava lentamente, preocupado como estava, a neve abafava-lhe a bulha dos passos; de repente ouviu vozes que fallavam perto de si. Voltou a cabeça, a rua estava deserta, não avistava ninguém, era de dia, e não obstante ouvia distinctamente vozes.

Lembrou-se de olhar por cima do muro junto do qual se achava.

Do lado de dentro estavam comeffeito dous homens, sentados na neve e conversando em voz baixa.

Aquellas duas figuras lhe eram desconhecidas; um era um homem barbado vestido de blusa, e o outro um sujeito cabelludo coberto de andrajos. O barbudo trazia gorra encarnada, o outro tinha a cabeça descoberta e os cabellos salpicados de neve.

Como ambos lhe davam as costas, Mario, estendendo a cabeça por cima do muro, podia ouvi-los.

O cabelludo dava com o cotovello no outro, e dizia:

—Com *Patron-Minette* é impossivel que falhe o negocio.

—Achas que sim? disse o barbudo.

E o cabelludo tornou:

—Tocará a cada um uma fatia de quinhentos, e o peor que póde acontecer é cinco annos, seis annos, dez annos quando muito!

O outro respondeu com alguma hesitação e tremendo de frio:

—Isto é que é real. A prudencia aconselha não correr esses riscos.

—Repito-te que o negocio não póde falhar, tornou o cabelludo. O carrinho do pae Cousa estará prompto.

Depois entráram a fallar de um melodrama que tinham visto na vespera no theatro da Gaité.

Mario continuou o seu caminho.

Parecia-lhe que as palavras obscuras daquelles homens, tam estranhamente escondidos atrás de um muro e sentados na neve, talvez tivessem alguma relação com os abominaveis projectos de Jondrette. Tal era provavelmente o *negocio*.

Dirigiu-se para o arrabalde de San'Marçal, e na primeira loja que encontrou, perguntou onde haveria um commissario de policia.

Indicaram-lhe a casa n. 14 da rua de Pontoise.

Mario para ahi seguiu.

Ao passar por uma padaria comprou um pão de dous soldos e comen, prevendo que não jantaria.

Caminhando, ia pensando com os seus botões nos secretos designios da Providencia. Reconheceu que, se não houvesse dado pela manhã os cinco francos a Jondrette, teria seguido a sege do senr. Leblanc e por conseguinte, não havendo descoberto a cilada que fôra tramada, o crime não seria impedido e o senr. Leblanc e sua filha, sem duvida, estariam perdidos.

XIV

UM AGENTE DE POLICIA DÁ DUAS PISTOLAS A UM ADVOGADO.

Chegando á casa n. 14 da rua de Pontoise, subiu ao primeiro andar e perguntou pelo commissario de policia.

—O senr. commissario não está, respondeu o continuo; mas ha um inspector que faz as suas vezes. Quer fallar-lhe? é negocio urgente?

—É, disse Mario.

O continuo conduziu-o ao gabinete do commissario. Um homem de alta estatura alli se achava de pé, do lado de dentro de uma grade, junto de um fogão e tendo nas mãos as abas do seu comprido capote de tres gollas. O seu rosto era quadrado, tinha labios delgados e cheios de firmeza, bastas suissas duras como cerdas, e um olhar que parecia esquadrinhar as cousas mais occultas. Poderia dizer-se que o seu olhar antes devassava do que via.

Este homem não tinha parecer menos feroz nem menos temivel do que Jondrette; o molosso ás vezes causa tanto susto a quem o encontra como o proprio lobo.

—O que quer? disse para Mario, sem trata-lo por senhor.

—O senr. commissario de policia?

—Sahiú. Eu faço as suas vezes.

—É para negocio de segredo.

—Pode fallar.

—E' muito urgente.

—Então falle depressa.

Este homem, calmo e rispido, era a um tempo temivel e tranquilizador. Inspirava medo e confiança. Mario contou-lhe a aventura. Disse-lhe que uma pessoa, a quem apenas conhecia de vista, devia cahir aquella tarde n'uma cilada; que, morando n'um quarto contiguo ao covil, elle, Mario Pontmercy, advogado, ouvira tramar-se o crime applicando o ouvido ao tabique; que o malfeitor, que engenhara a emboscada, chamava-se Jondrette; que teria cúmplices, provavelmente vagabundos das barreiras, entre outros um tal Panchaud, chamado tambem Printanier e Bigrenaille; que as filhas de Jondrette ficariam de vigia; que não havia meio algum de prevenir o homem ameaçado, porquanto nem ao menos lhe sabia o nome; e que enfim tudo isto devia executar-se ás seis horas da tarde no sitio mais deserto do *boulevard* do Hospital, na casa n. 50—52.

Ouvindo este numero, o inspector levantou a cabeça, e disse friamente:

—Então é no quarto do fundo do corredor?

—Justamente, tornou Mario.

E accrescentou:

—Então o senhor conhece essa casa?

O inspector ficou um momento silencioso, e depois respondeu aquecendo a sola da bota no fogão:

—É provavel.

E continuou por entre dentes, fallando antes com os seus botões do que com Mario:

—É impossivel que *Patron-Minette* não tenha parte nesta salsada.

Esta palavra despertou a memoria de Mario.

—*Patron-Minetre?* disse. Comeffeito, ouvi pronunciar este nome.

E referiu ao inspector o dialogo dos dous homens que conversavam sentados na neve, atrás do muro da rua do Petit-Banquier.

O inspector resmoncou :

—O cabelludo deve ser Brujon, e o barbudo é certamente Demi-Liard, chamado tambem Deux Millions.

Tornára a abaixar as palpebras e meditava.

—Quanto ao pae Cousa, desconfio quem seja. Bem, lá queimei o meu capote. Pois se poem tanta lenha nestes malditos fogões ! Numero 50—52. Antiga propriedade de Gorbeau.

Depois olhou para Mario :

—E viu o barbudo e o cabelludo ?

—E tambem Panchaud.

—E não teria avistado a passeiar por esses lados um certo peralta do diabo ?

—Não.

—Nem um bruto carnudo que parece a copia fiel do elephante do Jardim das Plantas ?

—Não.

—Nem um certo finorio que tem ar de padre-mestre jubilado ?

—Não.

—Quanto ao quarto, ninguem o vê nunca, nem mesmo os seus ajudantes, caixeiros e empregados. Assim, não admira que o não tivesse visto.

—Não vi, não. O que veem a ser todos esses homens ? disse Mario.

O inspector continuou :

—Demais, não é a esta hora que elles gostam de passeiar ?

Tornou a guardar silencio por alguns instantes e proseguiu:

—50—52. Conheço perfeitamente essa barraca. É impossivel escondermo-nos no interior sem que os artistas o percebam, e então só teriam o trabalho de transferir a representação do *vaudeville*. São tam modestos ! A presença do publico os encheria de acanhamento. Nada, nada. Quero ouvi-los cantar e fazê-los dansar.

Terminado este monologo, perguntou-lhe encarando-o fixamente:

—E elles não lhe mettem medo ?

—Elles, quem ! disse Mario.

—Esses homens.

—Tenho tanto medo delles como de você ! retor-

quiu rispivamente Mario, que começava a notar que aquelle beleguim não o tratava por senhor.

O inspector olhou ainda mais fixamente para Mario e respondeu com certa gravidade sentenciosa:

—Pelas suas palavras vejo que é um homem animoso e honrado. A coragem não teme o crime, nem a honradez teme a autoridade.

Mario interrompeu-o:

—Está bem, mas o que pretende fazer?

O inspector limitou-se a responder-lhe:

—Os moradores dessa casa teem todos uma chave de trinco para quando se recolhem tarde. Trouxe á sua?

—Trouxe, respondeu Mario.

—Pois dê-m'a.

Mario tirou a chave da algibeira do collete, entregou-a ao inspector, e accrescentou:

—Se quer aceitar o meu conselho, não deixe de vir com reforço.

O inspector fitou em Mario o mesmo olhar que Voltaire houvera fitado n'um academico de provincia que lhe propuzesse uma rhyma; metteu com um só movimento as duas mãos, que eram enormes, nos dous immensos bolsos e sacou duas pistolinhas de aço. Entregou-as a Mario, dizendo com vivacidade e em tom rispido:

—Tome isto. Volte para casa. Esconda-se no seu quarto de modo que o supponham ausente. Estão carregadas. Cada uma tem duas balas. Espie pela tal abertura de que acaba de fallar-me. Os marotos chegarão. Deixe-os adeantarem-se um pouco. Quando lhe parecer que a cousa se acha em bom ponto, e que é tempo de atalha-la, dê um tiro de pistola. Não se apresse. O resto pertence-me. Um tiro de pistola no ar, no tecto, não importa onde. Mas, cuidado! nada de precipitação. Espere que haja principio de execução; na sua qualidade de advogado deve saber o que isto é.

Mario tomou as duas pistolas e metteu-as no bolso do peito da casaca.

—Não, ahí não, logo se vê que ha alguma cousa no bolso, disse o inspector. Ponha-as nos das abas.

Mario seguiu o conselho.

—Agora, continuou o inspector, ninguém tem tempo a perder. Que horas são? Duas e meia. A coisa é às sete horas, não?

—Às seis, disse Mario.

—Tenho tempo, proseguiu o inspector: mas não devo remanchar. Não se esqueça do que eu disse. Pan! Um tiro de pistola.

—Esteja descansado, respondeu Mario.

E, quando este punha a mão no trinco da porta para sahir, o inspector gritou-lhe:

A proposito, se daqui até á tarde precisar de mim, venha ou mande a este mesmo lugar. Procure o inspector Javert.

JONDRETTE FAZ A SUA COMPRA.

Alguns instantes depois, perto das tres horas, Courfeyrac passava por acaso pela rua Mouffetard em companhia de Bossuet. A neve cahia com dobrada força e enchia o espaço. Bossuet preparava-se para dizer a Courfeyrac:

—Quem não imaginaria, vendo cahir estes frocos de neve, que ha no céu uma praga de borboletas brancas?

De repente avistou Mario que subia a rua em direcção á barreira com um ar particular.

—Olha! disse, alli vae Mario.

—Já o vi, respondeu Courfeyrac. Não lhe fallemos.

—Porque?

—Está occupado.

—Em que?

—Então não vês o seu ar?

—O que tem o seu ar?

—É o ar de uma pessoa que segue outra.

—Tens razão, disse Bossuet.

—Repara bem como elle vae olhando! continuou Courfeyrac.

—Mas quem diabo seguirá elle?

—De certo alguma delambida de touca enfeitada! o nosso Mario anda apaixonado.

—Porém, observou Bossuet, não vejo delambida nenhuma, nem touca, nem enfeites em toda a rua. Não ha sombra de mulher.

Courfeyrac olhou e exclamou:

—Vae seguindo um homem!

Na verdade, um homem de boné, e do qual se distinguia a barba grisalha posto que o vissem pelas costas, caminhava uns vinte passos adiante de Mario.

Trajava uma sobrecasaca nova, dimasiadamente grande para elle, e umas horriveis calças rotas e sujas de lama.

Bossuet soltou uma risada.

—Quem será aquelle homem?

—Aquillo? tornou Courfeyrac, é um poeta. Os poetas andam de ordinario com calças de vendedores de pelles de coelho e sobrecasacas de pares de França.

—Vejamos aonde vae Mario, disse Bossuet; vejamos aonde vae aquelle homem; sigamos-los, heim?

—Bossuet! exclamou Courfeyrac, aguia de Meaux! tu és um bruto dos quatro costados. Seguir um homem que segue outro!

Retrocedêram.

Mario comeffeito vira Jondrette passar pela rua Mouffetard, e espiava-o.

Jondrette ia andando adiante d'elle sem desconfiar que alguém lhe seguia os passos.

Sahiu da rua Mouffetard, e Mario o viu entrar em uma das mais horriveis casinholas da rua Graciosa, onde se demorou quasi um quarto de hora, depois voltou á rua Mouffetard. Ao passar por uma loja de ferragens que naquella época existia na esquina da rua Pedro Lombardo, entrou, e, minutos depois, Mario o viu sahir trazendo na mão uma tenaz grande com cabo de páu que escondeu por baixo da sobrecasaca. Já perto da rua do Petit-Gentilly tomou á esquerda e entrou apressadamente na rua do Petit-Banquier. O dia declinava, a neve, que cessára um momento, recommçava a cahir; Mario escondeu-se mesmo no canto da rua do Petit-Banquier que estava deserta, como sempre, e não seguiu Jondrette. Foi o que lhe

valeu, porquanto tendo chegado ao muro baixo por detrás do qual conversavam havia pouco o homem cabelludo e o barbudo, Jondrette voltou-se, certificou-se de que ninguem o seguia nem o via, depois saltou para dentro do terreno e desapareceu.

Este terreno communicava com o quintal de um antigo alugador de carros, homem de pessima reputação, que quebrára e ainda tinha algumas seges velhas guardadas debaixo de telheiros.

Mario lembrou-se que seria prudente aproveitar a ausencia de Jondrette para recolher-se; demais, passava-se o tempo; todas as tardes a mãe Burgon, quando ia á cidade lavar a louça, costumava fechar a porta da casa, de modo que esta nunca estava aberta depois do sol posto; Mario tinha dado a sua chave ao inspector de policia; importava-lhe pois apressar-se.

Era quasi noite fechada, em todo o horizonte e na immensidade apenas se via um unico ponto illuminado; a lua vinha surgindo.

O seu disco, rubro como fogo, começava a apparecer por detrás do zimbório baixo da Salpêtrière.

Mario, caminhando apressadamente, chegou ao n. 50-52. A porta ainda estava aberta. Subiu a escada nas pontas dos pés e dirigiu-se furtivamente para o seu quarto, cosendo-se bem com a parede. O corredor, lembrado estará o leitor, tinha de ambos os lados uma enfiada de cubiculos, que estavam então sem moradores. A mãe Burgon deixava-os de ordinario abertos. Ao passar por uma daquellas portas, Mario suppôz avistar dentro do quarto vazio quatro cabeças de homens immoveis, allumiadas por um frouro raio de luz crepuscular que entrava por uma trapeira.

Mario, que não queria ser visto, não buscou espia-los. Conseguiu entrar no seu quarto sem ser notado e sem fazer a menor bulha. Era tempo. Dahi a um instante ouviu a mãe Burgon sair e fechar a porta da casa.

XVI

O LEITOR OUVIRÁ A CANTIGA ADAPTADA A UMA MUSICA INGLEZA, QUE ESTEVE EM VOGA EM 1832.

Mario sentou-se na cama. Eram pouco mais ou menos cinco horas e meia. Meia hora apenas o separava do que ia passar-se. Ouvia as suas arterias baterem como se ouve o tic-tac de um relógio no escuro. Pensava na dupla marcha que naquella instante se executava nas trevas, o crime avançando de um lado e a justiça sahindo-lhe ao encontro. Mario não tinha medo, mas não podia pensar sem estremecer nas cousas que iam passar-se. Como a todos que se acham de subito mettidos n'uma aventura, aquelle dia inteiro se lhe afigurava um sonho, e só se certificava de que não era presa de um pezadelo sentindo a frialdade das duas pistolas de aço que tinha nos bolsos.

Já não nevava; a lua, cada vez mais clara, sahia d'entre o nevociro, e o seu clarão ajuntando-se á alva reverberação da neve, que cahira, dava ao quarto um aspecto crepuscular.

Havia luz no cochicholo de Jondrette. Mario via brilhar na fenda do tabique um clarão avermelhado que lhe parecia sinistro.

Era visível que aquelle clarão não podia provir de uma vela. De resto, nenhum movimento no quarto dos Jondrettes, ninguém alli se mexia, nem fallava, nem respirava; reinava um silencio profundo e glacial, e se não fosse aquella luz, Mario bem poderia crer que se achava ao lado de um sepulcro.

Tirou devagarinho as botas, e metteu-as debaixo da cama.

Passáram-se alguns minutos. Mario ouviu a porta da rua ranger nos gonzos, depois um passo pesado e rapido soou na escada e percorreu o corredor, o trinco da poeilga levantou-se com arruido; era Jondrette que entrava.

Ouviram-se para logo diversas vozes. Toda a familia estava no covil. Conservára-se calada na ausencia do chefe como os lobozinhos na ausencia do pae.

—Sou eu, disse elle.

—Boas tardes, papae, ganiram as filhas.

—Então? disse a mãe.

—Tudo vae ás mil maravilhas, respondeu Jondrette, mas sinto nos pés um frio de todos os diabos. Bom, perfeitamente bem! vestiste-te. Assim mesmo é que deve ser, pois cumpre que inspire confiança.

—Estou prompta para sahir.

—Não esqueças o que te disse! sahir-te-has bem de tudo?

—Não te dê enidado.

—É que.... disse Jondrette. E não concluiu a sua phrase.

Mario ouviu-o pôr o que quer que fosse pesado em cima da mesa, provavelmente a tenaz que havia comprado.

—Digam-me cá, proseguiu Jondrette, vocês já comêram?

—Já, respondeu a mulher, tocáram-se tres batatas das grandes e um bocadinho de sal. Aproveitei o fogo para assa-las.

—Bem, tornou Jondrette, amanha iremos jantar a uma casa de pasto. Haverá um pato e mais accesorios. Hei de regala-las com um jantar digno de Carlos X; tudo vae ás mil maravilhas!

Depois accrescentou abaixando a voz:

—A ratocira está armada. Os gatos já se acham ahi.

Abaixou ainda mais a voz, e disse:

—Põe isto ao fogo.

Mario ouviu uma bulha de carvões tocados com uma pinça ou com qualquer outro instrumento de ferro, e Jondrette continuou:

—Azeitaste as dobradiças da porta para que não façam bulha?

—Foi a primeira cousa que fiz, respondeu a mulher.

—Que horas são.

—Quasi seis. Já deram cinco e meia na igreja de San Medrado.

—Com os diabos! disse Jondrette, é tempo de mandar as pequenas expreitar. Venham cá, meninas, ouçam bem.

Mario ouviu-o fallar em segredo.

Depois tornou a levantar a voz.

—A Burgon já sahiu?

—Já, respondeu a mulher.

—E estás certa que não ha ninguem no quarto do vizinho?

—Elle passou todo o dia fóra, e bem sabes que é a esta hora que costuma ir jantar.

—Estás certa?

—Certissima.

—Não importa, tornou Jondrette, sempre é bom ver se comeffeito não se recolheu. Menina, toma esta vela e vae ver.

Mario pôz-se devagarinho de gatinhas e entrou para baixo da cama.

Apenas alli se achava escondido, avistou a luz da vela pelas fendas da porta.

—Papae, gritou uma voz, não está cá ninguem.

Mario reconheceu a voz da Jondrette mais velha.

—Entraste no quarto? perguntou o pae.

—Não, respondeu a filha, mas como a chave está na porta, é signal que elle sahiu.

O pae gritou:

—Entra sempre.

A porta abriu-se; e Mario viu a Jondrette entrar, com uma vela na mão. Tinha o mesmo aspecto que lhe notára de manhan, mas agora parecia ainda mais horrivel á luz da vela.

Dirigiu-se para a cama; Mario teve um momento de inexprimível anxiedade; perto da cama havia um espelho pregado na parede, era para esse espelho que ella se encaminhava. Ergueu-se nas pontas dos pés e pôz-se a mirar. Ouvia-se uma bulha de ferros no quarto vizinho.

Alisou os cabellos com a palma da mão, e entrou a sorrir-se para o espelho, cantarolando com a sua voz cansada e sepulcral:

Nosso amor só durou uma semana,
Ai! quam breve que foi nosso prazer!
Oito dias... oh! sorte deshumana!
Todo o amor devêra eterno ser!
Devêra eterno ser! devêra eterno ser!

Entrementes Mario tremia. Parecia-lhe impossível que ella não ouvisse a sua respiração.

A rapariga dirigiu-se para a janella e olhou para fóra fallando alto, com o ar estonteado que lhe era habitual.

—Como Pariz fica feia quando veste esta camisa lavada! disse ella.

Depois voltou para defronte do espelho e continuou a fazer tregeitos, contemplando-se successivamente de frente e de perfil.

—Então! gritou o pae, ficaste lá?

—Estou espiando por baixo da cama e das cadeiras, respondeu ella continuando a compôr os cabellos; não vejo ninguém.

—Pois então, safa-te! bradou o pae. Aqui quanto antes! nada de perder tempo.

—Já lá vou! lá vou! disse a rapariga. Tambem naquella maldito cochicholo sempre a gente anda ás carreiras!

Cantarolou:

Tu me deixas, de gloria ambicioso,
Porém minh'alma segue os passos teus.

Lançou um ultimo olhar para o espelho e sahiu puxando a porta, que ficou encostada como estava.

Instantes depois Mario ouviu no corredor a bulha dos pés descalços das duas raparigas e a voz de Jondrette que lhes gritava:

—Olhem lá ! uma de vocês ficará do lado da barreira, a outra na esquina da rua do Petit Banquier. Não me tirem os olhos da porta da casa, e assim que avistarem qualquer cousa, toca para aqui ! a galope ! Já lhes dei a chave do trinco.

A filha mais velha resmungou:

—Ficar a gente de plantão na neve com os pés descalços !

—Amanhan terão botinas de seda côr de pinhão ! disse o pae.

As raparigas descêram a escada, e, alguns segundos depois, a bulha que fazia a porta da rua tornando a fechar-se annunciou que ellas haviam sahido.

Já não se achavam na casa senão Mario e os dous Jondrettes, e provavelmente tambem os entes mysteriosos que elle lobrigara no escuro atrás da porta do quarto vazio.

XVII

EM QUE FOI EMPREGADA A MOEDA DE CINCO FRANÇOS DE MARIO.

Mario achou que era chegado o momento de postar-se no seu observatorio. Em um abrir e fechar de olhos, e com a ligeireza propria da sua idade, achou-se junto da fenda do tabique.

Espiou.

O quarto de Jondrette apresentava um aspecto singular, e Mario viu então de que provinha o clarão avermelhado que notára. Havia uma vela acesa em um castiçal cuberto de azinhavre, mas não era a sua luz que allumiava realmente o quarto. Todo elle se achava como que illuminado por um grande fogareiro de lata collocado na chaminé e cheio de carvão em brasa. Era o mesmo que Jondrette estivera preparando de manhan. Linguas de chammas azuladas ondeavam naquella fogareiro que já estava vermelho, e allumiavam a tenaz comprada por Jondrette na rua Pedro Lombardo, e que estava mettida nas brasas. Via-se n'um canto perto da porta, e como que alli postos para um fim previsto, dous montes, um que parecia ser formado de instrumentos de ferro, e o outro de cordas. Tu-

do aquillo, para quem não tivesse noticia do crime que ia perpetrar-se, houvera deixado o espirito perplexo entre uma idéa sinistrissima e outra simplicissima. A pocilga assim allumiada mais parecia uma ferraria do que uma avenida do inferno; mas Jondrette, visto áquella luz, tinha o aspecto de um demonio que não de um ferreiro.

O calor do brazeiro era tal que a vela posta em cima da mesa derretia-se do lado da chaminé, e já havia perdido a sua fôrma cylindrica. Uma velha lanterna de furta-fogo, digna de Diogenes transformado em Cartouche, estava sobre a chaminé.

O fogareiro, posto ao lado de uns tições quasi gastos, ficava justamente por baixo do cano do fogão, de modo que a fumaça do carvão subia e não se sentia cheiro algum.

A lua, entrando pelos quatro vidros da janella, ajuntava a sua alva luz ao clarão avermelhado da pocilga; e para o poetico espirito de Mario, meditativo mesmo no momento da acção, afigurava-se-lhe aquillo como um pensamento do céu unido aos monstruosos planos da terra.

O ar que penetrava pelo vidro quebrado contribuia para dissipar o cheiro do carvão e dissimular o fogareiro.

O covil dos Jondrettes (se o leitor ainda se lembra do que dissemos a respeito do pardieiro Gorbeau) era admiravelmente situado para servir de theatro a uma acção nefaria e de recesso a um crime. Era o quarto mais retirado da casa, a qual ficava de todo isolada naquella *boulevard*, o mais deserto de Pariz. Se a emboscada fosse cousa desconhecida na terra, alli seria inventada.

Uma infinidade de quartos vazios interpunha-se entre aquelle covil e o *boulevard*, e a unica janella que nelle havia dava para terrenos vazios, fechados com muros e cercas vivas.

Jondrette acendêra o cachimbo, sentara-se na cadeira desempalhada e fumava. A mulher fallava-lhe em voz baixa.

Se Mario fosse Courfeyrac, isto é, um desses homens que se riem em todas as occasiões da vida, teria soltado gargalhadas apenas olhasse para a Jondrette.

Estava ella com um chapéu preto de plumas bem semelhante aos dos arautos que figuraram na sagração de Carlos X, um grande chale de listras por cima da saia de ponto de meia, e tinha nos pés os sapatos que a filha desdenhára de manhan. Fôra á vista deste soberbo traje que Jondrette exclamára: *Bem, vestiste-te perfeitamente bem! Assim mesmo é que deve ser, pois cumpre que inspires confiança!*

Quanto a Jondrette, esse não largára o sobretudo novo e demasiadamente largo, que o senr. Lebianc lhe havia dado, e o seu traje continuava a apresentar o contraste da sobrecasaca e das calças, que aos olhos de Courfeyrac constituia o ideal do poeta.

De repente Jondrette levantou a voz:

—Ah! agora me lembro. Com o frio que está fazendo elle ha de vir de sege. Acende a lanterna e vae lá para baixo. Deixa-te ficar junto da porta. Quando ouvires a sege parar, abre logo, elle subirá, allumia-o na escada e no corredor, e assim que aqui entrar voltarás em um apice á porta da rua, pagarás o boleeiro e o mandarás embora.

—E o dinheiro? perguntou a mulher.

Jondrette saccou do bolso das calças uma moeda de cinco francos e deu-a á virago.

—O que vem a ser isto? exclamou ella.

Jondrette respondeu com dignidade.

—É o *monarcha*, que o vizinho deu esta manhan. E accrescentou:

—Sabe que mais? precisava de duas cadeiras.

—Para que?

—Para nos sentarmos.

Mario sentiu um calafrio por todo o corpo ouvindo a Jondrette responder com a maior placidez:

—Ah? sim. Pois vou buscar as do vizinho.

E com um movimento rapido abriu a porta da poeilga e achou-se no corredor.

Mario não tinha materialmente tempo de descer da commoda e de esconder-se debaixo da cama.

—Leva a vela, gritou Jondrette.

—Não, disse a mulher, estorvar-me-hia, tenho de trazer as duas cadeiras. Basta-me a claridade da lua.

Mario ouviu a mão enorme de Jondrette procurar ás apalpadelas a chave da porta no escuro. Depois em-

purrou-a. O susto e o espanto fizeram-n'o ficar immovel no seu lugar.

A Jondrette entrou.

A trapeira deixava penetrar no quarto um raio de lua por entre dous grandes pannos de sombra. Um destes pannos cobria inteiramente a parede junto da qual se achava Mario, de modo que o moço alli ficava invisivel.

—A Jondrette levantou os olhos, não o viu, tomou as duas cadeiras, as unicas que Mario possuia e sahio, batendo estrepitosamente com a porta.

Tornou a entrar na pocilga:

—Aqui estão as cadeiras.

—E aqui está a lanterna. Desce quanto antes.

Ella deu-se pressa em obedecer, e Jondrette ficou só.

Pôz uma cadeira de cada lado da mesa, voltou a tenaz no brazeiro, tapou a chaminé com um biombo velho, escondendo assim o fogareiro, depois dirigiu-se para o canto onde estava o monte de cordas e abaixou-se como que examinando alguma cousa. Mario viu então que aquillo que lhe parecêra um monte informe era uma escada de corda muito bem feita, com degraus de pau e armada de dous ganchos para segura-la.

Esta escada e algumas ferramentas grandes, verdadeiras maças de ferro, que se achavam no monte de ferragens, não estavam de manhan no covil de Jondrette, e tinham sido indubitavelmente trazidas para alli depois do meio dia, durante a ausencia de Mario.

—São ferramentas de serralheiro, disse o moço comsigo mesmo.

Se Mario não fosse um profano naquella arte, heu-vera reconhecido, no que tomava por ferramentas de serralheiro, certos instrumentos proprios para abrir uma fechadura ou arrombar uma porta, e outros cortantes e perfurantes, dous generos de ferramentas sinistras que têm nomes especiaes no vocabulario dos ladrões.

A chaminé e a mesa com as duas cadeiras ficavam justamente defronte de Mario. O fogareiro escondido como estava já não allumiava o quarto, que ape-

nas era aclarado pela vela; o menor objecto em cima da mesa ou da chaminé projectava uma grande sombra. Uma bilha de agua desguetada cobria metade de uma parede. Reinava naquelle recinto serenidade hedionda e ameaçadora. Sentia-se alli a expectação do que quer que fosse horroroso.

Jondrette deixára o cachimbo apagar-se, grave signal de preocupação e tornára a sentar-se. A luz da vela punha-lhe bem patente os feros e astutos traços do semblante. Elle franzia os sobr'olhos e abria de espaço a espaço, e com rapido movimento, a mão direita, como se respondesse aos ultimos conselhos de um tenebroso monologo interior. Em uma destas obscuras replicas que dava a si mesmo, puxou arrebatadamente a gaveta da mesa, pegou n'uma grande faca de cozinha que alli estava e experimentou o corte na unha. Feito isto, tornou a pôr a faca na gaveta e fechou-a.

Mario, por seu turno, sacou a pistola que estava no bolso do lado direito, e engatilhou-a.

A pistola, ao engatilhar-se, deu um estalo.

Jondrette estremeceu e soergueu-se da cadeira,

—Quem está ahí? bradou.

Mario conteve a respiração. Jondrette applicou um instante o ouvido, depois entrou a rir-se dizendo:

—Pateta que sou! Foi o tabique que estalou.

Mario ficou com a pistola na mão.

XVIII

AS DUAS CADEIRAS DE MARIO DEFRONTE UMA DA OUTRA.

De repente ouviu-se ao longe a vibração melancólica de um sino. Davam seis horas na igreja de San'Medardo. Jondrette acompanhou cada pancada com um movimento de cabeça. À sexta, espevitou a vela com os dedos.

Depois entrou a passear no quarto, parou para ver se percebia bulha no corredor, pôz-se de novo a passear, e tornou a parar, applicando o ouvido.—Se elle não vem, transtorna-se-me a egrejinha! murmurou, e voltou para a cadeira.

Mal acabava de sentar-se, quando se abriu a porta.

A Jondrette levantára o trinco e ficava no corredor fazendo horriveis tregeitos de amabilidade que um dos buracos da lanterna allumiava.

—Queira entrar, meu senhor, disse ella.

—Tenba a bondade de entrar, meu bemfeitor, repetiu Jondrette, erguendo-se precipitadamente.

O senr. Leblanc appareceu.

Tinha um parecer tranquillo, que o tornava singularmente veneravel.

Pôz quatro luizes em cima da mesa.

—Senr. Fabantou, disse, aqui tem para o aluguel e

para as suas mais urgentes necessidades. Depois veremos.

—Deus lhe pague, meu generoso bemfeitor! disse Jondrette, e approximando-se rapidamente da mulher:

—Manda embora a sege.

Esgueirou-se esta enquanto o marido se desfazia em cumprimentos e offerecia uma cadeira ao senr. Leblanc. Dahi a um instante achava-se de volta e dizia-lhe baixinho ao ouvido:

—Prompto.

A neve, que não cessára de cahir toda a manhan, cobrira a rua de uma camada tam compacta, que não se ouvira chegar a sege, assim como se não ouviu a menor bulha quando ella se retirou.

No entrementes o senr. Leblanc sentára-se.

Agora, para que o leitor forme uma idéa da scena que vae passar-se, imagine a noite frigidissima, as solidões da Salpêtrière cubertas de neve, e alvejando ao luar como immensas mortalhas, a frouxa luz dos lampões lançando aqui e acolá rubros reflexos naquelles *boulevards* tragicos e nos compridos e sombrios renques de olmos,—nem um só viandante talvez a um quarto de legua em deredor,—o pardieiro Gorbeau no seu ponto mais culminante de silencio, de horror e de escuridão,—no meio daquelle ermo, no meio daquelle escuridão, o vasto covil de Jondrette allumiado por uma vela, e neste covil dous homens sentados a uma mesa, o senr. Leblanc tranquillo, Jondrette sorrindo-se e horrendo, a Jondrette, a loba, a um canto, e do outro lado do tabique, Mario, invisivel, de pé, não perdendo a menor palavra, o menor movimento, alerta, com a pistola em punho.

Mario, porém, apenas sentia horror, e nenhum medo tinha. Apertava a coronha da pistola, e a confiança cada vez mais se lhe augmentava.—Eu atalharei este miseravel quando quizer, dizia comsigo mesmo.

Sabia que a policia se achava em alguma parte d'alcatêa aguardando o signal convencionado e prompta para estender o braço.

De resto, esperava que daquelle encontro de Jondrette e do senr. Leblanc surgisse alguma luz que illuminasse tudo quanto elle proprio, Mario, desejava ver esclarecido.

XIX

PREOCCUPAÇÃO QUE CAUSAM OS RECANTOS ESCUROS.

Assim que se sentou, o senr. Leblanc olhou para as duas camas que estavam vazias.

—Como vae a pobre menina que se feriu? perguntou.

—Muito mal, respondeu Jondrette com um sorriso repassado de tristeza e de gratidão, pessimamente, meu digno senhor. A irman levou-a á Bourbe para lhe pensarem a mão. V. s. as verá, não podem tardar.

—A senr.^a Fabantou já está melhor, sem duvida? tornou o senr. Leblanc, olhando para o estranho trajo da Jondrette, a qual, em pé entre elle e a porta, como se já lhe embargasse o passo, o encarava n'uma attitude de ameaça e quasi de combate.

—Qual! nem eu mesmo sei como ella se póde ter de pé, tornou Jondrette. Mas o que quer v. s.? minha mulher é forte como as armas! Isto não é mulher, senhor, é um boi.

A Jondrette, desvanecida com este elogio, voltou com requebros de monstro affagado:

—Você é muito bom para comigo, senr. Jondrette!

—Jondrette? disse o senr. Leblanc, eu acreditava que o senhor se chamava Fabantou...?

—Fabantou, por alcunha Jondrette! tornou vivamente o marido. Appellido de artista!

E, fazendo para a mulher um tregeito com os hombros que o senr. Leblanc não viu, proseguiu em tom emphatico e enternecido:

—Ah! temos vivido sempre muito unidinhos, a minha querida companheira e eu! O que seria de nós, se não nos alentasse este mutuo amor! Somos tam desgraçados, meu respeitavel senhor! A gente tem braços, e nada de trabalho! Tem resolução, e é obrigado a estar occioso! Não sei como é que o governo arranja estas cousas; mas, palavra de honra, senhor, eu não sou jacobino, não sou *bousingot*; se fosse ministro, pôde crer-me cegamente, tudo iria muito melhor. Veja só. Por exemplo, quiz que minhas filhas aprendessem a fazer caixinhas de papelão. V. s. me dirá: Como! um officio? Sim! um officio! um simples officio! para terem pão! Que baixa, meu bemfeitor! Que humilhação para quem foi o que nós eramos! Ah! nada nos resta do nosso tempo de prosperidade! Nada, senão uma unica cousa, um quadro que muito estimo, mas do qual, apesar dos pesares, me desfaria, para termos com que passar! *item*, para termos com que passar!

Emquanto Jondrette fallava, com uma especie de desconnexão apparente que de fórma alguma lhe diminuia a expressão reflectida e sagaz da physionomia, Mario levantou os olhos, e avistou no fundo do quarto um individuo cuja presença ainda não havia notado.

Um homem acabava de entrar, tam devagarinho que se não ouvira o rangido das dobradiças da porta. Trajava collete de lan violeta, velho, manchado, roto e com aberturas em todas as dobras, largas calças de velludo de algodão; tinha sapatos atamancados nos pés; não trazia camisa, e o pescoço e os braços cubertos de signaes estavam nas; o rosto era pintado de preto. Sentou-se em silencio e com os braços cruzados na cama mais proxima, e como ficava atrás de Jondrette, a custo se podia distingui-lo.

Essa especie de instincto magnetico que solicita o olhar fez que o senr. Leblanc se voltasse quasi ao mesmo tempo que Mario. Não pôde conter um movimento de sorpresa, que Jondrette percebeu:

—Ah ! exclamou Jondrette com ar satisfeito, v. s. está vendo que tal me fica a sobrecasaca que me deu ? Assenta-me perfeitamente ! palavra, assenta-me perfeitamente !

—Quem é aquelle homem ? disse o senr. Leblanc.

—E vizinho, tornou Jondrette. Não faça caso d'elle.

O vizinho tinha um aspecto singular ! Todavia as fabricas de productos chimicos abundam no arrabalde de San'Marçal. Muitos trabalhadores desses estabelecimentos costumam andar com a cara suja de carvão. Como quer que fosse, toda a pessoa do senr. Leblanc respirava uma confiança candida e intrepida. Continuou:

—Bem; o que é mesmo que o senhor me dizia ?

—Dizia-lhe, meu respeitavel e querido protector, tornou Jondrette, firmando os cotovellos na mesa e contemplando o senr. Leblanc com os olhos fixos e meigos, bem semelhantes aos da serpente *giboia*, dizia que desejava vender-lhe um quadro.

Ouvio-se uma leve bulha na porta. Outro homem acabava de entrar e de sentar-se na cama por detrás da Jondrette. Bem como o primeiro, trazia os braços nus e o rosto pintado de tinta ou de ferrugem de chaminé.

Apezar d'este homem ter entrado sem fazer arruido o senr. Leblanc não deixou de nota-lo.

—Não lhes dê attenção disse Jondrette. São meus vizinhos, moram mesmo nesta casa. Como dizia a v. s. , não me resta senão um quadro precioso . . . Olhe, senhor, veja.

Levantou-se, encaminhou-se para a parede onde estava encostado o caixilho de que já acima fallamos, e voltou-o sem desencosta-lo. Era comeffeito uma cousa que se parecia com um quadro e a que a vela dava uma tal ou qual claridade. Mario nada podia distinguir, porquanto Jondrette collocara-se deante da pintura; lobrigava, porém, umas côres grosseiras e uma especie de personagem principal pintado com essas tintas vivissimas que se notam nos paineis das barracas de feiras e nos biombos.

—O que vem a ser isto ? perguntou o senr. Leblanc. Jondrette exclamou:

—Uma pintura de mestre, um quadro de subido

preço, meu bemfeitor! estimo-o tanto como as minhas duas filhas, porque prendem-se a elle recordações bem doces para mim! porém eu já disse a v. s., e não me desdigo, vejo-me em tam deploravel estado que o venderia....

Ou fosse por acaso, ou porque começasse a inquietar-se, o senr. Leblanc, examinando o quadro, tornou a olhar para o fundo do quarto. Agora achavam-se alli quatro homens, tres sentados na cama, um de pé junto da hobreira da porta, todos quatro com os braços nus, immoveis, e o rosto pintado de preto. Um dosque estavam na cama encostara-se á parede, e tinha os olhos fechados, como se houvesse adormecido. Este era velho; os cabellos brancos e ingindo-lhe o rostopintado de preto eram horriveis. Os seus dous companheiros pareciam moços, um era barbado, e o outro cabelludo. Nenhum tinha sapatos; os que não estavam descalços, traziam apenas tamancos.

Jondrette notou que o senr. Leblanc não cessava de olhar para aquelles homens.

—São amigos. Visinhos da mesma casa, disse-lhe. Estão assim com a cara suja porque trabalham com carvão. São foguistas. Não se importe com elles, meu bemfeitor, mas compre-me o quadro. Compadeça-se da minha miseria. Vender-lh'o-hei baratinho. Quanto lhe parece que vale?

—Homem, tornou o senr. Leblanc, encarando fixamente Jondrette, e como quem se premune contra um ataque, isto é alguma taboleta de taverna e vale tres francos, quando muito.

Jondrette respondeu com brandura:

—O senhor trouxe a sua carteira? eu me contentaria com mil escudos.

O senr. Leblanc levantou-se precipitadamente, encostou-se á parede e lançou um rapido olhar pelo quarto. Jondrette ficava-lhe á esquerda, do lado da janella, e a mulher e os quatro homens á direita, do lado da porta. Os quatro homens não se mexiam e até não pareciam vê-lo; Jondrette continuára com as suas lamentações, e tinha os olhos tam desvairados e exprimia-se em um tom por tal modo triste, que o senr. Leblanc bem podia crer que o homem que assim lhe fallava era simplesmente um desgraçado, cuja razão se desvairava na luta com a miseria.

—Se v. s. não me compra o quadro, meu querido bemfeitor, dizia Jondrette, achar-me-hei sem recurso algum, só me restará ir deitar-me a afogar. Quando me lembro que quiz mandar minhas duas filhas aprenderem a fazer caixinhas entrefinas, dessas caixinhas que servem para presentes de festa ! Mas qual ! era preciso ter uma mesa tapada no fundo para que os vidros não caiam ao chão, um forno feito de proposito, uma panella com tres compartimentos para os diferentes grãos de força que deve ter a colla, pois ha colla para páu, colla para papel, colla para panno, um trinchete para cortar o papelão, uma fôrma para molda-lo, um martello para pregar os fechos, pinceis, que sei eu ! o diabo a quatro ! e tudo isto para ganhar quatro soldos por dia ! e trabalha-se quatorze horas ! e cada caixinha passa treze vezes pelas mãos da obreira ! e molhar o papel ! e o enidado para que nada se suje ! e a colla que deve estar sempre quente ! uma infinidade de massadas de todos os diabos ! creia-me ! e tudo por quatro soldos ! como quer o senhor que a gente viva ?

Assim fallando, Jondrette não olhava para o senr. Leblanc que o observava. Os olhos do senr. Leblanc estavam pregados em Jondrette, e os deste na porta. Mario, no auge da anxiedade, considerava-os alternadamente. O senr. Leblanc parecia perguntar a si mesmo: Será um idiota ? Jondrette repetiu duas ou tres vezes, com voz cada vez mais humilde e supplice: Só me resta ir deitar-me a afogar ! aqui ha dias cheguei a descer tres degraus da ponte de Austerlitz para lançar-me ao rio !

De repente os olhos empanados scintillaram-lhe he-diondamente, aquelle homunculo empertigou-se e tornou-se horrivel, deu um passo para o senr. Leblanc e bradou com voz de trovão:

—Não é disto que se trata ! conhece-me ?

XX

A EMBOSCADA.

A porta do quarto abrira-se de subito e tres homens vestidos de blusa azul, com mascaras de papel preto, appareceram no limiar. O primeiro era magro e trazia um cacete de ponteira de ferro; o segundo, que era uma especie de colosso, empunhava pelo meio do cabo e com o córte voltado para baixo, um machado como esses que servem para matar bois. O terceiro, homem de hombros largos, menos magro que o primeiro, menos corpulento que o segundo, tiuha na mão uma enorme chave, roubada sem duvida a alguma porta de prisão.

Parece que Jondrette só esperava a chegada destes homens. Travou-se um rapido dialogo entre elle e o sujeito que estava armado de cacete, o magro.

—Está tudo prompto? disse Jondrette.

—Tudo.

—Onde está Montparnasse!

—O nosso galan ficou conversando com tua filha.

—Qual dellas?

—A mais velha.

—Está alguma sege á porta?

—Está, sim.

—E já apromptaram o carrinho?

—Já.

—Com dous bons cavallos?

—Excellentes.

—Está onde eu disse que deveria esperar?

—Sim.

—Bem, disse Jondrette.

O senr. Leblanc estava muito pallido. Olhava para tudo que o rodeava naquella pocilga como um homem conscio do perigo em que cahiu, e sua fronte, voltando-se alternativamente para cada um dos individuos que o cercavam, movia-se lentamente com uma expressão de pasmo, sem que o seu ar manifestasse o menor temor. Fizera da mesa uma trincheira improvisada; e este homem, que, momentos antes, parecia um bom velho inoffensivo, tornara-se de subito uma especie de athleta, e firmava o punho formidavel no encosto da cadeira com um gesto tremebundo e insolito.

Este velho, tam firme e tam animoso na presença de um perigo tal, parecia uma dessas creaturas que são intrepidas como são boas, natural e simplesmente. O pae da mulher que amamos nunca é estranho para nós. Mario viu com sustentação a intrepidez daquelle desconhecido.

Tres dos homens que Jondrette chamára *foguistas* tinham tirado do monte de ferros, o primeiro uma grande tesoura de cortar metaes, o segundo uma enorme lima, o terceiro um martello, e haviam-se postado deante da porta sem pronunciar palavra. O velho ficára sentado na cama, e apenas abria os olhos. A Jondrette sentára-se ao lado delle.

Mario julgou que não tardaria a chegar o momento de intervir, e levantou a mão direita para o tecto, na direcção do corredor, prompto para descargar a pistola.

Terminado o seu colloquio com o homem do cace-te, Jondrette tornou a voltar-se para o senr. Leblanc, e repetiu a pergunta, rindo-se com o riso baixo, re-freado e terrivel que lhe era peculiar:

—Então não me conhece?

O senr. Leblanc encarou-o fixamente e respondeu:

—Não.

Jondrette chegou-se para a mesa. Encostou o rosto á vela, cruzando os braços, approximando a cara angulosa e feroz do rosto calmo do senr. Leblanc, e avançando o mais que podia sem que elle recuasse, e, nesta postura de fera que vae dar o bote, bradou:

—Não me chamo Fabantou, não me chamo Jondrette, o meu nome é Thénardier, sou o estalajadeiro de Montfermeil! ouve-me bem? Thénardier! conhece-me agora?

O rosto do senr. Leblanc cobriu-se de leve e fugitivo rubor, e elle respondeu, sem levantar a voz, sem que esta lhe tremesse, com a sua placidez ordinaria:

—Ainda menos.

Mario não ouviu esta resposta. Quem o houvesse visto naquelle momento no meio da escuridão, ter-se-hia admirado do seu ar desvairado, —parecia attonito e fulminado. No momento em que Jondrette dissera: *O meu nome é Thénardier*, Mario tremêra desde a cabeça até aos pés e encostara-se á parede como se sentisse uma espada traspassar-lhe o coração. Depois abaixára lentamente o braço que erguera para descarregar a pistola, e quando Jondrette repetira: *Ouve-me bem? Thénardier!* os dedos tremiam-lhe tanto que a arma quasi lhe cahiu da mão. Jondrette, revelando quem era, nenhum abalo causára ao senr. Leblanc, mas fizera Mario tocar o auge da estupefacção. Aquelle nome, que o senr. Leblanc não conhecia, conhecia-o Mario. Lembre-se o leitor do que era aquelle nome para elle! trouxera-o ao peito, em cima do coração, escripto no testamento de seu pae! trazia-o no pensamento, gravado na memoria, pois que incessantemente meditava nesta recommendação sagrada: «Um homem chamado Thénardier salvou-me a vida. Se meu filho algum dia o encontrar, faça-lhe todo o bem que puder.»

Aquelle nome, o leitor não o terá esquecido, ajuntava-o elle ao de seu pae, confundindo-os quasi no mesmo culto. Como! pois aquelle homem era Thénardier, o estalajadeiro de Montfermeil, que em vão e por tanto tempo procurara! Descobrira-o finalmente, mas como! o salvador de seu pae era um malfeditor! o homem por quem Mario desejava ardentemente sacrificar-se era um monstro! o salvador do coronel Pont-

mercy ia commetter um crime cuja natureza Mario ainda não podia precisar, mas que por sem duvida parecia um homicidio ! e quem era victima, grande Deus ! que fatalidade ! que horrivel brinco da sorte ! seu pae ordenava-lhe do fundo do tumulto que fizesse todo o bem possivel a Thénardier, havia quatro annos que Mario não cessava de pensar no modo de pagar aquella divida de seu pae, e no momento em que ia fazer a justiça, surprender um malfetor no meio do crime, o destino bradava-lhe: é Thenardier ! a vida de seu pae, salva debaixo da metralha no campo heroico de Waterloo, ia enfim paga-la áquelle homem, e pagala com o cadafalso ! a si mesmo promettêra que quando o encontrasse se lançaria aos seus pés, e encontrava-o comeffeito, mas para entrega-lo ao algoz ! seu pae dizia-lhe: Soccorre Thénardier ! e elle respondia a esta voz adorada e sancta esmagando Thénardier ! dar por espectaculo a seu pae dentro do tumulto o homem que o arrancára á morte com perigo da sua propria vida, executado na praça de Sanct'Iago por denuncia de seu filho Mario a quem havia legado aquelle homem ! e não seria uma verdadeira burla ter trazido tanto tempo em cima do coração as ultimas vontades de seu pae escriptas pelo proprio punho d'elle para fazer horripelmente o contrario ! mas por outro lado, deveria presenciar aquelle crime e não impedi-lo ! como ! condemnar a victima e poupar o assassino ! por ventura poderia haver gratidão para com um malvado de tal jaez ? todas as idéas que Mario alimentava havia quatro annos acharam-se naquelle instante profundamente abaladas. Tremia. Tudo dependia d'elle. Tinha em suas mãos, sem que elles o soubessem, aquelles entes que o enchiam de horror. Se disparasse a pistola, salvava o senr. Leblanc e perdia Thénardier; se não dêsse o tiro, o senr. Leblanc succumbiria, e quem sabe ? Thénardier escaparia. Precipitar um, ou deixar cahir o outro ! romorso de ambos os lados. O que faria ? que expediente tomaria ? faltar ás recordações as mais imperiosas, aos compromissos profundos contrahidos comsigo mesmo, ao dever o mais sancto, ao texto o mais venerado ! deixar de cumprir o testamento de seu pae, ou consentir que se consummasse um crime ! parecia-lhe ouvir de um lado a sua *Ursula* supplicar-

lhe que salvasse seu pae e do outro lado o coronel recommendar-lhe Thénardier. Sentia a sua razão desvairar-se. Os joelhos vergavam-se-lhe e nem ao menos tinha tempo de deliberar, pois a scena que presenciava precipitava-se com furia. Era como um furacão que julgara poder dominar e que o arrebatava. Chegou quasi a desmaiar.

Entretanto Thenardier;—daqui em diante não lhe daremos outro nome—, passeava de um para outro lado por junto da mesa com uma especie de desvario e de triumpho phrenetico.

Agarrrou no castiçal e pô-lo em cima do fogão, batendo com tanta força que a vela quasi se apagou e o sebo salpicou a parede.

Depois voltou-se para o senr. Leblanc, com ar medonho, e bradou:

—Cahistes no laço ! estás em meu poder ! agora ajustaremos as nossas contas !

E entrou de novo a passeiar no auge do furor.

—Ah ! exclamava, encontrei-o enfim, senr. philanthropo, senr. millionario esfarrapado, senr. dador de bonecas ! velho pateta ! ah ! não me conhece ! não, não foi você que esteve em Montfermeil, na minha estalagem, ha oito annos, na noite de natal de 1823 ! não foi você que tirou de minha casa a filha da Fantina ! a Calhandra ! não era você que estava com uma sobrecasaca amarella ! não ! e com uma trouxa de trapos na mão, como esta manhan quando aqui entrou ! olha, mulher ! parece que é mania do sujeito andar com trouxas cheias de meias de lan a distribui-las pelas casas ! que velho caritativo ! Apосто que vm. é negociante de meias, senr. millionario ! dá aos pobres a fazenda da loja ! santo homem ! que figura de sombrinha ! Ah ! não me conhece ? Pois eu o reconheço, ouviu ? reconheci-o apenas você metteu aqui o focinho. Ah ! vou enfim mostrar-lhe a que se expõe quem entra em casa de uma pessoa, sob pretexto de que é uma estalagem, mal vestido, com ar de um pobre a quem se daria um soldo pelo amor de Deus, para mostrar-se generoso, enganando a gente, tirando-lhe o seu modo de vida e fazendo-se de pimpão no bosque, o que não basta, passados tempos, quando uma pessoa se acha na miseria, vir trazer uma sobrecasaca larga como

um saco e dous ruins cobertores de hospital ! tem entendido, meu ladrão de creanças, velho de um dardo ? !

Calou-se, e levou um momento a mexer com os beiços, como se fallasse consigo mesmo. Disseras que o seu furor cahia como o Rhodano em algum abysmo; depois, como se concluísse em voz alta o que acabava de dizer mentalmente, deu um murro na mesa e bradou:

—Com o seu ar de santarrão !

E, apostrophando o senr. Leblanc:

—Por vida minha ! lembre-se da peça que me pregou ! Você é causa de todas as minhas desgraças ! Tomou-me, dando apenas 1,500 francos, a menina que estava em meu poder e que de certo era filha de gente rica, pois já me havia rendido bastante dinheiro e sem duvida continuaria a ser para mim uma mina de carvão enquanto eu vivo fosse ! Uma menina que me indemnizaria de tudo que perdi nessa bodega abominavel, onde se fazia uma matizada de todos os diabos e onde devorei como um imbecil todo o meu peculio ! Oh ! quem me dera que o vinho que alli se beben envenenasse quantos o bebêram ! Enfim não importa ! Ora vamos ! você sem duvida riu-se bem á minha custa quando se safou com a Calhandra, não é assim ? Estava com o seu cacete, no meio da floresta ! Era o mais forte. Despique. Hoje sou eu quem serro de cima ! Você é um papalvo, meu velho ! Oh ! que vontade tenho de rir-me ! E rio-me na verdade ! Com que facilidade enguliu todas as caraminholas que lhe preguei ! Disse-lhe que era actor, que tinha representado comedias com a Mars, com a *Muche*, que o proprietario queria ser pago amanha 4 de fevereiro e não viu que é a 3 de janeiro e não a 4 de fevereiro, que se vencem os trimestres ! Estupido patifão ! E esta miseria de quatro philippes que veio trazer-me ! Cachorro ! Nem ao menos teve animo de inteirar cem francos ! E como acreditava piamente em todas as minhas asneiras ! Eu lavava-me em agua de rosas. Dizia comigo mesmo: «Basbaque ! Deixa estar, não me escaparás. Beijo-te os pés agora de manhan ! A' noite hei de morder-te o coração !»

Thénardier calou-se. Estava esbaforido. O seu peito

acanhado arquejava como um folle. Brilhavam-lhe os olhos com a ignobil alegria de uma creatura fraca, cruel e covarde, que pôde finalmente derribar o inimigo que temia, e insultar a pessoa que bajulava, alegria de um anão pondo o pé sobre a cabeça de Goliath, alegria de um chacal começando a dilacerar um touro doente, que de abatido não pôde defender-se, mas que ainda tem bastante vida para soffrer

O senr. Leblanc não o interrompeu, mas disse-lhe quando se calou:

—Não sei o que o senhor quer dizer. Está completamente enganado. Sou um homem mui pobre, e por conseguinte não posso ser milionario. Não o conheço. O senhor toma-me por outro.

—Ah! exclamou Thénardier com voz esganiçada, não está má a historia! Então continúa com a graça! Você patinha, meu velho! Ah! não se lembra! Não vê quem eu sou!

—Perdão, senhor, respondeu o senr. Leblanc com um tom de polidez que em tal momento tinha o que quer que fosse estranho e ousando; eu vejo que vm. é um salteador.

Ninguém o ignora, os entes atrozes teem seu melindre, os monstros são delicados. Áquella palavra *salteador*, a Thénardier saltou da cama, o marido agarrou na cadeira como se fosse despedaçá-la.

—Não te mexas! gritou para a mulher.

E, voltando-se para o senr. Leblanc:

—Salteador! sim, eu sei que é assim que nos chamaes, senrs. ricos! Pois não! é verdade, eu quebrei, ando escondido, não tenho pão, não tenho um soldo de meu, sou um salteador! Ha tres dias que não como, sou um salteador! Ah! vv. ss. aquecem os pés, calçam chapins de Sakoski, vestem sobrecasacas acolchoadas, como arcebispos, moram em primeiros andares de casas particulares com porteiros seus proprios, comem trufas, molhos de espargos a quarenta francos, no mez de janeiro, ervilhas, pagodeam e quando querem saber se faz frio veem nos jornaes o que marca o thermometro do engenheiro Chevalier: e nós! é o nosso proprio corpo que nos serve de thermometro! Não carecemos ir ao caes para ver no canto da torre do Relogio quantos gráus ha de frio; senti-

mos o sangue coalhar-se-nos nas vêas, e o gelo chegar-nos ao coração, e dizemos: «Não ha Deus!» E os senhores veem ás nossas cavernas, sim, ás nossas cavernas, chamar-nos salteadores! Mas nós os espantifaremos! nós os devoraremos, meus fracalhões! Senr. millionario! ouça-me bem: Eu fui um homem estabelecido, pagava impostos, era eleitor, sou um burguez, entende! e voce talvez não seja nada disto!

Assim fallando, Thénardier deu um passo para os homens que estavam junto da porta e accrescentou, tremendo-lhe todo o corpo:

—Ter o atrevimento de tratar-me como se eu fosse um remendão!

Depois, dirigindo-se ao senr. Leblanc com uma recrudescencia de phrenesi:

—E, digo-lhe mais, senr. philantropo! não sou um homem suspeito, ouviu? Não sou um homem sem nome e que ande a roubar creanças pelas casas! Servi no exercito francez, devêra ter sido condecorado! estive em Waterloo, ouve? e salvei na batalha um general chamado conde de Pontmercy! O quadro que você está vendo e que foi pintado por David em Bruqueselles, sabe quem representa? Representa este seu creado. David quiz immortalisar tam sublime feito de armas. Com o general ás costas, caminho intrepidamente debaixo da metralha. Ahi tem, é um facto historico! O tal general nada fez por mim; era tam bom como os outros! Mas o que não padece duvida é que o salvei com risco da minha vida; tenho mil attestados com que o prove! Sou um soldado de Waterloo, com os seiscentos! E, agora que já tive a bondade de dizer-lhe tudo isto, deixemo-nos de discussões, quero dinheiro, muito dinheiro, muitissimo dinheiro; quando não dou-lhe cabo do canastro, com mil milhões de demonios!

Mario conseguira superar de alguma fórma as suas angustias e escutava. A ultima possibilidade de duvida acabava de desvanecer-se. Era comeffeito o Thénardier do testamento. Mario estremeceu ouvindo aquella exprobração de ingratidão feita a seu pae e que elle estava prestes a justificar tam fatalmente. Suas perplexidades redobraram então. De resto, havia em todas as palavras de Thénardier, no tom, no gesto, no

olhar que lhe chammejava á medida que fallava, havia naquella explosão de um máu caracter patenteando-se completamente, naquella amalgama de atrevimento e de abjeção, de orgulho e de baixeza, de raiva e de tolice, naquelle chaos de aggravos reaes e de sentimentos falsos, naquella impudencia de um perverso saboreando o prazer da violencia, naquella infame nudez de uma alma hedionda, naquella conflagração de todos os soffrimentos combinados com todos os odios, havia, dizemos, em tudo isto o quer que fosse que era horrendo como o mal, e pungente como a verdade.

O quadro de mestre, a pintura de David, cuja venda propuzera ao senr. Leblanc, não era, o leitor já terá adivinhado, outra cousa mais do que a taboleta da bodega, pintada, como já dissemos em outro lugar, por elle mesmo,—única reliquia que conservara do seu naufragio de Montfermeil.

Como elle deixára de interceptar o raio visual de Mario, podia este contemplar a taboleta e naquella grosseira pintura reconhecia comeffeito uma batalha, o fundo cheio de fumaça, e um homem com outro ás costas. Era o grupo de Thenadier e de Pontmercy; o coronel e o sargento seu salvador. Mario estava como que embriagado; aquelle quadro apresentava-lhe de alguma sorte seu pae vivo; ja não era a taboleta da taverna de Montfermeil, era uma resurreição; um tumulto alli se abria, alli se erguia um fantasma; Mario sentia bater o coração com extrema violencia, troava-lhe aos ouvidos o canhão de Warteloo: seu pae exangue, vagamente pintado naquelle retabulo sinistro, assombrava-o, e parecia-lhe que o seu vulto informe o encarava fixamente.

Thenardier, depois de ter tomado folego, cravou no senr. Leblanc olhos injectados de sangue e disse-lhe em voz baixa e rispida:

—Tens alguma cousa que dizer antes que te espantifemos?

O senr. Leblanc calava-se. No meio daquelle silencio uma voz esganiçada atirou do corredor este sarcasmo lugubre:

—Se é preciso rachar lenha, aqui estou eu!

Era o homem do machado que gracijava.

Ao mesmo tempo uma cara enorme, erigida de cabellos e côr de terra, appareceu na porta com um horrivel sorriso, que mostrava, não dentes, mas colmilhos.

Era a cara do homem do machado.

—Para que tiraste a mascara? bradou-lhe Thénardier furioso.

—Para rir-me, respondeu o homem.

Havia alguns instantes que o senr. Leblanc parecia seguir e espiar todos os movimentos de Thénardier, o qual, cego de raiva, andava de um para outro lado no covil, confiando nas sentinellas que estavam á porta, na circumstancia de achar-se aquelle homem desarmado e de serem nove contra um, contando a Thénardier apenas como um homem. Na sua apostrophe ao comparça armado de machado dava elle as costas ao senr. Leblanc.

Aproveitou este aquelle momento, empurrou com o pé a cadeira, com a mão a mesa, e de um pulo, com pasmosa agilidade, antes que Thénardier tivesse tido tempo de voltar-se, achou-se junto da janella. Abri-la, subir ao parapeito e pôr as pernas do lado de fóra, foi obra de um segundo. Já elle se preparava para saltar dalli abaixo quando seis braços robustos o agarraram e puxaram-n'o para dentro da pocilga. Eram os tres *foguistas*. Ao mesmo tempo a Thénardier lhe deitára a mão aos cabellos.

Á bulha que assim se fez, os outros malfeitores acudiram do corredor. O velho que estava na cama e que parecia bebado ergueu-se e approximou-se cambaleando, com um malho de calceteiro na mão.

Um dos *foguistas*, cujo rosto pintado era allumiado pela vela, e que Mario, apezar daquelle disfarce, reconheceu ser Panchaud, chamado tambem Printanier e Bigrenaille, erguia sobre a cabeça do senr. Leblanc uma especie de cachamorra, feita de duas bolas de chumbo, presas ás extremidades de uma vara de ferro.

Mario não pôde resistir a semelhante espectáculo.

—Meu pae, disse consigo mesmo, perdôa-me!

E pôz o dedo no gatilho da pistola. A arma ia disparar-se, quando a voz de Thénardier bradou:

—Não lhe toques!

Aquella tentativa desesperada da vida, em vez de ir-

ritar Thénardier, acalmára-o. Havia naquella homem dous individuos, o individuo feroz e o individuo sagaz. Até alli, exaltado pelo triumpho, ante a preza abatida e immovel, o individuo feroz dominára; quando a victima se agitou e pareceu decidida a lutar, o individuo sagaz reapareceu e superou o outro.

— Não lhe toques! repetiu.

E, sem que o soubesse, o primeiro resultado destas suas palavras foi suspender a arma prestes a disparar-se e paralisar Mario, para quem desapareceu a urgencia de intervenção, e que ante aquella nova phase, nenhum inconveniente viu em conservar-se na expectativa. Esperava que algum propicio acaso viria livra-lo da horrivel alternativa de deixar succumbir o pae de Ursula ou perder o salvador do coronel.

Travara-se uma luta herculea. Com um sóco dado no meio do peito o senr. Leblanc fizera o velho cahir estatelado no meio do quarto; depois, deitando a mão a outros dous malfeteiros, derribara-os, e puzera um joelho em cima de cada um; os infames gemiam debaixo daquella pressão como sob uma mó de pedra; os outros quatro tinham agarrado o temivel velho pelo pescoço e pelos braços, e faziam-n'o curvar-se sobre os dous *foguistas*, prostrados no chão. Assim, vencedor de uns e vencido pelos outros, esmagando os debaixo e suffocado pelos de cima, sacudindo em vão todos aquelles esforços que se accumulavam sobre elle o senr. Leblanc desaparecia no meio daquella grupo horrivel de malfeteiros como um javali debaixo de uma malta de rabidos dogues e sabujos.

Conseguiram deita-lo de costas em cima da cama que ficava mais perto da janella, e alli o conservaram immovel. A Thénardier não lhe largara os cabellos.

— Tira-te dahi, disse-lhe o marido. Não vás rasgar o chale.

A Thénardier obedeceu, como a loba obedece ao lobo, resmungando.

— Agora, revistem-n'o, continuou Thénardier.

O senr. Leblanc parecia ter renunciado á resistencia. Revistaram-lhe as algibeiras. Apenas acharam uma bolsa de couro que continha seis francos e um lenço.

Thénardier tomou o lenço e metten-o no bolso.

— Como ! pois não tem carteira ? disse.

— Nem relógio, respondeu um dos *foguistas*.

— Seja lá como fôr, murmurou com voz de ventríloquo o homem mascarado que empunhava a chave gigantesca, não se pôde negar que o velho é dos diabolos !

Thénardier dirigiu-se para o canto da porta e voltou com um maço de cordas, que atiron aos seus ajudantes.

— Amarrem-n'o aos pés da cama, disse; e, avistando o velho, que, com o sóco que lhe dera o senr. Leblanc, ficára estendido no meio do quarto e não se mexia:

— Boulatruelle estará morto ? perguntou.

— Não, respondeu Bigrenaille, está bebado.

— Atirem-n'o ali para algum canto, disse Thénardier.

Dous dos *foguistas* empurráram o bebado com os pés para junto do monte de ferros.

— Babet, para que trouxeste tanta gente ? disse Thénardier baixinho para o homem do cacete, era inutil.

— Que havia de fazer ? tornou Babet, todos quizeram vir. A estação não ajuda. Fazem-se agora poucos negocios.

A cama onde o senr. Leblanc fora estendido era uma especie de leito de hospital posto sobre dous cavalletes de madeira mal acepilhada. O senr. Leblanc não oppoz a menor resistencia. Os malfetores o amarração com toda a segurança, deixando-o em pé, no cavallete da cama mais afastado da janella e mais proximo da chaminé.

Quando deram o ultimo nó, Thénardier tomou uma cadeira e veio sentar-se quasi defronte do senr. Leblanc. Thénardier já não era o mesmo, em alguns minutos a sua physionomia passára da violencia desenfreada á brandura tranquilla e astuta. Mario custava-lhe a reconhecer naquelle sorriso polido do homem do fôro a bocca bestial que momentos antes espumava: olhava estupefacto para aquella metamorphose fantastica e inquietadora, e sentia o que experimentaria um homem que visse um tigre transformar-se em advegado.

—Senhor.... disse Thénardier.

E, fazendo um gesto para que os homens que ainda agarravam ao senr. Leblanc se afastassem:

—Tirem-se de deante, e deixem-me conversar com o senhor,

Todos encaminharam-se para o lado da porta. Elle proseguiu:

—Vm. fez mal em querer saltar pela janella. Poderia quebrar uma perna. Agora, se quer dar-me o gosto, vamos conversar tranquillamente. Primeiro que tudo quero communicar-lhe uma cousa que observei, e vem a ser que vm. ainda não deu o menor grito.

Thénardier tinha razão, esta particularidade era real, bem que houvesse escapado a Mario na sua perturbação. O senr. Leblanc apenas pronunciára algumas palavras sem levantar a voz, e, até mesmo quando lutára com os malfetores junto da janella, guardára o mais profundo e singular silencio. Thénardier continuou:

—Meu Deus! o senhor bem poderia ter gritado:—Aqui d'el-rei!—eu não lh'o levaria a mal.—*Ai que me malam! assassinos!*—isto tambem se diz em taes occasiões, e, pela minha parte, não seria eu que por tam pouco me enfadasse. Nada mais natural do que uma pessoa fazer alguma bulha quando se acha rodeada de individuos que estão bem longe de inspirar-lhe confiança. Vm. poderia ter gritado sem que nenhum de nós lh'o houvesse impedido. Nem mesmo o amordacariamos. E vou dizer-lhe porque. Este quarto é surdissimo. É a unica qualidade boa que tem, qualidade que bem compensa a falta de todas as outras. É um subterraneo. Arrebente aqui uma bomba, que no corpo de guarda mais proximo apenas se ouvirá uma bulha semelhante ao roncar de um bebedo. Aqui uma peça de artilharia fariapim e o trovãopuf. É um aposento commodo. Mas vm. não gritou, fez bem, dou-lhe os emboras por isso! e vou dizer-lhe o que dahi concluo. Meu querido senhor, quando alguem grita, quem é que acode? A policia. E quem vem após a policia? A justiça. Pois bem! Vm. não gritou; logo, tem tanto interesse como nós em não ver acudir a justiça e a policia. Ha muito tempo que desconfio que vm. põe todo o côbro occultar alguma cousa.

Pela nossa parte, temos egual cuidado. Por conseguinte, podemos entender-nos.

Assim fallando, Thénardier fitava os olhos penetrantes no senr. Leblanc e parecia querer ler no intimo da consciencia do preso. Demais, a sua linguagem, repassada de uma especie de insolencia moderada e sonsa, era circumspecta e quasi polida, e naquella miseravel, que não passava, havia pouco, de um malfeitor, reconhecia-se agora o *homem que estudara para padre*.

O silencio que guardára o preso, aquella precaução que superava nelle o instincto da conservação, aquella resistencia opposta ao primeiro movimento da natureza, que é soltar um grito, tudo isto, depois que Thénardier o ponderára, era importuno a Mario e enchia-o de penosa admiração.

A observação tam fundada de Thénardier tornava ainda mais espessas para Mario as mysteriosas trevas de que se cercava aquelle homem grave e estranho que Courfeyrac alcunhára de senr. Leblanc. Mas, quem quer que elle fosse, atado com cordas, rodeado de algozes, na beira, por assim dizer, de uma sepultura, que, de instante a instante, parecia prestes a traga-lo, diante do furor, assim como deante da brandura de Thénardier, aquelle homem conservava-se impassivel, e Mario não podia deixar de admirar em tal momento o seu semblante soberbamente melancolico.

Era evidentemente uma alma inacessivel ao medo e que em circumstancia nenhuma se perturbava. Era um desses homens que dominam o assombro das situações desesperadas. Por mais extrema que fosse a crise, por mais inevitavel que fosse a catastrophe, não se lhe notava nada que se parecesse com a agonia do afogado a abrir olhos horriveis debaixo d'agua.

Thénardier levantou-se com o seu ar natural, encaminhou-se para a chaminé, afastou o biombo que encostou á cama vizinha, e descobriu assim o fogareiro cheio de brazas vivissimas, no qual o preso podia perfeitamente ver a tenaz, que de vermelha se tornára branca, e estava toda semeada de estrellinhas escarlates.

Depois Thénardier voltou para a sua cadeira junto do senr. Leblanc.

—Eu continuo, disse. Podemos entender-nos. Arranjemos isto amigavelmente. Fiz mal em arrebatarme ha pouco, estava com o juizo não sei onde, dei por páus e por pedras, disse extravagancias. Por exemplo, porque vm. é millionario, disse-lhe que exigia dinheiro, muito dinheiro, muitissimo dinheiro. Não ha disparate maior. Meu Deus! embora vm. seja rico, tem de certo os seus compromissos: quem os não tem? Não quero arruina-lo, não sou desalmado. Longe de mim imitar esses homens que, por terem a vantagem da posição, della abusam tornando-se ridiculos. Olhe, para mostrar-me cordato, farei pelo meu lado um sacrificio. Contento-me simplesmente com 200,000 francos.

O senr. Leblanc não disse palavra. Thénardier continuou:

—Já se vê que não sou exigente. Ignoro em que estado se acha a sua fortuna, mas sei que vm. não olha a dinheiro, e uma pessoa tam bemfazeja nenhuma duvida porá em dar 200,000 francos a um pae de familia que não é feliz. Vm. tambem é de certo um homem cordato, já ha de ter comprehendido que eu não suaria camisas como hoje, nem organisaria a brincadeira desta tarde, que é um trabalho de mestre, segundo o voto destes senhores, para no fim de contrs pedir-lhe que me dê com que ir tomar uma pinga do tinto de 15 soldos e comer um bocado de cozido em casa de Desnoyers. Duzentos mil francos, nada mais, nada menos. Apenas vm. me entregue esta lagatella, está acabado e não receie que lhe demos um piparote sequer. Dir-me-hia: «Porém não tenho aqui duzentos mil francos!» Oh! não sou exagerado. Não exijo isto. Só lhe peço uma cousa. Tenha a bondade de escrever o que eu vou dictar.

Thénardier calou-se, depois acrescentou, carregando nas palavras, e volvendo, a sorrir-se, um olhar para o fogareiro:

—Previno-o que não estou disposto a acreditar que vm. não sabe escrever.

Um grão inquisidor lhe houvera invejado aquelle sorriso.

Thénardier chegou a mesa para junto do senr. Leblanc; e tirou o tinteiro, uma penna e uma folha de

papel de dentro da gaveta, que deixou entre-aberta, e onde luzia a comprida folha da faca.

Poz a folha de papel defronte do senr. Leblanc:

—Escreva, disse.

O preso fallou enfim:

—Como quer que eu escreva? estou amarrado.

—É verdade, perdôe! disse Thénardier; vim tem razão.

E, voltando-se para Bigrenaille:

—Solte o braço direito do senhor.

Panchaud, chamado também Printanier e Bigrenaille, executou a ordem de Thénardier, que, mal viu o preso com a mão desembaraçada, molhou a penna e apresentou-lh'a.

—Note vim, que está em nosso poder, á nossa disposição; que não ha força humana capaz de tira-lo daqui, e que sentiríamos realmente vermo-nos obrigados a recorrer a extremos desagradaveis. Ignoro o seu nome, não sei onde é a sua casa, mas previno-o que o conservarei amarrado até que a pessoa encarregada de levar a carta que vim, vae escrever se ache de volta. Agora tenha a bondade de escrever.

—O que? perguntou o preso.

—Vou dictar,

O senr. Leblanc tomou a penna.

Thénardier começou a dictar:

—«Minha filha, . . . »

O preso estremeceu e levantou os olhos fitando Thénardier.

—Ponha «Minha querida filha», disse Thénardier.

O senr. Leblanc obedeceu. Thénardier continuou:

—«Vem sem demora, . . . »

Interrompen-se.

—O senr. a tracta por tu, não é assim?

—A quem? perguntou o senr. Leblanc.

—Ora! tornou Thénardier, á pequena.

O senr. Leblanc respondeu sem o menor abalo aparente:

—Não sei o que quer dizer.

—Continue, disse Thénardier, e proseguiu dictando: «Vem sem demora. A tua presença me é absolutamente necessaria. A pessoa que te entregar este bilhete está encarregada de trazer-te ao lugar on-

de me acho. Espero-te. Vem sem desconfiança.»

O senr. Leblanc escreveu tudo. Thénardier proseguiu :

—Ah! risque *vem sem desconfiança*; isto poderia fazer suppôr que não se trata de uma cousa simples e que a desconfiança é possível.

O senr. Leblanc riscou as tres palavras.

—Agora, continuou Thénardier, assigne. Como se chama vm. ?

O preso largou a penna e perguntou :

—Para quem é esta carta ?

—Vm. bem sabe, respondeu Thénardier, para a pequena. Já ha pouco lhe disse.

Era evidente que Thénardier evitava pronunciar o nome da menina de que se tratava. Dizia *Calhandra*, a *pequena*, mas não declarava o nome. Precaução de homem sagaz guardando o seu segredo perante os seus complices. Dizer o nome era inteira-los de todo o *negocio* e fazer que elles soubessem mais do que precisavam saber.

Continuou :

—Assigne. Como se chama ?

—Urbano Fabre, disse o preso.

Thénardier, com o movimento de um gato, sacou rapidamente do bolso o lenço do senr. Leblanc. Procurou a marca e aproximou-o da vela.

—U. F. É isto mesmo. Urbano Fabre. Pois bem, assigne U. F.

O preso assignou.

—Como vm. não póde dobrar a carta com uma mão só, eu mesmo a dobrarei.

Feito isto, Thénardier proseguiu:

—Ponha o sobrescripto:—*Mademoiselle Fabre...*

Não sei onde vm. mora. Parece-me que não deve ser muito longe daqui, na vizinhança de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, pois que é nessa egreja que vm. ouve missa todos os dias. Já vejo que comprehende quam melindrosa é a sua situação. Assim como declarou francamente o seu nome, estou que com egual franqueza declarára onde mora. Escreva com seu proprio punho a rua e o numero da casa.

O preso ficou um instante pensativo, depois pegou na penna e escreveu: «*Mademoselle Fabre, em casa*

do senr. Urbano Fabre, rua St.-Dominique-d'Enfer n. 17.»

Thénardier agarrou na carta com uma especie de convulsão febril.

—Mulher? bradou elle.

A Thénardier acudiu.

—Aqui tens a carta. Já sabes o que deves fazer. Está lá em baixo uma sege. Parte quanto antes e volta depressa.

E, dirigindo-se ao homem do machado:

—E tu, já que descobristes a lata, acompanha a senhora. Lembra-te do sitio onde deixaste o carrinho?

—Lembro-me, disse o homem.

E, largando o machado em um canto, seguiu a Thénardier.

Já elles se achavam no corredor, quando Thénardier metteu a cabeça pela abertura da porta e gritou para a mulher:

—Cuidado! não percas a carta! Lembra-te que levas ahí 200,000 francos.

A voz rouca da Thénardier respondeu:

—Socega. Cá está bem guardadinha no seio.

Menos de um minuto depois ouviram-se estalos de chicote, que foram diminuindo rapidamente, até que deixaram de ouvir-se.

—Bem! resmoneou Thénardier. Vão a todo galope. Desta fórma em tres quartos de hora aqui se achará a portadora com a resposta.

Chegou uma cadeira junto da chaminé e sentou-se cruzando os braços e pondo as botas enlameadas de frente do fogareiro.

—Estou com frio nos pés, disse.

Na pocilga já não se achavam senão Thénardier, o preso e os cinco malfeteiros. Estes homens, com as mascaras ou com a tinta preta que lhes cobria o rosto, fazendo-os parecer, conforme a impressão do medo, carvoeiros, negros ou demonios, tinham attitudes apathicas e sombrias e via-se que elles executavam um crime como uma tarefa qualquer, tranquillamente, sem colera e sem compaixão, com uma especie de aborrecimento. Achavam-se amontoados em um canto como brutos, e não pronunciavam palavra. Thénardier aquecia os pés. O preso volvêra á sua taciturnidade. Ao

fero estrepito que, momentos antes, enchia aquelle recinto, succedêra sombria calma.

A vela, em que se havia formado grande morrão, alumiava frouxamente a immensa pocilga, as brazas do fogareiro já não estavam tam-vivas e todas aquellas cabeças monstruosas projectavam sombras disformes sobre as paredes e no tecto.

Ouvia-se apenas o rumor de uma respiração tranquillã, — era o velho bebado que dormia.

Mario esperava n'uma anxiedade que tudo augmentava. O enigma tornava-se mais impenetravel que nunca. Quem seria essa *pequena* que Thénardier chamava tambem *Calhandra*? seria a sua *Ursula*? O preso nenhum abalo mostrára ao ouvir aquelle nome, Calhandra, e respondêra com o tom mais natural do mundo: *Não sei o que quer dizer*. Por outro lado, as letras U. F. estavam explicadas, significavam Urbano Fabre, e *Ursula* já não se chamava Ursula. Era isto o que Mario via mais claramente. Uma especie de fascinação horrivel o retinha pregado no lugar de onde observava e dominava toda aquella scena. Alli estava, quasi incapaz de reflexão e de movimento, como aniquilado pelas cousas abominaveis que via. Esperava, aguardando algum incidente, o que quer que fosse, não podendo recolher as suas idéas nem sabendo que expediente tomasse.

— Como quer que seja, dizia consigo mesmo, vou saber se a *Calhandra* é comeffeito *ella*, visto que a Thénardier deve trazê-la aqui. Então não hesitarei mais, darei a minha vida e o meu sangue se for preciso, mais hei de salva-la! Nada me deterá.

Passou-se assim quasi meia hora. Thénardier parecia absorto em tenebrosa meditação, o preso não se mexia. Entretanto, havia alguns instantes, Mario suppunha ouvir, de espaço a espaço, uma bulhazinha surda do lado do senr. Leblanc.

De repente Thénardier apostrophou o preso:

— Senr. Fabre, olhe, é melhor avisa-lo desde já.

Estas palavras pareciam o exordio de uma explicação. Mario applicou o ouvido. Thénardier continuou:

— Minha esposa não pôde tardar, não se impacienta. Estou certo que a Calhandra é comeffeito sua filha, portanto nada mais natural do que tê-la vm. em

sua companhia. Agora, ouça-me, com a sua carta minha mulher irá ter com ella. Aconselhei-lhe que se vestisse como vm. viu, para que a menina a siga sem difficuldade. Entrarão ambas na sege e o meu camarada se empoleirá na trazeira. Em certo sitio fóra da barreira acha-se um carrinho tirado por dous bons cavallos. A sua menina será levada a esse sitio. Descerá da sege. O meu camarada entrará com ella no carrinho, e minha mulher voltará para casa e nos dirá: prompto. Quanto á sua menina, nenhum mal se lhe fará, o carrinho a levará para um lugar onde ficará em paz e segurança, e assim que vm. me houver entregado os 200.000 francos, ser-lhe-ha restituída. Note, porém, que se vm. me mandar prender, o meu camarada aviará a Calhandra.

O preso não pronunciou a menor palavra. Depois de uma pausa, Thénardier continuou:

Nada mais simples, como vê. Todo o mal que acontecer será porque vm. assim o quer. Ponho-lhe tudo em pratos limpos. Aviso-o para que não allegue ignorancia.

Calou-se, o preso não quebrou o silencio, e Thénardier continuou:

— Assim que minha esposa voltár e me disser: a Calhandra já seguiu para o seu escondrijo, solta-lo-hemos, e vm. poderá ir dormir em casa. Bem vê que as nossas intenções são as melhores.

Imagens pavorosas acudiram de tropel ao pensamento de Mario. Como! essa menina que raptavam, não seria trazida alli? um daquelles monstros leva-lahia consigo? para onde?... E se fosse *ella*? E era claro que era *ella*! Mario sentiu o coração cessar de bater. O que devia fazer? disparar a pistola? entregar á justiça aquelles infames? Mas o horrendo homem do machado acha-se fóra do alcance da justiça com a moça, e Mario lembrava-se destas palavras de Thénardier, cuja significação sinistra entrevia: *se vm. me mandar prender, o meu camarada aviará a Calhandra.*

Agora já não era sómente o testamento do coronel que o detinha, detinha-o tambem o seu amor, o perigo da pessoa a quem amava.

Aquella horrivel situação, que durava havia mais de uma hora, mudava de aspecto a cada instante. Mario

teve força de formar successivamente todas as mais pungentes conjecturas, buscando uma esperança e não achando. O tumulto dos seus pensamentos contrastava com o silencio funebre do covil.

No meio daquelle silencio ouviu-se a bulha da porta da rua que se abria, e tornava a fechar-se.

O preso fez um movimento.

—Ahi chega minha esposa, disse Thénardier.

Mal acabava, quando comeffeito a Thénardier se precipitou no quarto, com o carão afogueado, esbaforida, chammejando-lhe os olhos, e bateu com as manoplas em ambas as côxas exclamando:

—Endereço falso !

O mafeitor que a acompanhára entrou logo depois della, e tornou a empunhar o seu machado.

—Endereço falso ? repetiu Thénardier.

A virago continuou :

—Ninguem ! Na rua Saint Dominique numero dezesete não ha nenhum Urbano Fabre ! Não se sabe quem seja !

Parou para tomar folego, depois continuou :

—Senr. Thénardier ! este velho fez de você sua peteca ! para que ha de ser tam molle ! em seu lugar já eu o teria atanazado para começar ! e se se fizesse piegas, assava-o vivo ! não teria remedio senão fallar, e dizer onde está a moça e o bôto ! Eis ahi o que eu teria feito ! Não é debalde que dizem que os homens são mais tapados que as mulheres ! Numero dezesete ! ninguem ! é um portão ! Não ha lá nenhum Urbano Fabre ! E corra uma pessoa á rua de Saint-Dominique, a todo galope e dê gorgeta ao boleeiro, e tudo o mais ! Fallei com o porteiro, que por signal tem uma bonita malher, cheia de corpo, uma mulher de truz ! não sabem quem seja semelhante pessoa !

Mario respirou. *Ella*, Ursula ou a Calhandra, a moça que já não sabia como chamasse, estava salva.

Enquanto a mulher vociferava furiosa, Thénardier sentara-se em cima da mesa; esteve alguns instantes sem pronunciar palavra, balançando a perna direita que ficava pendurada, e olhando para o fogareiro com ar de fera cogitação.

Emfim, disse para o preso com voz lenta e singularmente ameaçadora:

—Um endereço falso? que idéa tinhas enganando-nos assim?

—Ganhar tempo! bradou o preso com voz retumbante.

E ao mesmo tempo sacudiu as cordas que o atavam; estavam cortadas. O preso só estava amarrado á cama por uma perna.

Antes que os sete homens tivessem tido tempo de tornar a si do seu pasmo e de se lançarem sobre elle, inclinara-se para a chaminé, estendêra a mão para o fogareiro, depois erguera-se, e então Thénardier, a mulher e os malfeteiros, que haviam recuado assustados até o fundo do quarto, viram-n'o estupefactos brandir por cima da cabeça a tenaz que dava uma luz sinistra, quasi solto e em attitude formidavel.

Por occasião das buscas judicarias que tiveram lugar no pardieiro Gorbeau depois daquella emboscada, encontrou a policia, no quarto de Thénardier, um soldo cortado e manufacturado de modo particular; este soldo era uma dessas maravilhas de industria que a paciencia dos galês engendra nas trevas e para as trevas, maravilhas que não são outra cousa mais do que instrumentos de evasão. Esses productos hediondos e delicados de uma arte prodigiosa são na arte do ourives o que são na poesia as metaphoras da giria. Ha Benvenutos Cellinis nas galês assim como ha Villons na lingua. O misero que aspira á liberdade acha meio, ás vezes sem instrumento algum, de dividir um soldo em duas laminas delgadas, de excavar ambas essas laminas, sem tocar nos signaes monetarios, e de fazer que adhiram depois perfeitamente por meio de uma volta de rosca. A moeda abre-se assim e fecha-se com a maior facilidade; é uma boceta. Dentro desta boceta, cabe uma roda de relogio, e esta roda bem manejada corta grossas correntes e grades de ferro. Suppõe que o misero forçado só tem consigo um soldo; não, tem a liberdade. Foi um soldo deste genero que a policia, nas suas buscas ultteriores, encontrou aberto e em dous pedaços no covil, debaixo da cama, junto da janella. Descubriu-se egualmente uma serrinha de aço azul que podia esconder-se dentro do soldo. É provavel que no momento em que os malfeteiros apalparam o preso se achasse este com

o soldo na mão e conseguisse occulta-lo, e que depois vendo-se com a mão direita solta, o abrisse e se servisse da serra para cortar as cordas que o ligavam; talvez dahi proviesse o rumorzinho e os movimentos imperceptíveis que Mario havia notado.

Não tendo podido abaixar-se com receio de attrahir a attenção dos malfeitores, deixára intacta a corda que lhe atava a perna esquerda.

Os malfeitores haviam tornado a si da sua surpresa.

—Não tenhas cuidado, disse Briguenaillé para Thénardier. Está ainda preso por uma perna, e não nos escapará. Acredita-me. Fui eu que o amarrei.

Entretanto o preso levantou a voz:

—Vocês são uns desgraçados, mas não vale a pena defender a minha vida. Quanto a pensarem que me obrigaram a fallar, a escrever o que não quero escrever, a dizer o que não quero dizer...

Arregaçou a manga do braço esquerdo e accrescentou:

—Olhem.

Ao mesmo tempo estendeu o braço e encostou na carne nua a tenaz em braza que tinha na mão direita, segura pelo cabo de pau.

Ouviu-se o chiar da carne queimando-se, o cheiro proprio das camaras de tortura espalhou-se pela pocilga. Mario cambaleou no auge do horror, os proprios malfeitores estremeeceram, o rosto do estranho velho mostrou apenas uma leve contracção de musculos, e ao passo que o ferro penetrava na ferida fumegante, impassivel e quasi angusto, fitava elle, sem odio, o seu bello olhar em Thénardier, desvanecendo-se-lhe a dôr em uma magestade serena.

Nos individuos dotados de um caracter energico e superior, as revoltas da carne e dos sentidos em luta com a dôr physica chamam a alma á periphéria e fazem-n'a mostrar-se no semblante, do mesmo modo que as revoltas da soldadesca forçam o capitão a apresentar-se.

—Miseraveis, disse elle, não tenham mais medo de mim do que eu tenho de vocês.

E arrancando a tenaz da ferida, arremegou-a pela janella que ficára aberta; o horriavel instrumento abraçado desapareceu na escuridão, viravoltando, e foi cahir ao longe e apagar-se na neve.

O preso continuou:

—Façam de mim o que quizerem.

Estava desarmado.

—Agarrem-n'ó ? disse Thénardier.

Dous malfetores deitaram-lhe as mãos aos braços, e o homem mascarado que fallava como ventriloquo postou-se-lhe deante prompto para esmigalhar-lhe a cabeça com a chave ao menor movimento.

Ao mesmo tempo Mario ouviu do outro lado do tabique, mas tamjanto deste que não podia ver quem eram as pessoas que fallavam este colloquio em voz baixa:

—Só ha uma cousa que fazer.

—Dar-lhe cabo do canastro !

—Isso mesmo.

Eram o marido e a mulher que deliberavam.

Thénardier dirigia-se lentamente para a mesa, abriu a gaveta e pegou na faca.

Mario apertava a coronha da pistola. Perplexidade immensa ! Havia uma hora que lhe soavam duas vozes na consciencia, uma dizia-lhe que respeitasse o testamento de seu pae, a outra bradava-lhe que soccorresse o preso. Estas duas vozes continuavam sem interrupção a luta que o cruciava. Até alli esperára vagamente achar um meio de conciliar aquelles dous deveres, mas nenhum exequivel lhe occorrêra. Entretantourgia o perigo, o ultimo limite da expectativa estava transposto. A pouca distancia do preso, Thénardier meditava, com a faca na mão.

Mario angustiado lançava os olhos em torno de si, ultimo recurso machinal do desespero.

De repente estremeceu.

A seus pés, em cima da mesa, um raio de luz allumiava e parecia mostrar-lhe uma folha de papel. Nessa folha de papel leu esta linha que a filha mais velha de Thénardier escrevera em letra bastarda quando viera fallar-lhe de manhan:

—CUIDADO COM OS FILANTES.

Uma idéa, uma luz aclarou o espirito de Mario; alli estava o meio que elle buscava, a solução do horrivel problema que o torturava, poupar o assassino e salvar a victima. Pôz-se de joelhos em cima da commoda, estendeu o braço, pegou na folha de papel, com a qual

embrulhou um pedaço de calça que tirou devagarinho da parede, e atirou a bola assim formada pela abertura que lhe servia de observatorio.

Era tempo. Thénardier havia superado os seus ultimos receios ou os seus ultimos escrúpulos, e dirigia-se para o preso.

—Cahi alguma cousa ! gritou a Thenardier.

—O que é ? disse o marido.

A virago precipitára-se e apanhára a bola de papel. Entregou-a ao marido.

—Por onde entraria isto ? perguntou Thénardier.

—Essa é boa ! tornou a mulher, por onde querias que entrasse ? Entrou pela janella.

—Eu vi passar, disse Bigrenaille.

Thénardier desdobrou rapidamente o papel e aproximou-o da luz.

—É a lettra de Eponina. Com os diabos !

Fez um signal á mulher, que se approximou apressadamente, e mostrou-lhe a linha escripta na folha de papel, depois accrescentou em voz surda:

—Depressa ! a escada ! deixemos a isca na ratoeira e safemo-nos !

—Sem cortar o pescoço do sujeito ? perguntou a virago.

—Não temos tempo.

—Por onde ? tornou Bigrenaille.

—Pela janella, disse Thénardier. Ponina que atirou a pedra pela janella, é signal que a casa não está cercada deste lado.

O mascarado que fallava como ventriloquo largou no chão a chave, levantou ambos os braços para o ar e abriu e fechou rapidamente as mãos sem dizer palavra. Foi como o signal de uma manobra para uma tripolação. Os malfeteiros que seguravam o preso largaram-n'o; em um abrir e fechar de olhos a escada de corda foi desdobrada do lado de fora e presa solidamente ao peitoril da janella pelos dous ganchos de ferro.

O preso não dava attenção ao que se fazia em torno deile. Parecia meditar ou orar.

Assim que a escada se achou prompta, Thénardier exclamou:

—Anda mulher !

E precipitou-se para a janella.

Mas quando ia trepar ao peitoril, Bigrenaille agarrou-o violentamente pela golla.

—Não, espera, velho farcista ! depois de nós !

—Depois de nós ! rugiram os malfeteiros.

—Vocês parecem creanças, disse Thénardier, estamos perdendo tempo. Os filantes não tardam.

—Pois bem, disse um dos malfeteiros, decida a sorte quem deve sair primeiro.

Thénardier exclamou:

—Estão doudos ! que destempero ! já viram que sucia de patetas ? querem perder tempo, não é assim ? vamos tirar sortes, não é ? cruz ou cunho ? escrever os nossos nomes ! deita-los dentro de um boné !....

—Querem o meu chapéu ? bradou uma voz do limiar da porta.

Todos se voltaram. Era Javert.

Tinha o chapéu na mão e estendia-o sorrindo-se.

XXI

DEVERIA COMEÇAR-SE SEMPRE POR PRENDER AS VÍCTIMAS.

Javert, ao cahir da noite, postára os seus homens e emboscara-se atrás das arvores da barreira dos Gobejinos, que fica defronte do pardieiro Gorbeau do outro lado do *boulevard*. Começára por preparar-se para filar as duas raparigas encarregadas de vigiar os arredores da pocilga. Mas só prendêra Azelma. Quanto a Epoinina, essa não se achava no seu posto, desapparecêra, e elle não pudera descobri-la. Puzera-se á espreita, aguardando o signal convencionado. Os movimentos da sege o haviam sobremodo agitado. Emfim, impaciêntára-se, e, *certo de que havia alli um ninho*, certo de que o *lanço era soberbo*, tendo reconhecido alguns dos malfeteiros que haviam entrado, tomára a resolução de subir sem esperar pelo tiro de pistola.

O leitor não terá esquecido que elle se achava com a chave de Mario.

Chegava a tempo.

Os malfeteiros assustados correram a tomar as armas que haviam largado em todos os cantos no momento de fugir. Em menos de um segundo, aquelles sete homens, cujo aspecto inculcia horror, se gruparam

em postura de defesa, qual com o machado, qual com a chave, qual com a cachamorra, brandindo os outros enormes tesouras, tenazes e martellos; Thénardier empunhava a faca. A mulher agarrára uma grande pedra que estava no canto da janella e que servia de tamborete a suas filhas.

Javert pôz o chapéu na cabeça e deu dous passos no quarto, com a bengala debaixo do braço, como uma espada dentro da bainha.

—Alto ! disse elle. Vocês não passaram pela janella, hão de sahir pela porta. Vocês são sete, nós somos quinze. Não queiramos agora esmurrar-nos como auvernhezes. Sejamos cordatos.

Bigrenaille sacou debaixo da blusa uma pistola que trazia escondida e deu-a a Thénardier, dizendo-lhe ao ouvido:

—E' Javert. Não tenho animo de dar um tiro neste homem. Serás mais animoso que eu ?

—Ora ! tornou Thénardier.

—Pois então, fogo nelle.

Thénardier engatilhou a pistola e apontou-a para Javert.

Javert que se achava a tres passos, de braços cruzados, encarou-o fixamente e contentou-se com dizer-lhe:

—Não atires, olha que a tua arma erra fogo !

Thénardier puxou o gatilho. A pistola errou fogo.

—Bem te dizia eu ! tornou Javert.

Bigrenaille atirou a cachamorra aos pés do inspector.

—Ês o imperador dos diabos ! eu me entrego.

—E vocês ? perguntou Javert aos outros malfetores.

Todos responderam:

—Nós também.

Javert tornou com toda a calma:

—Bem, eu logo vi que vocês se portariam como rapazes de juizo.

—Só peço uma cousa, disse Bigrenaille, e é que não me falte fumo enquanto eu estiver incommunicavel.

—Como requer, respondeu Javert.

E voltando-se para a porta:

—Agora podem entrar !

Uma esquadra de soldados de polica de espada em punho, e de belegins armados de cacetes e bengalas, precipitou-se no quarto á voz de Javert. Os malfeitos foram amarrados. Aquella multidão de homens, nas allumiados por uma vela, enchia de sombra o covil.

—Vejam que não fique um só por amarrar ! bradou Javert.

—Quem fôr capaz que chegue para cá ! gritou uma voz que não era de homem, mas que de certo ninguem diria que era de mulher.

A Thénardier entrincheirara-se em um canto da janella, e fôra ella que soltára aquelle rugido.

Os soldados e os belegins recuáram.

A virago largára o chale e ficára de chapéu; o marido, agachado atrás della, quasi desaparecia debaixo do chale cahido. A temivel mulher cobria-o com o corpo, levantando acima da cabeça a pedra, que segurava com ambas as mãos, na attitude de uma gigante que vae lançar um rochedo.

—Cuidado ! bradou.

Todos recuáram até o corredor. No meio do quarto ficou um grande espaço vazio.

A Thénardier lançou um olhar para os malfeitos que se tinham deixado amarrar, e murmurou em tom guttural e rouco:

—Covardes !

Javert sorriu-se e caminhou para ella.

—Não te chagues ! afasta-te, bradou a virago, olha que te esmigalho !

—Que granadeiro ! disse Javert; mãezinha, você tem barba como um homem, mas eu tenho unhas como uma mulher.

E continuou a avançar.

A Thénardier, desgrenhada e terrivel, firmou-se nas pernas, inclinou-se para trás e atirou cegamente a pedra á cabeça de Javert. Abaixou-se este, a pedra passou-lhe por cima, deu de encontro á parede donde arrancou um enorme pedaço de calça, e, batendo de angulo em angulo na pocilga, felizmente quazi vazia, veio cahir sem força junto dos calcanhares de Javert.

No mesmo instante chegava elle ao canto onde se

haviam entrincheirado o marido e a mulher. Pôz uma das mãos no hombro da virago e a outra na cabeça de Thénardier.

—Amarrem-n'os ! bradou.

Os soldados de policia acobertaram-se, e em alguns segundos executáram a ordem de Javert.

A Thénardier, vencida, olhou para os seus pulsos arrochados e para os do marido, deixou-se cahir ao chão e exclamou chorando:

—Minhas filhas !

—Estão no chilindró, disse Javert.

Entretanto os soldados de policia tinham descoberto o bebado que dormia atrás da porta e sacudiram-n'o. Despertou balbuciando:

—Está acabado, Jondrette ?

—Está, respondeu Javert.

Os seis malfeteiros amarrados estavam de pé; todos, porém, conservavam as suas caras de espectros; tres com os rostos pintados, tres mascarados.

—Podem ficar com as mascaras, disse Javert.

E, revistando-os com o olhar de um Frederico II na parada de Potsdam, disse para os tres *foguistas*:

—Boa noite, Bigrenaille. Boa noite, Brujon. Boa noite, Deux-Milliards.

Depois, dirigindo-se aos tres mascarados, disse para o homem do machado:

—Boa noite, Gueulemer.

E para o homem do cacete:

—Boa noite, Babet.

E para o ventrilequo:

—Adeus, Claquesous.

Neste momento avistou o senr. Leblanc, a victima dos malfeteiros, que, desde que os agentes de policia entráram, não pronunciára palavra, e conservára-se de cabeça baixa.

—Soltem o senhor, disse Javert, e ninguem sáhia daqui.

Assim fallando sentou-se soberanamente á mesa, onde haviam ficado a vela e o tinteiro, tirou do bolso uma folha de papel sellado e começou a escrever a sua parte.

Depois de escriptas as primeiras linhas, que são sempre formulas de chavão, levantou os olhos:

—Deixem approximar-se o senhor que estes homens tinham amarrado.

Os soldados olharam em torno de si.

—Então, perguntou Javert, que é d'elle?

O preso dos malfeteiros, o senr. Leblanc, o senr. Urbano Fabre, o pae de Ursula ou da Calhandra, havia desaparecido.

A porta estava com sentinellas, mas nenhuma havia do lado da janella. Assim que se viu solto, e emquanto Javert escrevia, aproveitára a confusão, o tumulto, o aperto, a escuridão, e o momento em que ninguem tinha os olhos fitos nelle, para saltar pela janella.

Um soldado debruçou-se no peitoril e espiou para fóra. Não avistou ninguem.

A escada de corda oscillava ainda.

—Com os diabos ! disse Javert por entre os dentes, talvez fosse o melhor.

XXII

O MENINO QUE CHORAVA NO TOMO TERCEIRO.

No dia seguinte ao em que estes acontecimentos se passaram na casa do *boulevard* do Hospital, um menino, que parecia vir do lado da ponte d'Austerlitz, subia pela alameda do lado direito em direcção á barreira de Fontainebleau. Era noite fechada. O meniue era pallido, magro, estava cuberto de andrajos, com uma calça de brim no mez de fevereiro, e cantava descompassadamente.

No canto da rua do Petit-Banquier, uma velha agachada remexia em um monte de lixo á luz do lampeão, o menino deu-lhe um encontrão, depois recuou exclamando:

—E esta ! pensava que era um enorme, um enorme cão !

Pronunciou a palavra enorme segunda vez engrossando zombeteiramente a voz, de modo que poderia exprimir-se com sufficiente exacção por meio de maiusculas: um enorme, um ENORME cão !

A velha ergueu-se furiosa.

—Pedaco de maroto ! resmungou. Se não estivesse abaixada, bem sei onde te daria com o pé !

O menino já se tinha afastado.

—Ixe ! ixe ! disse elle. Por fim de contas, talvez não me enganasse.

A velha, suffocada de indignação, impertigou-se, e a luz avermelhada do lampeão bateu-lhe de chapa no rosto livido, todo cheio de angulos e de rugas, com o nariz tocando quasi o queixo. O corpo ficava no escuro e não se lhe via senão a cabeça. Parecia a caranca da Decrepitude aclarada por uma luz no meio da escuridão. O menino contemplou-a um instante.

—A senhora, disse, não tem o genero de belleza que me convem.

Continuou o seu caminho e pôz-se de novo a cantar:

Le roi Coup-de-sabot
S'en allait à la chasse,
A la chasse aux corbeaux...

Chegando a este ultimo verso calou-se. Achava-se á porta da casa n. 50-52, e encontrando-a fechada, começára a dar-lhe pontapés, estrondosos e heroicos pontapés, devidos aos sapatões de homem que trazia, que não aos seus pés de creança.

Entretanto a mesma velha, que encontrára no canto da rua do Petit-Banquier, acudia a toda a pressa soltando gritos e fazendo esgares descompassados.

—Que é isto ? que é isto ? Deus do céu ! estão arrombando a porta ! vão deitar a casa abaixo !

Os pontapés continuavam.

A velha berrava:

—Então é assim que se bate agora nas casas !

De repente moderou-se. Reconhecêra o garoto.

—Como ! é o tal filhote de Satanaz !

—E esta ! é a velha, disse o menino. Boa noite, mamãezinha Burgon. Venho visitar os meus *antepassados*.

A velha respondeu com uma careta em que o odio se aproveitava admiravelmente da fealdade e da decrepitude, mas que infelizmente se perdeu no escuro:

—Não está cá ninguém, maroto.

—Deveras ! tornou o pequeno; então onde está meu pae ?

—Na Force.

—Sim! e minha mãe?

—Em San'Lazaro.

—Bem! e minhas manas?

—Nas Madelonnettes.

O pequeno coçou a orelha, olhou para a Burgon, e disse:

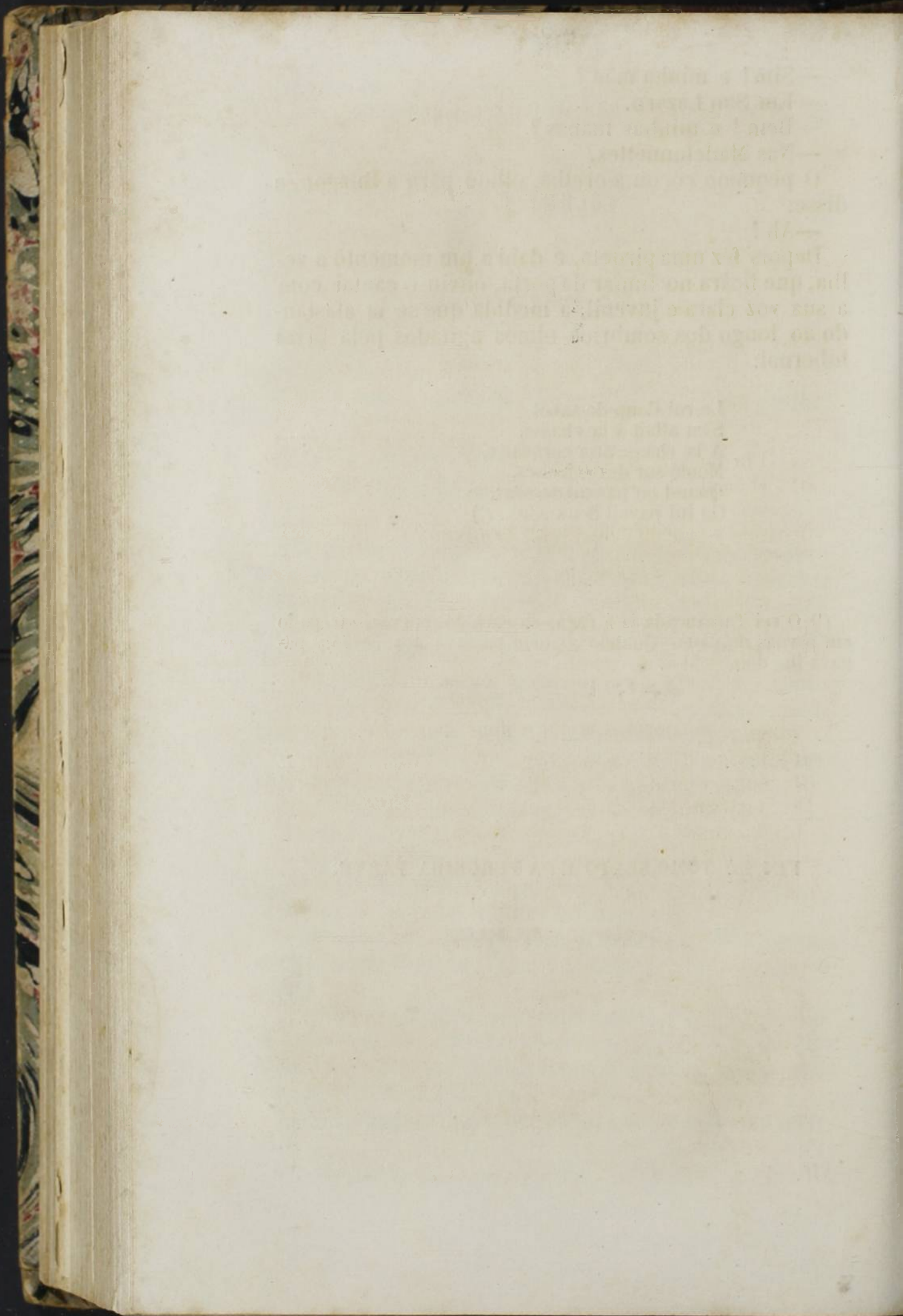
—Ah!

Depois fez uma pirueta, e dahi a um momento a velha, que ficára no limiar da porta, ouviu-o cantar com a sua voz clara e juvenil, á medida que se ia afastando ao longo dos sombrios olmos agitados pela briza hibernal:

Le roi Coup-de-sabot
S'en allait à la chasse,
À la chasse aux corbeaux,
Monté sur des échasses,
Quand on passait dessous,
On lui payait deux sous. (*)

(*) O rei Tamancada ia á caça,—á caça dos corvos,—trepado em pernas de páus—Quando alguém passava por baixo,—pagava-lhe dous soldos.

FIM DO TOMO SEXTO E DA TERCEIRA PARTE.



INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NA TERCEIRA PARTE.

VOLUME V.

LIVRO PRIMEIRO.

I—Parvulos	5
II—Alguns dos seus signaes particulares.	6
III—É agradável	8
IV—Pôde ser util.	10
V—As duas fronteiras	11
VI—Um bocado de historia.	14
VII—O gaiato de Pariz teria o seu lugar nas classifica- ções da India.	17
VIII—Cita-se um dito engraçado do ultimo rei.	20
IX—A velha alma das Gallias.	22
X—Ecce Parisu, ecce homo.	24
XI—Escarnecer, reinar	28
XII—O futuro latente no povo.	31
XIII—Cavrochinho	33

LIVRO SEGUNDO.

I—Noventa annos e trinta e dous dentes.	37
II—Tal dono, tal casa.	40
III—Lucas espirito.	42
IV—Aspirante centenário.	44
V—Biscainho e Nicoletta	46
VI—O leitor lobriga Magnon e os seus dous filhinhos.	48
VII—Regra: não receber visitas senão de tarde.	51
VIII—Duas irmans que em nada se parecem.	52

LIVRO TERCEIRO.

I—Um salão antigo.	55
II—Um dos espectros vermelhos d'aquelle tempo.	59
III—Requiescant	66
IV—Fim do Salteador.	74
V—Utilidade de ir á missa para tornar-se revolu- cionario	78
VI—Resultado da conversa com o fabriqueiro.	80
VII—Alguma saia	87
VIII—Duro com duro.	93

LIVRO QUARTO.

I—Um grupo que por um triz se tornava historico.	99
II—Oração funebre de Blondeau, por Bossuet.	113
III—Admirações de Mario.	117
IV—A sala do fundo do caffè Musain.	120
V—Alargamento do horisonte.	128
VI—Res Augusta.	132

LIVRO QUINTO.

I—Mario indigente.	135
II—Mario pobre.	138
III—Mario crescido.	142
IV—O senr. Maboeuf.	147
V—Pobreza boa vizinha da miseria.	152
VI—O pretendente.	155

VOLUME VI.**LIVRO SEXTO.**

I—A alcunha: modo de formação dos nomes de familia.	3
II—Lux facta est.	7
III—Effeito da primavera.	10
IV—Principio de uma grande doença.	12
V—Profundissimos abalos que soffre a mãe Bongon.	16
VI—Cahido no laço.	18
VII—Aventuras da lettra entregue a conjecturas.	22
VIII—Os proprios invalidos podem ser felizes.	25
IX—Eclipse.	28

LIVRO SETIMO.

I—As minas e os mineiros.	31
II—O ultimo subterraneo.	34
III—Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse.	36
IV—Composição da quadrilha.	39

LIVRO OITAVO.

I—Mario, procurando uma moça de chapéu, encontra um homem de boné.	43
II—Achado.	46
III—Quadrifrons.	49
IV—Uma rosa na miseria.	54

V—O judas da providencia	62
VI—O homem bravio na toca.	65
VII—Estrategia e tactica	70
VIII—Um raio de luz na poeilga.	75
IX—Jondrette quasi chora.	78
X—Tabella dos cabriolets da praça: dous francos por hora	83
XI—A miseria offerece os seus bons officios á pobreza	87
XII—Emprego da moeda de cinco francos do senr. Le- blanc.	91
XIII—Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabun- tur orare pater noster	97
XIV—Um agente de policia dá duas pistolas a um ad- vogado.	101
XV—Jondrette faz a sua compra	106
XVI—O leitor ouvirá a cantiga adaptada a uma musi- ca ingleza, que esteve em voga em 1832.	109
XVII—Em que foi empregada a moeda de cinco francos de Mario.	114
XVIII—As duas cadeiras de Mario defronte uma da outra	119
XIX—Preoccupação que causam os recantos escuros.	121
XX—A emboscada.	126
XXI—Deveria começar-se sempre por prender as vic- timas.	152
XXII—O menino que chorava no tomo terceiro.	157

OS MISERAVEIS,

POR

VICTOR HUGO.

VOLUME VII.

—○○—
SALVADOR:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4

1862.

QUARTA PARTE.

IDYLLIO NA RUA PLUMET E EPOPÉA NA
RUA SAN'DINIZ.

LIVRO PRIMEIRO.

ALGUMAS PAGINAS DE HISTORIA.

I

BEM CORTADO.

1831 e 1832. dous annos que se ligam immediatamente á revolução de Julho, são um dos momentos mais particulares e mais notaveis da historia. Estes dous annos, do meio dos que os precedêram e dos que se lhes seguiram, são como duas montanhas. Teem a grandeza revolucionaria. Distinguem-se nelles precipicios. As massas sociaes, as proprias bases da civilisação, o grupo solido dos interesses superpostos e adherentes, os profis seculares da antiga formação franceza, ahí apparecem e somem-se a cada instante entre as nuvens procellosas dos systemas, das paixões e das theorias. Estas appareições e desappareições foram chamadas resistencia e movimento. De espaço a espaço vê-se brilhar a verdade, o dia da alma humana.

Esta notavel época é por demasia circumscripta, e já se nos vae tornando remota, motivo por que podemos de presente mostrar-lhe os traços principaes.

É o que vamos tentar.

A restauração fôra uma dessas phases intermedia-
rias, difficieis de definir, em que ha fadiga, sussurro,

murmurios, somno, tumulto, e que não são outra coisa mais do que a chegada de uma grande nação a uma parada. Estas épocas são singulares e illudem os politicos que as querem aproveitar. No principio, a nação não pede senão repouso; todos teem um só desejo, a paz; uma unica ambição, ser pequeno. O que quer dizer: estar tranquillo. Os grandes acontecimentos, os grandes azares, as grandes aventuras, os grandes homens, Deus louvado! já são tantos, já foram tam vistos, que até causam enfado. Não ha quem não dê de bom grado Cesar por Prusias e Napoleão pelo rei d'Yvetot. *Que bom reizinho que era esse!* Todos caminháram desde o romper do dia, anoiteceu-lhes após uma longa e ardua jornada; andáram a primeira parte do caminho com Mirabeau, a segunda com Robespierre, a terceira com Bonaparte, estão estafados. Todos pedem cama.

As dedicações fatigadas, os heroismos decrepitos, as ambições saciadas, as fortunas adquiridas, buscam, reclamam, imploram, solicitam o que? um diversorio. E alcançam-n'o. Apoderam-se da paz, da tranquillidade, do repouso; ei-los contentes. Entretanto ao mesmo tempo certos factos surgem, apresentam-se ostensivamente e batem á porta por sua vez. Estes factos sahiram das revoluções e das guerras, existem, vivem, teem direito de estabelecer-se na sociedade e nella se estabelecem; e o mais das vezes os factos são quarteis-mestres e furrieis que preparam alojamentos para os principios.

Então eis o que toca aos philosophos politicos:

Ao passo que os homens fatigados pedem repouso, os factos consumados pedem garantias. As garantias para os factos é a mesma cousa que o repouso para os homens.

É o que a Inglaterra pedia aos Stuarts depois do protector; é o que a França pedia aos Burbons depois do imperio.

Estas garantias são uma necessidade dos tempos. Não ha remedio senão concedê-las. Os principes as outorgam, mas na realidade é a força das cousas que as dá. Verdade profunda e que importa saber-se, verdade que os Stuarts ignoravam em 1662, e que os Bourbons nem se quer lobrigaram em 1814.

A família predestinada, que voltou para França quando Napoleão baqueou, teve a simplicidade fatal de crer que era ella quem dava, e que podia reassumir o que havia dado; que a casa de Bourbon possuia o direito divino, e a França cousa nenhuma; e que o direito politico concedido na carta de Luiz XVIII nada mais era do que um ramo do direito divino cortado pela casa de Bourbon e generosamente dado ao povo até o dia que aprouvesse ao rei retoma-lo. Todavia, pelo desgosto que lhe causava o mimo, a casa de Bourbon devêra ter reconhecido que tal concessão não provinha della.

Foi rabugenta no seculo XIX. Viu com máus olhos cada uma das aspirações da nação. Para nos servirmos da expressão trivial, isto é, popular e verdadeira, mostrou-se trombuda. O povo o notou.

Suppôz que tinha força, porque o imperio desapparecêra deante della como uma vista de theatro. Não reconheceu que pela mesma fôrma se realizára a sua volta. Não viu que por seu turno se achava fechada na propria mão que havia derribado Napoleão.

Suppôz que tinha raizes, porque era o passado. Enganava-se; fazia parte do passado, mas todo o passado era a França. As raizes da sociedade franceza não estavam nos Bourbons, mas na nação. Essas obscuras e vivazes raizes não constituíam o direito de uma família, porém sim a historia de um povo. Estavam em toda a parte, excepto debaixo do throno.

A casa de Bourbon era para a França o élo illustre e sanguinolento da sua historia, mas não já o elemento principal do seu destino, nem a base necessaria da sua politica. Podia passar sem os Bourbons; tinha passado sem elles vinte e dous annos; houvera solução de continuidade; não o notaram. E como teriam notado, se estavam persuadidos que Luiz XVII reinava a 9 de Thermidor e Luiz XVIII no dia em que se travou a batalha de Marengo? Nunca, desde a origem da historia, foram vistos principes tam cegos na presença dos factos e da autoridade divina que os factos contêm e promulgam. Nunca a pretensão terrena a que chamam o direito dos reis negára a tal ponto o direito superno.

Erro capital que levou essa família a abrogar as ga-

rantias outorgadas em 1814, as concessões, como ella as qualificava. Causa triste ! o que chamava suas concessões, eram conquistas nossas; o que chamava nossas invasões, eram direitos nossos.

Quando lhe pareceu chegada a hora, a restauração, suppondo-se victoriosa de Bonaparte e radicada no paiz, isto é, julgando-se forte e profunda, tomou de subito o seu expediente e aventurou-se a desfechar o golpe. Uma manhã ergueu-se á face da França, e, levantando a voz, contestou o titulo colectivo e o titulo individual, á nação a soberania, ao cidadão a liberdade. Por outros termos, negou á nação o que a fazia nação, e ao cidadão o que o fazia cidadão.

Tal o fim desses actos famosos a que chamam *ordenanças de Julho*.

A restauração cahiu.

Cahiu justamente. Entretanto, digamo-lo, não havia sido absolutamente hostile a todas as fórmulas do progresso. Grandes cousas foram feitas durante a sua existencia.

Sob o regimen da restauração a nação habituára-se á discussão na calma, o que não se dera no tempo da republica, e á grandeza na paz, o que lhe faltára no tempo do imperio. A França livre e forte fôra um espectáculo animador para os outros povos da Europa. A revolução tivera a palavra no tempo de Robespierre; o canhão no tempo de Bonaparte; foi no tempo de Luiz XVIII e de Carlos X que por sua vez teve a palavra a intelligencia. O vento cessou, o facho tornou a acender-se. A luz pura dos espiritos de novo tremulou nas eminencias serenas. Espectáculo magnifico, util e attractivo. Foram vistos trabalhando durante quinze annos, no gremio da paz, no meio da praça publica, estes grandes principios, tam antigos para o pensador, tam novos para o homem de estado: a egualdade perante a lei, a liberdade da consciencia, a liberdade da palavra, a liberdade da imprensa, a accessibilidade de todas as habilitações a todas as funcções. Durou isto até 1830. Os Bourbons foram um instrumento de civilisação que se quebrou nas mãos da Providencia.

A queda dos Bourbons foi cheia de grandeza, não da parte delles, mas da parte da nação. Descêram do

throno com gravidade, mas sem autoridade: sumiram-se nas trevas sem deixar esses vestigios sollemnes que dão á historia um sombrio interesse; não houve da sua parte nem a calma espectral de Carlos I, nem o grito de aguia de Napoleão. Retiráram-se, nada mais. Depuzeram a corôa e não ficáram com aureola. Foram dignos, porém não augustos. Offenderam até certo ponto a magestade do seu infortunio. Carlos X na viagem de Cherburgo, mandando dar fôrma quadra da a uma mesa redonda, mostrou-se mais preoccupado da etiqueta em perigo do que da monarchia desmoronada. Este amesquinhamento affligiu os homens dedicados que lhe eram afeiçãoados, e os homens sérios que honravam a sua raça. Quanto ao povo, esse foi admiravel. A nação, atacada uma manhã á mão armada por uma especie de insurreição real, sentiu-se tam forte que se não irou. Defendeu-se, conteve-se, fez que tudo voltasse ao seu lugar respectivo; o governo dentro da orbita da lei, os Bourbons para o exilio, e parou. Tirou o velho rei Carlos X debaixo do docel que cobrira Luiz XIV, e pô-lo brandamente no chão. Não tocou nas pessoas reaes senão com tristeza e precaução. Não foi um homem, não foram alguns homens, foi a França, toda a França, a França victoriosa e embriagada com a sua victoria, que pareceu recordar e praticar aos olhos de todo o mundo as graves palavras de Guilherme Du Var: «É facil aos que estão habituados a solicitar os favores dos grandes e a voar, como um passarinho de ramo em ramo, de uma fortuna adversa a outra prospera, mostrarem-se insolentes para com o seu principe na adversidade; quanto a mim, a fortuna dos meus reis e principalmente a dos afflictos, ser-me-ha sempre veneravel.»

Os Bourbons foram respeitados na sua retirada, mas nenhuma saudade deixáram. Como acabamos de dizer, o seu infortunio foi superior a elles proprios. Sumiram-se no horizonte.

A revolução de Julho teve para logo amigos e inimigos em todo o mundo. Aquelles precipitaram-se para ella com enthusiasmo e alegria; estes afastáram-se d'ella, segundo a sua natureza. Os principes da Europa no primeiro momento, como corvos sorprendidos pela aurora, fecháram os olhos, deslumbra-

dos e estupefactos, e só os tornáram a abrir para ameaçar. Espanto que se comprehende, colera que se desculpa. Esta estranha revolução fôra apenas um cheque: nem sequer dera á realza vencida a honra de trata-la como inimiga e de derramar o seu sangue. Aos olhos dos governos despoticos, sempre interessados em que a liberdade se calunnie a si propria, a revolução de Julho tinha o defeito de ser formidavel, sem deixar de ser branda. Nada aliás foi tentado nem tramado contra ella. Os mais descontentes, os mais irados, os mais furiosos, saudavam-n'a; por maiores que sejam o nosso egoismo e os nossos odios, impoem-nos respeito mystorioso os acontecimentos em que se sente a collaboração de Alguem que trabalha em uma esphera superior á do homem.

A revolução de Julho é o triumpho do direito derrotando o facto. Causa cheia de esplendor.

O direito derrotando o facto. Dahi o brilho da revolução de 1830, dahi tambem a sua mansuetude. O direito que triumphava nenhuma necessidade tem de ser violento.

O direito é—o justo e o verdadeiro.

A qualidade peculiar do direito é a de conservar-se eternamente bello e puro. Todo o facto, ainda o mais necessario na apparencia, ainda o mais bem accedido dos contemporaneos, se não existe senão como facto e se apenas contém mui pouco direito ou nenhum absolutamente, acha-se infallivelmente destinado a tornar-se, com o volver do tempo, desforme, immundo, talvez mesmo hediondo. Quem quizer certificar-se do grau de hediondez a que pôde attingir o facto, considerado atravéz dos seculos, veja Machiavello.

Machiavello não é um máu genio, nem um demónio, nem um escriptor indigno e ignobil; é apenas o facto. E não sómente o facto italiano, senão o facto europêu, o facto do XVI seculo. Parece hediondo, e o é, na presença da idéa moral do XIX.

Esta luta do direito e do facto dura desde a origem das sociedades. Terminar o duello, amalgamar a idéa pura com a realidade humana, fazer penetrar pacificamente o direito no facto e o facto no direito, tal é a tarefa dos sabios.

II

MAL COSIDO.

Mas a tarefa dos sabios é completamente diversa da dos habeis.

A revolução de 1830 depressa parára.

Assim que uma revolução encalha, os habeis tratam de desmantela-la.

Os habeis, no nosso seculo, outorgáram a si mesmos a qualificação de homens de estado; de modo que estas palavras—homem de estado—acabáram por tornar-se até certo ponto palavras de giria. Comefeito, considere-se bem que onde não ha senão habilidade, ha necessariamente mesquinhez. Dizer—os habeis—vem a ser o mesmo que dizer—os mediores.

Assim tambem dizer—os homens de estado—, em certos casos, vem a ser o mesmo que dizer—os traidores.

Se devemos pois crer o que prégam os habeis, as revoluções como a de Julho são arterias cortadas; importa liga-las promptamente. O direito, estrondosamente proclamado, abala. Por conseguinte, uma vez confirmado o direito, releva consolidar o Esta-

do. Segura a liberdade, cumpre curar do poder.

Até aqui os sabios ainda vão com os habeis, mas já começam a desconfiar. O poder, bem. Mas em primeiro lugar, o que vem a ser o poder? em segundo lugar, de onde procede?

Os habeis parecem não ouvir a objecção murmurada, e continuam a sua manobra.

Segundo estes politicos, destros em cobrir as ficções proveitosas com a mascara da necessidade, a primeira cousa que um povo deve tratar de obter depois de uma revolução, quando tal povo faz parte de um continente monarchico, é uma dynastia. Por esta fórmula, dizem elles, pôde ter a paz depois da sua revolução, isto é, tempo para curar as suas feridas e concertar a sua casa. A dynastia encobre o andaim e esconde a ambulancia.

Ora, nem sempre é facil achar uma dynastia.

Rigorosamente fallando, qualquer homem de genio, ou mesmo qualquer homem de fortuna, pôde servir de rei. No primeiro caso temos Napoleão, e no segundo Iturbide.

Mas nem toda e qualquer familia pôde constituir uma dynastia. Deve necessariamente haver certa quantidade de vetustez n'uma raça, e a ruga dos seculos não se improvisa.

Se nos collocarmos no ponto de vista dos *homens de estado*, guardadas todas as reservas, bem entendido, depois de uma revolução, quaes são as qualidades do rei que della sahe? Pôde ser e é util que seja revolucionario, isto é, que participe pessoalmente da revolução, que a haja auxiliado, que nella se tenha compromettido ou illustrado, que lhe haja tocado a segure ou manejado a espada.

Quaes são as qualidades de uma dynastia? Deve ser nacional, isto é, remotamente revolucionaria, não por actos commettidos, mas pelas idéas aceitas. Deve compôr-se de passado e ser historica, e de futuro e ser sympathica.

Tudo isto explica porque as primeiras revoluções se contentam com achar um homem, Cromwel ou Napoleão; e porque as posteriores querem absolutamente achar uma familia, a casa de Brunswick ou a casa de Orleans.

As casas reaes assemelham-se a essas figueiras da India, cujos galhos, dobrando-se até o chão, creem raizes e tornam-se novas figueiras. Cada ramo pôde vir a ser uma dynastia. Cumpre, porém, que se curve até o povo.

Tal é a theoria dos habeis.

Eis pois a grande arte: revestir de um tal ou qual aspecto de catastrophe o successo para que os que com elle lucram tambem tremam, fazer que se considere com medo o passo dado, augmentar a curva da transição a ponto de demorar o progresso, amesquinhar a obra, denunciar e conter as demasias do entusiasmo, cortar os angulos e as unhas, acolchoar o triumpho, abafar o direito, embrulhar em flanela o gigante povo e deita-lo bem depressa, impôr dieta a esse excesso de saude, sujeitar liereules ao tratamento de convalescença, diluir o acontecimento no expediente, offerecer aos espiritos sedentos de ideal este nectar misturado com tisana, tomar todas as precauções para limitar o bom exito, guarnecer de uma empanada a revolução.

1830 praticou esta theoria, já applicada á inglaterra por 1688.

1830 é uma revolução incompleta. Metade de progresso; quasi direito. Ora, a logica desconhece o *quasi*, absolutamente como o sol desconhece a luz de uma vela.

Quem detem as revoluções na sua marcha? A burguezia.

Porque?

Porque a burguezia é o interesse attingindo á satisfação. Hontem era appetite; hoje é plenitude, amanha será saciedade.

O phenomeno de 1814, depois de Napoleão, tornou a dar-se em 1830, depois de Carlos X.

Quizeram, erradamente, fazer da burguezia uma classe. A burguezia é simplesmente a porção satisfeita do povo. O burguez é o homem que tem actualmente tempo de se sentar. Uma cadeira não é uma casta.

Mas, com o desejo de sentar-se cedo de mais, pôde impedir-se a propria marcha do genero humano. Tal foi, não poucas vezes, o erro em que cahiu a burguezia.

Todavia, cumpre ser justo mesmo para com o egoismo, o estado a que aspirava, depois do abalo de 1830, a parte da nação a que chamam burguezia, não era o de inercia que implica indiferença e preguiça, e que contém uma certa dóse de vergonha, não era o de somno que suppõe um esquecimento momentaneo accessivel aos sonhos: era a parada.

A parada é uma palavra formada de um sentido duplo, singular e quasi contradictorio: tropa em marcha, isto é movimento; estação, isto é, repouso.

A parada é a reparação das forças; é o repouso armado e vigiando; é o facto consummado que posta sentinellas e se conserva alerta. A parada suppõe combate hontem e combate amanha.

É o intervallo de 1830 a 1848.

O que aqui chamamos combate póde tambem chamar-se progresso.

A burguezia, pois, bem como os homens de estado careciam de um homem que exprimisse a palavra *parada*. Uma individualidade composta, significando revolução e estabilidade, por outros termos, consolidando o presente pela compatibilidade evidente do passado com o futuro.

Este homem estava *à mão de semear*. Chamava-se Luiz Philippe d'Orléans.

Os 221 fizeram Luiz Philippe rei. Lafayette encarregou-se da sagração. Chamou-o *a melhor das repubblicas*. O palacio da municipalidade de Pariz substituiu a cathedral de Reims.

Esta substituição de um semi-throno ao throno completo foi *a obra de 1830*.

Quando os habeis concluíram a tarefa, manifestou-se o vício immenso da sua solução. Tudo havia sido feito fóra do direito absoluto. Este bradou: Eu protesto e depois, cousa temível, recolheu-se às trevas.

III

LUÍZ PHILIPPE.

As revoluções teem o braço terrível e a mão boa; dão golpes pesados e escolhem bem. Ainda incompletas, ainda adulteradas e censuradas, e reduzidas ao estado de revolução mais nova, como a de 1830, sobra-lhes quasi sempre bastante lucidez providencial para não cahirem mal. O seu eclipse nunca é uma abdicação.

Todavia, não nos gabemos muito; as revoluções, por sua parte, enganam-se, e graves equívocos teem já se visto.

Voltemos para 1830. 1830, no seu desvio, foi feliz. Na instituição que se chamou a ordem após a revolução, o rei valia mais que a realeza. Luiz Philippe era um homem raro.

Filho de um pae a quem a historia concederá por certo as circumstancias attenuantes, mas tão digno de elogio quanto este fôra digno de censura; tendo todas as virtudes privadas e algumas das virtudes publicas; cioso da saude, da fortuna, da propria pessoa, dos seus negocios; conhecendo o valor de um minuto, e nem

sempre o de um anno; sobrio, sereno, pacifico, paciente; bom homem e bom principe: compartindo o leito com sua mulher, e tendo no seu palacio creados encarregados de mostrarem o thoro conjugal aos burguezes; ostentação de alcova regular que se tornára util depois das descaradas mancebias do ramo mais velho; sabendo todas as linguas da Europa, e o que é mais raro, todas as linguagens de todos os interesses, e fallando-as; admiravel representante da *classe média*, mas ultrapassando-a, e sendo-lhe a todos os respeito superior; tendo a excellente penetração, ao tempo que apreciava o sangue de que procedia, de avaliar-se pelo seu merecimento intrinseco, e, a respeito da propria questão da sua raça, particularissimo, declarando-se Orléans e não Bourbon; primeiro entre os primeiros principes da familia real enquanto fôra sómente Alteza Serenissima, mas completo burguez assim que foi magestade; diffuso em publico, conciso no seu trato particular; lido, mas sem prova, como avarento; na realidade, um desses economicos facilmente prodigos por capricho ou por dever: lido, e pouco entusiasta das letras; fidalgo, mas não cavalleiro; simples, calmo e forte; adorado por sua familia e pelos creados; conservador agradavel, homem de estado sem preconceitos, interiormente frio, dominando pelo interesse immediato, governando sempre com meias medidas, incapaz de odio e desconhecimento, gastando sem piedade as superioridades sobre as mediocridades, dextro em fazer as maiorias parlamentares açaimarem essas unanimidades mysteriosas que murmuram surdamente debaixo dos thronos; expansivo, ás vezes imprudente na sua expansão, mas de uma habilidade admiravel nessas imprudencias; fertil em expedientes, em visagens, em mascaras; mettendo medo á França com a Europa e á Europa com a França; amando incontestavelmente o seu paiz, mas preferindo-lhe a sua familia; apreciando mais a dominação do que a autoridade e a autoridade mais do que a dignidade, disposição realmente funesta, porquanto, encaminando tudo para o bom éxito, admite a astucia e não repudia absolutamente a baixeza, mas que não deixa de ser proveitosa, pois que preserva a nação de choques violentos, o Estado de fracturas e

a sociedade de catastrophes; minucioso, correcto, vigilante, attento, sagaz, infatigavel; contradizendo-se ás vezes, e desmentindo-se; intrepido contra a Austria em Ancona, obstinado contra a Inglaterra em Hespanha, bombardeando Antuerpia e pagando a Pritchard; cantando com convicção a *Marseilha*; inaccessível ao abatimento, ás fadigas, ao gosto do bello e do ideal, ás generosidades temerarias, á utopia, á chimera, á coíera, á vaidade, ao temor tendo todas as fórmas da intrepidez pessoal; general em Valmy, soldado em Jemmapes; tocado oito vezes pelo regicídio, e sempre risonho; bravo como um granadeiro, animoso como um pensador; inquieto unicamente ante a possibilidade de um abalo europêu, e improprio para as grandes aventuras politicas; sempre prompto para arriscar a sua vida, nunca a sua obra; fazendo que a sua vontade parecesse influencia, afim de ser obedecido antes como intelligenciado que como rei; dotado de observação e não de adivinhação; dando pouca attenção aos espiritos, mas conhecendo os homens, isto é, carecendo ver para julgar; juizo prompto e penetrante, sabedoria pratica, naturalmente facundo, memoria prodigiosa; recorrendo de continuo a essa memoria, seu unico ponto de semelhança com Cesar, Alexandre e Napoleão; sabendo os factos, as particularidades, as datas, os nomes proprios, ignorando as tendencias, as paixões, os genios diversos da multidão, as aspirações internas, as rebelliões occultas e obscuras das almas, em uma palavra, tudo o que poderíamos chamar correntes invisiveis da consciencia; acceto pela superficie, mas pouco de accordo com a França mais interna; tirando-se desta difficuldade por meio do artificio; primeiro ministro de si mesmo; governando muito e não reinando bastante; primando em fazer da mesquinhez das realidades um obstaculo á immensidade das idéas; ajuntando a uma verdadeira faculdade creadora de civilisação, de ordem e de organisação, certo espirito de rabulice; fundador e procurador de uma dynastia; tendo alguma cousa de Carlos Magno e alguma cousa de um advogado; em summa, vulto egregio e original, principe que soube ter poder a despeito da inquietação da França e preponderancia a despeito do ciume da Europa, Luiz Philippe

será classificado entre os homens eminentes do seu século, e seria contado no numero dos governantes mais illustres da historia, se houvesse amado um pouco a gloria, e se tivesse tido o sentimento do que é grande no mesmo gráu que o sentimento do que é util.

Luiz Philippe fôra bello, e depois de velho nada perdêra da sua graça; raras vezes applaudido pela nação, era-o sempre pela multidão; agradava. Tinha um dom, o de attrahir. Faltava-lhe a magestade: não trazia corôa, posto que fosse rei, nem tinha cabellos brancos, apesar de ser velho. Os seus ademanes eram do antigo regimen, os seus habitos do novo, mistura do nobre e do burguez que couvinha a 1830; Luiz Philippe era a transição reinante, conservára a pronuncia e a orthographia antigas que punha ao serviço das opiniões modernas; gostava da Polonia e da Hungria, mas escrevia *le polonois* e pronunciava *les hongrais*. Trazia a farda da guarda nacional como Carlos X, e a gran-cruz da Legião de Honra, como Napoleão.

Ja raras vezes á capella, nenhuma á caça, nunca á opera. Incorruptivel aos sacristães, aos mouteiros e ás dansarinas; concorria isto para a sua popularidade burgueza. Não tinha côrte. Sahia com o guarda-chuva debaixo do braço, e o guarda chuva por muito tempo fez parte da sua aureola. Era um pouco pedreiro, jardineiro e medico; uma vez sangrou um postilhão que cahira do cavallo a baixo; Luiz Philippe trazia sempre consigo a lanceta e como Henrique III o punhal: Os realistas riam-se deste rei ridiculo, o primeiro que chegou a derramar sangue para curar.

Nas queixas da historia contra Luiz Philippe ha um desconto que fazer; accusa-se a realeza, o reinado, o rei; tres parcellas que dão cada uma somma differente. O direito democratico confiscado, o progresso considerado como interesse secundario, os protestos da rua reprimidos violentamente, a execução militar das insurreições, o motim passado pelas armas, a rua Transnonain, os conselhos de guerra, a absorpeção do paiz real pelo paiz legal, o governo de sociedade com trescentos mil privilegiados, são obras da realeza; a Belgica desdenhada, a Argelia duramente conquistada, e, como a India pelos inglezes, com mais barba-

ria do que civilisação, a falta de fé para com Abdel-Kader, Blaye, Deutz comprado, Pritchard pago, são obras do reinado; a politica mais familiar que nacional é obra do rei.

Como se vê, operado o desconto, diminue a responsabilidade do rei.

O seu grande erro, ei-lo:—Foi modesto em nome da França.

Qual a origem desse erro?

Digamo-lo.

Luiz Philippe foi mais pae do que rei; a incubação de uma familia de que se quer tirar uma dynastia tem medo de tudo e evita o menor incommodo; dahi receios excessivos, importunos ao povo que tem o 14 de julho na sua tradição civil e Austerlitz na sua tradição militar.

Todavia, abstrahindo dos deveres publicos, que devem ter sempre o primeiro lugar, a familia de Luiz Philippe merecia todo esse amor do seu cheffe. Grupo domestico admiravel. As virtudes nelle se uniam aos talentos. Uma das filhas de Luiz Philippe, Maria d'Orléans, inscrevia o seu nome de familia entre os dos artistas, assim como Carlos d'Orléans o inscrevera entre os dos poetas. Bera alma a um marmore a que chamára Joanna d'Arc. Dous dos filhos de Luiz Philippe haviam arrancado a Metternich este elogio demagogico: *São moços como raras vezes se encontram, e principes como não ha nenhum.*

Eis pois, sem nada dissimular, mas tambem sem nada agravar, toda a verdade a respeito de Luiz Philippe.

Ser o principe egualdade, trazer em si a contradicção da restauração e da revolução, ter o lado inquietante do revolucionario que se torna tranquilizador no governante, tal foi a fortuna de Luiz Philippe em 1830; nunca houve adaptação mais completa de um homem em um acontecimento; um entrou no outro, e a encarnação consummou-se. Luiz Philippe é 1830 feito homem. Demais tinha a seu favor essa grande designação ao throno, o degredo. Vira-se proscripto, errante, pobre. Vivêra do seu trabalho. Na Suissa, este proprietario dos mais ricos dominios de França, vendêra um cavallo velho para ter que comer. Em Rei-

chanau dera lições de mathematicas, ao passo que sua irmã Adelaide cosia e bordava.

Estas recordações unidas a um rei enthusiasravam a burguezia. Com as suas proprias mãos demolira a ultima gaiola de ferro de Monte San' Miguel, fabricada por Luiz XI, e aproveitada por Luiz XV. Fôra companheiro de Dumouriez, era amigo de Lafayette; pertencera ao club dos jacobinos; Mirabeau batera-lhe no hombro; Danton dissera-lhe: Mancebo! na idade de vinte e quatro annos, em 1793, quando era o senr. de Chartres, assistira, do fundo de uma tribunasinha escura da Convenção, ao julgamento de Luiz XVI, tam propriamente chamado—*Opobre tyranno*. O cego discernimento da revolução aniquilando a realza no rei e o rei com a realza, quasi sem discriminar o homem no tremendo esmagamento da idéa, a immensa tempestade da assembléa tribunal, a colera publica interrogando, Capeto sem saber o que respondesse, a horrorosa vacillação daquelle fronte regia ao embate da rajada tenebrosa, a innocencia relativa de todos em semelhante catastrophe, tanto dos que condemnavam, como do que era condemnado, tudo isto se passára na sua presença; contemplára aquellas vertigens; vira os seculos comparecerem á barra da Convenção; vira, por detrás de Luiz XVI, misero tranzitante responsavel, erguer-se nas trevas a formidavel ré, a monarchia; e ficara-lhe n'alma o temor respeitoso dessas immensas justicas do povo quasi tam impessoaes como a justiça de Deus.

A impressão que lhe deixára a revolução era prodigiosa. A sua memoria era como uma chronica viva desses grandes annos minuto por minuto. Um dia, na presença de uma testemunha de quem nos é impossivel duvidar, repetira de cór toda a lettra A da lista alphabetica da assembléa constituinte.

Luiz Philippe foi um rei amigo da luz. Emquanto reinou, a imprensa foi livre, a tribuna foi livre, livres a consciencia e a tribuna. As leis de Setembro são uma claraboia. Bem que soubesse quam corrosiva é a luz que se espalha sobre os privilegios, deixou o seu throno exposto á luz. A historia levar-lhe-ha em conta esta lealdade.

Luiz Philippe, como todos os homens historicos

sahidos da scena, é hoje julgado pela consciencia humana. O seu processo ainda agora se acha em primeira instancia.

A hora em que a historia falla com o seu tom veneravel e livre ainda não soou para elle; não chegou ainda o momento de pronunciar sobre este rei o julgamento definitivo; até o austero e illustre historiador Luiz Blanc diminuiu recentemente o rigor do seu primeiro *verdict*; Luiz Philippe foi o eleito destes dous *quasis* a que chamam os 221 e 1830, isto é, um semi parlamento e uma semi revolução; e em todo o caso, no ponto de vista superior em que deve collocar-se a philosophia, não poderíamos julga-lo aqui, como o leitor terá sem duvida lobrigado, mais acima, senão com certas reservas em nome do principio democratico absoluto; aos olhos do absoluto, fóra destes dous direitos: o direito do homem primeiro, o direito do povo depois, tudo é usurpação; mas o que podemos dizer de presente, feitas estas reservas, é que, em ultima analyse e de qualquer modo que o consideremos, Luiz Philippe, como individuo, e no ponto de vista de bondade humana, será, para usarmos da velha linguagem da antiga historia, um dos melhores principes que tem occupado thronos.

O que ha contra elle? Esse throno. Tirem de Luiz Philippe o rei. Fica o homem. E o homem é bom. De bom que é, chega ás vezes a ser admiravel. No meio dos mais graves cuidados, depois de um dia de luta contra toda a diplomacia do continente, recolhia-se de noite ao seu aposento, e alli, cansado, cahindo de semno, o que fazia? Pegava n'uns autos, e passava o resto da noite a rever um processo crime, achando que era grande cousa resistir á Europa, mas que era negocio muito mais transcendente arrancar um homem ao algoz. Porfiava com o seu chanceller; disputava palmo a palmo o terreno da guilhotina aos procuradores-geraes, aos *tagarellas da lei*, como os chamava. Ás vezes os autos amontoados lhe cobriam a mesa; examinava-os todos; era uma angustia para elle abandonar aquellas miseras cabeças condemnadas. Um dia dizia á mesma testemunha que ha pouco indicámos: *Esta noite, salvei sete*. Durante os primeiros annos do seu reinado a pena

de morte foi quasi abolida, e o cadafalso reerguido foi uma violencia feita ao rei. Tendo desaparecido a Grève com o ramo mais velho, instituiu-se uma Grève burgueza debaixo do nome de Barreira de Sant'Iago; os *homens praticos* sentiram a necessidade de uma guilhotina *quasi legitima*; e foi isto uma das victorias de Casimiro Périer, que representava os lados acanhados da burguezia, sobre Luiz Philipe, que representava os seus lados liberaes. Luiz Philipe annotára Beccaria com o seu proprio punho. Depois do attentado da machina Fieschi, exclamava: *Que pena que eu não fosse ferido! Teria podido perdoar.* Em outra occasião, alludindo á resistencia dos ministros, escrevia a respeito de um condemnado politico, que é um dos mais bellos vultos do nosso tempo: *O seu perdão está concedido: agora só me resta obtê-lo.* Luiz Philippe era brando como Luiz IX e bom como Henrique IV.

Ora, para nós, na historia onde a bondade é a perola rara, quem foi bom quasi antecede a quem foi grande.

Tendo Luiz Philipe sido severamente apreciado por uns, duramente talvez por outros, é natural que um homem, hoje phantasma, que conheceu este rei, venha depôr a seu favor perante a historia; este depoimento, qualquer que elle seja, é evidentemente e sobre tudo desinteressado; um epitaphio escripto por um morto é sincero; uma sombra pode consolar outra sombra; compartindo as mesmas trevas tem direito de elogiar; e nenhum receio pode haver de que se diga jamais de dous tumulos no desterro:—Este adulou aquelle.

IV

FENDAS NOS ALICERCES.

No momento em que o drama que referimos vae penetrar no seio de uma das nuvens tragicas que obumbram o principio do reinado de Luiz Philippe, cumpria não haver equivoco, e forçoso nos era diser o que pensamos a respeito desse rei.

Luiz Philippe assumira a regia autoridade sem violencia, sem accção directa da sua parte, pelo facto de um desvio revolucionario, evidentemente mui distincto do fim real da revolução, mas em que elle, duque d'Orleans, não tivera nenhuma iniciativa pessoal. Não dera a si mesmo aquelle mandato; não o tomára; fôra-lhe offerecido e aceitára-o; convencido, erradamente a nosso ver, mas convencido de que o offerecimento era conforme ao direito e que a aceitação era conforme ao dever. Dahi uma posse de boa fé. Ora, dizemo-lo com a mão na consciencia, achando-se Luiz Philippe de boa fé na sua posse, e a democracia de boa fé no seu ataque, o horror que acompanha as lutas sociaes não é imputavel nem ao rei, nem á democracia. Um embate de principios assemelha-

se a um embate de elementos. O oceano defende a agua, o furacão defende o ar; o rei defende a realza, a democracia defende o povo; o relativo, que é a monarchia, resiste ao absoluto que é a republica; a sociedade ensanguenta-se neste conflicto, mas o que hoje lhe é soffrimento ser-lhe-ha mais tarde salvação; e, em todo o caso, não ha exprobar os que lutam; um dos dous partidos evidentemente se engana; o direito não está, como o colosso de Rhodes, em duas margens ao mesmo tempo, com um pé na republica e outro na realza; é indivisivel, e está só de um lado; mas os que se enganam, enganam-se sinceramente; um cego está tam longe de ser culpado, como um vandeano de ser salteador. Não imputemos pois senão á fatalidade das cousas estas collisões formidaveis. Quaesquer que sejam estas tempestades, anda com ellas a irresponsabilidade humana.

Terminemos esta exposição.

O governo de 1830 teve para logo uma vida atribulada. Nascido na vespera, viu-se obrigado a combater no dia seguinte.

Apenas estabelecido, sentia já por toda a parte vagos movimentos de tracção no apparelho de Julho tam recentemente applicado e ainda mal seguro.

A resistencia nasceu no dia seguinte; talvez mesmo houvesse nascido na vespera.

De mez em mez a hostilidade cresceu, e de surda tornou-se patente.

A revolução de Julho, mal aceita fóra da França pelos reis, como dissemos, fóra em França diversamente interpretada.

Deus communica aos homens as suas vontades visiveis nos acontecimentos, texto obscuro escripto em uma lingua mysteriosa. Os homens tratam logo de traduzi-las; estas traducções são prematuras, incorrectas, cheias de erros, de lacunas e de contra sentidos. Bem poucos espiritos comprehendem a lingua divina. Os mais sagazes, os mais calmos, os mais profundos, decifram lentamente, e, quando chegam com o seu texto, acha-se o trabalho de ha muito concluido; já ha vinte traducções na praça publica. De cada traducção nasce um partido, e de cada contra-senso uma facção; e cada partido suppõe-se o unico

possuidor do verdadeiro texto, e cada facção julga possuir a luz.

As vezes o proprio poder é uma facção.

Ha nas revoluções nadadores contra a corrente, são os antigos partidos.

Para os antigos partidos que adherem á hereditariiedade pela graça de Deus, por isso que as revoluções sabem do direito de revolta, ha o mesmo direito contra ellas. Erro. Porquanto nas revoluções o revoltado não é o povo, é o rei. Revolução é justamente o contrario da revolta. Toda a revolução, sendo um facto normal, contém em si mesma a sua legitimidade, que falsos revolucionários ás vezes deshonram, mas que persiste, ainda mesmo manchada, que sobrevive, ainda mesmo ensanguentada. As revoluções procedem, não de um accidente, senão da necessidade. Uma revolução é a volta do ficticio ao real. Existe, porque importa que exista.

Os antigos partidos legitimistas nem por isso deixavam de assaltar a revolução de 1830 com todas as violencias que rebentam do falso raciocínio. Os erros são excellentes projectis. Atiravam-lhe dextramente botes á parte em que ella era vulneravel e que a sua coragem deixava descoberta, á sua falta de logica: atacavam esta revolução na sua realza. Bradavam-lhe: Revolução, porque aceitaste este rei? As facções são cegas que tem mão certa.

Os republicanos soltavam o mesmo grito. Mas, da parte delles, era logico. O que era cegueira nos legitimistas, era discernimento nos democratas. 1830 burlára o povo. A democracia indignada lh'o exprobrava.

Entre o ataque do passado e o ataque do futuro, debatia-se a instituição de Julho. Representava o minuto em luta de um lado com os seculos monarchicos, e do outro lado com o direito eterno.

Além disto, no exterior, já não sendo revolução, e tornando-se monarchia, 1830 via-se obrigado a harmonisar-se com as demais monarchias da Europa. Conservar a paz, augmento de complicação. Uma harmonia em contra senso é muitas vezes mais onerosa do que uma guerra. Beste surdo conflicto, sempre acalmado, mas sempre rosnando, nasceu a paz arma-

da, ruinoso expediente da civilisação suspeita a si mesma. A realeza de Julho, bem a contra gosto, no tiro dos Gabinetes europeus. Metternich lhe houvera posto de bom grado um travão. Empuxada em França pelo progresso, empuxava na Europa as monarchias, essas tardigradas. Assim como a rebocavam, rebocava por seu turno.

Entretanto, no interior, panperismo, proletariado, salario, educação, penalidade, prostituição, sorte da mulher, riqueza, miseria, producção, consumo, partilha, escaimbo, moeda, credito, direito do capital, direito do trabalho, todas estas questões se multiplicavam pairando sobre a sociedade; imminencia terrivel.

Além dos partidos politicos propriamente ditos, outro movimento se manifestava. A fermentação democratica respondia a fermentação philosophica. A parte culta da nação sentia-se inquieta como as turbas; de outro modo, mas com a mesma intensidade.

Alguns pensadores meditavam, ao passo que o sólo, isto é, o povo, cortado de correntes revolucionarias, tremia debaixo delles com vagas convulsões epilepticas. Esses cogitadores, uns isolados, outros reunidos em familias e quasi em communhões, agitavam as questões sociaes, pacificas, o mais profundamente possivel; mineiros impassiveis que rasgavam tranquillamente as suas galerias nas entranhas de um vulcão, apenas incommodados pelos surdos abalos e pelas chammas entrevistas.

Esta tranquillidade não era o espectaculo menos bello daquella época agitada.

Esses homens deixavam aos partidos politicos a questão dos direitos, occupavam-se com a questão da felicidade.

A commodidade do homem, eis o que elles queriam extrahir da sociedade.

Elevavam as questões materiaes, as questões de agricultura, de industria, de commercio, quasi á dignidade de uma religião. Na civilisação tal qual ella se constitue, um tanto por intermedio de Deus, muito mais pela mão do homem, os interesses se combinam, se amalgamam de modo que formam uma verdadeira rocha dura, segundo uma lei dynamica pacientemente estudada pelos economistas, geologos da politica.

Estes homens, que se grupavam sob denominações differentes, mas que podem todos ser designados pelo titulo generico de socialistas, buscavam cavar a rocha e fazer jorrar della as aguas vivas da felicidade humana.

Desde a questão do cadafalso até a da guerra, os seus trabalhos abrangiam tudo. Ao direito do homem, proclamado pela revolução francesa, ajuntavam elles o direito da mulher e o da creança.

O leitor não estranhará que, por diversas razões, não discutamos aqui detidamente, á luz da theoria, as questões agitadas pelo socialismo. Limitamo-nos a indica-las.

Todos os problemas que os socialistas se propunham, postas de parte as visões cosmogonicas, o devaneio e o mysticismo, podem ser reduzidos a dous problemas principaes.

Primeiro problema:

Produzir a riqueza.

Segundo problema:

Reparti-la.

O primeiro problema contem a questão do trabalho.

O segundo, a do salario.

No primeiro trata-se do emprego das forças.

No segundo, da distribuição dos gozos.

Do bom emprego das forças resulta a abastança publica.

Da boa distribuição dos gozos resulta a felicidade individual.

Por boa distribuição, deve entender-se, não a distribuição egual, mas racional. A primeira egualdade é a equidade.

Destas duas cousas combinadas, abastança publica no exterior, felicidade individual no interior, resulta a prosperidade social.

Prosperidade social quer dizer o homem feliz, o cidadão livre, a nação grande.

A Inglaterra resolve o primeiro destes dous problemas. Produz admiravelmente a riqueza, mas reparte-a mal. Esta solução, que não é completa senão de uma parte, leva-a fatalmente a dous extremos: opulencia monstruosa e monstruosa miseria. Todos os gozos

para alguns, todas as privações para outros, isto é, para o povo; o privilegio, a excepção, o monopólio, a fendalidade, a nascer do próprio trabalho. Situação falsa e perigosa que basêa a abastança publica na miseria privada, e enraiza a grandeza do Estado nos sofrimentos do individuo. Grandeza mal composta, em que se combinam todos os elementos materiaes e em que não entra nenhum elemento moral.

O communismo e a lei agraria creem resolver o segundo problema. Enganam-se. A sua repartição mata a produção. A partilha igual extingue a emulação, e por conseguinte o trabalho. É uma repartição feita pelo carnicheiro, que mata o que divide. É pois impossivel attendermos a estas soluções falsas. Matar a riqueza não é dividi-la.

Os dous problemas devem ser resolvidos simultaneamente para que seja boa a solução. As duas soluções devem ser combinadas, e não formar senão uma só.

Se resolverdes unicamente o primeiro dos dous problemas, sereis Veneza, sereis Inglaterra. Tereis como Veneza um poder artificial, ou como a Inglaterra um poder material; sereis o mau rico. Perecereis por uma via de facto, como morreu Veneza, ou por uma bancarota, como cahirá a Inglaterra. E o mundo vos deixará morrer e cahir, porque o mundo deixa cahir e morrer tudo o que não é senão egoismo, tudo o que não representa para o genero humano uma virtude ou uma idéa.

Entenda-se, porém, que por estes nomes, Veneza, Inglaterra, designamos não povos, mas construcções sociaes; as oligarchias sobrepropostas ás nações, e não as proprias nações. Estas teem sempre salvos o nosso respeito e a nossa sympathia. Veneza, povo, renascerá; a Inglaterra, aristocracia, cahirá, mas a Inglaterra, como nação, é immortal. Dito isto, prosigamos.

Resolvi os dous problemas, animei o rico e protegi o pobre, supprimi a miseria, ponde um termo ás extorsões do forte contra o fraco, refrae o crime iniquo dos que ainda caminham contra os que já chegaram, proporcionae mathematica e fraternalmente o salario ao trabalho, ajuntae o ensino gratuito e obrigatorio ao crescimento da infancia e dae a

sciencia por base á virilidade, alargae as intelligencias occupando ao mesmo tempo os braços, séde simultaneamente um povo poderoso e uma familia de homens felizes, democratisae a propriedade, não abolindo-a, mas universalisando-a, de modo que todo o cidadão sem excepção seja proprietario, cousa mais facil do que se julga; em duas palavras, sabei produzir a riqueza e sabei reparti-la, e tereis a um tempo a grandeza material e a grandeza moral; e se-reis dignos de vos chamardes a França.

Eis, fóra e acima de algumas seitas que se transviavam, o que dizia o socialismo; eis o que elle buscava nos factos, eis o que esboçava nos espiritos.

Esforços admiraveis ! tentativas sagradas !

Estas doutrinas, estas theorias, estas resistencias, a necessidade inesperada para o homem de estado de contar com os philosophos, confusas evidencias lóbrigadas, uma politica nova a crear, de accordo com o antigo regimen, sem pôr-se em demasiado antagonismo com o ideal revolucionario, uma situação em que cumpria gastar Lafayette em defender Polignac, a intuição do progresso transparente sob o motim, as camaras e a rua, rivalidades a equilibrar em torno de si, e sua fé na revolução, quiçá certa resignação eventual nascida da vaga aceitação de um direito definitivo superior, a vontade de não desmerecer da sua raça, o seu espirito de familia, o seu sincero respeito do povo, e sua propria probidade, preocupavam Luiz Philippe quasi ~~rotundamente~~ ^{rotundamente}, e instantes havia em que, a despeito de toda a sua fortaleza e animo, o prostravam sob a difficuldade de ser rei.

Sentia debaixo dos pés uma desagregação temerosa, que todavia não era uma pulverisação, visto ser a França mais França que nunca.

Tenebrosas nuvens se amontoavam toldando o horizonte. Uma sombra estranha, avançando de espaço a espaço, estendia-se pouco a pouco sobre os homens, sobre as cousas, sobre as ideas; sombra que provinha das coleras e dos systemas. Tudo quanto fóra prematuramente abafado se agitava e fermentava. Às vezes a consciencia do homem honesto recolhia a respiração, tam incommodo era esse ar em que os

sophismas se ajuntavam ás verdades. Os espiritos tremiam na ansiedade social como as folhas ao approximar-se a tempestade. A tensão electrica era tal que em certos instantes o primeiro adventicio, um desconhecido, allumiava. Depois voltava a escuridade crepuscular. De tempos em tempos profundos e surdos estampidos annunciavam os raios que havia na nuvem.

Vinte mezes eram apenas passados depois da revolução de julho, o anno de 1832 apresentava-se com um aspecto de imminencia e de ameaça. A angustia do povo, os trabalhadores sem pão, o ultimo principe de Condé desaparecido nas trevas; Bruxellas expulsando os Nassaus como Pariz os Bourbons, a Belgica offerecendo-se a um principe francez e dada a um principe inglez; o odio moscovita de Nicolán; atrás de nós dous demonios do sul, Fernando na Hespanha, Miguel em Portugal; a terra tremendo na Italia, Metternich deitando a mão sobre Bolonha, a França atacando a Austria em Ancona, no norte o arruido das martelladas com que tornavam a encerrar a Polonia no seu caixão mortuario; em toda a Europa olhares irados vigiando a França; a Inglaterra, alliada suspeita, prompta para empurrar o que vacillasse e para lançar-se sobre o que cahisse; o patriato escudando-se com Beccaria para negar quatro cabeças á lei, as flores de lis raspadas da carruagem do rei, a cruz arrancada da egreja de Nossa Senhora, Lafayette amesquinhado, Laffitte arruinado, Benjamin Constant morto na indigencia, Casimiro Périer morto das fadigas do poder; a molestia politica e a molestia social declarando-se ao mesmo tempo nas duas capitães do reino, uma a cidade do pensamento, outra a cidade do trabalho; em Pariza guerra civil, em Lyão a guerra servil; nas duas cidades o mesmo clarão de incendio; um rubor de cratera na fronte do povo; o sul fanatisado, o oeste agitado, a duqueza de Berry na Vendée, os conventiculos, as conspirações, as insurreições, a cholera-morbus, ajuntavam ao sombrio rumor das idéas o pavoroso tumulto dos acontecimentos.

V.

FACTOS DE QUE PROCEDE A HISTORIA; E QUE ELLA IGNORA.

Em fins de abril tudo se finha aggravado. A fermentação tornara-se fervura. Depois de 1830 houvera aqui e acolá revoltazinhas parciaes, immediatamente comprimidas, mas sempre renascendo, signal de uma immensa conflagração subjacente. Incubava-se alguma cousa terrivel. Avistavam-se os contornos ainda pouco distinctos e mal allumiados de uma revolução possivel. A França olhava para Pariz; Pariz olhava para o bairro de Sancto Antonio.

O bairro de Sancto Antonio, surdamente aquecido, entrava em ebulição.

As tavernas da rua Charonne eram, ainda que a junção destes dous epithetos pareça singular applicada a tavernas, graves e procellosas.

O governo alli era nua e cruamente discutido. Deliberava-se publicamente sobre *a cousa, afim de ver se cumpria bater-se ou ficar tranquillo*. Havia salas retiradas onde faziam os operarios jurar que se achariam na rua ao primeiro grito de alarma, e «que se bateriam sem contar o numero dos inimigos.» Contrahido o

compromisso, um homem sentado em um canto da taverna engrossava a voz, e dizia: *Cuidado! tu o juraste!* Às vezes eram levados para um quarto fechado, no primeiro andar, e ali se passavam scenas quasi mágicas. O iniciado tinha de prestar juramentos *para servi-lo, bem como aos paes de familia*. Tal era a formula.

Nas salas de baixo liam-se folhetos subversivos: «*Elles pisavão o governo,*» diz um relatorio reservado desse tempo.

Alli se ouviam palavras como estas: «*Não sei os nomes dos cheffes. Nós outros não saberemos o dia senão duas horas antes.*» Um operario dizia: «*Somos trezentos, demos cada um dez soldos, e assim teremos cento e cincoenta francos para fabricar balas e pólvora.*» Outro dizia: «*Não levará seis mezes, nem mesmo dous. Antes de quinze dias nos acharemos em parallelo como o governo. Com vinte e cinco mil podemos apresentar-nos a rosto descoberto.*» Ainda outro dizia: «*Eu não durmo, porque levo toda a noite a fazer cartuchos.*» De tempos a tempos alguns homens, vestidos de burguezes e mui aceiados, vinham, com precaução, e com ar de commando, apertavam a mão dos mais importantes, e retiravam-se. Não se demoravam mais de dez minutos. Trocavam-se em voz baixa palavras significativas: «*A conspiração está madura, tudo está prompto,*» murmuravam todos quantos alli se achavam, para nos servirmos da propria expressão de um dos frequentadores daquelles conventiculos. A exaltação era tal que um dia, no meio de uma taverna, um obreiro exclamou: «*Não temos armas!*» Um dos seus camaradas respondeu: «*Os soldados as têm!*» parodiando assim, sem o saber, a proclamação de Bonaparte ao exercito da Italia. «*Quando tinham alguma cousa mais secreta, acrescenta um relatorio, não a communicavam alli.*» Não sabemos o que poderiam ter que esconder depois de dizerem o que diziam.

As reuniões eram às vezes periodicas. Em algumas dellas nunca compareciam mais de oito ou dez, e sempre os mesmos. Em outras, entrava quem queria, e a sala ficava tam cheia que os que chegavam por ultimo eram obrigados a estar de pé. Uns alli se achavam por enthusiasmo e paixão; outros porque *era o seu ca-*

minho indo para o trabalho. Como no tempo da revolução, havia nestas tavernas mulheres patriotas que abraçavam os novatos.

Outros factos expressivos se manifestavam.

Um homem entrava n'uma taverna, bebia, e sahia dizendo: *Taverneiro, a que te fico a dever a revolução t'o pagará.*

N'uma taverna defronte da rua Charonne nomeavam-se agentes revolucionarios. O escrutinio fazia-se dentro de bonés.

Alguns obreiros reuniam-se em casa de um mestre de esgrima que dava lições na rua de Cotte. Havia alli um trophêu de armas formado de espadas de pân, bengalas, fueiros e floretes. Um dia tiraram os botões aos floretes. Um operario dizia: *«Somos vinte e cinco, mas não contam comigo, porque me consideram como uma machina.»* Esta machina veio depois a ser Qué-nisset.

O que quer que fosse que se premeditava assumia pouco a pouco estranha notoriedade. Uma mulher varrendo a sua testada dizia para outra: *«Ha já bastante tempo que trabalham a fazer cartuchos.»* Liam-se no meio da rua proclamações dirigidas aos guardas nacionaes dos departamentos. Uma destas proclamações era assim assignada: *«Burtet, mercador de vinho.»*

Um dia, a porta de um liquorista do mercado Le-noir, um homem que trazia barba por baixo do queixo e tinha pronuncia italiana trepava a uma pilastra e lia em voz alta um escripto que parecia emanar de um poder occulto. Alguns grupos se tinham formado em roda d'elle e applaudiam. As passagens que mais abalavam a multidão foram guardadas de memoria e escriptas. «... As nossas doutrinas são embaraçadas, as nossas proclamações rasgadas, os nossos affixadores espiados e presos...» — «A baixa que acabam de sofrer os algodões converteu muitos *marombistas* aos nossos principios.» — «... O futuro dos povos se elabora nas nossas fileiras obscuras...» — «... Eis postos os termos: acção ou reacção, revolução ou contra revolução. Porquanto na nossa época já não se crê na inercia nem na immobildade. Pelo povo ou contra o povo, tal é a questão. Não ha outra.» — «No dia em que já não vos conviermos, despedagao-nos, mas entre-

mentes ajudae-nos a caminhar. » Tudo isto ao pino do dia.

Outros factos, mais temerarios ainda, eram suspeitos ao povo mesmo por causa da sua temeridade. No dia 4 de abril de 1832 um tranzitante trepava á pilastra que fica no canto da rua Santa Margarida, e gritava: «*Eu sou babauvista!* » Mas por baixo de Baboeuf o povo farejava Gisquet.

Entre outras consas, dizia este tranzitante:

—Abaixo a propriedade ! A opposição da esquerda é covarde e traidora. Quando quer vencer prêga a revolução. É democrata para não ser batida, e realista para não combater. Os republicanos são animaes plumigeros. Desconfiaes dos republicanos, cidadãos trabalhadores !

—Silencio, cidadão beleguim ! gritou um operario.

Este grito pôz termo ao discurso.

Incidentes mysteriosos se manifestavam.

À bocca da noite, um obreiro se encontrava junto do canal com um homem bem vestido, que lhe dizia:

—Onde vaes, cidadão ?

—Senhor, respondia o obreiro, não tenho a honra de o conhecer.

—Pois eu conheço-te bem.

E o homem accrescentava:

—Nada receies. Sou agente da commissão. Desconfia-se da tua boa vontade. Bem sabes que se revelares alguma cousa, não escaparás.

Depois apertava a mão do obreiro e afastava-se dizendo:

—Breve tornaremos a ver-nos.

A policia, de ouvido alerta, escutava, não já sómente nas tavernas, mas até no meio da rua dialogos singulares:

—Trata de seres admittido quanto antes, dizia um tecelão para um marceneiro.

—Porque ?

—Está para haver um tiroteio.

Dous transeuntes andrajosos trocavam estas replicas notaveis, em que se manifesta claramente uma *jacquerie*:

—Quem nos governa ?

—O senr. Philippe.

—Não, é a burguezia.

O leitor se enganaria se suppuzesse que damos sentido odioso á palavra *jacquerie*. Os *jacques* eram os pobres. Ora, os que teem fome teem direito.

Em outra occasião, dous homens iam passando e um delles dizia para o outro:

—Temos um bom plano de ataque.

De uma conversação intima entre quatro homens escondidos dentro de um fosso da barreira do Throno, apenas se pôde perceber o seguinte:

—Far-se-ha todo o possivel para que elle não passeie mais em Pariz.

Quem era *elle*? Obscuridade ameaçadora.

Os principaes cheffes, como se dizia no suburbio, conservavam-se de parte. Acreditava-se que elles se reuniam para concertarem em uma taverna perto da ponta de Santa Eustachia. Um certo Aug., cheffe da sociedade Beneficente dos Alfaiates, á rua Mondetour, passava por servir de intermediario central entre os cheffes e o bairro de Sancto Antonio. Todavia, esses cheffes envolveram-se sempre em densas trevas, e nenhum facto certo pôde invalidar a alivez singular desta resposta dada depois por um accusado perante a camara dos pares constituída em tribunal:

—Quem era o seu cheffe?

—*Não conhecia nem reconhecia nenhum.*

Por ora eram apenas palavras transparentes, mas vagas; ás vezes ditos aereos, meros *consta*, *diz-se*. Outros indicios sobrevinham.

Um carpinteiro, occupado na rua de Rueilly em cercar de taboas um terreno onde se construia uma casa, achou um fragmento de carta onde ainda se liam bem claras estas linhas:

« Cumpre que a comissão tome medidas para
« impedir o recrutamento nas secções para as diffe-
« rentes sociedades. . . »

E em *post-scriptum*:

« Soubemos que havia espingardas na rua do Fau-
« bourg-Poissonnière n. 5 (bis), em numero de cinco
« ou seis mil, em casa de um armeiro que mora no
« páteo. A secção não tem armas. »

O que fez que o carpinteiro se assustasse e mostrasse o papel aos vizinhos, foi ter encontrado al-

guns passos mais adeante outro papel igualmente rasgado e ainda mais significativo, cuja configuração aqui damos por causa do interesse historico destes estranhos documentos.

Q	C	D	E	Decóra esta lista. Quando a souberes de côr, rasga-a. Os homens admittidos farão o mesmo sempre que alguma ordem tua lhes fôr transmittida. Saude e fraternidade. L. u og a^l fe.
---	---	---	---	--

As pessoas a quem então foi mostrado este papel só muito depois souberam que as iniciaes significavam *quinturiões, centuriões, decuriões, exploradores*, e o sentido destas letras *u og a^l fe* que era uma data e queria dizer *15 de abril de 1832*. Por baixo de cada inicial estavam inscriptos nomes seguidos de indicações bem características. Por exemplo;—Q. *Bannsel*. 8 espingardas. 83 cartuxos. Homem seguro.—C. *Bou-biere*. 1 pistola. 40 cartuchos.—D. *Rollet*. 1 florete. 1 pistola. 1 libra de polvora.—E. *Teissier*. 1 espada. 1 patrona. Exacto:—*Terrer*. 8 espingardas. Bravo &.

Emfim este carpinteiro achou, tambem no mesmo terreno, terceiro papel, no qual estava escripta a lapis, mas com bastante clareza, esta especie de lista enigmatica:

Unidade Blanchard. Arvore secca 6.

Barra. Soize. Salle-an-Comie.

Kosciusko. Aubry o carniceiro?

J. J. R.

Caio Graccho.

Direito de revisão. Dufond. Forno.

Quêda dos Girondinos. Debarc. Manbuée.

Washington. Pinson. 1 pist. 86 cart.

Marselheza.

Sober. do povo. Miguel. Quincampoix. Sabre.

Hoche.

Marceau. Platão. Arvore secca.

Varsovia. Tilly, pregoeiro do *Popular*.

O honrado burguez em cujas mãos ficou esta lista soube-lhe a significação. Parece que era a nomenclatura completa das secções do quarto districto da sociedade dos Direitos do Homem, com os nomes e as residencias dos chefes de secções. Hoje que todos estes factos que ficaram obscuros são unicamente do dominio da historia, podemos publica-los. Cumpre acrescentar que a fundação da sociedade dos Direitos do Homem parece ter sido posterior á data em que este papel foi achado. Sem duvida a tal lista era apenas um esboço.

Entretanto, após os ditos e as palavras, após os indícios escriptos, começavam a apresentar-se factos materiaes.

Na rua Popincourt, em casa de um revendão eram apprehendidos na gaveta de uma commoda sete folhas de papel pardo, todas egualmente dobradas ao comprido e em quatro; estas folhas cobriam vinte seis quadrados do mesmo papel pardo dobrados em forma de cartucho, e um cartão em que se lia o seguinte:

Salitre.....	12 onças.
Enxofre.....	2 onças.
Carvão.....	2 onças e meia.
Água.....	2 onças.

O auto de apprehensão certificava que a gaveta exhalava forte cheiro de pólvora.

Um pedreiro recolhendo-se depois do trabalho, esqueceu um embrulhinho em cima de um banco perto da ponte d'Austerlitz. Este embrulho foi levado para o corpo da guarda. Abriram-n'o e acharam dentro dous dialogos impressos, assignados *Labautiere*, uma canção intitulada: *Obreiros, associae-vos*; e uma caixa de lata cheia de cartuchos.

Um operario bebendo com um camarada convidou-o a apalpa-lo para ver como elle estava quente; o outro sentiu-lhe uma pistola por baixo da jaqueta.

FACTOS D'ONDE PROCEDE A HISTORIA, E QUE ELLA IGNORA.

Dentro de um fosso, no *boulevard*, entre o Père-Lechaise e a barreira do Throno, no sitio mais deserto, alguns mininos, brincando, descobriram por baixo de um monte de cavacos e de cisco um sacco que continha uma fôrma de balas, um rolete de páu que servia de molde para cartuchos, uma escudella dentro da qual havia alguns grãos de polvora de caça, e uma marmitinha de ferro fundido em cujo interior se distinguia vestigios de chumbo derretido.

Alguns agentes de policia, entrando repentinamente ás cinco horas da manhan em casa de um tal Pardon, que depois fez parte da secção da Barricada-Merry e foi morto na insurreição de abril de 1834, encontráram-n'o de pé junto da cama, tendo na mão uma porção de cartuchos que ia encher.

Á hora em que os operarios descansam, dous homens se encontráram entre a barreira Picpus e a barreira Charenton, n'um becco entre dous muros, perto de uma taverna que tem um jogo da bola defronte da porta. Um tirou de baixo da blusa uma pistola que deu

ao outro. No momento de entregar-lh'a notou que a transpiração do peito havia communicado alguma humidade á polvora. Escorvou a pistola e ajuntou mais polvora á que já estava na caçoleta. Depois separaram-se.

Um tal Gallais, que depois foi morto na rua Beau-bourg, na revolta de Abril, gabava-se de ter em casa setecentos cartuchos e vinte e quatro pederneiras.

O governo recebeu um dia aviso de que acabavam de ser distribuidos no suburbio 200,000 cartuchos e armas. Na semana seguinte distribuiram-se 30,000 cartuchos: cousa notavel! a policia não pôde apprehender um só que fosse. Uma carta interceptada dizia: «Não está longe o dia em que dentro em quatro horas 30.000 patriotas se acharão em armas.»

Toda esta fermentação era publica, quasi poderiamos dizer tranquilla. A insurreição imminente preparava a sua procella com calma á face do governo. Nenhuma singularidade faltava a esta crise ainda subterranea, mas já perceptivel. Os burguezes conversavam desassombradamente com os operarios a respeito do que se preparava. Diziam: Como vae a revolução? no mesmo tom em que teriam dito: Como vae sua mulher?

Um mercador de moveis da rua Moreau, perguntava:

—Então, quando é que vocês atacam?

Outro mercador dizia:

—Brevemente se dará o ataque. Já o sei. Ha um mez eram vocês 15,000, agora são 25,000.

Offerecia a sua espingarda, e um vizinho propunha a venda de uma pistola de que estava prompto a desfazer-se por sete francos.

Assim, pois, a febre revolucionaria propagava-se. Nenhum ponto de Pariz nem da França della estava isento. A arteria pulsava por toda a parte. Como essas membranas que nascem de certas inflamações e se formam no corpo humano, a rede das sociedades secretas estendia-se pelo paiz. Da associação dos Amigos do povo, publica e secreta ao mesmo tempo, nascia a sociedade dos Direitos do homem, que data-va assim uma das suas ordens do dia: *Pluviose, anno 40 da era republicana*, que devia sobreviver até mes-

mo ás sentenças dos tribunaes que pronunciavam a sua dissolução, e que não hesitava em dar ás suas secções nomes significativos como estes:

Chugos.

Rebate.

Canhão de signal.

Barrete phrygio.

21 de janeiro.

Mendigos.

Vagabundos.

Em frente. marcha.

Robespierre.

Nível.

Ca ira.

A sociedade dos direitos do Homem engendrava a de Acção. Eram os impacientes que se separavam e corriam adeante. Outras associações buscavam membros nas grandes sociedades mães. Os seccionarios queixavam-se de serem impellidos. Assim se formou a sociedade *Gauleza* e a *commissão organisadora das municipalidades*. Assim as associações para a *liberdade da imprensa*, para a *liberdade individual*, para a *instrucção do povo*, contra os *impostos indirectos*. Depois a sociedade dos Operarios Equalitarios, que se dividia em tres fracções, os equalitarios, os communistas, os reformistas. Depois o Exercito das Bastilhas, especie de cohorte organizada militarmente, quatro homens commandados por um cabo, dez por um sargento, vinte por um segundo tenente, quarenta por um tenente; nunca havia mais de cinco homens que se conhecessem. Creação em que a precaução se combina com a audacia e em que parece manifestar-se o genio de Veneza. A commissão central, que era a cabeça, tinha dous braços, a sociedade de Acção e o Exercito das Bastilhas. Uma associação legitimista, os Cavalleiros da Fidelidade, agitava-se entre as republicanas. Estas a denunciavam e repudiavam-n'a.

As sociedades parizienses ramificavam-se pelas principaes cidades. Lyão, Nantes, Lilla, Marselha, tinham a sua sociedade dos Direitos do Homem, a Carvoeira, os Homens livres. Aix tinha uma sociedade revolucionaria a que chamavam a *Cougourde*. Já pronunciámos este nome.

Em Pariz o bairro de San'Margal não andava menos cheio de rumor que o de Santo Antonio, e as es-

colas achavam-se tam agitadas como os bairros. Um caffè da rua de San'Jacintho e o botequim dos Sete Bilhares na rua dos Mathurinos-S.-Thiago, serviam de lugares de reunião aos estudantes. A sociedade dos amigos do A B C, que se correspondia com os mutualistas d'Angers e com a Congourde d'Aix, reuniam-se, como já se viu, no caffè Musain. Esses mesmos mancebos tambem costumavam ajuntar-se, como dissemos, n'uma casa de pasto com taverna perto da rua Mondetour, e que eram tam publicas quanto podiam sel-o, e pode-se julgar da sua afouteza por este fragmento de um interrogatorio a que se procedeu n'um dos processos ultteriores:—Onde se fez esta reunião? —Na rua da Paz—Em casa de quem?—No meio da rua.—Quantas secções ali se acharam?—Uma unica. —Qual era?—A secção Manuel.—Quem era o chefe? —Eu.—Na sua idade é impossivel que tomasse por si só a grave resolução de atacar o governo. De onde lhe vinham as instrucções?—Da commissão central.

Ao passo que se minava a população, o exercito era egualmente minado, como o provaram depois os motins de Beford, de Luneville e de Epinal. Contava-se com os regimentos 52º, 5º, 8º, 37º e com o 20 de caçadores. Na Borgonha e mais cidades do sul plantava-se *a arvore da liberdade*, isto é, um mastro com um barrete vermelho no tope.

Tal era a situação.

Esta situação, o suburbio de Sanct'Antonio, mais que qualquer outro grupo da população, como já dissemos no principio, a tornava sensivel caracterisando-a. Alli é que estava a pontada.

Aquelle antigo bairro, povoado como um formigueiro, laborioso, corajoso e irritadiço como uma colmêa, estremecia na especção e na ancia de um abalo. Tudo se agitava sem que se interrompesse o trabalho. Nada poderia dar uma idéa dessa physionomia vivaz e sombria. Ha alli pungentes miserias escondidas debaixo dos tectos das aguas-furtadas; ha tambem alli intelligencias ardentes e raras. E' sobretudo no que diz respeito á miseria e á intelligencia que ha perigo em que os extremos se toquem.

O bairro de Sanct'Antonio tinha ainda outras causas de agitação, porquanto nelle repercutem as crises com-

merciaes, as bancas-rotas, os prejuizos, a paralyzação do trabalho, inherentes aos grandes abalos políticos. Em tempos de revolução a miseria é simultaneamente causa e effeito. O golpe que vibra fere-a tambem. Essa população, cheia de altiva virtude, capaz no mais subido ponto de calorico latente, sempre prestes a pegar em armas, prompta para as explosões, irritada, profunda, minada, parecia aguardar unicamente a queda de uma fagulha. Todas as vezes que certas faiscas assomam no horisonte, impellidas pelo vento dos acontecimentos, o pensador não pôde deixar de lembrar-se do bairro de Sancto Antonio e de cogitar no temeroso acaso que collocou ás portas de Pariz esse acervo inflamavel de soffrimentos e de idéas.

As tavernas do bairro de *Sancto Antonio*, que mais de uma vez hão sido lobrigadas no esboço que o leitor acaba de ler, têm uma notoriedade historica. Em tempos de perturbações ha alli quem mais se embriague com palavras do que com vinho. Uma especie de espirito prôphético e um effluyio de futuro nellas circula, enchendo os corações e sublimando as almas. As tavernas do bairro de Sancto Antonio parecem-se com as do Monte-Aventino, edificadas sobre o antro da Sibylla e communicando com os profundos anhelitos sagrados, tavernas cujas mesas eram quasi tripodes, e onde se bebia o que Ennio chama o *vinho sibyllino*.

O bairro de Sancto Antonio é um reservatorio de povo. O abalo revolucionario abre-lhe fendas por onde se escôa a soberania popular. Esta soberania pôde preceder mal; engana-se como outra qualquer; mas, ainda mesmo desvairada, nada perde da sua grandeza. Pôde dizer-se della como do cyclope cego, *Ingens*.

Em 1793, conforme a idéa que dominava era boa ou má, conforme era o dia do fanatismo ou do enthusiasmo, partiam do bairro de Sancto Antonio ora hordas de selvagens, ora legiões heroicas.

Selvagens. Expliquemo'-nos a respeito desta palavra. Esses homens hirsutos que, nos dias genesiacos do cahos revolucionario, irados, cobertos de andrajos, bramindo, empunhando a clava, bradando o chugo, se lançavam sobre a antiga Pariz profundamente abalada, o que é que queriam? Queriam o fim das oppressões, das tyrannias, do gladio, trabalho para o homem, ins-

truição para a infância, mansidão social para a mulher, liberdade, egualdade, fraternidade, pão para todos, idéa para todos, edenisação do mundo, progresso; e essa cousa sancta, boa e doce, o progresso, perdida a paciência, fôra de si mesmas, reclamavam-n'a terríveis, seminus, com a clava em punho, rugindo. Eram selvagens, sim; mas selvagens da civilisação.

Proclamavam com furia o direito; queriam, ainda que fosse por meio do medo e do horror, forçar o genero humano a adoptar o paraíso. Pareciam barbaros e eram salvadores. Reclamavam a luz com a mascara da noite.

Defronte destes homens, ferozes, concedemol-o, e horríveis, mas ferozes e horríveis para o bem, ha outros homens, risonhos, bordados, dourados, enfeitados de fitas, de condecorações, com meias de seda e arminhos, de luvas côr de palha, e sapatos envernizados, que, sentados a uma mesa forrada de velludo ao canto de um fogão de marmore, reclamam com toda a brandura a manutenção e a conservação do passado, da idade media, do direito divino, do fanatismo, da ignorancia, da escravidão, da pena de morte, da guerra, glorificando baixinho e com a maior polidez a espada, a fogueira e o cadafalso. Quanto a nós, se nos vissemos obrigados a optar entre os barbaros da civilisação e os civilisados da barbaria, escolheriamos os barbaros.

Mas, graças ao céu, outra escolha é possível. Nenhuma queda á pique é necessaria, quer para deante, quer para traz. Nem despotismo, nem terrorismo. Quereimos o progresso em suave declivio.

Deus a isto provê. O aplainamento dos declives, eis toda a politica de Deus.

VI

ENJOLRAS E OS SEUS AJUDANTES.

Pouco mais ou menos por esta epocha, Enjolras, na espectação de algum acontecimento, fez uma especie de recenseamento mysterioso.

Todos se achavam em conciliabulo no caffè Musain.

Enjolras disse, ajuntando ás suas palavras algumas metaphoras semi-enigmaticas, mas significativas :

—Importa saber em que ponto estamos e com quem podemos contar. Se queremos combatentes, cumpre creal-os. Ter com que ferir. Nenhum inconveniente ha nisto. Os viandantes sempre se acham mais arriscados a levar uma chifrada quando ha bois na estrada do que quando não ha nenhum. Contemos pois o rebanho. Quantos somos? nada de guardar este trabalho para a-manha. Os revolucionarios devem sempre ser apres-sados; o progresso não tem tempo a perder. Desconfie-mos do inopinado. Não nos deixemos surprehender pelos acontecimentos. Tratemos pois de revistar todas as costu-ras que fizemos e de ver se os pontos estão bem se-guros. Esta tarefa deve ficar hoje mesmo concluida.

Courfeyrac, tu irás ver os polytechnicos. Hoje é o dia

em que elles costumam sabir. Quarta-feira. Feuilly, tu irás fallar aos da Glacière, não é assim? Combeferre prometteu-me ir a Picpus. Ha alli uma agitação excelente, Bahorel visitará a Polé. Prouvaire, os maçons intibiam, has de trazer-nos noticias da loja da rua de Grenelle-Saint-Honoré. Joly irá á clinica de Dupuytren, e sondará a disposição da escola de medicina. Bossuet dará um passeio ao tribunal de justiça e conversará com os jovens praticantes. Eu me encargo da Cougourde.

— E está tudo prompto, disse Courfeyrac.

— Não.

— O que falta então ?

— Uma cousa importantissima.

— Qual é? perguntou Combeferre.

— A barreira do Maine, respondeu Enjolras.

Ficou um momento como absorto nas suas reflexões, depois continuou:

— Na barreira do Maine ha marmoristas, pintores, aprendizes de esculptura. E' uma familia entusiasta, mas sujeita a esmorecimento. Não sei o que elles têm de certo tempo a esta parte. Pensam em outra cousa. Resfriam-se. Levam todo o dia a jogar o dominò. Conviaria ir dizer-lhes algumas palavras, e em tom firme. Costumam reunir-se em casa de Richefeu. Alli seriam encontrados do meio dia para uma hora. Seria bom atigar aquellas brazas cubertas de cinza. Para isto havia contado com esse distrahido de Mario, que no fim de contas é um bom rapaz, mas elle já não apparece. Precisa de alguem para a barreira do Maine. Já não tenho ninguem.

— Pois não estou eu aqui? disse Grantaire.

— Tu ?

— Eu mesmo.

— Tu, doutrinares republicanos! tu, alentares, em nome dos principios, corações esmorecidos ?

— Porque não ?

— Pois tu serves para alguma cousa ?

— Mas tenho a vaga ambição de ser útil, disse Grantaire.

— Um homem que não cré em nada !

— Creio em ti.

— Grantaire, queres fazer-me um favor ?

— Mil. Estou prompto para escovar-te as botas.

— Pois bem, não te intromettas nos nossos negócios. Cosinha o teu absintho.

— És um ingrato, Enjolras.

— Como? tu serias capaz de ir á barreira do Maine!

— Sou capaz de seguir pela rua das Grés, atravessar a praça de San'Miguel, obliquar pela rua Monsieur-le-Prince, entrar na de Vaugirard, passar pelos Carmelitas, dobrar a rua d'Assas, chegar a do Cheche-Midi, deixar a-fraz de mim o conselho de guerra, percorrer a rua das Velhas-Tulherias, o *boulevard*, tomar pela calçada do Maine, transpor a barreira, e entrar em casa de Richeseu. Sou capaz de tudo isto. Os meus sapatos são infatigáveis.

— Conheces os camaradas que se reúnem em casa de Richeseu?

— Não muito. Apenas nos tratamos por tu.

— E o que lhes dirás?

— Essa é boa! fallar-lhes-hei de Robespierre. De Danton. Dos principios.

— Tu!

— Eu, sim. Mas ninguem me faz justiça. Quando me dá para isto, sou terrível. Já li Prudhomme, sei de côr o contracto social, e a constituição do anno II.

« A liberdade do cidadão acaba onde começa a liberdade de outro cidadão. » Dar-se-ha caso que me tomes por um bruto? Tenho um assignado velho guardado na minha gaveta. Os direitos do homem, a soberania do povo, com os seiscentos! Até sou um tanto *hebertista*. Posso repisar durante seis horas, de relógio na mão, cousas soberbas.

— Não brinques, tornou Enjolras.

— Pelo contrario, nunca estive tam serio, respondem Grantaire.

Enjolras ficou alguns segundos pensativo, e fez o gesto de um homem que toma a sua resolução.

— Grantaire, disse gravemente, consinto em pôr-te em prova. Irás a barreira do Maine.

Grantaire morava n'uma hospedaria muito perto do caffè Musain. Sabiu e voltou dahi a cinco minutos. Fôra á casa vestir um collete á Robespierre.

— Vermelho, disse elle entrando, e olhando fixamente para Enjolras.

Depois, dando uma forte pancada com a palma da mão, assentou no peito as duas pontas escaletes do collete.

E, chegando-se para Enjolras, disse-lhe ao ouvido: — Não tenhas cuidado.

Enterrou resolutamente o chapéu na cabeça e sahiu.

Um quarto de hora depois a sala dos fundos do café Musain estava deserta. Todos os amigos do A B C tinham ido, cada um para o seu lado, tratar da sua tarefa. Enjolras, que se incumbira da Cougourde, foi o ultimo que sahiu.

Os da Cougourde de Aix que se achavam em Pariz reuniam-se então na planície de Issy, n'uma das pedreiras abandonadas tam numerosas naquelle sitio da capital.

Enjolras, dirigindo-se para esta entrevista, ia pensando na situação. A gravidade dos acontecimentos era visivel. Quando os factos, prodromos de uma especie de molestia social latente, se moverem pesadamente, a menor complicação os suspende e faz-os cair uns sobre os outros amontoados. Phenomeno de que sabem os aluimentos e as restaurações. Enjolras lobrigava um ponto luminoso por' detraz do obscuro véu do futuro. Quem sabe? talvez se approximasse o momento.

O povo reassumindo o direito, que magnifico espectáculo! a revolução tornando a entrar magestosamente na posse da França, e dizendo ao mundo: a continuação para amanha! Enjolras estava contente. A fragua avivava-se. Naquelle instante tinha elle, como um rasilho de pólvora, os seus amigos espalhados em Pariz. Cumpunha no pensamento com a eloquencia philosophica e suaseria de Combeferre, com o enthusiasmo cosmopolita de Feuilly, com o éstro de Courfeyrac, com o riso de Bahorel, com a melancolia de João Prouvaire, com a sciencia de Joly, com os sarcasmos de Bossuet, uma especie de scintillação electrica que levava o incendio quasi a toda parte. Trabalhavam unanimes. Seguramente o resultado corresponderia ao esforço. Tudo ia bem. Isto o fez lembrar-se de Grantaire. — E' verdade, disse consigo mesmo, a barreira do Maine fica-me quasi em caminho. Demos um pulo á casa de Richeseu. Vejamos o que faz Grantaire e como lhe correm as cousas.

Dava uma hora na torre de Vaugirard quando Enjolras chegou ao botequim Richeseu. Entrou, cruzou os braços, largando a porta que veio bater-lhe nos hom-

bro, e lançou um olhar pela sala cheia de mesas, de homens e de fumaça.

Soava uma voz no meio daquelle nevoeiro, alternando vivamente com outra voz. Era Grantaire dialogando com um adversario a quem fazia frente.

Grantaire estava sentado, defronte de um individuo, a uma mesa de marmore Sant'Anna onde se viam dispostas pedras de dominó, dava punhadas no marmore, e eis o que Enjolras ouviu.

— Senas.

— Venha um quatro.

— Malandro! Já não tenho nenhum.

— Está morto. Um dous.

— Um seis.

— Um tres.

— Um az.

— Principio eu.

— Quatro pontos.

— A bom suar.

— E's tu.

— Fiz um erro dos diabos.

— Vais bem.

— Quinze.

— Mais sete.

— Tenho agora vinte e dous (scismando), vinte e dous!

— Não contavas com as sennas. Se eu as tivesse posto no principio, mudava todo o jogo.

— Ainda um dous.

— Um az.

— Az! Pois bem, um cinco.

— Não o tenho.

— Foste tu que principiaste, não?

— Fui.

— Branco.

— E então não és feliz! Ah! que és feliz! (Meditação prolongada.) Um dous.

— Um az.

— Nem cinco, nem az. Estás bem aviado.

— Dominó.

— Diabos o levem!

LIVRO SEGUNDO.

ESPANHOLA.

I

O CAMPO DA CALHANDRA.

Mario assistira ao inesperado desenlace da emboscada que denunciára a Javert ; mas apenas este se retirou do pardieiro, levando os seus presos em tres carros, Mario tambem sahio furtivamente de casa. Eram apenas nove horas da noite. Mario foi para casa de Courfeyrac. Courfeyrac já não era o imperturbavel habitante do bairro da universidade ; fôra morar para a rua da Verrerie, *por motivos politicos* ; era este um dos sitios em que a insurreição se asylava naquelle tempo. Mario disse para Courfeyrac : Venho dormir em tua casa. Courfeyrac tirou um dos dous colchões que tinha na cama, estendeu-o no chão, e disse : Ah! tens um leito.

No dia seguinte, ás sete horas da manhan, Mario voltou ao pardieiro, pagou o trimestre e o que devia á snr.^a Bougon, fez transportar em uma carroça tirada a braços os seus livros, a cama, a mesa, a commoda e as duas cadeiras, e retirou-se sem dizer para onde se mudava, de modo que, quando Javert chegou para fazer-lhe algumas perguntas relativamente aos acontecimentos da vespera, só encontrou a Bougon, que lhe respondeu : Mudou-se.

A boa da velha ficou 'acreditando que Mario era até certo ponto cúmplice dos ladrões que tinham sido presos no pardieiro. — Quem diria ? exclamava conversando com

as porteiras do bairro, um moço que tinha modos de donzella !

Mario tivera dous motivos para mudar-se tam depressa. O primeiro era o horror que agora lhe inspirava aquella casa, onde vira, tam de perto e em toda a sua manifestação mais repugnante e mais feroz, uma hediondez social ainda mais horrivel talvez que o mau rico : o mau pobre. O segundo era que não queria figurar no processo que provavelmente se ia instaurar, sendo obrigado a depôr contra Thénardier.

Javert suppôz que o moço, cujo nome esquecêra, tivera medo e fugira, ou talvez mesmo não houvesse voltado para casa no momento da emboscada ; fez com tudo alguns esforços para descubril-o, mas não o conseguiu.

Passou-se um mez, depois outro. Mario continuava a morar com Courfeyrac. Soubera, por intermedio de um advogado praticante, frequentador assiduo do tribunal de justiça, que Thénardier se achava incommunicavel. Todas as segundas-feiras Mario mandava levar á prisão da Force cinco francos para serem entregues a Thénardier.

Mario, achando-se sem dinheiro, pedia-o a Courfeyrac. Era a primeira vez na sua vida que tomava dinheiro emprestado. Estes cinco francos periodicos eram um duplo enigma para Courfeyrac que os dava, e para Thénardier que os recebia.—Para quem será este dinheiro ? pensava Courfeyrac.—Quem será que me manda isto ? dizia Thénardier.

Mario, porém, andava afflictissimo. Tudo tornára a desapparecer. Já nada via deante de si ; sua vida de novo se submergira no mysterio em que elle vagueava ás apalpadellas. A moça que amava, o velho que parecia seu pae d'ella, esses entes que eram o seu unico interesse e a sua unica esperança neste mundo, haviam reapparecido um momento em tantas escuridades ; e no instante em que suppunha tê-los para sempre seguros, ambos se haviam sumido como sombras. Nem uma faísca de verdade e de certeza chispára ao menos do choque o mais medonho. Era-lhe impossivel formar qualquer conjectura. Nem se quer já sabia o nome que julgára saber. Por sem duvida já não era Ursula. E Calhandra não passava de uma alcunha. E o que deveria pensar do velho ? Seria certo temer-se elle da

polícia ? O operário coberto de cans, que Mario encontrara nos arredores dos Invalidos, voltára-lhe á lembrança. Agora tornava-se provavel que esse operário e o sr. Leblanc fossem a mesma pessoa. Então disfarçava-se elle ? Este homem tinha lados heroicos e lados equivoccos. Porque não pedira soccorro ? porque fugira ? seria ou não pae da moça ? emfim seria com effeito elle proprio o individuo que Thénardier julgára reconhecer ? não teria havido engano da parte daquelle desgraçado ? Problemas indissoluveis. Tudo isto, é verdade, de fórma nenhuma diminuia os angelicos attractivos da moça do Luxemburgo. Angustia pungente ; Mario tinha uma paixão no coração e trévas nos olhos. Era impellido, era attrahido, e não podia mexer-se. Tudo se desvanecêra, excepto o amor. Do proprio amor perdêra os instinctos e as subitas illuminações. Ordinariamente esta chamma que nos abraza allnmia-nos tambem um pouco, espalhando certa claridade util no exterior. Estes surdos conselhos da paixão, Mario nem sequer já os ouvia. Nunca dizia comsigo mesmo :—Se eu fosse para aquelle lado ? se tentasse isto ?—A pessoa a quem já não podia chamar Ursula estava sem duvida em alguma parte ; nada avisava Mario dos sitios onde devia procurá-la. Toda a sua vida se resumia agora em duas palavras : incerteza absoluta n'uma escuridão impenetravel. Tornar a vê-la era a sua aspiração, não já a sua esperança.

Como se isto não fosse bastante, voltava á miseria. Sentia-lhe, já bem perto de si, o gelido sopro. Em todas estas tormentas, e havia já não pouco tempo, deixára de trabalhar, e nada tam perigoso como estar sem trabalhar ; perde-se assim um habito. Habito facil de abandonar, difficil de reassumir.

Uma certa porção de devaneio é boa, como um narcotico em dóse discreta. Serve para mitigar as febres, ás vezes ardentissimas, da intelligencia a trabalhar, e enche o espirito de um vapor leve e fresco que corrige os contornos demasiadamente asperos do pensamento puro, enche aqui e alli algumas lacunas e intervallos, liga os grupos e esfumêa os angulos das idéas. Mas o excesso do devaneio submerge e afoga. Ai do trabalhador pelo espirito que cabe inteiramente do pensamento no devancio ! Suppõe que lhe será facil sahir

do abysmo, e diz de si para si que tanto faz uma coisa como outra. Engano !

O pensamento é o labor da intelligencia, o devaneio é a sua velupia. Substituir o devaneio ao pensamento é o mesmo que confundir um veneno com um alimento.

Mario, lembrado estará o leitor, começára assim. Sobreviera a paixão e acabára de precipital-o nas chimeras sem objecto e sem fundo. Já não sabia de casa senão para ir scismar. Concepção morosa. Voragem tumultuosa e estagnante. E á medida que o trabalho diminuia, cresciam as necessidades. Isto é uma lei. O homem, absorto em suas cogitações, é naturalmente prodigo e molle; o espirito afrouxado não pôde arcar com a vida. Ha neste modo de viver algum bem misturado com o mal, porquanto se o amollecimento é funesto, a generosidade é san e boa. Mas o homem pobre, generoso e nobre, que não trabalha, está perdido. Os recursos se exhaurem, surgem as necessidades.

Despenhadeiro fatal, por onde os mais honestos e os mais firmes rolam como os mais fracos e os mais viciosos, e que termina em um destes dous abysmos, o suicidio ou o crime.

A' força de sahirem para meditar, lá vem o dia em que sahem para deitar-se a afogar.

O excesso de cogitação faz os Lescousses e os Lebras.

Mario descia este despenhadeiro a passos lentos, com os olhos fitos na virgem que já não via. O que acabamos de escrever parecerá estranho, mas, apesar d'isso, é real. A lembrança de uma creatura ausente brilha nas trevas do coração; quanto mais desapareceu, tanto maior é o seu esplendor; a alma desesperada e immersa na escuridão vê essa luz no seu horizonte; estrela da noite interior. Nella estava todo o pensamento de Mario. Não scismava em outra coisa; via confusamente que a sua velha casaca se tornara imprestavel, e que a nova começava a estragar-se; que as camisas, o chapéu, as botas, reclamavam reforma; sentia confusamente fugir-lhe a vida, e dizia comsigo mesmo: Se ao menos pudesse vê-la antes de morrer!

Uma unica consolação lhe restava, era que Ella o havia amado, que o seu olhar lh'o tinha dito, que não lhe sabia o nome, mas sabia-lhe da alma, e que talvez onde se achava, qualquer que fosse esse mysterioso lugar,

ainda o amasse. Quem sabe se não pensaria nelle como elle nella pensava? As vezes, em horas inexplicaveis, como as tem todo o coração que ama, não tendo senão motivos de dôr, e sentindo não obstante—um vago estremecimento de alegria—dizia comsigo mesmo:—São os seus pensamentos que veem ter comigo!—Depois acrescentava:—Os meus pensamentos talvez a busquem também.

Esta illusão, que momentos depois o fazia menear a cabeça, conseguia, com tudo, lançar-lhe n'alma raios de luz que as vezes se assemelhavam a esperança. De tempos a tempos, sobretudo a essa hora da tarde que entristece ainda mais os scismadores, lançava em um quaderno em que não havia outra cousa, o mais puro, o mais impessoal, o mais idéal dos delirios de que o amor lhe enchia o cerebro. Chamava a isto *escrever-lhe*.

Não se creia, porem, que sua razão se achava desvairada. Pelo contrario. Elle perdêra a faculdade de trabalhar e de caminhar esforçadamente para um fim determinado, porem dispunha mais que nunca de toda a sua penetração, de toda a sua austeridade. Mario via a uma luz calma e real, bem que singular, o que se offerecia aos seus olhos, até mesmo os factos ou os homens mais indifferentes; emittia a respeito de tudo o seu modo de pensar com acerto e com uma especie de abatimento honesto e de desinteresse candido. O seu juizo, quasi desligado da esperança, conservava-se em uma região elevada e dominava tudo.

Nesta situação de espirito nada lhe escapava, nada o enganava, e elle devassava a cada instante o fundo da vida, da humanidade e do destino. Feliz, mesmo no meio das angustias, o que Deus dotou com uma alma digna do amor e do infortunio! Quem não viu as cousas deste mundo e o coração dos homens a esta dupla luz, nada ha visto e nada sabe.

A alma que ama e soffre acha-se n'um estado sublime.

Os dias, porem, passavam-se, e nada de novo se apresentava. Parecia-lhe unicamente que o espaço sombrio que lhe restava para percorrer se encurtava a cada instante. Suppunha lobrigar já distinctamente a beira do barathro insondavel.

—Como! repetia comsigo mesmo, será possível que não terne a vê-la antes!

Quando se sobe a rua de Sanct'Iago, deixando á direita a barreira e caminhando algum tempo á esquerda pelo antigo *boulevard* interior, chega-se á rua da Saúde, depois á Glaciere, e a pouca distancia do riacho dos Gobelinos encontra-se um campo, que é, em toda a longa e monotoná zona dos *boulevards* de Pariz, o unico lugar onde Ruysdael se houvera de bom grado sentado.

Ha alli esse o que quer que seja de que procede a graça, um prado verdejante atravessado de cordas estendidas, onde alguns trapos enchugam ao vento, uma antiga herdade de hortelões edificada no tempo de Luiz XIII, com o seu grande tecto estranhamente semeado de trapeiras, cercas a cahirem, uma pouca d'agua entre dous choupos, mulheres, risos, vozes; no horizonte o Pantheon, o mastro dos surdos-mudos, o Val-de-Grâce, escuro, inteiriço, caprichoso, attractivo, magnifico, e no fundo o severo cimo quadrado das torres da egreja de Nossa Senhora.

Como o lugar vale a pena de ser visto, ninguem alli vae. Apenas alguma carroça ou algum carroceiro de quarto em quarto de hora.

Aconteceu uma vez que os passeios solitarios de Mario o levaram a este terreno até perto da agua. Nesse dia havia no *boulevard* uma raridade, um passeante. Mario, vagamente admirado da belleza quasi agreste do sitio, perguntou ao passeante:

—Como se chama este lugar?

Respondeu-lhe o passeante:—É o campo da Calhandra.

E accrescentou:—Foi aqui que Ulback matou a camponeza de Yvry.

Mas depois desta palavra—Calhandra—Mario nada mais ouvira. Ha congelções subitas no estado de cogitação que basta uma palavra para produzi-las. Todo o pensamento se condensa de repente em torno de uma idéa, e torna-se incapaz de qualquer outra percepção. Calhandra era o nome que, nas profundezas da melancolia de Mario, substituíra o de Ursula.—Ah! disse, com o pasmo irreflectido, peculiar destes apartes mysteriosos, aqui é o seu campo. Aqui é que saberei onde ella mora. Isto era absurdo, mas irresistivel.

E foi todos os dias passeiar ao campo da Calhandra.

II

FORMAÇÃO EMBRYONARIA DOS CRIMES NA INCUBAÇÃO DAS PRISÕES.

O triumpho de Javert no pardieiro Gorbeau parecêra completo, mas não o fôra.

Em primeiro lugar, e este era o seu principal cuidado, Javert não filara o preso. A victima que foge é tam suspeita como o assassino; e era provavel que essa personagem, tam preciosa captura para os malfetores, não fosse menos boa presa para a autoridade.

Depois Montparnasse escapara a Javert. Tinha este de aguardar outra occasião de apanhar o *tal peralta do diabo*. Montparnasse, comesseito, tendo encontrado Eponina de vigia debaixo das arvores do *boulevard*, retirara-se com ella, por lhe parecer melhor ser Nemorino com a filha de que Schinderhames com o pae. Foi o que lhe valeu. Estava livre. Quanto a Eponina, Javert conseguira fila-la; consolação mediocre. Eponina fôra fazer companhia a Azelma nas Madeionettes.

Emfim, no tracto do pardieiro Gorbeau para a Force, um dos principaes presos, Claquesous, perdêra-se. Não se sabia como isto havia sido, os agentes e os soldados de policia *nada comprehendiam de semelhante facto*; elle evaporara-se, desprendera-se das algemas, passara

pelas frestas do carro, o vehiculo estava furado e deixara escoar-se o preso; o que havia de positivo, fosse como fosse, é que, ao chegarem á prisão, nem sombra de Claquesous. Ter-se-hia elle dissolvido no escuro como um pedaço de neve n'agua? Teria havido connivencia da parte dos agentes? Pertenceria este homem ao duplo enigma da desordem e da ordem? Seria concentrico a infracção e a repressão? Teria esta sphinge os pés de deante no crime e os de trás na autoridade? Javert não aceitava taes combinações, e se houvera indignado ante semelhantes compromettimentos; mas a sua esquadra comprehendia outros inspectores alem d'elle, mais iniciados talvez, bem que lhe fossem subordinados nos segredos da prefeitura, e Claquesous era um criminoso de tal jaez que podia ser um optimo agente. Saber aproveitar-se tam habilmente da escuridão da noite é excellente para o latrocinio e admiravel para a policia. Não são raros estes infames de dous gumes. Como quer que fosse, Claquesous desaparecera e não foi possivel descobri-lo. Isto causou mais raiva do que admiração a Javert.

Quanto a Mario, *esse advogado paspalhão, que provavelmente tivera medo*, e cujo nome esquecera, Javert não lhe dava maior importancia. De resto, um advogado é facil de encontrar. Mas seria somente advogado?

Começara a inquirição.

O juiz formador da culpa julgara util deixar um dos homens da quadrilha de *Patron-Minette* na prisão common, contando com alguma indiscrição. Esse homem era Brujon, o cabelludo da rua do Petit-Banquier. Ficou elle no pateo de Carlos Magno, recommendado particularmente á attenção dos vigias.

Este nome, Brujon, é uma das recordações da Force. No hediondo palacio chamado do Edificio-Novo, que a administração chamava pateo de San'Bernardo, e os facinoras *Cova dos Leões*, no muro coberto de auturas escamosas e de lepra que á esquerda subia até á altura dos telhados, perto de uma velha porta de ferro enferrujada por onde se entrava para a antiga capella do palacio ducal da Force, transformada em dormitorio de salteadores, via-se ainda ha doze annos uma especie de bastilha grosseiramente esculpida a ponta de prego na pedra, e por baixo esta assignatura:

BRUJON, 1811.

O Brujon de 1811 era pae do Brujon de 1832.

Este, que o leitor pôde entrever na emboscada do pardieiro Gorbeau, era um machacaz ainda moço, astutissimo, não menos destro, com ar apatetado e choramingas. Notando-lhe esse ar apatetado, fôra que o juiz o deixara solto, suppondo-o mais util no pateo de Carlos Magno do que na cella do segredo.

Os ladrões não suspendem os seus trabalhos por se acharem no poder da justiça. Não se incommodam com tam pouco. Estar preso por um crime não impede de começar outro. São artistas que teem um quadro na exposição, mas que nem por isso deixam de trabalhar em uma obra nova na sua officina.

Brujon parecia contemplar com pasmo a prisão. Nos primeiros dias viram-n'o passar ás vezes horas inteiras no pateo de Carlos Magno, em pé junto do postigo do taverneiro, a olhar como um idiota para a sordida lista dos preços da taverna que começava por *alhos*, 62 centimos, e acabava em : *charutos*, cinco centimos. Ou senão levava todo o dia a tremer, batendo os dentes, dizendo que estava com febre, e perguntando se algum dos vinte e oito leitos da sala dos febricitantes se acharia vazio.

De repente, em principio da segunda quinzena de fevereiro de 1832, soube-se que Brujon, o pobre pate-ta, mandára levar por mensageiros do estabelecimento não em seu nome, mas no de tres dos seus camaradas, tres recados differentes, os quaes lhe haviam custado cincoenta soldos, despeza exorbitante, que attra-hiu a attenção do administrador da prisão.

Tiraram-se informações, e, consultando a tarifa dos recados pregada no locotorio dos presos, conseguiu-se saber que os cincoenta soldos se decumpunham assim ; tres recados ; um ao Pantheon, dez soldos ; outro ao Val-de-Graça, quinze soldos ; e outro á barreira de Grenelle, vinte e cinco soldos. Este era o mais caro de toda a tabella. Ora, no Pantheon, no Val-de-Graça, na barreira de Grenelle, ficavam justamente os domicilios de tres vagabundos das barreiras mui timidos, Kruidenirs, chamado tambem Bizarro, Glorieux, galé que cumprira sentença, e Barrecarrosse, sobre os

quaes este incidente chamou as vistas da policia. Desconfiou-se que estes homens seriam membros da quadrilha de *Patron-Minette*, dous chefes da qual, Babet, e Gueulmer se achavam presos. Suppôz-se que nas missivas de Brujon, entregues, não em casas, mas a pessoas que esperavam na rua, deveriam achar-se instrucções para algum novo crime. Descobriram-se ainda outros indícios, os tres vagabundos foram presos, e a policia julgou ter assim frustrado o que por ventura Brujon houvesse urdido.

Cerca de uma semana depois de tomadas estas medidas, uma noite, o vigia de ronda, que inspecionava o dormitorio do pavimento terreo do Edificio-Novo, no momento de deitar a sua castanha dentro da caixa—tal era o meio empregado para saber que os vigias faziam exactamente o seu serviço; de hora em hora uma castanha devia cahir dentro de todas as caixas pregadas nas portas dos dormitorios--; um vigia, dizemos, espionou pelo ralo, viu Brujon escrevendo de bruços na cama á luz do lampeão. O guarda entrou, Brujon foi mettido no carcere por um mez, mas não se lhe pôde descobrir o que elle havia escripto. Foi o mais que a policia logrou descobrir.

O que é certo é que no dia seguinte um *postilhão* foi lançado do pateo de Carlos Magno á *Cora dos Leões* por cima do edificio de cinco andares que separava os dous pateos.

Os presos chamam *postilhão* uma bola de miolo de pão artisticamente feita que atiram á *Irlanda*, isto é, por cima do telhado de uma prizão, de um pateo para outro. Etymologia: por cima da Inglaterra; de uma terra a outra: á *Irlanda*. Esta bola cahe no pateo. O que a apanha abre-a, e acha dentro um bilhete endereçado a algum dos seus companheiros. Se é um preso que a acha, o bilhete chega ao seu destino; se é um guarda, ou um desses presos secretamente vendidos, a que chamam *carneiros* nas prizões e *raposas* nas galês, a missiva é levada ao administrador e entregue á policia.

Desta vez o *postilhão* chegou ao seu destino, bem que a pessoa a quem era dirigida a missiva se achasse então *em separado*. Essa pessoa era nada menos do que Babet, um dos quatro cabeças de *Patron Minette*.

O *postilhão* continua um papel enrolado, no qual só havia estas linhas.

—Babet. Ha um negocio que fazer na rua Plumet. Uma grade de ferro em um jardim.

Fôra isto que Brujon escrevêra de noite.

A despeito dos vigias e das vigias, Babet achou meio de mandar o bilhete da Force a Salpêtrière a *uma boa amiga* que tinha e que alli estava presa. Esta mulher por seu turno entregou o bilhete a uma sua conhecida, por nome Magnon, que a policia não perdia de vista, mas que ainda se achava em liberdade. Esta Magnon, cujo nome o leitor já ouviu, entretinha com os Thénardier relações que mais adeante serão explicadas, e podia, indo visitar Eponina, servir de ponte entre a Salpêtrière e as Madelonnettes.

Succedeu justamente naquelle momento que, não havendo provas no processo que se formava a Thénardier contra suas filhas, Eponina e Azelma fossem postas em liberdade.

Quando Eponina sabiu, Magnon, que a esperava a porta das Madelonnettes, entregou-lhe o bilhete de Brujon a Babet, encarregando-a de *sondar* o negocio.

Eponina foi á rua Plumet, acertou com a grade e o jardim, observou a casa, rondou, espionou, e, alguns dias depois, levou á Magnon, que morava na rua Cloche-Perce, um biscoito que ella entregou a amante de Babet na Salpêtrière. Um biscoito, no tenebroso symbolismo das prisões, significa: *nada ha que fazer*.

De modo que dahi a menos de uma semana, Babet e Brujon encontrando-se n'um corredor da Force, na occasião em que um voltava do interrogatorio e o outro era levado, para o mesmo fim, á presença do juiz.— Então, perguntou Brujon, e a rua P. ? Biscoito, respondeu Babet.

Assim abortou este feto de crime engendrado por Brujon na Force.

Este aborto, porém, teve consequencias perfeitamente estranhas ao programma de Brujon. O leitor ás verá.

Muitas vezes suppondo-se atar um fio, ata-se outro.

III

APPARIÇÃO AO PAI MABŒUF.

Mario já a ninguém visitava; somente encontrava ás vezes por casualidade o pae Mabœuf.

Em quanto Mario descia lentamente esses degraus lugubres, que poderiam chamar-se a escada dos subterrâneos e que vão ter a lugares sem luz, onde se ouvem os passos dos felizes a andarem por cima, descia-os também Mabœuf.

A *Flora de Caunteretz* não era absolutamente procurada. As experiencias sobre o anil nenhum resultado satisfactorio haviam dado no jardinzinho d'Austerlitz, que ficava mal exposto á luz. Mabœuf apenas podia cultivar alli algumas plantas raras que gostam de sombra e humidade. Todavia não desacoroçoava. Tinha obtido um pedaço de terra no Jardim das Plantas, convenientemente situado, afim de continuar, á sua custa, as experiencias sobre o anil. Para isto levára as chapas da sua *Flora* ao monte de soccorro. Reduzira o seu almoço a dous ovos, dos quaes deixava um á velha creada, a quem não pagava os salarios havia quinze mezes. E muitas vezes o almoço era-lhe o unico repasto.

do dia. Já não se ria com o seu riso infantil, tornára-se misanthropo, e não recebia visitas. Mario fazia bem em não vir vê-lo. A's vezes, á hora em que Mabœuf ia para o Jardim das Plantas, o velho e o mancebo encontravam-se no *boulevard* do Hospital. Não se fallavam e apenas trocavam tristemente um movimento de cabeça. E' cousa bem pungente haver um momento em que a miseria quebra assim os mais intimos laços! Dous amigos tornam-se dous indifferentes.

O livreiro Royol tinha morrido. Mabœuf já não conhecia senão os seus livros, o seu jardim e o seu anil; eram as tres fôrmas que haviam tomado para elle a felicidade, o prazer e a esperança. Isto bastava-lhe para viver. Dizia consigo mesmo: « Quando eu houver feito as minhas bolas azues serei rico, tirarei as minhas chapas do monte de soccorro, tornarei a pôr em voga a minha *Flora* por meio do charlatanismo, a toques de caixa, enchendo de annuncios os jornaes, e bem sei onde comprarei um exemplar da *Arte de Navegar* de Pedro de Medina, com gravuras sobre madeira, edição de 1559. » Entretanto, trabalhava todo o dia no seu canteiro de anil e de tarde recolhia-se para regar o seu jardim e ler os seus livros. Mabœuf rastijava naquella época pelos oitenta annos.

Uma tarde teve uma singular apparição.

Recolhêra-se ainda com o dia fóra. A mãe Plutarcho, cuja saude se alterava, achava-se doente e já deitada. Jantára elle um bocadinho de carne que ficára em um osso e um pedaço de pão que achára em cima da mesa da cozinha, e sentára-se em uma pilastra derribada que fazia em seu jardim as vezes de banco.

Perto deste banco havia, á moda dos antigos vergeis, uma especie de grande arca de madeira, já bastante estragada, coelheira em baixo, fructeiro em cima. Na coelheira não havia coelhos, mas havia algumas maçãs no fructeiro. Resto da provisão do inverno.

Mabœuf puzera-se a folhear e a ler, com o auxilio dos seus olhos, dous livros que o embelesavam, e até mesmo, cousa mais grave na sua idade, o preocupavam. A sua timidez natural tornava-o apto para uma certa aceitação das superstições. O primeiro destes livros era o famoso tratado do presidente Delancer, *Da inconstancia dos demonios*, o outro era o in-4º de Mu-

tor de la Rubaudière *Sobre os diabos de Vauvert e os espiritos da Bièvre*. Este ultimo alfarrabio interessava-o tanto mais quanto o seu jardim fôra um dos sitios frequentados em tempos remotos pelos espiritos. O crepusculo começava a branquear o que ficava no alto e a escurecer o que ficava em baixo. O pae Mabœuf interrompia de vez em quando a leitura, e por cima do livro que tinha na mão punha-se a mirar as suas plantas, e entre outras um *rhododendron* magnifico, que era uma das suas consolações; quatro dias de mormaço, de vento e de sol, sem uma gotta de chuva, acabavam de passar-se; os ramos curvavam-se, os botões inclinavam-se, as folhas cahiam, todas as plantas careciam de ser regadas; o *rhododendron* sobretudo estava triste. O pae Mabœuf era dos que crêem que as plantas teem almas. O velho trabalhara todo o dia no seu canteiro de anil, estava cansadissimo, apesar disso levantou-se, largou os livros em cima do banco, e encaminhou-se para o poço todo curvado e arrastando os pés, mas quando pegou na corrente nem sequer teve forças para tira-la do gancho. Então voltou-se e fitou um olhar angustiado no céu, que se cobria de estrellas.

A tarde tinha essa serenidade que abafa as dôres do homem sob não sei que lagubre e eterna alegria. A noite promettia ser tam arida como o fôra o dia.

—Estrellas, só estrellas! pensava o velho; nem a mais pequenina nuvem! nem uma gotta d'agua!

E a cabeça, que se erguera um momento, pendeu-lhe para o peito.

Tornou a levanta-la e olhou outra vez para o céu murmurando:

—Um pingo de orvalho! por compaixão!

De novo buscou tirar do gancho a corrente do poço, e não pôde.

Neste momento ouviu uma voz que dizia:

—Pae Mabœuf, quer que eu regue o seu jardim?

Ao mesmo tempo um arruido semelhante ao de uma fêra que passa fez-se perceber do lado da cerca, e o velho viu sahir de entre os ramos uma especie de rapariga alta e magra, que se approximou e postou-se deante d'elle, empertigada e fitando-o com o maior desembaraço. Parecia uma visão que acabava de formar-se ao crepusculo, e não uma creatura humana.

Antes que o pae Mabœuf, que se espantava com qualquer cousa, e, como já dissemos, facilmente se assustava, tivesse tido tempo de pronunciar uma syllaba, aquelle ente, cujos movimentos tinham no escuro uma especie de precipitação estranha, desprendêra a corrente do gancho, mergulhára o balde no poço, tirára-o cheio d'agua, enchêra o regador, e o velho via aquella apparição, que estava descalça e com uma saia esfarrapada, mover-se apressadamente por entre os alegretes, distribuindo a vida em torno de si. A bulha que fazia a agua caindo do regador sobre as folhas arrebatava a alma ao pae Mabœuf. Parecia-lhe que agora o *rhododendron* era feliz.

Esvaziado o primeiro balde, a rapariga encheu segundo, encheu terceiro. Regou todo o jardim.

Vendo-a andar assim por entre os alegretes, onde toda a sua sombra parecia preta, agitando sobre os compridos braços angulosos o seu lenço roto, quasi a tomarias por um morego.

Quando ella acabou, o pae Mabœuf approximou-se com os olhos humidos de lagrimas, e poz-lhe a mão na fronte.

—Deus a abençoará, disse, você é um anjo, pelo cuidado que tem das flores.

—Não, respondeu a rapariga, sou o diabo, mas isso para mim é o mesmo.

O velho exclamou, sem esperar e sem ouvir a sua resposta:

—Que pena tenho de ser tam infeliz e tam pobre, e de não poder fazer nada por você!

—Pois digo-lhe que pôde, tornou ella.

—Como?

—Ensine-me onde mora o senr. Mario.

O velho não comprehendeu.

—Que senr. Mario?

Levantou os olhos amortecidos, com o ar de quem busca recordar-se de uma cousa.

—Um moço que aqui vinha ha tempos.

Entretanto Mabœuf esquadrinha a sua memoria:

—Ah! sim... exclamou, já sei de quem me falla. Espere um pouco! o senr. Mario... o barão Mario Pontmercy, pois não! mora... ou antes já não mora... a fallar a verdade, não sei.

Assim fallando, abaixara-se para endireitar um ramo de *rhododendron* e continuava:

—Olhe, agora me lembro. Elle passa muito a miudo pelo *boulevard* e vae para o lado da Glacière. A rua Croule-Barbe....o campo da Calhandra....procure-o por ahi. Não lhe será difficil encontra-lo.

Quando Mabœuf levantou a cabeça já ninguem alli se achava; a rapariga desaparecêra.

O bom do velho teve deveras o seu bocadinho de medo.

—Na verdade, disse comsigo mesmo, se o meu jardim não estivesse regado, acreditaria que era um espirito.

Dahi a uma hora, quando já estava deitado, voltou-lhe á mente a scena do jardim, e ao adormecer, nesse instante confuso, em que o pensamento, qual o passaro fabuloso que se transforma em peixe para atravessar o mar, assume pouco a pouco a forma do sonho para engolphar-se no somno, dizia vagamente comsigo mesmo:

—Realmente isto parece-se muito com o que refere la Rubaudière a respeito dos espiritos. Seria comeffeito um espirito?

IV

APPARIÇÃO A MARIO.

Alguns dias depois desta visita do *espírito* ao pae Ma-bœuf, uma manhã,—era uma segunda-feira, dia da moeda de cem soldos que Mario pedia emprestada a Courfeyrac para Thénardier—, Mario mettêra essa moeda no bolso, e, antes de leva-la á Force, fôra *passeiar um pouco*, esperando ficar assim mais bem disposto a trabalhar quando se recolhesse. Isto, porem, era já um habito constante. Mal se levantava, sentava-se defronte de um livro e d'uma folha de papel para atamancar uma traducção; occupava-se elle então em verter para o francez a celebre controversia de Gans e Savigny; pegava em Savigny, pegava em Gans, lia quatro linhas, tentava escrever uma, não podia, via uma estrella interpor-se entre elle e o papel, levantava-se da cadeira dizendo: « Vou passeiar. Assim ficarei mais disposto para o trabalho. »

E ia para o campo da Calhandra.

Alli via mais que nunca a estrella, e muito menos Gans e Savigny.

Voltava para casa, buscava continuar o trabalho, e não o conseguia; era-lhe impossivel reatar um unico

dos fios quebrados no seu cerebro; então dizia: « Não sahirei amanha. Estes passeios distrahem-me do trabalho. » E sabia todos os dias.

Morava antes no campo da Calhandra do que em casa de Courfeyrac. Sua verdadeira moradia seria a seguinte: *Boulevard* da Saude, setima arvore á rua Croule-Barbe.

Naquella manhan deixara essa setima arvore, e sentara-se no parapeito da ponte sobre o riacho dos Gobelinos. Um prasenteiro sol se reflectia nas folhas frescas e todas luminosas.

Scismava n'Elle. E esse scismar, mudando-se-lhe em exprobração, tinha já por objecto a sua propria pessoa; pensava dolorosamente na preguiça, paralyisia da alma, que começava a domina-lo, e nessa noite, que se tornava de instante a instante cada vez mais escura a ponto de elle já nem ao menos ver o sol.

Entretanto, no meio deste penoso desenvolvimento de idéas indistinctas, que nem se quer eram um monologo, pois que a acção se lhe enfranquecia, nem ao menos tinha elle já a força de querer affligir-se; no meio dessa absorpção melancolica, ainda era accessivel ás sensações do exterior. Ouvia atrás de si, embaixo, nas duas margens do rio, as lavadeiras dos Gobelinos a baterem a roupa, e, por cima da cabeça, os passarinhos pipitando e cantando nos olmos. De um lado a bulha da liberdade, do descuido feliz, do ocio que tem azas; do outro lado a bulha do trabalho. Cousa que o fazia scismar profundamente, e quasi reflectir, estas duas bulhas eram alegres.

De repente, no meio do seu extasi apathico, ouviu uma voz conhecida que gritava.

—Ah! ei-lo alli!

Ergueu os olhos, e reconheceu essa desgraçada rapariga que fôra uma manhan ao seu quarto. Eponina, a mais velha das filhas de Thénardier, agora sabia como ella se chamava. Cousa estranha, tinha-se tornado mais pobre e mais bonita, dous passos que nunca suppôz que fosse capaz de dar. Fizera um duplo progresso para a luz e para a miseria. Estava descalça e coberta de andrajos como no dia em que entrara tam resolutamente no quarto de Mario; esses andrajos, porém, tinham agora dous mezes mais de uzo; os buracos eram maio-

res, dobradamente sordido o seu aspecto. A voz rouca, a fronte sem viço e crestada pelo sol, o olhar afouto, assustadiço e vacillante, tudo era o mesmo. Tinha com tudo agora na physionomia esse ar vagamente amedrontado e triste que a estada na prisão ajunta a miseria.

Tinha pedacinhos de palha e de feno pegados aos cabellos, não como Ophelia por ter enlouquecido ao contagio da loucura de Hamleto, mas porque dormira em algum palheiro de estribaria.

E, a despeito de tudo isto, era bella. O' mocidade, que astro esplendido que sois !

Entretanto parára deante de Mario com uma leve expressão de alegria no livido semblante e como que com um sorriso a deslizar-se-lhe pelos labios.

—Até que finalmente o encontrei ! disse. O pae Mabœuf tinha razão, era mesmo neste *boulevard* ! Como eu o procurei ! se o senhor soubesse ! Ah ! é verdade ! sabe que mais ? estive no xadrez. Quinze dias ! Solta-ram-me porque não havia nada contra mim, e demais ainda não tinha a idade do discernimento. Faltavam dous mezes. Oh ! como eu o procurei ! ha seis semanas que ando nesta lida. Então já não mora alli mais ?

—Não, respondeu Mario.

—Ah ! entendo. Por amor daquillo. Comeffeito, aquellas artimanhas não são agradaveis. O senhor mudou-se. Ah ! agora reparo ! porque anda com semelhante chapéu ? Um moço como o senhor deve apresentar-se sempre muito bem vestido. Sabe que mais, senr. Mario ? o pae Mabœuf chama-o barão Mario de não sei que mais. Não é verdade que o senhor não é barão ? todo o barão é velho, vae passear ao Luxemburgo do lado do castello onde bate o sol, lê a *Quotidiana* por um soldo. Uma vez fui levar uma carta a um barão que era assim. Tinha mais de cem annos. Mas, diga-me cá, onde é que o senhor mora agora ?

Mario não respondeu.

—Ah ! continuou ella, a sua camisa está rôta; eu a coserei.

Proseguiu, ennuviando-se-lhe pouco a pouco o semblante:

—Parece que o senhor não gosta de ver-me ?

Mario não respondia; ella tambem calou-se um instante, depois exclamou:

—Pois, se eu quizesse, faria o senhor mostrar um ar bem alegre!

—Como? perguntou Mario. O que quereis dizer?

—Ah! já não me trata por tu! disse ella.

—Pois bem, o que queres tu dizer?

A rapariga mordeu os labios; parecia hesitar, como se se dêsse nella um combate interior. Por fim, como que tomando uma resolução:

—Não importa, disse. O senhor está triste, eu quero vê-lo contente. Prometta-me só que ha de rir-se. Quero ver o senhor rir-se e dizer: « Ah! muito bem! » Pobre senr. Mario! lembra-se! não prometeu dar-me tudo que eu quizesse. .?

—Sim, mas falla!

Ella encarou fixamente Mario e disse:

—Já sei onde é a casa!

Mario empallideceu. Todo o sangue refluio-lhe ao coração.

—Que casa?

—A casa que o senhor me pediu que descobrisse. Accrescentou, com esforço.

—A casa... não se lembra?

—Sim! balbuciou Mario.

—Da moça!

Pronunciada esta palavra, suspirou profundamente.

Mario saltou do parapeito onde estava sentado e pegou-lhe na mão com transporte:

—Oh! pois bem! ensina-me onde é! dize! pede-me o que quizeres! Onde é?

—Venha comigo, respondeu ella. Não sei bem a rua e o numero; é muito longe daqui, mas posso ir lá com os olhos fechados, vou leval-o até lá.

Puxou a mão e continuou em um tom que houvera commovido qualquer observador, mas que nenhuma impressão fez em Mario, embriagado e cheio d'alegria:

—Oh! como o senhor está contente!

A fronte de Mario ennuviou-se. Travou do braço de Eponina:

—Jura-me uma cousa!

—Jurar? tornou ella; o que é que quer dizer com isso? E esta! então o senhor quer que eu jure? Eriu-se.

—Teu pae!... promette-me, Eponina! jura-me que não ensinarás essa casa a teu pae!

A rapariga voltou-se para elle com ar estupefacto.

—Eponina! Como sabe que me chamo Eponina?

—Promette-me o que te digo!

Mas ella como que o não ouvia.

—Como é agradável! o senhor chamou-me Eponina!

Mario agarrou-lhe nos dous braços ao mesmo tempo.

—Mas responde, em nome do céu! attende ao que te digo; jura-me que não ensinarás essa casa a teu pae!

—Meu pae? disse ella. Ah! sim, meu pae! não tenha cuidado. Está incommunicavel. Demais, que tenho eu com meu pae?

—Porem tu não me promettes! exclamou elle.

—Largue-me! tornou a rapariga soltando uma gargalhada; não me sacuda assim! Sim! sim! prometto! juro! é cousa que pouco me custa! não direi nada a meu pae. Então? está satisfeito?

—Nem a mais ninguem? disse Mario.

—Nem a mais ninguem.

—Agora, continuou Mario, conduze-me lá.

—Já?

—Já.

—Pois venha. Oh! como está contente! disse ella.

Depois de terem dado alguns passos, ella parou.

—Vindes muito perto de mim, snr. Mario. Deixe-me ir adeante e segui-me sem ter ares de o fazer. Não está bem que vejam um moço de bem, como o senhor, com uma mulher como eu.

Nenhuma lingua poderia exprimir tudo o que continha esta palavra—mulher, assim pronunciada por aquella menina.

Deu uns dez passos, e tornou a parar. Mario aproximou-se della. Fallou-lhe por cima do hombro e sem voltar-se para o mancebo:

—É verdade, lembra-se da promessa que me fez?

Mario metteu a mão no bolso. Não possuia naquelle momento senão os cinco francos destinados ao pae Thénardier. Tirou-os e pô-los na mão de Eponina.

Ella abriu os dedos e deixou cahir ao chão a moeda, e, encarando-o com ar sombrio:

—Não quero o seu dinheiro, disse.

LIVRO TERCEIRO.

A CASA DA RUA PLUMET.

I.

A CASA SECRETA.

Pelo meiado do seculo passado, um presidente do parlamento de Pariz que tinha uma amasia e queria que todos o ignorassem, pois naquella epocha os grandes mostravam as suas amantes e os burguezes as escondiam, mandou construir *uma casinha* no arrabalde de San'Germano, na rua deserta de Blomet a que chamam hoje rua Plumet, não longe do sitio então chamado o *Combate dos Animaes*.

Esta casa cumpunha-se de um torreão com um unico andar ; duas salas no pavimento terreo, dous quartos no sobrado, em baixo uma cosinha, em cima um camarim, por baixo do telhado umas aguas furtadas, tudo precedido de um jardim com grande portão de ferro que dava para a rua. O jardim tinha cerca de uma geira. Era o mais que se podia enxergar de fóra; mas atraz do torreão havia um pateo estreito, e no fundo deste uma casinha assobradada, que continha dous aposentos, especie de recesso destinado a esconder em caso de necessidade uma creança e uma ama. Esta casinha communicava, pelos fundos, por uma porta se-

creta, com um comprido passadiço estreito, calçado, sinuoso, descoberto, orlado de altos muros, o qual escondido com prodigiosa arte e como que perdido entre as cercas dos jardins e das plantações, cujas voltas e angulos acompanhava, ia terminar ao cabo de meio quarto de legua, quasi em outro bairro, em outra parte egualmente secreta, que dava para a extremidade solitaria da rua de Babylonia.

O snr. presidente entrava por aqui de modo que se alguém houvesse notado que elle se dirigia todos os dias mysteriosamente a alguma parte, e o tivesse espiado e seguido, acreditaria que o digno magistrado ia á rua de Babylonia e não á rua Blomet. Graças a habéis aquisições de terrenos, o engenhoso presidente tinha podido mandar fazer este passadiço secreto em sua casa, em terra sua propria, e por conseguinte sem ter quem lho embargasse. Tempos depois revendêra em pequenas parcellas para jardins e plantações os lotes de terra ribeirinhos do passadiço, e os proprietarios destes lotes de terra suppunham de ambos os lados ter deante dos olhos uma simples parede divisoria, e bem longe estavam de desconfiar da existencia da comprida calçada que serpeava entre dous muros no meio dos seus alegretes e dos seus vergeis. Só os passaros viam esta curiosidade. E' provavel que as toutinegras e os molharucos do seculo passado muito houvessem chilreado a respeito do snr. presidente.

O torreão, construido de pedra e cal no gosto de Mansard, pintado e mobiliado no gosto de Vatteau, fa- ceiro no interior, grave no exterior, cercado de um tri- plice renque de flôres, tinha o quer que fosse discreto, delicado e solemne, como convem a um capricho do amor e da magistratura,

Esta casa e o passadiço, que hoje desapareceram, existiam ainda ha quinze annos. Em 1793, um calde- reiro comprára a casa para demolil-a, mas não tendo podido pagal-a, a nação o dera por fallido. De modo que foi a casa que demoliu o caldeireiro. Depois a casa fi- cou sem moradores, entrou a arruinar-se lentamente, como toda a habitação a que a presença do homem já não communica a vida. Conservára os seus velhos tras- tes e continuára a estar á venda ou para alugar, con- forme o annunciava, ás dez ou doze pessoas que pas-

ram por anno pela rua Plumet, um escripto amarelado e illegivel pregado no portão do jardim desde 1810.

Quasi nos fins da restauração, esses mesmos viandantes poderam notar que o escripto desapparecêra, e que até as janellas do sobrado estavam abertas. A casa tinha comeffeito moradores. Viam-se cortinas nas vidraças, signal de que havia alli uma mulher.

No mez de outubro de 1829, um homem de certa idade se apresentára e alugára a casa tal qual se achava, inclusive, bem entendido, a casinha dos fundos e o passadiço que ia ter á rua de Babylonia. Mandára restabelecer as aberturas secretas das duas portas deste passadiço. A casa, como ha pouco dissemos, estava ainda pouco mais ou menos mobiliada com os velhos trastes do presidente; o novo alugador ordenára alguns concertos, ajuntára aqui e acolá o que faltava, recalçára o pateo, reparára os ladrilhos, a escada, o assoalho e as vidraças das janellas, e viera enfim, em companhia de uma moça e de uma creada velha, estabelecer-se alli sem arruido, antes como quem se esgueira do que como quem entra para sua casa. Os vizinhos não murmuraram o facto, pela simples razão de não haver vizinho algum.

Este locatario tam reservado era João Valjean, a moça era Cosetta. A creada era uma pobre mulher chamada Toussaint, que João Valjean salvára do hospital e da miseria, e que era velha, provinciana e gaga, tres qualidades que o haviam determinado a tomal-a ao seu serviço. Elle alugára a casa debaixo do nome de Cortavento, capitalista. Em tudo que deixámos referido mais acima, o leitor sem duvida reconheceu João Valjean tam promptamente como o proprio Thénardier.

Porque sahira João Valjean do convento do Petit-Picpus? O que seria passado?

Nada.

Hão de estar bem lembrados que João Valjean era feliz no convento, tam feliz que a sua consciencia entrou a final a inquietar-se. Via Cosetta todos os dias, sentia a paternidade nascer e crescer mais e mais em si mesmo, enleva-se-lhe a alma na contemplação daquella menina, dizia de si para si que ella era bem sua, que nada poderia roubar-lh'a, que isto seria assim indefinidamente, que de certo ella professaria, visto ser

cada dia brandamente provocada a fazer-se freira, que desta fórma no convento se resumiria o universo tanto para ella como para elle, que elle alli envelheceria e ella cresceria, que ella alli envelheceria e elle morreria; que, emfim, embriagadora esperanza, nenhuma separação era possivel. Reflectindo nisto, começou a sentir certas hesitações. Interrogou-se. A si mesmo perguntava se toda aquella felicidade era sua propria, se não se compunha da felicidade de outrem, da felicidade daquelle creança que elle, velho, confiscava e escondia; se aquillo não era um roubo? A si proprio confessava que aquella creança tinha o direito de conhecer a vida antes de renunciar a ella, que privar-a, de ante-mão e até certo ponto sem a consultar, de todas as alegrias sob pretexto de livral-a de todas as provações, aproveitar-se da sua ignorancia e do seu isolamento para inspirar-lhe uma vocação artificial, era desnaturar uma creatura humana e mentir a Deus. E quem sabe se Cosetta, comprehendendo um dia tudo isto, e, religiosa forçada, não viria a destestá-lo? Ultimo pensamento, quasi egoistico e menos heroico do que os outros, mas que lhe era insupportavel. Tomou a resolução de sahir do convento.

Tomou esta resolução; reconheceu com desespero que assim era preciso. Quanto a objecções, nenhuma havia. Cinco annos de morada entre aquelles quatro muros e de sumiço teriam necessariamente destruido ou dispresado os elementos de temor. Podia voltar tranquillamente para o meio dos homens. Estava velho e tudo havia mudado. Quem o reconheceria agora? E de mais, ainda suppondo o peor, só havia perigo para elle, e não tinha o direito de condemnar Cosetta ao claustro por haver sido condemnado ás galés. Por ventura deveria o temor do perigo prevalecer contra a obrigação? Emfim, nada o impedia de ser prudente e de tomar as suas precauções.

Quanto á educação de Cosetta, estava quasi terminada e completa.

Tomada a sua determinação, João Valjean aguardou a occasião. Esta não tardou a apresentar-se. O velho Cortavento morreu.

João Valjean pediu audiencia á reverenda priora, e disse-lhe que tendo herdado por morte de seu irmão uma modesta fortuna que o punha em estado de viver

dalli em deante sem trabalhar, deixava o serviço do convento e levava comsigo a filha; mas que, como não era justo que Cossetta, não professando, houvesse sido educada gratuitamente, supplicava com toda a humildade á reverenda priora lhe permitisse offerecer á communiidade, como indemnisação pelos cinco annos que sua filha passára no convento, a quantia de cinco mil francos.

Foi assim que João Valjean sahiu do convento da Adoração Perpetua.

Ao deixar o convento levou elle proprio, por não querer confia-lo a nenhum ganhador o bahuuzinho cuja chave trazia sempre comsigo. Este bahu aguçava a curiosidade de Cosetta por causa do cheiro de balsamo que trescalava.

Digamos desde já que dalli em deante o bahu não se separou mais d'elle. Tinha-o sempre no seu quarto. Era a primeira e ás vezes a unica cousa que levava quando se mudava. Cosetta ria-se disto, e chamava o bahu o *inseparavel*, dizendo: « Tenho-lhe ciumes. »

Todavia, João Valjean não se achou assim em plena liberdade sem uma profunda anciedade.

Descobriu a casa da rua Plumet e nella se encafuou. Achava-se agora de posse do nome de Ultimo Cortavento.

Ao mesmo tempo alugou mais dous aposentos em Pariz, afim de attrahir menos a attenção do que se estivesse sempre no mesmo bairro, podendo deste modo ausentar-se á menor inquietação que sentisse, e não se achando já desprevenido como na noite em que escapára tam miraculosamente a Javert. Estes dous aposentos, de mesquinha e pobre apparencia, ficavam em bairros mui distantes um do outro; um na rua do Oêste, o outro na rua do Homem-armado.

De tempos a tempos, ia com Cosetta só, sem levar a Toussaint, passar um mez ou seis semanas, já na rua do Oêste, já na do Homem-armado. Era servido pelos porteiros, e dava-se como um capitalista dos arrabaldes que tinha seu peculiosito na cidade. Este homem tam virtuoso tinha tres domicilios em Pariz para escapar á policia.

JOÃO VALJEAN GUARDA NACIONAL.

Comtudo, para bem dizer, morava na rua Plumet e alli havia ordenado assim o seu modo de vida.

Cosetta com a creada occupava o torreão; tinha o quarto grande de dormir com tremós pintados, o camarim com frisos de ouro, a sala do presidente com as suas tapeçarias e grandes poltronas; tinha o jardim. João Valjean fizera pôr no quarto de Cosetta uma cama com docel de damasco antigo de tres côres e um velho e bello tapete da Persia comprado na rua do Figuier Saint-Paul em casa de mãe Gaucher, e, para corrigir a severidade destas antiquilhas magnificas, amalgamára com elles todos os moveiszinhos alegres e graciosos das moças, o aparador, a estante e os livros dourados, a papaleira, a pasta, a mesa de costura marchetada de nacar, a caixinha de prata dourada, o toucador de porcellana do Japão. Compridas cortinas de damasco tricolor sobre fundo encarnado, como o da cama, guarneciam as janellas do sobrado. No pavimento terreo cortinas de tapeçaria. No inverno a cosinha de Cosetta era aquecida sem cessar tanto em cima como em baixo. Quanto a João Valjean,

esse habitava a especie de cubiculo de porteiro que ficava no pateo dos fundos, com um colchão em uma cama de lona, uma mesa de madeira branca, duas cadeiras de palha, uma moringa de barro, alguns alfarrabios em uma prateleira, o seu querido bazuquinho em um canto, e nada de fogo. Jantava com Cosetta, e na mesa havia sempre um pão de rala para elle. Quando a Toussaint entrara para o seu serviço João Valjean lhe dissera, designando Cosetta:—A senhora é que é a dona da casa.

—E vó-omecê, meu senhor? tornára Toussaint estupefacta.

Sou cousa melhor ainda, sou pae da senhora.

Cosetta no convento aprendêra a dirigir uma casa e regulava a despesa, que era mui modesta. Todos os dias João Valjean lhe dava o braço e levava-a a passear. Conduzia-a ao Luxemburgo, á alameda menos frequentada, e todos os domingos á missa sempre em Saint-Jacques-du-Haut-Pas, porque era a egreja mais distante. Como naquelle bairro ha muita pobreza, dava alli numerosas esmolas, e os pobres o rodeavam na egreja, o que motivou a epistola dos Thénardiens: *Ao senr. bemfazejo da egreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas*. Gostava de ir com Cosetta visitar os indigentes e os enfermos. Nenhum estranho entrava na casa da rua Plumet. Toussaint era quem fazia as compras, e João Valjean ia em pessoa buscar agua a uma bica que ficava a pouca distancia no *boulevard*. A lenha e o vinho eram guardados em uma especie de cavidade semi-subterranea ornada de conchinhas, situada perto da porta da rua de Babylonia, e que outr'ora servira de gruta ao senr. presidente, porque no tempo das *Folias e das Casas de Orates* não havia amor sem gruta.

Na porta secreta da rua de Babylonia havia uma dessas caixinhas destinadas a receber jornaes e cartas; como, porem, os tres moradores do terreão da rua Plumet não recebiam cartas nem jornaes, toda a utilidade da caixa, outr'ora intermediaria de amoricos e confidente de um béca xixisbêo, limitava-se agora aos avisos do cobrador de impostos e aos do serviço da guarda nacional. Perquanto o senr. Cortavento, capitalista, era guarda nacional; não pudera escapar ás malhas estreitas da qualificação de 1831. As averiguações municipaes a que se procedêra naquella época tinham subido

até o convento do Petit-Picpus, especie de nuvem impenetravel e santa de que João Valjean sahira veneravel aos olhos da sua *mairie*, e, por conseguinte, digno de fazer guarda.

Tres ou quatro vezes no anno João Valjean fardava-se e ia para a guarda, mas com a melhor vontade do mundo; era um disfarce correcto que o confundia com os outros deixando-o solitario. João Valjean já tinha completado sessenta annos, idade da isenção legal; mas não mostrava contar mais de cincoenta; como quer que fosse, o que é certo é que não nutria o menor desejo de subtrahir-se ao seu sargento-mór e de contender com o conde de Lobau; elle não tinha posição civil; occultava o nome, a identidade, a idade, occultava tudo; e, acabamos de dizê-lo, era um guarda nacional de boa vontade. Parecer-se com qualquer que paga impostos, tal era a sua ambição. Este homem tinha por ideal, no interior um anjo, no exterior um burguez.

Refiramos, porem, uma particularidade: quando João Valjean sahia com Cosetta, vestia-se como o leitor já sabe, e parecia realmente um velho official. Quando sahia só, e era quasi sempre de noite, não trajava senão jaqueta e calças de obreiro e um boné que lhe escondia o rosto. Seria precaução ou humildade? Ambas as cousas ao mesmo tempo. Cosetta estava acostumada ao lado enigmatico do seu destino, e apenas notava as singularidades de seu pae. Quanto á Toussaint, essa venerava João Valjean, e achava bom tudo quanto fazia. Um dia o carnicheiro seu freguez, que tinha lobrigado João Valjean, disse-lhe: «E' um ratão.» Ella responden: «E' um. . . um santo.»

Nem João Valjean, nem Cosetta, nem Toussaint entravam ou sahiam senão pela porta da rua de Babylo-nia. Salvo se os avistassem pela grade do jardim, difficil fôra adivinhar que elles moravam na rua Flumet. O portão estava sempre fechado. João Valjean deixava o jardim inculto para que não attrahisse a attenção.

Nisto talvez se enganasse.

FOLHS AC FRONDIBUS.

Este jardim entregue a si mesmo havia mais de meio seculo tornára-se extraordinario e encantador. Os viandantes de ha quarenta annos paravam na rua para contempla-lo, sem desconfiar dos segredos que escondia por detrás daquellas espessuras frescas e verdejantes. Mais de um scismador daquella época deixou não poucas vezes os seus olhos penetrarem indiscretamente por entre as grades do portão fechado a cadeado, com os seus varões torcidos, abalados, presos a duas pilastras esverdeadas e musgosas, estranhamente corcados de um fastigio de arabescos indecifreveis.

Havia um banco de pedra em um canto, uma ou duas estatuas holorentas, algumas grades de caramanchão desgraçadas pelo tempo apodrecendo na parede; nenhum vestigio de alamedas nem de relva; gramma por toda a parte. A jardinagem ausentára-se, e a natureza voltára. As hervas agrestes abundavam, ayentura admiravel para um pobre canto de terra. A festa dos goivos era esplendida. Nada neste jardim contrariava o esforço sagrado das cousas para a vida; o incremento veneravel alli estava em casa propria. As arvores se tinham vergado para os cardos que tinham subido para as arvores, a planta trepára, o galho dobrára-se, o que roja na terra fôra unir-se ao que se expande no ar, o que ondêa ao

vento inclinára-se para o que se arrasta no musgo; troncos, ramos, folhas, fibras, tufos, gavinhas, sarmentos, espinhos tinham-se misturado, emmaranhado, unido, confundido: a vegetação, em um amplexo estreito e profundo, celebrára e realizára, sob o olhar satisfeito do Creador, neste recinto de trezentos pés quadrados, o santo mysterio da sua fraternidade, symbolo da fraternidade humana. Aquelle jardim já não era um jardim, era uma balsa colossal; isto é, uma cousa impenetravel como uma matta, povoada como uma cidade, tremula como um ninho, sombria como uma cathedral, odorifera como um ramalhete, solitaria como um tumulo, viva como uma multidão.

Na primavera, esta balsa enorme, livre, por detrás de sua grade e entre os seus quatro maros, entrava em cio no surdo trabalho da germinação universal, estre-mecia ao sol nascente-quasi como um animal que aspira os effluvios do amor cosmico e sente a seiva de abril insinuar-se-lhe e ferver-lhe nas veias; e, sacudindo ao vento sua prodigiosa coma verde, semeava no chão humido, em cima das estatuas mutiladas, no poial desconjuntado do terreão e até na calçada da rua deserta, as flôres em estrellas, o orvalho em perolas, fecundidade, belleza, vida, alegria, perfumes. Ao meio-dia mil borboletas brancas ali se refugiavam, e era um espectáculo divino ver fluctuar em frocos na sombra essa neve viva do estio. Alli, nas alegres trevas da verdura, uma infinidade de vozes innocentes fallavam docemente á alma, e o que os gorgeios haviam esquecido, diziam os zumbidos. De tarde um vapor melancolico despren-dia-se do jardim e o envolvia: um sudario de neblina, uma tristeza celeste e calma, o cobriam; o olor tan-grato das madresilvas e das coriolas exhalava-se de todo elle como um veneno delicioso e subtil; onviam-se os ultimos pios dos fuinhos e das alveloas adormecendo na folhagem; sentia-se alli a intimidade sagrada do passaro e da arvore, de dia as azas alegram as folhas, de noite as folhas protegem as azas.

No inverno, a balsa tornava-se negra, molhada, erriçada, tiritante, e descobria um pouco a casa. Viam-se, em vez de flôres nos ramos e de orvalho nas flôres, os traços argentados dos caracões sobre o frio e basto tapete de folhas amarellecidas; mas fosse como fosse, sob

todo e qualquer aspecto, em toda e qualquer estação, primavera, inverno, estio, outomno, este pequeno recinto era cheio de melancolia, de contemplação, de solidão, de liberdade, revelando a ausencia do homem e a presença de Deus; e a velha grade enferrujada parecia dizer: este jardim é meu.

Em vão ficava-lhe em torno a calçada de Pariz, a dous passos os palacios classicos e esplendidos da rua de Varennes, muito perto o zimbório dos Invalidos, não longe a camara dos deputados; em vão rodavam soberbamente na vizinhanca as carruagens da rua de Borgonha e da de San'Domingos; os omnibus amarelllos, escuros, brancos, encarnados, em vão se cruzavam no largo proximo, o deserto estava na rua Plumet; e a morte dos antigos proprietarios, n'uma revolução que passára, o naufragio das antigas fortunas, a ausencia, o esquecimento, 40 annos de abandono e de viuvez, haviam bastado para fazer medrar naquelle lugar privilegiado o tojo, o verbasco branco, a cicuta, as achilêas, as plantas de grandes folhas crespas verde gaio, os lagartos, os escaravelhos, os insectos inquietos e rapidos, para fazer sahir das profundezas da terra e reaparecer entre aquelles quatro muros uma certa grandeza selvagem e feroz; e para que a natureza, que desconcerta as mesquinhas disposições do homem e se ostenta toda inteira onde quer que se expande, tanto na formiga como na aguia, chegasse a desabrochar-se em um mesquinho jardimzito parisiense com tanta rudesza e magestade como em uma matta virgem do Novo-Mundo.

Nada é em verdade pequeno; todo aquelle que é sujeito ás penetrações profundas da natureza o sabe. Se bem que nenhuma satisfação absoluta seja permittida á philosophia, quer tente circumscrever a causa, quer busque limitar o effeito, o contemplador cahe em extasis insondaveis por causa destas decomposições de forças tendendo á unidade. Tudo trabalha em tudo.

A algebra se applica ás nuvens; a irradiação do astro é de proveito para a rosa; nenhum pensador ousaria dizer que o perfume do pilriteiro é desnecessario ás constellações. Quem ha que possa calcular o trajecto de uma molecula? Sabemos nós por ventura se creações de mundos são ou não determinadas por quedas de

grãos de arêa ? quem pois conhece os fluxos e os refluxos reciprocos do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, o estrepito das causas nos precipícios do ser, e as torrentes da criação ? Um oução tem importancia; o pequeno é grande, o grande é pequeno; tudo se equilibra na necessidade; formidavel visão para o espirito. Ha entre os entes e as cousas relações de prodigio; neste todo inexaurivel, do sol ao pulgão, ninguém se despreza; carecem uns dos outros. A luz não attrahe á sydereia esphera o perfume das flôres sem saber o que faz; a noite distribue porções de essencia stellar ás flôres adormecidas. Todos os passaros que voam teem no pé um fio do infinito. A germinação complica-se com o brotar de um meteoro e com a bicada da andorinha abrindo o ovo, e preside a um tempo ao nascimento de um verme e á vinda de Socrates. Onde o telescopio acaba, começa o microscopio. Qual dos dois tem mais vista ? Escolhei. Um bocado de bolor é uma pleiada de flôres; uma nebulosa é um formigueiro de estrellas. A mesma promiscuidade, e mais pasmosa ainda, das cousas da intelligencia e dos factos da substancia. Os elementos e os principios se misturam, se combinam, se unem, se multiplicam uns pelos outros a ponto de pôr o mundo material e o moral á mesma luz. O phenomeno está em perpetuo recolhimento consigo mesmo. Nas immensas transformações cosmicas a vida universal vae e vem em quantidades desconhecidas, rolando tudo no invisivel mysterio dos effluvios, empregando tudo, não perdendo um sonho de um unico sonino, semeando um animalculo aqui, migando um astro acolá, oscillando e serpeando, fazendo da luz uma força e do pensamento um elemento, disseminado e indivisivel, dissolvendo tudo, excepto este ponto geometrico, o *eu*: reconduzindo tudo á alma atomo; expandindo tudo em Deus; encadeando desde a mais alta até a mais baixa, todas as actividades na obscuridade de um machinismo vertiginoso, ligando o vôo de um insecto ao movimento da terra, subordinando, quem sabe ? ao menos pela identidade da lei, a evolução do cometa no firmamento ao redomeinhar do infusorio na gotta da agua. Machina feita de espirito. Complexo enorme de peças cujo primeiro motor é o mosquito e a ultima roda o zodiaco.

IV

MUDANÇA DE GRADE.

Parecia que este jardim, creado outr'ora para esconder mysterios licenciosos, se havia transformado e tornado proprio para abrigar mysterios castos. Já não tinha latadas, nem taboleiros de relva, nem caramancheis, nem grutas; uma magnifica obscuridade o envolvia cahindo de todos os lados como um véu. Paphos transformára-se em Eden. Dissereis que um arrependimento saneára este retiro. As flôres offereciam agora os seus perfumes á alma. Este jardim faceiro, outr'ora desvairado, reassumira a virgindade e o pudor. Um presidente ajudado por um jardineiro, um bom homem que se julgava um Lamoignon e outro bom homem que suppunha igualar Lenôtre, o haviam delineado, construido, ornado, enfeitado, accommodado á garridice; a natureza o reivindicára, enchêra-o de sombra, e preparara-o para o amor.

Havia tambem nesta solidão um coração que estava prompto. O amor só tinha que apresentar-se; havia alli um templo composto de verduras, de herva, de musgo, de suspiros de passaros, de frouxas trevas, de

ramos agitados, e uma alma feita de doçura, de fé, de candura, de esperança, de aspiração e de illusão.

Cosetta sahira do convento quasi ainda creança: tinha pouco mais de quatorze annos, e estava na *idade ingrata*; já o dissemos, á excepção dos olhos, era antes feia do que linda; a sua physionomia nenhuma disformidade apresentava, mas ella era desengraçada, magra, timida e desembaraçada ao mesmo tempo, uma moça-menina.

Concluire a sua educação, isto é, haviam-lhe ensinado a religião, e até mesmo e principalmente a devoção; aprendêra tambem a historia, isto é, uma cousa a que no convento dão este nome, a geographia, a grammatica, os participios, a chronica dos reis de França, principios de musica, a traçar um nariz, etc.; quanto ao mais, porém, ignorava tudo—o que é um attractivo e um perigo. A alma de uma moça não deve ficar nas trevas; com o correr do tempo formam-se nella imagens repentinas e vivissimas como em uma camara escura. Deve ser branda e discretamente aclarada antes com o reflexo das realidades do que com o seu clarão directo e forte. Dubia luz util e graciosamente austera que dissipa os temores pueris e premune contra as quedas. Só o instincto maternal, intuição que se compõe das recordações da virgem e da experiencia da mulher, sabe como e de que deve ser feita esta luz. Nada pôde substituir tal instincto. Para formar a alma de uma moça todas as religiosas do mundo não valem uma mãe.

Cosetta não tivera mãe. Só tivera muitas mães, no plural.

Quanto a João Valjean, esse tinha-lhe a mais profunda afeição, votava-lhe os mais estremecidos cuidados; mas não passava de um pobre velho que nada sabia.

Ora, nesta obra da educação, nesta grave tarefa da preparação de uma mulher para a vida, quanta sciencia não é mister para lutar contra essa grande ignorancia a que chamamos innocencia!

Nada predispõe tanto uma moça para as paixões como o convento. Alli todo o espirito se volta para o desconhecido. O coração, recolhido comsigo mesmo, excava-se por não poder abrir-se, e torna-se profundo por não poder expandir-se. Dahi visões, supposições, conjecturas, romances esboçados, aventuras almejadas,

construções fantasticas, edificios erigidos na escuridão interior do espirito, sombrias e secretas estancias onde as paixões acham promptamente diversorio assim que a ausencia das grades lhes franquea o ingresso. O convento é uma compressão que para triumphar do coração humano deve durar toda a vida.

Deixando o convento, Cosetta não podia achar nada tam aprazivel nem tam perigoso como a casa da rua Plamet. Era a continuação da solidão com o principio da liberdade; um jardim fechado, mas uma natureza aere, rica, voluptuosa e odorifera; os mesmos sonhos que no convento, porem mancebos lobrigados; uma grade, mas dando para a rua.

Todavia, repetimo-lo, quando ella alli chegou não passava de uma menina. João Valjean entregou-lhe o jardim inculto:—Faze aqui o que bem te aprouver, dizia-lhe.—Isto aprasia a Cosetta; remexia todos os tufos e todas as pedras, procurava *bichos*; alli brincava, enquanto não chegava o tempo de meditar; gostava do jardim pelos insectos que nelle achava debaixo dos pés por entre a herva, enquanto não gostava d'elle pelas estrellas que um dia teria de ver scintillar por entre os ramos por cima da sua cabeça.

Alem disto, amava seu pae, isto é, João Valjean, com todas as forças da sua alma, com uma ingenua paixão filial que fazia do velho um companheiro desejado e agradavel. O leitor ha de estar lembrado que o senr. Magdalena lia muito; João Valjean continuára com o mesmo habito; por esta forma chegára a poder conversar bem; tinha a riqueza secreta e a eloquencia de uma intelligencia humilde e recta, que se cultivou a si mesma espontaneamente. Ficara-lhe uma dóse de aspereza sufficiente para temperar a sua bondade: era um espirito rude e um coração cheio de brandura. No Luxemburgo, conversando com Cosetta, explicava-lhe mil cousas demoradamente, soccorrendo-se das noções que bebêra nas suas leituras, e das tribulações que havia soffrido. Escutando-o, Cosetta volvia em torno de si olhares vagos.

Aquelle homem simples era sufficiente ao pensamento de Cosetta, do mesmo modo que aquelle jardim selvatico aos seus olhos. Quando ficava bem cansada de correr atrás das borboletas, voltava para junto d'elle estaforida, e dizia:

—Ah! como corri! Elle a beijava na testa.

Cosetta adorava o velho. Nunca se afastava d'elle. Como João Valjean não ia ao torreão nem ao jardim, divertia-se mais no pateo calçado de pedras do que no meio das flôres, e na casinha alfaiada de cadeiras de palha do que na sala grande toda tapizada onde se enfileiravam cadeiras estofadas. João Valjean dizia-lhe ás vezes sorrindo-se de contente por ser importunado:

—Vae para tua casa! deixa-me um pouco sózinho!

Elle reprehendia-o com essa meiga ternura que tem tanta graça quando parte da filha para o pae.

—Meu pae, sinto muito frio em sua casa; porque não põe aqui um tapete e um fogão?

—Querida filha, ha pessoas que valem muito mais do que eu, e que nem ao menos teem um tecto que as abrigue.

—Então porque ha sempre fogo em minha casa e tudo quanto é preciso?

—Porque tu és mulher e menina.

—Ora! então os homens devem curtir frio e passar mal?

—Certos homens.

—Está bem, hei de aqui vir tam a miudo que vm. não terá remedio senão acender fogo.

Dizia-lhe tambem:

—Meu pae, porque come desse pão tam ruim?

—Porque sim, minha filha.

—Pois bem, já que vm. come d'elle, tambem come-rei d'elle.

Então, para que Cosetta não comesse pão de rala, João Valjean comia pão branco.

Cosetta só muito confusamente se recordava da sua infancia. Rezava de manhan e á noite por sua mãe, e que não conheçera. Os Thénardiens tinham-lhe ficado na memoria como duas figuras hediondas vistas atravez de um sonho. Recordava-se de ter ido uma vez, de noite, buscar agua a um bosque. Suppunha que esse bosque ficava muito longe de Pariz. Parecia-lhe que começara a viver em um abysmo e que fôra João Valjean que viera tira-la de dentro d'elle. Sua infancia figurava-se-lhe como um tempo em que não via em torno de si senão aranhas, centopeias e serpentes. Quando seismava antes de adormecer, como não tinha certeza

de ser filha de João Valjean, imaginava que a alma de sua mãe se encarnára naquella velha e viera para junto della.

Quando elle estava sentado, encostava o rosto nos seus cabellos brancos, sobre os quaes deixava cahir silenciosamente uma lagrima, dizendo consigo mesma: Talvez este homem seja minha mãe!

Cosetta, bem que isto pareça estranho, em sua profunda ignorancia de menina educada no convento, e tambem por ser a maternidade absolutamente inintelligivel para a virgindade, acabára por imaginar que quasi não tivera mãe. Nem mesmo sabia-lhe o nome. Todas as vezes que lhe acontecia pergunta-lo a João Valjean, este calava-se. Se repetia a pergunta, respondia elle com um sorriso. Uma vez insistiu; o sorriso terminou por uma lagrima.

Este silencio de João Valjean encobria Fantina em trevas.

Seria prudencia? seria respeito? receiaria confiar esse nome aos azares de outra memoria alem da sua?

Emquanto Cosetta fôra pequenina, João Valjean fallára-lhe muitas vezes de sua mãe; quando cresceu, foi-lhe isto impossivel. Como que já não ousava fazê-lo. Seria por amor de Cosetta? seria por amor de Fantina? Sentia uma especie de horror religioso em fazer entrar essa sombra no pensamento de Cosetta, e era associar a defunta ao destino de ambos. Essa sombra tanto mais temivel lhe parecia quanto mais sagrada lhe era. Pensava em Fantina e dominava-o o silencio. Via vagamente nas trevas o que quer que fosse que se assemelhava a um dedo sobre uma boca. Todo o pudor que estivera em Fantina, e que durante a vida della sahira violentamente, teria voltado depois que a misera fallecêra, para velar, indignado, na paz desta defunta; e, severo, guardá-la no seu tumulo? João Valjean sem o saber soffer-lhe-hia a pressão? Nós, que cremos na morte, não somos dos que rejeitariam esta explicação mysteriosa. Dahi a impossibilidade de pronunciar, ainda mesmo na presença de Cosetta, este nome: Fantina.

Um dia Cosetta lhe disse:

—Meu pae, vi esta noite minha mãe em sonho. Tinha duas azas grandes. Minha mãe na sua vida esteve sem duvida perto da santidade.

—Pelo martyrio, respondeu João Valjean.

De resto, João Valjean era feliz.

Quando sahia com Cosetta, tomava-lhe ella o braço, altiva, contente, na abundancia do coração. João Valjean, a todas estas demonstrações de uma affeição tam exclusiva e tam satisfeita delles só, sentia banhar-se-lhe a alma em ineffaveis delicias. O pobre estremecia inundado de uma alegria angelica; cria firmemente que aquillo duraria sempre; dizia comsigo mesmo que na realidade não havia soffrido tanto que merecesse tam radiante felicidade, e agradecia a Deus, no mais intimo de sua alma, o ter permittido que elle, miseravel, fosse assim amado por aquella creatura innocente.

V

A ROSA PERCEBE QUE É UMA MACHINA
DE GUERRA.

Um dia Cosetta mirou-se casualmente no seu espelho e disse consigo mesma: « E esta! » Quasi que se achou linda. Isto causou-lhe uma singular perturbação. Até alli nuuca pensára no seu rosto. Via-se ao espelho, mas não se mirava. E demais, tinham-lhe dito muitas vezes que ella era feia; só João Valjean dizia baixinho: « Pois não! pois não! » Como quer que fosse, Cosetta sempre se julgára feia, e crescêra nesta supposição com a resignação facil da infancia. Eis que de repente o espelho lhe dizia, como João Valjean: « Pois não! » Não dormiu toda a noite: « Serei comeffeito bonita? dizia consigo mesma, havia de ser interessante que eu fosse bonita! » Lembrava-se de algumas de suas companheiras que no convento se distinguiam pela sua belleza, e dizia: « Devêras? será possível que eu seja como fulana?! »

No dia seguinte tornou a olhar para o espelho, mas não já por acaso, e duvidou: « Onde estava eu com o juizo? disse, não, sou feia. » Tinha dormido mal, estava com os olhos pisados e pallida. Na vespera, nem por

isso sentira grande alegria suppondo-se linda; mas ficou triste vendo desvanecer-se-lhe aquella supposição. Não tornou a mirar-se, e durante mais de quinze dias, sempre que se vestia, voltava-se de costas para o espelho.

De tarde, depois de jantar, costumava ir bordar ou fazer alguma obra de convento na sala, e João Valjean lia ao lado della. Uma vez levantou os olhos do que estava fazendo e ficou muito admirada ao ver o modo estranho com que seu pae a encarava.

Em outra occasião, passando por uma rua, pareceu-lhe que alguém que não viu, dizia depois que ella passou: « Bonita moça! porém mal vestida. » Ora! pensou ella, isto não é commigo. Eu estou bem vestida e sou feia. » Trajava então seu vestido de merinó preto e o chapéu de pellucia.

Um dia emfim, achando-se no jardim, ouviu a pobre velha Toussaint dizer:—Senhor, vm. não nota como a nossa menina está ficando bonita? Cosetta não ouviu o que seu pae respondeu, as palavras da Toussaint causaram-lhe uma especie de commoção. Retirou-se apressadamente do jardim, subiu para o seu quarto, correu ao espelho, havia tres mezes que se não mirava, e soltou um grito. A sua propria imagem a deslumbrara.

Era formosa e linda; não podia recusar o testemunho da Toussaint e do seu espelho. O corpo desenvolveu-se-lhe, a pelle branqueara, os cabellos tinham-se tornado lustrosos, os olhos azues estavam agora cheios de um brilho estranho. A consciencia da sua belleza illuminou-a em um minuto, como o clarão do sol nascente; demais, os outros a notavam, Toussaint o dizia; era della evidentemente que fallára a pessoa que ouvira na rua, ja não havia duvida; tornou a descer ao jardim, julgando-se rainha, ouvindo passaros cantar, —era no inverno,—vendo o céu dourado, o sol reflectindo-se nas arvores, flôres nos arbustos, fóra de si, embriagada, em um enlevo inexprimivel.

Por seu turno, João Valjean sentia um profundo e indifinivel aperto de coração.

E' que comeffeito, de algum tempo aquella parte contemplava com terror esta belleza que cada dia se ostentava com maior esplendor no meigo semblante de Cosetta. A aurora risonha para todos, era lugubre para elle.

Cosetta já era formosa muito antes de o haver nota-

do. Mas, desde o primeiro dia, aquella luz inesperada que surgia lentamente e envolveu gradualmente toda a pessoa da moça feriu os tristonhos olhos de João Valjean. Sentiu que daquillo havia de resultar alteração em uma vida feliz, tam feliz que não ousava tocar-lhe, receioso de deslocar-lhe alguma cousa. Este homem, que soffrêra todas as angustias, cujas feridas feitas pelo seu destino ainda sangravam, que fôra quasi um malvado, e que se tornára quasi um santo, que, depois de ter arrastado os grilhões de galé, arrastava agora a corrente invisivel, mas pesada, da infamia indefinita, este homem que a lei não havia soltado, e que podia ser a cada instante preso e arrastado da obscuridade da sua virtude á luz do opprobrio publico, este homem tudo aceitava, tudo desculpava, perdoava tudo, abençoava tudo, sujeitava se a tudo, e não pedia á Providencia, aos homens, ás leis, á sociedade, á natureza, ao mundo, senão uma cousa—que Cosetta o amasse !

Que Cosetta continuasse a amal-o ! que Deus não impedisse que o coração daquella menina se prendesse a elle e com elle ficasse ! Amado de Cosetta, sentia-se curado, socegado, tranquillo, feliz, recompensado, coroado. Amado de Cosetta, tinha quanto lhe bastava ! nada mais pedia. Se lhe houvessem dito: Queres mais ainda ? elle teria respondido : Não. Se Deus lhe dissesse: Queres vir para o ceu ? responderia : Prefiro a terra.

Tudo quanto podia alterar aquella situação, por mais superficialmente que fosse, fazia-o estremecer, porque lobrigava a possibilidade de outra cousa. Nunca soubera bem o que era a belleza de uma mulher; mas por instincto, comprehendia que era cousa terrivel.

Aquella belleza que se expandia cada vez mais esplendida e soberba á seu lado, á sua vista, na fronte ingenua e temivel da menina considerava-a elle, do fundo da sua fealdade, da sua velhice, da sua miseria, da sua condemnação, do seu abatimento, com olhar temeroso.

Dizia comsigo mesmo :

—Como é bella ! O que virá a ser de mim ?

Nisto pois estava a differença entre a sua affeição e a de uma mãe. O que elle via com angustia, uma mãe houvera-o visto com alegria.

Não tardaram a manifestar-se os primeiros symptomas.

Logo no dia seguinte ao em que ella dissera : « Decididamente, sou formosa ! » Cosetta entrou a dar attenção ao seu trajo. Lembrou-se do dito do viandante. « Bonita, porém mal vestida » oraculo que passára por ella e desvanecêra-se depois de lhe ter deposto no coração um dos dous germenos que devem, passados tempos, encher toda a vida da mulher, a garridice. O outro é o amor.

Com a fê na sua belleza, toda a alma feminil se lhe expandiu. Teve horror do merinó e envergonhou-se da pellucia. Seu pae nunca lhe negára nada. Soube para logo toda a sciencia do chapêu, do vestido, do mantelete, das botinas, dos punhozinhos de renda, do estofo que condiz, da côr que assenta, sciencia que torna a mulher pariziense tam attractiva, tam profunda e tam perigosa. O epitheto *mulher capitosa* foi inventado para a pariziense.

Em menos de um mez a Cosettinha foi naquella Thebaida da rua de Babylonia uma das moças, não só mais lindas, o que é alguma cousa, senão mesmo mais bem vestidas de Pariz o que é cousa inapreciavel. Bem desejára encontrar o seu desconhecido para ver o que elle diria, e para ensinal-o ! O facto é que a sua formosura encantava, e que ella distinguia perfeitamente um chapêu de Gerard de um chapêu de Herbaut.

João Valjean considerava estes estragos com anciedade. Elle que se reconhecia capaz unicamente de rojar, quando muito de andar, via Cosetta crear azas.

Todavia, á simples inspecção do trajo de Cosetta, qualquer mulher houvera visto que ella não tinha mãe. Certos recatozinhos, certas convenções especiaes, não eram observados por Cosetta. Uma mãe, por exemplo ter-lhe-hia dito que uma moça solteira não se veste de damasco.

No primeiro dia que sahiu com o seu vestido e mantelete de damasco preto e o seu chapêu de crepe branco, veio tomar o braço de João Valjean, alegre, radiante, corada, soberba, esplendida.

— Meu pae, disse, que tal me acha assim ?

João Valjean respondeu com voz semelhante á de um invejoso :

— Lindissima !

No passeio nenhuma mudança mostrou nas suas ma-

neiras. Quando tornaram para casa pergunteu a Cosetta :

—Então nunca mais sahirás com aquelle vestido e com aquelle chapéu ?

Isto passava-se no quarto de Cosetta. Voltou-se ella para o cabide da guarda-roupa, onde estava pendurado o seu facto de pensionista.

—Aquelle disfarce ! disse. Então eu hei de sahir com aquillo, meu pae ? Oh ! não, nunca mais vestirei fato tam horroroso. Com aquelle chapéu na cabeça, devo parecer uma velha horribilissima.

João Valjean suspirou profundamente.

Dalli em deante, notou que Cosetta, que sempre lhe pedia para ficar em casa, dizendo : « Meu pae, acho melhor ficar aqui com vm., » já queria sahir todos os dias. Comeffeito, de que lhe serviria ter um rosto tam lindo e um traje tam bonito, se havia de conserval-os escondidos em casa ?

Notou tambem que Cosetta já não gostava tanto do pateo dos fundos. Agora achava mais agradavel o jardim, e passeava sem constrangimento por deante do portão. João Valjean, sempre esquivo, fugia de ir ao jardim. Ficava no seu pateo, como o cão.

Cosetta, adquirindo a certeza de que era bella, perdeu a graça de ignoral-o; graça deliciosa, porque a formosura realçada de ingenuidade é ineffavel, e nada é tam adoravel como uma innocente radiante que caminha tendo na mão, sem o saber, a chave de um paraiso. Mas o que ella perdeu em graça ingenua, recobrou em encanto meditativo e serio. Toda a sua pessoa, penetrada das alegrias da mocidade, da innocencia e da belleza, respirava uma melancolia esplendida.

Foi nesta época que Mario, ao cabo de seis mezes, tornou a vel-a no Luxemburgo.

VI

A BATALHA COMEÇA.

Cosetta achava-se na sua obscuridade, como Mario na sua, de todo disposta para o incendio. O destino, com a sua paciencia mysteriosa e fatal, approximava lentamente um do outro estes dous entes carregados e abatidos pelas porcellosas electricidades da paixão, estas duas almas que encerravam o amor como duas nuvens encerram o raio, e que deviam tocar-se e confundir-se em um olhar como as nuvens em um relampago.

Tem-se abusado tanto do olhar nos romances de amor que a final o desautoraram. Quasi que ninguem ouza dizer agora que dous entes se amaram por se terem olhado. Todavia é assim que se ama, e unicamente assim. O resto nada mais é que o resto, e vem depois. Nada tam real como esses grandes abalos que duas almas mutuamente se imprimem permutando esta centelha.

A esta hora determinada em que o olhar de Cosetta, sem que ella o soubesse, perturbou Mario, elle nem desconfiou que por seu turno a havia perturbado com outro olhar.

Fez-lhe elle o mesmo mal e o mesmo bem.

Havia já bastante tempo que ella o via e examinava, como as moças examinam e vêem, olhando para outro lado. Mario ainda a achava feia quando já ella o havia achado bonito. Mas como o moço não lhe dava attenção, tambem ella não se importava com elle.

Todavia não podia deixar de reconhecer que tinha lindos cabellos, lindos olhos, lindos dentes, uma voz cheia de doçura quando o ouvia conversar com os seus camaradas, que andava com um certo acanhamento, na verdade, mas com uma graça particular, que por sem duvida não era estúpido, que toda a sua pessoa era nobre, meiga, simples e altiva, e que emfim parecia pobre, mas tinha um ar que attrahia.

No dia em que os seus olhares se encontraram e disseram finalmente de subito um ao outro essas primeiras cousas obscuras e ineffaveis que os olhos balbuciam, Cosetta nada comprehendeu para logo. Voltou pensativa á casa da rua do Oêste, onde João Valjean, conforme o seu costume, fôra passar seis semanas. No dia seguinte, ao erguer-se da cama, lembrou-se do moço desconhecido, por tanto tempo indifferente e frio, que parecia dar-lhe agora attenção, mas não achou que tal attenção lhe fosse de fôrma alguma agradavel. Sentia antes um tal ou qual despeito contra o bello desdenhoso. Occorreu-lhe uma velleidade de guerra. Acreditou, e por isto sentiu uma alegria toda infantil ainda, que ia emfim vingar-se.

Conscia da sua belleza, sabia, bem que de um modo indistincto, que tinha uma arma. As mulheres brincam com a sua belleza como as creanças com uma faca. Ferem-se com ella.

O leitor deve estar lembrado das hesitações de Mario, das suas palpitações, dos seus temores. Deixava-se ficar sentado no banco e não se aproximava. Isto agastava Cosetta. Um dia disse para João Valjean : « Meu pae, vamos passear um pouco daquelle lado. » Vendo que Mario não se chegava para ella, foi ella quem se chegou para elle. Em tal caso, toda a mulher se parece com Mahomet. E demais, cousa estranha, o primeiro symptoma do amor verdadeiro n'um mancebo é a timidez: n'uma moça, é a afouteza. Isto admira, e todavia nada mais simples. São os dous sexos que tendem a approximar-se e tomam as qualidades um do outro.

Naquelle dia, o olhar de Cosetta embriagou Mario, e o olhar de Mario fez Cosetta estremecer. Mario retirou-se cheio de confiança e Cosetta inquieta. Dalli em diante adoraram-se.

A primeira cousa que Cosetta sentiu foi uma tristeza confusa e profunda. Pareceu-lhe que de um dia para outro sua alma se tornara escura. Já não a reconhecia. A candidez d'alma das moças, que se compõe de frialdade e de alegria, é semelhante á neve. Ella dissolve ao amor que é seu sol.

Cosetta não sabia o que era amor. Nunca ouvira pronunciar esta palavra no sentido terrestre. Nos livros de musica profana que entravam no convento, *amour* (amor) era substituido por *tambour* (tambor), ou *pandeur* (pandeirol, soldado hungaro). Dahi enigmas em que se absorvia a imaginação das *taludas*, como: *Ah! que le tambour est agréable!* ⁽¹⁾ ou: *La pitié n'est pas un pandeur!* ⁽²⁾ Mas Cosetta, que sahira ainda muito terra, não tivera tempo para preoccupar-se com o *tambor*. Fôra-lhe pois impossivel saber que nome deveria dar ao que então sentia. Por ventura deixa alguém de estar doente por ignorar o nome da sua doença?

Amava com tanto maior paixão quanto maior era a sua ignorancia. Não sabia se isto era bom ou máu, útil ou perigoso, necessario ou mortal, eterno ou passageiro, permittido ou prohibido; amava. Muito admirada houvera ficado se alguém lhe dissesse: Você não dorme? mas isso é vedado! Não come? pois procede muito mal! Tem apertos e palpitações de coração? mais isso é cousa que ninguém deve ter! Cora e empallidece quando certo ente vestido de preto apparece na extremidade de certa alameda? mas isso é abominavel! Não teria comprehendido estas palavras, e houvera respondido: Como posso ser culpada de uma cousa independente da minha vontade, e que nem mesmo sei o que é?

Succedeu que o amor que se apresentou fosse justamente o que melhor convinha ao estado de sua alma. Era uma especie de adoração em distancia, uma contemplação muda, a deificação de um desconhecido. Era a apparição da adolescencia á adolescencia, o sonho das

(1) Ah! como é agradável o tambor!

(2) A compaixão não é um pandeirol!

noites transmudado em romance e conservando-se sonho, o fantasma almejado finalmente realizado e encarnado, mas não tendo ainda nome, nem culpa, nem mancha, nem exigencia, nem defeito; em uma palavra, o amante afastado e permanecendo no ideal, uma chimera que tinha uma forma. Qualquer encontro mais palpavel e mais proximo houvera nesta primeira época assustado Cosetta, ainda semi-immersa no espesso nevoeiro do claustro. Tinha todos os temores das creanças e das religiosas, misturados. O espirito do convento de que se havia penetrado durante cinco annos evaporava-se ainda lentamente de toda a sua pessoa e fazia tremer tudo em torno della. Nesta situação, o que lhe convinha não era um amante, não era mesmo um namorado, era uma visão. Pôz-se a adorar Mario como uma cousa encantadora, luminosa e impossivel.

Como a extrema ingenuidade toca á extrema garridice, sorria-lhe sem o menor acanhamento.

Aguardava todos os dias a hora do passeio com impaciencia, lá encontrava Mario, sentia-se indizivelmente satisfeita, e cria sinceramente exprimir todo o seu pensamento dizendo para João Valjean: —Que aprasivel jardim que é o Luxemburgo!

Mario e Cosetta envolviam-se em trevas um para o outro. Não se fallavam, não se comprimentavam, não se conheciam; viam-se; e como os astros no céu separados por milhões de leguas, viviam de olhar-se.

Era assim que Cosetta se tornava pouco a pouco uma mulher e se desenvolvia, bella e amorosa, com a consciencia da sua belleza e a ignorancia do seu amor. Faccira de mais a mais, por innocencia.

VII

CONTRA TRISTEZA, TRISTEZA E MEIA.

Todas as situações teem seus instinctos. A velha e eterna mãe natura avisava surdamente João Valjean da presença de Mario. João Valjean estremecia no mais intimo do seu pensamento. Nada via, nada sabia, e não obstante considerava com tenaz attenção as trevas em que se achava, como se sentisse de um lado o que quer que fosse que se construia, e do outro o que quer que fosse que desmoronava. Mario, tambem avisado, e, profunda lei de Deus, pela mesma mãe natura, punha todo o seu cuidado em esconder-se do *pae*. Todavia João Valjean ás vezes o observava. As maneiras de Mario já bem longe estavam de ser naturaes. Tinha prudencias equivocas e temeridades desastradas. Já não se aproximava como outr'ora; sentava-se em distancia e ficava extatico; trazia na mão um livro e fingia ler; porque semelhante fingimento? A principio vinha com a sua casaca velha, agora vinha todos os dias de casaca nova; até é bem provavel que frizasse os cabellos; tinha um estranho modo de olhar; calçava luvas; em summa, João Valjean detestava cordialmente aquelle moço.

Cosetta nada deixava adivinhar. Sem saber com certeza o que tinha, uma voz secreta lhe dizia que sentia alguma cousa e que devia occultá-la.

Havia entre o gosto de Cosetta pelos enfeites e o esmero que o desconhecido entrara de repente a mostrar no seu trajo um parallelismo importuno a João Valjean. Era um acaso talvez, sem duvida, indubitavelmente, mas um acaso ameaçador.

Nunca dizia a menor palavra a Cosetta a respeito d'aquelle desconhecido. Todavia, um dia não pôde mais conter-se, e com este vago desespero que sonda de repente a sua desdita, disse-lhe :

— Que ar pedante tem aquelle moço !

Cosetta, um anno antes, menina indifferente, houvera respondido : « Pois eu acho-o bonito. » Dez annos depois, com o amor de Mario no coração, teria dito : « Pedante e horripelmente aborrecido ! tem razão, meu pae ! » No momento da vida e do coração em que estava, limitou-se a responder com suprema calma :

— Aquelle moço !

Como se o visse então pela primeira vez.

— Estupido que sou ! pensou João Valjean. Não tinha ainda dado fé d'elle. Sou eu proprio que lh'o mostro.

O' simplicidade dos velhos ! profundesa das creanças !

Ainda por uma das leis destes verdes annos de soffrimento e de cuidados, destas vivas lutas do primeiro amor contra os primeiros obstaculos, a moça não se deixa cahir em laço nenhum, o moço cahe em todos. João Valjean começára contra Mario uma guerra surda que o joven, com o sublime desazo da sua paixão e da sua idade, não adivinhou. João Valjean armou-lhe uma infinidade de ciladas ; mudou de horas, sentou-se em outro banco ; deixou ficar o lenço, veio só ao Luxemburgo ; Mario cahiu cegamente em todas estas armadilhas, e a todos estes pontos de interrogação postos por João Valjean no seu caminho, respondeu ingenuamente — sim. — Entretanto Cosetta conservava-se no seu descuido apparente, na sua imperturbavel tranquillidade, de fórma que João Valjean chegou a esta conclusão : aquelle basbaque está apaixonado por Cosetta, mas Cosetta nem sequer sabe que elle existe.

Mas nem por isso deixava de ter no coração um estremecimento doloroso. O momento em que Cosetta de-

via começar a amar podia chegar de um instante para outro. Não é pela indiferença que tudo principia?

Uma unica vez Cosetta se descuidou e assustou-o. Levantando-se do banco para retirar-se depois de terem passado tres horas no jardim, disse :

— Pois já !

João Valjean não interrompêra os passeios ao Luxemburgo, por não querer fazer nada que parecesse singular, e principalmente para não despertar a attenção de Cosetta; mas durante essas horas tam doces para os dous namorados, ao passo que Cosetta se sorria para Mario embriagado, que não via senão esse sorriso e para quem tudo no mundo se resumia agora nesse semblante adorado, João Valjean fitava no moço olhos scintillantes e terriveis. Elle que já a final chegara a considerar-se incapaz de um sentimento malevolo, tinha instantes em que, encarando Mario, acreditava que de novo se tornava máu e feroz, e sentia reabrirem-se e revoltarem-se contra aquelle joven as antigas profundezas de sua alma, onde outr'ora acervava tanta colera. Parecia-lhe que se formavam dentro em si mesmo crateras desconhecidas. Como ! aquelle ente estava alli ! Que vinha fazer ? Vinha rondar, farejar, examinar, tentar ! Vinha dizer : então ? porque não ha de amar-me ? Vinha gyrar em torno da vida d'elle, de João Valjean ! gyrar em torno da sua felicidade para rouba-la e leva-la comsigo !

João Valjean accrescentava: Sim, é isto mesmo ! o que busca elle ? uma aventura ! o que quer ? um amorico ! Um amorico ! e eu ! Como ! pois eu havia de ter sido a principio o mais miseravel dos homens, e depois o mais desgraçado, havia de ter passado sessenta annos da vida arrastando-me de joelhos, soffrido tudo que se pode soffrer, envelhecido sem ter sido moço, vivido sem familia, sem parentes, sem amigos, sem mulher, sem filhos, deixado gottas de meu sangue em todas as pedras, em todos os espinhos, em todos os marcos, ao longo de todas as paredes, sido brando, bem que fossem duros para comigo, e bom, posto que fossem crueis, havia de ter-me tornado a despeito de tudo um homem honrado, abominado o mal que fiz e perdoado o que me fizeram, e no momento em que sou recompensado, no momento em que tudo está acabado, no momento em que chego ao fim, no momento em que tenho o que quero, con-

tente, satisfeito por tê-lo pago, por tê-lo ganhado, tudo isto me fugirá, tudo isto se desvanecerá, e perderei Cosetta, e perderei a minha vida, a minha alegria, a minha alma, porque aprouve a um toleirão vir arruar ao Luxemburgo!

Então enchiam-se-lhe os olhos de lugubre e extraordinario fulgor. Já não era um homem que olha para outro homem; não era um inimigo olhando para o seu inimigo. Era um cão de fila a olhar para um ladrão.

O leitor já sabe o que se seguiu. Mario continuou a ser insensato. Um dia acompanhou Cosetta até a rua do Oeste. Depois interrogou o porteiro. O porteiro não foi mais discreto, e disse a João Valjean: « Senhor, quem será um moço curioso que aqui veio perguntar por vm. ? » No dia seguinte João Valjean fitou em Mario esse olhar que o moço finalmente notou. Dahi a oito dias João Valjean mudara-se. Juro que não tornaria a pôr os pés nem no Luxemburgo, nem na rua do Oeste. Voltou para a rua Plumet.

Cosetta não se queixou, nada disse, não fez perguntas, não buscou saber nenhum porque; já estava no periodo em que as moças dissimulam para que se lhes não penetrem os segredos. João Valjean nenhuma experiencia tinha destas misérias, as unicas que são agradaveis, as unicas que elle não conhecia, tal o motivo porque não comprehendeu a grave significação do silencio de Cosetta. Notou, porem, que ella se tornara triste, e por seu turno tornou-se sombrio. Eram de uma e de outra parte inexperiencias em lucta.

Uma vez fez uma tentativa. Perguntou a Cosetta:

— Queres vir comigo ao Luxemburgo?

O pallido semblante da moça illuminou-se.

— Vamos, respondeu ella.

Foram ao jardim. Tinham-se passado tres mezes. Mario lá não estava. Mario já não ia ao Luxemburgo.

No dia seguinte João Valjean tornou a perguntar a Cosetta:

— Queres vir comigo ao Luxemburgo?

Ella respondeu triste e brandamente:

— Não.

João Valjean sentiu-se incommodado com esta tristeza e afflicto com esta brandura.

O que se passaria naquelle espirito tam novel e já

eram impenetravel? o que estaria para consumir-se? o que teria acontecido á alma de Cosetta? Ás vezes, em lugar de deitar-se, João Valjean ficava sentado junto da sua barra com a cabeça encostada ás mãos, e passava noites inteiras a perguntar a si mesmo: O que haverá no pensamento de Cosetta? e a esquadriñar as cousas em que ella poderia pensar.

Oh! nesses momentos, que olhares dolorosos não volvia elle para o claustro, esse alcantil casto, recesso dos anjos, inaccessible neveira da virtude! Como contemplava com doloroso arroubo o jardim do convento, cheio de flôres ignoradas e de virgens reclusas, onde todos os perfumes e todas as almas subiam direito ao céu! Como adorava esse Eden fechado para sempre, donde sahira por sua vontade e loucamente descêra! Como se arrependia da sua abnegação e da sua demencia, trazendo de novo Cosetta para o mundo, elle, pobre heróe do sacrificio vencido e prostrado pelo seu proprio sacrificio! como dizia comsigo mesmo:—O que fiz eu?!

Cosetta, porém, nenhuma alteração lhe notava nas maneiras. Nem amuo, nem severidade. Sempre o mesmo semblante sereno e affavel. Os cuidados que João Valjean lhe prodigalisava eram mais ternos e paternaes que nunca. Se por alguma cousa se pudesse adivinhar a sua tristeza, seria, pelo augmento de mansuetude.

Cosetta, por seu lado, consumia-se. Soffria com a ausencia de Mario como folgára com a sua presença, singularmente, sem saber ao certo porque. Quando João Valjean cession da leval-a ao passeio, um instincto de mulher lhe havia confusamente murmurado no fundo do coração que não devia mostrar empenho em ir ao Luxemburgo, e que mostrando indifferença, seu pae alli a levaria outra vez. Mas passaram-se dias, semanas e mezes. João Valjean aceitára tacitamente o tacito consentimento de Cosetta. Ella o sentiu. Era muito tarde. No dia em que voltou ao Luxemburgo já não encontrou Mario. Mario havia pois desaparecido; estava acabado; o que faria? tornaria a encontra-lo? Sentiu um aperto de coração que nada dilatava e que augmentava de dia em dia; já não sabia se era inverno ou estio, se fazia sol ou se chovia, se os passaros cantavam, se era o tempo das dhalias ou das boninas, se o Luxem-

burgo era mais bonito que as Tulherias, se a roupa que a lavadeira trazia estava ou não bem engommada, se Toussaint fizera bem ou mal as *compras*; e ficou abatida, absorta, embebida n'um unico pensamento, com os olhos vagos e fixos, como quem fita de noite o lugar escuro e profundo onde se esvaeceu uma apparição.

Tambem por seu turno a unica cousa que mostrou a João Valjean foi a sua pallidez. Continuou a apresentar o mesmo meigo semblante.

Esta pallidez era de sobra para preoccupar João Valjean. A's vezes perguntava-lhe :

—O que tens ?

Ella respondia :

—Nada.

E após breve silencio, como tambem lhe adivinhava a tristeza, acrescentava :

—E vm. meu pae, tem alguma cousa ?

—Eu ? nada, dizia elle.

Estes dous entes que se tinham tam exclusivamente amado, e com um amor tam mavioso, e que haviam vivido tanto tempo um para o outro, soffriam agora ao lado um do outro, por causa um do outro, sem o dizerem, sem se quererem mal por isto, e sorrindo-se.

VIII

A CORRENTE.

Dos dous, o mais infeliz era João Valjean. A mocidade, ainda mesmo nas suas aflicções, tem sempre um brilho que lhe é peculiar.

Havia momentos em que João Valjean soffria tanto que se tornava pueril. E' proprio da dôr fazer reapparecer o lado infantil do homem. Sentia elle invencivelmente que Cosetta lhe escapava. Bem desejára lutar, retê-la, enthusiasma-la com alguma cousa exterior e pomposa. Estas idéas, pueris, como acabamos de dizer, e ao mesmo tempo senis, deram-lhe por sua propria puericia, uma noção sobre modo justa da influencia dos ouropeis sobre a imaginação das moças. Aconteceu-lhe uma vez ver passar pela rua um general a cavallo de grande uniforme, o conde Coutard, commandante das armas de Pariz. Teve inveja daquelle homem todo coberto de aureos bordados; disse consigo mesmo que seria uma felicidade se pudesse vestir uma farda tam esplendida, que se Cosetta o visse assim vestido ficaria deslumbrada, que quando lhe dêsse o braço e com ella passasse pela frente das Tulherias a guarda lhe

apresentaria as armas, e que isto bastaria a Cosetta e lhe tiraria a vontade de olhar para os moços.

Um abalo inesperado veio ajuntar-se a estes tristes pensamentos.

Na vida isolada que ambos passavam, e depois que moravam na rua Plumet, tinham contrahido um habito. Iam ás vezes de passeio ver nascer o sol, genero de suave prazer que convem aos que entram na vida e aos que della sahem.

Passear de madrugada, para quem ama a solidão, equivale a passear de noite, desfructando ao mesmo tempo a alegria da natureza. As ruas estão desertas, e os passarinhos cantam. Cosetta, que tambem era um passarinho, gostava de acordar cedo. Estes passeios matutinos preparavam-se de vespera. Elle propunha, ella aceitava. Ajustavam isto como uma conspiração, sahiam antes de amanhecer, e eram outros tantos prazereszinhos para Cosetta. Estas excentricidades innocentes aprazem á mocidade.

O sestro de João Valjean, já se sabe, era o de buscar lugares pouco frequentados, recantos solitarios, esconderijos ermos. Havia então nos arredores das barreiras de Pariz especies de campos pobres, quasi encravados na cidade, onde crescia, no verão, algum trigo enfesado, e que no outomno, depois da colheita, antes pareciam pellados do que ceifados. João Valjean frequentava-os de preferencia. Cosetta alli não se aborrecia. Era a solidão para elle, para ella era a liberdade. Alli tornava-se menina, podia correr e quasi brincar, tirava o chapéu, dava-o a João Valjean para guarda-lo, e punha-se a fazer ramalhetes. Via as borboletas pousar nas flôres, mas não as apanhava; a mansuetude e a piedade nascem com o amor, e a moça que tem dentro em si mesma um ideal tremulo e fragil, tem dó da aza da borboleta. Fazia grinaldas de papoulas que punha na cabeça, e que, atravessadas e penetradas de sol, enrubecidas a ponto de emitarem chammass, pareciam cingir-lhe o fresco e roseo semblante com uma corôa de brazas.

Mesmo depois de se lhes ter entristicido a vida, haviam conservado o habito destes passeios matutinos.

Ora, em uma madrugada do mez de outubro, tentados pela perfeita serenidade do outomno de 1831, havi-

am sahido, e achavam-se ao romper do dia perto da barreira do Maine. Não era ainda a aurora, era a alva; momento enlevador e fantastico. Algumas constellações alli e acolá nas ceruleas profundezas do espaço, a terra toda escura, o céu todo branco, as hervinhas a estremecerem, por toda a parte a mysteriosa inquietação do crepusculo. Uma calhandra, que parecia confundida com as estrellas, cantava n'uma altura prodigiosa, e disse-reis que aquelle hymno da pequenhez ao infinito acalmava a immensidade. No oriente, sobre um fundo claro como o aço polido, campeava ao longe, no horisonte, a mole escura do Val-de-Graça; Venus rutilando surgia detrás daquelle zimborio e semelhava uma dama que foge de um edificio tenebroso.

Tudo era paz e silencio; ninguem na calçada; apenas nas veredas lateraes alguns raros obreiros, mal divisados, que se dirigiam para o trabalho.

João Valjean sentára-se em umas taboas que estavam á porta de uma estancia. Tinha o rosto voltado para a estrada e dava as costas ao sol nascente; esquecia o astro prestes a apparecer; cahira em uma dessas absorpções profundas em que se concentra todo o espirito, que prendem até mesmo o olhar e que equivalem a quatro paredes. Ha meditações que poderiam chamar-se verticaes; quando estamos no fundo, levamos tempo a voltar á superficie da terra. João Valjean descêra ao fundo de uma destas cogitações. Pensava em Cosetta, na felicidade possivel se nada se interpozesse entre ambos, na luz de que ella lhe enchia a vida, luz que era a respiração de sua alma. Enlevava-se quasi com delicias neste scismar. Cosetta, em pé junto d'elle, olhava para o céu, onde as nuvens se matizavam de purpura.

De repente exclamou:

—Meu pae, parece que vem alguém daquelle lado.

João Valjean levantou os olhos.

Cosetta tinha razão.

A calçada que vae ter á barreira do Maine prolonga, como se sabe, a rua de Sévres, e é cortada em angulo recto pelo *boulevard* interior. Na esquina da calçada e do *boulevard*, no ponto em que se dá o entroncamento, ouvia-se uma bulha difficil de explicar a semelhante hora, e uma especie de atravancamento confuso apparecia. O que quer que fosse informe que vinha do *boulevard* desembocava na calçada.

Avultava, parecia mover-se com ordem, bem que erigido e estremecendo; semelhava uma carroça, mas não se podia distinguir a carga. Ouvia-se a bulha das rodas, das ferraduras dos cavallos, gritos; estalavam chicotes. Pouco a pouco distinguiram-se os contornos posto que ainda sepultados na escuridão. Era uma carroça comeffeito, que acabava de entrar na estrada dobrando o *boulevard*, e dirigindo-se para a barreira perto da qual se achava João Valjean; outra carroça do mesmo aspecto seguia-o, depois terceira, quarta; sete carroças desembocaram successivamente, tocando as cabeças dos cavallos, das que vinham atraz, na trazeira das que iam adeante. Dentro destas carroças divisavam-se vultos, scintilava á luz do crepusculo o que quer que fosse como se alli houvesse espadas desembainhadas, ouvia-se um tenido semelhante ao de correntes remexidas, tudo isto approximava-se, as vozes tornavam-se mais e mais distinctas. e era uma cousa formidavel como as que sohem sahir da caverna dos sonhos. Approximando-se, tomou forma, e assomou detrás das arvores com a lividez de uma apparição; a massa alvejou, o dia que surgia lentamente lançava uma luz baça sobre este todo inquieto, a um tempo sepulcral e viva, as cabeças dos vultos tornaram-se caras de cadaveres, e eis aqui o que era:

Sete carroças rodavam em fila pela estrada. As seis primeiras tinham uma estrutura singular. Pareciam carros de tanoeiro; eram especies de compridas escadas sobre duas rodas e formando lança na extremidade anterior. Cada carro, ou para melhor dizer, cada escada era tirada por quatro cavallos enfileirados. Nestas escadas eram conduzidas estranhas enfiadas de homens. Com a pouca claridade que havia, não era possível vê-los, apenas se podia lobriga-los. Vinte e quatro em cada carroça, doze de cada lado, encostados uns aos outros, com os rostos voltados para fóra, as pernas penduradas no ar, estes homens eram assim transportados; e tinham ao longo das costas o que quer que fosse que tinha e que era uma corrente, e ao peçoço o que quer que fosse que brilhava, e que era uma golilha. Cada um tinha a sua golilha, mas a corrente era para todos; de modo que estes vinte e quatro homens, quando desciam do carro e caminhavam, eram empuxados por uma especie de unidade inexoravel e deviam serpear pelo chão com a corrente por ver-

tebra, pouco mais ou menos como o mille-pedes. Na frente e no fundo de cada carro, dous homens armados de espingardas estavam de pé tendo cada um debaixo dos pés uma das pontas da corrente. As golilhas eram quadradas. O setimo vehiculo, enorme carroção com xalmas, mas sem cobertura, tinha quatro rodas e seis cavallos, e levava um sonoro montão de caldeirões de ferro, de marmitas, de fogareiros e correntes, sobre o qual jaziam amarrados alguns homens que pareciam doentes. Este carroção, assim descoberto, era guarnecido de grades de vime que pareciam ter servido nos antigos supplicios.

Estes carros seguiam pelo meio da calçada. De ambos os lados marchavam em dupla fila guardas de aspecto infame, tendo na cabeça chapéus de tres pancadas a moda do tempo do directorio, cobertos de manchas, rotos, sordidos, trajando fardas de invalidos e calças de gatos pingados, metade azul, metade côr de cinza, quasi andrajosos, com dragonas encarnadas, correames amarellos, terçados, espingardas e bastões; especies de soldados serventes. Estes esbirros pareciam compostos da abjecção do mendigo e da autoridade do algoz. O que mostrava ser o seu chefe empunhava um chicote de postilhão. Todos estes pormenores, esfumados pelo crepusculo, desenhavam-se cada vez mais ao passo que o dia hia crescendo. Na frente e no couce do prestito marchavam soldados de policia a cavallo, graves, de espada em punho.

Tam comprido era este cortejo que quando a primeira carroça já havia chegado á barreira, a ultima mal acabava de desembocar do *boulevard*.

Uma multidão que apparecêra e formara-se como por encanto, o que é tam frequente em Pariz, apinhava-se em ambos os lados da calçada, e olhava. Ouvia-se nas travessas vizinhas gritos de pessoas que se chamavam, e a bulha dos tamancos dos hortelões que acudiam para ver.

Os homens amontoados nas carroças soffriam-lhes os solavancos em silencio. Estavam lividos com o ar frio da madrugada. Tinham todos calças de brim e tamancos sem meias. O resto do trajo era a capricho da miseria. Notava-se em todos uma hedionda disparidade; nada é tam funebre como o arlequin de andrajos. Chapéus sem fundo, bonés alcatreados, horriveis carapuças

de lan, e, junto do jaquetão, a casaca preta rota nos cotovellos; muitos traziam chapéus de mulher; outros cobriam a cabeça com cabazes; viam-se peitos cabelludos, e pelas aberturas da roupa rasgada distinguiam-se pinturas estranhas,—templos do Amor, corações inflamados, Cupidos. Divisavam-se também impingens e manchas morbidas. Dous ou tres tinham amarrado uma corda de palha nas grades da carroça, a qual pendia do lado de fóra como um estribo, em que firmavam os pés. Um delles levava á boca o que quer que fosse que semelhava uma pedra, parecendo mordê-la com esforço; era um pão que elle comia. Havia alli olhos enxutos, empanados, ou scintillando com sinistro fulgor. Os soldados da escolta resmungavam, os presos não diziam palavra; de espaço a espaço ouvia-se a bulha de um bastão batendo nas espaduas ou nas cabeças; alguns destes homens bocejavam; os andrajos eram terriveis; os pés iam pendurados, os hombros oscilavam, as cabeças batiam umas nas outras, os grilhões tiniam, os olhos chammejavam ferozmente, os punhos fechavam-se com convulsivo tremor ou abriam-se inertes como mãos de defuntos; atrás da-caravana uma chusma de rapazes soltava gargalhadas.

Esta fila de carroças, fosse ella o que fosse, era lugubre. Evidentemente, de um momento para outro, poderia cahir uma pancada d'agua, e depois outra, e ainda outra, e a roupa dos desgraçados ficaria ensopada; uma vez molhados, não lhes seria dado enxugarem-se; uma vez gelados, não poderiam aquecer-se; as calças de brim, molhadas pela chuva, se lhes agarrariam aos ossos, os tamancos ficariam alagados, por mais crebras que fossem as chicotadas os miseros não deixariam de bater o queixo, a corrente continuaria a prendê-los pelo pescoço, continuariam a viajar com os pés pendurados; e era impossivel ver sem estremecer estas creaturas humanas ligadas assim e passivas debaixo das frias nuvens do outomno, e entregues á chuva, ao vento, á todas as intemperies do ar, como troncos ou pedras.

Ás bordoadas nem sequer escapavam os doentes que jaziam arrochados e sem movimento dentro da setima carroça e que pareciam ter sido atirados para alli como saccos cheios de miseria.

De subito appareceu o sol; o immenso raio do oriente estendeu-se pelo espaço, como que abraçando to-

das estas cabeças horrendas. Soltaram-se as linguas; rebentou um incendio de chufas, de pragas, de cantigas. A larga luz horizontal partiu ao meio toda a fila, illuminando as cabeças e os bustos, deixando os pés e as rodas no escuro. Os pensamentos appareceram nos semelhantes; este momento foi pavoroso; demonios visiveis a rosto descoberto, almas ferozes de todo nuas. Allumiada, toda a cafila ficou tenebrosa. Alguns dos mais divertidos tinham na boca canudos de pennas por onde, soprando, lançavam piolhos para cima da multidão, escolhendo principalmente as mulheres; a aurora avivava com a escuridão das sombras estes perfis lastimosos; não havia um só destes entes que não fosse disforme á força de miseria; e tudo isto era tam monstruoso que dissereis que mudava a luz do sol em clarão de relampago. Os da carroça que ia na frente haviam entoado e psalmodiavam descompassadamente com uma jovialidade sombria uma canção de Désaugiers, então famosa, a *Vestal*; as arvores estremeciam lugubrememente; á beira da estrada viam-se nédios rostos de burguezes escutando com estúpida beatitude estas indecencias cantadas por spectros.

Todas as miserias estavam neste prestito como um cahos; havia alli o angulo facial de todos os animaes, velhos, adolescentes, cabeças calvas, barbas grisalhas, monstruosidades cynicas, resignações impacientes, *riclus* selvaticos, attitudes insensatas, focinhos de porco com bonés, especies de cabeças de moças com caixos enroscados nas fontes, rostos juvenis e por isso mesmo horriveis, magros rostos de esqueletos aos quaes só faltava a morte. Na primeira carroça via-se um negro, que, talvez, houvesse sido escravo e que podia comparar os grilhões. O temeroso nivel das regiões inferiores, a vergonha, havia passado por sobre estas fronte; neste gráu de humilhação, as ultimas transformações eram soffridas por todos nas ultimas profundezas, e a ignorancia, mudada em idiotismo, igualava a intelligencia mudada em desespero. Não havia escolha possivel entre estes homens, que pareciam formados do que ha mais infecto na lama. Era manifesto que quem quer que fosse que compuzera esta procissão immunda os não classificára. Estes entes tinham sido presos a uma mesma cadêa, na confusão alphabetica provavelmente, e embarcados ao acaso naquellas carroças. Entretanto hor-

rores assim grupados acabam sempre por dar um resultado; toda a addição de desgraçados apresenta um total; sabia de cada corrente uma alma commum, e cada carroça tinha a sua physionomia. Perto da que cantava, estava a que rugia; a terceira mendigava; em outra havia rangido de dentes; outra ameaçava os viandantes; outra blasphemava de Deus; a última calava-se como o tumulo. Dante houvera julgado ver os sete circulos do inferno.

Marcha das condemnações para os supplicios, feita sinistramente, não no formidavel carro fulgurante do Apocalypso, mas, cousa ainda mais sombria, na carroça das gemonias.

Um dos guardas, que tinha um gancho na ponta do bastão, fazia de espaço a espaço gesto de remexer este montão de lixo humano. Uma velha no meio da multidão mostrava-os com o dedo a um menino de 5 annos, e dizia-lhe: *Olha bem para este exemplo, maroto!*

Tornando-se insupportaveis os cantos e as blasphemias, o que parecia commandar a escolta deu um estalo com o chicote, e, a este signal, horrorosa carga de pancadas surdas e cegas que faziam uma bulha semelhante à da saraiva, cahiu sobre as sete carroças; muitos rugiram e escumaram; o que redobrou a alegria dos garotos que haviam acudido, nuvem de moscas em cima destas chagas.

O olhar de João Valjean tornara-se terrivel. Tinha essa fixidez que se nota nos olhos de certos desgraçados, que parece inconsciente da realidade, e na qual chameja a reverberação dos assombros e das catastrophes. Não via um espectáculo; era presa de uma visão. Quiz levantar-se, afastar-se, fugir; e não pôde mexer um pé. Às vezes as cousas que vemos nos reteem e nos prendem. Ficou pregado, petrificado, attonito, perguntando a si mesmo, no meio de uma profunda angustia inexprimivel, o que significava aquella perseguição sepulcral, e de onde sabia aquelle pandemonio que o perseguia. De repente levou a mão à testa, gesto habitual daquelles a quem volta a memoria de subito; recordou-se que aquelle era comeffeito o itinerario, que se costumava dar aquella volta para evitar encontros com a comitiva regia, encontros sempre possiveis na estrada de Fontainebleau, e que havia trinta e cinco annos tambem elle passara por aquella barreira.

Cosetta não estava menos espavorida, bem que fosse de outro genero o seu pavor. Ignorava o que era aquillo; faltava-lhe a respiração; o que via não lhe parecia possível; por fim exclamou:

—Meu pae, o que é que vae dentro destas carroças?

João Valjean responden:

—Forçados.

—Para onde vão?

—Para as galés.

Neste momento as bordoadas, multiplicadas por cem mãos, cahiram sobre os miseros; as pranchadas de espadas vieram auxilia-las; foi como uma tempestade de chicotes e cacetes; os galés curvaram-se, uma obediencia hedionda seguiu-se ao supplicio e todos se calaram com olhares de encorrentados. Cosetta tremia como varas verdes; tornou a perguntar:

—Meu pae, estes desgraçados ainda são homens?

—A's vezes, respondeu o mizero.

Era comeffeito a turma que, tendo partido de Bicêtre antes de amanhecer, tomava a estrada do Mans para evitar Fontainebleau, onde se achava então o rei. Esta volta fazia durar a horrivel viagem tres ou quatro dias mais; mas, para que a pessoa real não se desgoste com a vista de um supplicio, é licito prolonga-lo.

João Valjean voltou para casa abatido. Taes encontros são choques, e a lembrança que deixam assemelha-se a um abalo.

Todavia, voltando com Cosetta para a rua de Babylonia, não notou se ella lhe fez novas perguntas a respeito do que acabavam de ver; talvez, absorvido como se achava no seu abatimento, não lhe ouvisse as palavras para poder responder-lhe. De noite, porem, quando Cosetta delle se despedia para ir deitar-se, ouviu-a dizer em voz baixa e como se fallasse consigo mesmo.

—Ó meu Deus! se eu visse um daquelles homens no meu caminho, creio que morreria só de vê-lo de perto!

Felizmente quiz o acaso que no dia seguinte ao em que tivera lugar aquelle tragico encontro houvesse, não sabemos já por motivo de que solemnidade official, festas em Pariz, parada no Campo de Marte, regatas no Sena, espectaculos nos Campos-Elyseos, fogo de artificio na Estrella, illuminações por toda a parte. João Valjean, infringindo os seus habitos, levou Cosetta a

estes divertimentos, afim de distrahi-la da lembrança da vespera, e fazer desvanecer-se sob o alegre tumulto de Pariz em peso, a cousa abominavel qué ella tinha visto. A parada, que dava mór realce á festa, tornava natural a circulação de individuos fardados; João Valjean vestiu a sua farda de guarda nacional com o vago sentimento interior de um homem que se refugia. Demais, o fim deste passeio suppôz elle tê-lo conseguido. Cosetta, que buscava sempre comprazer com o pae, e para quem, por outro lado, todo e qualquer espectáculo era novo, aceitou a distracção com a boa vontade facil e lepida da adolescencia, e não se mostrou lá muito desdenhosa deante dessa maquia de prazer a que chamam uma festa publica; de modo que João Valjean chegou a acreditar que fôra bem succedido e que não restava o menor vestigio da hedionda visão.

Alguns dias depois, uma manhan em que fazia um bello sol e ambos se achavam no poial do jardim,—outra infracção ás regras que João Valjean parecia ter-se imposto, e ao habito de ficar no seu quarto que Cosetta adquirira depois que andava triste,—a moça, de penteador, estava de pé nesse desalinho da manhan que envolve adoravelmente as virgens, e que semelha uma nuvem sobre um astro; e, com a fronte inundada de luz, rosada por ter dormido bem, contemplada ternamente pelo velho enlevado, desfolhava uma margarida. Cosetta ignorava a famosa lenda—*amo-te um pouco, apaixonadamente, etc.*—: quem lh'a bavia de ensinar? Desfolhava aquella flôr por instincto, innocentemente, sem desconfiar que desfolhar uma margarida é esquadrinhar um coração. Se houvesse uma quarta Graça chamada Melancolia, e risonha, o sen ar seria o desta Graça. João Valjean estava fascinado pela contemplação daquelles dedinhos naquella flôr, esquecendo tudo ante o esplendor que cingia a moça. Um passarinho pipitava nos arbustos perto delles. Nuvenszinhas brancas atravessavam o céu tam ledamente como se acabassem de ser postas em liberdade. Cosetta continuava a desfolhar attentamente a sua flôr; parecia pensar em alguma cousa, mas de certo agradável; de repente voltou a cabeça com a delicada lentidão do cysne, e disse para João Valjean:

—Meu pae, o que vem a ser as galês?

LIVRO QUARTO.

SOCORRO DA TERRA PARA OS
SOCORRO DO CÉU.

I.

FERIDA POR FÓRA, CURA POR DENTRO.

Assim se ennuviava gradualmente a vida de ambos. Já não lhes restava senão uma distracção que outr'ora fôra uma ventura—levar pão aos que tinham fome e roupa aos que tinham frio. Nestas vizitas aos pobres Cosetta acompanhava de ordinario João Valjean, e ambos reasumiam então de alguma sorte a sua antiga expansão; e, as vezes, quando o dia havia sido bom, quando tinham soccorrido muitos desgraçados e reanimado e vestido muitas creanças, Cosetta, de noite, mostrava-se um tanto alegre. Foi nesta época que elles visitaram os Jondrettes na sua possilga.

Exactamente no dia que se seguiu a esta vizita João Valjean appareceu de manhan no torreão, calmo como de costume, mas com uma grande ferida no braço esquerdo, muito inflammada, muito feia, que parecia uma queimadura, e que elle explicou como pôde. Esta ferida fê-lo estar mais de um mez com febre sem sahir. Não quiz que se chamasse medico. Quando Cosetta insistava: « Manda chamar o medico dos cães, » dizia elle.

Cosetta pençava-o de manhan e à noite com um ar tam divino e com tam angelica satisfação de ser-lhe util

que João Valjean sentia voltar a sua antiga alegria, dissiparem-se-lhe os temores e as ansiedades, e contemplava Cosetta, dizendo: « Oh! que boa ferida! Oh! que boa doença! »

Cosetta, vendo seu pae doente, deixára o torreão e tornára a afeiçoar-se á casinha e ao pateo dos fundos. Passava quasi dias inteiros ao lado de João Valjean, e lia-lhe os livros que elle queria. Em geral, livros de viagens. João Valjean renascia; revivia-lhe a felicidade com esplendor ineffável: o Luxemburgo, o joven passeador desconhecido, a frieza de Cosetta, todas estas nuvens de sua alma se dissipavam. Chegava a dizer consigo mesmo: « Eu imaginei tudo isto. Sou um velho tonto. »

Tamanha era a sua satisfação que a horrivel descoberta dos Thénardiens, feita na possilga de Jondrette, e tam inesperada, se lhe apagára de alguma sorte da lembrança. Consequira escapar-se; os vestigios d'elle, João Valjean, haviam desaparecido; que lhe importava o mais? Não pensava nisto senão para lastimar aquelles desgraçados. Estavam presos, e por conseguinte impossibilitados de fazer mal, pensava elle; mas que lamentavel miseria que era a daquella familia!

Quanto a hedionda visão da barreira do Maine, Cosetta não tornára a fallar nella.

No convento, soror Santa Mahtilde havia ensinado a musica a Cosetta. Tinha esta a voz de uma tutinegra que fosse dotada de alma, e as vezes de noite, na humilde casinha do doente, cantava canções tristes que o enchiam de satisfação.

Chegava a primavera; o jardim era tam admiravel nesta estação do anno, que João Valjean disse a Cosetta:

—Já não vaes ao jardim; eu quero que passeies nelle.

—Pois bem, meu pae, passearei, respondeu Cosetta.

E, para obedecer ao pae, recomeçou a passeiar no jardim, o mais das vezes sosinha, porque, como já dissemos, João Valjean, que provavelmente receiava ser visto através da grade, quasi nunca alli ia.

A ferida de João Valjean fôra uma distracção.

Quando Cosetta viu que o pae soffria menos, e que já ia melhorando, e parecia contente, sentiu uma satisfação que nem ella mesma notou, tam branda e natural-

mente lhe viera. Demais, era no mez de março, os dias cresciam, findava o inverno; o inverno leva sempre consigo alguma cousa das nossas tristezas; depois chegou o mez de abril, a madrugada do estio, fresca como todas as madrugadas, alegre como todas as infancias; um tanto chorão como um recém-nascido que elle é. A natureza neste mez tem esplendores deliciosos, que passam do céu, das nuvens, das arvores, dos prados e das flôres, para o coração do homem.

Cosetta era ainda bem moça, e esta alegria de abril, que com ella se parecia, não podia deixar de penetra-la. Insensivelmente, e sem que desconfiasse disso, dissipou-se-lhe o negrume do espirito. Na primavera ha claridade nas almas tristes como ao meio-dia em uma adega. Cosetta já nem mesmo andava triste. Todavia, não tinha consciencia desta mudança. De manhã, pelas dez horas, depois do almoço, quando conseguia deter seu pae por um quarto de hora no jardim, e passeiava com elle ao sol deante do poial, segurando-lhe o braço doente: não reparava que se ria a cada instante e que se mostrava contente.

João Valjean, enebriado, vi-a tornar-se de novo rosada e fresca.

—Oh! que boa ferida! repetia consigo mesmo.

E agradecia aos Thénardiens.

Assim que a ferida sarou recommçou os seus passeios solitarios e crepusculares.

Fôra um engano suppor que alguém possa passeiar assim sozinho, nas regiões deshabitadas de Pariz, sem se expor a alguma aventura.

II

A MÃE PLUTARCHO NÃO SENTE ACANHAMENTO EM EXPLICAR UM PHENOMENO.

Uma tarde em que Gavrochinho ainda estava sem comer, lembrou-se que na vespera tambem passara sem jantar; isto tornava-se incommodo. Tomou a resolução de descobrir um meio de cêar. Foi rondar nos sitios desertos que demoram alem da Salpêtrière; é alli que se fazem bons achados; onde não ha ninguem encontra-se alguma cousa. Chegou até um lugarejo que lhe pareceu ser a aldêa de Austerlitz.

Em um dos seus precedentes passeios notara alli um antigo jardim, frequentado por um velho e uma velha, e nesse jardim uma macieira soffrivel. Ao lado da macieira havia uma especie de fructeiro mal fechado, onde se podia conquistar uma maçan. Uma maçan é uma ceia; uma maçan é a vida. Se por um pomo perdeu-se Adão, com um pômo podia salvar-se Gavroche. Ao lado do jardim havia uma travessa solitaria, que não era calçada, e estava orlada de arbustos enquanto não surgiam as casas; uma cerca o separava da travessa.

Gavroche encaminhou-se para o jardim; entrou na travessa, avistou a macieira, certificou-se do lugar do fructeiro, examinou a cerca; uma cerca n'um instante se

salta. Declinava o dia, nem um gato na travessa, a hora era boa. Gavroche tentou a escalada, mas deteve-se de repente. Fallava-se no jardim. Gavroche espiou por uma das aberturas da cerca.

A dous passos delle, do lado de dentro da cerca, justamente no ponto onde houvera desembocado pondo por obra o assalto que meditava, havia uma pedra deitada, que fazia as vezes de banco, e neste banco estava sentado o velho do jardim, e a velha achava-se em pé deante delle. A velha ralhava. Gavroche, pouco discreto, poz-se á escuta.

— Senhor Mabœuf! dizia a velha.

— Mabœuf! pensou Gavroche, que nome ratão!

O velho interpellado não se mexia. A velha repetiu:

— Senhor Mabœuf!

O velho, sem levantar os olhos do chão, respondeu finalmente:

— O que temos, mãe Plutarcho?

— Mãe Plutarcho! pensou Gavroche, outro nome ratão.

A mãe Plutarcho continuou, e o velho viu-se obrigado a aceitar a conversação:

— O senhorio está zangado.

— Porque?

— Já se lhe deve tres quarteis.

— Daqui a tres mezes dever-lhe-hei quatro.

— Disse-me que o porá no olho da rua.

— Hirei.

— A mercadora de frutas quer ser paga. Já não nos dá o menor feixinho de lenha. Como ha de o senhor aquecer-se neste inverno? Se não teremos lenha!

— Teremos o sol.

— O carnicheiro já não fia, não quer mais dar carne.

— Isso vem muito a proposito. Eu digiro mal a carne. É um alimento pesado.

— Então o que jantaremos?

— Pão.

— Mas o padeiro quer alguma cousa por conta, e diz que sem dinheiro não ha pão.

— Está bem.

— O que é que o senhor ha de comer?

— Temos maçans na macieira.

— Mas, senhor, ninguém pode viver assim sem dinheiro.

—Pois eu não o tenho.

A velha retirou-se; o velho ficou só. Poz-se a scismar. Gavroche também scismava. Era quasi noite.

O primeiro resultado da meditação de Gavroche foi esconder-se na cerca, em vez de escala-la. Os ramos, na parte inferior, formavam uma especie de abobada.

—Bello! disse comsigo mesmo Gavroche, aqui temos uma alcova! E alli se embetsegou. Estava quasi encostado ao banco do pae Mabœuf. Ouvia o octogenario respirar.

Então, em vez de jantar tratou de dormir.

Somno de gato, somno de um olho só. Adormecendo, Gavroche continuava a espiar.

A brancura do ceu crepuscular aclarava a terra, e a travessa estendia uma linha livida por entre dous renques de arbustos verde-negros.

De repente a-somaram dous vultos nessa facha esbranquiçada. Um vinhaadeante, o outro atras, a alguma distancia.

—Ahi veem dous sujeitos, resmoneou Gavroche.

O primeiro vulto parecia um velho burguez, curvado e pensativo, vestido mais que simplesmente, caminhando vagarosamente por causa da idade, e espairecendo-se á luz das estrellas.

O segundo era teso, firme, delgado. Regulava os seus passos pelos do primeiro; mas na lentidão voluntaria do andar revelava destreza e agilidade. Este vulto tinha, a par do que quer que fosse feroz e inquietante, o ar do que se chamava então um *elegante*; o chapéu era de boa fôrma, a sobrecasaca preta, bem cortada, provavelmente de panno fino, e justa na cintura. A cabeça erguia-se com uma especie de graça robusta, e por baixo do chapéu entrevia-se á luz crepuscular um pallido rosto de adolescente. Tinha na boca uma rosa. Este segundo vulto era bem conhecido de Gavroche; era Montparnasse.

Quanto ao outro, não sabia quem fosse, mas parecia-lhe um bom velho.

Gavroche entrou logo em observação. Um dos dous viandantes meditava evidentemente algum ataque contra o outro. Gavroche estava bem situado para ver o que ia passar-se. A alcova servia-lhe muito a proposito de observatorio.

Montparnasse á caça, a tal hora, em tal sitio, era para temer-se. Gavroche sentia o seu coração de garoto tomar-se de compaixão pelo velho.

O que faria? intervir? uma fraqueza soccorrendo outra! Isso houvera feito rir Montparnasse. Gavroche não ignorava que para aquelle temível facinora de dezoito annos, o velho primeiro, o menino depois, eram dous bocados.

Enquanto Gavroche deliberava, deu-se o ataque, violento e hediondo. Ataque do tigre contra o onagro, ataque da aranha contra a mosca. Montparnasse, de subito, deitou fora a rosa, lançou-se sobre o velho, agarrou-o pela gola, e puxou-o com toda a força, e Gavroche a custo conteve um grito. Um momento depois, um daquelles homens estava por debaixo do outro, vencido, arquejando, debatendo-se, com um joelho de marmore em cima do peito. Mas o caso bem longe estava de ser como Gavroche acreditára. O que jazia no chão era Montparnasse; o vencedor era o velho. Tudo isto se passava a alguns passos de Gavroche.

O velho fôra atacado, mas repellira logo o ataque, e repellira-o tam terrivelmente que em um apice assaltante e assaltado haviam mudado de papel.

—Que temível desvalido! disse consigo mesmo Gavroche.

E, levado de entusiasmo, não pôde resistir ao desejo de dar palmas. Mas foi um applauso perdido. Não chegou até os dous combatentes, ensurdecidos um pelo outro e confund'ndo as suas respirações na luta em que se absorviam.

Cessou o rumor. Montparnasse já se não mexia. Gavroche disse consigo, como em aparte: « Querem ver que elle morreu? »

O velho não pronunciara palavra nem soltara um grito. Ergueu-se, e Gavroche ouviu-o dizer para Montparnasse:

—Levanta-te.

Montparnasse levantou-se, mas o velho não o largou. O salteador tinha a attitude humilhada e furiosa de um lobo que se visse abocado por um carneiro.

Gavroche olhava e escutava, aguçando bem o ouvido para perceber por este sentido o que por ventura escapasse áquell'outro. Divertia-se immensamente.

A sua conscienciosa anxiedade de espectador foi recompensada. Pôde ouvir o seguinte dialogo, a que a escuridão dava um certo tom tragico. O velho interrogava, Montparnasse respondia :

—Quantos annos tens?

—Desenove.

—És robusto e sadio. Porque não trabalhas?

—Porque o trabalho me aborrece.

—Qual é o teu officio?

—O de vadio.

—Falla seriamente. Posso fazer alguma cousa por ti?
O que queres ser?

—Ladrão.

Houve alguns momentos de silencio. O velho parecia profundamente pensativo. Estava immovel e continuava a ter Montparnasse seguro.

De espaço a espaço, o joven fascinora, robusto e agil, tinha estremecimentos de fera cahida na armadilha. Dava um puxão, tentava um cambapê, torcia desesperadamente os membros, buscava escapar-se. O velho nem mostrava dar fê disso, e agarrava-lhe nos braços com a indifferença soberana de uma força absoluta.

A meditação do velho durou algum tempo; depois, olhando fixamente para Montparnasse, levantou brandamente a voz, e dirigiu-lhe, no meio da escuridão em que se achavam, uma especie de allocução solemne, da qual Gavroche não perdeu uma unica syllaba:

—Meu filho, tu entras por preguiça na mais laboriosa das existencias. Ah! declaras-te preguiçoso! prepara-te para trabalhar. Já viste uma machina temivel a que chamam fieira? Acautela-te contra ella, pois é dissimulada e feroz; se te agarrar por alguma ponta do fato arrastar-te-ha. Essa machina é como a ociosidade. Detem-te enquanto ainda é tempo, e salva-te! Do contrario, está acabado; quando mal pensares achar-te-has no meio das rodas. Uma vez agarrado, não haverá mais esperanza para ti. Toca a trabalhar, preguiçoso! nada de descanso. A mão de ferro do trabalho agarrou-te. Não queres ganhar a vida, ter um emprego, cumprir um dever! aborrece-te fazer o que os outros fazem! Pois bem! a tua vida será qual a quizeste. O trabalho é a lei; quem o rejeita por aborrecido tê-lo-ha por supplicio. Não queres ser obreiro, serás escri-

vo. O trabalho não te larga por um lado senão para te agarrar pelo outro; não quizestes ser seu amigo, serás seu negro. Ah! rejeitaste a fadiga dos homens de bem, pois suarás o suor dos condemnados. Ao passo que os outros cantarem, tu arquejarás. Verás de longe, do fundo do teu abysmo, os outros homens a trabalhar; acreditarás que elles descansam. O lavrador, o ceifeiro, o marujo, o ferreiro, hão de apparecer-te rodeados de luz, como bemaventurados de um paraíso. Que esplendor na bigorna! Guiar o arado, enfeixar a palha, é alegria! A barca movendo-se livremente ao sopro do vento, que festa! Quanto a ti, preguiçoso, cava, arrasta, rola, caminha! Sujeita-te ao cabresto; eis-te feito besta de carga na carroça do inferno! Ah! não fazer nada era o teu fim! Pois bem! não se passará uma semana, um dia, uma hora, em que não te sintas alquebrado. O que quer que for que tiveres de fazer augmentará a tua angustia. Todos os minutos que passarem farão estalar os teus musculos. O que é penna para os outros, para ti será rochedo. As cousas mais simples tornar-se-hão difficeis. A vida te parecerá monstruosa. Andar, respirar, ser-te-hão trabalhos terriveis. O teu pulmão pesar-te-ha como se tivesse cem libras. Andar por aqui ou por alli será um problema a resolver. Quem quer sahir transpõe o limiar de sua porta e acha-se na rua. Tu, para sahir, terás de arrombar o teu muro. O que faz quem quer hir á rua? Desce a escada; tu, porém, rasgarás os teus lençóes, com os seus pedaços tecerás uma corda, depois passa-la-has pela janella, e ficarás suspenso por esse fio sobre um abysmo, eserá de noite, á chuva, á tempestade, ao furacão; e, se a corda for curta, só te restará um modo de descer, cahir. Cahir ao acaso, no baratro de uma altura qualquer, onde? No que está em baixo, sobre o incognito. Ou senão subirás pelo tubo de uma chaminé, com risco de te queimares; ou sahirás pelo cano das latrinas arriscando-te a morrer afogado. Não te fallarei dos rombos que terás de esconder, das pedras que terás de tirar e de tornar a pôr vinte vezes por dia no seu lugar, da calça que terás de esconder debaixo do colchão. Apresenta-se uma fechadura, o burguez abri-la-hia com uma cha-

ve fabricada pelo serralheiro. Tu, se quizeres abril-a, ver-te-has condemnado a fazer uma obra tam maravilhosa quam temivel; tomarás um soldo, e dividi-lo-has em duas laminas, com que instrumentos? Tu os inventarás. Isso te diz respeito. Escavarás o interior dessas duas laminas, pondo todo o cuidado em não tocar no exterior, e em roda dellas farás uma rosca de parafuzo, de modo que ambas se ajustem como um fundo a uma tampa. Assim atarrachadas as duas laminas, ninguem desconfiará de nada. Para os vigias, pois has de ser vigiado, isso será um soldo; para ti será uma caixinha. O que porás dentro dessa caixinha? Um pedacinho de aço. Uma mola de relógio, na qual terás feito dentes, e que será uma serra. Com essa serra, do tamanho de um alfinete, deverás cortar a lingueta da fechadura, o ferrolho, o cadeado, e a grade que houver na tua janella, e a corrente que tiveres na perna. Concluida esta obra prima, consumado este prodigio, executados todos estes milagres de arte, de destreza, de habilidade, de paciencia, se se descobrir que fostes tu que os realizaste, o que terás em recompensa? O calabouço. Eis o futuro. A preguiça, o prazer, que precipicios! Não fazer nada é uma lugubre resolução, ouves? Viver ocioso da substancia social! ser inutil, isto é dam-noso! Assim vae-se direito ao fundo da miseria. Aido que quer ser parasita! será verme. Ah! aborrece-te o trabalho! Ah! não tens senão um pensamento: beber bem, comer bem, dormir bem? Pois beberás agua, comerás pão negro, dormirás em cima de uma taboa com uma corrente agarrada aos teus membros, e cuja frialdade sentirás de noite sobre a carne! Quebrarás essa corrente, fugirás. Bem. Terás de andar de rastos por entre balsas e comerás hervas como os brutos das florestas. E tornarão a prender-te. E então passarás annos e annos no fundo de um calabouço, com a tua corrente soldada ao muro, procurando ás apalpadellas a bilha d'agua, roendo um pão negro como a noite e que os cães rejeitariam, comendo favas que os bichos já comêram antes de ti. Serás qual santopêa em um subterraneo. Ah! compadece-te de ti mesmo, desgraçado moço, tam novo, que não ha ainda vinte annos que mamavas, e que de

certo ainda tens mãe? En t'ó rogo, esenta-me. Queres fino panno preto, sapatos envernizados, trazer os cabellos frisados e perfumados com oleo cheiroso, agradar ás bellas, ser bonito? Pois andarás com o cabello tam rente como se fosse rapado, vestirás uma jaqueta encarnada, calçarás tamancos. Queres um anel no dedo; terás uma golilha ao pescoço. E, se olhares para alguma mulher, levarás uma bordoadada. Entrarás para esse inferno com vinte annos e sahirás aos cincoenta! Eras moço, rosado, fresco, tinhas olhos brilhantes, dentes alvos, e lindos cabellos de adolescente, sahirás alquebrado, curvado, coberto de rugas, desdentado, horrivel, com cabellos brancos! Ah! meu pobre rapaz, segues um máu caminho: a preguiça é perfida conselheira; o mais arduo dos trabalhos é o roubo. Acredita-me, não ha tarefa tam penosa como a ociosidade. Ser infame não é commodo. Mais facil é ser honrado. Vae agora, e pensa no que acabo de dizer-te. É verdade, o que querias de mim? a minha bolsa? Ei-la.

E o velho, largando Montparnasse, deu-lhe a sua bolsa, que o salteador sôpesou um momento; depois, com a mesma precaução que empregaria se a houvesse furtado, guardou-a no bolso da aba da sobrecasaca.

Dito e feito tudo isto, o velho voltou-lhe as costas e continuou tranquillamente o seu passeio.

—Patife! murmurou Montparnasse.

Quem seria aquelle homem? O leitor já o advinhou por sem duvida.

Montparnasse, estupefacto, seguiu-o com os olhos na escuridão. Esta contemplação foi-lhe fatal.

Emquanto o velho se afastava, Gavroche approximava-se

Gavroche, espiando para dentro do jardim, certificara-se de que o pae Mabœuf, sem duvida dormindo, achava-se ainda sentado no seu banco. Então o garoto sahira da monta, e avançara de gatinhas para Montparnasse, que estava immovel. Chegou assim até junto do malfetor sem ser visto nem ouvido, metteu devagarinho a mão no bolso da aba da sobrecasaca de fino panno preto, agarrou a bolsa, puxou-a com a mesma cautela, e, pondo-se outra vez a engatinhar,

sumiu-se como uma cobra na escuridão. Montpar-nasse, que nenhum motivo tinha para estar álferta e que pela primeira vez na sua vida meditava, não deu fé de nada. Gavroche, tendo chegado ao lugar onde estava Mabœuf, atirou a bolsa por cima da cêrca, e fugiu correndo a bom correr.

A bolsa cahiu em cima de um dos pés de Mabœuf. Elle despertou com a dôr. Inclinou-se, e apanhou a bolsa. Não sabendo o que fosse aquillo, abriu-a. A bolsa tinha dous compartimentos; em um havia alguma moeda miuda, no outro seis napoleões.

Mabœuf, todo admirado, foi mostrar a cousa á sua creada.

—Isto cahiu-nos do céu, disse a mãe Plutarcho,

LIVRO QUINTO.

~~EUO QUE NÃO SE PARECE COM O PRIN-~~
~~CEIRO.~~

1

A SOLIDÃO E O QUARTEL COMBINADOS.

A dôr de Cosetta, tam pungente ainda e tam viva quatro ou cinco mezes antes, entrára, sem que ella mesma o soubesse, em convalescença. A natureza, a primavera, a mocidade, o amor por seu pae, a alegria dos passarinhos e das flôres infiltravam pouco a pouco, dia por dia, gotta a gotta, nesta alma tam virgem e tam movel, o que quer que fosse que se parecia quasi com o esquecimento. Ter-se-lhe-hia extinguido a chamma? ou formar-se-hiam sómente camadas de cinza? O facto é que ella quasi que já não sentia dôr nem ardor algum.

Um dia, de repente lembrou-se de Mario:—É verdade! disse, já não penso nelle.

Nessa mesma semana viu passar por defronte do portão um lindo official de lanceiros, com cintura de vespa, farda esplendida, rosto de moça, espada debaixo do braço, bigodes retorcidos, schapska envernizado. Tinha mais cabellos louros, olhos grandes, rosto redondo e lindo, ar vaidoso e insolente; perfeito contraste de Mario. Trazia alem d'isso um charuto na

boca. Cosetta pensou que este official seria por certo do regimento aquartelado na rua de Babylonia.

No dia seguinte, viu-o passar outra vez. Notou a hora.

Dalli em deante, seria acaso? viu-o passar quasi todos os dias.

Os camaradas do official descobriram que naquelle jardim *mal cultivado*, do lado de dentro daquella feia grade rorocó, havia uma linda moça que se achava quasi sempre alli quando passava o formoso tenente, que não é desconhecido do leitor e se chamava Theodulo Guillenormand.

—Olha! diziam-lhe. Ha alli uma pequena que te deita uns olhos!... Ora, repara.

—Eu cá tenho tempo para dar attenção a todas as moças que olham para mim? respondia o lanceiro.

Era justamente no instante em que Mario descia gravemente para a agonia, e dizia: «Se ao menos pudesse tornar a vê-la antes de morrer!» Se o seu voto se tivesse realizado, se elle houvesse visto Cosetta olhando para o lanceiro, não teria podido pronunciar uma palavra, cahiria morto de dôr.

De quem seria a culpa? De ninguem.

O temperamento de Mario era desses que se entram na afflicção e nella permanecem; o de Cosetta, pelo contrario, era dos que nella se não demoram.

Demais, Cosetta atravessava esse momento perigoso, phase fatal do devaneio feminino entregue a si mesma, em que o coração de uma moça isolada se assemelha ás gavinhas da parreira que se agarram, conforme o capricho do acaso, ao capital de uma columna de marmore ou ao mourão de uma taverna. No momento rapido e decisivo, critico para toda a orphan, seja pobre ou rica, porque a riqueza não preserva da má escolha, e fazem-se más allianças mesmo nas classes mais elevadas; as verdadeiras allianças desiguaes são as das almas, e, assim como mais de um joven desconhecido, sem honra, sem nobreza, sem fortuna, é um capitel de marmore que sustenta um templo de grandes sentimentos e de grandes idéas, assim tambem tal homem que frequenta illustres companhias, satisfeito e opulento, calça bota envernizadas e tem maneiras pulidas, se lhe contemplarmos, não o exterior, mas o

interior, isto é, o que está reservado á mulher, reconheceremos que não é outra cousa mais do que uma travezinha estúpida em que pousam obscuramente as paixões violentas, immundas e avinhadas; o mourão de uma taverna.

O que havia na alma de Cosetta? Paixão acalmada ou adormecida: amor em estado de irresolução: o que quer que fosse que era limpo, brilhante, turvo a certa profundidade, sombrio mais abaixo. A imagem do bello official reflectia-se na superficie. Haveria uma lembrança no fundo? bem no fundo? Talvez. Cosetta não sabia.

Sobreveiu um incidente singular.

II

TEMORES DE COSETTA.

Na primeira quinzena de abril João Valjean fez uma viagem. Isto, o leitor já o sabe, acontecia-lhe de tempos a tempos, com mui longos intervallos. Ausentava-se um ou dous dias, quando muito. Aonde iria? ninguém o sabia, nem mesmo Cosetta. Uma unica vez por ocasião de uma destas viagens, acompanhara-o de sege até o canto de um becco em cuja esquina vira ella o seguinte letreiro.—*Becco da Planchette*. Alli apeára-se elle, e Cosetta voltára na mesma sege para a rua de Babylonia. Em geral, João Valjean fazia estas curtas viagens quando em casa havia falta de dinheiro.

João Valjean estava pois ausente. Tinha dito: «Voltarei daqui a tres dias.»

De noite Cosetta achava-se sózinha na sala. Para distrahir-se, abria o seu piano e puzera-se a cantar o côro d'Euryantho: *Caçadores perdidos nos bosques!* que é talvez o pedaço mais bello que ha em toda aquella musica. Quando acabou de cantar, ficou pensativa.

De repente pareceu-lhe que ouvia passos no jardim.

Não podia ser seu pae, que estava ausente, não podia ser Toussaint, que já se havia deitado. Eram dez horas da noite.

Ella estava perto da veneziana que se achava fechada, e applicou o ouvido á grade.

Pareceu-lhe ser o pisar de um homem que andava devagarinho.

Subiu rapidamente ao primeiro andar, entrou no seu quarto, abriu um postigozinho que havia na janella, e espreitou para o jardim. Havia plenilunio. Tudo estava claro como se fosse dia.

Não viu ninguém.

Abriu a janella. O jardim estava absolutamente silencioso, e toda a extensão da rua que se podia avistar deserta como sempre.

Cosetta suppôz que se enganára. Parecêra-lhe ter ouvido aquella bulha. Fôra uma hallucinação produzida pelo sombrio e prodigioso côro de Weber, que abre ante o espirito profundezas temerosas, que estremece ao olhar como uma floresta vertiginosa, e em que se ouve o estalido dos ramos seccos sob os pés inquietos dos caçadores lobrigados ao crepusculo.

Não pensou mais naquillo.

Demais, Cosetta era naturalmente mui pouco medrosa. Tinha nas veias sangue de cigana e de aventureira affeita a andar descalça. O leitor deve estar lembrado que ella era mais calhandra que pomba. Havia no seu character uma certa dóse de indomabilidade e de bravura.

No dia seguinte, um pouco mais cedo, ao cahir da noite, Casetta passeava no jardim. No meio dos pensamentos que a preocupavam, bem lhe parecia ouvir de instante a instante uma bulha semelhante á da vespera, como se alguém andasse no escuro debaixo das arvores não mui longe della, mas dizia comsigo que nada se parece tanto com o rumor de passos sobre a relva como o roçar de dous galhos movendo-se por si mesmos, e não dava attenção a isso. De resto nada via.

Sahiu da *balsa*; para tornar a subir o poial, tinha de atravessar um taboleiro de relva. A lua acabava de surgir atrás della; quando Cosetta sahia da espessura, a sua propria sombra se projectou sobre a relva.

A moça parou petrificada.

Ao lado da sua, via distinctamente outra sombra singularmente assustadora e terrível, uma sombra que tinha chapéu.

Era como a sombra de um homem que estivesse parado junto da balsa a alguns passos atrás de Cosetta.

Ella ficou um minuto sem poder fallar, nem gritar, nem andar, nem voltar a cabeça.

Emfim reassumia toda a sua coragem e voltou-se resolutamente.

Não viu ninguém.

Olhou para o chão. A sombra desaparecera.

Tornou a entrar na balsa, esquadrinhou afoutamente todos os cantos, foi até o portão, e nada descobriu.

Sentiu-se aterrada deveras. Seria outra hallucinação? Como? dous dias seguidos! Uma hallucinação, vá feito, mas duas! O que mais a inquietava era que a sombra não podia ser um phantasma. Os phantasmas nunca andaram de chapéu.

No dia seguinte João Valjean chegou. Cosetta contou-lhe o que suppozera ver e ouvir. Esperava ser tranquillizada e que seu pae encolheria os hombros, e diria: « És uma louquinha. »

João Valjean ficou pensativo.

— Não foi nada, disse.

Buscou um pretexto para deixa-la e foi ao jardim; Cosetta viu-o examinar attentamente a grade.

Alta noite acordou; desta vez não havia duvida, ouvia distinctamente bulha de passos bem junto do poial por baixo da sua janella. Correu ao postigo e abriu-o. Um homem estava comeffeito no jardim e empunhava um formidavel cacete. No momento em que ella ia soltar um grito, a lua alumiou o rosto do homem. Era seu pae.

Tornou a deitar-se dizendo consigo mesma:

— Como está inquieto!

João Valjean passou no jardim aquella noute e as duas seguintes. Cosetta viu-o pelo postigo da janella.

Na terceira noute (a lua minguava e começava a sahir mais tarde) seria uma hora da madrugada, quando ouviu uma grande gargalhada e a voz de seu pae que chamava:

— Cosetta!

Saltou fóra da cama, vestiu o roupão e abriu a janella.

João Valjean estava no meio do taboleiro de relva.

—Acordo-te para tranquilisar-te, disse elle, olha. Ah! está a sombra que usa de chapéu.

E mostrava-lhe uma sombra que a lua projectava sobre a relva, e que com effeito parecia-se com a de um homem que estivesse de chapéu. Era o vulto de um cano de chaminé de lata, com capitel, que se erguia acima de um telhado visinho.

Cosetta poz-se tambem a rir, todas as suas supposições lugubres se desvaneceram, e no dia seguinte, almoçando com seu pae, continuou a rir-se do sinistro jardim frequentado por phantasmas de canos de chaminé.

João Valjean ficou inteiramente tranquillo; quanto a Cosetta, não tratou de indagar se o cano da chaminé estava na direcção da sombra que ella vira ou julgára ver, e se a lua se achava no mesmo ponto do céu. Nem mesmo notou a singularidade de um cano de chaminé receiar ser apanhado em flagrante delicto e retirar-se quando lhe olhavam para a sombra, porquanto a sombra desapparecera quando Cosetta se voltára, disto estava ella bem certa. Cosetta tranquilisou-se plenamente. A demonstração pareceu-lhe completa, e que houvesse alguém que andasse de tarde ou de noite no jardim foi cousa em que não pensou mais.

Todavia, passados alguns dias, deu-se novo incidente.

III

ENRIQUECIDOS COM OS COMMENTARIOS DE TOUSSAINT.

No jardim, junto da grade e dando para a rua, havia um banco de pedra que um caramanchão escondia aos olhos dos curiosos, mas que qualquer pessoa podia tocar com a mão, enfiando o braço pela grade e por entre a folhagem do caramanchão.

Uma tarde desse mesmo mez de abril João Valjean tinha sahido; Cosetta, recolhido o sol, sentára-se naquella banco. O vento sibilava nas arvores. Cosetta seismava; uma tristeza sem objecto della se apoderava pouco a pouco, tristeza invencivel que infunde a tarde, e que provém talvez, quem sabe? do mysterio do tumulto aberto a tal hora.

Fantina achava-se quiçá naquella escuridão.

Cosetta levantou-se, deu lentamente uma volta pelo jardim, andando sobre a relva humida de orvalho, e dizendo consigo mesma, no meio da especie de somnambulismo melancolico em que estava immersa:

Realmente, a esta hora só se póde andar no jardim de tamancos. Arrisco-me a indefluxar-me.

Voltou para o banco.

Quando ia sentar-se, notou no lugar que pouco antes occupava uma pedra grande que evidentemente alli não estava no momento em que se levantára.

Cosetta olhou para a pedra perguntando a si mesma o que significava aquillo. A idéa de que aquella pedra não podia ali achar-se senão por alguém que metêra o braço pela grade occorreu-lhe para logo e encheu-a de terror. Desta vez foi um verdadeiro medo; a pedra alli estava. Não havia a menor duvida; deitou a fugir, sem toca-la, sem ousar olhar para trás, refugiou-se em casa, e fechou logo á chave e com a tranca a porta envidraçada do poial. Perguntou á Toussaint:

—Meu pae já chegou?

—Ainda não, senhora.

(Já indicámos uma vez por todas o tartamudear de Toussaint. Conceda-se-nos que não tornemos a representar-lô. Repugna-nos a notação musical de um defeito)

João Valjean, homem meditativo e passeador nocturno, o mais das vezes não se recolhia senão alta noite.

—Toussaint, continuou Cosetta, você tem o cuidado de fechar bem de noite, ao menos as janellas que dão para o jardim, pondo-lhes as trancas e correndo todos os ferrolhos?

—Oh ! esteja descansada, senhora.

Toussaint era exactissima neste ponto, e Cosetta bem o sabia, mas não pôde deixar de accrescentar:

—Este sitio é tam deserto !

—Quanto a isso, tornou Toussaint, é a pura verdade. Aqui uma pessoa seria assassinada sem ter tempo de dizer: ai Jesus ! Demais, o senhor não dorme cá em casa... Porém socegue, vm., eu tranco as janellas como se fossem fortalezas. Duas mulheres sózinhas ! é mesmo para sentir medo ! Veja vm. ! se apparecesse um bando de homens no quarto da gente e dissesse: «Calem-se !» e se puzesse a cortar o pescoço de uma pobre creatura ? !... Não é tanto por medo da morte, todos morrem, bem o sei, todos temos de morrer, mas é o horror de sentir a gente no seu corpo as mãos de semelhantes malvados. E depois as suas facas hão de ser tam cegas ! Ah ! meu Deus !

—Cale-se, Toussaint, disse Cosetta. Feche bem tudo.

Cosetta, espavorida com o melodrama improvisado por Toussaint, e talvez também com a lembrança das aparições da semana antecedente que se lhe despertavam, nem mesmo ousou dizer: «Va ver a pedra que puzeram em cima do banco!» com medo de tornar a abrir a porta do jardim, e de que os *homens* entrassem. Mandou fechar cuidadosamente todas as portas e janellas, fez Toussaint revistar toda a casa desde a adega, até o forro do tecto, trancou a sua porta, espiou por baixo da cama, deitou-se e dormiu mal. Toda a noite viu a pedra immensa como uma montanha, e toda cheia de cavernas.

Quando nasceu o sol,—a esta hora não ha quem se não ria de todos os seus terrores da noite, e o riso é então proporcionado ao medo que se sentiu,—quando nasceu o sol Cosetta, acordando, considerou o seu susto como um pesadelo, e disse consigo: «Que extravagancia! Temos a mesma historia dos passos que ouvi, de noite, ha uma semana, no jardim! e a da sombra do cano de folha! Querem ver que me vou tornando medrosa?» O sol que rutilava nas fendas das janellas e avivava a côr purpurea do cortinado de damasco, tranquillizou a tal ponto que tudo se lhe varreu do nensamento, até mesmo a pedra.

«A pedra que estava em cima do banco é tam real como a sombra de homem que vi no jardim; foi outro sonho que tive.»

Vestiu-se, desceu ao jardim, correu para o banco e sentiu um calafrio. A pedra alli estava.

Mas o seu assombro só durou um momento. O que é terror de noite é curiosidade de dia.

«Pois bem! disse, vejamos o que é.»

Levantou a pedra, que era bastante grande. Por baixo achava-se uma cousa que parecia uma carta.

Era um envolvero de papel branco. Cosetta apanhou-o, não tinha sobrescripto de um lado, nem era fechado o outro. Entretanto o envolvero, bem que aberto, não estava vazio. Continha papeis.

Cosetta tirou-os do envoltorio. Já não era medo, já não era curiosidade, o que ella sentia era um principio de anciedade.

O contendo do envolvero era um quaderno de papel, cujas paginas estavam numeradas e cheias com uma lettra miuda e mui linda,—segundo julgou Cosetta.

Buscou ella a assignatura, não a havia; um nome ao menos, tambem nenhum havia. A quem seria dirigido aquillo? a ella provavelmente, porquanto o embrulhinho fôra posto em cima do seu banco. De onde viria? Uma fascinação irresistivel se apoderou della, tentou afastar os olhos das folhas daquelle quaderno que lhe tremia na mão, olhou para o céu, para a rua, para as acacias innundadas de luz, para os pombos que voavam em cima de um telhado vizinho, depois, de subito, o seu olhar se fitou outra vez no manuscripto, e ella tomou a resolução de saber o que continham aquellas paginas.

Eis o que Cosetta leu.

IV

UM CORAÇÃO DEBAIXO DE UMA PEDRA.

A redução do universo a um unico ente, a dilatação de um unico ente até Deus, eis o amor.

O amor é a saudação dos anjos aos astros.

Como a alma é triste, quando a sua tristeza provem do amor!

Que vacuo deixa a ausencia do ente que por si só enche o mundo! Oh! como é certo que o ente amado se torna Deus. Crer-se-hia que Deus lhe tinha inveja se o Pae de tudo não houvesse evidentemente feito a criação para a alma, e a alma para o amor.

Basta um sorriso lobrigado ao longe por baixo de um chapéu de escomilha branca com fitas côr de lirio, para que a alma entre no palacio dos sonhos.

Deus está por trás de tudo, mas tudo esconde Deus. As cousas são escuras, as creaturas são opacas. Amar um ente é torna-lo transparente.

Ha pensamentos que são orações. Ha momentos em que, qualquer que seja a attitude do corpo, a alma está de joelhos.

Os amantes separados enganam a ausencia com mil cousas chimericas que sem embargo teem a sua realidade. Impedem-nos de se ver, elles não podem escrever um ao outro; acham, porém, uma infinidade de meios mysteriosos de cartear-se. Envia-se o canto dos passarinhos, o perfume das flôres, o riso das creanças, a luz do sol, os suspiros do vento, os raios das estrellas, toda a criação. E porque não? Todas as obras de Deus são feitas para servir o amor. O amor é assaz poderoso para, das suas missivas, encarregar a natureza.

O primavera, tu és uma carta que eu lhe escrevo.

O futuro pertence muito mais aos corações do que aos espiritos. Amar, eis a unica cousa que pôde occupar e encher a eternidade. O infinito, o carcere do inexaurivel.

O amor participa da propria alma. É da mesma natureza que ella. Como ella é centelha divina, como ella é incorruptivel, indisivel, indestructivel. É um ponto igneo que existe em nós, que é immortal e infinito, que nada pôde limitar nem extinguir. Sentimos-lhe o ardor até na medulla dos ossos e vemo-lo resplandecer até nas profundezas do céu.

Oh amor! adorações! volupia de dous espiritos que se comprehendem, de dous corações que se permutam, de dous olhares que se penetram! Viveis para mim, não é assim, ó venturas? Passeios ao lado um do outro nas solidões! dias abençoados e esplendidos! Às vezes imagino que de tempos a tempos algumas horas se desprendem da vida dos anjos e veem atravessar neste mundo o destino dos homens.

A unica cousa que Deus pôde acrescentar á dita dos que se amam é a duração sem fim. Uma eternidade de amor, após uma vida de amor, é devéras um augmento; mas dobrar a intensidade da ventura

ineffavel que o amor dá á alma mesmo neste mundo, é impossivel, ainda que fosse o proprio Deus que o tentasse. Deus é a plenitude do céu; o amor é a plenitude do homem.

Olhamos para uma estrella por dous motivos, porque é luminosa e porque é impenetravel. Junto de nós temos um esplendor mais suave e um mysterio mais profundo—a mulher.

Todos nós, quem quer que sejamos, temos os nossos entes respiraveis. Se nos faltam, falta-nos o ar. Abafamos. Então se morre. Morrer por falta de amor é horrivel. A asphyxia do amor!

Quando o amor une e confunde dous entes em uma unidade angelica e sagrada, o segredo da vida está descoberto para elles; já não são mais do que os dous termos de um unico destino; já não são mais do que as duas azas de um unico espirito. Amae, pairae!

No dia em que uma mulher, que passa por deante de nós dardeja luz andando, estaes perdidos, amaes. Um unico recurso vos resta: pensar nella tam fixamente que ella seja forçada a pensar em vós.

O que o amor começa só póde ser acabado por Deus.

O amor verdadeiro afflige-se ou exulta por uma luva perdida ou por um lenço achado, e carece da eternidade para sua dedicação e suas esperanças. Compõe-se ao mesmo tempo do infinitamente grande e do infinitamente pequeno.

Se fordes pedra, sede iman, se fordes planta, sede sensitiva, se fordes homem, sede amor.

Nada satisfaz o amor. Temos a ventura, queremos o paraíso, temos o paraíso, queremos o céu.

Ó vós que vos amaes, tudo isto está no amor. Curae de descobri-lo. O amor, como o céu, tem a contemplação, e mais do que o céu, a volupia.

—Ella ainda vem ao Luxemburgo?—Não, senhor.
 —É nesta egreja que ouve missa, não é assim?—Já aqui não vem.—Mora ainda nesta casa?—Mudou-se.
 —Para onde?—Não o disse.

Que cousa triste que é não sabermos onde está a nossa alma!

O amor cahe em puerilidades, as outras paixões cabem em baixesas. Vergonha ás paixões que amesquinham o homem! Honra á que o torna creança.

Quereis ouvir uma cousa estranha? Estou rodeado de trévas. Ha um ente que retirando-se levou consigo o céu.

Oh! jazer no mesmo tumulto ao lado um do outro, com a mão de um dentro da outra, e de vez em quando, no meio das trévas, apertarmo-nos levemente as dextas, era quanto bastaria á minha eternidade.

Vós que soffreis porque amaes, amae dobradamente. Morrer de amor é viver delle.

Amae. Uma sombria transfiguração estrellada acompanha este supplicio. Ha extasis na agonia.

Ó alegria dos passarinhos! cantam porque teem ninho.

O amor é uma respiração celeste do ar do paraíso.

Corações profundos, espiritos graves, accitae a vida como Deus a fez: é uma longa provação, uma preparação inintelligivel para o destino, para o desconhecido. Este destino, o verdadeiro, começa para o homem no primeiro degrau do interior do tumulto. Então apparece-lhe alguma cousa, e elle começa a distinguir o definitivo. O definitivo, meditae sobre esta palavra. Os vivos vêem o infinito: o definitivo só pôde ser visto pelos mortos. Entretanto, amae e sofrei, esperae e contemplae. Ai do que houver amado unicamente corpos, fôrmas, apparencias! A mor-

te roubar-lhe-ha tudo. Procurae amar almas, tornareis a achá-las.

Encontrei na rua um mancebo mui pobre que amava. O seu chapen era velho, a casaca usada; tinha os cotovellos rôtos; a agua lhe penetrava nos sapatos e os astros na alma!

Que grande cousa é ser amado! Mas quam maior ainda é amar! O coração torna-se heroico á força de paixão. Já se não compõe senão do que é puro; descansa unicamente no que é elevado e grande. É tam impossivel germinar nelle um pensamento indigno como a ertiga em um pincaro gelado. A alma, altiva e serena, inaccessible ás paixões e ás commoções vulgares, dominando as nuvens e as sombras deste mundo, as loucuras, as mentiras, os odios, as vaidades, as miserias, habita a cerulea esphera; e já não sente senão os abalos profundos e subterraneos do destino, como a cumiada das montanhas sente os terremotos.

Se não houvesse uma unica pessoa que amasse, o sol se apagaria.

V

COSETTA DEPOIS DA CARTA.

Durante esta leitura, Cosetta fôra pouco a pouco ficando pensativa. No momento em que levantava os olhos da ultima linha do caderno, o bello official—era a sua hora—passou por defronte da grade com ar ufano. Cosetta achou-o horrendo.

Poz-se de novo a contemplar o caderno. Estava escripto com uma letra lindissima,—assim o julgou Cosetta;—pelo mesmo punho, mas com tintas diversas, ora mui pretas, ora esbranquiçadas, como quando se deita tinta no tinteiro, e por conseguinte em dias diferentes. Era pois um pensamento que alli se derramára, suspiro por suspiro, irregularmente, sem ordem, sem escolha, sem fim, ao acaso. Cosetta nunca lêra nada que se parecesse com aquillo. Aquelle manuscripto, onde via muito mais luz do que obscuridade, quasi se lhe affigurava um sanctuario entreaberto. Cada uma daquellas linhas mysteriosas resplandecia aos seus olhos e inundava-lhe o coração de uma claridade estranha. A educação que recebêra fallára-lhe sempre da alma e nunca do amor, o que vi-

nhá quasi a ser o mesmo que fallar do tício sem fallar da chamma. Aquelle manuscripto de quinze paginas revelava-lhe repentina e suavemente todo o amor, a dor, o destino, a vida, a eternidade, o principio, o fim. Era como uma mão que se houvesse aberto atirando-lhe de repente um punhado de luz. Reconhecia naquellas breves linhas um character apaixonado, ardente, generoso, probo, uma vontade sagrada, uma immensa dôr e uma esperança immensa, um coração angustiado, um extasi sereno. O que vinha a ser aquelle manuscripto? Uma carta. Carta sem direcção, sem nome, sem data, sem assignatura, instante e desinteressada, enigma composto de verdades, missiva amorosa feita para ser entregue a um anjo e lida por uma virgem, entrevista que devia ter lugar fóra da terra. Bilhetinho de um phantasma a uma sombra. Era um ausente tranquillo e acabrunhado que parecia prestes a refugiar-se na morte, e que enviava á ausente o segredo do destino, a chave da vida, o amor. Aquillo fóra escripto com o pé no tumulto e com o dedo no céu. Aquellas linhas, cahidas uma por uma sobre o papel, eram o que se poderia chamar gotas da alma.

Mas de onde viria aquelle caderno? quem o teria escripto?

Cosetta não hesitou um minuto. Um unico homem. Elle!

Aclarou-se-lhe de novo o espirito; tudo havia reaparecido. Sentia uma alegria vivissima e uma angustia profunda. Era elle! elle escrevêra-lhe! estivera alli! passára o braço por aquella grade! Ao passo que ella o esquecia, elle a descobrira! Te-lo-hia porém esquecido comeffeito? Não! nunca! Fóra loucura sua havê-lo crido um momento. Sempre o amára, adorára-o sempre. O fogo cobrira-se e estivera algum tempo sopitado, mas ella o sentia, lavrára mais profundamente, e agora de novo brilhava e a abrazava toda. Aquelle caderno era como uma fagulha cahida dessa outra alma na sua. Sentia recommençar o incendio. Penetrava-se de cada palavra do manuscripto:—Oh! sim! dizia, como reconheço tudo isto! Estas cousas já eu as havia lido em seus olhos.

No momento em que ella acabava de lê-lo pela ter-

ceira vez, o tenente Theodulo tornou a passar por defronte da grade, fazendo de proposito maior bulha com as esporas. Cosetta não pôde deixar de levantar os olhos. Achou-o insipido, parvo, stolido, inutil, vaidoso, aborrecido, atrevido e feissimo. O official suppoz dever sorrir-lhe. Ella voltou-se envergonhada e indignada. Se tivesse na mão uma pedra atirava-lhe á cabeça.

Sahiu precipitadamente do jardim, voltou para casa e fechou-se no seu quarto para tornar a lêr o manuscrito, para decora-lo e meditar. Depois de tê-lo lido e relido, beijou-o e guardou-o no seio.

Tudo estava acabado, Cosetta recahira no profundo amor seraphico. O abysmo Eden acabava de reabrir-se.

Cosetta passou todo o dia com uma especie de atordoamento. Mal podia pensar, as idéas emmaranhavam-se-lhe no cerebro, não conseguia formar a menor conjectura, esperava tremendo, o que? cousas vagas. Não ousava prometter, mas também não queria negar nada a si mesma. Empallidecia e sentia arrepios por todo o corpo. Momentos havia em que se lhe afigurava que entrava no chimerico; dizia com-sigo: Será isto real? então apalpava o adorado papel que tinha no seio, apertava-o de encontro ao coração, sentia-lhe os angulos na carne, e se João Valjean a houvesse visto em tal instante, teria estremecido notando-lhe a alegria luminosa e estranha que lhe trasbordava dos olhos.

—Oh! sim! pensava ella. É elle, deveras! escreveu isto para mim!

E persuadia-se que uma intervenção dos anjos, que um acaso celeste, lh'o havia restituído.

Ó transfigurações do amor! ó sonhos! esse acaso celeste, essa intervenção dos anjos, fôra a bola de miolo de pão lançada por um ladrão a outro ladrão, do pátio de Carlos Magno á Cova dos Leões, por cima dos telhados da Force.

VI

OS VELHOS SÃO FEITOS PARA SAIREM A TEMPO.

Assim que anoiteceu, João Valjean saiu; Cosetta vestiu-se. Penteiou os cabellos do modo que melhor lhe assentava, escolheu um vestido cujo corpinho, que ficava um tanto decotado, e que por tal fôrma deixava todo descoberto o pescoço até ao collo, era, como dizem as moças, *um pouco indecente*. Bem longe de ser indecente, era o mais lindo que podia ver-se. Vestiu-se ella com todo este esmero sem saber porque.

Iria sair? não.

Esperaria alguma visita? não.

Ao cahir da noite desceu ao jardim. Toussaint estava occupada na casinha que dava para o pátio dos fundos.

Caminhou por baixo das ramas das arvores, afastando-as de espaço a espaço por ficarem algumas mui baixas.

Chegou assim ao banco.

A pedra ainda alli estava.

Sentou-se, e repousou a mãosinha alva em cima da pedra como para amima-la e agradecer-lhe.

De repente sentiu essa impressão indefinível que experimentamos, mesmo sem ver, quando alguém se vem collocar por detrás.

Voltou a cabeça e levantou-se.

Era elle.

Estava com a cabeça descoberta. Parecia pallido e macillento. Distinguia-se apenas o seu fato preto. O crepusculo tornava-lhe livido o formoso semblante e cobria os seus olhos de trévas. Mostrava, sob um veu de incomparavel tranquillidade, o quer que fosse da morte e das trévas. Seu rosto era allumiado pela claridade do dia que senece e pelo pensamento de uma alma que está para vôar.

Dissereis que ainda não era um fantasma, mas que já não era tambem um homem.

O seu chapéu estava no chão, a alguns passos, em cima da relva.

Cosetta, prestes a desmaiar, não soltou um grito. Recuou lentamente, porque sentia-se attrahida. Elle não se mexia. Por um não sei que ineffavel e triste que o envolvia, sentia-lhe o olhar, bem que lhe não visse os olhos.

Cosetta, recuando, encontrou uma arvore a que se encostou. Se não fosse essa arvore, teria cahido.

Então ouviu-lhe a voz, aquella voz que nunca ouvira bem, e que apenas dominava o sussuro das folhas, e que murmurava:

—Perdoae-me, aqui estou. Tenho o coração entumecido, não podia viver como vivia, vim ter convosco. Lestes o que puz alli, em cima daquelle banco? reconheceis-me? não tenhaes medo de mim. Lembraes-vos do dia em que olhastes para mim? foi ha muito já, no Luxemburgo, perto do Gladiador. E o dia em que passastes por deante de mim? foi a 16 de junho e a 2 de julho. E já passado um anno. Desde então nunca mais vos vi. Interroguei a alugadora de cadeiras, respondeu-me que havieis deixado de passeiar no jardim. Moraveis na rua do Oeste, no 3.º andar de uma casa nova; não é assim? Eu vos acompanhava sempre. Não estava em minhas mãos deixar de seguir-vos. E depois desaparecestes. Uma vez, suppuz ver-vos passear, estando a ler jornaes debaixo das arcadas do Odeon. Corri. . . . Mas, não. Era uma pessoa

que ia com um chapéu como o vosso. De noite, aqui venho. Nada receies, ninguém me vê. Venho olhar para as vossas janellas de perto. Ando devagarinho para que não ouçaes os meus passos, porque de certo terieis medo. Uma noite achava-me atrás de vós, voltaste-vos, e eu fugi. Depois ouvia-vos cantar. Sentia-me feliz. Levaes a mal que eu vos ouça cantar com as janellas fechadas? creio que não. Não é assim? Crede-me, vós sois o meu anjo, deixae-me aqui entrar ás vezes; parece-me que vou morrer. Se soubesseis!... Adoro-vos tanto! Perdoae-me, fallo-vos, não sei o que vos digo, talvez vos importune, estarei importunando-vos?

—Oh minha mãe! disse ella.

E vacillou como se soltasse o extremo alento.

Elle amparou-a, amparou-a nos seus braços impedindo de cahir, e estreitou-a com transporte sem ter consciencia do que fazia. Sustinha-a titubando. Estava como se se achasse com o cerebro cheio de vapores; passavam-lhe relampagos por entre os cilios; esvaeciam-se-lhe as idéas, parecia-lhe que cumpria um acto religioso e que commettia uma profanação. O que é certo é que nenhum desejo se lhe despertava, embora o corpo daquella mulher encantadora estivesse unido ao seu peito. O amor desvairava-o.

Ella pegou-lhe na mão, e pô-la sobre o coração. O mancebo sentiu o papel que alli estava; balbuciou:

—Então amaes-me?

Respondeu-lhe ella com voz tam baixa que quasi se não percebia:

—Cala-te! bem o sabes!

E escondeu o rosto coberto de rubor no seio do moço altivo e embriagado.

Cahiú em cima do banco ao lado della. Já não tinham palavras com que se exprimissem. As estrelas começavam a scintillar. Como succedeu encontrarem-se os seus labios? Como succede que o passarinho cante, que a neve se derreta, que a rosa desabroche, que maio ostente suas galas, que a aurora surja detrás das arvores escuras nos tremulos visos das collinas?

Um beijo, e nada mais houve.

Ambos estremeceram, e encararam-se na escuridão com olhos scintillantes.

Não sentiam nem a fresquidão da noite, nem a frialdade da pedra, nem a terra humida, nem a relva molhada, olhavam-se e tinham o coração cheio de pensamentos. Tinham as mãos unidas sem o saberem.

Ella não lhe perguntou—nem tal cousa lhe occorreu então,—por onde tinha entrado no jardim. Parecia-lhe tam natural achar-se elle alli!

De tempos a tempos o joelho de Mario tocava no de Cosetta e ambos estremeciam.

Cosetta balbuciava uma ou outra palavra interpoladamente. A alma tremia-lhe nos labios como uma gotta de orvalho em uma flôr.

Pouco a pouco entraram a fallar. A expansão succedeu ao silencio que é a satisfação. A noite estava serena e o céu recamado de estrellas por cima das suas cabeças. Aquelles dous entes, puros como espiritos, communicaram-se tudo, os seus sonhos, os seus transportes, os seus extasis, as suas chimeras, os seus desalentos, como se haviam adorado de longe, como haviam desejado a presença um do outro, o seu desespero quando cessaram de avistar-se. Confiaram-se mutuamente em uma intimidade ideal, que nada mais podia augmentar, o que tinham mais occulto e mysterioso. Disseram-se, com uma fê candida em suas illusões, tudo quanto o amor, a mocidade e o resto de infancia que ainda tinham lhes inspiravam ao pensamento. Aquelles dous corações transfundiram-se um no outro, de modo que, ao cabo de uma hora, a alma do mancebo estava na moça e a alma da moça no mancebo. Penetraram-se, encantaram-se, deslumbraram-se.

Quando acabaram de fallar, depois de terem dito tudo, ella encostou-lhe a cabeça ao hombro e perguntou-lhe:

—Como vos chamaes?

—Mario. E vós!

—Eu chamo-me Cosetta.

LIVRO SEXTO.

CAVROCHINHO.

I

MÁ TRAVESSURA DO VENTO.

Depois de 1823, ao passo que a bodega de Montfermeil cahia, submergindo-se lentamente, não no abysmo de uma bancarota, mas na cloaca das dividas pequenas, os esposos Thénardier tinham tido mais dous filhos, ambos varões. Ficaram assim com cinco; duas meninas e tres meninos. Era muito.

A Thénardier descartára-se dos dous ultimos, ainda pequeninos, com uma felicidade singular.

Descartára-se é a expressão propria. Naquella mulher só havia um fragmento de natureza. Phenomeno de que ha mais de um exemplo. Como a marechala de Lamothe-Houdancourt, a Thénardier não era mãe senão para suas filhas. A sua maternidade acabava ahi. O odio que votava ao genero humano começava nos seus filhos. Para estes a sua maldade era inexoravel, e o seu coração lugubrememente inaccessivel. Assim como, segundo o leitor já viu, detestava o mais velho, assim tambem execrava os dous mais novos. Porque? porque sim. O mais terrivel dos motivos e a mais indiscutivel das respostas: porque sim. Não careço de uma ninhada de filhos, dizia essa mãe.

Expliquemos como os Thénardier conseguiram

exonerar-se dos seus dous ultimos filhos, e até mesmo tirar proveito d'isso.

A rapariga Magnon, de quem fallámos ha algumas paginas mais acima, era essa mesma mulher que conseguira obter do velho Guillenormand uma mensalidade para seus dous filhos. Morava ao cáes dos Celestinos, no canto da antiga rua do Almiscarzinho, que fez o que pôde para mudar em perfume a sua má fama. Está na memoria de todos a grande epidemia de *croup* que assolou, ha trinta e cinco annos, os bairros ribeirinhos do Sena em Pariz, e de que a sciencia tanto se aproveitou para experimentar em larga escala a efficacia das insufflações de pedra hume, tam utilmente substituidas hoje pelo uso externo da tinctura de iodo. Durante essa epidemia a Magnon perdeu no mesmo dia, um de manhan, o outro de tarde, ambos os filhos, ainda mui tenros. Foi uma catastrophe. As duas creanças eram preciosas para sua mãe; representavam oitenta francos por mez. Estes oitenta francos eram pagos com toda a regularidade, em nome de Guillenormand, pelo seu cobrador de rendas, um tal Barge, meirinho aposentado, que morava na rua do Rei da Sicilia. Mortos os meninos, cessava o pagamento da mensalidade. A Magnon buscou um expediente. Na tenebrosa maçonneria do crime, de que ella fazia parte, sabe-se tudo, guarda-se segredo, e todos mutuamente se auxiliam. A Magnon carecia de duas creanças; a Thénardier tinha duas. O sexo era o mesmo, a edade tambem a mesma. Bom achado para uma, boa especulação para a outra. Os pequenos Thénardier passaram a occupar o lugar dos filhos de Magnon. Mudou-se esta do caes dos Celestinos e foi morar para a rua Cloche-Perce. Em Paris, a identidade que liga um individuo a si mesmo quebra-se de uma rua para a outra.

A autoridade, que nenhuma denuncia teve, não reclamou, e a substituição fez-se com a maior facilidade do mundo. Thénardier, porem, exigiu, por este emprestimo de creanças dez francos mensaes, que Magnon prometteu, e até mesmo pagou. É escusado dizer que Guillenormand continuou a dar a mensalidade. De seis em seis mezes ia ver os pequenos. Não notou a mudança.

—Como se parecem com vm. ! dizia-lhe a Magnon, Thénardier, a quem eram facéis as transformações, aproveitou esta occasião para tomar o nome de Jondrette. Suas duas filhas e Gavroche mal haviam tido tempo de notar que tinham dous irmãozinhos. Em certo gráu de miseria as creaturas são penetradas por uma especie de indifferença spectral, e os seres são olhados como larvas. Os mais proximos parentes não lhes apparecem o mais das vezes senão como vagas fórmãs da escuridão, apenas distinctas do fundo nebuloso da vida e facilmente reunidas ao invisivel.

Na tarde do dia em que entregára os seus dous filhos á Magnon, com a vontade bem expressa de renunciar a elles para sempre, a Thénardier tivera, ou fingira ter, um escrupulo. Dissera ao marido: «Mas isto é abandonar nossos filhos!» Thénardier, magistral e tranquillo, cauterizou o escrupulo com esta resposta: «João Jacques Rousseau fez peor ainda!» Do escrupulo a mãe passára á inquietação: «Mas se a policia vier atormentar-nos? Diga senr. Thénardier, o que nós fizemos será licito?» Thénardier respondeu. «Tudo é licito. Ninguém verá nisto senão uma cousa muito natural. Demais, como são creanças pobres, não haverá quem se lembre de esmieuçar o negocio.»

A Magnon era uma especie de elegante do crime. Andava sempre assejada. Compartia o seu aposento, mobiliado de um modo pretencioso e mesquinho, com uma eximia ladra ingleza afrancezada. Esta ingleza, naturalisada parisiense, recommendavel pelas relações que entretinha com pessoas ricas, intimamente ligada com as medalhas da bibliotheca e com os diamantes da Mars, foi depois celebre nos annaes judiciarios. Chamavam-n'a *mamselle Miss*.

Os dous pequenos passando para o poder de Magnon não tiveram de que queixar-se. Recommendados pelos oitenta francos, eram bem tratados, como tudo aquillo de que se tira lucro; andavam decentemente vestidos, nunca lhes faltava comida, e passavam quasi como uns *senhorezinhos*, muito melhor com a falsa mãe do que com a verdadeira. A Magnon tomava ares de dama e não fallava giria deante delles.

Vivêram assim alguns annos. Thénardier tirava disto o melhor agouro. Chegou a dizer um dia a

182
Magnon, quando esta veio entregar-lhe os seus dez francos mensaes: «Será bom que o *pae* lhes dê educação.

De repente, estes dous pobres meninos, até então de alguma sorte protegidos, mesmo pelo seu máu destino, foram lançados violentamente á vida, e forçados a estrea-la.

Toda a prisão de uma quadrilha de malfetores, como a que tivera lugar na possilga de Jondrette, necessariamente complicada de averiguações e de capturas ultteriores, é um verdadeiro desastre para a hedionda contra-sociedade occulta, que vive por baixo da sociedade publica; qualquer aventura de tal genero produz uma infinidade de desmoronamentos nessa sombria região. A catastrophe de Thénardier originou a catastrophe de Magnon.

Um dia, pouco tempo depois de ter esta entregado a Eponina o bilhete relativo á rua Plumet, a policia invadiu de subito a casa da rua Cloche-Perce; a Magnon foi presa, juntamente com mamselle Miss; e os demais habitantes da casa, que tambem eram suspeitos, acharam-se colhidos nesse lanço de rede. Os dous pequenos brincavam nesta occasião em um pateo e não viram a razzia. Quando quizeram entrar acharam a porta fechada e a casa vazia. Um remendão que tinha sua loginha do outrolado da rua chamou-os e entregou-lhes um papel que lhes deixára *sua mãe*. Nesse papel havia um endereço:—*Ao senr. Borge, cobrador de rendas, rua do Rei da Sicilia n. 8.* O remendão disse-lhes:

—Vocês já não moram alli. Vão á rua do Rei da Sicilia. É pertinho, o primeiro canto á esquerda. Mostrem este papel, que lhes ensinarão onde é.

Os meninos puzeram-se a caminho, o mais velho conduzindo o mais novo, e levando na mão o papel que devia guia-los. Estava com frio, e os seus dedinhos tolhidos pouco apertavam e seguravam mal esse papel. Ao voltarem a rua Cloche-Perce, uma rajada de vento arrebatou-lh'o, e, como principiava a escurecer, o menino não pôde ver que direcção havia seguido.

Entraram a vagar ao acaso pelas ruas.

II

EM QUE GAVROCHINHO UTILISA-SE DE UMA IDEA DE NAPOLEÃO O
GRANDE.

A primavera em Pariz é quasi sempre entremeiada de ventanias rijas e insupportaveis, que antes cres- tam do que gelam; estes ventos, que entristecem os mais lindos dias, semelham exactamente as correntes de ar frio que entram em um aposento aquecido pelas fendas de uma janella, ou de uma porta mal fechada. É como se a sombria porta do inverno ficasse entre-aberta e por essa abertura entrasse o vento. Na primavera de 1832, época em que grassou a primeira grande epidemia deste seculo na Europa, estes ventos eram mais rijos e mais pungentes que nunca. Uma porta, ainda mais glacial que a do inverno, estava entre-aberta. Era a porta do sepulcro. Sentia-se no vento o sôpro da cholera.

Quanto á meteorologia, estes ventos frios offereciam a particularidade de não excluir uma forte tensão electrica. Frequentes temporaes, acompanhados de relampagos e de trovões, rebentaram naquella época.

Uma noite que o vento soprava rijo e tam frio que os burguezes se haviam embuçado nos seus capotes,

como se janeiro tivesse voltado, Gavrochinho, sempre tremendo alegremente debaixo dos seus andrajos, parava como que extatico deante da loja de um barbeiro-cabelleireiro dos arredores do Orme Saint-Gervais. Estava embrulhado em um chale de lan, colhido não sabemos onde, e que lhe servia de manta. Gavrochinho parecia admirar profundamente uma noiva de cera, com vestido bem decotado e coroada de flores de laranjeira, que gyrava dentro da vidraça, mostrando, á luz de dous lampeões, o seu sorriso aos passeantes; mas na realidade observava a loja afim de ver se lhe seria possível *bifur* um dos páus de sabão que estavam dentro da vidraça, e que iria revender por um soldo a algum *cabelleireiro* dos subúrbios. Não raras vezes lhe acontecia almoçar com o producto de um destes páus de sabão. A tal genero de trabalho, para que tinha talento, chamava elle *fazer a barba aos barbeiros*.

Ao passo que contemplava a noiva e olhava á sobcapa para o pau de sabão, resmoneava o seguinte:—Terça-feira.—Não foi terça-feira.—Seria terça-feira?—Talvez fosse terça-feira.—Sim, foi terça-feira.

Nunca se soube a que se referia este monologo.

Se, por acaso, se referia á ultima vez que elle havia jantado, já eram passados tres dias, por quanto estava-se na sexta-feira.

O barbeiro, na sua loja, aquecida por um bom fogo, fazia a barba a um freguez, e lançava de tempos a tempos um olhar obliquo sobre aquelle inimigo, sobre aquelle garoto gelado e descarado, que tinha as mãos mettidas nos bolsos, mas cujo espirito ruminava evidentemente algum ataque.

Emquanto Gavroche examinava a noiva, a vidraça e os *Windsor-soaps*, dous meninos de igual tamanho, soffrivelmente asseitados e ainda mais pequenos que elle, um dos quaes mostrava ter sete annos e o outro cinco, pegáram timidamente na maçaneta do trinco da porta, ahriram-n'a, e entráram na loja pedindo não sabemos o que, talvez esmola, com um murmurio choroso, que mais parecia um gemido do que uma supplica. Fallavam ambos ao mesmo tempo, e as suas palavras eram inintelligiveis, porque os soluços entrecortavam a voz do mais novo e o frio fazia bater

os dentes ao mais velho. O barbeiro voltou-se com um sobreceño furioso, e sem largar a navalha, empurrando o mais velho com a mão esquerda e o outro com o joelho, pô-los ambos na rua, e tornou a fechar a porta, dizendo:

—Virem cá esfriar a gente á tóa!

Os dous meninos continuaram o seu caminho chorando. Entretanto uma nuvem negra cobrira o céu; começava a chover.

Gavrochinho correu atrás delles e alcançou-os:

—O que teem vocês, fedelhos?

—Não sabemos onde havemos de dormir, respondeu o mais velho.

—Pois é por isso? tornou Gavroche. Que grande desgraça! Quem é que chora por semelhante cousa? Realmente são uns hobinhos!

E tomando, a par de sua superioridade um tanto modesta, um tom de affectuosa autoridade e de meiga protecção:

—Sigam-me mijões.

--Sim, senhor, disse o mais velho.

E os dous meninos seguiram-n'o como houveram seguido um arcebispo. Tinham cessado de chorar.

Gavroche fê-los subir pela rua de Sancto Antonio em direcção á Bastilha.

Gavroche, caminhando, lançou um olhar indignado e retrospectivo para a loja do barbeiro.

—É um chicharro sem coração, resmoneou. Barbeiro de uma figa!

Uma mulher perdida, vendo-os caminhar em fila todos tres, indo Gavroche na frente, soltou uma estrepitosa gargalhada. Este riso era uma falta de respeito ao grupo.

—Boa noite, senr.^a Omnibus, disse-lhe Gavroche.

Pouco depois, tornando a lembrar-se do barbeiro, acrescentou:

—Enganei-me a respeito daquelle animal; não é chicharro, é uma serpente. Deixa estar, meu barbeiro, que hei de lá ir com um serralheiro para te pôr um guiso na cauda.

O barbeiro tornára-o aggressivo. Apostrophou, ao saltar um rego, uma porteira barbuda, digna de en-

contrar Fausto no Brocken, e com a sua vassoura na mão.

—Pelo que vejo, disse-lhe, a senhora vae passeiar montada no seu cavallo?

E assim fallando respingou de lama as botas envernizadas de um viandante.

—Maroto ! gritou o homem furioso.

—O senhor queixa-se ? disse Gavroche levantando o nariz de dentro de seu chale.

—De ti ! tornou o viandante.

—Acabou-se a audiencia, tornou Gavroche. Agora não recebo queixas.

Entretanto, continuando a subir a rua, avistou, toda tolhida no vão de uma porta, uma mendiga de treze ou quatorze annos, com vestido tam curto que lhe appareciam os joelhos. A menina começava a ser grande de mais para o vestido. O crescimento prega destas peças. A saia fica curta no momento em que a nudez se torna indecente.

—Pobre menina ! disse Gavroche. Nem ao menos tem calças. Olha, cobre-te com isto.

E, tirando a boa manta de lan que lhe cingia o pescoço, pô-la sobre os hombros magros e lividos da mendiga, onde o cache-nez tornou-se chale.

A menina encarou-o com ar admirado, e recebeu o chale sem dizer palavra. Em certo gráu de angustia o pobre, tomado de torpôr, já não geme do mal nem agradece o bem.

Feito isto:

—Brrr ! disse Gavroche, tremendo mais do que San'Martinho, que, ao menos, ficára com metade da sua capa.

Quando elle soltava este *brrr* ! a chuva, redobrando, cahiu aos cantaros. Estas intemperies dos elementos punem as boas acções.

—Peior ! exclamou Gavroche; o que significa isto ? Redroba a chuva ! Senho Deus, se isto continúa, suspendo a assignatura.

E continuou a caminhar.

—Seja lá como fôr, proseguiu lançando um olhar para a mendiga, que se embuçava bem no chale, o certo é que ella está com uma famosa pellica.

E, olhando para a nuvem, bradou:

—Apague !

Os dous meninos caminhavam atrás delle.

Ao passarem por deante de uma dessas estreitas grades revestidas de redes de arame, que indicam uma padaria, pois o pão é exposto á vista, como o ouro, por detrás de grades de ferro, Gavroche voltou-se:

—Olá, sós monos, vocês já jantaram ?

—Senhor, respondeu o mais velho, ainda não comemos desde pela manhan.

—Então vocês não teem pae nem mãe? tornou magestosamente Gavroche.

—Perdão, senhor, nós temos o nosso papae e a nossa mamãe, porem não sabemos onde estão.

—Ás vezes é melhor do que se a gente o soubesse, disse Gavroche, que era um pensador.

—Ha duas horas que caminhamos, continuou o mais velho; revistámos todos os cantos para ver se achavamos alguma cousa, mas não havia nada.

—Bem sei, tornou Gavroche. Os cães comem tudo.

Após breve silencio, proseguiu:

—Ah ! vocês perderam os seus autores. Não sabem o que é feito delles. Isto é máu, garotos. É feio perder assim os mais velhos. Comtudo a gente deve pagodear, com a breca !

Quanto ao mais, não lhes fez pergunta nenhuma. Achar-se sem domicilio, haverá nada mais natural ?

O mais velho dos dous pecurruchos, reassumindo quasi inteiramente o facil descuido da infancia, soltou esta exclamação:

—Devéras acho isto não sei como. Mamãe tinha dito que havia de ir connosco buscar buxo bento no domingo de ramos.

—Ora bolas, respondeu Gavroche.

—Mamãe, continuou o menino, é uma senhora que mora com mamselle Miss.

—Que lhe preste, tornou Gavroche.

Entretanto parára, e, havia alguns minutos, apalpava e remexia todos os escondrijos que tinha nos seus andrajos.

Emfim levantou a cabeça com um ar que só queria mostrar satisfação, mas que era na realidade triumphante.

—Soceguem, meus pecurruchos. Aqui está com que comprar cêa para nós tres.

E tirou de uma das algibeiras um soldo.

Sem dar aos dous pequenos tempo de se admirarem, empurrou-os deante de si para dentro da padaria, e pôz a moeda em cima do balcão, gritando:

—Moço! cinco centimos de pão.

O padeiro, que era o proprio dono da casa, tomou um pão e uma faca.

—Em tres pedaços, moço! tornou Gavroche, e ajuntou com toda a dignidade:

Nós somos tres.

E, vendo que o padeiro, depois de ter examinado os tres freguezes, tomára um pão de rala, metteu o dedo no nariz com uma aspiração tam imperiosa como se tivesse no pollegar a pitada de tabaco do grande Frederico, e lançou á cara do homem esta apostrophe cheia de indignação:

—O que é lá isso? (*Keksekca*)—(*).

Áquelles de nossos leitores que tomarem esta interpellação de Gavroche ao padeiro por uma palavra russa ou polaca, ou um desses gritos selvagens que os Yoways e os Botocudos soltam das margeus de um ao outro rio atravez das solidões, previno-os que é uma palavra que dizem todos os dias, e que vale como esta phrase: o que é lá isso (*qu'est-ce que c'est celà?*). O padeiro comprehendeu perfeitamente e redarguiu:

—Essa é boa! é pão, excellente pão de segunda qualidade.

—Diga pão negro e ruim, replicou Gavroche, calmo e friamente desdenhoso. Quero pão branco, moço! pão de primeira qualidade! é para banquetear estes amigos.

O padeiro não pôde deixar de rir-se, e, cortando o pão branco, contemplava-os com um certo ar de lastima que offendeu Gavroche.

—Ora vamos, senr. moço, porque está-nos a medir assim?

Postos todos tres a fio comprido, apenas teriam a extensão de uma toeza.

(*) Na linguagem familiar é a pronuncia verdadeira—*keksekça!* Para explicar esta palavra é que vem o periodo que se lhe segue.

Cortado o pão, o padeiro guardou o soldo, e Gavroche disse para os dous pequenos:

—Manduguem!

Os meninos olharam para elle embasbacados.

Gavroche poz-se a rir.

—Ah! sim, é verdade, ainda não entendem, são tam pequenos!

E accrescentou:

—Comam.

Ao mesmo tempo apresentou a cada um o seu pedaço de pão.

E, pensando que o mais velho, que parecia mais digno da sua conversação, merecia algum acoroçoamento especial e devia ser desembaraçado de toda a hesitação de satisfazer o seu appetite, accrescentou, dando-lhe o pedaço maior:

—Mette isto no buxo.

Havia um pedaço menor que os outros dous; foi o que elle tomou para si.

Os pobres meninos estavam tam esfomeados como o proprio Gavroche. Comendo avidamente o seu pão, empachavam a padaria, cujo dono, agora que estava pago, os encarava com máu modo.

—Saíamos, disse Gavroche.

Continuaram a caminhar em direcção á Bastilla.

De tempos a tempos, quando passavam por deante das vidraças allumiadas das lojas, o mais novo parava para ver que horas eram em um relógio de chumbo que trazia pendurado ao pescoço por um barbante.

—Decididamente é um pascacio chapado, dizia consigo mesmo Gavroche.

Depois, pensativo, resmungava por entre dentes:

—Não importa, se eu tivesse filhos havia de dar-lhes muito melhor educação.

Quando elles acabavam o seu pedaço de pão e chegavam ao canto da tristonha rua dos Ballets, em cujo fundo se avista o portão baixo e hostil da Force:

—Alé! és tu, Gavroche? disse alguém.

—Olé! és tu, Montparnasse? disse o gaiato.

Era um homem que acabava de encontrar-se com o pequeno, e este homem não era outro senão Montparnasse disfarçado, com oculos azues, mas recognhecível para Gavroche.

—Gaiato! continuou Gavroche, estás com uma capa côr de cataplasma de linhaça e com oculos azues, como um medico. Tens talento, palavra de honra!

—Silencio, disse Montparnasse, não falles tam alto!

E arrastou vivamente Gavroche para longe da luz das lojas.

Os dous meninos seguiram atrás delles, dando a mão um ao outro

Quando se acharam debaixo da archivolta escura de um portão, abrigados da chuva e dos olhares:

—Sabes onde vou? perguntou Montparnasse.

—Para a abbadia de Sobe-Sem-Vontade (*), disse Gavroche.

—Gracejador!

E Montparnasse continuou:

—Vou ter com Babet!

—Ah! ella chama-se Babet? tornou Gavroche.

Montparnasse abaixou a voz:

—Ella, não, elle.

—Ah! Babet!

—Sim, Babet!

—Eu suppunha que elle estava debaixo de cobertura enxuta.

—Pois pirou-se, respondeu Montparnasse.

E contou rapidamente ao garoto que, na manhã daquelle mesmo dia, Babet, tendo sido transferido para a Conciergerie, fugira tomando á esquerda em vez de tomar á direita o corredor que ia ter á sala do interrogatorio.

Gavroche admirou a habilidade.

—Que finorio! disse elle.

Montparnasse accrescentou alguns pormenores relativos á fuga de Babet e terminou dizendo:

—Oh! mas isto ainda não é tudo:

Gavroche, escutando-o, pegára na bengala que Montparnasse trazia na mão; puxára-lhe machinalmente a extremidade superior, e a lamina de um punhal apparecera.

—Ah! disse elle mettendo vivamente o punhal na bainha, trazes o teu *gendarme* disfarçado em *burguez*.

(*) Para o cadafalso.

Montparnasse piscou o olho.

—Apague! tornou Gavroche, então vaes brigar com os filantes?

—Não sei ainda, respondeu Montparnasse com ar indiferente. Mas é bom a gente trazer sempre consigo um alfinete.

Gavroche insistiu:

—O que é o que vaes fazer esta noite?

Montparnasse tornou a tomar o seu tom grave e disse comendo as syllabas.

—Certas cousas

E mudando subitamente de conversação:

—A proposito!

—O que temos?

—Um caso que me aconteceu ha dias. Ora vê. Encontro-me com um burguez. O bom do homem faz-me presente da sua bolsa e de um sermão. Guardo o mimo no bolso. Dahi a um minuto procuro-o. Não havia mais nada no bolso.

—Senão o sermão, tornou Gavroche.

—Mas tu, continuou Montparnasse, onde vaes agora?

Gavroche mostrou os seus dous protegidos, e disse:

—Vou deitar estas creanças.

—Deitar, onde?

—Em minha casa.

—Em tua casa?

—Em minha casa.

—Pois tu tens agora casa?

—Tenho, sim.

—E onde é?

—No elephante, disse Gavroche.

Montparnasse, bem que naturalmente pouco susceptivel de admirar-se, não pôde reter uma exclamação:

—No elephante?

—Então? sim, no elephante, tornou Gavroche. O que tem?

A observação profunda do gaiato fez com que Montparnasse reassumissem a calma e o bom senso. Até pareceu modificar o seu modo de pensar relativamente ao domicilio de Gavroche.

—Ah! é verdade! disse elle, bem sei, o elephante! Mas é commodo aquillo?

—Perfeitamente, tornou Gavroche. Ahi está a gente a seu gosto, bem coberto, bem agasalhado. Não é como debaixo das pontes, onde ha sempre vento encanado.

—E como é que entras?

—Entrando.

—Então ha algum rombo?

—Está visto! Mas não é bom dizer-lo. Fica entre as pernas de deante. *Os abelhudos* ainda não o descobriram.

—E é por esse rombo que entras! Sim, comprehendendo.

—E' n'um instante, cric, crac, estou encerrado, sem que ninguem de tal desconfie.

Após breve silencio, Gavroche accrescentou:

—Para estes pequenos terci de procurar hoje uma escada.

Montparnasse poz-se a rir:

—Onde diabo foste buscar estes fedelhos?

Gavroche respondeu com simplicidade:

—São uns bolas de que me fez presente um barbeiro.

Entretanto Montparnasse tornára-se pensativo.

—Reconheceste-me muito facilmente, murmurou elle.

Tirou do bolso dous objectozinhos, que não eram outra cousa senão dous canudos de penna envolvidos em algodão, e metten um em cada venta. Ficou com outro nariz.

—Assim ficas mudado, disse Gavroche, e muito mais bonito; devias andar sempre com isso!

Montparnasse era um bonito rapaz, mas Gavroche gostava de gracejar.

—Seriamente, perguntou elle, como me achas?

A voz tambem ficára mudada. Em um apice, Montparnasse disfarçára-se completamente.

—Oh! representa um bocadinho de Polichenello? exclamou Gavroche.

Os dous pequenos, que até alli não haviam escutado, por estarem ambos entretidos em esgaravatar o nariz com o dedo, approximaram-se assim que ouvi-

ram aquelle nome e olharam para Montparnasse com um principio de alegria e de admiração.

Infelizmente Montparnasse estava preocupado.

Poz a mão no hombro de Gavroche e disse-lhe carregando nas palavras:

—Escuta o que te digo, pequeno: se eu estivesse no meio da praça, com o meu dogue, a minha daga, e a minha diga (*), e vocês me prodigalisassem dignamente dez guinéos, não digo que não, mas não estamos no dogma do entrudo.

Estas palavras estranhas produziram no gaiato um effeito singular. Voltou-se vivamente, volveu em torno de si com attenção profunda os seus olhinhos brilhantes, e avistou, a alguns passos de distancia, um agente de policia que lhes dava as costas. Gavroche quasi soltou um: «Ah! bem!» mas reprimiu-o para logo, e, apertando a mão de Montparnasse:

—Então, boa noite, disse, vou para o meu elephante com os pequenos. Se por ventura precisares de mim a qualquer hora da noite, procura-me lá. Moro na sobreloja. Não ha porteiro. Perguntarás pelo senr. Gavroche.

—Está bem, disse Montparnasse.

E separaram-se, Montparnasse tomando para o lado da Grève e Gavroche para o da Bastilha. O pequeno de cinco annos, arrastado por seu irmão, que era arrastado por Gavroche, voltou diversas vezes a cabeça para ver Polichinello afastar-se.

A phrase amphigurica com que Montparnasse avisára Gavroche da presença do agente da policia não continha outro talisman além da assonancia *dig* repetida cinco ou seis vezes sob fórmias variadas. Esta syllaba *dig*, não pronunciada isoladamente, mas unida artisticamente ás palavras de uma phrase, quer dizer:

«Cuidado, não podemos fallar livremente.»

Ha cerca de vinte annos via-se ainda no angulo sueste da praça da Bastilha, perto da caldeira do canal aberto no antigo fosso da prisão-cidadella, um monumento estranho, de que já se não lembram os parizien-

(*) Amiga.

ses, e que merecia não ser tam completamente esquecido, porquanto era um pensamento do *membro do instituto, general em cheffe do exercito do Egypto*.

Diremos monumento, bem que não fosse senão um esboço. Mas esse esboço mesmo, arcabouço prodigioso, cadaver estupendo de uma idéa de Napoleão, que dous ou tres tufões successivos haviam arrebatado e lançado cada vez mais longe de nós, tornara-se historico, e assumira o que quer que fosse definitivo que contrastava com o seu aspecto provisorio. Era um elephante de quarenta pés de altura, construido de madeira e alvenaria, com uma torre ás costas que parecia uma casa, pintado outr'ora de verde por qualquer obreiro, agora pintado de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Naquelle angulo deserto e descoberto da praça, a larga fronte do colosso, a tromba, as defesas, a torre, a anca enorme, as quatro pernas semelhantes a columnas, apresentavam de noite, sobre o céu estrellado que lhe servia de fundo, um vulto assombroso e terrivel. Não se sabia o que significava aquillo. Era uma especie de symbolo da força popular. Era sombrio, enigmatico e immenso. Era como que um pujante fantasma visivel que estava ao lado do espectro invisivel da Bastilha.

Poucos estrangeiros vizitavam esta fabrica; nenhum viandante para ella olhava. Arruinava-se; cada estação lhe arrancava do costado pedaços de calça, do que resultava formarem-se como que chagas hediondas. *Os edis*, como se diz em algaravia elegante, haviam-n'a esquecido desde 1814. Alli estava no seu canto, tristonha, doente, cercada de uma grade apodrecida, e suja a cada instante por cocheiros ebrios; tinha o ventre todo cheio de rachas, uma ripa sahia-lhe da cauda, a herva crescia-lhe por entre as pernas; e, como havia trinta annos que o nivel da praça se elevava em torno por esse movimento lento e continuo que altêa insensivelmente o solo das grandes cidades, achava-se ella em uma cova, e parecia que a terra se abria debaixo do seu peso. Era immunda, despresada, asquerosa e soberba, hedionda aos olhos dos burguezes, melancolica aos olhos do pensador. Tinha o que quer que fosse de uma immundicie que vae ser varrida e de uma magestade que vae ser decapitada.

Como já dissemos, de noite o aspecto mudava. A noite é o verdadeiro centro de tudo quanto é sombra. Assim que cahia o crepusculo o velho elephante se transfigurava; assumia uma figura tranquilla e temerosa na formidavel serenidade das trevas. Sendo do passado, era da noite; e a escuridão convinha á sua grandeza.

Este monumento, tosco, enorme, pesado, rude, austero, quasi disforme, mas por sem duvida magestoso e cheio de uma especie de gravidade magnifica e selvatica, desappareceu para deixar reinar a especie de fogão gigantesco, ornado do seu canudo, que substituiu a torre-fortaleza de nove torres, pouco mais ou menos como a burguezia substituiu a feudalidade. E' natural que um fogão seja o symbolo de uma época cujo poder se resume em uma caldeira. Esta época passará, já vae passando; começa-se a comprehender que, se pôde haver força n'uma caldeira, só n'um cerebro pôde haver pujança; por outros termos, que o que rege e arrasta o mundo não são as locomotivas, são as idéas. Jungi as locomotivas ás idéas, ainda bem; mas não tomeis o cavallo pelo cavalleiro.

Como quer que seja, tornando á praça da Bastilha, o architecto do elephante conseguira fazer com cal uma cousa grandiosa; o architecto do canudo do fogão não conseguiu fazer com bronze senão uma cousa mesquinha.

Este canudo de fogão, que baptizaram com um nome sonoro e chamaram a columna de Julho, este monumento imperfeito de uma revolução abortada, estava ainda coberto em 1832 com uma immensa camisa de madeira, de que nos lembramos com saudade, e cercado por um vasto taboado, que acabava de isolar o elephante.

Foi para aquelle canto da praça, frouxamente allumiado pela luz de lampeão afastado, que o gaiato conduziu os dous *fedelhos*.

Permitta o leitor que nos interrompamos aqui e lhe recordemos que estamos na simples realidade: ha cerca de vinte annos os tribunaes correcionaes tiveram de julgar, por delicto de vagabundagem e estrago de um monumento publico, um menino que fôra encontrado dormindo mesmo dentro do bojo do elephante

da praça da Bastilha. Consignado este facto, continuamos.

Chegados junto do colosso, Gavroche comprehendeu o effeito que o infinitamente grande pôde produzir no infinitamente pequeno, e disse:

—Não tenham medo, pequenos!

Depois entrou por uma abertura da grade para o recinto do elephante, e ajudou os meninos a transporem a brecha. Os dous pequenos, um tanto assustados, seguiam Gavroche sem dizer palavra e entregavam-se áquella providenciuzinha andrajosa que lhes dera pão e lhes promettia um pouso.

Havia alli, deitada ao longo da grade, uma escada de que se serviam de dia os obreiros do monumento visinho. Gavroche, levantando-a com uma força singular, encostou-a a uma das pernas dianteiras do elephante. No ponto em que tocava a extremidade superior da escada distinguia-se uma especie de rombo escuro no ventre do colosso.

Gavroche mostrou aos seus hospedes a escada e o rombo, e disse-lhes:

—Subam e entrem.

Os dous pequenos olharam um para o outro terrificados.

—Pois vocês teem medo, pedaços de tolo! exclamou Gavroche.

E accrescentou:

—Olhem, reparem como eu faço.

Agarrou-se á perna rugosa do elephante, e em um apice, despresando o auxilio da escada, chegou á abertura. Entrou por ella como uma cobra que se mette em um buraco, desapareceu, e pouco depois os dous meninos divisaram vagamente, como uma fórma esbranquiçada, a sua cara pallida no meio da abertura rodeada de trevas.

—Então! gritou elle, subam, fedelhos! venham ver como isto aqui é bom! Sobe tu primeiro! disse para o mais velho, eu dou-te a mão.

Os meninos empurraram-se um ao outro, o gaiato mettia-lhes medo e tranquillisava-os ao mesmo tempo, e demais a chuva era fortissima. O mais velho aventurou-se. O pequenino, vendo seu irmão subir e achando-se sozinho debaixo do ventre daquelle im-

menso bicho, bem vontade tinha de chorar, mas não ousava.

O mais velho subia vacillante os degraus da escada. Gavroche no entanto acoroçoava-o com exclamações de mestre de esgrima a seus discipulos ou de almoceve a suas mulas:

—Animo!

—Assim mesmo!

—Não afrouxes!

—Põe o pé alli!

—A mão aqui!

—Firme!

E quando elle chegou ao alto da escada agarrou-o de repente e com toda a força pelo braço, e puxou-o para dentro.

—Prompto! disse o gaiato. Agora espera-me aqui. V. S. queira ter a bondade de sentar-se.

E, sahindo pela abertura do mesmo modo por que entrara, escorregou com a agilidade de um *whistiti* pela perna do elephante abaixo, cahiu em pé sobre a relva, agarrou no pequeno de cinco annos e pô-lo no meio da escada, depois entrou a subir atrás d'elle, gritando para o mais velho:

—Eu vou empurra-lo, tu o puxarás.

Em um instante o menino foi empurrado, arrastado, guindado, mettido pela abertura dentro, antes que tivesse tido tempo de respirar, e Gavroche, entrando atrás d'elle, dando um pontapé na escada, que cahiu em cima da relva, poz-se a bater palmas, e exclamou:

—Ora aqui estamos todos! Viva o general Lafayette!

Acalmada esta explosão, accrescentou:

—Tarecos, vocês estão em minha casa.

Gavroche estava comesseito em sua casa.

O' utilidade inesperada do inutil! caridade das cousas grandes! bondade dos gigantes!

Aquelle monumento desmarcado, que contivera um pensamento do imperador, tornara-se o escondrijo de um gaiato. O fedelho fôra acolhido e abrigado pelo colosso. Os burguezes que passavam, em trajos domingueiros, pela praça da Bastilha, costumavam dizer, fitando com ar de desprezo os olhos esbugalhados no elephan-

te: «Para que serve aquillo?» Aquillo servia para salvar do frio, da geada, da saraiva, da chuva, para abrigar do vento de inverno, para preservar do somno na lama que causa febre, e do somno na neve que é mortal, um entezinho sem pae nem mãe, sem pão, sem roupa, sem asylo. Aquillo servia para soccorrer o innocente que a sociedade repellia. Aquillo servia para attenuar a falta publica. Era um covil patente áquelle que encontrava todas as portas fechadas. Parecia que o velho mastodonte miseravel, invadido pelos insectos e pelo olvido, coberto de verrugas, cheio de bolor e de ulceras, vacillante, carunchoso, abandonado, condemnado, especie demendigo colossal pedindo em vão a esmola de um olhar benevolo no meio da praça, se compadecêra daquelle outro mendigo, do pobre pygmeu, que andava descalço, sem um tecto por cima da cabeça, assoprando os dedos, vestido de andrajos, comendo o que achava no muladar. Eis para que servia o elephante da Bastilha. Esta idéa de Napoleão desdenhada pelos homens, fôra aproveitada por Deus. O que houvera sido simplesmente illustre tornára-se augusto. Para realizar o que meditava, o imperador careceria de propheto, de bronze, de ferro, de ouro, de marmore; para Deus bastava aquelle acervo de taboas, de traves e de cal. O imperador tivera um sonho de genio; naquelle elephante titanico, armado, prodigioso erguendo a tromba, carregando com a sua torre, e fazendo rebentar por todos os lados, em torno de si, ledos e vivicantes jorros d'agua, quizera elle encarnar o povo; Deus dera-lhe mais alto destino, nelle abrigava uma creança.

A abertura por onde Gavroche entrára mal se distinguia do lado de fóra, porquanto, como já dissemos, ficava debaixo do ventre do elephante, e era tam estreita que só gatos e gaiatos poderiam transpo-la.

—Primeiro que tudo, disse Gavroche, recomendemos ao porteiro que se alguém nos procurar responda que não estamos em casa.

E, andando no escuro com a segurança de quem está habituado ao seu aposento, pegou em uma taboa e com ella tapou a abertura.

A escuridão redobrou. Os meninos ouviram o crepitar de um palito mergulhado no vidrinho phospho-

rico. Os phosphoros ainda não existiam: os palitos de Fumade representavam naquella época o progresso.

Subita claridade fê-los fechar os olhos; Gavroche acabava de acender um rôlo de resina. O rôlo, que dava menos luz do que fumaça, tornava confusamente vizível o interior do elephante.

Os dous hospedes de Gavroche olhâram em torno de si e sentiram a impressão que experimentaria quem se visse mettido dentro do enorme tonel de Heidelberg, ou antes a que devêra ter experimentado Jonas quando se achou no ventre biblico da balôa. Viram um esqueleto immenso em torno de si. Em cima, uma comprida trave escura, donde se estendiam de distancia em distancia massicças peças encurvadas. Figurava a columna vertebral com as costellas, stalactites de cal alli pendiam como visceras, e de um lado a outro estendiam-se enormes téas de aranhas, semelhante diaphragmas empoeirados. Aqui e acolá viam-se nos cantos grandes manchas pretas, que pareciam animadas e mudavam rapidamente de lugar com movimentos subitos como que assustadas.

A calça cahida do costado do elephante enchêra-lhe a concavidade do ventre, de modo que se podia andar dentro d'elle como em um recinto assoalhado.

O mais pequenino dos dous rapazes coseu-se com o irmão, e disse em voz baixa:

—Está tam escuro!

A estas palavras Gavroche empertigou-se.

O ar petrificado dos dous pecurruchos tornava necessario um abalo.

—O que estão vocês ahi a resmungar? bradou elle. Querem brincar comigo? fazem-se de alfenins? Pelo que vejo, só se achariam a seu gosto nas Tulherias! Serão vocês uns brutos? Respondam? Pois olhem, fiquem sabendo que eu cá não sou do regimento dos basbaques. Irra! dar-se-ha caso que vocês sejam fedelhos da fedelhada do papa?

Uma certa desabridez é boa no meio do medo. Tranquillisa. Os dous meninos chegaram-se para Gavroche.

O gaiato, paternalmente commovido com esta confiança ameigou o tom, e, dirigindo-se ao mais novo:

—Besinha, disse-lhe com uma voz que mudava a injuria em caricia, lá fóra é que está escuro. Lá fóra chove, aqui não; lá fóra faz frio, aqui não ha se quer uma migalha de vento; lá fóra ha um bando de gente, aqui não ha ninguem; lá fóra nem ao menos se vê a lua, e aqui temos a minha vela, com a breca!

Os dous meninos começaram a olhar em torno do aposento com ar mais tranquillo; mas Gavroche não lhes deu tempo de contempla-lo bem a gosto.

—Toca a dormir, disse elle.

E empurrou-os para o que, ainda em bem, podemos chamar o fundo do seu quarto.

Alli estava a cama.

A cama de Gavroche era completa. Isto é, tinha um colchão, um cobertor e uma alcova com cortinados.

O colchão era uma esteira de palha, o cobertor uma grande manta de grossa lan cinzenta, mui quente e quasi nova. Eis aqui o que era a alcova:

Tres estacas bastante compridas, fincadas e consolidadas na calça do chão, isto é, do ventre do elephante, duas na frente, uma atrás, e presas ao seu vertice por meio de uma corda, formando um feixe pyramidal. Este feixe sustentava uma rêde de arame, que, artisticamente applicada e atada ás tres estacas com fios de ferro, fechava inteiramente o recinto por ella abrangido. Um cordão de grandes pedras prendia ao chão a rêde em todo o contorno, de modo que nada podia passar. Esta rêde não era outra coisa mais do que um pedaço dessas malhas de arame com que se revestem as gaiolas dos passaros nos pateos dos bichos; de sorte que o lugar onde Gavroche dormia parecia-se propriamente com uma gaiola. O todo semelhava uma tenda d'esquimão.

Era esta rede que servia de cortinado.

Gavroche tirou algumas pedras que a prendiam na frente, e os dous pannos da rede que estavam sobrepostos entreabriram-se.

—De gatinhas, tarécos! disse elle.

Fez entrar com precaução os seus hospedes para a gaiola, depois entrou atrás delles de rastos, tornou a pôr as pedras no seu lugar e fechou hermeticamente a abertura.

Todos tres estavam estendidos em cima da esteira.

Não obstante serem tam pequenos, nenhum delles houvera podido estar em pé dentro da alcova. Gavroche conservava o rôlo na mão.

—Agora, disse elle, toca a dormir! Vou supprimir o candelabro.

—Senhor, perguntou o mais velho dos dous irmãos a Gravoche, apontando para a rede de arame, o que vem a ser isto?

—Isto, disse gravemente Gavroche, é por causa dos ratos. Durmain.

Todavia julgou-se obrigado a accrescentar algumas palavras para instrucção daquellas creancinhas, e continuou:

—São cousas do Jardim das Plantas. Isto serve para os animaes ferozes. Ha lá um armazem cheio destas cousas. A gente só tem que saltar um muro, subir por uma janella e entrar por baixo de uma porta. Depois é tirar quanto queira.

Assim fallando, cobria com uma das pontas da manta o pequenino, que murmurou:

—Oh! como é bom! como está quente!

Gavroche fitou um olhar satisfeito no cobertor.

—Tambem é do Jardim das Plantas, disse. Bifei isto aos macacos.

E, mostrando ao mais velho a esteira em que estava deitado, esteira mui encorpada e admiravelmente trabalhada, accrescentou:

—Isto era da girafa.

Depois de breve pausa proseguiu:

—Os bichos tinham todas estas cousas. Bifei-lhas. Não se zangaram. Eu disse-lhes: «É para o elephante.»

Tornou a calar-se um instante e continuou:

—A gente salta os muros e manda o governo bugiar. Ora ahi está.

Os dous meninos consideravam com uma especie de respeito timido e estupefacto aquelle ente intrepido e inventor, vagabundo como elles, isolado como elles, pequeno como elles, que tinha o que quer que fosse admiravel e onnipotente, que lhes parecia sobrenatural, e cuja physionomia se compunha de todos os esgares de um velho saltimbanco unido ao mais ingenuo e attractivo sorriso.

—Então o senhor não tem medo dos beleguins? perguntou o mais velho.

Gavroche limitou-se a responder:

—Toleirão! não se diz beleguins, diz-se filantes.

O pequenino tinha os olhos abertos, mas guardava silencio. Como estava na beira da esteira, ficando o irmão no meio, poz-lhe o cobertor por baixo do corpo, como houvera feito uma mãe, e alteiou-lhe a esteira do lado da cabeça com uns trapos, formando assim um travesseiro. Depois voltou-se para o mais velho:

—E então! não estamos bem aqui?

—Ah! sim, estamos! respondeu o menino com um ar de anjo salvo.

As duas pobres creancinhas, com o fato todo molhado, começavam a aquecer-se.

—Ora digam-me, continuou Gavroche, porque é que vocês choravam?

E apontando para o mais novo:

—Que uma coisinha como este chore, vá, mas um taludo como você pôr-se a chorar, é horrivel; quando a gente chora fica com cara de carranca de chafariz.

—Ora, tornou o menino, se nós não tínhamos um pouso onde dormissemos!

—Pateta! replicou Gavroche, não se diz um pouso, diz-se um buraco.

—E depois, estávamos com medo de andar sozinhos de noite.

—Não se diz noite, diz-se cega.

—Obrigado, senhor, murmurou o menino.

—Escuta, continuou Gavroche, daqui por diante não me chora mais á tóa. Eu tomarei cuidado de você. Heide mostrar-lhe como a gente se diverte. No verão, iremos á Glaciére, com Navet, um dos meus camaradas, tomaremos banho na caldeira, correremos nus em pello por cima das jangadas defronte da ponte de Austerlitz, com grande raiva das lavadeiras. Ellas gritam, praguejam, se soubesse como são divertidas! Iremos ver o homem esqueleto, nos Campos Elyseos. E um homem vivo, magro como a propria magreza. E depois hei de levar-te ao espectáculo: veremos Frederick Lemaitre. Eu tenho sempre bi-

lhetes, conheço muitos comicos, até uma vez representei em certa peça. Eramos não sei quantos rapazinhos do meu tamanho, corriamos por baixo de um panno, fingiamos o mar. Hei de fazer com que sejas escripturado no meu theatro. Iremos ver os selvagens. Não são selvagens verdadeiros. Vestem um não sei como diga de meia côr de rosa, que nem ao menos fica justo e faz pregas, e a gente vê-lhes os cotovellos cerzidos com linha branca. Depois iremos á Opera. Entraremos com os homens da *claque*. A *claque* da Opera é muito bem composta. Por cousa nenhuma deste mundo passeiaria eu com a *claque* nos *boulevards*. Na Opera, é bom que o saibas, ha sujeitos que pagam vinte soldos; mas são uns bobos. Nós os chamamos *esfregões*. E tambem iremos ver guilhotinar. Hei de mostrar-te o algoz. Mora na rua dos Brejos. O senr. Samsão. Tem na porta uma caixinha para receber cartas. Ah! a gente diverte-se a mais não poder.

Neste momento uma gotta de resina cahiu no dedo de Gavroche e chamou-o ás realidades da vida.

—Xopra! disse elle, está se consummindo o meu rôlo! Attenção! não posso gastar com luz mais de um soldo por mez. Quando a gente deita-se é para dormir. Não temos tempo de ler romances do senr. Paulo de Kock. Demais, a luz pôde passar pelas frestas do portão, e arriscarmo-nos a ser descobertos pelos filantes.

—E tambem, observou timidamente o mais velho, que era o unico que ousava conversar com Gavroche e replicar-lhe, pôde cahir algum morrão em cima da palha, e queimar-se a casa.

—Não se diz queimar-se a casa, tornou Gavroche, diz-se chamuscar-se a carangueijola.

A tempestade redobrava. Ouvia-se, por entre o estrondo dos trovões, a bulha da chuva cahindo em jorros sobre o dorso do colosso.

—Don-te figas, ó chuva! disse Gavroche. Com que gosto ouço correr a agua pelas pernas da casa abaixo! O inverno é um estúpido; perde a fazenda, perde o trabalho, não pôde molhar-nos, e é por isso que o velho aguadeiro está a ralar.

Esta allusão ao trovão, cujas consequencias Gavro-

che, na sua qualidade de philosopho do seculo XIX, aceitava implicita e explicitamente, foi seguida de um grande relampago, tam vivo que alguma cousa delle entrou pela abertura no ventre do elephante. Quasi ao mesmo tempo ribombou o trovão, e com pavoroso estampido. Os dous pequenos soltáram um grito, e levantáram tam arrebatadamente o corpo que quasi desmancháram a alcova; mas Gavroche voltou para elles o rosto impavido e aproveitou-se do estrondo do trovão para rir-se ás gargalhadas.

—Soceguem, meus filhos. Não me desmanchem o edificio. Que bello trovão! ora graças! O relampago foi obra de mestre! Viva Deus! com a breca! é quasi tam bem feito como no Ambigu.

Assim fallando, endireitou a rêde de arame, fez os dous pequenos deitarem-se estendendo bem as pernas por baixo do cobertor, e exclamou:

—Já que Deus acênde a sua vela, posso apagar a minha. Meus filhos, tratemos de dormir. É máu passar a gente sem dormir. Fica-se com máu cheiro na bocca. Embruihem-se bem! eu vou apagar a luz. Estão promptos?

—Prompto, murmurou o mais velho, acho bem boa a cama. Parece que tenho a cabeça em cima de um travesseiro de pennas.

—Não se diz a cabeça, gritou Gavroche, diz-se a bola.

Os dous meninos coseram-se um com o outro. Gavroche acabou de accommoda-los na cama, e puxou-lhes o cobertor até ás orelhas, e depois repetiu pela terceira vez a ordem:

—Durmam!

E apagou o rôlo.

Apenas se achou a caverna ás escuras, um tremor singular começou a abalar a rêde debaixo da qual dormiam os tres meninos. Ouvia-se em toda a rêde um roçar surdo que dava um som metallico, como se unhas e dentes rangessem no arame. Ao mesmo tempo soavam gritozinhos agudos.

O mais pequenino dos tres rapazes, ouvindo aquella bulha por cima da sua cabeça e gelado de susto, deu com o cotovello no irmão; mas este já dormia, obedecendo á ordem de Gavroche. Então o pequeno,

que se sentia cada vez mais espavorido, ousou interpellar Gavroche, porém baixinho, e retendo a respiração.

—Senhor?

—Hein? murmurou o gaiato, que acabava de cerrar as palpebras.

—Que bulha é esta?

—São os arganazes, respondeu Gavroche.

E tornou a deitar a cabeça na esteira.

Comeffeito, os ratos, que pullullavam aos milhares dentro do bojo do elephante, e que eram essas manchas pretas animadas de que já fallamos, tinham-se conservado em distancia enquanto houvera luz, mas assim que esta cessára de aclarar a caverna, que era como a sua cidade, sentindo alli o que o bom narrador Perrault chama *carne fresca*, lançaram-se em chusmas á tenda de Gavroche, subiram até o alto, e mordiam-lhe as malhas, como se buscassem arrombar aquella gaiola de nova especie.

Entretanto o pequeno não dormia.

—Senhor? tornou elle.

—O que temos? disse Gavroche.

—O que vem a ser um arganaz?

—É um rato.

Esta explicação tranquillizou um pouco o menino. Elle já tinha visto ratos brancos, e não lhe haviam causado medo. Não obstante, tornou a levantar a voz:

—Senhor?

—Hein? disse Gravoche.

—Porque é que vm. não tem aqui um gato?

—Já tive, respondeu Gavroche; mas elles comeram-m'o.

Esta explicação destruiu o effeito da primeira, e o pequeno recommçou a tremer. O dialogo entre elle e Gavroche reatou-se pela quarta vez.

—Senhor?

—Que temos?

—Quem é que foi o comido?

—O gato.

—Quem foi que comeu o gato?

—Os arganazes.

—Os ratos?

—Sim, os ratos.

O menino, horrorisado daquelles ratos, que comiam gatos, proseguiu :

—Elles nos comeriam tambem, senhor?

—Está bem visto ! tornou Gavroche.

O terror do menino tocava ao seu auge. Mas Gavroche accrescentou:

—Socega! elles não podem entrar. Demais eu aqui estou! Olha, pega na minha mão. Cala-te, e dorme!

Gavroche estendeu o braço por cima do mais velho e deu a mão ao menino. Apertou a este e sentiu-se tranquillizado. A coragem e a força têm destas communicações mysteriosas. Tornava a reinar silencio em torno da tenda, a bulha das vozes assustára e afugentára os ratos; dahi a alguns minutos voltáram, e, apesar do grande rumor que fizeram, os tres meninos, sepultados no somno, nada ouviram.

Passaram-se as horas da noite. A immensa praça da Bastilha estava immersa nas trevas, rajadas de frio vento do inverno juntavam-se á chuva, as patrulhas esquadrihavam as portas, os passadiços, os cercados, os cantos escuros, e, buscando vagabundos nocturnos, passavam silenciosamente por defronte do elephante; o monstro, em pé, immovel, com os olhos abertos na escuridão, parecia meditar, como que satisfeito da sua boa acção, e abrigava do ceu e dos homens as tres pobres creanças adormecidas.

Para que o leitor comprehenda o que vae seguir-se deve lembrar-se que naquella época o corpo de guarda da Bastilha ficava do outro lado da praça, e que o que se passava junto do elephante não podia ser visto nem ouvido pela sentinella.

Poucos momentos antes do romper do dia, um homem desembocou da rua de Sancto Antonio ás carreiras, atravessou a praça, contorneou o vasto recintheo da columna de Julho, e, entrando pela grade, parou debaixo do ventre do elephante. Se uma luz qualquer allumiasse este homem, ao ver-lhe a roupa toda ensopada ter-se-hia adivinhado que elle passára a noite exposto á chuva. Quando se achou debaixo do colosso soltou um grito estranho, que não pertence a nem uma lingua humana e que só um papagaio poderia

imitar. Repetiu duas vezes esse grito, de que a orthographia que aqui damos apenas pôde offerecer uma idéa incompleta:

—Kirikikiú!

Ao segundo grito, uma voz clara, alegre e juvenil respondeu de dentro do elephante:

—Sim!

Quasi immediatamente a taboa que tapava a abertura afastou-se e deu passagem a um menino, que es-corregou pela perna do elephante abaixo e veio presto cahir junto do homem. Era Gavroche. O homem era Montparnasse.

Quanto ao grito *kirikikiú*, significava sem duvida o que o gaiato recommendára quando dissera: «*Procurarás o senhor Gavroche.*»

Ao ouvi-lo despertára sobresaltado, sahira de rastos de sua *alcova*, levantando um pouco a rêde de arame, que tornára a fechar com todo o cuidado, depois abri-ra o alçapão e descera.

O homem e o menino reconheceram-se silenciosamente no escuro: Montparnasse limitou-se a dizer:

—Carecemos de ti: vem ajudar-nos.

O gaiato não exigiu mais amplas explicações.

—Aqui estou, respondeu.

E ambos dirigiram-se para a rua de Sancto Antonio, donde sahira Montparnasse, caminhando rapidamente ao longo da comprida fila de carroças de hortelões que áquella hora descem para o mercado.

Os hortelões, agachados dentro das suas carroças no meio de hortaliças e legumes, meio adormecidos, embuçados até os olhos nas suas capas enceradas por causa da chuva, que cahia como settas, nem sequer olhavam para aquelles estranhos viandantes.

III

AS PERIPECIAS DA EVASÃO.

Eis o que naquella mesma noite se passára na Force: Uma evasão havia sido tramada entre Babet, Brujon, Gueulemer e Thénardier, embora Thénardier estivesse incommunicavel. Babet consummára o plano por sua propria conta, naquelle mesmo dia, conforme o leitor já viu pela conversa de Montparnasse com Gavroche. Montparnasse devia ajuda-los de fóra.

Brujon, tendo passado um mez em uma cella de castigo, tivera tempo, primeiro, de tecer uma corda, segundo, de ruminar um plano. Outr'ora estes lugares medonhos, onde a disciplina da prisão entrega o condemnado a si mesmo, compunham-se de quatro paredes de pedra, de um tecto de pedra, de um pavimento lageado, de uma cama de lona, de uma trapeira com grades, de uma porta chapeada de ferro, e chamavam-se *carceres*; mas o carcere foi julgado demasiadamente horrivel; agora compõe-se de uma porta de ferro, de uma trapeira com grades, de uma cama de lona, de um pavimento lageado, de um tec-

to de pedra, de quatro paredes de pedra, e se chama cella de castigo. Ao meio-dia ha alli alguma luz. O inconveniente destas cellas, que, como se vê, não são carceres, é deixar meditar entes a que cumpria obrigar a trabalhar.

Brujon pois havia meditado, e sabira da cella de castigo com uma corda. Como o reputavam perigosissimo no pateo de Carlos Magno, passaram-n'o para o Edificio-Novo. A primeira cousa, que elle alli encontrou, foi Gueulemer, a segunda foi um prego; Gueulemer. isto é, o crime, um prego, isto é, a liberdade.

Brujon, a cujo respeito já é tempo do leitor formar uma idéa completa, era, com uma apparencia de constituição debil e uma languidez profundamente premeditada, um tractante polido, intelligente e ladrão, que tinha o olhar meigo e o sorriso atroz. O olhar provinha da sua vontade e o sorriso da sua natureza. Os seus primeiros estudos na arte tinham tido por objecto os telhados; dera elle um grande impulso á industria dos arrancadores de chumbo, que despojam os telhados e arrancam as gotteiras.

Uma circumstancia tornava a oportunidade favoravel para uma tentativa de evasão; justamente naquella occasião andavam os telhadores concertando parte das ardosias da prisão. O pateo de San'Bernardo já não estava completamente isolado do de Carlos Magno e do de San'Luiz. Havia naquellas alturas andaimes e escadas; por outros termos, pontes e sahidas para o lado da liberdade.

O Edificio-Novo, que era o que havia de mais rachado e mais decrepito no mundo, era o ponto fraco da prisão. As paredes achiavam-se a tal ponto corroidas pelo salitre que se tornou necessario revestir de madeira as abobadas dos dormitorios, porque dellas se desprendiam pedras, que cahiam em cima dos presos deitados nas suas camas. A despeito desta vetustez, commettiam a imprudencia de encarcerar no Edificio-Novo os réus mais temiveis, *os processos importantes*, como se diz na linguagem das prisões.

O Edificio-Novo continha quatro dormitorios superpostos e um forro, a que chamavam o Bello-Ar. Um grande cano de chaminé, provavelmente de alguma

antiga cozinha dos duques da Force, subia do pavimento terreo, atravessava os quatro andares, dividia em duas partes todos os dormitorios, onde tinha o aspecto de um pilar chato, e sahia pelo tecto.

Gueulemer e Brujon estavam no mesmo dormitorio. Tinham tido a precausão de pô-los no andar de baixo. Por acaso as cabeceiras das suas camas ficavam encostadas ao cano da chaminé.

Thénardier achava-se justamente por cima do lugar onde elles dormiam, no fôrro chamado Bello-Ar.

O viandante que pára na rua Culture-Sainte-Catherine, adeante do quartel dos bombeiros, defronte do portão da casa dos Banhos, vê um pateo cheio de flôres e de arbustos em caixas, em cujo fundo se estende, com duas alas, uma rotundasinha branca de janellas verdes, o sonho bucolico de João Jacques. Por cima desta rotunda erguia-se, não ha mais de dez annos, um muro negro, altissimo, horrivel, inteirico, a que ficava ella encostada. Era o muro do pateo da Force.

Este muro atrás daquella rotunda era Milton lóbrigo por detrás de Berquin.

Apezar de ser tam alto, era elle dominado por um telhado ainda mais negro, que se avistava do outro lado. Era do Edificio-Novo. Neste telhado havia quatro trapeiras com grades de ferro; eram as janellas do Bello-Ar. Via-se tambem uma chaminé; era a que atravessava os dormitorios.

O Bello-Ar, o forro do Edificio-Novo, era uma especie de galeria grande, fechada com triplices grades e portas forradas de chapas de lata cravejadas com pregos enormes. Quando alli se entrava pela extremidade norte, as quatro trapeiras ficavam á esquerda e á direita, e defronte de cada uma dellas quatro gaiolas quadradas bastante espaçosas, separadas uma das outras por corredores estreitos, e todas quatro construidas até metade da altura de pedra e cal e dahi até ao tecto fechadas com varões de ferro.

Thénardier estava incommunicavel em uma destas gaiolas desde a noite de 3 de fevereiro. Nunca se pôde descobrir como, e porque connivencia, conseguira elle obter e esconder alli uma garrafa desse vinho inventado, ao que dizem, por Desrues, ao qual

se mistura um narcotico, e que a quadrilha dos *Ador-meceadores* tornou celebre.

Ha em muitas prisões empregados traidores; conjunctamente carcereiros e ladrões, que ajudam as evasões, que vendem á policia uma domesticidade infiel, e que assim *comem a dous carrilhos*.

Na mesma noite pois em que Gavroche recolhera os dous meninos perdidos, Brujon e Gueulemer, que sabiam que Babet, fugido naquella mesma manhã, os esperava na rua em companhia de Montparnasse, levantaram-se devagarinho e puzeram-se a arrombar com o prego que Brujon achára o cano da chaminé que ficava junto das suas camas. Os pedaços de calça cahiam em cima da cama de Brujon, de modo que não faziam bulha. Os aguaceiros acompanhados de trovões abalavam as portas nos seus gonzos e produziam na prisão um estrepito pavoroso e util. Os presos que acordaram fingiram tornar a pegar no somno, e deixaram Brujon e Gueulemer continuar o seu trabalho. Antes que o vigia que estava deitado na cella, cuja grade dava para o dormitorio, houvesse percebido o menor rumor, o rombo achava-se feito, a chaminé escalada, a grade de ferro que fechava o orificio superior do cano aberto, e os dous temiveis malfeitores em cima do telhado. A chuva e o vento redobravam, o telhado escorregava.

—Que bella cega para uma pira! (1) disse Brujon.

Um abysmo de seis pés de largura e vinte de profundidade os separava do muro do pateo. No fundo deste abysmo viam scintillar na escuridão o cano da espingarda da sentinella. Atáram nos varões da grade da chaminé, que acabavam de torcer, uma ponta da corda que Brujon tecêra no carcere, lançaram a outra ponta por cima do muro, salváram de um salto o abysmo, agarráram-se ao paredão, cavalgáram-n'o, deixáram-se escorregar um após outro pela corda abaixo até um telhadozinho contiguo á casa dos Banhos, puxáram a corda, saltáram para o pateo dos Banhos, atravessáram-n'o, empurráram a janellinha do porteiro, junto da qual pendia o cordão, puxáram este cordão, abriram o portão, e acháram-se na rua.

(1) Que bella noite para uma evasão !

Não havia tres quartos de hora que se tinham levantado da cama no meio das trevas, com o prego na mão, com o projecto na mente.

Instantes depois encontravam-se com Babet e Montparnasse, que rondavam nos arredores.

Puxando a corda, tinham-n'a partido, e ficára um pedaço atado á chaminé em cima do telhado. Nenhum ferimento haviam soffrido, a não ser nas mãos, que ficáram quasi inteiramente esfoladas.

Naquella noite, Thenardier fôra prevenido, sem que ulteriormente se pudesse descobrir de que modo, e não dormia.

Pela volta de uma hora da madrugada, estando a noite escurissima, viu passar pelo telhado, no meio da chuva e do furacão, por deante da trapeira que ficava defronte da sua gaiola, dous vultos. Um parou deante da trapeira só o tempo de lançar um olhar. Era Brujon. Thénardier o reconheceu, e comprehendeu. Foi quanto lhe bastou.

Thénardier, assignalado como assassino, e apanhado em flagrante delicto de cilada nocturna á mão armada, tinha sentinella á vista. Um soldado, que era rendido de duas em duas horas, passeiava de espingarda carregada por deante da sua gaiola. O Bello-Ar era allumiado por um lampeão. O preso tinha nos pés um par de machos do peso de cincoenta libras. Todos os dias, ás quatro horas da tarde, um guarda escoltado por dous cães de fila,—isto fazia-se ainda naquella época,—entrava na gaiola, punha-lhe junto da cama um pão de rala de duas libras, uma bilha d'agua e uma tigela de caldo bastante magro, em que boiavam algumas favas, revistava-lhe os machos e corria as grades. Este homem com os seus cães de fila voltava duas vezes no correr da noite.

Thénardier obtivera licença para conservar uma especie de cavilha de ferro, de que se servia para pregar o pão em uma fenda da parede, assim, dizia elle, de preserva-lo dos ratos. Como Thénardier estava sempre com sentinella á vista, nenhum inconveniente tinham achado em deixar-lhe a cavilha. Todavia lembráram-se depois que um guarda havia dito: «Fôra melhor dar-lhe uma cavilha de páu.»

As duas horas da madrugada a sentinella, que era

um soldado antigo, foi rendida por um recruta. Pouco depois o homem dos cães veio fazer a sua visita, e retirou-se sem haver notado nada, a não ser que a sentinella era um rapaz muito moço e tinha ar de camponio. Duas horas depois, isto é, ás quatro horas da madrugada, quando vieram render o recruta, encontráram-n'o dormindo no chão a fio comprido junto da gaiola de Thénardier. Quanto a este, já não estava na prisão. Seus ferros, quebrados, jaziam sobre as lages. Havia um rombo no tecto da prisão, e, mais em cima, outro no telhado. Uma taboa da cama fôra arrancada, e o preso levára-a sem duvida comsigo, porquanto não foi achada. Descobriu-se tambem na cella uma garrafa esvaziada até ao meio, que continha o resto do vinho soporifero com que fôra adormecida a sentinella. A baioneta do soldado havia desaparecido.

No momento em que isto se descobriu Thénardier estava bem longe. Na realidade já não se achava no Edificio-Novo, mas via-se ainda em imminente perigo.

Thénardier, tendo chegado ao telhado do Edificio Novo, encontrára o pedaço de corda de Brujon que ficára atada nos varões da grade da chaminé, mas, sendo este pedaço muito curto, não pudera evadir-se por cima do paredão do pateo, como Brujon e Gueulemer.

Voltando-se á rua dos Ballets para entrar na do Rei da Sicilia encontra-se quasi immediatamente um vão sordido. Havia alli no seculo passado uma casa, de que já não resta senão a parede do fundo, verdadeira parede de pardieiro, que se ergue até á altura de um terceiro andar entre os edificios vizinhos. Esta ruina é facil de reconhecer-se por duas grandes janelas quadradas que ainda conserva; a do meio, que fica mais proxima da empena da parede á direita, é atravessada por um caibro carunchoso disposto em fórma do esteio. Por estas janellas divisava-se outr'ora um alto muro lugubre, que é um pedaço do paredão do pateo da Force.

O vão que a casa demolida deixou do lado da rua é em parte fechado por uma cerca de taboas apodrecidas, resguardada por cinco pilastras de pedra. Den-

tre do cercado esconde-se uma barraquinha encostada á ruína que permanece em pé. A cerca tem uma porta que ha alguns annos era apenas fechada com uma taramela.

Fôra até ao alto desta ruína que Thénardier lográra chegar pouco depois das tres horas da madrugada.

Como conseguira chegar alli? Foi o que nunca se pôde explicar nem comprehender. Os relampagos devêram tê-lo a um tempo embaraçado e ajudado. Ter-se-hia elle servido das escadas e dos andaimes dos telhadores para, de telhado em telhado, de recinto em recinto, chegar aos edificios do pateo de Carlos Magno, depois aos do de San'Luiz, depois ao paredão, e finalmente ao pardieiro da rua do Rei da Sicilia? Mas havia neste trajecto soluções de continuidade que pareciam torna-lo impossivel. Teria posto a taboa da cama como uma ponte entre o telhado do Bello-Ar e o paredão, e arrastando-se de bruços por cima deste até ao pardieiro? Mas o paredão da Force descrevia uma linha ameada e desigual, subia e descia, abaixava-se no quartel dos bombeiros, erguia-se na casa dos Banhos, era cortado por construcções, não tinha a mesma altura sobre o palacio Lamoignon que sobre a rua Pavée, em toda a sua extensão apresentava quebradas e angulos rectos; e além disso as sentinellas teriam visto o sombrio vulto do fugitivo; ainda deste modo o caminho que seguira Thénardier quasi que não pôde explicar-se. De ambos os modos, fuga impossivel. Illuminado por essa sêde da liberdade que muda os abysmos em fossos, os varões de ferro em grades de vime, um aleijado em athleta, um gottoso em passarinho, a estupidez em instincto, o instincto em intelligencia, e a intelligencia em genio, teria Thénardier inventado e improvisado um terceiro modo? Foi o que nunca se soube.

Nem sempre podemos explicar as maravilhas da evasão. O homem que foge, repittamo-lo, é um inspirado; ha o que quer que seja de uma estrella e de um relampago na mysteriosa luz da fuga; o esforço para a liberdade não é menos pasmoso que o vôo para o sublime; e dizemos de um ladrão evadido: «Como se haveria elle para escalar este telhado?» do

mesmo modo que dizemos de Corneille: «Como achou este *qu'il mourut*?

Como quer que fosse, coberto de suor, ensopado de chuva, com a roupa rasgada, as mãos esfoladas, os cotovellos ensanguentados, os joelhos arranhados, Thénardier chegára ao alto da parede da ruína, em cima da qual deitára-se a fio comprido, e alli haviam-lhe faltado as forças. Um despenhadeiro a pique, da altura de um terceiro andar, o separava da rua.

A corda que elle tinha era muito curta.

Alli estacára, pallido, alquebrado, perdida toda a esperança que o alentára, ainda encoberto pela noite, mas vendo que não tardaria a romper o dia, aterrado com a lembrança de ouvir dentro em alguns instantes soar quatro horas na egreja vizinha de San'Paulo, hora em que iriam render a sentinella e a encontrariam dormindo debaixo do tecto arrombado, e fitando com pavor em uma profundidade terrivel, á luz dos lampeões, a calçada molhada e negra, aquella calçada almejada e horrorosa, que era a morte e que era a liberdade.

A si mesmo perguntava se os seus tres companheiros de evasão teriam sido bem succedidos, se tinham esperado, e se viriam em seu soccorro. Applicava o ouvido. Á excepção de uma patrulha, ninguem passára pela rua desde que elle alli se achava. Os hortelões de Montreuil, de Charonne, de Vincenes e de Bercy descem quasi todos para o mercado pela rua de Sancto Antonio.

Deram quatro horas. Thénardier estremeceu. Poucos instantes depois ouviu-se na prisão esse rumor tumultuoso e confuso que succede á descoberta de uma evasão. A bulha das portas que se abrem e fecham, o ranger das grades nos seus gonzos, o tumulto do corpo de guarda, gritos roucos, o bater dos couces das espingardas nas lages dos pateos, chegavam-lhe aos ouvidos. Pelas grades dos dormitorios viam-se subir e descer luzes, um archote corria pelo forro do Edificio Novo, os bombeiros do quartel vizinho haviam sido chamados. Os seus capacetes, que o archote allumiava no meio da chuva, moviam-se daqui para acolá ao longo dos telhados. Ao mesmo tempo

Thénardier via do lado da Bastilha um clarão esbranquiçado estender-se lugubrememente pelo céu.

Estava no alto de uma parede de dez polegadas de grossura, estendido debaixo da chuva, com dous abysmos á direita e á esquerda, não podendo mexer-se, sentindo a vertigem de uma quêda possível e o horror de uma prisão certa, e o seu pensamento, como a pendula de um relógio, oscillava entre estas duas idéas: «Morto se caio, preso se aqui fico.»

No meio desta angustia, viu de repente, estando ainda a rua inteiramente escura, um homem, que caminhava cosendo-se com as paredes e que vinha do lado da rua Pavée, parar no vão por cima do qual elle, Thénardier, se achava como que suspenso. Atrás deste homem veio segundo, que caminhava com a mesma precaução, depois outro, depois ainda outro. Quando estes quatro homens se acharam reunidos, um d'elles levantou a taramela da porta e do cercado, todos quatro entraram para o recinto onde está a barraca. Ficavam justamente por baixo de Thénardier. Estes homens tinham evidentemente escolhido aquelle lugar para conversarem sem serem vistos dos viandantes nem da sentinella do portão da Force, que fica a alguns passos de distancia. Cumpre tambem dizer que a chuva obrigava a sentinella a conservar-se dentro da guarita. Thénardier, não podendo distinguir os rostos dos quatro individuos, applicou o ouvido para escuta-los com a attenção desesperada de um misero que se vê perdido.

Thénardier sentiu um vislumbre de esperança; os homens fallavam giria.

O primeiro dizia, baixo, mas distinctamente:

—Retiremo-nos. O que fazemos aqui (*icigo*)?

O segundo accrescentou:

—Está uma chuva capaz de apagar o fogo da caldeira de Pedro Rotelho. E depois não tardam a passar os agentes da policia. Alli adeante está um soldado de sentinella. Arriscamo-nos a ser presos aqui (*icicaille*).

Estas duas palavras *icigo* e *icicaille*, que ambas querem dizer *aqui*, e que pertencem, a primeira á giria das barreiras, a segunda é do templo, foram raios de luz para Thénardier. No homem que dissera *icigo*

reconheceu Brujon, que era vagabundo das barreiras, no que dissera *icicaille* reconheceu Babet, que, entre as suas mil industrias, exercêra tambem a de revenda do templo.

A antiga giria do grande seculo já não é fallada senão no Templo, e até mesmo era Babet o unico que a fallava castigamente. Se não fôra *icicaille*, Thénardier não o houvera reconhecido, porque elle tinha a voz inteiramente mudada.

Entretanto o terceiro interviera.

—Nenhuma pressa temos, esperemos um pouco. Quem nos diz que elle não carece de nós?

A estas palavras, extremes de giria, Thénardier reconheceu Montparnasse, que tinha o sestro de entender todas as gurias e de não fallar nenhuma.

Quanto ao quarto, estava silencioso, mas os seus largos hombros o denunciavam. Thénardier não hesitou. Era Gueulemer.

Brujon replicou quasi arrebatadamente, mas sempre em voz baixa:

—O que estás ali a dizer! O estalajadeiro não pôde fugir. Pois elle lá entende do officio! Rasgar a camisa e os lençoes da cama para fazer uma corda, abrir rombos nas portas, fabricar papeis falsos, chaves falsas, cortar os ferros, deitar a corda do lado de fóra, esconder-se, disfarçar-se, tudo isto é só para um artista consummado! O velho nada pôde fazer, não sabe trabalhar.

Babet accrescentou, sempre nessa classica giria castiça que fallavam Poulailleur e Cartouche, e que é para a giria hardida, nova e colorida, em que se exprimira Brujon o que a linguagem de Racine é para a de André Chénier:

—O teu estalajadeiro foi de certo apanhado com a boca na botija. Isto não é para todos. Elle é um aprendiz. Deixou-se embaçar por algum espião, talvez mesmo por algum *carneiro* que se fez de bom rapaz. Estás ouvindo, Montparnasse, os gritos que lá soltam na prisão? Viste passar aquella infinidade de luzes? Foi sílado, não ha duvida! São mais vinte annos que terá de passar na gaiola. Eu não tenho medo, não sou poltrão, isto é sabido; mas nada temos que fazer aqui, a não ser arriscarmo-nos a ca-

hir nas unhas do filante. Não te enfades, segue-nos, vamos beber uma garrafa de vinho velho.

—Não se deve deixar os amigos em apuros, resmoneou Montparnasse.

—Repito-te que foi filado, replicou Brujon; neste instante o estalajadeiro não vale um *liard*. Nada podemos fazer por elle. Retiremo-nos. A cada momento parece-me que estou vendo um agente de policia deitar-me a mão á gola!

Montparnasse já não oppunha senão mui fraca resistencia; o facto é que aquelles quatro homens, com a fidelidade que empregam os malfeteiros em ajudar-se mutuamente, tinham rondado toda a noite nos arredores da Force, a despeito do perigo a que se expunham, esperando ver Thénardier surgir no alto de algum morro. Mas a noite que se tornava verdadeiramente mui bella (era tam procellosa, que as ruas se achavam desertas), o frio que os enregelava, o seu fato ensopado d'agua, os sapatos alagados, a bulha assustadora que acabavam de ouvir na prisão, as horas passadas, as patrulhas encontradas, a esperança que se desvanecia, o medo que voltava, tudo isto os compellia á retirada. O proprio Montparnasse, que de alguma sorte era genro de Thénardier, cedia. A sua retirada estava eminente. Thénardier offegava no alto da parede como os naufragos da *Medusa* na sua jangada vendo o navio que apparecêra sumir-se no horizonte.

Não ousava chama-los, um grito por elle soltado poderia deitar tudo a perder; teve uma idéa, uma ultima, uma verdadeira inspiração; tirou da algibeira o pedaço da corda de Brujon que desatára da chaminé do Edificio Novo, e atirou-a para dentro do cercado.

A corda cahiu aos pés dos malfeteiros.

—Uma corda! disse Babet.

—A minha corda! exclamou Brujon.

—O estalajadeiro não está longe, disse Montparnasse.

Levantaram os olhos. Thénardier estendeu um pouco a cabeça.

—Eia! disse Montparnasse, tens ahi o outro pedaço da corda, Brujon?

—Tenho.

—Pois emenda-a; lançar-lhe-hemos a corda, elle a atará á parede, e sempre terá quanto baste para descer.

Thénardier arriscou-se a levantar a voz:

—Estou tollido de frio.

—Nós te aqueceremos.

—Nem sequer posso mexer-me.

—Deixa-te escorregar pela corda a baixo, nós te apararemos.

—Estou com as mãos entorpecidas.

—Ata ao menos a corda á parede.

—Não posso.

—E' preciso que um de nós suba, disse Montparnasse.

—Tres andares! replicou Brujon.

Um velho cano de tijolo, e que servira a um fogão que outr'ora aquecia a barraca, subia ao longo da parede e chegava quasi ao lugar onde estava Thénardier. Este cano, então todo rachado e esburacado, cahiu depois, mas ainda hoje se notam os seus vestigios. Era muito estreito.

—Póde-se subir por alli, disse Montparnasse.

—Por aquelle canudo? exclamou Babet, um homem! pois não subiste! Se fosse um fedelho, não digo que não.

—Sim, só um fedelho, accrescentou Brujon.

—Mas onde acha-lo? disse Gueulemer.

—Esperem, tornou Montparnasse. Eu sei onde ha um que nos servirá.

Abriu de vagarinho a porta do cercado, certificou-se de que a rua estava deserta, sahiu com precaução, tornando a fechar a porta, e deitou a correr para o lado da Bastilha.

Passaram-se sete ou oito minutos, oito mil seculos para Thénardier; Babet, Brujon e Gueulemer não des-cerravam os dentes; a porta tornou a abrir-se finalmente e Montparnasse appareceu esbaforido, e acompanhado de Gavroche, Graças á chuva, a rua continuava a estar completamente deserta.

Gavrochinho, entrando no cercado, olhou para aquellas caras de fascinoras com ar indifferente. Tinha os cabellos pingando agua. Gueulemer dirigiu-lhe a palavra:

—Fedelho, tu és homem?

Gavroche encolheu os hombros e respondeu:

—Um fedelho como eu é tam homem como qualquer de vocês.

—Bravo! o pequerrucho tem a lingua bem afiada! exclamou Babet.

—Os fedelhos de Pariz, tornou Brujon, são todos vivos como o azougue e finos como lan de kagado.

—De que é que se trata? perguntou Gavroche.

Montparnasse respondeu:

—E' preciso que subas por aquelle cano.

—Com esta corda, accrescentou Babet.

—Para ir amarra-la, disse Brujon.

—No alto da parede, continuou Babet.

—Na verga da janella, tornou Brujon.

—E nada mais? perguntou Gavroche.

—Nada mais! respondeu Gueulemer.

O gaiato examinou a corda, o cano, a parede, as janellas; fez com os beiços esse rumorzinho inexprimivel e desdenhoso que significa:

—Pois é só isto!

—Está alli em cima um homem que tu salvarás, disse Montparnasse.

—Queres? perguntou Brujon.

—Pateta! retorquiu o pequeno como se a pergunta lhe parecesse inaudita; e descalçou os sapatos.

Gueulemer pegou em Gavroche com uma mão, pô-lo em cima das taboas carunchosas que cobriam a barraca e que se dobraram ao peso do menino, e entregou-lhe a corda de Brujon que fôra emendada durante a ausencia de Montparnasse. O gaiato dirigiu-se para o cano onde facilmente entrou, graças a um grande rombo que tinha em baixo. No momento em que elle ia subir, Thénardier, que via approximar-se a vida e a salvação, estendeu a cabeça; a dubia luz do dia nascente aclarou-lhe a fronte inundada de suor, as faces lividas, o nariz afilado e selvatico, a barba grisalha toda erigada, e Gavroche o reconheceu.

—E esta! disse elle, é meu pae!... Pois bem! não importa!

E segurando a corda nos dentes, começou resolutamente a escalada.

Chegou ao alto da parede, cavalgou-a, e amarrou

com toda a segurança uma das pontas da corda na verga da janella.

Dahi a um momento Thénardier achava-se na rua.

Assim que tocou a calçada, assim que se viu livre de perigo, não sentiu mais cansaço, nem frio, nem tremor; as cousas terríveis de que sabia dissiparam-se como uma nuvem de fumaça; toda aquella estranha e fêra intelligencia despertou, e válida, e livre, e prompta para abalançar-se a novos commettimentos. Eis quaes foram as suas primeiras palavras:

—Agora, o que vamos nós comer?

E' inutil explicar o sentido desta palavra horrivelmente lucida que significa a um tempo—ferir, assassinar e roubar. A verdadeira significação de comer é *devorar*.

Escondamo-nos bem, disse Brujon. Em tres palavras, assentemos no que devemos fazer, e separemo-nos sem demora. Havia um *negocio* que não parecia máu, na rua Plumet, uma rua deserta, uma casa isolada, uma velha grade toda estragada fechando um jardim, duas mulheres que vivem sosinhas....

—Pois bem! porque não iremos ver isso? tornou Thenardier.

—Tua *fada* (filha) Eponina andou por lá rondando, respondeu Babet.

—E deu um biscouto á Magnon, accrescentou Gueulemer. Nada ha que fazer.

—A *fada* é vivoria, disse Thenardier. Mas, não importa, sempre será bom ir ver.

—Sim, sim, disse Brujon, sempre é bom ir ver.

Entretanto, nenhum destes homens parecia já dar fé de Gavroche, que, durante o colloquio, se sentára n'uma das pilastras do cercado; esperou alguns instantes, talvez suppondo que seu pae se voltaria para elle, depois tornou a calçar os sapatos, e disse:

—Está acabado? já não carecem de mim? agora estão livres da entaladella. Passem bem. Vou accor-
dar os meus pequenos.

E retirou-se.

Os cinco homens sahiram do cercado um após outro.

Quando Gavroche desapareceu voltando o canto da rua dos Ballets, Babet disse á parte para Thenardier:

- Reparaste naquelle fedelho?
- Que fedelho?
- O que subiu á parede para levar-te a corda.
- Não, não reparei bem.
- Não o juro, mas digo-te que se parece com teu filho.
- Ora ! tornou Thénardier, pois achas?

LIVRO SETIMO.

A GIRIA.

I

ORIGEM. (1)

Pigritia é uma palavra terrível.

Ella creára um mundo, a *pègre*, lêa-se o roubo, e um inferno a *pègrene*, lêa-se a fome.

Assim a preguiça é mãe.

Tem um filho, o roubo, e uma filha, a fome.

De que tratamos neste momento? Da giria.

O que vem a ser a giria? E' ao mesmo tempo a nação e o idioma; é o roubo debaixo das suas duas especies: povo e lingua.

Quando, ha trinta annos, o narrador desta grave e sombria historia introduzia em um escripto que tinha o mesmo fim que este (2) um ladrão fallando giria, houve surpresa e clamor:—Como! o que é isto! a giria! Mas a giria é horrível! a giria é a lingua das galés, das prisões, de tudo que a sociedade tem mais abominavel! etc., etc., etc.

(1) Este e o capítulo que se lhe segue nem podem ser bem traduzidos, nem com o sainete e propriedade do francez. Em portuguez não ha giria; portanto faltam os termos correspondentes.

(2) O ultimo dia de um condemnado.

Nunca comprehendemos este genero de objecções.

Depois, dous grandes romancistas, dos quaes um é um profundo observador do coração humano, o outro um sincero amigo do povo, Balzac e Eugenio Sue, tendo feito fallar bandidos na sua lingua natural como o havia feito em 1818 o autor do *Ultimo dia de um condemnado*, suscitaram-se as mesmas reclamações. Repetiram:—Que fim se propõem estes auctores com semelhante engrimanso? A giria é odiosa! a giria faz tremer!

Quem o nega? De certo.

Quando se trata de sondar uma chaga, um abysmo ou uma sociedade, será um desacerto penetrar bem, ir até o fundo? Sempre pensámos que era ás vezes um acto de coragem, e pelo menos uma acção simples e util, digna da attenção sympathica que merece o dever aceitado e cumprido. Não explorar tudo, não estudar tudo, porque? Se a sonda pára, o sondador vae por diante.

De certo, descer ás regiões subjacentes da ordem social, onde a terra acaba e começa a lama, remexer essas vagas espessas, procurar, agarrar e lançar todo palpitante sobre a calçada esse idioma abjecto que gotteja lama assim exposto á luz do dia, esse vocabulario pustuloso, cada palavra do qual parece o anel immundo de um monstro do lodo e das trevas, bem longe está de ser uma tarefa attractiva e facil. Nada é tam lugubre como contemplar assim nú, á luz do pensamento, o formigar horrivel da giria. Dissereis com effeito que é uma especie de temerosa fêra creada para a escuridão que acaba de ser arrancada da sua cloaca. Afigura-se-nos ver uma pavorosa balsa viva e hirsuta que estremece, move-se, agita-se, forceja por voltar para as trevas, ameaça e olha. Tal palavra assemelha-se a uma garra, tal outra a um olho extinto e sanguinolento; tal phrase parece mexer-se como uma unha de caranguejo. Tudo isto vive dessa vitalidade hedionda das cousas que se hão organizado na desorganisação.

Ainda mais, quando se viu o horror excluir o estudo? quando se viu a doença repellir o medico? Imagine-se um naturalista que não quizesse estudar a víbora, o morcego, o escorpião, a centopeia, a taran-

tula, e os lançasse ás suas trevas, dizendo:—Oh! como isto é feio! O pensador que não quizesse attentar para a giria, assemelhar-se-hia ao cirurgião que voltasse o rosto para não ver uma ulcera ou uma verruga. Seria um philologo que hesita em examinar um facto da lingua, um philosopho que foge de escrutar um facto da humanidade. Porquanto, releva dizêl-o aos que ignoram, a giria é conjunctamente phenomeno litterario e resultado social.. O que é a giria propriamente dita? A giria é a lingua da miseria.

Aqui podem deter-nos; podem generalisar o facto, o que é algumas vezes certa maneira de atenna-lo; podem objectar-nos que todos os misteres, todas as profissões, poderiam quasi acrescentar que todos os accidentes da jerarchia social e todas as formas da intelligencia, teem sua giria propria. O negociante que diz: *Montpellier disponível, Marselha primeira qualidade*, o cambista que diz: *retrospecto, premio corrente*, o jogador que diz *patóta*, o vaudevillista que diz: *alegraram o urso* (*), o comico que diz: *fiz furor*, o philosofo que diz: *triplicidade fenomenal*, o phrenologo que diz: *amatividade, combatividade, secretividade*, o infanção que diz: *minha clarineta*, o cavaleiro que diz: *meu frango da India*, o esgrimidor que diz: *terça, quarta, rompe*, o impressor que diz: *fallamos batio*, todos elles, impressor, esgrimidor, cavaleiro, infanção, phrenologo, philosofo, comico, vaudevillista, jogador, cambista, fallam giria. O pintor que diz: *meu quadro*, o cabelleireiro que diz: *meu caixeiro*, fallam giria. Em rigor, e se o quiserem absolutamente, todas estas modalidades diversas de diser a direita e a esquerda, o embarcadico, *bombordo e estibordo*, o machinista, *lado do pateo e lado do jardim*, o sachristão, *lado da Epistola e lado do Evangelho* são giria. Ha a giria das loureiras como ja a houve das preciosas. O palacio de Bambonillet limitava d'algum modo com a *Corte dos Milagres*. Ha a giria das duquesas, para prova esta phrase de um bilhetinho amoroso de uma dama d'alta prosapia e de peregrina belleza do tempo da restauração: «Achareis destas fallacias (*potanis*) uma

(*) Patearam a peça.

infinidade (*foultitude*) de rasões para que fique livre (*libertise*). » Os algarismos diplomaticos são outras tantas girias; a chancellaria pontificia, disendo 26 em lugar de *Roma*, *grkztntgzyol* em vez de *remessa*, e *abfxustgrnogrku tu XI* em vez de *duque de Modena*, falla giria. Os medicos da idade media que, por cenoura, rabanete e nabo, disiam: *apoponach*, *pesfroschinum*, *reptitalmus*, *dracatholicnm augelorum*, *postmegorum*, fallavam giria. O fabricante d'assucar que diz: cara, meladura, mascavado, boa, bruto, queimado, este honesto manufactureiro falla giria. Uma certa escola de criticos que disia ha cousa de vinte annos atraz:— *A metade de Shakspeare é trocadilho e calimburgo*,— fallava giria. O poeta e o artista que, com um sentimento profundo, qualificarem a Mr. de Montmorency de— *burguez*, se não forem versados em poesia e statuaria, fallam giria. O academico classico que apellida as flores de *Flora*, os fructos de *Pomona*, o mar de *Neptuno*, o amor de *fógos*, a belleza de *atractivos*, o cavallo de *corcel*, o tópe branco ou tricolor de *rosa de Bellona*, o chapéu de tres pancadas de *triangulo de Marte*, este academico classico falla giria. A algebra, a medicina, a botanica, teem sua giria. A lingua que empregam a bordo dos navios, essa admiravel lingua do mar, tam completa e tam pittoresca, que João Bast, Duquesne, Suffren, e Duperré fallaram, e a qual mistura-se ao silvo do maçame, ao arruido do portavoz, ao embate da machadinha d'abordagem, ao balanço, ao vento, ás rajadas, ao canhão, é completa giria heroica e brilhante que está para a fera giria da pégre como o leão para o cavallo.

Não padece duvida. Mas, digam o que disserem, este modo de comprehender a palavra giria é uma extensão, que nem todos admittirão por certo. Quanto a nós, conservamos a esta palavra sua antiga acepção exacta, circumscripção e determinada, e restringimos a giria á giria. A verdadeira giria, a giria por excellencia, se é que estas duas palavras podem ligar-se, a immemoravel giria que era um reino, não é mais, repetimo-lo, que a lingua feia, inquieta, astuciosa, trahidora, venenosa, cruel, torta, vil, profunda, fatal, da miseria. Ha na extremidade de todos os aviltamentos e de todos os infortunios, uma

derradeira miseria que se rebella e resolve-se a entrar em lucta contra o conjuncto dos factos felises e dos direitos reinantes; lucta horrivel em que, ora com astucia, ora com violencia, a um tempo insalubre e feroz, ataca a ordem social ás alfinetadas pelo vicio e ás cacetadas pelo crime. Para as necessidades d'esta lucta, a miseria inventou uma lingua de combate que é a giria.

Fazer boiar e conservar-se á tona do olvido, por cima do abysmo, em que seja um fragmento de uma lingua qualquer que o homem fallou, e que se perderia, isto é, um dos elementos, bons ou máus, de que se compõe a civilisação ou que a acompanham, é alargar o circulo dos assumptos propostos á observação social; é servir a propria civilisação. Este serviço prestou Plauto, com ou sem intenção, fazendo dous soldados carthaginezes fallarem phenicio; prestou-o igualmente Molière, fazendo tantas das suas personagens fallarem levantino e uma infinidade de dialectos. Aqui se reanimam as objecções. O phenicio: muito bem! o levantino: perfeitamente! mesmo os dialectos, vá feito! são linguas que pertencêram a nações ou a provincias; mas a giria? para que se ha de conservar a giria? para que se ha de *fazer boiar* a giria?

A isto só responderemos com uma palavra. Por certo se a lingua que fallou uma nação ou uma provincia é digna de interesse, ha uma cousa ainda mais digna de attenção e de estudo, é a lingua que fallou uma miseria.

É a lingua que tem fallado em França, ha mais de quatro seculos, não sómente uma miseria, senão a miseria toda, a miseria humana possivel.

E demais, nisto insistimos, estudar as disformidades e as enfermidades sociaes e assignala-las para que sejam curadas não é tarefa em que possa haver escolha. O historiador dos costumes e das idéas não tem uma missão menos austera que a do historiador dos acontecimentos. Este tem a superficie da civilisação, as lutas das corôas, os nascimentos dos principes, os casamentos dos reis, as batalhas, as assembléas, os grandes homens publicos, as revoluções ao sol, todo o exterior; o outro historiador tem o interior, o fundo,

o povo que trabalha, que soffre e espera, a mulher opprimida, a creança que agonisa, as guerras surdas de homem com homem, as ferocidades obscuras, os preconceitos, as iniquidades de convenção, as repercussões subterraneas da lei, as evoluções secretas das almas, os estremecimentos indistinctos das multidões, os morrem-de-fome, os descalços, os nús, os desberdados, os orphãos, os desgraçados e os infames, todas as larvas que vagueam na obscuridade. Cumpre que elle desça com o coração cheio de caridade e ao mesmo tempo de severidade, como um irmão e como um juiz, a essas presigangas impenetraveis onde rojam de mistura os que vertem sangue e os que ferem, os que choram e os que amaldiçoam, os que jejuam e os que devoram, os que soffrem o mal e os que o fazem. Estes historiadores dos corações e das almas terão deveres menores que os historiadores dos factos externos? Crerá por ventura alguém que Alighieri tenha menos cousas que dizer do que Machiavello? Pois porque as regiões inferiores da civilisação são mais profundas e sombrias, deixarão de ser tam importantes como a superiores? Póde-se por ventura conhecer bem a montanha quando não se conhece a caverna?

Digamo-lo porém de passagem, de algumas palavras que ahí deixamos ditas poderia inferir-se entre as duas classes de historiadores uma separação completa que não está na nossa mente. Ninguém é bom historiador da vida patente, visivel, esplendida e publica dos povos se não é ao mesmo tempo, até certo ponto, historiador da vida profunda e latente; e ninguém é bom historiador dos factos internos se não sabe ser, sempre que assim fôr preciso, historiador dos factos externos. A historia dos costumes e das idéas penetra a historia dos acontecimentos e vice-versa. São duas ordens de factos differentes que se correspondem, que se encadêam sempre e se procredam muitas vezes. Todos os delineamentos que a Providencia traçou na superficie de uma nação teem os seus parallellos sombrios, mas distinctos, no fundo, e todas as convulsões do fundo produzem agitações na superficie. A verdadeira historia abrange tudo; o verdadeiro historiador deve tratar de tudo.

O homem não é um circulo que tenha um unico centro; é uma ellipse, e tem dous focos—um, as idéas, o outro, os factos.

A giria não é outra cousa mais do que uma rouparia com que a lingua, quando tem de commetter alguma má acção, se disfarça. Ahi cobre-se com palavras-mascaras e metaphoras-andrajos.

Por tal fôrma torna-se horrivel.

A custo podemos reconhecê-la. Será comeffeito a lingua franceza, a grande lingua humana? Ei-la prompta para entrar em scena e responder ao crime, e adaptada a todos os empregos do repertorio do mal. Já não anda, coxêa; manqueja arrimada á moleta da *Côrte dos Milagres*, moleta metamorphoseavel em clava; chama-se *truanderie*; todos os espectros que a hão vestido, industriaram-n'a; roja e ergue-se, duplo andar de reptil. Está agora apta para todos os papeis, o falsario tornou-a equivocca, o envenenador azinhavrou-a, o incendiario sujou-a de carvão, e o homicida tornou-a sanguinolenta.

Quando se escuta, do lado da gente boa, á porta da sociedade, surprende-se o dialogo dos que estão do lado de fóra. Distinguem-se perguntas e respostas. Percebe-se, sem comprehendê-lo, um murmurio hediondo, quasi semelhante á voz humana, porém mais parecido com o rugido do que com a palavra. E' a giria. Os vocabulos são disformes e cheios de certa bestialidade fantastica. Dir-se-hia que são hydras que estão a fallar.

E' o inintelligivel no tenebroso. Aquillo range e cochicha, completando o crepusculo com o enigma. Ha negrume na desgraça, maior negrume ainda no crime; estes dous negrumes amalgamados compõem a giria. Obscuridade na athmosphera, obscuridade nos actos, obscuridade nas vozes. Horrerosa lingua sapo que salta, roja, baba, e move-se monstruosamente nessa immensa nevoa escura feita de chuva, de noite, de fome, de vicio, de mentira, de injustiça, de nudez, de asphyxia e de inverno; luz meridiana dos miseraveis.

Lastimemos os punidos. Ah! quem somos nós mesmos? quem sou eu que vos fallo? quem sois vós que me ouvis? de onde viemos? E por ventura estará bem

averiguado que nada tivéssemos feito antes de haver-mos nascido? A terra parece-se de alguma sorte com um carcere. Quem sabe se o homem não é um condemnado da justiça divina?

Attentae bem para a vida. Em toda ella se manifesta a punição.

E's o que se chama um homem feliz? Pois bem, não se passa um só dia em que não te sintas triste. Cada dia traz consigo uma grande afflicção ou um cuidadozinho. Hontem tremias por uma saude que te é cára, hoje tremes pela tua propria; amanha inquietar-te-ha a falta de dinheiro, depois de amanha a diatribe de um calumniador, no dia seguinte a desgraça de um amigo; depois o tempo que faz, depois alguma cousa que se quebra ou se perdeu, depois um prazer, que a consciencia e a columna vertebral te exprobam; em outra occasião, afflige-te a marcha dos negocios publicos. Sem contar as angustias do amor. E assim por diante. Uma nuvem se dissipa, forma-se logo outra. Apenas um dia entre cem de completa alegria e de sol claro. E és do pequeno numero dos que vivem felizes! Quanto aos outros homens, a noite estagnante pesa sobre elles.

Os espiritos reflectidos usam pouco desta locução: os felizes e os infelizes. Neste mundo, evidentemente vestibulo de outro, não ha felizes.

A verdadeira divisão humana é esta: os luminosos e os tenebrosos.

Diminuir o numero dos tenebrosos, augmentar o dos luminosos, eis o ponto. Tal o motivo por que clamamos: ensino! sciencia! aprender a ler é acender fogo; toda a syllaba soletrada scintilla.

Comtudo quem diz luz não diz necessariamente alegria. Soffre-se na luz; o excesso queima. A chama é inimiga das azas. Arder sem cessar de voar, tal é o prodigio do genio.

Quando souberes e quando amardes, soffrereis ainda assim. O dia nasce vertendo lagrimas. Os luminosos choram, quando mais não seja, pelos tenebrosos.

II

RAIZES.

A giria, é a lingua dos tenebrosos.

O pensamento é revolvido nas suas mais sombrias profundezas, a philosophia social é solicitada para as suas mais pungentes meditações, em presença d'este enigmatico dialecto a um tempo manchado e revoltado. Ali é que ha castigo visivel. Cada uma de suas syllabas tem o ar marcado. As palavras da lingua vulgar apparecem n'ella como que enrugadas e encoscorada sob o ferro quente do carrasco. Algumas até parecem fumegar. Ha phrase que imita a espada marcada com as flores de liz de um ladrão que se descobrisse de repente. A idea quasi que refusa deixar-se exprimir por esses substantivos tirados á justiça. A metaphora é ás vezes tam descarada que se percebe que sahiu do cancan.

Demais, apesar e por causa de tudo isto, essa algaravia estranha tem direito a um compartimento no grande armario imparcial onde tanto o ceitil oxydado como a medalha de ouro tem um lugar, e que se chama a litteratura. A giria, quer queiram

quer não, tem a sua syntaxe e a sua poesia. É uma lingua. Se, por causa da deformidade de certos vocabulos conhece-se que foi mastigada por Mandrino, pelo splendor de certas metonymias conhece-se que foi fallada por Villon.

Este verso tam celebre quanto delicado :

Mais où sont les neiges d'autan ? (*)

é um verso de giria. Autan—*ante annum*—é uma palavra da giria de Thunes que significava *anno pasado* e por extensão *outr'ora*. Ainda se podia ler ha trinta e cinco annos atraz, por occasião da partida da grande malota de presos de 1827, em uma das prisões de Bicêtre, esta maxima gravada com um prego na parede por um rei de Thunes condemnado a galês:—*Les dabs d'autan trimaient siempre pour la pierre da Coisre*. O que quer diser : os reis d'outras eras fasiam-se sempre ungir. No pensamento de tal rei a unção era a galé.

A palavra *décarade*, que exprime a partida á galope de uma pesada carroça attribue-se a Villon, e é digna d'elle. Esta palavra, que chispa fogo das quatro patas, resume em uma onomatopea magistral todo o admiravel verso de La Fontaine :

Six forts chevaux tiraient un coche. (**)

Sob o ponto de vista puramente litterario, ha poucos estudos tam curiosos e fecundos como o da giria. É uma lingua inteira dentro de outra lingua, uma especie de excressencia enferma, um enxerto insalubre que produziu uma vegetação, um parasita que tem suas raizes no velho tronco gaulez e cuja ramagem sinistra serpeja sobre um lado inteiro da lingua. A isto é que se poderia chamar o primeiro aspecto, o aspecto vulgar da giria. Mas para aquelles que estudam a lingua como cumpre estudala, isto é como os geologos estudam a terra, a giria apparece como uma alluvião. Conforme se cava mais

(*) Mas que é das neves d'actr'ora ?

(**) Seis possantes cavalloos puxavam um coche.

ou menos profundamente, acha-se na giria, abaixo do antigo francez popular, o provençal, o hespanhol, o italiano, o levantino, essa lingua da porta do Mediterraneo, o inglez e o allemão, o romance italiano, o romance romano, o latim, emfim o vasconço e o celta. Formação profunda e extravagante. Edificio subterraneo construido em commum por todos os miseraveis. Cada raça maldicta depoz a sua camada, cada soffrimento deixou cahir a sua pedra, cada coração concorreu com o seu seixo. Uma mó de almas ruins, baixas ou irritadas, que atravessaram a vida e foram dissipar-se na eternidade, ali está quasi que inteira e de alguma maneira ainda visivel debaixo da forma de uma palavra monstruosa.

Querem achar o hespanhol? a velha giria gothica é farta d'elle. Eis *boffete*, sopapo, que vem de *boffeton*; *vantane*, janella (mais tarde *vanterne*), que vem de *van-tana*; *gat*, gato, que vem de *gato*; *acite*, azeite, que vem de *aceyle*. O italiano? Temos *spada*, espada, que vem de *spada*; *carvel*, barco, que vem de *caravella*. Inglez? Temos *bichot*, bispo, que vem de *bishop*; *raille*, espião, que vem de *rascal*, *rascolion*, maroto; *pitche*, estojo, que vem de *pitcher*, bainha. Allemão? Temos *caleur*, rapaz, *kellner*; o *hers*, o amo, *herzog* (duque). Latim? Temos *frangir*, quebrar, *frangere*; *effarer*, roubar, *fur*; *cadene*, cadea, *catena*; ha uma palavra que apparece em todas as linguas do continente com uma especie de poder e d'authoridade mysteriosos, é a palavra *magnus*; a Escossia faz d'elle o seu *mac*, que distingue o chefe da clan, Mac-Farlane, Mac-Calummore, o grande Farlane, o grande Calummore (*); a giria faz d'elle *meck*, e mais tarde, *meg*, isto é Deus. Vasconço? Temos *gahisto*, o diabo, que vem de *gaizton*, mau; *sorgabom*, boa noite, que vem de *gabon*, boas noites, Celta? Abi temos *blavin*, lenço, que vem de *blavet*, agua jorrante; *ménesse*, mulher (no máu sentido), que vem de *meinec*, cheio de pedras; *bavant*, reacho, de *bavanton*, fonte; *goffeur*, serralheiro, de *goff*, ferreiro; a *quédonze*, a morte, que vem de *guenu-du*, branca-negra. Querem finalmente historia? A giria chama os

(*) Convem porem notar que *mac* em celta quer diser filho.

escudos *as mollezas*, recordações da moeda que corria nos galés de Malta.

Alem das origens philologicas que acabamos d'indicar, a giria tem outras raizes ainda mais naturaes e que emanam por assim diser do proprio espirito do homem.

Em primeiro lugar, a creação directa das palavras. N'isso consiste o mysterio das linguas: pintar com palavras que teem, não se sabe como nem porque, figuras. Isto é o fundo primitivo de toda a linguagem humana, que bem se lhe poderia chamar o seu granito. A giria pullula termos d'este genero, termos immediatos, creados em todas as suas partes, não se sabe onde nem por quem, sem etymologias, sem analogias, sem derivados, termos solitarios, barbaros, algumas vezes horridos, que teem uma singular força d'expressão e que vivem.—O carrasco, *o taule*,—a matta, *o sabri*;—o medo, a fuga, *taf*;—o creado, *o larbin*;—o general, o prefeito, o ministro, *pharos*;—o diabo, *o rabouin*. Nada ha mais estranho que estes termos que encobrem e mostram. Alguns, por exemplo *o rabouin*, são a um tempo grotescos e terriveis, e causam-vos talvez o effeito de uma carta cyclopeana.

Em segundo lugar, a metaphora. A particularidade de uma lingua que quer diser e ocultar tudo, é em abundar em figuras. A metaphora é um enigma onde refugia-se o ladrão que machina uma assaltada, o prisioneiro que combina uma evasão. Não ha idioma tam metaphorico como a giria,—*desparafusar o coco*, torcer o pescoço;—*tasquinhar*, comer;—*ser enfeixado*, ser julgado;—*um rato*, um gatuno de pão;—*lanceja*, chove, velha figura frisante, que de algum modo traz consigo sua dacta, que se parece com as compridas linhas obliquas sobre as lanças espessas e inclinadas dos lansquenets, e que resume em si a metonymia popular:—*chove alabardas*.—Algumas vezes, á medida que a giria vae da primeira para a segunda epocha, as palavras passam do estado selvagem e primitivo para o sentido metaphorico. O diabo deixa de ser *rabouin* e torna-se um *padeiro*—aquelle que enforna. É mais spiritoso, porem mais pequeno; alguma cousa como Racine depois de Corneille, como Euripides depois de Eschylo. Certas phrases de giria que parti-

cipam das duas epochas e teem ao mesmo tempo o character barbaro e o character metaphorico, parecem-se com fantasmagorias.—*Les sorqueurs vont sallicei des gails á la lune* (os vagabundos vão roubar cavallos á noite). Isto passa por deante do espirito como um grupo de spectros. Não se sabe o que se vê.

Em terceiro lugar, o expediente. A giria vive sobre a lingua. Usa d'ella como lhe parece, serve-se ao acaso, e muitas vezes, conforme a necessidade, limita-se a desfigura-la summaria e grosseiramente. As vezes, com as palavras usuaes d'est'arte aleijadas, e complicadas com palavras de pura giria, compõe locuções pittorescas em que se percebe a mistura dos dous elementos precedentes, a criação directa e a metaphora:—*le cab jaspine, je marrone que la ronlatte de Tantin trime dans le sabri*, o cão ladra, suspeito que a diligencia de Paris passa pela matta.—*Le dab est sinve, la fée est bative, la dabunge est merlonssiére*, o burgez é besta, a moça é bonita a burguesa é velhaca.—A mor parte das vezes a giria, para desconcertar os espias, limita-se a ajunctar indistinctamente a todos os termos da lingua uma especie de cauda ignobil, uma terminação em aille, em orgue, em iergue, ou em uche. Assim: *Vouzierque trouvaille bonorgne cegigotmuche?* Achaes este carneiro assado bom? Phrase dirigida por Cartouche a um chaveiro afim de saber se lhe convinha a somma offerecida pela fuga.—A terminação em *mar* é de mui recente data.

Sendo a giria o idioma da corrupção, corrompe-se tambem com prestesa. Por outra, como procura sempre occultar-se, logo que se presente comprehendido, transforma-se. Ao invéz de qualquer outra vegetação, qualquer rayo do dia mata o que toca. D'ahi, vae a giria todos os dias se decompondo e recompondo; trabalho obscuro e rapido que nunca para. Caminha com mais velocidade em dez annos do que a lingua em dez seculos. Assim o laston (pão) deriva de lastif; o gail (cavallo) de gaye; a fertanche (palha) da fertille; o momignard, o momacque; os fiques (fato) de frusques; a chique (a egreja) de égrugeoir; o calabre (o pescoço) de colas. O diabo chamava-se a principio gahisto, depois o rabouin, depois o padeiro; o padre é o ratichon, depois o javaly; o punhal é o vinte e dous,

depois a carga, depois o lingre; os policiaes são pás d'enfornar (railles) depois ruçins, depois os ruços, depois os vendedores de laços, depois os espias, depois os filantes; o carrasco é Taule, depois Charlot, depois o atiti guean, depois o buquillard. No seculo XVII, batter-se em duello, era *offerecer rapé*; neste seculo é *mascar a goela*. Vinte diversas locuções passaram por entre estes dous extremos. Para Lacenaire Cartouche fallaria hebraico. Todas as palavras d'esta lingua vivem em perpetua fuga como os homens que as pronunciam.

Comtudo, de tempos a tempos, e por causa ainda d'este movimento, a antiga giria reaparece e torna-se nova. Tem suas capitaes onde se conserva. O Templo conservava a giria do seculo XVII; Bicêtre, quando era prisão, conservava a giria de Thunes. Sabia-se alli usar da terminação em *anche* dos antigos Thunores. *Boyanches-tu* (bebes?) *il croyanche* (elle cré). Mas o movimento perpetuo nunca deixa de ser lei.

Se o philosopho consegue fixar esta lingua em um momento dado para observa-la, ella que se evapora de continuo, fal-o cahir em dolorosas e uteis meditações. Não ha estudo mais efficaç e mais fecundo em instrucção. Não ha uma metaphora, não ha uma etymologia da giria que não encerre uma lieção.—Entre estes homens, *batter* significa *fingir*, *balle-se* uma enfermidade; a astucia é a sua força.

Para elles a idea do homem é inseparavel da idea da sombra. A noite diz-se a *cega*, (sorgue) o homem, o *orgue*. O homem é um derivado da noite (sorgue).

Contrahiram o habito de considerar a sociedade como uma athmosphera que os mata, como uma força fatal, e fallam da sua liberdade como se fallaria da saude. Um preso é um *doente*; um condemnado é a *morte*.

O que ha de mais terrivel para um prisioneiro nas quatro paredes de pedra onde o enterram, é uma especie de castidade glacial; para elle a prisão é o *castus*. Neste lugar funebre, é sempre debaixo de um aspecto o mais ridente que a vida exterior se apresenta. O prisioneiro tem ferros nos pés; credes naturalmente que elle pensa que é com os pés que se anda? não,

pensa que é com os pés que se dança; assim também, se consegue limar os ferros, sua primeira idea é que pode dançar, e chama a lima uma *pandega*.—Um nome é um *centro*; profunda assimilação. O bandido tem duas cabeças, uma que julga e ordena suas acções e o guia durante a vida, a outra que tem sobre as espaldas no dia da morte; chama a cabeça que aconselha-lhe os crimes, a *sorbonne*, e a cabeça que os expia, a *trave*.—Quando um homem não tem senão andrajos no corpo e vícios no coração, quando tem chegado a esta dupla degradação material e moral que caracteriza em suas duas accepções a palavra *mendigo* (*gueux*), está presto para o crime; é como uma faca bem amolada; tem dous gumes, a desgraça e a malvadesa; por isso a giria não o chama *gueux*, mas *dous-gumes*.—O que é a galé? um braseiro de damnação, um inferno. O forçado chama-se um *mólho de palha*.—Emfim, qual o nome que os malfeitos dão á prisão? o *collegio*. Desta palavra pode sahir um completo systema penitenciario.

Querem saber onde nasceu a mor parte das canções das galés, esses descantes chamados no vocabulario especial os *lirlonfus*? Ouçam:

Havia no Chatelet de Paris um cumprido subterraneo. Este subterraneo ficava a oito pés abaixo do nivel do Sena. Não tinha janellas, nem respiradouros, a unica aberta era a porta; os homens podiam penetra-la, não o ar. Este subterraneo tinha por tecto uma abobada de pedra, por assoalho dez polegadas de lama. Tinha sido lageado; mas a agua que de continuo a cobria fez com que as lagens apodrecessem e se afundassem. A oito pés acima do solo este subterraneo era atravessado por uma viga massica; d'esta viga pendiam, de distancia em distancia, correntes com tres pés de comprimento, e em cujas extremidades haviam gollilhas. Mettiam n'este subterraneo os homens condemnados ás galés antes do dia da sua partida para Toulon. Impelliam-n'os para esta viga onde cada um tinha sua ferragem oscillante nas trevas, que o esperava. As correntes, esses braços pendentes, e as golilhas, essas mãos abertas, agarravam esses miseraveis pelo pescoço. Rebitavam as golilhas eahi os abandonavam. As correntes

eram mui curtas, elles não podião deitar-se. Permaneciam immoveis n'este subterraneo, n'esta noite, debaixo d'esta viga, quasi suspensos, obrigados a esforços inauditos para apanhar o pão e a bilha d'agua, com a abobada sobre a cabeça, a lama até o meio das pernas, o excremento a escorrer-lhe por ellas abaixo, alquebrados de canção, vergando-se sobre os quadris e os joelhos, pendurando-se á corrente para poderem repousar, não podendo dormir senão de pé, e acordando a cada instante pelo aperto da golilha; alguns nem assim despertavam. Para comer apanhavam com os calcanhares o pão que lhes atiravam na lama. Quanto tempo ahi ficavam? Um mez, dous mezes, seis mezes algumas vezes; um ficou um anno. Era a ante-sala das galés.

Vinha-se para ahi por ter roubado uma lebre ao rei. N'esse sepulchro-inferno o que faziam?

O que se pode faser em um sepulchro, agonisavam, e o que se pode faser em um inferno, cantavam. Porque onde já não ha esperança, ainda fica o canto. Nasaguas de Malta, quando aproximava-se uma galé, ouviam-se os cantos antes do arruido dos remos. O pobre furta-caças Survincent que tinha estado na prisão-subterranea do Chatelet disia: *Foram as rimas que me sustentaram*. Inutilidade da poesia. De que serve a rima? N'este subterraneo é onde nasceram quasi todas as canções da giria. Foi da prisão do Grand-Chatelet de Paris que veio o melancolico estribilho da galé de Montgomery: *Timalou-misaine, timoulamison*. A mor parte d'estas canções é lugubre; as ha tambem alegres; uma é terna;

Icicaille est le theatre
Da petit dardan (*)

Por mais que fiserdes nunca podereis extinguir do coração do homem esse eterno resto do coração—o amor.

N'este mundo das acções sombrias, guarda-se o segredo. O segredo, é a cousa que pertence a todos. O segredo, para estes miseraveis, é a unidade que serve de base á união. Descubrir o segredo, é

(*) Aqui é o theatro do pequeno archeiro (Cupido).

arrancar a cada membro d'esta communidade feroz alguma cousa de si proprio. Denunciar, na energica lingua da giria, é: *Comer o bocado*. Como que se o denunciante tirava de si um pouco da substancia de todos e se nutria de um bocado de carne de cada um.

O que é receber um sopapo? A metaphora banal responde: *É ver estrellas ao meio dia*. Aqui a giria intervem e responde: *Estrella, affronta*. Assim, por uma sorte de penetração de baixo para cima, a metaphora, esse vehiculo incalculavel, serve de auxilio á giria que sobe da caverna á academia.

Uma excavação na giria é meio de descobrimentos incessantes. O estudo e o aprofundamento d'este estranho idioma levam ao mysterioso, ponto de intersecção entre a sociedade regular e a sociedade maldicta.

O ladrão tambem tem sua carne d'artilheria, a materia roubavel; vós, eu, quem quer que passa; o *pan-tre*. (*Pan*, todo o mundo).

A giria é o verbo que se tornou galé.

Consterna, em verdade, que o principio pensante do homem possa ser compellido tam baixo, que possa ser arrastado e garrotado pelas obscuras tyrannias da fatalidade, que possa ser ligado a não sei que laços neste precipicio.

O pobre pensamento dos miseraveis !

Ah ! pois ninguem acudirá á alma humana immersa n'esta sombra ? Será seu destino esperar ahi e para sempre o espirito, o libertador, o immenso cavalgador dos pegasos e dos hypogriphos, o mantenedor cor da aurora que desce do firmamento entre duas azas, o radiante cavalleiro do futuro ? Clamará toda a vida e em vão pela lança de luz do ideal ? estará condemnada a ouvir aproximar-se horrorosamente na espessura do abysmo o Mal, e a enxergar, cada vez mais perto de si, por baixo da agua horrenda, essa cabeça de dragão, essa bocca cheia d'espuma, essa ondulação serpejante de garras, de entumescencias, d'anneis ? Cumpre, pois, que permaneça, sem luz, sem esperança, abandonada a esta approximação formidavel, vagamente farejada pelo monstro, tremula, com os cabellos irrigados, torcendo os braços, presa para sempre ao rochedo da noite, tristonha Andromeda, branca e nua nas trevas ? !

III

GIRIA QUE CHORA E GIRIA QUE RÍ-SE.

Como se vê, toda a giria, tanto a de ha quatrocentos annos como a de hoje, é penetrada d'este sombrio espirito symbolico que dá a todas as palavras uma expressão, ora sentida, ora ameaçadora. Reconhece-se nella a antiga tristeza irada dos gatunos da Corte dos Milagres que jogavam jogos de cartas propriamente seus, alguns dos quaes nos foram conservados. O oito de páus, por exemplo, representava uma grande arvore com oito enormes folhas de trevo, especie de personificação fantastica da floresta. Junto desta arvore via-se uma fogueira na qual tres lebres assavam ao espeto um caçador, e atrás, em outra fogueira, uma marmita fumegante de dentro da qual sahia a cabeça do cão. Nada tam lugubre como estas represalias em pintura n'um baralho de cartas, em presença das fogueiras para assar os contrabandistas e da caldeira em que eram cozidos os moedeiros falsos. As diversas fórmulas que tomava o pensamento no reino da giria, até mesmo a canção, até mesmo o motejo, até mesmo a ameaça, tinham todas este caracter de impotencia e de oppressão. Todas as cantigas, de que se recolheram algumas melodias, eram

tam humildes e melancolicas que infundiam tristeza. O *pégre* chama-se a si mesmo *o pobre pégre*, e é sempre a lebre que se esconde, o rato que se escapa, o passarinho que foge. A custo reclama; limita-se a suspirar: um dos seus gemidos chegou até nós:—Não comprehendo como Deus, que é o pae dos homens, pôde atormentar seus filhos e os filhos de seus filhos e ouvi-los gritar sem sentir-se igualmente atormentado (*).—O miseravel, todas as vezes que tem tempo de pensar, humilha-se perante a lei e avilta-se perante a sociedade; lança-se de bruços ao chão, supplica, volta-se para o lado da compaixão; vê-se que elle reconhece a sua culpa.

Em meados do seculo passado operou-se uma mudança. Os cantos das prisões, os estribilhos dos malfeitos tomaram, por assim dizer, um gesto insolente e jovial. Ao plangente *maturé* succedeu *larifla*. No decimo-oitavo seculo, quasi todas as cantigas das galés e das prisões teem uma alegria diabolica e enigmatica. Ouve-se nellas este estribilho stridente e saltitante que dissereis allumiado por um clarão phosphorescente e que parece entoadado na floresta por um fogo factuo a tocar flauta:

Mirlababi surlababo
Mirliton ribonribette
Surlababi mirlababo
Mirliton ribonribo.

Isto cantava-se degolando um homem em um subterraneo ou no meio de um bosque.

Symptoma serio. No XVIII seculo a antiga melancolia destas classes tristonhas se desvanece. Ellas entram a rir. Mofam do grão *meg* (Deus) e do grão *dab* (diabo). No reinado de Luiz XV chamam o rei de França *o marquez de Pantin*. Ei-los quasi alegres. Uma especie de luz fraca desprende-se destes miseraveis como se já lhes não pesasse a consciencia. Estas deploraveis tribus da escuridão já não teem sómente a audacia desesperada das acções, manifestam a audacia descuidosa do espirito. Indicio de que perdem o

(*) Eis em giria o queixume da *pégre*: je n'entreve que le dail comment meek, le daron des orgues peut atiger ses mômes et ses momignards et les lecher criblant sans etre atigé lui-même.

sentimento da sua criminalidade, e de que acham entre os pensadores e os utopistas não sabemos que estranhos esteios. Indício de que o roubo e a rapina começam a infiltrar-se até em doutrinas e em sophismas, perdendo por tal forma um tanto da sua hediondez, e desfeitando bastante, não só estes, mas também aquellas. Indício enfim, se não sobrevem alguma diversão, de algum parto prodigioso e proximo.

Paremos um momento. Quem accusamos aqui? será acaso o XVIII seculo? será a sua philosophia? Não por certo. A obra do XVIII seculo é san e boa. Os encyclopedistas com Diderot por chefe, os physiocratas com Turgot a frente, os philosophos com Voltaire por guia, os utopistas com Rousseau por chefe, são quatro legiões sagradas. O passo immenso dado pela humanidade para a luz lhes é devido. São as quatro vanguardas do genero humano marchando para os quatro pontos cardeaes do progresso, Diderot para o bello, Turgot para o util, Voltaire para o vero, Rousseau para o justo. Mas ao lado e por baixo dos philosophos estavam os sophistas, vegetação venenosa misturada com as plantas salutíferas, cieuta na floresta virgem. Ao passo que o algoz queimava no patama da escada do tribunal de justiça os grandes livros libertadores do seculo, escriptores hoje esquecidos publicavam com privilegio do rei umas obras estranhamente desorganisadoras que os miseraveis liam com avidez. Algumas dessas publicações, particularidade extraordinaria, apadrinhadas por um principe, acham-se na *Bibliotheca secreta*. Estes factos profundos, mas ignorados, eram invisiveis na superficie. As vezes é na propria obscuridade de um facto que está o seu perigo. É obscuro porque é subterraneo. De todos os escriptores o que talvez abriu então nas messas a galeria mais miasmatica foi Restif de la Bretonne.

Este trabalho que occupava toda a Europa foi mais assolador na Allemanha do que em outra qualquer parte. Na Allemanha, durante certo periodo, resumido por Schiller no seu famoso drama *Os Salteadores*, o roubo e a rapina erigiam-se em protesto contra a propriedade e o trabalho, imbuam-se certas idéas elementares, especiosas e falsas, justas na apparencia, absurdas na realidade, encobriam-se com es-

sas idéas, com ellas se confundiam de alguma sorte, tomavam um nome abstracto e passavam ao estado de theoria; e deste modo circulavam por entre as turbas laboriosas, soffredoras e honestas, sem que o presenciassem os proprios chimicos imprudentes que haviam preparado o mixto, e as proprias massas que sem saber o aceitavam. Todas as vezes que se dá um facto deste genero, o caso é grave. Do soffrimento provem a colera; e ao passo que as classes prosperas se obcecaram, ou adormecem, o que equivale sempre a não ver, o odio das classes desgraçadas acende o seu facho em algum espirito inquieto ou perverso que scisma retirado, e entra a examinar a sociedade. O exame do odio, cousa terrivel!

Dahi, se a calamidade dos tempos o permite, esses horriveis tumultos a que chamavam outr'ora *jacqueries*, com os quaes comparadas as agitações puramente politicas, não são mais do que brincos de creanças, tumultos que são, não já a luta do opprimido com o oppressor, mas a revolta dos que soffrem contra os que gozam. Tudo se desmorona então.

As *jacqueries* são tremores de povo.

Tal foi o perigo, imminente talvez para a Europa em fins do seculo XVIII, que a revolução franceza, esse immenso acto de probidade, veio conjurar.

A revolução franceza, que não é outra cousa senão o ideal armado de gladio, surgiu, e com um unico movimento repentino fechou a porta do mal e abriu a do bem.

Delucidou a questão, promulgou a verdade, expelliu o miasma, saneou o seculo, coroou o povo.

Póde dizer-se que criou segunda vez o homem, dando-lhe uma segunda alma, o direito.

O seculo XIX herdou e aproveita a sua obra, e hoje a catastrophe social que ha pouco indicavamos é completamente impossivel. Cego o que a denuncia! insensato o que a teme! a revolução é a vaccina da *jacquerie*.

Graças á revolução, as condições sociaes acham-se mudadas. As molestias feudaes e monarchicas já não estão no nosso sangue. Já não ha idade média na nossa constituição. Já não estamos nos tempos em que enxames temerosos surdiam das camadas subjacentes,

em que a sociedade ouvia correr por baixo de si um rumor surdo, em que appareciam na superficie da civilisação como que sublevações de galerias de toupeiras, em que o chão se fendia, em que as abobadas das cavernas abatiam-se, em que sahiam de repente das entranhas da terra cabeças monstruosas.

O sentido revolucionario é um sentido moral. O sentimento do direito, esclarecido, esclarece o sentimento do dever. A lei de todos—é a liberdade, que acaba onde começa a liberdade de outrem, conforme a admiravel definição de Robespierre. Depois de 1789, o povo todo se dilata no individuo sublimado; não ha pobre que, tendo o seu direito, não tenha o seu raio de luz; o morre-de-fome sente em si mesmo a honra da França; a dignidade do cidadão é uma armadura interior; quem é livre é escrupuloso: quem vota reina. Dahi a incorruptibilidade; dahi o aborto das torpes ambições; dahi esses olhos heroicamente abaixados deante das tentações. O saneamento revolucionario é tal que em um dia de livramento, em um 14 de julho, em um 10 de agosto, já se não vê gentilhia. O primeiro grito das turbas illuminadas e magnificadas é: Morram os ladrões! O progresso é honrado; o ideal e o absoluto não gatunam. Por quem foram escoltados em 1848 os carroções que continham as preciosas alfaias das Tulherias? pelos trapeiros do arrabalde de Santo Antonio. Homens cobertos de andrajos foram os guardas do thesouro. A virtude cingiu de rutilante aureola esses esfarrapados. Dentro desses carroções, cheios de caixas mal fechadas, algumas das quaes até estavam abertas, achava-se entre mil coruscantes gemmas, a antiga corôa de França toda cravejada de diamantes, tendo no seu cimo o carbunculo da realza, o *regente*, que valia trinta milhões. E aquelles homens, descalços, guardavam esta corôa.

Por conseguinte, já não é possivel nenhuma *jacquerie*. Lastimo essa falta por causa dos *habeis*. É um modo antiquado que já produziu o seu ultimo effeito e não póde ser empregado em politica. A grande mola do espectro vermelho está quebrada. O espantallo já não espanta. Os passarinhos familiarisáram-se com o manequim, os estercorarios nelle pousam, os burgoezes encaram-n'o rindo-se.

IV

OS DOUS DEVERES: VELAR E ESPERAR.

Sendo assim, já não haverá que temer nenhum perigo social? Não, de certo. A *jacquerie* não é possível. Por este lado póde a sociedade estar tranquilla; o sangue já não lhe subirá á cabeça, mas releva que attente para o modo porque respira. A apoplexia já não póde inspirar receio, mas ahi está a *phthysica*. A *phthysica* social chama-se miseria.

Tanto se morre de consumpção como fulminado.

Não nos cansemos de repeti-lo, cuidar antes de tudo das turbas desherdadas e acabrunhadas, confortá-las, areja-las, esclarecê-las, ama-las, alargar-lhes magnificamente o horizonte, liberalisar-lhes debaixo de todas as fórmãs a educação, offerecer-lhes o exemplo do trabalho, nunca o da ociosidade, diminuir o peso do fardo individual augmentando a noção do fim universal, limitar a pobreza sem limitar a riqueza, crear vastos campos de actividade publica e popular, ter como Briareu cem mãos para estende-las por toda a parte aos abatidos e aos fracos, empregar o poder colectivo no grande dever de abrir officinas para to-

dos os braços, escolas para todas as aptidões e laboratorios para todas as intelligencias, augmentar o salario, diminuir a fadiga, equilibrar o deve e o haver, isto é, proporcionar o gozo ao esforço e a fartura á necessidade, em uma palavra, fazer que o aparelho social dê, em proveito dos que soffrem e dos que ignoram, mais luz e mais commodidade; tal é, não o esqueçam as almas sympathicas, a primeira das obrigações fraternaes; tal é, saibam-n'o os corações egoistas, a primeira das necessidades politicas.

E, digamo-lo, tudo isto não é ainda senão um principio. A verdadeira questão é esta: o trabalho não pôde ser uma lei sem ser um direito.

Não insistimos, porque não é aqui o lugar proprio para taes discussões.

Se a natureza se chama providencia, a sociedade deve chamar-se previdencia.

O desenvolvimento intellectual e moral não é menos indispensavel que o melhoramento material. Saber é um viatico, pensar é de primeira necessidade, a verdade é alimento como é o pão. Uma razão, em jejum de sciencia e de sabedoria, emmagrece. Lastimemos os espiritos que não se alimentam. Se ha alguma cousa mais pungente do que um corpo agonizando por falta de sustento, é uma alma que morre de fome de luz.

O progresso tende para sua solução. Um dia todos ficarão estupefactos. Subindo o genero humano, as camadas subjacentes sahirão naturalmente da zona de penuria. A miseria desaparecerá por uma simples elevação de nivel.

Fôra erro duvidar desta solução abençoada.

O passado, é certo, acha-se muito forte neste momento. Restaura-se. Este remoqueamento de um cadaver é pasmoso. Ei-lo que caminha e se aproxima. Parece ovante; o defunto é um conquistador. Traz a sua legião, as superstições, a sua espada, o despotismo, a sua bandeira, a ignorancia; nestes ultimos tempos tem ganho dez batalhas. Aproxima-se, ameaça, ri-se, está ás nossas portas. Quanto a nós, não desesperemos. Vendamos o arraial onde está acampado Annibal.

Nós os que cremos, que poderemos temer?

As idéas, do mesmo modo, são como os rios, não retrocedem.

Mas reflectam os que negam o futuro. Dizendo não ao progresso, longe de condemnar o futuro, é a si mesmos que condemnam. Contrahem uma triste molestia; inoculam-se no passado. Só ha uma maneira de evitar o *amanhan* é morrer.

Ora, o que nós queremos é que a morte do corpo venha a ter lugar o mais tarde possivel, e a da alma nunca.

Sim, o enigma explicar-se-ha, a sphinge fallará, o problema será resolvido. Sim, o povo esboçado pelo seculo XVIII será acabado pelo XIX. Insano fôra quem o duvidasse! O evento futuro, o evento proximo de bem-estar universal, é um phenomeno fatal.

Immensos empuxões regem conjunctamente os factos humanos fazendo-os chegar n'um tempo dado ao estadologico, isto é, ao equilibrio; isto é á equidade. Uma força composta de céu e de terra resulta da humanidade e a governa; esta força é uma fazedora de milagres; os desenlaces maravilhosos não lhe são mais difficeis que as peripecias extraordinarias. Ajudada pela sciencia que vem do homem e pelo evento que provém de outra origem, pouco se abala com estas contradicções na exposição dos problemas, que ao vulgo se antolham impossibilidade. Etam habil em fazer surgir da approximação das idéas uma solução como da approximação dos factos uma lição, e tudo se póde esperar da parte deste mysterioso poder do progresso que, um bello dia, confronta o Oriente e o Occidente no fundo de um sepulcro, e faz dialogar os *imans* com Bonaparte no interior da grande pyramide.

No entanto nada de parada, nada de hesitação, nada de demora na magestosa marcha dos espiritos. A philosophia social é essencialmente a sciencia da paz. Tem por fim e deve dar em resultado o aplacamento das coleras pelo estudo dos antagonismos. Examina, perscruta, analysa, depois recompõe. Procede por meio de redução, separando de tudo o odio.

Não raro se tem visto uma sociedade abysmar-se com o furacão que se desencadêa sobre os homens; a historia está cheia de naufragios de povos e de imperios; um bello dia, este desconhecido, o furacão,

passa e arrebatada tudo, costumes, leis, religiões. As civilisações da India, da Chaldêa, da Persia, da Assyria, do Egypto desappareceram umas após outras. Porque? ignoramo-lo. Quaes são as causas destes desastres? não o sabemos. Teriam estas sociedades podido salvar-se? seriam culpadas do seu proprio aniquillamento? ter-se-hiam obstinado em algum vicio fatal que as perdeu? Até que ponto haveria suicidio nessas mortes terriveis de uma nação e de uma raça? Questões insolúveis. As trevas cobrem as civilisações condemnadas. Tinham agua aberta, visto que foram a pique; eis o mais que podemos dizer; e é com uma especie de temor que vemos sepultar-se no fundo desse mar a que chamam passado, no seio dessas vagas colossaes, os seculos, estes immensos navios, Babylo-nia, Ninive, Tracia, Thebas, Roma, ao sopro pavoroso que sahe de todas as boccas das trevas. Mas trevas lá, claridade aqui. Ignoramos as enfermidades das civilisações antigas, mas conhecemos as da nossa. Temos por toda a parte sobre ella o direito de luz; contemplamos-lhe as bellezas e apontamos as suas disformidades. Onde quer que ella soffra, sondamos; e, uma vez verificado o soffrimento, o estudo da causa levamos á descoberta do remedio. A nossa civilisação, obra de vinte seculos, é conjunctamente monstro e prodigio delles; vale a pena de ser salva. E sê-lo ha. Conforta-lajá é muito; esclarecê-la ainda é mais. Todos os trabalhos da philosophia social moderna devem convergir para este fim. O pensador hoje tem um grande dever, auscultar a civilisação.

Repetimo-lo, esta auscultação acoroção; e é com esta insistencia no acoroçoamento que queremos terminar este livro, entreacto austero de um drama doloroso. Sob a mortalidade social reconhece-se a immortalidade humana. Por ter aqui e alli essas chagas a que chamamos crateras, e esses dartros a que chamamos *solfataras*, por um volcão rebentar e deitar o seu pus, o globo não morre. Enfermidades do povo não matam o homem.

E comtudo, quem quer que observa a clinica social meneia a cabeça em certos momentos. Os mais fortes, os mais compássivos, os mais logicos, teem as suas horas de desanimação.

Chegará o futuro? parece que pôde fazer-se esta pergunta quando vemos tantas sombras terríveis. Medonho confronto dos egoistas e dos miseráveis. Nos egoistas os preconceitos, as trevas da educação opulenta, o appetite que cresce pela embriaguez, um atordoamento de prosperidade que ensurdece, o temor de soffrer que em alguns redonda em aversão dos que soffrem, uma satisfação implacavel, o eu tam entumescido que fecha a alma; nos miseráveis, cobiça, inveja, raiva de ver outros gozarem, profundos abalos da besta humana impellida para a ceva de todas as paixões, corações cheios de escuridão, tristeza, penuria, fatalidade, ignorancia impura e simples.

Deveremos continuar a erguer os olhos para o céu? o ponto luminoso que distinguimos será desses que se apagam? É horrivel ver-se assim o ideal sumido nas profundezas, pequeno, isolado, imperceptivel, brilhante, mas cercado de todas estas grandes ameaças negras, monstruosamente amontoadas em torno d'elle; mas nem por isso menos livre de perigo do que uma estrella nas fauces das nuvens.

FIM DO TOMO SETIMO.





18956

